

LEANDRO DORVAL CARDOSO

A Tebaida, de Públio Papínio Estácio:
introdução, tradução e comentários (cantos I-V)

Volume II

LEANDRO DORVAL CARDOSO

A Tebaida, de Públio Papínio Estácio:
introdução, tradução e comentários (cantos I-V)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Estudos Literários

Linha de pesquisa: Relações Intersemióticas

Orientador: Prof. Dr. Brunno V. G. Vieira

Bolsa: CAPES (Processo: 88882.180355/2018-01 – Migrado - SACPAIS)

ARARAQUARA – SP
2018

Cardoso, Leandro Dorval

A Tebaida, de Públio Papínio Estácio: introdução,
tradução e comentários (cantos I-V) / Leandro Dorval
Cardoso – 2018

3v. (360, 360, 403) f.

Tese (Doutorado em Estudos Literários) –
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus
Araraquara)

Orientador: Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves
Vieira

1. Literatura Latina. 2. Épica Latina. 3. Estácio,
Públio Papínio. 4. Tebaida. 5. Tradução poética. I.
Título.

LEANDRO DORVAL CARDOSO

A Tebaida, de Públio Papínio Estácio:
introdução, tradução e comentários (cantos I-V)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Estudos Literários.

Linha de pesquisa: Relações Intersemióticas

Orientador: Prof. Dr. Brunno V. G. Vieira

Bolsa: CAPES (Processo: 88882.180355/2018-01 – Migrado - SACPAIS)

Data da defesa: 30/05/2018

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Prof. Dr. Alessandro Rolim de Moura

Universidade Federal do Paraná

Membro Titular: Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite

Universidade Federal do Espírito Santo

Membro Titular: Prof. Dr. Márcio Natalino Thamos

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves

Universidade Federal do Paraná

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

SUMÁRIO

Apresentação	15
Capítulo Primeiro: Estácio e a <i>Tebaida</i>, uma introdução	19
1.1. Estácio e seu canto	19
1.2. <i>Tebaida</i> : síntese dos cantos	23
1.3. A <i>Tebaida</i> e o maneirismo em questão	41
Capítulo Segundo: Projeto para a tradução da <i>Tebaida</i>	71
2.1. Antoine Berman: um projeto em cada tradução	71
2.2. Posição e Projeto: o horizonte de tradução da <i>Tebaida</i>	84
2.2.1. A posição tradutória	85
2.2.2. O projeto de tradução	91
Capítulo Terceiro: A tradução da <i>Tebaida</i>, de Públio Papínio Estácio (Cantos I-V)	111
3.1. Nota sobre o texto	111
A <i>Tebaida</i> , de Públio Papínio Estácio (Cantos I-V)	113
Canto I	115
Canto II	161
Canto III	209
Canto IV	257
Canto V	311
Capítulo Quarto: Comentários à <i>Tebaida</i>, de Públio Papínio Estácio (Cantos I-V)	363
4.1. Nota sobre os comentários	363
Comentários ao Canto I	367
Comentários ao Canto II	477
Comentários ao Canto III	599

Comentários ao Canto IV.....	721
Comentários ao Canto V.....	927
Referências Bibliográficas.....	1037
Apêndices.....	1055
Apêndice A: A <i>Tebaida</i> , de Públio Papínio Estácio (Canto VI).....	1057

CAPÍTULO QUARTO

COMENTÁRIOS À *TEBAIDA*, DE PÚBLIO PAPÍLIO ESTÁCIO (CANTOS I-V)

4.1. Nota sobre os comentários

Os comentários aqui apresentados foram feitos tanto a partir da leitura do texto original e da articulação das discussões apresentadas por sua recepção crítica, como também da observância e da tradução de comentadores clássicos e modernos de Estácio e da *Tebaida* (*infra*). Para fazê-los, teve-se em mente um leitor bastante específico, representativo do grupo para o qual esta tradução, por causa do seu contexto de produção, foi pensada: alunos de graduação, principalmente, mas também de pós-graduação e professores que trabalhem de diferentes formas e por diferentes motivos com a literatura clássica greco-romana, especialmente aqueles ainda pouco acostumados com as características da épica clássica e com as redes alusivas estabelecidas pelos autores da antiguidade em seus textos. Nesse sentido, os comentários feitos têm como objetivo principal o suprimento de referências de diferentes naturezas – culturais, históricas, mitológicas, críticas e poéticas – que, mesmo entre estudantes da literatura clássica, nem sempre são claras.

É forçoso dizer que a dicção estaciana, que se buscou manifestar nesta tradução, reforça a obscuridade de certas passagens por diferentes motivos – seja pelo trabalho exercido pelo poeta sobre a linguagem, seja pela sutileza em algumas alusões a passagens, personagens ou histórias mitológicas (cf. as seções 1.3. e 2.2.2.). Nesse sentido, então, os comentários visam principalmente a esses pontos, mas também acentuam algumas questões levantadas pela crítica mais contemporânea, bem como os jogos a partir dos quais se estabelecem diferentes modos de significar da obra – como as referências a textos da tradição clássica ou a passagens da própria *Tebaida*. É necessário esclarecer também que, como primeiro trabalho dedicado à tradução da *Tebaida* no Brasil de que se teve notícia, cumprindo então um aspecto de divulgação da obra mais do que de discussão, embora esta dimensão não tenha sido excluída ou minorada no trabalho, a natureza dos comentários aqui feitos é mais enciclopédica e escolar do que centrada em questões pontuais especialmente da filologia. Por esse motivo, para o leitor já afeito aos temas neles abordados, uma leitura corrida dos comentários pode soar em alguns momentos repetitiva e pouco aprofundada. Contudo, as informações foram

apresentadas tendo-se em mente um expediente de leitura voltado para a consulta pontual do leitor com o objetivo de esclarecer passagens menos claras ou discussões apontadas pela recepção crítica para determinados trechos da obra. Por fim, há também discussões sobre a tradução de determinadas passagens, bem como sobre algumas questões filológicas ou de crítica textual, mas somente quando foram julgadas de relevância para a construção de sentidos do trecho em que estão.

Como base para os comentários aqui apresentados, foram utilizados, dentre outros, os principais comentadores já clássicos de Estácio. São eles:

- Lactâncio Plácido (1898): escritos por volta dos anos 350-400, são as anotações mais antigas da *Tebaida* das quais se tem notícia. De natureza interpretativa, são poucos os comentários em que o autor se dedica de maneira mais detida na discussão de algum ponto relevante para o estabelecimento do texto.
- Caspar Barthius (1664): em seus comentários, datados de 1664, Caspar Barthius (latinação de Kaspar von Barth) se debruça sobre toda a obra de Estácio realizando inúmeras e longuíssimas relações entre as passagens dos textos do poeta e de outros autores, anteriores ou posteriores às suas obras. Também de viés interpretativo, seu trabalho com os textos discute muito pouco sobre questões críticas ou filológicas, embora ainda tenha uma preocupação maior com isso do que Plácido.
- Amar-Lemaire (1825): Jean-Augustin Amar du Rivier e Nicolas-Eloi Lemaire dedicaram-se à edição e aos comentários de vários autores da Antiguidade Clássica, entregando-se também à edição e à anotação da obra completa de Estácio. Seus escólios, bastante apoiados naqueles de Plácido e Barthius, se mantêm mais presos à interpretação do que à discussão filológica e de crítica textual, realizando-as na mesma medida em que Barthius se dedica a tal empresa.
- Otto Mueller (1870): a edição da *Tebaida* por Otto Mueller, que só deixou prontos os seis primeiros cantos do poema, é acompanhada por aparato crítico e por breves comentários em que o autor apresenta, sem discutir, passagens as quais Estácio pode ter imitado em seu texto.

Foram também muito utilizados e valiosos os trabalhos de críticos e estudiosos mais contemporâneos como Michael Dewar (1991), com a edição e tradução comentada do Canto Nono da *Tebaida*; J. J. L. Smolenaars (1994), com a edição e tradução comentada do Canto

Sétimo da *Tebaida*; Ruth Parkes (2012), com a edição e tradução comentada do Canto Quarto da *Tebaida*; Kyle Gervais (2013), com a edição e tradução comentada do Canto Segundo da *Tebaida*; e Jörn Soerink (2014), com a edição e os comentários de parte do Canto Quinto da *Tebaida*. Destaque-se, por fim, a relevância dos comentários de Lactâncio Plácido, que são facilmente vistos nas entrelinhas dos comentários de muitos outros autores – sendo aqui preferido, portanto, nos momentos em que os comentários mais modernos eram claras reescrituras dos seus.

COMENTÁRIOS AO CANTO I

1-45. FRATERNAS HOSTES, REINO ... COM OUTRO HORROR CANTAREI: proêmio do poema, em que o poeta define e delimita não somente quais serão os assuntos de sua narrativa (**fraternas hostes**, reinos divididos **por profano / ódio** e **Tebas culposa**), mas também o seu ponto de partida (**a casa obscura de Édipo**) e, ainda, aquilo que não vai abordar (Domiciano e suas conquistas – cf. 1.17-32n). Para David Vessey (1973, p. 60), pode ser dividido em três partes: 1. (1.1-17): definição dos limites do poema; 2. (1.17-32): *recusatio* e elogio a Domiciano; 3. (1.33-45): programa do épico como um todo. O proêmio estaciano, então, assim como o de Virgílio (A. 1.1-33) e o de Lucano (*Luc.* 1.1-66), por exemplo, é bem mais extenso que os de Homero (*Il.* 1.1-7; *Od.* 1.1-10), embora construído por elementos semelhantes, quando não iguais – em comparação com Homero, pode-se destacar especialmente o proêmio, em que se delimita o assunto do poema (1.1-17), e a invocação das Musas, pedindo que inspirem-lhe o canto e o início da narrativa (1.3-4; 1.41-5). Compare-se o passo com a brevidade dos proêmios homéricos (*Il.* 1.1-7): *Μῆνιν ἄειδε θεὰ Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος / οὐλομένην, ἣ μυρὶ Ἀχαιοῖς ἄλγε’ ἔθηκε, / πολλὰς δ’ ἰφθίμους ψυχὰς Ἀΐδι προΐαψεν / ἡρώων, αὐτοὺς δὲ ἐλώρια τεῦχε κύνεσσιν / οἰωνοῖσιν τε πᾶσι, Διὸς δ’ ἐτελείετο βουλή, / ἐξ οὗ δὴ τὰ πρῶτα διαστήτην ἐρίσαντε / Ἀτρεΐδης τε ἄναξ ἀνδρῶν καὶ δῖος Ἀχιλλεύς* (“Canta, ó deusa, a cólera de Aquiles, o Pelida / (mortífera!, que tantas dores trouxe aos Aqueus / e tantas almas valentes de heróis lançou no Hades, / ficando seus corpos como presa para cães e aves / de rapina, enquanto se cumpria a vontade de Zeus), / desde o momento em que primeiro se desentenderam / o Atrida, soberano dos homens, e o divino Aquiles” – trad. Frederico Lourenço); e *Od.* 1.1-10: *Ἄνδρα μοι ἔννεπε, Μοῦσα, πολύτροπον, ὃς μάλα πολλὰ / πλάγχθη, ἐπεὶ Τροίης ἱερὸν πτολίεθρον ἔπερσε· / πολλῶν δ’ ἀνθρώπων ἴδεν ἄστεα καὶ νόον ἔγνω, / πολλὰ δ’ ὃ γ’ ἐν πόντῳ πάθεν ἄλγεα ὃν κατὰ θυμόν, / ἀρνύμενος ἦν τε ψυχὴν καὶ νόστον ἐταίρων. / ἀλλ’ οὐδ’ ὥς ἐτάρους ἐρρύσατο, ἰέμενός περ· / αὐτῶν γὰρ σφετέρῃσιν ἀτασθαλίῃσιν ὄλοντο, / νήπιοι, οἳ κατὰ βοῦς Ὑπερίονος Ἥελιοιο / ἥσθιον· αὐτὰρ ὁ τοῖσιν ἀφείλετο νόστιμον ἦμαρ. / τῶν ἀμόθεν γε, θεά, θύγατερ Διός, εἰπὲ καὶ ἡμῖν* (“O homem multiversátil, muda, canta, as muitas / errâncias, destruída Troia, pólis sacra, / as muitas urbes que mirou e mentes de homens / que escrutinou, as muitas dores amargadas / no mar a fim de preservar o próprio alento / e a volta aos sócios. Mas seu sobre-empenho não / os preservou: pueris, a insensatez vitima-os, / pois Hélio Hiperiônio lhes recusa o dia / da volta, morto o gado seu que eles comeram. / Filha de Zeus, começa o canto de algum ponto!” – trad. Trajano Vieira).

1-17. FRATERNAS HOSTES, REINOS ... A CASA OBSCURA DE ÉDIPO: proposição do poema, em que se delimitam e apresentam os principais assuntos a serem desenvolvidos durante a narrativa. No passo, Estácio elenca uma série de episódios mitológicos sobre a fundação e o destino dos descendentes de Cadmo (cf. 1.5n; 1.7-8n) – a saber, o rapto dos sidônios (1.5), a busca de Europa (1.5-6), o surgimento dos Espartos (1.7-8), as obras de Anfíon (1.9-10), as questões envolvendo o culto de Baco em Tebas (1.11) e a traição de Júpiter (1.12), as fúrias de Átamas (1.11-2) e a fuga de Ino e Melicertes (1.13-4). Sobre cada um dos episódios, cf. comentários *ad loc.* Assim como Homero (cf. 1.1-45n) e Estácio, Virgílio e Lucano também aproveitam o início de seus respectivos poemas épicos para apresentarem seus assuntos. Compare-se o passo com Virgílio (A. 1.1-7): *arma uirumque cano, Troiae qui primus ab oris / Italiam, fato profugus, Lauiniaque uenit / litora, multum ille et terris iactatus et alto / ui superum saevae memorem Iunonis ob iram; / multa quoque et bello passus, dum conderet urbem, / inferretque deos Latium, genus unde Latinum, / Albanique patres, atque altae moenia Romae* (“As armas e o varão primeiro eu canto, / aquele que o destino pôs em fuga, / e que do litoral de Troia veio / até a Itália, às praias de Lavínio. / Ao mar e a outras terras muitas vezes / a violência dos deuses lançou / por causa do rancor cruel de Juno. / E muito ele sofreu também na guerra / até poder fundar uma cidade / e transferir seus deuses para o Lácio: / donde a raça latina e os pais albanos, / donde as muralhas da altaneira Roma” – trad. Márcio Thamos); e Lucano (1.1-7): *bella per Emathios plus quam ciuilia campos / iusque datum sceleri canimus, populumque potentem / in sua uictrici conuersum uiscera dextra / cognatasque acies, et rupto foedere regni / certatum totis concussi uiribus orbis / in commune nefas, infestisque obuia signis / signa, pares aquilas et pila minantia pilis* (“As guerra, sobre o Emátio chão, mais que civis / e a lei, cantamos, dada ao crime, e o povo altivo / que ao ventre seu voltou a destra vencedora, / e hostes irmãs, e, à ruína do pacto regente, / o combate violento de um mundo caduco / por um nefas total, e estandartes adversos / serem águias iguais, e pilos contra pilos” – trad. Brunno Vieira). Sobre as semelhanças entre a proposição de Lucano e a de Estácio, cf. 1.1n.

1. FRATERNAS HOSTES: as primeiras palavras do canto de Estácio já indicam seu tema principal: os exércitos de irmãos se enfrentando; percebe-se o destaque dado à palavra **fraternas**, que ocupa a primeira posição do poema, mostrando assim que o tema não é somente militar, mas principalmente familiar. A construção ecoa o início do proêmio de Lucano (mais especificamente *Luc.* 1.4), em que o poeta apresenta os assuntos de seu canto, destacando, a cada ponto, o aspecto civil da batalha que vai narrar (*Luc.* 1.1-7 *apud* 1.1-17n). Ambos os autores cantaram sobre um tema bastante semelhante: enquanto Lucano aborda a guerra civil entre

Júlio César e Pompeu Magno pelo controle de Roma, Estácio dedica seus versos ao embate entre os irmãos Polinices e Etéocles, os filhos de Édipo, pelo trono de Tebas. Ao recuperar o *cognatasque acies* de Lucano, transformando-o em *fraternas acies*, Estácio se aproxima de seu predecessor, mas também marca uma diferença importante entre os dois poemas: abrindo o canto com um sintagma que, em Lucano, surge como um desenrolar das *bella ... plus quam ciuilia* (“guerras mais que civis”), o poeta fixa o assunto em um aspecto nefasto das guerras civis, pois que se tratam de exércitos irmãos lutando uns contra os outros. O destaque não se dá, portanto, à guerra em si, mas a um de seus traços. A mudança de *cognatas* para *fraternas* pode ser entendida por essa mesma chave de leitura, uma vez que o tipo de relação referida pelo latino *fraternus* (“fraterno”) é mais especializada do que as referidas por *cognatus* (“cognato”): este, segundo o *Oxford Latin Dictionary* (OLD), designa quaisquer coisas “relacionadas pelo nascimento”, enquanto aquele se refere a questões específicas “de ou pertencente ao irmão ou aos irmãos”. Mais do que o nascimento, então, está em jogo a relação entre filhos de mesmos pais e o horror com que uma batalha entre eles já causa por si só. A guerra que Estácio canta, como disse Lucano, é *plus quam ciuilia*: é fraterna, entre irmãos de sangue.

1-2. REINO ALTERNO, POR PROFANO / ÓDIO PLEITEADO: refere-se a Tebas, cujo controle deveria alternar, a cada ano, entre os irmãos Etéocles e Polinices, filhos de Édipo; o **ódio** é **profano** porque se manifesta entre irmãos. **PLEITEADO:** porque será disputado pelos dois irmãos.

2. E TEBAS CULPOSA: no próêmio (1.4-14), o narrador passa em revista todos os crimes relacionados a Tebas que, em alguma medida, influenciaram na guerra entre os edipônidas. Conforme apontam Lactâncio e Amar-Lemaire (*ad loc.*), o adjetivo **culposa** pode ter sido escolhido por causa da guerra entre os dois irmãos e por causa de Édipo, que matou o pai e deitou-se com a própria mãe.

3. O ARDOR PIÉRIO: com **Piério**, refere-se o poeta ao monte Píero, localizado na Macedônia, também tido como morada das Musas; o seu **ardor**, portanto, é referência à inspiração das Musas, também chamadas “piérides” – forma bastante comum em Ovídio (*e.g.*, *Am.* 1.1.6; *Ars* 3.548; *Fast.* 2.269; 5.109; 6.798; 6.799; *Tr.* 3.2.3). Muito embora não empregue diretamente a palavra “musas”, é a elas, contudo, que se refere o poeta. Porém, diferentemente de Homero e Virgílio, e também de Ovídio, não se dirige às Musas com um imperativo para que lhe inspirem seu canto, mas simplesmente dá notícias sobre uma inspiração já em curso: **a expressar / o ardor Piério induz a mente** (1.2-3) – compare com Homero (*Il.* 1.1): ἄειδε (“canta”) e (*Od.* 1.1): ἔννεπε (“conta; fala”); Virgílio (*A.* 1.8): *memora* (“lembra; recorda”); e Ovídio (*Met.*

1.2; 1.3): *adspirate* (“inspirai”); *deducite* (“conduzi”). Mais adiante (1.41), dirigir-se-á diretamente a Clio, a musa dos relatos históricos (cf. 1.41n). **DEIAS:** o vocativo dá mostras de que o poeta conta com o auxílio de todas as musas para compor seu canto – cf. 1.41n.

4. DA GENTE ATROZ: se, com isso, Estácio que dizer “dos tebanos”, seria como se todos os cidadãos fossem cruéis só por terem nascido em solo tebano; o emprego de *gens* (“**gente**”), porém, sugere que se refira às primeiras famílias de Tebas, descendentes de Cadmo e dos Espartos – sobre isso, cf. 1.7-8n.

5. DOS SIDÔNIOS O RAPTO: o rapto de Europa, filha do rei Fenício Agenor. Encantado com a beleza de Europa, Zeus decide raptá-la; para isso, transforma-se em um touro que, por sua beleza, chama a atenção da jovem. Aproveitando o estado de encantamento de Europa, quando a moça sobe em suas costas, Zeus adentra o mar e segue até a ilha de Creta. A cidade em que reinava Agenor é comumente identificada como Tiro, na costa do atual Líbano; a proximidade com outra cidade ao norte de Tiro, porém, chamada Sídôn, faz com que, principalmente na poesia, elas sejam identificadas como uma só, donde aqui Estácio referir-se à casa de Agenor por **Sidônios**. Esse mesmo fenômeno ocorre com as cidades gregas de Micenas e Tebas (cf. 1.279-80n). **AS ORDENS IMPLACÁVEIS:** Agenor ordenara a seus filhos, dentre eles a Cadmo, que saíssem em busca de Europa, condenando-os ao exílio se não retornassem com a irmã. É, pois, por essa condenação, que Cadmo acabará fundando Tebas na Beócia.

6. DE CADMO A BUSCA PELOS MARES: refere-se à busca por Europa (cf. 1.5n).

7-14. P’RA TRÁS É LONGA ... PALÊMOM POR SÓCIO: o poeta passa em revista (donde diz, então, **p’ra trás**) alguns dos mais famosos episódios da mitologia tebana (a **longa ... série**), evocando alguns acontecimentos marcados por mortes e crimes nefastos (cf. comentários *ad loc.*). Assim, durante a definição de seu assunto, Estácio dá conta, de modo conciso, dos principais eventos mitológicos diretamente relacionados com a cidade e sua principal família, a de Cadmo – sobre a descendência do tírio, cf. Quadro 2, p. 412. A ascendência **atroz** (1.4) dos patriarcas maiores de Tebas é, de certa forma, a responsável pelo destino nefasto da cidade que, em sua maior parte, será contado pelo poeta. E tanto o é que Júpiter (cf. 1.214-47) se decide pela extinção dos labdácidas justamente por estar cansado de tomar partido nos **delitos da Terra, que as Diras não fartam** (cf. 1.214).

Em seu proêmio, como ressalta Márcio Thamos (2011, p. 59), Virgílio também apresenta as causas de alguns dos eventos que serão por ele abordados, destacando as razões de Juno ter-se oposto à chegada de Eneias às praias da Itália e atrapalhado o quanto pode (A. 1.12-33):

urbs antiqua fuit (Tyrii tenuere coloni) / Karthago, Italiam contra Tiberinaque longe / ostia, diues opum studiisque asperrima belli, / quam Iuno fertur terris magis omnibus unam / posthabita coluisse Samo. hic illius arma, / hic currus fuit; hoc regnum dea gentibus esse, / si qua fata sinant, iam tum tenditque fouetque. / progeniem sed enim Troiano a sanguine duci / audierat Tyrias olim quae uerteter arces; / hinc populum late regem belloque superbum / uenturum excidio Libyae; sic uoluere Parcas. / id metuens ueterisque memor Saturnia belli, / prima quod ad Troiam pro caris gesserat Argis – / necdum etiam causae irarum saeuique dolores / exciderant animo; manet alta mente repostum / iudicium Paridis spretaeque iniuria formae / et genus inuisum et rapti Ganymedis honores: / his accensa super iactatos aequore toto / Troas, reliquias Danaum atque immitis Achilli, / arcebat longe Latio, multosque per annos / errabant acti fati maria omnia circum. / tantae molis erat Romanam condere gentem (“Cidade antiga, de colonos tírios, / longe da foz do Tibre e oposta à Itália, / era Cartago rica e belicosa. / A qualquer outra Juno a preferia, / até à própria Samos, é o que dizem; / ali as armas tinha e tinha o carro. ; A deusa esforços já não poupa e quer, / se a sorte consentir, torná-la imensa. / Mas, de sangue troiano, como ouvira, / surgiria uma raça, a qual, um dia, / abalaria os tírios baluartes, / um povo poderoso, nobre e forte / que a ruína da Líbia causaria: / assim as Parcas vinham já fiando. / Preocupa-se a Satúrnia e rememora / a guerra antiga que levava a Troia, / pela caríssima Argos indo à frente; / os motivos da ira e a dura mágoa / não lhe deixam o peito e nunca esquece / o juízo de Páris, que despreza / e ofende-lhe a beleza; a raça infame, / e as honras do raptado Ganimedes. / Por isso inflama-se e do Lácio afasta / os troianos, sobejos do furor / dos dânaos todos e do acerbo Aquiles, / que erravam tantos anos pelos mares, / levados pelas forças do destino. / Que tanta luta, fundar a forte Roma!” – trad. Márcio Thamos).

Também Lucano (Luc. 1.8-32), embora de maneira algo diferente, passa em revista acontecimentos do passado Romano, os quais, se não explicam diretamente os motivos que levaram seu povo a uma guerra civil, ressaltam o notório espírito guerreiro de Roma (e.g., Luc. 1.8-23): *quis furor, o ciues, quae tanta licentia ferri? / gentibus inuisis Latium praeberere cruorem / cumque superba foret Babylon spolianda tropaeis / Ausoniis umbraque erraret Crassus inulta / bella geri placuit nullos habitura triumphos? / heu, quantum terrae potuit pelagique parari / hoc quem ciuiles hauserunt sanguine dextrae, / unde uenit Titan et nox ubi sidera condit / quaque dies medius flagrantibus aestuat horis / et qua bruma rigens ac nescia uere remitti / astringit Scythico glaciale frigore pontum! / sub iuga iam Seres, iam barbarus isset Araxes / et gens siqua iacet nascenti conscia Nilo / tum, si tantus amor belli tibi, Roma, nefandi, / totum sub Latias leges cum miseris orbem, / in te uerte manus: nondum tibi defuit hostis* (“Que insânia, cidadãos, que tanto reina o ferro! / Va-

leu mostrar do Lácio o sangue aos inimigos, / se era urgente arrancar de Babilônia os espólios / Ausônios e vingar de Crasso o errante espectro? / Fazer guerras valeu, indignas de triunfo? / Ai!, com o sangue entre Romanos derramado / quanto de terra e mar seria conquistado / de onde vem Titã-Sol e a Noite astros esconde, / desde onde o meio-dia deita fogo às horas / até onde o severo inverno, a primavera / desconhecendo, empedra o mar com Cíctio frio. Já o Seres, o Araxes bruto e o povo incógnito, / que o Nilo vê nascer, vencidos estariam. / Depois, se tanto adoras, Roma, infames guerras, / já tento imposto tuas leis ao mundo inteiro, / rebela-te: rival não te faltou ainda.” – trad. Brunno Vieira).

7-8. AO COLONO, A MARTE / TEMENDO, O PRÉLIO EM SOLO INFANDO SEMEANDO: após convencer-se de que jamais acharia Europa (cf. 1.5n), Cadmo consulta o oráculo de Delfos para saber que rumo deveria tomar. Instruído, então, pelo oráculo, junto de seu séquito segue uma vaca sem sinais de jugo até o momento em que ela se cansa e deita-se no chão: nesse local, Cadmo deveria fundar uma cidade (Cadmeia, futura Tebas). Decidido a sacrificar o animal em honra a Zeus, o herói manda seus companheiros buscarem água para o ritual, o que eles encontram em uma fonte guardada por uma serpente filha de Marte. Vendo os homens que retiravam água da fonte, o monstro os mata e Cadmo, também ameaçado, acaba por matá-lo. É então instruído por Minerva a semear os dentes da cobra no solo, um campo dedicado a Marte; deles, nascem os bravos guerreiros Espartos (“os semeados”), os quais, instados por Cadmo, batalham entre si até que apenas cinco restam vivos: Equíon, Udeo, Ctônio, Hiperenor e Peloro. Estes, por sua vez, ajudam Cadmo na construção da cidadela, tornando-se os ascendentes maiores das cinco principais famílias de Tebas. Assim como Roma, portanto, Tebas é uma cidade fundada sobre um fratricídio, pois que os Espartos eram irmãos, filhos do monstro de Marte e da Terra. **AO COLONO:** Cadmo, que plantou na terra os dentes do monstro (*supra*). Depois de expiar a morte da serpente servindo a Marte durante oito anos, Cadmo recebe de Zeus, como recompensa, a mão de Harmonia, filha de Marte e Vênus. Com ela, tem quatro filhas – Autônoe, Ino (cf. 1.13n; 1.13-4n), Agave (cf. 1.11n; 1.169n; 1.229n; 1.230n; 1.329n) e Sêmele (cf. 1.12n) – e um filho, Polidoro, bisavô de Édipo (cf. 1.17n). **SOLO INFANDO:** porque dele nasceram os guerreiros Espartos (*supra*).

9-10. QUE CARME / DE ANFÍON TRANSPÔS MONTES A TÍRIAS MURALHAS: Anfíon é filho de Antíope, filha de Nictéu, regente de Tebas que sucedeu Polidoro, filho de Cadmo. Grávida de Zeus, Antíope foi expulsa de Tebas por seu pai, indo parar em Sícion, onde casou-se com o rei Eopeu, que também a engravida. Seu pai, porém, declara guerra contra Sícion para reaver sua

filha, que, na volta para Tebas, dá à luz seus filhos: Anfíon e Zeto. Ambas as crianças são criadas por pastores no Monte Citéron (cf. 1.114-22n), onde Anfíon ganha uma lira de Apolo. Passados os anos, os jovens descobrem quem era a sua verdadeira mãe e voltam para Tebas, para onde Anfíon, tocando sua lira, teria magicamente conduzido as pedras que formariam os muros da cidade. **MONTES:** por “pedras.” **TÍRIAS MURALHAS:** muralhas de Tebas; são **Tírias** porque a cidade foi fundada por Cadmo, oriundo da fenícia Tiro (cf. 1.5n; 1.7-8n).

11. CONTRA OS MUROS IRMÃOS: contra Tebas. Os muros são seus irmãos porque Baco é oriundo de Tebas. A ira entre irmãos, tema principal da *Tebaida* (cf. 1.1n), é aqui reafirmada por Estácio. **A IRA DE BACO:** Penteu, filho de Agave e Equíon, um dos Espartos, proíbe a entrada de Baco na cidade, que é filho de Zeus e da tebana Sêmele (cf. 1.12n), por temer que a libertinagem de seus rituais ameaçasse o reino. Quando descobre que um de seus seguidores, Acetes, havia sido preso por Penteu, Baco faz com que se lhe afrouxem os grilhões e que as grades da prisão tombem ao chão, libertando seu companheiro. Tomado de raiva, Penteu recorre à sua mãe, mas esta, inflamada por Baco durante um festival no Citéron (cf. 1.114-22n), junto com suas irmãs, o mata por confundi-lo com um javali.

12. O AGIR DA SEVA JUNO: Zeus apaixona-se por Sêmele, filha de Cadmo e Harmonia. Com ciúmes da relação de seu marido, Juno induz Sêmele a pedir ao deus que se mostre a ela em toda a sua magnitude divina, instruindo-a a fazer com que, antes de dizer o que queria, o deus lhe promettesse que atenderia a um desejo seu. Tendo prometido, então, Zeus não pode deixar de lado a sua palavra, e a força de sua divindade acaba fulminando Sêmele. Após o desastre, o deus retira do ventre da amante seu filho com ela, Dionísio, e acaba de gerá-lo em sua própria panturrilha (cf. 1.13n).

13. ÁTAMAS, O INFELIZ: Átamas, filho de Éolo, que casou-se com Ino, filha de Cadmo e Harmonia, em segundas núpcias. São várias as versões para o motivo de sua infelicidade – a saber, o filicídio. De acordo com uma delas, o fato de Átamas e Ino terem criado Dionísio, filho de Sêmele, após o seu nascimento (cf. 1.12n) teria despertado a ira de Juno. Para vingar-se, a deusa teria lançado as Fúrias (cf. 1.52n) sobre Átamas; este, vendo Ino e seus filhos, Learco e Melicertes, se aproximando, os confundiu com uma leoa acompanhada de dois filhotes e resolveu matá-los. Nessa investida, Átamas teria assassinado Learco com uma flechada e Ino, para evitar o mesmo fim, lançou-se ao mar com Melicertes nos braços (cf. 1.13-4n). De acordo com outra versão, Juno teria convencido as Fúrias a atormentarem Átamas por sua tentativa de sacrificar seus filhos oriundos de seu primeiro casamento, Hele e Frixo. Ino, com ciúmes

dos filhos mais velhos de seu marido, teria convencido todas as tebanas a torrarem as sementes antes da sementeira. Como, por isso, nenhuma semente germinou após ter sido plantada, Átamas enviou seus homens a Delfos para consultar o oráculo de Apolo; subornados por Ino, porém, os mensageiros retornaram com um falso oráculo: para resolver o problema, Átamas teria de sacrificar Frixo e Hele. Néfele, porém, a primeira esposa de Átamas, entregou a seus filhos um carneiro com velo de ouro, presente de Hermes, para que eles fugissem. Alegando que uma tal barbaridade não poderia passar impune, Juno teria convencido as Fúrias de atacarem Átamas.

13-4. POR QUE NÃO TEMEU O AMPLO / JÔNIO, AO CAIR, A MÃE COM PALÊMOM POR SÓCIO: enquanto Átamas mata Learco (cf. 1.13n), Ino consegue agarrar-se a Melicertes e, antes que a tragédia se completasse, ela se atira com ele ao Jônio em uma tentativa desesperada de salvar a si e a seu filho. Posteriormente, ambos passam a ser adorados como divindades marinhas: Ino sob o nome de Leucoteia, e Melicertes sob o nome de Palêmon.

14. POR SÓCIO: é dizer “por companheiro” (cf. 1.13-4n).

17. A CASA OBSCURA DE ÉDIPO: após enumerar alguns dos crimes tebanos, o poeta apresenta aqueles que restringirão seu canto: Édipo e sua casa. Édipo é filho de Laio, que, por sua vez, é filho de Lábdaco, rei de Tebas. Lábdaco era filho de Polidoro, portanto neto de Cadmo (cf. Quadro 2, p. 412). Édipo casou-se, sem saber, com sua própria mãe, Jocasta, e teve com ela quatro filhos: Antígona, Ismene, Etéocles e Polinices.

17-32. POIS QUE AS ITÁLICAS ... UM DIA TE CANTO: os versos compreendem o elogio a Domiciano (Tito Flávio Domiciano), filho de Tito Flávio Sabino Vespasiano e irmão de Tito Flávio Vespasiano Augusto, que o antecedeu. Imperou em Roma entre os anos de 81 e 96 d.C., quando foi morto no dia 18 de setembro em uma conspiração. Embora o tenha composto como uma *recusatio* (**eu não ousou**), Estácio não deixa de, com ele, celebrar alguns dos feitos do imperador (cf. 1.30-1n). Dividindo-se entre a enumeração das conquistas de Domiciano (cf. 1.17-22) e o elogio ao imperador (cf. 1.22-31), que compreende um pedido para que este renuncie à sua apoteose (cf. 1.24-31), o passo é semelhante ao elogio de Nero composto por Lucano em sua *Farsália*, em que o imperador é visto como um prêmio a tal ponto recompensador, que até mesmo os crimes de uma guerra civil tornam-se agradáveis (*Luc.* 1.33-66): *quod si non aliam uenturo fata Neroni / inuenere uiam magnoque aeterna parantur / regna deis caelumque suo seruire Tonanti / non nisi saeuorum potuit post bella gigantum, / iam nihil, o superi, querimus; scelera ipsa nefasque / hac mercede placent. diros Pharsalia campos / inpleat et Poeni saturentur sanguine ma-*

nes, / ultima funesta concurrant proelia Munda, / his, Caesar, Perusina fames Mutinaeque labores /
 accedant fatis et quas premit aspera classes / Leucas et ardenti seruilia bella sub Aetna, / multum
 Roma tamen debet ciuilibus armis / quod tibi res acta est. te, cum statione peracta / astra petes serus,
 praelati regia caeli / excipiet gaudente polo: seu sceptrum tenere / seu te flammigeros Phoebi conscen-
 dere currus / telluremque nihil mutato sole timentem / igne uago lustrare iuuat, tibi numine ab omni
 / cedetur, iurisque tui natura relinquet / quis deus esse uelis, ubi regnum ponere mundi. / sed neque
 in Arctoo sedem tibi legeris orbe / nec polus auersi calidus qua uergitur Austri, / unde tuam uideas
 obliquo sidere Romam. / aetheris immensi partem si presseris unam, / sentiet axis onus. librati ponde-
 ra caeli / orbe tene medio; pars aetheris illa sereni / tota uacet nullaeque obstent a Caesare nubes. /
 tum genus humanum positus sibi consulat armis / inque uicem gens omnis amet; pax missa per orbem
 / ferrea belligeri conpescat limina Iani. / sed mihi iam numen; nec, si te pectore uates / accipio, Cirr-
 haea uelim secreta mouentem / sollicitare deum Bacchumque auertere Nysa: / tu satis ad uires Ro-
 mana in carmina dandas (“Pois se à vinda de Nero não diversa o Fado / via encontrou, se caro
 se comprou dos deuses / reinos eternos e servir ao seu Tonante / não pôde o céu sem guer-
 rear antes Titãs, / já nada, deuses, lamentamos; com tal prêmio / infâmia e crime agradam.
 Que Farsália atulhe / os vis campos de sangue e sacie almas Púnicas, / que funesta na extre-
 ma Munda a luta ocorra, / a isso a fome de Perússia e o prélio em Múтина / se somem, César,
 e os navios que a dura Lêucade / feriu e as servis guerra no Etna ardente, / muito Roma, afi-
 nal, deve às lutas civis / feitas p’ra ti. Ao perfazeres tua estada, / velho aos astros irá e o
 paço etéreo eleito / te acolherá com céu festivo: quer te agrade / tomar o cetro, ou conduzir
 de Febo a biga / flamígera e luzir com chama errante a terra, / sem medo do mudado sol. Ce-
 der-te-á / o passo todo nume, e terás por direito / ser qualquer deus, e pôr teu reino onde
 quiseses. / Mas nem venhas buscar p’ra ti morada no Ártico, / nem onde o quente céu do
 Austro oposto se volta: / tua Roma, dali, verias de astro oblíquo. / Do éter imenso se uma só
 parte ocupares, / o eixo irás pesar; do equilibrado céu / mantém-te ao meio; do éter sereno
 tal parte / está vaga, e que nimbo algum obstrua César. / Então, depondo as armas, que os
 homens se cuidem, / e todos se amem mutuamente, e a paz geral / trave de Jano belicoso as
 férreas portas. / Mas já me és nume. E se te encarno, nem quisera / eu vate, que o inquieto
 deus sondasse arcanos / Cirreus, nem mesmo Baco a deslocar de Nisa: / p’ra dar arroubo a
 carmes Romanos tu basta” – trad. Brunno Vieira).

18. OS TRIUNFOS ARTUROS: os triunfos militares ao norte, especialmente as campanhas contra os Catos, uma tribo germânica, e os Dácios, ou Getas, habitantes da Dácia, região cujo limite principal era o Rio Danúbio, ou Ístrio (cf. 1.19n). Arturo, de onde vem **Arturos**, também cha-

mada de Arcturo, é a mais brilhante estrela da constelação do Boieiro, localizada no hemisfério celestial norte. Diz-se que se trata, ainda, do ateniense Icário, que teria hospedado Baco durante uma de suas viagens (cf. 4.655n). O Boieiro é, nos céus, aquele que guia a constelação de Carro, antigo nome dado à constelação de Ursa Maior; dessa cena, pois, vem o nome de Arturo – do grego *ἀρκτοῦρος* (*arktoûros*) “guardião da ursa”.

19. DOIS JUGOS SOBRE O RENO: referência às duas vitórias da Primeira Legião Minerva contra os catos na região do Rio Reno: a primeira em 82, sob o comando direto de Domiciano, e a segunda em 89 (cf. v. 18n). **DOIS PACTOS NO ÍSTRIO:** referência às duas incursões de legiões romanas contra os dácios na região do Rio Danúbio (cf. 1.18n). A primeira delas em 85-86, e a segunda em 87-88.

20. DÁCIOS: habitantes da Dácia, nos Cárpatos (cf. 1.18n). **MONTE CONJURADO:** hipálage: Estácio atribui aos montes, os Cárpatos, a característica dos dácios, rebeldes por se oporem aos romanos. (MUELLER) “Virgílio (*Geor.* 2.497): *aut coniurato descendens Dacus ab Histro* [“ou conjurado / o Istro e Daco a descer” – trad. Odorico Mendes]”.

21-2. E ANTES, MAL PUBESCENTE, EM DEFESA DE JÚPITER / A GUERRA: referência à batalha travada no Capitólio no ano de 69 d.C., o ano dos quatro imperadores, em que Domiciano, ainda jovem, ajudou seu pai, Vespasiano, a subir ao trono.

22. LÁCIA FAMA: refere-se a Vespasiano, pai de Domiciano.

24-31. EMBORA BREVE VIA ... OS ASTROS DEIXA: (LACTÂNCIO) “Ainda que os astros se condensem de modo a preparar um lugar espaçoso para ti no céu; ainda que todas as estrelas se contraíam, de modo que a ti forneçam o espaço que desejas; ainda que o Sol queira te satisfazer com um carro de luz maior do que ele mesmo e a ti entregue o seu ofício, ou que Júpiter deseje compartilhar contigo uma parte igual do céu: ainda assim, reinar na terra será melhor para ti do que no céu, então seja senhor de terra e mar e deixe aos súperos o império celeste.”

A apoteose de Domiciano, que o poeta canta para dizer ao imperador que a recuse e continue exercendo seu poder sobre os homens (cf. 1.31), guarda semelhanças com a apoteose de Nero conforme celebrada por Lucano (*Luc.* 1.45-59): *te, cum statione peracta / astra petes serus, praelati regia caeli / excipiet gaudente polo: seu sceptrum tenere / seu te flammigeros Phoebi conscendere currus / telluremque nihil mutato sole timentem / igne uago lustrare iuuat, tibi numine ab omni / cedetur, iurisque tui natura relinquet / quis deus esse uelis, ubi regnum ponere mundi. / sed neque in Arctoo sedem tibi legeris orbe / nec polus auersi calidus qua uergitur Austri, / unde tuam*

uideas obliquo sidere Romam. / aetheris immensi partem si presseris unam, / sentiet axis onus. librati pondera caeli / orbe tene medio; pars aetheris illa sereni / tota uacet nullaeque obstent a Caesare nubes (“Ao perfazeres tua estrada, / velho aos astros irás e o paço etéreo eleito / te acolherá com céu festivo: quer te agrade / tomar o cetro, ou conduzir de Febo a biga / flamígera e luzir com chama errante a terra, / sem medo do mudado sol. Ceder-te-á / o paço todo nume, e terás por direito / ser qualquer deus, e pôr teu reino onde quiseses; / Mas nem venhas buscar pra ti morada no Ártico, / nem onde o quente céu do Austro oposto se volte: / tua Roma, dali, verias de astro oblíquo. / Do éter imenso se uma só parte ocupares, / o eixo irás pesar; do equilibrado céu / mantém-te ao meio; do éter sereno tal parte / está vaga, e que nimbo algum obstrua César” – trad. Brunno Vieira). Sobre semelhanças com Ovídio, cf. 1.30-1n.

26. IMUNE A BÓREAS, E ÀS PLÊIADES, E AOS RAIOS: sobre **Bóreas**, cf. 1.160n. As **Plêiades** são um aglomerado de sete estrelas localizadas na constelação de Touro. De acordo com Amar-Lemaire (*ad loc.*), diz-se que geram tempestades violentas. Por isso, alega que **a brilhante plaga etérea** (1.25) que agita (**perturbe** – 1.27) Domiciano está livre do vento norte, Bóreas, gelado e tempestivo, e das Plêiades, isto é, de violentas tempestades. De acordo com Lactâncio (*ad loc.*), a referência aos **raios** é feita porque, o que quer que eles atinjam, se fende.

27. O FRENADOR DE IGNÍPEDES CAVALOS: Apolo, o Sol, que comanda sua quadriga puxada por cavalos dotados de pés de fogo – donde diz **ignípedes**.

28-9. O PRÓPRIO, AO TEU CABELO O SEU ARCO FULGENTE / TRANSPONHA: (LACTÂNCIO) “O círculo pelo qual o sol perfaz o seu caminho, pois é como se parecesse um arco, uma vez que o sol, nascendo no oriente, se põe, ao fim, no lado ocidental.”

Como em Ovídio, quando o Sol, após retirar de sua própria cabeça seus brilhantes raios (*Met.* 2.40-1: *genitor circum caput omne micantes / deposuit radios* – “o pai, do entorno de toda a cabeça, brilhantes, / retirou os raios”), os deposita sobre a cabeça de Fáeton, para que ele conduza a quadriga paterna (*Met.* 1.124): *inposuitque comae radios* (“botou-lhe sobre a coma os raios”) – sobre Fáeton, cf. 1.219-21n. É dizer, então, “se o próprio Sol entregar-te o controle de seus raios”.

30-1. AS RÉDEAS PUXA DOS HOMENS, ATENTO; / E, COM PODER EM TERRA E MAR, OS ASTROS DEIXA: Mueller (*ad loc.*) aponta uma semelhança entre estes versos e os de Ovídio (*Tr.* 5.2.51-2): *sic habites terras, sic te desideret aether, / sic ad pacta tibi sidera tardus eas* (“habita, então, a terra, e o éter, então, te anseie! / tardo, ao céu a ti dado, então, caminha!”); neste dístico, após exaltar o poder de Augusto sobre os povos, bem como sua grandeza, Ovídio demonstra estar certo da di-

vindade do *princeps* ao encomendá-lo aos céus. Na sequência, o poeta pede, então, que do alto de sua posição o imperador o perdoe, livrando-o do exílio no Ponto Euxino. Na *Tebaida*, os versos fazem parte da *recusatio*, *topos* no qual Estácio celebra a grandeza de Domiciano, a qual alega não ousar cantar (cf. 1.18), atribuindo-lhe, tal como Ovídio, divindade e bondade: “mesmo que o céu se ofereça como morada, oxalá mantenha-se na terra o imperador”. Assim, não há somente uma aproximação formal e temática com Ovídio e com a tradição encomiástica, mas também entre Domiciano e Augusto, o que não deixa de soar como um elogio ao imperador sobre o qual escreve.

32. ESTRO PÍERO: é dizer “estro Piério” – sobre o adjetivo, cf. 1.3n.

33-45. VIBRO, ORA, A LIRA, ASSAZ ... COM OUTRO HORROR CANTAREI: logo após o elogio de Domiciano (cf. 1.17-32n e comentários *ad loc.*), Estácio retoma os assuntos de seu canto, definindo agora o programa completo do poema. Nele, de acordo com Vessey (1973, p. 65), “não somente os *limes* [“limites”] do carme são expressamente definidos, mas o curso geral da guerra é sucintamente especificado. Os heróis que, na prática, serão protagonistas na narrativa são introduzidos, e aquilo que podemos chamar de seus humores essenciais, registrados. Os dois filhos de Édipo, enlouquecidos pela cobiça do poder, são os agentes da destruição. Tideu é prejudicado por um excesso de *ira*. Anfiarau é o sacerdote inocente capturado pela violência de outros. Hipomedonte, o guerreiro gigante, só pode ser destruído por um poder mais que humano. O jovem Partenopeu é um objeto de piedade. Capaneu, o zombador dos deuses, encontrará um fim consoante com sua impiedade.”

33. ASSAZ P’RA RECONTAR: isto é, “suficiente para recontar”; se não possui o poeta **estro Píero** (1.32) para contar os feitos de Domiciano (**te** – 1.32), nesse momento sua **lira** basta para que sejam cantadas as **Aônias / armas** (1.33-4) e o **mortal cetiro dos irmãos tiranos** (1.34). **AÔNIAS:** a Aônia é a região da Beócia onde estão os montes Citéron (cf. 1.114-22n) e Hélicon, ambos dedicados às musas. Ovídio (*Met.* 5.333) refere-se a elas pelo termo *aonides* (“as aônides”). (LACTÂNCIO) “Isto é, tebanas; do rei Áon, filho de Netuno, ou de um monte da Beócia. Assim, então, chama-se Aônia tanto a Beócia como Tebas.”

34. MORTAL CETIRO DOS IRMÃOS TIRANOS: a disputa pelo poder, referido metonimicamente por **cetiro**, será mortal para Polinices e para Etéocles, os **irmãos tiranos**, visto que se matam ao final da batalha (*Theb.* 11.552-73). Sobre a morte dos irmãos, confira 3.542n.

35-6. FLAMAS REBELADAS / NA DISSENÇÃO DA PIRA: a imagem faz referência ao momento em que, buscando uma pira para cremar o corpo de Polinices, Argia – sua esposa – e Antígone – sua

irmã – encontram, em meio a cinzas sob as quais já não ardem brasas, uma única em que ainda há indícios de fogo e decidem, sem saber de quem era a pira, cremar ali mesmo os membros do edipônida (*Theb.* 12.409-28). Ignoram, porém, que ali ardiam os restos de Etéocles e, tão logo sobre elas lançam o corpo de Polinices, o fogo se divide e se rebela, dando continuidade à briga entre os irmãos (*Theb.* 12.429-36): *ecce iterum fratres! primos ut contigit artus / ignis edax, tremuere rogi et nouus aduena busto / pellitur; exundant diuiso uertice flammae / alternosque apices abrupta luce coruscant. / pallidus Eumenidum ueluti commiserit ignes / Orcus, uterque minax globus et conatur uterque / longius; ipsae etiam commoto pondere paulum / secessere trabes* (“Eis, de novo, os irmãos! Tão logo toca os membros / fogo edaz, treme a pira e, da tumba, o que chega / é expulso; espraia-se em dois vórtices as flamas, / e os cimos mútuos brilham co’ uma luz abrupta. / Qual se, pálido, as chamas das Fúrias reunisse / o Orco, comina um globo ao outro e, ao outro, um busca / fugir; mudado o peso, por si mesmas abrem-se / um pouco as traves”).

36-7. RÉGIAS TUMBAS FALTAS / DE EXÉQUIAS: (AMAR-LEMAIRE) “Com gravíssimo edito, pois, Creonte, que sucedera Etéocles [no trono], o que veremos mais à frente, proibira que os corpos dos generais argivos mortos na guerra tebana fossem cremados e colocados em sepulturas: foram ameaçados com penas crudelíssimas os que, por piedade a eles, se afastassem dessa obrigação.”

37. URBES FINDAS POR ALTERNA CEIFA: Argos e Tebas, cidades diretamente envolvidas na batalha, bem como todas as outras que se envolveram na guerra quando tomaram partido os seus generais. Sobre os generais e as cidades envolvidas, cf. 4.32-344 e comentários *ad loc.*

38. CERÚLEA DIRCE RUBRA COM SANGUE DA LERNA: **Dirce** é uma fonte localizada na Beócia e próxima de Tebas (cf. 1.152n); diz **cerúlea** em referência à cor das águas. A **Lerna** é uma região próxima a Argos (cf. 1.359n). É dizer, então, “a azul Dirce tornando-se vermelha por causa do sangue dos argivos”.

39-40. TÉTIS, QUE TEMEU O ISMENO, OUTRORA DADO / A MARGENS SECAS, VINDO COM LEITO COPIOSO: refere-se à titânide Tétis, filha de Geia e Urano, irmã e esposa de Oceano; não se trata, então, da Nífe Tétis, mãe do herói Grego Aquiles – sobre isso, cf. 3.34n. Ora, ocorre como metonímia para “mar.” A referência é ao episódio da batalha do flume contra Hipomedonte (cf. 1.44n), que ocorre quando estava o herói dentro do Ismeno, que tornou-se **copioso** em uma tentativa de matar Hipomedonte – sobre isso, cf. 3.544n.

39. ISMENO: um rio da Beócia, junto a Tebas, filho de Oceano e Tétis. Recebeu este nome, de

acordo com Pseudo-Plutarco (*Fluv.* 2.1), após um dos filhos de Níobe e Anfíon, chamado Ismeno, ter-se jogado ao rio, que corria às portas de Tebas, por ter sido levado à loucura por Apolo, ou por ter nele caído após ter sido flechado pelo deus (cf. 1.711n).

41. QUE HERÓIS DÁS ANTES, CLIO?: a pergunta do narrador antecede a apresentação de cinco dos sete generais que marcharão contra Tebas; são eles, respectivamente: Tideu, Anfiarau, Hipomedonte, Partenopeu e Capaneu, que se juntarão a Adrasto e Polinices. Sobre essa apresentação, cf. 1.33-45n. Além disso, a pergunta pode ser vista como uma reformulação daquela feita por Homero no proêmio da *Odisseia*, quando o poeta pede às Musas que indiquem o início de seu canto (*Od.* 1.10): τῶν ἀμύθεν γε, θεά, θύγατερ Διός, εἰπὲ καὶ ἡμῖν (“Filha de Zeus, começa o canto de algum ponto!” – trad. Trajano Vieira).

42. TIDEU: filho de Eneu, rei de Cálidon, e Peribeia. É um dos protagonistas da batalha ao lado de Polinices. De acordo com as fontes, Tideu fugira de sua terra natal após assassinar: Alcátoo, seu tio; ou Feneu, Euríalo, Hiperlau, Antíoco, Eumedes, Esternops, Xantipo e Estenelau, todos filhos de Melas que conspiraram contra seu pai; ou, ainda, Olênio, seu próprio irmão – versão esta considerada por Estácio (cf. 1.402n). A fuga acaba com a chegada em Argos, onde encontra Polinices, que chegara na mesma noite ao paço de Adrasto (cf. 1.401-6). **DO LÁUREO VATE O ABISMO REPENTINO:** de Anfiarau, adivinho argivo casado com Erifile, irmã de Adrasto. Sabendo que morreria na batalha, recusou-se a participar da incursão organizada por Polinices e Adrasto. Sua esposa, porém, subjugada pelo colar de Harmonia (cf. 2.265-8; 4.187-213 e comentários *ad loc.*), o convenceu. Durante o combate, enquanto era perseguido por seu Fado e logo após sua aristeia, uma fenda se abriu no chão e Anfiarau, por si mesmo, desceu, armado e senhor de seu carro, aos Infernos (cf. 3.346-7n) – donde, então, **o abismo repentino**.

43. URGE, O INIMIGO RIO COM CORPOS REPESANDO: o rio é o Ismeno (cf. 1.39n); o autor da ação, Hipomedonte – sobre o herói e o porquê de o Ismeno ser dito **inimigo**, cf. 1.44n.

44. HIPOMEDONTE: filho de Aristômaco, neto de Tálao e sobrinho, portanto, de Adrasto (cf. Quadro 3, p. 442). Durante a guerra contra os tebanos, em uma disputa pelo corpo de Tideu, mata o jovem Creneu, neto do Ismeno (cf. 1.39n); como vingança, o rio avoluma suas águas em uma tentativa de afogar o herói. Por intermédio de Juno, porém, Júpiter detém as águas do rio e Hipomedonte morre por causa dos ferimentos causados por seus inimigos, os quais o atacam a partir de ambas as margens do rio – sobre a morte do herói, cf. 3.544n.

45. ARCÁDIO: Partenopeu, outro dos Sete Contra Tebas, nativo da Arcádia. Algumas genealogi-

as o apresentam como filho de Tálao, sendo, portanto, irmão de Adrasto (Paus. 2.20.5; 9.18.6); Estácio, porém, segue a tradição segundo a qual é filho de Atalanta. É morto por Drías durante sua aristeia (cf. 3.540-1n). **CAPANEU:** o último dos Sete – Polinices, Adrasto, Tideu, Anfiarau, Hipomedonte, Partenopeu e Capaneu. Higino (Fab. 70) apresenta o herói como filho de Hipônoo e uma Astínome filha de Tálao, fazendo de Capaneu sobrinho de Adrasto e primo de Hipomedonte (cf. 1.44n; Quadro 3, p. 442); Pseudo-Apolodoro (Apollod. 3.6.3) não fala sobre sua mãe, apenas o dizendo filho do Hipônoo, assim como o faz Pausânias (9.8.7; 10.10.3). É fulminado por um raio de Júpiter sobre os muros de Tebas (cf. 3.539-40). **COM OUTRO HORROR:** isto é, com um horror diferente em relação ao horror com que cantará os outros chefes; diz isso, decerto, por causa da impiedade de Capaneu, que o leva a uma morte bastante específica em relação aos outros chefes – cf. 3.539-40n.

46-55. ÍMPIOS, DEVIDA ... EM VOZ FERINA: aqui começa, efetivamente, a narrativa de Estácio. Com o fim do prólogo épico, o poeta passa ao desenvolvimento de seu assunto, a casa de Édipo. O início da ação corresponde à descrição de Édipo momentos antes de o tebano convocar as Fúrias (cf. 1.52n) contra seus descendentes, decepcionado com o tratamento que recebeu de seus filhos após ter caído em desgraça (cf. 1.74-81 e comentários *ad loc.*).

46. ÍMPIOS, DEVIDA JÁ SONDARA A DESTRA OS OLHOS: em latim, *impia iam merita scrutatus lumina dextra*. As primeiras palavras da ação são bastante significativas: Estácio opta por começar a história destacando a impiedade dos olhos de Édipo (*impia ... lumina* – **ímpios ... olhos**), com os quais ele viu a própria mãe em leito conjugal, e a conveniência da mão com a qual os arrancara (*merita ... dextra* – **devida ... destra**) – sua destra, a mesma com que matou seu pai. Novamente aqui, assim como fez com a primeira palavra do poema (cf. 1.1n), Estácio prefere dar curso ao seu canto destacando não as ações que vai cantar, mas aquilo que as qualifica.

47. MALDITO PEJO: sua vergonha é maldita (*damnatum pudorem*, em latim) por ter sido obra de um fado condenado – um oráculo já havia predito, em seu nascimento, a consequência nefasta de sua existência. Na sequência, Édipo destacará a presença das Fúrias em sua vida desde seu nascimento – cf. 1.58-74 e comentários *ad loc.*

48. POR EXTENSA MORTE A ALMA ARRASTANDO: não há mais vida, então, para que Édipo viva; sua existência está condenada a arrastar sua alma por uma longa morte. O verbo escolhido pelo poeta, *traho* (“arrastar”), é bastante interessante, uma vez que pode dar a ideia de certo esforço para o cumprimento da ação; de acordo com o OLD, *traho* denota a ação de “mover puxando, rebocando”. Assim, é como se Édipo estivesse condenado a arrastar seu fardo – sua

própria alma – por uma existência tão funesta a ponto de não poder ser chamada de vida.

49. ENTREGUE ÀS TREVAS: por ter-se cegado, diz o narrador que está entregue às trevas – à escuridão, portanto.

50. PENATES: (GRIMAL) “Os deuses Penates são divindades romanas que protegem o larário da casa. São por isso frequentemente associados a Vesta, embora sempre tenham permanecido distintos dos Lares. Enquanto estes eram representados por estátuas de culto, os Penates foram, durante muito tempo, considerados forças invisíveis, simples abstrações. Tal como cada casa tinha os seus Penates, também o Estado romano possuía os seus, trazidos por Eneias para a Itália.” Aqui e em vários momentos do poema, Estácio emprega o termo para referir-se não necessariamente aos Penates específicos de cada região ou casa – uma transferência de algo caracteristicamente romano para um tempo anterior à própria existência de Roma –, mas para referir-se a essa força invisível e inominada responsável pela proteção e manutenção de ambiente e lugares, às vezes funcionando mesmo como metonímia de “casa”.

51-2. COM ASAS FIRMES CIRCUNVOA, SEVA, / A LUZ DA ALMA: sentido: “a seva luz da alma, com as asas firmes, voa a seu redor”. Fala da consciência de seus crimes: embora cego, **entregue às trevas** (1.49), a luz distingue sua consciência. (MUELLER) “Horácio (S. 2.1.58): *seu mors atris circumuolat alis*” [“ou a morte com atras asas circunvoa”].

52. DOS CRIMES AS DIRAS: as Fúrias. Também conhecidas como Erínias ou Eumênides, tratam-se de três irmãs, as quais nasceram de gotas do sangue de Urano que caíram sobre a terra quando ele foi ferido por Júpiter. De acordo com Grimal (*ad loc.*), Tisífone, Alecto e Megera são divindades que não reconhecem a força dos deuses mais novos, os quais devem submeter-se a elas – inclusive Júpiter. Sua principal função é a vingança dos crimes cometidos pelos homens, os quais põem em risco a estabilidade da ordem do mundo, e em especial dos crimes cometidos contra a própria família. Ao perseguirem o criminoso, agem de modo a enlouquecê-lo, muitas vezes fazendo com que ele se torne cego à realidade.

55. ESMURRA A TERRA INANE E ROGA EM VOZ FERINA: Mueller (*ad loc.*) aponta a semelhança entre o passo e estes versos de Homero (*Il.* 9.568-9): *πολλὰ δὲ καὶ γαῖαν πολυφόρβην χερσὶν ἀλοῖα / κικλήσκουσ’ Ἀΐδην καὶ ἐπαινήν Περσεφόνειαν* (“rogava aos numes, e das mãos ferindo / a alma terra e de lágrimas lavadas, / posta em joelhos, imprecava a Dite / e à medonha Prosérpina” – trad. Odorico Mendes). No poema de Homero, a passagem serve para descrever a atitude da mãe de Meleagro (cf. 1.453n), Alteia, quando ela resolve invocar os numes infernais con-

tra o seu filho para que lhe trouxessem a morte (*Il.* 9.571: *παιδὶ δόμεν θάνατον* – “à criança dar a morte”). Em ambos os passos, então, a semelhança reside não só na descrição da cena, mas também no contexto em que ela é inserida, uma vez que tanto Alteia como Édipo buscam, nos numes infernais, vingadores que façam seus próprios filhos pagarem pelos crimes cometidos: este, por sentir-se injustiçado (cf. 1.56-87); aquela, porque Meleagro matou seus tios maternos. **INANE:** (LACTÂNCIO) “Convenientemente, é inane o Tártaro – como em Virgílio (*A.* 6.269): *perque domos Ditis uacuas et inania regna* [“por vã Plutônia estância e vácuos reinos” – trad. Odorico Mendes].”

56-87. DEUSES QUE O DURO ... SABEIS MEUS FILHOS, VEM: conforme demonstra Lactâncio (*ad loc.*), nesta prece Estácio observa a arte de quem ora e a ordem da argumentação para o pedido: primeiro relembra o seu mérito (1.60): **se eu mereci**; depois expõe sua injúria (1.74-8): **Órfão dos olhos, carente do trono ... as trevas e as queixas paternas**; por fim, pede a vingança (1.80-1): **ao menos tu, devida ultora, / vem aqui e, ao castigo, lança a prole inteira**. Compare-se, a esta, a prece de Juno a Alecto no canto sétimo da *Eneida*, em que o pedido da deusa, tal qual o de Édipo, servirá como gatilho para uma batalha – Eneias contra Turno na *Eneida*; Polinices contra Etéocles na *Tebaida* (*A.* 7.331-40): *hunc mihi da proprium, uirgo sata Nocte, laborem, / hanc operam, ne noster honos infractaue cedat / fama loco, neu conubiis ambire Latinum / Aeneadae possint Italosue obsidere finis. / tu potes unanimos armare in proelia fratre / atque odiis uersare domos, tu uerbera tectis / funereasque inferre faces, tibi nomina mille, / mille nocendi artes. fecundum concute pectus, / dissice compositam pacem, sere crimina belli; / arma uelit poscatque simul rapiatque iuuentus* (“da Noite filha, / para não sofrer quebra de honra e fama, / serviço especial me outorga, ó virgem: / por consórcios os Troas não consigam / a Latino embair, ter pé na Itália. / Irmãos tu podes e íntimos amigos / armar de sanha, desavir famílias, / com funéreos brandões e crus flagelos; / artes mil de empecer, mil nomes sabes: / fecunda a mente excita; a paz desfaze, / a zizânia semeia; estoure a guerra, / bramindo a mocidade às armas corra” – trad. Odorico Mendes).

57. ESTIGE: na poesia, refere-se quase sempre a um rio dos Infernos, mas Pausânias (8.17.6; 8.18.1-6) alega ser uma fonte da Arcádia, próxima a Nonácris, cujas águas possuem propriedade assustadoras, como ser mortal aos homens e aos animais, e corroer objetos de chifre, osso, ferro, bronze, entre outros. Em Hesíodo (*Th.* 361-3), Estige é filha de Oceano e Tétis; do seu casamento com Palas, gerou quatro filhos, os quais combateram ao lado de Zeus contra os Titãs; como agradecimento, Zeus levou os filhos de Estige para residirem a seu lado e tor-

nou as águas de sua mãe a garante dos deuses, os quais, sujeitos a graves penas em caso de perjúrio ou não cumprimento da promessa (sobre isso, cf. 1.290n), passaram, então, a jurar tendo-a como caução (*Th.* 383-403): τὸν δ' ἔφαθ', ὅστις ἄτιμος ὑπὸ Κρόνου ἢ δ' ἀγέραςτος, / τιμῆς καὶ γεράων ἐπιβησέμεν, ἢ θέμις ἐστίν. / ἦλθε δ' ἄρα πρώτη Στυξ ἄφθιτος Οὔλυμπόνδε / σὺν σφοῖσιν παιδεσσι φίλου διὰ μήδεα πατρός· / τὴν δὲ Ζεὺς τίμησε, περισσὰ δὲ δῶρα ἔδωκεν. / αὐτὴν μὲν γὰρ ἔθηκε θεῶν μέγαν ἔμμεναι ὄρκον, / παῖδας δ' ἥματα πάντα ἐοῦ μεταναιέτας εἶναι. / ὥς δ' αὐτῶς πάντεσσι διαμπερές, ὥς περ ὑπέστη, / ἐξετέλεσσ' αὐτὸς δὲ μέγα κρατεῖ ἡδὲ ἀνάσσει. / τὸν δ' ἔφαθ', ὅστις ἄτιμος ὑπὸ Κρόνου ἢ δ' ἀγέραςτος, / τιμῆς καὶ γεράων ἐπιβησέμεν, ἢ θέμις ἐστίν. / ἦλθε δ' ἄρα πρώτη Στυξ ἄφθιτος Οὔλυμπόνδε / σὺν σφοῖσιν παιδεσσι φίλου διὰ μήδεα πατρός· / τὴν δὲ Ζεὺς τίμησε, περισσὰ δὲ δῶρα ἔδωκεν. / αὐτὴν μὲν γὰρ ἔθηκε θεῶν μέγαν ἔμμεναι ὄρκον, / παῖδας δ' ἥματα πάντα ἐοῦ μεταναιέτας εἶναι. / ὥς δ' αὐτῶς πάντεσσι διαμπερές, ὥς περ ὑπέστη, / ἐξετέλεσσ' αὐτὸς δὲ μέγα κρατεῖ ἡδὲ ἀνάσσει (“Estige filha do Oceano unida a Palas / no palácio pariu Zelo e Vitória de belos tornozelos / e pariu Poder e Violência, insígnies filhos. / Longe deles não há morada de Zeus nem pouso / nem percurso por onde o Deus não os guie / mas sempre peito de Zeus gravitroante repousam. / Assim decidiu Estige imperecível Oceanina / no dia em que o Olímpio relampeante a todos / os imortais conclamou ao alto Olimpo, / e disse quem dos Deuses combatesse com ele os Titãs / ele não o privaria dos prêmios e cada honra / manteria como antes entre os Deuses imortais, / e que o não-honrado sob Crono e sem-prêmios / honra e prêmio alcançaria, como é justiça. / E veio primeiro Estige imperecível ao Olimpo / com os filhos, por desígnios de seu pai; / honrou-a Zeus e supremos dons lhe deu: / fez dela própria o grande juramento dos Deuses / e seus filhos para sempre residirem com ele. / Assim para todos inteiramente como prometeu / cumpriu, ele próprio tem grande poder e reina” – trad. Jaa. Torrano).

59. TISÍFONE: uma das três Fúrias (cf. 1.52n). Era conhecida como a Vingadora do Morto, por castigar homicidas, parricidas, fratricidas etc. Para Vessey (1973, p. 75), na *Tebaida*, Tisífone pode ser vista como a personificação do furor de Édipo: “Embora investida com toda a panóplia de um ser divino, Tisífone foi, em algum nível, desmitologizada por Estácio. Ela tornou-se uma *figura* da violência e da loucura, uma personificação do *odium* e do *furor*; ela é uma encarnação objetificada do estado de espírito de Édipo. Édipo a trouxe à existência e, sem dúvida, Tisífone não é nada mais que um reflexo seu. Sua loucura, a força de sua maldição, ganham vida por si próprias. Tisífone representa essa vida.”

60-74. SE EU MERECEI E ... QUE, AO FURIOSO, / MOSTRASTE: (em latim, *si bene quid merui ...*); há seme-

lança entre o trecho e uma passagem da *Eneida* em que Dido, tendo descoberto a intenção de partir que acometera Eneias, busca dissuadi-lo de deixar Cartago apelando para a violenta paixão que envolvera os dois (A. 4.317-9): *si bene quid de te merui, fuit aut tibi quicquam / dulce meum, miserere domus labentis et istam, / oro, si quis adhuc precibus locus, exue mentem* (“se eu te fui de algum bem, de algum deleite, / doa-te a casa em ruína; as preces valham, / despe tal pensamento, eu to suplico” – trad. Odorico Mendes). É interessante perceber, aqui, alguns detalhes da aproximação criada por essa reescritura do texto virgiliano. A paixão entre Eneias e Dido é estratégia divina, pelo qual Vênus tenta sobrepor-se a Juno (A. 1.657ss): manda ela que Cupido assuma as feições de Ascânio, filho de Eneias, e que, durante o banquete no paço de Dido, acenda-lhe no peito a paixão pelo herói troiano. Evocar a paixão é, então, uma forma de tentar convencer Eneias a permanecer em seu palácio. Essa paixão, porém, acaba cegando Dido e a levando à morte. No caso de Édipo, o apelo não é feito por causa da paixão, mas sim por causa do furor que toma conta de sua mente e o faz invocar as Fúrias contra seus filhos. Igualmente interessante é ver que Édipo, como Dido, recorrem aos laços estabelecidos com a figura à qual imprecam: a rainha com Eneias, Édipo com Tisífone. No correr de sua prece, até que finalmente faça o seu pedido, o rei tebano atribui alto grau de importância a Tisífone em momentos fundamentais de sua vida.

60-1. E, A MIM, AO CAIR DO MATERNO / SEIO ACOLHESTE: (AMAR-LEMAIRE) “Considera o poeta um costume dos antigos, de acordo com o qual os recém-nascidos eram depositos sobre o chão para que a terra e os parentes fossem venerados, bem como para que declarassem tirar, dessa terra, a sua origem.”

61-2. E OS PÉS FERIDOS NO CAMINHO / TU FIRMASTE: Laio, para evitar que o oráculo (cf. 1.47n) se cumprisse e que ele fosse morto pelo próprio filho, depois do nascimento de Édipo, perfurou-lhe os pés e atravessou-lhes correias, abandonando o filho à própria sorte. Considerado etimologicamente, o nome Édipo (em grego: *Οιδίπους* – *Oidípous*) significa “pés inchados” (de *οιδέω* – *oidéō* –, “tornar-se inchado”, e *πούς* – *poús* –, “pés”). A imagem construída nesses versos (1.60-3) é bastante interessante e forte, especialmente quando pensada ante a tomada, por parte de Édipo, da consciência de seu fado nefasto, o que o leva a crer que já no seu nascimento fora abraçado por Tisífone, a Vingadora dos Mortos, com quem também aprendera a caminhar.

62-3. AS ÁGUAS DA CIRRA BICORNE / EU PROCUREI: Cirra, cidade portuária da Fócida, próxima ao Parnaso, monte dividido em dois cimos – donde, então, **bicorne**. Consagrada a Apolo, ficava

próximo a Delfos. A referência, aqui, diz respeito à viagem de Édipo para Delfos logo após a suspeita de que ele não era filho de Pólibo (cf. 1.63-4n), uma viagem empreendida na esperança de que o oráculo de Apolo pudesse lhe revelar quem eram seus verdadeiros pais. Édipo não obteve a resposta desejada do oráculo, que apenas previu-lhe o patricídio e, em algumas versões do mito, o incesto materno. Decidido, então, a exilar-se de Corinto para fugir de seu destino nefasto, Édipo encontra Laio (cf. 1.64-5), ainda sem saber tratar-se de seu verdadeiro pai, e corta-lhe a cabeça, cumprindo parte de seu fado.

63-4. PÓLIBO / FALSO: rei de Corinto, cidade do Peloponeso, e esposo de Peribeia, a quem Édipo foi entregue, ainda um bebê, após ter sido abandonado por Laio (ora se diz que ele estava próximo a Corinto, ora que estava próximo a Sícion, ambas cidades da mesma região) – cf. 1.61-2n. É **falso** porque, embora soubesse não ser o verdadeiro pai de Édipo, o criou como se fosse.

64. ESTREITO DA TRÍFIDA FÓCIDA: local onde Édipo teria encontrado a comitiva de Laio (cf. 1.62-3n). Embora exista mais de uma versão sobre o local e o momento em que esse encontro se deu, Estácio reproduz aqui aquela segundo a qual Édipo teria se deparado com o rei tebano na encruzilhada de Mega, na Fócida, onde as estradas provenientes de Dáulis e de Tebas se unem formando uma terceira estrada que conduz a Delfos.

65-6. TOPEI O REI LONGEVO E CORTEI-LHE A HESITANTE / CABEÇA: a referência é a Laio, que rumava a Delfos acompanhado de Polifontes, seu arauto. No percurso entre Tebas e Delfos (cf. 1.64n), o rei e seu acompanhante teriam encontrado Édipo, sem saber de quem se tratava, e, após uma discussão sobre quem deveria ceder a passagem a quem, Polifontes teria matado um dos cavalos de Édipo, ao que o jovem revidou matando Polifontes e o próprio Laio.

66. O PAI INSTANDO: de acordo com as versões mais aceitas do mito, Édipo teria encontrado Laio depois de sua consulta ao oráculo de Delfos, onde descobrira um futuro marcado pelo parricídio e pelo incesto materno. Temendo voltar para Corinto, Édipo teria decidido exilar-se em Tebas, viagem durante a qual teria encontrado e matado Laio. Instar o pai pode ter, então, tanto o sentido de indagar pelo pai, o que Édipo fez em Delfos, como o de questioná-lo diretamente, tendo-se como pano de fundo a discussão entre ambos que precedeu o crime de Édipo. **DA INÍQUA ESFINGE:** monstro feminino, com cabeça de mulher, peito, patas e cauda de leão e asas de águia, fora enviada a Tebas por Vênus como castigo por Laio ter-se apaixonado por Crisipo, filho de Pélope – uma relação condenada pela deusa. Postada em um rochedo próximo à cidade, a Esfinge devorava qualquer um que dela se aproximasse, sendo famosa

por formular enigmas aos viajantes: caso acertassem, teriam sua vida poupada. Édipo teria sido o único a conseguir adivinhar um enigma da Esfinge (cf. 1.67n). Uma vertente pouco famosa da lenda edípica e dos motivos pelos quais ele teria assassinado o próprio pai, referida por Grimal (*ad loc.*), diz que Édipo e Laio teriam ambos se apaixonado por Crisipo e que, ao brigarem pelo jovem, Édipo teria matado Laio.

67. ASTUTO, RESOLVI – TU ME ENSINANDO – O ENIGMA: Édipo atribui os méritos por ter resolvido o enigma da Esfinge a Tisífone. Sendo assim, a Fúria o teria acolhido em seus braços quando, no seu nascimento, fora posto sobre o chão (cf. 1.61n), teria firmado os seus passos (cf. 1.61-2n) e o teria ajudado a tornar-se o rei de Tebas, já que Jocasta, viúva de Laio, foi-lhe oferecida como esposa em agradecimento por ter livrado Tebas da Esfinge. Depois que Édipo resolveu o enigma, o monstro: ou atirou-se para a morte do rochedo em que habitava, ou foi morto pelo próprio Édipo. De acordo com a tradição, o enigma proposto foi: “qual o animal que ora caminha sobre dois pés, ora sobre três, ora sobre quatro e que, ao contrário do que se espera, é mais fraco quando usa o maior número de pés?” A resposta dada pelo herói foi “o homem”, que, ao nascer, período em que é mais fraco, caminha utilizando os pés e as mãos; quando adulto, período de maior vigor, caminha sobre os dois pés; e, na velhice, caminha com a ajuda de uma bengala.

68-70. SE, COM A MÃE, DOCES FÚRIAS ... TANTAS, MANTIVE: referência às bodas e aos prazeres sexuais obtidos com Jocasta.

70. FILHOS P’RA TI, SABEIS, DANDO: Édipo teve, com Jocasta, quatro filhos: Etéocles, Polinices, Antígona e Ismene. Foram produzidos para Tisífone seja porque são fruto de uma relação incestuosa, que, por sua vez, só ocorreu devido ao parricídio, seja pela indiferença com a qual Etéocles e Polinices trataram Édipo após sua automutilação (cf. 1.74-8).

71-2. SE, QUERENDO CASTIGO, COM OS DEDOS RASGANDO / ARRANQUEI: tomado de pavor após descobrir ter levado a cabo o destino de que tanto fugira, Édipo arranca seus olhos com as próprias mãos (cf. 1.46n). (LACTÂNCIO) “Isto é: apresei-me em consumir o meu próprio suplício, para que futuramente não escondessem tamanhos crimes. Pois, quando os dedos feriram [os olhos], ardente eu me atirei, prono, a uma pena maior que a morte, já que, caso desejasse a morte, estaria fugindo ao suplício”. (MUELLER) “Sêneca (*Oed.* 961-70): *gemit et dirum fremens / manus in ora torsit. at contra truces / oculi steterunt et suam intenti manum / ultro insecuntur, uulneri occurrunt suo. / scrutatur avidus manibus uncis lumina, / radice ab ima funditus uulsos simul / euoluit orbis; haeret in uacuo manus / et fixa penitus unguibus lacerat cauos / alte recessus lumi-*

num et inanes sinus / saeuitque frustra plusque quam satis est furit [“geme e, de modo terrível bramando, / as mãos contra o rosto volta. Mas seus ferozes olhos / puseram-se-lhes no caminho e, dirigidos para suas mãos, / por si mesmos as seguiram e vão ao encontro da sua ferida. / Perscruta ávido com seus dedos recurvos os olhos / e ao mesmo tempo do fundo das raízes inteiramente / arranca os seus globos; agarra-se ao vazio a mão / e, fixa no fundo, com as unhas lacera profundamente / os cavos recessos dos olhos e as esvaziadas cavidades, / e encoleriza-se em vão e mais do que o necessário se enfurece” – trad. Giovani Klein].”

72. E ENTREGUEI À POBRE MÃE OS OLHOS: a cena é bastante forte e encontra um paralelo em Sêneca (*Phoen.* 91-3): *dextra quid cessas iners / exigere poenas? quidquid exactum est adhuc, / matri dedisti* (“ó destra, porque tardas, inerte, / em executar as penas? O que quer que, até então, tens executado, / dê à mãe”).

73. SE PEÇO COISAS DIGNAS: no fim da evocação de Tisífone, Édipo, preparando-se já para exigir serem vingadas as atitudes de seus dois filhos homens, apela para a dignidade de seu pedido: se a Fúria esteve presente em tantos momentos de sua vida, nada mais justo que a vingança seja a ela solicitada. Ainda que seus filhos não o tenham matado, sendo Tisífone conhecida como a Vingadora, é ela quem o rei deposto deve tomar por ultora. **AO FURIOSO:** o próprio Édipo, seja porque está tomado pela cólera, seja porque é atormentado pelas Fúrias.

74. MOSTRASTE: o pedido de Édipo, nefasto (cf. 1.86), só pode ter sido incitado por uma Fúria, visto que, novamente, ele se volta contra o seu próprio sangue – dessa vez, pleno de consciência.

74-9. ÓRFÃO DOS OLHOS, CARENTE ... SOU A ELES NEFASTO?: eis o motivo pelo qual Édipo deseja vingar-se de seus próprios rebentos: a indiferença dos jovens diante de sua ruína.

77. NAS RECENTES EXÉQUIAS: Édipo refere-se à sua cegueira autoinfligida como um rito fúnebre. Tenha-se em mente, aqui, a afirmação do narrador de que o tebano arrastava sua alma **por extensa morte** (cf. 1.48).

80. IGNAVO PAI: Júpiter, que, por não intervir abertamente em sua questão, é para Édipo um covarde. Ao contrário do que sabe Édipo, porém, Júpiter tomará partido na questão, convocando um consílio de deuses e adotando medidas para garantir a extinção da casa dos labdácidas (cf. 1.197-302 e comentários *ad loc.*). **DEVIDA ULTORA:** Tisífone é vingadora tanto por sua função, como por ser uma divindade sempre presente na vida de Édipo, como ele mesmo

alega na prece – por isso, então, **devida**.

82-3. VESTE A COROA INFUSA EM PUS, POR DEDOS FEROS / ARRANCADA: o simbolismo do gesto incitado por Édipo é importante: ao entregar à Fúria sua coroa, age como se lhe entregasse o controle sobre o seu reino – controle esse que se inicia logo mais adiante, com a chegada de Tisífone em Tebas (cf. 1.114-96 e comentários *ad loc.*). A situação da coroa (**infusa em pus e por dedos feros arrancada**) também diz, de certa forma, sobre o estado em que o reino tebano se encontra, **um reino pobre** (1.151), em declínio.

83-5. INSTIGADA COM OS VOTOS PATERNOS ... A HARMONIA / COM FERRO FENDAM: primeira motivação para a guerra que será travada entre os irmãos Etéocles e Polinices: a vingança paterna – a causa no nível humano. Mais adiante, Estácio vai estabelecer outra causa, dessa vez divina (cf. 1.197-302 e comentários *ad loc.*). **ENTRE OS IRMÃOS TE PÕE:** Lactânio (*ad loc.*) destaca o sinal de discórdia presente nesse sintagma (*i media in fratres*, em latim) e aponta um paralelo em Virgílio (A. 1.348): *quos inter medius uenit furor* (“entre eles, veio o furor”). Na *Eneida*, a expressão citada por Plácido também se refere ao ódio fraternal, designando a relação entre Dido e Pigmalião, logo após ele ter assassinado Siqueu, marido de Dido. O movimento de por-se entre os irmãos será importante mais adiante – sobre isso, cf. 3.133-68n.

86. O NEFAS QUE EU COBIÇO VER: a impossibilidade de que Édipo veja cumprir-se a sua maldição, uma vez que está cego, deve ser entendida não como um contrassenso, mas, conforme sugere Elaine Fantham (1997, p. 210), como a admissão da responsabilidade pelo nefas por vir. Se, até o momento, a sua ruína foi causada porque Édipo não foi capaz de enxergar, embora ainda conseguisse ver, o seu fado, ora ele assume a responsabilidade sobre os seus atos.

86-7. SEM TARDAR, SEGUE / DOS JOVENS A RAZÃO: após Tisífone assomar-se aos irmãos, sua própria ganância, aqui designada por **razão** (*mens*, em latim), conduzirá à guerra o seu destino.

88-130. TAIS COISAS DISSE, E A DEUSA ... AFIM A REINOS SÓCIOS: o passo compreende a ação de Tisífone em resposta aos pedidos de Édipo (cf. 1.56-87n) e pode ser dividido em quatro partes: 1. (1.88-96): descrição do local em que Tisífone repousava e de sua partida rumo a Tebas; 2. (1.97-113): consequências dos seus movimentos e descrição física da Fúria; 3. (1.114-23): sinais de sua presença na terra; 4. (1.123-30): ação sobre os irmãos. Compare-se à narração da subida e da ação de Alecto em Virgílio (A. 7.324-9; 7.341-56; 7.511-18): *luctificam Allecto dirarum ab sede dearum / infernisque ciet tenebris, cui tristia bella / iraeque insidiaeque et crimina noxia cordi. / odit et ipse pater Pluton, odere sorores / Tartareae monstrum: tot sese uertit in ora, / tam saeuae facies, tot pullulat atra colubris [...] exim Gorgoneis Allecto infecta uenenis / principio Latium*

*et Laurentis tecta tyranni / celsa petit, tacitumque obsedit limen Amatae, / quam super aduentu Teu-
crum Turnique hymenaeis / femineae ardentem curaeque iraeque coquebant. / huic dea caeruleis
unum de crinibus anguem / conicit, inque sinum praecordia ad intima subdit, / quo furibunda do-
mum monstro permisceat omnem. / ille inter uestis et leuia pectora lapsus / uoluitur attactu nullo,
fallitque furem / uipeream inspirans animam; fit tortile collo / aurum ingens coluber, fit longae ta-
enia uittae / innectitque comas et membris lubricus errat. / ac dum prima lues udo sublapsa uene-
no / pertemptat sensus atque ossibus implicat ignem / necdum animus toto percepit pectore flam-
mam [...] at saeua e speculis tempus dea nacta nocendi / ardua tecta petit stabuli et de culmine sum-
mo / pastorale canit signum cornuque recuruo / Tartaream intendit uocem, qua protinus omne /
contremuit nemus et siluae insonuere profundae; / audiit et Triuiæ longe lacus, audiit amnis / sulpu-
rea Nar albus aqua fontesque Velini, / et trepidæ matres pressere ad pectora natos* (“Do Orco e an-
tro furial avoca Alecto, / que maldades luctífica respira, / guerras, traições, rancor; monstro
que odeiam / as Tartáreas irmãs e o rei das sombras: / com tanto esgar se afeia e a testa
franze, / tanto a enegrecem pululantes cobras! [...] Do Gorgônio veneno Alecto infecta, / ao
Lácio e à régia voa, entra furtiva / no retiro de Amata, cuja ardência / dos Frígios contra a
vinda e a pró de Turno / feminis mágoas e ódios recoziam. / Da azul grenha uma serpe a
deusa arranca, / no corpo lha insinua, por que o paço / todo empeste e alborote furibunda. /
Coa a serpe entre a veste e o liso seio / com mole tato, com macio engano / lhe infunde alma
vipérea: em torçal de ouro / faz-se ao pescoço; num listão se alonga, / enleia a coma e lhe
percorre os membros. / E enquanto alastra a úmida peçonha, / e em ossos e sentidos prende
a chama, / antes que se lhe incenda o ânimo inteiro [...] Nociva a tempo, da atalaia a Dira /
monta à choça, e do cume a voz Tartárea / na encurvada corneta esforça e tange / rebate
pastoral: todo em redondo / retremendo o arvoredado, a funda mata / reboou. Longe o ouviu
da Trívia o lago; / branco de água sulfúrea o Nar e as fontes / o ouviram do Velino; e as mãos
de susto / aos peitos os filhinhos apertaram” – trad. Odorico Mendes). Mais extensa do que a
descrição de Virgílio, dentre os aspectos da cena explorados por Estácio alguns são comuns
ao Mantuano, os quais serão detalhados *ad loc*.

89-90. DO INAMENO / COCITO: o Cocito é um dos rios dos Infernos, conhecido como o rio dos La-
mentos. **INAMENO:** (LACTÂNCIO) “Palavra considerada por certos menosprezadores, os quais
pensam que o poeta devesse dizer *squalidissimum* [“horribilíssimo”]. No entanto, ele disse
inamoenum, sem nenhuma amenidade [...] Como em Virgílio (A. 6.438): *tristisque palus inama-
balis unda* [“triste e inamável” – trad. Odorico Mendes].”

91. DERA ÀS COBRAS LAMBEREM AS ÁGUAS SULFÚREAS: ou seja, sentada à beira do Cocito, Tisífone teria deixado as serpentes que habitam-lhe a cabeça deleitarem-se nas águas do rio infernal.

93-4. E MARCHA A INANE / TURBA E TEME A SENHORA ENCONTRAR: enquanto Tisífone é temida pela **inane / turba** que marcha às portas dos Hades, a Alecto de Virgílio é odiada tanto por Plutão, o senhor dos Infernos, como por suas próprias irmãs (A. 7.327-8): *odit et ipse pater Pluton, ode-re sorores / Tartareae monstrum* (“monstro que odeiam / as tartáreas irmãs e o rei das sombras” – trad. Odorico Mendes). Diz **inane a turba** por ser a horda de sombras que aguarda sua entrada no Hades – sem um corpo, portanto, são **inanes**.

95. CALÍGENOS CAMPOS: os campos dos Infernos, dominados por denso nevoeiro (“caligem”).

96. AOS PORTÕES DE TÊNARO: promontório localizado na Lacônia, ou Lacedemônia, no Peloponeso; um dos pontos mais ao sul na região. É o lugar da entrada do Hades e onde, acredita-se, Plutão tinha sua morada (cf. 1.100n). Virgílio (G. 4.467): *Taenarias etiam fauces, alta ostia Di-tis* (“De Dite o pórtico, as Tenárias fauces” – trad. Odorico Mendes).

97-9. O DIA A SENTE, E EM NUVEM ... DESLOCOU EM SEUS OMBROS: o tamanho de Tisífone é reforçado pelas reações que sua chegada provoca na terra: percebida pelo Dia e vista pela Noite (1.97), causou o estremecimento de Atlas (1.99). Sobre a monstruosidade da deusa, cf. 1.103-4n.

98. E ATIÇA SEUS CORCÉIS LUZENTES: para evitar o encontro com Tisífone, a Noite apressa os cavalos que puxam seu carro.

98-9. O ALTIVO ATLAS / ESTREMECEU E O CÉU DESLOCOU EM SEUS OMBROS: filho de Jápeto e Clímene, Atlas era um dos gigantes (por isso **altivo**) que enfrentou Zeus e os olímpianos durante a Gigantomaquia, a batalha contra os gigantes que sucedeu a Titanomaquia. Depois de derrotados os inimigos, Zeus condenou Atlas, como um castigo por sua insurgência, a passar a eternidade sustentando sobre seus ombros a abóboda celeste. Diz-se que sua morada está no oriente, junto ao país das Hespérides (cf. 2.280-1n).

100. MÁLEO: isto é, “de Málea”. Promontório localizado ao sul do Peloponeso, na Lacônia, e conhecido como uma das entradas do Mundo Inferior. Embora geograficamente distem bastante entre si o Tênaros e Málea, Estácio os aproxima como se fossem contíguos ou, ainda, sobrepostos. Contudo, se pensarmos que Tisífone está rumando desde as profundezas do Tártaro em direção a Tebas – mais próxima de Málea que de Tênaros –, não é difícil de imaginar que tenha passado, ainda no submundo, pelas entradas de Tênaros até que saísse, ao fim, por Málea.

100-1. A VIA / NOTA A TEBAS: se, na voz de Édipo, era clara a presença de Tisífone na vida da personagem (cf. 1.56-87 e comentários *ad loc.*), aqui o narrador afirma serem comuns também as idas da Fúria a Tebas (cf. 1.102n), a cidade **culposa** (cf. 1.2n).

102: NÃO VAI OU VOLTA: em latim, *itque reditque uias*. (MUELLER) “Virgílio (A. 6.122): *itque reditque uiam totes* [“tanto essa via anda e desanda” – trad. Odorico Mendes].” **E O TÁRTARO IRMÃO NÃO PREFERE:** (LACTÂNCIO) “Não prefere habitar no Tártaro mais do que em Tebas depois de que, nesse lugar, prazeirosamente provou os crimes de parricídio e incesto.”

103-4. CEM CERASTAS SOMBREIAM-LHE ERGUIDAS A FACE, / DO CRÂNIO A MENOR TURBA: outra imagem que denuncia a grandeza da Fúria (cf. 1.97-9n): dos grupos de serpentes que habitam-lhe a cabeça, o menor é formado por cem indivíduos. O poeta não declara o tamanho monstruoso de Tisífone, mas deixa que seja entrevisto pelas imagens que cria. Como a Aleto virgiliana (A. 7.329): *tot pullulat atra colubris* (“tanto a enegrecem pululantes cobras” – trad. Odorico Mendes).

105-6. FÉRREA LUZ QUAL, COM NUENS DAS ARTES ATRÁCIAS, / FEBE CORASSE: (LACTÂNCIO) “Átraxe, que foi rei da Tessália [...] e que foi o primeiro a estabelecer a arte mágica junto aos Trácios. Logo, a [arte] Atrácia é a ciência da magia.” É dizer, então, que a cor dos olhos de Tisífone era **férrea** (“alaranjada, avermelhada”) como a que, por meio da magia atrácia, recobre **Febe** (a lua).

106-7. INFUSA EM PEÇONHA DISTENDE-SE / E COM PUS INCHA A PELE: como a Aleto virgiliana (A. 7.341): *exim Gorgoneis Allecto infecta uenenis* (“então, pelos Gorgônios venenos infectada Alecto”).

107-9. ARDENTE, À TORVA BOCA ... E MORTE AO POVO VÊM: ainda seguindo Virgílio na descrição de Aleto, Estácio amplifica a imagem da Fúria por meio de uma enumeração (A. 7.325-6): *cui tristia bella / iraeque insidiaeque et crimina noxia cordi* (“tristes guerras, / iras, insídias e nóxios crimes em seu peito”).

111. ÁTROPO: uma das Moiras (Átropo, Cloto e Láquesis), às quais correspondem as Parcas latinas (Nona, Décima e Morta). São responsáveis por fiar, tecer e cortar o fio da vida de cada um dos seres existentes. **PROSÉRPINA:** a Rainha dos Infernos. Por sua função, pois são diferentes os seus mitos, é identificada com Perséfone.

112. MÃOS IRMÃS: as mãos são irmãs tal como são irmãos os dois varões aos quais Tisífone se assoma: se, agitando aquelas, ela manifesta a morte e a dor, agitando estes também conse-

guirá os mesmos resultados.

112-3. E UM FOGO FÚNEBRE / LUZ NESTA, E AQUELA FERE O CÉU COM VIVA SERPE: a descrição de Tisífone carregando o fogo e uma serpente em suas mãos segue o imaginário comum, como em Virgílio (A. 6.570-2): *continuo sontis ultrix accincta flagello / Tisiphone quatit insultans, toruosque sinistra / intentans anguis uocat agmina saeua sororum* (“com flagelo contínuo cingida, a ultriz dos crimes, / Tisífone, atacando, os fadiga e, aos torvos a sestra / ameaçando com uma serpente, chama a seva tropa das irmãs”).

114-22. DETÉM-SE ONDE O CITÉRON ... AO PEITO APERTOU SEU PALÊMON: Tisífone chega à terra e para sobre o monte Citéron (localizado na Beócia, junto a Tebas, e consagrado a Dionísio), de onde adverte a humanidade de sua presença por meio dos silvos das serpentes que lhe cobram a cabeça (cf. 1.103-4n). Seu aviso ecoa por toda a Grécia: faz ressoarem os **mares Aqueus** (cf. 1.116n) e os **reinos Pelopeus** (cf. 1.117n), e até mesmo o **Parnaso** (cf. 1.118n) e o **Eurota** (cf. 1.118-9n) ouvem os viperinos sibilos, que também abalam o **Eta** (cf. 1.119-20n) e o **Istmo** (cf. 1.120n). Novamente (cf. 1.97-9n; 1.103-4n), Estácio faz com que se vislumbre a grandiosidade da Fúria por meio de imagens hiperbólicas. Em Virgílio, Alecto, buscando inflamar os latinos contra Eneias, toca à trompa o rebato, que ecoa por diferentes lugares, e, assim como Tisífone, se posiciona em um local alto tanto para que seu toque atinja os mais longínquos campos, como para mostrar-se soberana sobre os homens (A. 7.511-7): *at saeua e speculis tempus dea nacta nocendi / ardua tecta petit stabuli et de culmine summo / pastorale canit signum cornuque recuruo / Tartaream intendit uocem, qua protinus omne / contremuit nemus et siluae insonuere profundae; / audiit et Triuia longe lacus, audiit amnis / sulpurea Nar albus aqua fontesque Velini* (“Nociva a tempo, da atalaia a Dira / monta à choça, e do cume a voz Tartárea / na encurvada corneta esforça e tange / rebato pastoral: todo em redondo / retremendo o arvoredado, a funda mata / reboou. Longe o ouviu da Trívia o lago; / branco de água sulfúrea o Nar e as fontes / o ouviram do Velino” – trad. Odorico Mendes).

115: CRINA VERDE: o cabelo é verde porque são verdes as cobras. **SEVOS SILVOS:** como em Virgílio, Tisífone sibila porque sibilam suas cobras (A. 7.447): *tot Erinys sibilat hydrys* (“com tais serpentes / Erínis silva” – trad. Odorico Mendes).

116. MARES AQUEUS: da Aqueia, região localizada no norte do Peloponeso, banhada pelo mar Jônio.

117. REINOS PELOPEUS: os reinos de Pélope e seus descendentes – sobre os personagens, cf. 1.246-7n; 1.325n.

118. PARNASO, O CENTRO DO CÉU: monte localizado na região central da Grécia, é comumente visto como a morada de Apolo e das Musas – em versões alternativas àquelas que as localizam no monte Píero (cf. 1.3n). A seus pés, está a cidade de Delfos, onde Apolo instalou seu principal oráculo. Diz **o centro do céu** por causa do ônfalo (Ὠμφαλός – *Omfalós*) – sobre isso, cf. 1.562n.

118-9. ROCHOSO / EUROTA: um rio da Lacônia, região sul do Peloponeso. Diz **rochoso** em provável referência a seu leito. Sobre o rio, cf. 4.227n.

119-20. O SOM NOS CIMOS LANÇOU O ETA DÚBIO / AO LADO: um monte da Tessália, região central da Grécia continental. De acordo com Amar-Lemaire (*ad loc.*), por estar localizado na divisa com a Dórida, é dito **dúbio** (“ambíguo”). Lactâncio (*ad loc.*) se equivoca, dizendo estar na divisa entre Tessália e Trácia.

120. MAL OBSTOU AS ONDAS DUPLAS O ISTMO: refere-se ao Istmo de Corinto, que une a Grécia continental ao Peloponeso. Por sua geografia, é banhado, no ocidente, pelo mar Jônio e, no oriente, pelo Egeu. Por isso diz que, por causa de Tisífone, **mal** o Istmo conseguiu impedir as **ondas duplas** – as que vinham do Jônio e as do Egeu.

121-2. A PRÓPRIA MÃE, VAGANDO O FILHO ... APERTOU SEU PALÊMOM: sobre Palêmon e Leucoteia, cf. 1.13n; 1.13-4n. Enquanto vagava Palêmon pelos mares sobre um **curvo boto** (*i.e.*, um golfinho), Leucoteia o teria puxado para si, arrancando-o das rédeas do animal para apertá-lo contra seu peito no intuito de protegê-lo. A imagem retoma Virgílio, logo após o toque do rebate por Alecto (cf. 1.114-22n), que descreve as mães assustadas recolhendo ao peito seus rebentos (A. 7.518): *et trepidae matres pressere ad pectora natos* (“e as mães de susto / aos peitos os filhinhos apertaram” – trad. Odorico Mendes).

123-30. QUANDO NO ALTO CADMEIO ... AFIM A REINOS SÓCIOS: no passo, Estácio descreve a ação de Tisífone sobre Etéocles e Polinices, detalhando os afetos que incutira em seus corações (cf. 1.138-9n). Há dois momentos na *Eneida* em que Alecto desperta, em humano peito, afetos nefastos: um deles diz respeito à sua ação sobre Turno (A. 7.456-9), quando lança ao peito do rútilo a tocha que traz à mão (cf. especialmente 2.124n): *sic effata facem iuueni coniecit et atro / lumine fumantis fixit sub pectore taedas. / olli somnum ingens rumpit pauor, ossaque et artus / perfundit toto proruptus corpore sudor* (“assim falando, um dos fachos atira no peito de Turno, / de fumegante esplendor, que nas vísceras fundo lhe cala. / Quebra-lhe o sono temor indizível. Desperta de pronto, / gélido o corpo; dos membros lhe escorre suor abundante” – trad. Carlos Alberto Nunes); o outro, quando lança uma de suas serpentes sobre Amata

(A. 7.341-56 *apud* 1.88-130n), também com o intuito de acelerar a batalha entre Troianos e Latinos: *exim Gorgoneis Allecto infecta uenenis / principio Latium et Laurentis tecta tyranni / celsa petit, tacitumque obsedit limen Amatae, / quam super aduentu Teucrum Turnique hymenaeis / femineae ardentem curaeque iraeque coquebant. / huic dea caeruleis unum de crinibus anguem / conicit, inque sinum praecordia ad intima subdit, / quo furibunda domum monstro permisceat omnem. / ille inter uestis et leuia pectora lapsus / uoluitur attactu nullo, fallitque furem / uipeream inspirans animam; fit tortile collo / aurum ingens coluber, fit longae taenia uittae / innectitque comas et membris lubricus errat. / ac dum prima lues udo sublapsa ueneno / pertemptat sensus atque ossibus implicat ignem / necdum animus toto percepit pectore flammam* (“Logo dirige-se Aleto, das Górgonas feias picada, / ao Lácio belo e à morada do rei dos laurentes, Latino, / té penetrar de mansinho no calmo aposento de Amata, / que se inflamara de pouco com a nova da vinda dos teucros / e o casamento de Turno. Femíneos queixumes gemia. / Solta da grenha a deidade uma serpe e no peito lhe atira, / té não cravar-se no fundo das vísceras, para que Amata / espicaçada por ela alvoroce de fúrias o paço. / Por entre as vestes e o peito escorrega a serpente maldosa, / sem ser sentida enrolando-se em tudo e injetando-lhe n’ alma, / à revelia da pobre rainha, pendor viperino. / Ora no belo pescoço se muda em colar de ouro fino, / ora os cabelos ataca; por tudo nos membros serpeia. / Enquanto o vírus opera em surdina nos fracos sentidos / e pelos ossos adentro os inflama com fogo ainda lento, / sem que tornado já esteja das chamas o peito ardoroso” – trad. Carlos Alberto Nunes).

123. ALTO CADMEIO: a cidadela de Tebas, onde estava o palácio de Édipo (cf. 1.7-8n).

124. COM A AFEITA NUVEM TINGIU OS PENATES: porque sempre mergulhara Tebas em sua nuvem de crimes, o poeta a qualifica, aqui, como costumeira (**afeita** – cf. 1.102n). **PENATES:** cf. 1.50n.

125-30. NO PEITO DOS IRMÃOS MOVEU-SE ... AFIM A REINOS SÓCIOS: enumeração dos malefícios causados por Tisífone à família de Édipo, especialmente no que diz respeito à relação entre os irmãos Etéocles e Polinices.

125. DOS IRMÃOS: de Etéocles e Polinices.

128. O TURNO ROTO: a alternância do cetro entre os herdeiros do trono, interrompida por Etéocles já no final do primeiro ano de seu reinado.

128-9: A ESPERA ANSIOSA / DO JUS DO OUTRO: (MUELLER) “Lucano (*Luc.* 1.124): *impatienque loci fortuna secundi* [“e tua estrela avessa a ser segunda” – trad. Brunno Vieira].” No texto de Lucano, o narrador se refere a César, cuja fortuna seria avessa a esperar pelo trono.

129-30: O TÃO DOCE SOZINHO NO SUMO / POSTO ESTAR E A DISCÓRDIA AFIM A REINOS SÓCIOS: ou seja, o sentimento agradável de sentar-se sozinho no trono (o **sumo / posto**) e a **discórdia** que acompanha os reinos cujo poder supremo é dividido entre iguais (os **reinos sócios**). (MUELLER) “Lucano (*Luc.* 1.92-3): *nulla fides regni sociis, omnisque potestas / inpatiens consortis erit* [“nenhum dos três será leal, e a onipotência / rateio não tolerará” – trad. Brunno Vieira].” Em Lucano, refere-se o trecho à fadada impossibilidade de um reino ser dividido entre três homens (Crasso, Pompeu e César). **REINOS SÓCIOS:** é dizer “reinos divididos, compartilhados”. Assim como Roma foi dividida entre três generais, o que acabou provocando uma guerra civil pelo poder (cf. *Luc.* 1.92-3 – *supra*), a sociedade do trono tebano também não vai resistir à discórdia entre os soberanos.

131-8. COMO QUANDO NOVILHOS PEGOS ... IRMÃOS / NÃO SE AGRAVA: primeiro dos símiles que comparam a atitude dos edipônidas, em conjunto ou isoladamente, a touros enfurecidos. Ora, Etéocles e Polinices são aproximados a novilhos cujos pescoços não conhecem o peso do jugo (da **relha**), mas que recebem neles um arado. Tal como estes, então, a disputa entre ambos e o incômodo do jugo fazem com suas forças sejam aplicadas em direções opostas e que seus trajetos se sobreponham, resultando inútil seu esforço. Perceba-se como, dessa forma, Estácio ressalta o ônus que cabe aos reis. Sobre este e os outros símiles de touro, cf. 2.323-32n.

131. DE GREI TORVA: em latim, *per torua armenta*; como destaca Amar-Lemaire (*ad loc.*), a ferocidade do gado é característica positiva em seu valor, conforme sugere Virgílio (*G.* 3.51-2): *optima toruae / forma bouis* (“ótima, da torva / vaca, a forma”).

133. PORQUE NUNCA SOUBE A RELHA: ou seja, “porque desconhece o jugo”.

134. NOBRE A CERVIZ AFUNDA NOS NODOSOS OMBROS: para dificultar que fosse colocado o jugo, afunda a cerviz em direção a seu corpo – aos **ombros**, portanto.

135. PUXAM SE OPONDO: é dizer “em direções opostas”.

135-6. FOLGAM OS LAÇOS COM FORÇA / IGUAL: isto é, afrouxam os laços que os prendem um ao outro e ao arado, fazendo a mesma força em direções opostas (cf. 1.135n).

138-9. PACTUAM TROCAR ANUALMENTE / O TRONO PELO EXÍLIO: como não entraram em um consenso sobre quem deveria assumir o trono abdicado por Édipo, seus filhos compactuaram em alternar o cetro: cada um deles reinaria durante um ano, período em que o outro deveria exilar-se para não intervir no reinado do irmão. A sociedade entre os edipônidas não é, pois, so-

mente uma consequência da influência de Tisífone sobre ambos (cf. 1.123-30), mas um mecanismo que alimenta e é alimentado pelos afetos neles incutidos pela Fúria: a **atra inveja** (1.126), o **sevo amor** pelo mando (1.127-8), o **turno** interrompido (1.128), a **espera ansiosa** enquanto se cumpre o direito do outro (1.128-9), a doçura de estar sozinho no **sumo / posto** (1.129-30) e, por fim, a **discórdia afim a reinos sócios** (1.130).

139-40. E, ASSIM, POR JUS MALIGNO / FAZEM VIRAR A SORTE: tentam os edipônidas, com seu pacto, impôr-se sobre a Fortuna (a **Sorte**), fazendo com que a felicidade daquele que reina se torne a infelicidade do exílio por meio de um acordo humano. Estava o acordo, então, fadado ao fracasso, mesmo que sem a interferência de Tisífone ou dos deuses, uma vez que é a Fortuna quem dirige a vida dos homens (Grimal, *ad loc.*).

140-1. E A QUEM DETÉM O CETRO / SEMPRE, NO FIM DO TRATO, O HERDEIRO AFLIGIRÁ: por ser certo o destino, por causa do combinado pelos irmãos, quanto mais próximo estiver o fim do tempo de mando, mais a figura do próximo rei oprimirá quem tem o cetro. Se não há tranquilidade para aquele que se exila, também não há para quem está no trono.

142. A PIEDADE ENTRE OS IRMÃOS: a piedade, ou *pietas* em latim, é um conceito bastante importante para a obra. Diferente do conceito cristão de *piedade*, porém, a *pietas* romana se refere ao respeito para com os deuses e os antepassados, principalmente, e também para com o estado. Na literatura latina, o Eneias virgiliano é construído, até certo ponto, como a figuração dessa virtude, que serve em diferentes momentos da *Eneida* como epíteto ao herói (o *pio Eneias*). Na *Tebaida*, à *pietas* de Eneias opõe-se o nefas que perpassa e embasa todo o canto estaciano, aclamado por Édipo em sua oração e provocado por Tisífone (cf. 1.86), que se associa aos irmãos (sobre isso, cf. 1.557-668n; 3.350-1n).

142-3. DA LUTA, / A PAUSA QUE AO SEGUINTE REI NEM VAI CHEGAR: o período de paz, compreendido entre a troca dos reis, de fato não dura até o segundo reinado, pois, ao final do tempo acordado, Etéocles se nega a entregar o trono a seu irmão, quebrando o pacto e dando ensejo à guerra. Em Lucano, diz o narrador sobre Crasso (*Luc.* 1.100): *Crassus erat belli medius mora* (“Crasso era, no meio [deles], da guerra a pausa”).

144-51. NEM COM CRASSOS METAIS ... POR REINO POBRE LUTAM: descreve o poeta a situação em que se encontra o palácio de Tebas, destacando a completa derrocada de sua suntuosidade com a nova situação. Como aponta Jean-Michel Hulls (2014, p. 199-201), o passo demonstra que a tirania, o grande prêmio buscado pelos irmãos, independe da suntuosidade do reino almejado: **um poder nu / equipou os irmãos** – é dizer, pois, que tomaram suas armas pura e sim-

plesmente pelo poder, e não visando às riquezas do paço (**por reino pobre lutam**).

Essa ideia parece ser contrária à defendida pelo Tiestes de Sêneca, para quem um reino pobre é garantia de grande quietude (Thy. 446-470): *mihi crede, falsis magna nominibus placent, / frustra timentur dura. Dum excelsus steti, / numquam pauere destiti atque ipsum mei / ferrum time-re lateris. O quantum bonum est / obstare nulli, capere securas dapes / humi iacentem! scelera non intrans casas, / tutusque mensa capitur angusta cibus; / uenenum in auro bibitur - expertus loquor: / malam bonae praeferre fortunam licet. / Non uertice alti montis impositam domum / et eminentem ciuitas humilis tremit / nec fulget altis splendidum tectis ebur / somnosque non defendit excubitor meos; / non classibus piscamur et retro mare / iacta fugamus mole nec uentrem improbum / alimus tributo gentium, nullus mihi / ultra Getas metatur et Parthos ager; / non ture colimur nec meae ex-cluso Ioue / ornantur arae; nulla culminibus meis / imposita nutat silua, nec fumant manu / succen-sa multa stagna, nec somno dies / Bacchoque nox iungenda peruigili datur: / sed non tememur, tuta sine telo est domus / rebusque paruis magna praestatur quies. / immane regnum est posse sine regno pati* (“Crede em mim, com falsos títulos as grandes coisas agradam, / e em vão são temidas as difíceis. Enquanto estive no alto, / nunca parei de temer e o próprio ferro que ao meu / lado eu tinha eu receava. Ah! Quão bom é / não obstar a ninguém, ter as salvas refeições / deitado ao chão. Os crimes não entram nas casas, / e é segura a comida tomada de estreita mesa; / no ouro, o veneno é bebido – experiente, eu falo: / a má sorte, é lícito preferir à boa. / Em nada, a casa imposta em cima de alto monte, / notável, a gente humilde teme, / nem fulge, esplêndido, nos altos tetos o mármore, / e aos sonhos meus, não defende a senti-nela; / não pescamos com frotas e, de retro, o mar, / lançada a mole, não espantamos, nem um ventre ímprobo / alimentamos com o tributo dos povos, nenhum campo, / pra mim, é medido pra além dos Getas e dos Partos; / com incenso não somos venerados, nem, exclu-ndo-se Jove, as minhas / aras são ornadas; em meus tetos, nenhuma / selva imposta se move, nem fumam, por tropa / queimados, meus pântanos, nem ao sono os meus dias / e a Baco as noites passadas em vigília são dadas: / mas não somos temidos, à salvo sem dardos está a casa / e, com coisas pequenas, uma magna quietude se assoma. / Um reino enorme é poder passar ser reino”).

144. ARTESÕES: trata-se de um tipo de adorno que é colocado em abóbadas e tetos. Como em Virgílio (A. 8.24-5): *iamque sub auras / erigitur summi que ferit laquearia tecti* (“monta aos ares, / do sumo teto os artesões ferindo” – trad. Odorico Mendes).

145. EM PEDRAS GREGAS: (LACTÂNCIO) “Mármore lacedemônio e outros metais da Grécia.”

147-8. NEM GUARDAVAM O SONO INTRANQUILO DOS REIS / OS PILOS: lança típica das legiões romanas; aqui, o termo é empregado metonimicamente no lugar de “lanceiros”. Em Lucano, são metonímia para as tropas romanas (*Luc.* 1.5-8): *certatum totis concussi uiribus orbis / in commune nefas, infestisque obuia signis / signa, pares aquilas et pila minantia pilis* (“o combate violento de um mundo caduco / por um nefas total, e estandartes adversos / serem águias iguais, e pilos contra pilos” – trad. Brunno Vieira).

148. NO POSTO ALTERNO: (AMAR-LEMAIRE) “*statio* [**posto**] é utilizada, junto aos romanos, com sentidos diversos. Significa, primeiro, a coorte de soldados que vigiava diante das portas do palácio – noção empregada neste lugar.”

149-50. AO VINHO CONFIAR AS JOIAS, / OU DE SUJAR COM CEIAS O OURO: isto é, servir o vinho em jarros ornados por gemas, e a comida em bandejas de ouro. Jean-Michel Hulls (2014, p. 200) defende, especialmente a partir da leitura destes versos, a influência da *Tebaida Cíclica* sobre o poema de Estácio, vendo na decadência do paço tebano uma referência a um dos fragmentos do poema grego, no qual Édipo, recebendo de Polinices uma taça de prata, em vez de ser servido na teça de Cadmo, se revolta e amaldiçoa seus filhos (*GEF Thebais* fr.2 [West]): *αὐταρ ὁ διογενὴς ἥρως ζανθος Πολυνείκης / πρώτα μὲν Οἰδιπόδῃ καλὴν παρεθηκε τράπεζαν / ἀργυρέην Κάδμοιο θεόφρονος· αὐταρ ἔπειτα / χρύσειον ἐμπλησεν καλὸν δέπας ἥδεος οἴνου. / αὐταρ ὁ γ' ὡς φράσθη παρακείμενα πατρός ἰοῖο / τιμῆντα γέρα, μέγα οἱ κακὸν ἔμπεσε θυμῷ, / αἶψα δὲ παιο-ῖν ἔοισι μετ' ἀμφοτέροισιν ἐπαράς / ἀργαλέας ἤρατο, θεάν δ' οὐ λάνθαν' Ἑρινύν, / ὡς οὐ οἱ πατρῷ' ἐνῆϊ <εν> φιλότῃτι / δάσσαντ', ἀμφοτέροισι δ' αἰεὶ πόλεμοι τε μάχαι / τε...* (“mas o nobre herói, Polinices cabelos-de-linho, primeiro colocou ao lado de Édipo a fina mesa de Cadmo, piedoso; então ele encheu sua fina taça de ouro com vinho. Mas quando percebeu que os preciosos tesourtos de seu pai haviam sido colocados ao seu lado, algum grande mal invadiu seu coração e, ao mesmo tempo, lançou maldições terríveis em ambos os filhos, que a divina Erínia não deixou de notar: que eles não dividiriam seu patrimônio amistosamente, mas os dois sempre em batalhas e conflitos...”). A semelhança estaria especialmente na relevância que as riquezas têm para o surgimento dos conflitos. Assim, então, Estácio reforçaria a ideia de que a tirania pode manifestar-se independentemente dos bens materiais: o poder pelo poder, **um poder nu** – sobre isso, cf. 1.144-51n.

150-1. UM PODER NU / EQUIPOU OS IRMÃOS: POR REINO POBRE LUTAM: sobre o passo, cf. 1.144-51n; 1.149-50n.

152. QUEM, DA ÁRDUA DIRCE, INCULTA TERRA LAVRARIA: Dirce, esposa de Lico, rei de Tebas que pre-

cedeu o reinado de Anfíon (cf. 1.9-10n) e Zeto. Enciumada de Antíope, sobrinha de Lico, Dirce a maltratou até que a jovem fugiu e se abrigou no Monte Citéron (cf. 1.33n; 1.114-22n), onde deu à luz Anfíon e Zeto. Buscando vingar sua mãe, os jovens invadiram Tebas, destruíram Lico e ataram Dirce a um touro que a arrastou até matá-la. Então, ou o corpo de Dirce foi lançado a uma fonte que, por isso, recebeu seu nome; ou, por intermédio de Dionísio, deus adorado por Dirce, transformou-se nessa fonte (cf. 1.38n; 3.204-6n). Diz respeito a Tebas e ao seu entorno, onde, fora dos limites da cidade, estão os campos incultos (a **inculta terra**). Assim, utilizando uma referência local, reporta-se o poeta àquele que, durante o primeiro reinado, estaria exilado.

153. E QUEM, DO ÊXULE TÍRIO, FRUIRIA O HÚMIL TRONO: TÍRIO, isto é, de Tiro, na Fenícia, donde Cadmo saíra em busca de sua irmã (cf. 1.5n). O êxule Tírio é, pois, Cadmo; seu humil trono, Tebas. Assim, utilizando como referência um exilado, reporta-se o poeta àquele que primeiro reinaria em Tebas.

154-5. NISSO, O FÁS, O JUS E O CERTO FINDAM, / DE MORTE E VIDA O PEJO: (LACTÂNCIO) “O **jus** diz respeito às leis, porque ofendeu um pacto; o **fás**, aos homens, porque os irmãos empunharam armas contra si próprios; o **certo**, porque ambos lutaram até sua destruição; e o **pejo** de vida e de morte porque perecem por ferimentos mútuos e são cremados por chamas fúnebres discrepantes.”

156-61. E SE O CRIME IRROMPER ... E ÀS QUENTES / DE NOTO?: o narrador continua sua interpelação aos irmãos, perguntando o que aconteceria se o seu crime atingisse a terra em seus quatro cantos – norte, sul, leste e oeste.

156. CRIME: não diz “guerra”, mas **crime**; não se refere, então, à ação, mas sim àquilo que a qualifica, de modo análogo ao que faz quando abre o seu canto dando a ênfase da primeira palavra do poema ao qualitativo **Fraternas** (cf. 1.1n), e quando se refere aos olhos e à destra de Édipo (cf. 1.46n).

157-61. OS QUAIS O SOL, DO ORIENTE ... E ÀS QUENTES / DE NOTO?: a descrição geográfica, especialmente voltada para a delimitação de extensões territoriais, feita a partir do Sol, como também, este é o caso, de outros fenômenos da natureza e seus respectivos traços climáticos, são comuns na poesia épica. Veja-se, por exemplo, Lucano, que fala das dimensões do Império Romano (Luc. 1.13-8): *heu, quantum terrae potuit pelagique parari / hoc quem ciuiles hauserunt sanguine dextrae, / unde uenit Titan et nox ubi sidera condit / quaque dies medius flagrantibus aestuat horis / et qua bruma rigens ac nescia uere remitti / astringit Scythico glaciale frigare pontum!*

(“Ai!, com o sangue entre Romanos derramado / quanto de terra e mar seria conquistado / de onde vem Titã-Sol e a Noite astros esconde, / desde onde o meio-dia deita fogo às horas / até onde o severo inverno, a primavera / desconhecendo, empedra o mar com Cítio frio” – trad. Brunno Vieira).

157-8. OS QUAIS O SOL, DO ORIENTE REMETIDO, / ÀS PORTAS SE CURVANDO DA IBÉRIA, CONTEMPLA: surgindo do Oriente, o sol contempla o limite oeste do polo; curvando-se **às portas da Ibéria**, a oeste da Grécia, contempla o limite leste.

159-60. AS TERRAS QUE DE LONGE COM RAIOS OBLÍQUOS / ELE TANGE: as terras que não estão diretamente sob o curso do Sol.

160. ÀS FRIAS DE BÓREAS: Bóreas é o vento do norte, frio e violento; e suas terras, então, a partir das quais ele sopra, também são frias. Sobre ele, diz Aulo Gélio (2.22.9): *sed qui ab aestiua et solstitiali orientis meta uenit, Latine "aquilo", Boreás Graece dicitur, eumque propterea quidam dicunt ab Homero αἰθρηγενέτες appellatum; boream autem putant dictum ἀπὸ τῆς βοῆς, quoniam sit uiolenti flatus et sonori* (“mas aquele que vem da extremidade estival e solsticial do oriente em latim se diz *Aquilo* (Aquilão), em grego *Boreás* (Bóreas), e alguns dizem que por isso ele foi chamado *αἰθρηγενέτες* (filho do éter) por Homero; quanto a Bóreas, pensam ter sido dito *ἀπὸ τῆς βοῆς* (a partir do grito), porque seja de sopro violento e sonoro” – trad. José Seabra).

160-1. ÀS QUENTES / DE NOTO?: Noto é o vento do sul, quente e formador de nuvens; e suas terras, então, são quentes como o vento. Sobre ele, diz Aulo Gélio (2.22.14): *meridies autem, quoniam certo atque fixo limite est, unum meridiale uentum habet: is Latine "auster", Graece notos nominatur, quoniam est nebulosus atque umectus; notis enim Graece umor nominatur* (“o meio-dia porém, porque está em limite determinado e fixo, tem um só vento meridional: este em latim é denominado *Auster* (Austro), em grego *Nóτος* (Noto), pois que é nebuloso e também úmido; com efeito em grego umidade se diz *νοτίζ*” – trad. José Seabra).

161. FRÍGIA: região da Ásia Menor, ou Anatólia. **TÍRIA:** segundo Lactânio (*ad loc.*), fala da região porque os tírios são comumente visto como homens muito ricos.

162-4. NEFANDAS URBES E ÁREAS ... SENTAR-SE AO TRONO DE ÉDIPO: (LACTÂNCIO) “[...] significa que essas causas [**nefandas urbes e áreas torvas**] moveram o ódio, as quais deveriam suprimir. Os irmãos deveriam, então, fugir das **áreas torvas** e do cetro do parricida Édipo mais do que, para esses, apressar-se com crimes de guerra.”

164-5. FALHA NA SORTE / A HONRA DE POLINICES, POSPOSTA: é dizer que a honra de Polinices carece

de sorte, pois que ele não foi o primeiro a reinar em Tebas – por isso, então, **posposta**.

165-8. AH!, QUE DIA, / Ó FERO ... EM PARTE ALGUMA HÁ PAR!: o narrador apostrofa Etéocles (o **fero**) de modo a ressaltar sua soberba ao ver-se **sozinho** no trono, sem Polinices por perto, nem ninguém que fosse seu **par** – *i.e.*, seu igual. É, pois, um dos afetos levados aos edipônidas por Tisífone (cf. 1.129-30).

167. TEUS MENORES JUNTOS E A TEU JUS: ou seja, “àqueles inferiores a ti, os únicos que ali se encontravam, e a tudo que, por direito, era teu”.

168-96. E JÁ RASTEJA A VOZ ... UM REINA; OUTRO AMEAÇA: para Paul Roche (2015, p. 400), Estácio herda, de Lucano, a opinião que o povo tem dos políticos que os dominam. Nessa visão, o tebano anônimo (1.171-96) que expressa a discordância de um **tácito ... vulgo** desempenha a mesma função que os jovens de Arímino, em Lucano, em cujo “tácito peito muda queixa ecoa” (Luc. 1.247-57): *et tacito mutos uoluunt in pectore questus. / ‘o male uicinis haec moenia condita Gallis, / o tristi damnata loco! pax alta per omnes / et tranquilla quies populos: nos praeda furentum / primaque castra sumus. melius, Fortuna, dedisses / orbe sub Eoo sedem gelidaque sub Arcto / errantisque domos, Latii quam claustra tueri. / nos primi Senonum motus Cimbrumque ruentem / uidimus et Martem Libyes cursumque furoris / Teutonicis: quotiens Romam fortuna lacessit, / hac iter est bellis’*. (“e em seu tácito peito muda queixa ecoa: / “Ó míseros murais, da Gália tão vizinhos, / condenados a um triste lugar! Quando em paz / a alta tranquilidade outros povos convivem: / nós somos de furiosos vítima primeira. / Melhor seria, ó Sorte, se nos concedesses / morada no Oriente, ou no frio Norte, ou nômades / tendas, que nos manter nas fronteiras do Lácio. / Nós primeiros a ver o desvario dos Sêmones / e o furibundo Cimbro, e o Africano Marte / e a enfurecida marcha da nação Teutônica. / Sempre que Roma a Sorte seduz, o caminho / da guerra é por aqui” – trad. Brunno Vieira).

De acordo com o autor, “O monólogo secreto dos silenciosos Ariminenses (Luc. 1.248-57) informa a fala do plebeu de Estácio, representante da silenciosa multidão tebana na *Tebaida* (1.173-96). A lembrança, por parte dos Ariminenses, das repetidas ocupações pelas forças invasoras encontra sequência na antecipação tebana de sua própria sequência de reis alternantes; o precedente histórico testemunhado pelo Arímino em Lucano (Luc. 1.254-6) tem sua contraparte no antecedente mitológico citado na *Tebaida* (1.180-5). Ambos os grupos de sujeitos colocam grande ênfase sobre o papel do fado e da fortuna (Luc. 1.251; 1.256; *Theb.* 1.174; 1.176; 1.177 [...]). Os Ariminenses clamam *nos praeda furentum / primaque castra sumus* (“nós somos de furiosos vítimas primeiras” – Luc. 1.250-1); o tebano, *nos uilis in omnes /*

prompta manus casus, domino cuicumque parati (“Nós, vis, pra todos / os casos mãos dispostas, e a qualquer senhor” – *Theb.* 1.191-2).”

169. DO POVO EQUÍON: de Equíon, um dos cinco Espartos sobreviventes (cf. 1.7-8n). Casou-se com Agave, filha de Cadmo, e com ela gerou Penteu (cf. 1.11n). É dizer, então, “dos tebanos”.

170. AMA O SEGUINTE, COMO SÓI À PLEBE: a ideia não é a de que que, necessariamente, amem Polínicos, o rei que se seguirá a Etéocles, mas de que sempre vão preferir o próximo, seja ele qual for – por isso diz tratar-se de um costume do povo (**como sói à plebe**).

172. E REIS IMPOSTOS NUNCA PERMITIU NOS OMBROS: perceba-se a semelhança entre esta afirmação sobre o anônimo tebano e a anterior, do símile envolvendo Etéocles e Polínicos (cf. 1.131-8), sobre os touros aos quais se tenta unir com um **arado imposto** (*imposito ... aratro*, em latim); se, lá, eram ilustrados o poder e a responsabilidade régios sobre os ombros de pessoas a eles não acostumadas (cf. 1.131-8n), aqui, o destaque é dado à influência que o pacto entre os irmãos exercerá sobre o povo, que **nunca permitiu-se** carregar **reis impostos** (*impositos ... duces*, em latim).

173-4. OS SEVEROS FADOS PARA A OGÍGIA / A SUCESSÃO TROUXERAM: ora, o anônimo tebano atribui a culpa para a **sucessão** – *i.e.*, a alternância de reis – aos Fados. Sabe-se, porém, que essa governança alternativa não foi resultado de uma decisão dos Fados ou da Fortuna (cf. 1.139-41 e comentários *ad loc.*), mas do pacto que Polínicos e Etéocles estabeleceram entre si.

173. A OGÍGIA: a terra de Ógiges, um nativo da Beócia que teria reinado na região antes mesmo da fundação de Tebas. No verso, refere-se a Tebas. Em Homero (*Od. passim*), Ogígia é a ilha em que vive a Ninfa Calipso, onde Odisseu ficou detido por 7 anos.

176-7. AMBOS VOLVEM OS FADOS DO POVO E A FORTUNA / FAZEM FÚTIL: refere-se a Etéocles e a Polínicos. (LACTÂNCIO) “Insignificante, pois a Fortuna costuma fazer reis e exilados. Isso eles fizeram tanto com respeito aos reis e exilados, que pela Fortuna eram protegidos, como porque foi instituído a partir de sua vontade quando deveriam solicitar o exílio e quando retornar ao comando. E assim, sobre eles, a Fortuna, que costuma ser sempre ambígua, não tem poder, porque eles estão certos sobre qual será o futuro. Além disso, eles mesmos regem os fados do povo ao excluírem a Fortuna.”

177. EXILADOS: conforme o pacto estabelecido entre os herdeiros, o rei seguinte seria sempre alguém desterrado.

178-9. EM TI, / A SÓCIOS MINISTRAR ESSE ARBÍTRIO SE ASSENTA?: ou seja, “está firme, em ti, a decisão

de aplicar a um povo teu sócio (cf. 1.179n) essa ideia?”. Quer saber, portanto, se Júpiter permitirá que a alternância de trono seja levada a Tebas.

179. A SÓCIOS: conforme aponta Barthius (*ad loc.*), ou se refere a Polinices e Etéocles, sócios no reino; ou aos tebanos, sócios de Júpiter (cf. 1.224-5n). **ARBÍTRIO:** a decisão, imposta pelo pacto entre os irmãos, de que os tebanos sempre serviriam a reis exilados.

180-5. OU SE ESTENDEU ... SEUS NETOS TARDIOS?: questiona se os acontecimentos que conduziram Cadmo a fundar Tebas, especialmente a guerra entre os irmãos Espartos (cf. 1.7-8n), deveriam ser interpretados como um augúrio, pelo qual, então, os filhos de Édipo entrariam em uma guerra para decidir, antes de tudo, quem sairia vivo.

180. O ANTIGO PRESSÁGIO DE TEBAS: refere-se, de modo específico, ao nascimento e à guerra entre os irmãos Espartos (cf. 1.7-8n; 1.180-5n).

181. DO TOURO SÍDONE A TÃO TENRA CARGA: refere-se a Europa, a irmã de Cadmo sequestrada em Tiro por Zeus, que se disfarçara como um **toro** – sobre o episódio, cf. 1.5n. **SÍDONE:** natural de Sídon, uma cidade da Fenícia, ao lado de Tiro – sobre as cidades, cf. 1.5n.

182. EM VÃO NO MAR CARPÁTIO BUSCANDO: Cadmo saíra para procurar Europa pelo Mar Egeu, indo parar na ilha de Cárpatos, próxima à Fenícia (donde **mar Carpátio**). Diz **em vão** porque Europa nunca foi encontrada – depois de raptada, foi levada por Zeus para Creta – cf. 1.5n.

182-3. EXILADO / CADMO: percebe-se o destaque dado pelo anônimo tebano à condição de Cadmo: um **exilado**, assim como sempre serão os reis tebanos se confirmado o acordo entre Etéocles e Polinices. Não só por causa da disputa fraterna, então, parece ter-se estendido o **antigo presságio de Tebas** (1.180), mas também pelos reis exilados.

183. O REINO NOS AGROS HIANTEUS DEPAROU: onde se deteve, na Beócia, a vaca que Cadmo e seu séquito seguiram até que ela parasse para que nesse lugar fundassem uma cidade – cf. 1.5n. **HIANTEUS:** (LESUEUR) “Nome da Beócia que Pausânias atribui a seus antigos habitantes e que Lactâncio faz derivar daquele de uma ninfa local dos tempos de Cadmo.”

184. FRATERNAS HOSTES: as mesmas palavras com as quais Estácio abre o poema estão na voz do cidadão que questiona o novo pacto regente de Tebas, e aparecem na mesma posição em que se encontram no início do canto – sobre isso, cf. 1.1n. **EM VAZIOS DE FÉRTIL CAMPO:** é dizer “em sulcos de um campo fecundo”.

185. SEMEANDO COMO AGOURO A SEUS NETOS TARDIOS?: como se a sementeira dos Espartos e a con-

semente disputa entre os irmãos terrígenos (cf. 1.7-8n) fosse um presságio para os descendentes de Cadmo, especificamente Etéocles e Polinices. (MUELLER) “Lucano (4.549-51): *sic semine Cadmi / emicuit Dircaea cohors ceciditque suorum / uolneribus, dirum Thebanis fratribus omen* [“Tal como da semente nascida de Cadmo / os hoplitas Dirceus a si mesmos mataram, / num funesto presságio aos dois irmãos tebanos” – trad. Brunno Vieira].”

186-7. VÊ COMO AO TORVO ATERRA ... SEM CONSORTE SURGINDO, O PODER: dirigindo-se a alguém entre os que o ouvem, ou mesmo a Júpiter, como aventa Lactâncio (*ad loc.*), o anônimo fala como se visse, nesse exato momento, Etéocles sendo tomado por um **mais sevo ... poder** insurgindo por sua **erguida face**.

187. SEM CONSORTE: em latim, *dempto consorte*. É dizer “sem Polinices”. A palavra escolhida pelo poeta (*consorte*) é contextualmente relevante, uma vez que seu significado está etimologicamente vinculado à ideia de destino, bastante importante tanto na fala do anônimo tebanos, como na decisão de Etéocles e Polinices de se alternarem no comando de Tebas: no latim, surge da união do prefixo *co(n)-* (da preposição *cum*, “com”) com o substantivo *sors* (“sorte, destino”), significando, portanto, algo como “que participa da mesma sorte” (*DLP*). Polinices é, então, aquele que teria a mesma sorte de Etéocles.

189. ESTE NUNCA SERÁ CIVIL?: *priuatus*, em latim; isto é: “ele nunca será um homem comum?”. Sobre o sentido específico do termo latino, bem como sobre relação com Etéocles, cf. 2.310n. (AMAR-LEMAIRE) “Isso deve ser pronunciado com indignação. Escolhe considerar Etéocles um homem comum para que a sua arrogância e sua soberba sejam reprimidas.” **O OUTRO:** Polinices. Como alertou o narrador antes do início da fala do anônimo, costuma o povo amar mais o próximo do que o atual (cf. 1.170n).

190. MAIS SUJEITO À EQUIDADE: pois acredita que Polinices tanto é mais submisso à justiça, como mais propenso a praticá-la.

191-2. MAS O QUÊ? NÃO ESTAVA ... E A QUALQUER SENHOR: pelo que parece sugerir o anônimo, os tebanos preferiam Polinices mesmo antes do acordo estabelecido entre os irmãos: porque **não estava só**, era mais **gentil** no trato com os suplicantes e **bom** (1.189-90), e mais sujeito à justiça (1.190).

191. NÓS, VIS: como dissesse “nós, o povo”; a escolha por **vil** está vinculada à soberba de Etéocles, anteriormente referida (cf. 1.186-8 e comentários *ad loc.*). Amar-Lemaire (*ad loc.*) aponta a relação com a fala de Drances em Virgílio (A. 11.372): *nos animae uiles* (“nós, almas vis”).

193-4. QUAL POR CÁ BÓREAS FRIOS ... DA QUILHA JAZ NO ENTRE: Bóreas é o vento que sopra do norte, frio e violento – cf. 1.160n; Euro, o que sopra do leste e traz as tempestades – por causa das nuvens chama-o **turvo**. Sobre o Euro, diz Aulo Gélio (2.22.7-8): *qui uentus igitur ab oriente uer- no, id est aequinoctiali, uenit, nominatur "eurus" ficto uocabulo, ut isti ἐτιμολογικιοί aiunt, ὁ ἀπὸ τῆς ἡοῦς ῥέων. is alio quoque a Graecis nomine Αφελιώτης, Romanis nauticis "subsolanus" cognomina- tur* (“o vento então que vem do oriente primaveril, isto é, equinocial, se nomeia *Eurus* (Euro), a partir de vocábulo formado – como esses ἐτιμολογικιοί (etimologistas) dizem – de ὁ ἀπὸ τῆς ἡοῦς ῥέων (o que corre desde a aurora). Esse também é cognominado pelos gregos por outro nome Αφελιώτης (o que vem do sol), e pelos náuticos romanos *Subsolanus* (o nascido sob o sol)” – trad. José Seabra). (LACTÂNCIO) “Ótima comparação: a descrição de algo desconhecido pela similitude com algo conhecido. De maneira admirável, se assemelha a república a um navio lançado a uma tempestade, assim como em Cícero (*S. Rosc.* 51) *ad gubernacula reipubli- cae* [“para o leme da república”] e Horácio (*Od.* 1.14.1s) *o nauis, referent in mare te noui / fluct- us?* [“Barca, a vaga móvel volta a lançar-te ao mar” – trad. Guilherme Flores].”

196. UM REINA; OUTRO AMEAÇA: a fala do cidadão é abruptamente interrompida na narrativa e a cena seguinte se passa já em outro ambiente e com outros personagens. Enquanto, no mo- mento em que fala o cidadão, Etéocles é quem impera, Polinices é quem ameaça, pois que deseja o cetro para si.

197-302. ORA, SOBRE O ÁTRIO ETÉREO ... EU COORDENO O RESTANTE: este é o primeiro dos consílios divinos presididos por Jove durante o poema. Aqui, o deus vai declarar seu apoio ao pedido de Édipo, alegando já ter-se cansado de agir contra os crimes dos quais as Fúrias não dão conta (1.214-8). Dessa forma, dará o ensejo divino à guerra entre os edipônidas. A questão apontada por Jove como o motivo da sua decisão, porém, transcende a vingança conclamada por Édipo (1.56-87), uma vez que o deus supremo deseja não só vingar os crimes cometidos contra o patricida, mas principalmente arrancar **a origem / fatal** (1.242-3) aos **reinos / réus** (1.241-2) – a saber, Argos e Tebas.

O episódio pode ser dividido em quatro partes: na primeira delas (1.197-213), há a ambienta- ção e a descrição do local onde ocorre a reunião, **no imo polo** (1.199); na segunda (1.214-247), Júpiter declara sua decisão e esclarece seus motivos; na sequência (1.248-282), Juno tenta in- terceder a favor de Argos junto ao deus supremo; por fim (1.283-302), Júpiter responde a Juno, mantendo sua decisão e delegando a Mercúrio a tarefa de conduzir Laio dos Infernos para Tebas, a fim de que transmitisse sua ordens a Etéocles. A estrutura é bastante similar à

do consílio dos deuses retratado por Virgílio na *Eneida* (A. 10.1-117), e semelhante ao consílio dos deuses homérico no canto oitavo da *Ilíada* (Il. 8.1-46): em ambos os casos, as decisões divinas são questionadas logo após anunciadas, exigindo uma postura mais firme do deus supremo para que sua palavra se cumpra. Na *Tebaida*, a postura mais firme de Júpiter surge durante o segundo consílio que o deus convoca – sobre isso, cf. 3.239-52n. Para demais comparações, cf. comentários *ad loc*.

197-213. ORA, SOBRE O ÁTRIO ETÉREO ... E A VOZ OS FADOS SEGUEM: a ambientação do consílio dos deuses, que introduz a fala de Júpiter a seus companheiros, é bem mais longa e detalhada em Estácio do que em Homero e Virgílio. Ora, Estácio busca delinear com mais precisão não só o local onde ocorre o consílio, o **imo polo** (cf. 1.199-201; 1.208-13), mas também a nobreza de Júpiter e o respeito e reverência que os outros deuses demonstram diante de sua presença (cf. 1.201-8). Compare-se o trecho, então, com o anúncio do consílio e a introdução da fala do deus em Homero (Il. 8.1-4): ἤως μὲν κροκόπεπλος ἐκίδνατο πᾶσαν ἐπ' αἶαν, / Ζεὺς δὲ θεῶν ἀγορὴν ποιήσατο τερπικέραυνος / ἀκροτάτῃ κορυφῇ πολυδαιράδος Οὐλύμποιο· / αὐτὸς δὲ σφ' ἀγόρευε, θεοὶ δ' ὑπὸ πάντες ἄκουον (“Por toda a terra espalhava a Aurora o seu manto de açafreão, / enquanto Zeus, que com o trovão se deleita, reunia os deuses / no píncaro mais elevado do Olimpo de muitos cumes. / Ele próprio tomou a palavra e todos os deuses escutaram” – trad. Frederico Lourenço); e em Virgílio (A. 10.1-5): *panditur interea domus omnipotentis Olympi / conciliumque uocat diuum pater atque hominum rex / sideream in sedem, terras unde arduus omnis / castraque Dardanidum aspectat populosque Latinos. / considunt tectis bipatentibus, incipit ipse* (“se abre, nisso, a sala do onipotente Olimpo, / e um consílio chama o pai dos deuses e rei dos homens / no paço etéreo, de onde as terras todas, altivo, / e os castros dos Dardânios contempla, e os povos Latinos. / Sentam-se nas salas bipatentes, e ele próprio começa:”).

199-201. TUDO DAQUI DISTA O MESMO ... O CÉU, A TERRA E AS ÁGUAS: é dizer, então, que o **interno polo** (1.199) localiza-se no centro da abóbada celeste, de onde tudo que se espalha no orbe por sob o **céu** – as **águas** e a **terra**, assim como o nascente e o poente (**casas de orto e de oca-so**) – distancia-se em igual medida. Compare com o local onde reúnem-se os deuses em Homero (Il. 8.3 *apud* 1.197-203n).

202. MESMO CALMO, OS REDORES INQUIETA: por causa de sua grandeza e de seu poder, embora andasse e semelhasse calmo, fazia com que se agitassem os lugares pelos quais passava – *i.e.*, agitava aqueles que se haviam postado nos lugares por onde caminhava o deus.

203-4. OS CELESTES NÃO OUSAM / DAR CURSO: dar continuidade a seus movimentos, quais fossem eles. A grandeza de Júpiter causa embaraço mesmo entre os outros deuses (os **celestes**), que se comportam com profunda reverência diante do deus supremo.

205-6. DEPOIS, TURBA DE VAGOS / SEMIDEUSES: seguindo-se aos **celestes** (1.203), vem a turba dos semideuses, ditos **vagos** (no sentido de “errantes”) por que se espalham por toda a superfície do orbe.

206. RIOS DE ALTAS NUENS NASCIDOS: (LACTÂNCIO) “Segundo Lucrécio (*Lucr.* 7.476ss), da transpiração da terra nascem os nevoeiros; dos nevoeiros, as nuvens; e das nuvens, as chuvas, a partir das quais os rios se avolumam. Assim, Virgílio (*A.* 8.64): *caelo gratissimus amnis* [“o rio aos céus gratíssimo”]. Diz, pois, que, por um oculto arrastar, as águas retornam ao céu e, por isso, a chuva está nas nuvens.”

207. VENTOS SUPRIMINDO OS MURMÚRIOS: (LACTÂNCIO) “Como em Virgílio (*A.* 7.27-8): *cum uenti posuere omnisque repente resedit / Flatus* [“Acalma o Vento, nem sequer bafeja” – trad. Odorico Mendes].”

210. DE ARCANO AS FLÓREAS PORTAS BRILHO: sínquise: “as flóreas portas de arcano brilho”. A manutenção da figura aqui é importante especialmente por causa da relação que o passo possui com 2.276, onde é descrito o colar de Harmonia feito por Vulcano. Sobre o colar, cf. 2.265-305 e os comentários *ad loc.*; sobre as relações entre as duas passagens, cf. 2.276n.

213. E A VOZ OS FADOS SEGUEM: aquiescem, pois, às ordens de Júpiter, e as fazem cumprir-se. Sobre a relação entre os Fados e Júpiter, cf. 3.471-4n. Como em Lucano (*Luc.* 5.92-3): *siue canit flatum seu, quod iubet ille canendo / fit fatum?* (“seja dizendo os fados, seja transformando / em fado os ditos seus?” – trad. Brunno Vieira).

214-47. OS DELITOS DA TERRA QUE AS ... DA MESA SELVAGEM FINDARAM: no passo, Júpiter proclama sua decisão aos outros deuses, a de punir ambas as casas de Argos e de Tebas. Chama a atenção, porém, o tom cansado do deus, que se declara farto de intervir entre os homens por causa de seus crimes. Há, pois, certa semelhança entre esta sua postura e o tom incrédulo com que fala aos outros deuses em Ovídio, espantado com a ousadia de Licáon (*Met.* 1.182-98): *non ego pro mundi regno magis anxius illa / tempestate fui, qua centum quisque parabat / inire anguipedum captiuo brachia caelo. / nam quamquam ferus hostis erat, tamen illud ab uno / corpore et ex una pendebat origine bellum; / nunc mihi qua totum Nereus circumsonat orbem, / perdendum est mortale genus: per flumina iuro / infera sub terras Stygio labentia luco! / cuncta prius temp-*

tanda, sed inmedicabile curae / ense recidendum, ne pars sincera trahatur. / sunt mihi semidei, sunt, rustica numina, nymphae / faunique satyrique et monticolae siluani; / quos quoniam caeli nondum dignamur honore, / quas dedimus, certe terras habitare sinamus. / an satis, o superi, tutos fore creditis illos, / cum mihi, qui fulmen, qui uos habeoque regoque, / struxerit insidias notus feritate Lycaon? (“Eu não me afligi mais pelo poder do mundo / do que quando os anguípedes se preparavam / para lançar ao céu cativo os seus cem braços. / Pois, embora o inimigo fosse fero, aquela / guerra só dependia de uma raça e origem. / Agora, onde Nereu ressoe em todo orbe, / finirei a mortal raça. Juro por íferos / rios que correm sob a terra em bosque estígio, / que antes tudo tentei, mas, ferida incurável, / para salvar a parte sã, passe-se à espada. / Obedecem-me os semideuses, deuses rústicos, / ninfas, faunos, silvanos monteses e sátiros, / que, ainda não honrados no céu, deixaremos / certamente habitar as terras que lhes demos. / Deuses, credes que aqueles estão bem seguros, / quando o feroz Licáon prepara ciladas / para mim que detenho e reço o raio e a vós?” – trad. Raimundo Carvalho).

Em Estácio, porém, a frustração de Júpiter com relação aos crimes parece maior, ou ao menos mais reforçada, chegando mesmo a atingir a validade dos castigos estabelecidos pelo deus: nem mesmo ter transformado Fáeton em cinzas (cf. 1.219-21n), ou ter provocado um dilúvio com a ajuda de seu irmão (cf. 1.222-3n) bastaram para extirpar, da raça dos homens, seu **gênio** (1.215) e seus **delitos** (1.214). Mesmo depois disso, ainda terá que descer do Olimpo para punir as casas argiva e tebana (1.224-6). D. E. Hill (2008, p. 129-41), alega a existência de alguns comentadores, sem nomeá-los, porém, que têm apontado problemas pontuais no discurso de Júpiter como uma falta de cuidado de Estácio – *e.g.*, a transição abrupta entre os exemplos que o deixaram frustrados com a humanidade e com os castigos lançados e a decisão por incluir, na nova punição, Argos; o fato de ter-se colocado como o **autor** do sangue de Argos; a vagueza na referência às Fúrias em 1.228-9; o discurso um tanto ambíguo sobre o crime cometido por Édipo etc.

Mais provável, porém, é que esses pequenos deslizos tenham sido motivados. Para o crítico: “Impressionante, de fato, é o contraste entre a raiva racional de Édipo, que alcança seu desejo de punir seus filhos conseguindo a ajuda de Tisífone, e o indignado Júpiter, que parece entender pouco e fazer muito pouco, e muito tarde. Comentadores têm visto as falhas no discurso de Júpiter, mas as atribuem à desatenção de Estácio; é muito mais provável, porém, que elas devam ser atribuídas à fraqueza e à estupidez de Júpiter. Isto é, com certeza, problemático para o relacionamento entre Estácio e Domiciano, *dominus et deus*” (2008, p. 141).

Conforme aponta Dominik (1994a, p. 72-3), contudo, a postura de Júpiter na fala parece ser o contrário de fraca e estúpida, demonstrando sua indiferença aos homens e sua determinação em vingar-se dos culpados (os tebanos) nem que, para isso, precise envolver inocentes (os argivos) em seus planos. Assim, as “falhas” referidas por Hill não demonstrariam a fraqueza do deus diante dos homens, mas o seu desdém, principalmente quando julga necessário que eles sejam punidos por suas ações. Para o autor: “A tese da primeira fala [de Júpiter] é a de que a criminalidade inerente da humanidade é merecedora de retribuição divina. Júpiter elenca uma série de crimes antigos perpetrados por várias figuras humanas, mas que, na verdade, foram cometidos por eles inconscientemente, instigados em grande parte pelos deuses, e que já foram vingados [...]. No entanto, apesar de qualquer possível grau de culpa que possa ser atribuído a algum destes indivíduos, permanece a questão principal de por que os descendentes inocentes dessas figuras devem sofrer pelos crimes dos outros. O parece claro é que o conceito de ‘justiça’ divina não leva em conta o grau de responsabilidade humana na elaboração de um ato criminoso, somente o fato de que ocorreu uma ofensa e uma resposta é necessária. Portanto, os seres humanos muitas vezes sofrem por crimes dos deuses” (1994a, p. 73).

214. OS DELITOS DA TERRA: cometidos na Terra pelos homens, e não pela Terra.

215. O GÊNIO HUMANO: em latim, *ingenium mortale*; é dizer “a natureza humana”. Barthius (*ad loc.*) cita Salústio como ilustração para o passo (*Hist.* 1.7): *nobis primae dissensiones uitio humani ingenii euenere, quod inquires atque indomitum semper inter certamina libertatis aut gloriae aut dominationis agit* (“sucederam-nos as primeiras dissensões pelo vício da natureza humana, que, impaciente e indômita, sempre anda em luta por liberdade, ou glória, ou domínio”).

216-7. CANSEI DE ENRAIVAR-ME / COM O RAIOS: Júpiter manifesta sua raiva por meio dos raios, sua arma mais característica.

217-8. DOS CICLOPES, ÁGEIS SE ESGOTARAM / OS BRAÇOS: de acordo com uma das lendas envolvendo os ciclopes, seriam eles os responsáveis por forjar os raios de Júpiter. (GRIMAL) “Os mitógrafos antigos distinguem três espécies de ciclopes: os “urânicos”, filhos de Urano e de Geia (o Céu e a Terra), os ciclopes sicilianos, companheiros de Polifemo, que intervêm na *Odisseia*, e os ciclopes construtores. Os urânicos pertencem à primeira geração divina, a dos gigantes. Só têm um olho no meio da testa e distinguem-se pela força e pela habilidade manual. Contam-se três, chamados Brontes [Βρόντης], Estéropes (ou Astéropes) [Στερόπη] e Arges [Ἄργης], cujos nomes fazem lembrar as palavras Trovão, Relâmpago e Raio. Foram primeira-

mente postos a ferros por Urano, libertados por Crono a seguir e de novo encarcerados no mesmo Tártaro pelo mesmo Crono, até que Zeus, avisado por um oráculo que não poderia obter a vitória senão com a ajuda deles, os libertou definitivamente. Eles deram-lhe, por isso, o trovão, o relâmpago e o raio; a Hades, deram um elmo que tornava invisível quem o usasse; e, a Posídon, um tridente. Assim armados, os deuses olímpicos derrotaram os Titãs e precipitaram-nos no Tártaro. Na lenda, são sempre os ciclopes que fabricam os raios divinos.”

218. DA FORJA EÓLIA OS FOGOS FORAM-SE: as ilhas da Eólia, no Mar Tirreno, ao norte da Sicília, são vistas como a morada de Vulcano, o deus do fogo, onde ele também tinha as suas oficinas. Lá, realizava os mais diferentes trabalhos envolvendo a forja, inclusive a fabricação dos raios de Jove – tal como os ciclopes, também conhecidos como os “obreiros de Vulcano”. É dizer que, assim como já se esgotaram os ciclopes de tanto fabricar raios para Júpiter (cf. 1.217-8n), os fogos de Vulcano também já esfriaram.

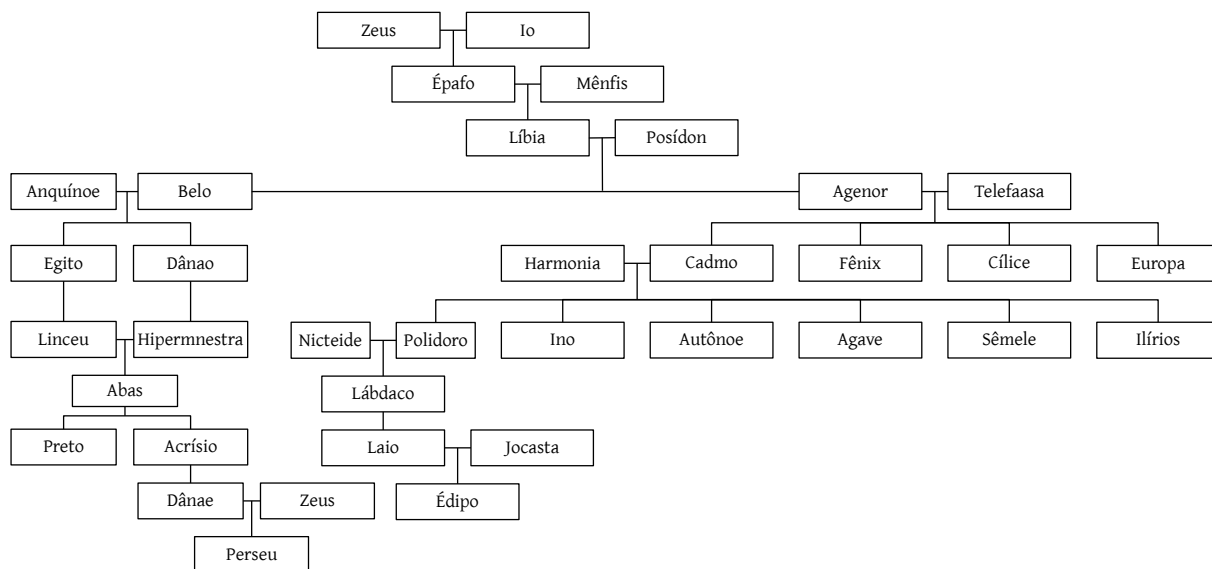
219. DECERTO EU AMARGUEI: fala de sua pouca paciência diante das faltas humanas, ferozmente castigadas pelo deus.

219-21: POR FALSO MESTRE SOLTOS ... COM CINZAS DE FÁETON: Fáeton, filho de Hélios (um Titã que, em muitos casos, confunde-se com Apolo, um olimpiano) e de Clímene, foi criado sem saber quem era o seu verdadeiro pai. Ao contar-lhe a mãe ser filho de Hélios, o jovem pediu uma prova: que o pai lhe deixasse guiar os seus cavalos. Assentido, o Sol lhe indicou o caminho, mas, inexperiente, o jovem assustou-se e perdeu o controle do carro, ora aproximando-se demais da Terra, quase queimando-lhe a superfície, ora dos astros. Para evitar demais problemas, Júpiter fulminou Fáeton com um de seus raios, reduzindo o jovem a cinzas.

222. NADA GEROU: ou seja, não houve resultados, na humanidade, após tão graves castigos como os de Fáeton (cf. 1.219-21n) e o dilúvio de Deucalião (cf. 1.222-3n).

222-3. NEM QUANDO TU, COM FORTE LANÇA, / PELO ILÍCITO, IRMÃO, QUE O MAR CORRESSE DESTE: referência ao episódio hoje conhecido com o dilúvio de Deucalião, um filho de Prometeu e Clímene – ou Celeno. Irritado com os homens durante a Idade de Bronze, Júpiter decide exterminá-los da superfície da Terra, dando chances de sobrevivência apenas aos mais justos, Deucalião e sua esposa, Pirra – filha de Epimeneu e Pandora. Após estarem os dois a salvo em um barco cheio de provisões, Jove pede à Netuno que dê início a um dilúvio, ao que o deus acedeu. **COM FORTE LANÇA:** o tridente de Netuno, com o qual o deus controla as águas. **PELO ILÍCITO:** “por aquilo que te é ilícito”: a terra, que é ilícita às águas. **IRMÃO:** Netuno.

224-5. P'RA, ORA, PUNIR DUAS CASAS, EU, QUE SOU AUTOR / DO SANGUE, DESÇO: as casas de Argos e Tebas. Como aponta Lactânncio (*ad loc.*), a origem de ambas as cidades remonta a Jove: Argos, por Perseu, que é filho de Júpiter e Dânae; e Tebas, por Cadmo, filho de Agenor, neto de Líbia e, portanto, bisneto de Épafo, filho de Júpiter e Io. Cf. Quadro 2, p. 412.



Quadro 2: Genealogia de Édipo (somente personagens relevantes para o contexto)

225-6. O OUTRO À ARGOS DE PERSEU / SE FENDA, E ESTE DA ORIGEM FLUA À AÔNIA TEBAS: fala de Polínicês (o **outro**) e de Etéocles (**este**). Perceba-se a inversão na lógica da referência: primeiro fala da terceira pessoa, o **outro** (*alter*, em latim), para depois referir-se à segunda pessoa, Etéocles (**este** – em latim, *hic*). Hill defende que essa inversão tem como objetivo prender a atenção da audiência: “Júpiter, por algum motivo, deseja envolver Argos na próxima punição, mas sabe que Tebas é o alvo esperado. Empregando, primeiro, *alter*, ele imediatamente nos alerta de que há duas linhagens de sangue, vítimas de sua raiva, e consegue manter nossa atenção de uma maneira melhor mencionando primeiro a argiva, a surpreendente, e a caracterizando como *alter* [“a outra”]; deixando, para terminar a sentença, com *hic sanguis* [“este sangue”], nós somos levados a esperar” (2008, p. 134). Sobre a inclusão de Argos na punição, cf. 1.214-47n.

225. À ARGOS DE PERSEU: Argos é uma cidade da Argólida, no Peloponeso. Os primeiros habitantes do Peloponeso, diz-se, foram os Pelasgos (cf. 2.156n). Nessa parte da Grécia, Ínaco – ora tido como um deus-rio, ora como um mortal (cf. 1.356n) –, teria gerado Foroneu, o primeiro homem da terra (cf. 1.252n). De acordo com Grimal (*ad loc.*), uma Níobe filha de Foroneu unira-se com Zeus, dando à luz, como fruto dessa união, Argo. Filha do primeiro ho-

mem, então, ela seria a primeira a ter dado à luz um mortal. De acordo com Pausânias (2.16.1), Argo, o neto de Foroneu, sucedeu seu avô no trono e, na ocasião, deu seu nome à região, que passou a se chamar Argos. Segundo Amar-Lemaire (*ad loc.*) diz **de Perseu** por causa de Perseu, filho de Dânae (cf. 1.255n; 1.544-7n), que imperou em Argos antes de fundar Micenas, para onde teria transferido o seu império.

226. AÔNIA TEBAS: cf. 1.33n.

227. PERSISTE A MENTE IMPOSTA: em latim, *mens cunctis imposta manet*; é dizer, pois, que Júpiter mantém-se firme em sua decisão. Mueller (*ad loc.*) indica a semelhança com um trecho de Virgílio, em que se refere o poeta à decisão de Eneias em partir de Cartago: as preces e as lágrimas de Dido não o abalam, persistindo na decisão tomada (A. 4.449): *mens immota manet* (“a mente imóvel / persiste” – trad. Odorico Mendes).

227-47. QUEM IGNORA O FIM ... MESA SELVAGEM FINDARAM: o deus elenca, aqui, uma série de personagens mitológicos que já foram severamente castigados, ou que ainda o serão. Dominik, porém, chama a atenção, como já o fizera (cf. 1.214-47n), para o fato de que os crimes atribuídos a esses personagens não são a eles devidos em sua totalidade, mas dependeram, de modo fundamental, da influência dos deuses para que fossem cometidos: “As referências de Júpiter ao massacre Cadmeu dos guerreiros armados que nasceram de fendas na terra (1.227-8), os crimes das mulheres (como Agave, que matou Penteu) cujas mentes foram possuídas por Baco (1.229-31), os feitos parricidas e incestuosos de Édipo (1.233-35), o comportamento ímpio de Etéocles e Polinices pisando sobre os *cadentes oculos* de seu pai (**cadentes olhos**, 1.238-9), e o crime de Tântalo ao desmembrar, cozinhar e servir seu filho Peleu aos deuses (1.246-7) destinam-se a servir de exemplos da maldade humana merecedora de retaliação divina. Porém, os crimes do passado catalogados por Júpiter foram inconscientemente perpetrados por várias figuras humanas, ou foram em grande medida instigados pelos deuses, ou já foram vingados. Na verdade, alguns dos crimes aos que ele alude demonstram, na prática, a inocência do homem. Os fados de Cadmo e Agave são mais o resultado da malevolência divina do que qualquer propensão da dupla à irracionalidade ou à negligência em prestar honras aos deuses. Desde os *funera Cadmi* (**o fim / de Cadmo**, 1.227-8) e os *mala gaudia matrum* (**das mães os maus deleites**, 1.229), que são crimes performados por Cadmo e Agave sob a influência divina (e, então, são mais de responsabilidade dos deuses do que de Cadmo e Agave), até a expressão ambígua *deorum crimina* (“crimes dos [ou contra] os deuses” – 1.230-1), que, de fato, sugere mais a ideia da criminalidade divina do que, simplesmente, a execu-

ção superficial de crimes contra os deuses por figuras como Níobe e Penteu” (1994b, p. 9-10).

227-8. O FIM / DE CADMO: em latim, *funera Cadmi*. Cadmo foi casado com Harmonia, filha de Ares e Afrodite; ao final de sua vida, já na Ilíria – Cadmo teria abandonado Tebas, mudando-se para a Ilíria e deixando o trono tebano a Penteu –, ele e a esposa foram transmudados em serpentes, forma com a qual chegaram aos Campos Elísios. Estácio atribui ao colar de Harmonia, feito por Vulcano, a causa da metamorfose de ambos (cf. 2.289ss). Ovídio (*Met.* 4.571ss), por sua vez, atribui a transformação ao fato de Cadmo, quando da sua chegada à Beócia, ter matado uma serpente sagrada (cf. 1.7-8n) – assim, então, sua metamorfose seria uma retaliação divina. O trecho retoma Lucano, também sobre Cadmo (*Luc.* 3.189): *funera Cadmi* (“os funerais de Cadmo”).

229. DAS MÃES OS MAUS DELEITES: segundo Lactâncio (*ad loc.*), Júpiter pode ter em mente, aqui, ou o crime de Agave, que assassinou seu próprio filho durante um transe provocado por Baco (cf. 1.11n), ou mesmo a situação de Jocasta, que gerou novos filhos com seu próprio filho.

230. E ATROS ERROS DE SELVA: Bailey e Hall (*ad loc.*) leem o sintagma como se estivesse vinculado às mães (1.229) – *the evil joys of mothers and their wild wanderings in the forests* (Bailey); *the destructive revels of matrons and their wild roving in the groves* (Hall) –, provavelmente influenciados pelo fato de os bosques ou florestas serem os locais mais comuns dos Bacanais (cf. 1.229). Por outro lado, os comentadores mais antigos (Lactâncio, Barthius e Amar-Lemaire), assim como Hill (2008, p. 136-7), entendem-no como outro dos exemplos ora elencados pelo deus – interpretação que, aqui, preferiu-se. Note-se, pois, que nenhum dos outros exemplos dessa série (1.227-31) é especificado por mais de um elemento: **o fim / de Cadmo** (1.127-8); **a hoste das Fúrias**, tantas vezes requeridas, desde as profundezas, para os campos de batalha (1.228-9); os **maus deleites** das mães (1.229), que não parecem referir-se exclusivamente aos proporcionados pelo frenesi báquico (cf. 1.229n); e **dos céus os calados / crimes** (1.230-1). Nessa chave de leitura, como sugere Lactâncio (*ad loc.*), Júpiter estaria se referindo ao crime de Átamas, que, atormentado pelas Fúrias, matou seu filho Learco enquanto o perseguia em um bosque crendo tratar-se de um leão – sobre isso, cf. 1.13n.

230-1. DOS CÉUS OS CALADOS / CRIMES: em latim, *reticenda deorum / crimina*. O sintagma é ambíguo, pois pode referir-se tanto aos crimes cometidos pelos deuses, como àqueles que tiveram os deuses como alvo – uma vez que o genitivo *deorum* pode ser considerado, respectivamente, tanto subjetivo como objetivo. (LACTÂNCIO) “É uma anfibologia: ou porque os homens

os cometeram contra os deuses, ou porque os deuses os infligiram aos homens. Se dos homens contra os deuses, são estes: Níobe a Latona, porque a si própria preferiu em beleza, Penteu a Dionísio, Sêmele a Juno; ou ainda Tântalo, que revolvendo as mentes dos deuses buscou Pélope, seu filho, e aos deuses o serviu como fosse um banquete. Estes, pois, são os crimes dos deuses. Os que por Penteu foram cometidos contra Dionísio, Ovídio conta [Met. 3.513ss].”

231-2. MAL NO DURAR DA LUZ, NA NOITE FINDA, / POSSO APONTAR COSTUMES E POVOS PROFANOS: ou seja, um dia e uma noite seriam insuficientes para que continuasse catalogando **costumes e povos profanos**. Encerra, assim, seu breve catálogo, passando, na sequência, aos crimes de Édipo e de seus filhos (1.233-42).

233-7. SUBIR ESTE ÍMPIO HERDEIRO ... NÃO SE NUTRE DO ÉTER: o próximo a ser lembrado por Júpiter é Édipo. Perceba-se, porém, que o único crime explicitamente nomeado pelo deus foi o incesto – **Subir ... no leito / pátrio, e incestar o ventre da inocente mãe** –, tendo sido deixado de lado, portanto, o parricídio – e mesmo sua inferência unicamente a partir do passo é impossível. Por que o deus deixaria de elencar, explicitamente, um crime pelo qual certamente um mortal haveria de sofrer retaliações divinas? Dentre os possíveis motivos, é provável que Júpiter, em seu discurso contra a natureza nefasta dos homens, não queira apontar, em Édipo, a culpa por um crime do qual, em alguma medida, ele próprio poderia ser culpado, já que, embora não tenha matado Cronos, tenha-o deposto e assumido o seu lugar como rei.

235. DESEJOU: em latim, *appetiit*. De acordo com o OLD, quando utilizado com infinitivo (*scandere*, **subir** – 1.233; *incestare*, **incestar** – 1.234), *appeto* pode significar “desejar, buscar (para fazer algo)”. Há, portanto, um traço volitivo no verbo, que Júpiter transfere para Édipo em sua afirmação, como se o tebano tivesse realmente desejado subir no leito de seu pai e praticar o incesto com sua mãe. Como se sabe, porém, Édipo não tinha consciência de seus crimes. Assim, fica aqui evidente que a responsabilidade atribuída pelo deus aos crimes praticados pelos mortais nem sempre corresponde aos fatos como eles se deram, um movimento, contudo, necessário para que ele defenda as represálias divinas contra os homens – sobre isso, cf. 1.214-47n; 1.227-47n. **A SEUS ORTOS RETORNANDO:** em latim, *proprios ... reuolutus in ortus*; perceba-se o plural em **seus ortos**: voltara Édipo, então, às suas duas origens: o leito do pai (1.233-4) e o ventre da mãe (1.234).

236-7. MAS AOS DEUSES PAGOU PENITÊNCIA ... NÃO SE NUTRE DO ÉTER: refere-se Júpiter à pena auto-infligida por Édipo, que já seria o suficiente por seu crime (cf. 1. 46-55n; 1.233-7n) – não mais

demandando, então, a vingança divina.

237. NÃO SE NUTRE DO ÉTER: em latim, *nec iam amplius aethere nostro / uescitur*; cego, Édipo não mais depende da luz do sol para guiar-se e viver. Sua alma e seu corpo vivem, agora, nas sombras. Semelhante a Virgílio, na fala de Ilioneu sobre Eneias (A. 1.546-7): *si uescitur aura / aetheria* (“se o mantém a aura / etérea”).

238-9. OS FILHOS, PORÉM, CRIME IMORAL!, OS CADENTES / OLHOS CALCARAM: ou seja, insultaram a cegueira de seu pai e, então, também sua pena e o seu sofrimento. Retoma o deus as afirmações feitas por Édipo durante a invocação de Tisífone (cf. 1.74-8 e comentários *ad loc.*).

240. DIRO VELHO: Édipo. (AMAR-LEMAIRE) “Ou por causa dos crimes, ou por suas imprecações, as quais fizera contra os filhos.”

241-2. ARMAS NOVAS AOS REINOS / RÉUS: novos motivos levará aos reinos por ele ditos culpados (Argos e Tebas), para que se destruam em guerra, pagando assim sua penitência aos deuses.

242-3. INTEIRA, À ESTIRPE ARRANCAREI / A RAÇA ATROZ: Júpiter resume, assim, seu principal objetivo: arrancar por inteiro, da linhagem tebana, a **raça atroz** (*exitiabile genus*, em latim).

244-5. ADRASTO SOGRO E UNIDAS BODAS POR SINISTROS / DEUSES: se, antes, os motivos pelos quais os argivos foram também implicados em sua vingança não foram sequer apresentados pelo deus (cf. 1.214-47n; 1.227-47n), ora é possível delinear o primeiro dos motivos (sobre o segundo, cf. 1.245-8n): Adrasto, o rei de Argos, por causa de um oráculo mal interpretado (cf. 1.395-400; 1.482-92 e comentários *ad loc.*), oferecerá a mão de sua filha Argia a Polinices, que aceitará o matrimônio. Assim, Júpiter aumentará ainda mais a distância entre os edipônidas, pois que Polinices encontrará, em Argos, relações que não possuía em Tebas – com Argia, Adrasto e Tideu. Sua ação, portanto, suplanta a de Tisífone, adicionando dois novos **agentes** (1.243) à guerra: como seu sogro, Adrasto reunirá as tropas argivas que marcharão ao lado de Polinices e, por meio de duas núpcias apadrinhadas **por sinistros / deuses**, unirá o tebano a Tideu, o irmão belicoso disposto a tudo por Polinices – sobre Tideu, cf. 2.175n.

244-5. UNIDAS BODAS POR SINISTROS / DEUSES: Argia, uma das filhas de Adrasto, se casará com Polinices; Deípila, a outra, com Tideu. Assim, tanto se unirá o edipônida ao rei argivo, como a Tideu. Diz **por sinistros / deuses** porque, já durante o casamento das filhas de Adrasto, os presságios se mostraram contrários às intenções do rei e de seus genros (cf. 2.256-68 e comentários *ad loc.*).

245-8. JUNTO IMPLICAR NAS PENAS ... SELVAGEM FINDARAM: do ponto de vista dos crimes cometidos

pelos homens, Júpiter apresenta outro motivo (cf. 1.244-5n) para envolver os argivos em seu plano de vingança: as atrocidades cometidas por Tântalo contra seu filho Pélope e contra os próprios deuses – sobre isso, cf. 1.246-7n. Sobre a relação entre Tântalo e Argos, cf. 1.279-80n. Ainda que exista, então, um motivo vinculado aos crimes dos homens para que Júpiter tenha-se decidido por destruir a casa argiva, é necessário dizer que, como os outros anteriormente listados (cf. 1.227-32 e comentários *ad loc.*), o de Tântalo também já fora vingado (cf. 1.246-7n).

246-7. POIS DO IMO PEITO NEM O FALAZ TÂNTALO / NEM A INJÚRIA DA MESA SELVAGEM FINDARAM: Tântalo é filho de Zeus e Pluto, uma filha de Crono ou de Atlas. Era muito bem visto entre os deuses e constantemente aceito em seus banquetes. São várias as histórias que envolvem Tântalo e seus descendentes, bem como aquelas que tratam do castigo que ele teria recebido nos Infernos. Estácio, porém, alude àquela segundo a qual, buscando uma oferenda que pudesse compadecer os deuses da fome que aplacava o seu reino, ou os desafiando para testar-lhes a clarividência, Tântalo teria sacrificado Pélope, seu filho, e o servido aos deuses em um guisado. Porém, reconhecendo a carne servida, os deuses não o comeram – exceto Deméter, Tétis ou Ares, que, antes de tomar consciência do fato, devorou-lhe um ombro. Após o reconhecimento, os deuses então castigaram Tântalo e devolveram a vida a Pélope, cujo ombro devorado foi substituído por uma peça de igual formato feita em mármore. Como castigo, conta-se que: ou Tântalo, lançado ao inferno, encontrava-se sob uma enorme pedra equilibrada, mas sempre prestes a esmagar-lhe o corpo; ou fora aprisionado dentro de um lago de águas límpidas e frescas e sob uma árvore frutífera, bem como acometido de sede e fome eternas, e, ao tentar colher o fruto da árvore ou apanhar água ao lago para regalar-se, tanto a árvore como a água desviavam-se de um modo que o impedia de tocá-las. Diz Júpiter, então, que as injúrias de Tântalo ainda não deixaram seu **imo peito**.

248-82. POR SEUS VERBOS FERIDA ... NÓXIOS MELHOR SOFRERÃO: condoída pela decisão de Júpiter por destruir, junto com Tebas, a casa de Argos, Juno insurge contra o marido, tomando as dores dos seus protegidos (cf. 1.279-80n). Também em Homero e Virgílio, um dos deuses se insurge contra as decisões do deus supremo; em Homero, porém, é bem menos incisiva a postura de Atena diante de Zeus, a quem tenta persuadir para que a deixe, e os outros deuses, interceder pelos seus protegidos (*Il.* 8.28-37): ὥς ἔφαθ', οἱ δ' ἄρα πάντες ἀκὴν ἐγένοντο σιωπῇ / μῦθον ἀγασσάμενοι· μάλα γὰρ κρατερῶς ἀγόρευσεν. / ὁψὲ δὲ δὴ μετέειπε θεὰ γλαυκῶπις Ἀθήνη· / ὦ πάτερ ἡμέτερε Κρονίδη ὕπατε κρειόντων / εὖ νυ καὶ ἡμεῖς ἴδμεν ὅ τοι σθένος οὐκ

ἐπεικτόν· / ἄλλ' ἔμπης Δαναῶν ὀλοφυρόμεθ' αἰχμητῶν, / οἳ κεν δὴ κακὸν οἶτον ἀναπλήσαντες ὄλωνται. / ἄλλ' ἤτοι πολέμου μὲν ἀφεξόμεθ' ὥς σὺ κελεύεις· / βουλὴν δ' Ἀργείοις ὑποθησόμεθ' ἢ τις ὀνήσει, / ὥς μὴ πάντες ὄλωνται ὀδυσσαμένοιο τεοῖο (“Assim falou; e todos permaneceram em silêncio, / espantados com as suas palavras, pois com força se exprimira. / Por fim falou entre eles a deusa, Atena de olhos esverdeados: / ‘Pai de todos nós, mais excelso dos soberanos, / nós também sabemos quão intransigente é a tua força. / No entanto temos pena dos lanceiros dos Dânaos, / que agora morrerão ao cumprir um funesto destino. / Mas desistiremos do combate, tal como tu ordenas. / Porém daremos aos Argivos conselhos que os favoreçam, / para que não pereçam todos em consequência da tua ira’ – trad. Frederico Lourenço).

Em Virgílio, a cena é interrompida não por uma única deusa, mas por duas: logo após Júpiter impor sua vontade (A. 10.1-15), Vênus se põe a favor de Eneias, seu filho, em um longo discurso (A. 10.16-62) em que ataca Juno, que tenta impedir Eneias de cumprir seu fado e fundar, na Itália, a nova Troia (A. 10.42-62): *nil super imperio moueor. sperauimus ista, / dum fortuna fuit. uincant, quos uincere mauis. / si nulla est regio Teucris quam det tua coniunx / dura, per euer-sae, genitor, fumantia Troiae / excidia obtestor: liceat dimittere ab armis / incolumem Ascanium, liceat superesse nepotem. / Aeneas sane ignotis iactetur in undis / et quacumque uiam dederit Fortuna sequatur: / hunc tegere et dirae ualeam subducere pugnae. / est Amathus, est celsa mihi Paphus at-que Cythera / Idaliaeque domus: positis inglorius armis / exigat hic aeuum. magna dicione iubeto / Karthago premat Ausoniam; nihil urbibus inde / obstabit Tyriis. quid pestem euadere belli / iuuit et Argolicos medium fugisse per ignis / totque maris uastaeque exhausta pericula terrae, / dum Latium Teucris recidiuaque Pergama quaerunt? / non satius cineres patriae insedissem supremos / atque solum quo Troia fuit? Xanthum et Simoenta / redde, oro, miseris iterumque reuoluere casus / da, pater, Iliacos Teucris* (“Já de impérios prescindo: isso esperamos / em melhor quadra; vença quem te agrade. / Se, dura aos nossos, tua esposa nega / na terra um canto, pelo exílio de Ílio / fumante obsecro, do conflito o neto / incólume apartar me outorga, ó padre. / Bote-se Eneias por ignotos mares / à mercê da fortuna: eu valha ao menos / de ímpio combate a subtrair Ascânio. / Tenho Idália, Amatunta e a celsa Pafos, / mais Citera, onde obscuro imbele viva: / deixa que Tiro atroz a Ausônia oprima; / ele nada obsta ao púnico domínio. / Que monta que, evadido à peste Argiva, / das chamas se livrasse? que, em demanda / da recidiva Pérgamo, os perigos / de imenso mundo e pélago exaurisse? / Por que sob pátrias cinzas não ficaram? / Miseros, peço, os rende ao Xanto e Símois: / Tornem, padre, a versar de Troia os casos” – trad. Odorico Mendes).

Logo após o apelo de Vênus, Juno se pronuncia com um tom mais próximo àquele empregado por Estácio, dirigindo-se a Vênus e também a Júpiter, buscando defender seu protegidos (A. 10.62-95): *tum regia Iuno / acta furore graui: 'quid me alta silentia cogis / rumpere et obductum uerbis uulgare dolorem? / Aenean hominum quisquam diuumque subegit / bella sequi aut hostem regi se inferre Latino? / Italiam petiit fatis auctoribus (esto) / Cassandrae impulsus furiis: num linquere castra / hortati sumus aut uitam committere uentis? / num puero summam belli, num credere muros, / Tyrrhenamque fidem aut gentis agitare quietas? / quis deus in fraudem, quae dura potentia nostra / egit? ubi hic Iuno demissaue nubibus Iris? / indignum est Italos Troiam circumdare flammis / nascentem et patria Turnum consistere terra, / cui Pilumnus auus, cui diua Venilia mater: / quid face Troianos atra uim ferre Latinis, / arua aliena iugo premere atque auertere praedas? / quid soceros legere et gremiis abducere pactas, / pacem orare manu, praefigere puppibus arma? / tu potes Aenean manibus subducere Graium / proque uiro nebulam et uentos obtendere inanis, / et potes in totidem classem conuertere nymphas: / nos aliquid Rutulos contra iuuisse nefandum est? / "Aeneas ignarus abest": ignarus et absit. / est Paphus Idaliumque tibi, sunt alta Cythera: / quid grauidam bellis urbem et corda aspera temptas? / nosne tibi fluxas Phrygiae res uertere fundo / conamur? nos? an miseros qui Troas Achiuis / obiecit? quae causa fuit consurgere in arma / Europamque Asiamque et foedera soluere furto? / me duce Dardanius Spartam expugnauit adulter, / aut ego tela dedi fouiue Cupidine bella? / tum decuit metuisse tuis: nunc sera querelis / haud iustis adsurgis et inrita iurgia iactas* ("Juno régia, o rancor não mais contendo: / 'Pois a romper e a divulgar me obrigas / a silente ima dor? Que deus ou que homem / fez que a Latino o sorrateiro Eneias / hostilizasse? À Itália, fado seja, / foi-se a impulsos das fúrias de Cassandra: / nós o forçamos a largar a praça, / a vida entregue aos ventos? a um menino / confiar o comando? a fé tirrena / e a paz turbar dos povos? A tais erros / qual nume o empuxa, qual dureza nossa? / Íris baixou do céu, entra aqui Juno? / É mau que Ílio nascente as flamas cinjam, / que ao país ame Turno, o de Pilumno / tresneto e prole de Venília deusa: / que importa que atro facho Ílio despregue, / subjugue o Lácio, alheios campos tale? / Que sogros fraude, a noivos tire noivas? / Que armas nas popas fixe e o ramo arvore? / Roubar da Aquiva garra o filho podes, / por vã névoa trocá-lo; a frota em ninfas / tu podes converter: um pouco a Turno / socorrermos é crime! Eneias tudo / ausente ignora: pois ignore ausente. / Que! tens Pafos, Citera, Idálio; e tentas / um chão de guerras prenhe e a peitos feros? / Nós de Ílio os débeis restos subvertemos, / ou quem míseros Troas contra os Gregos / açulou? Foi por nós que o rapto armado / solvera de Ásia e Europa as alianças? / Que o Frígio adúltero expugnara Esparta? / Eu lides fomentei com paixões torpes? / Teu medo então convinha: tarde surges / com in-

justo queixume e fútil bulha” – trad. Odorico Mendes).

249. VOLVENDO ABRUPTA DOR NO SEU PEITO INFLAMADO: em latim, *flammato uersans inopinum corde dolorem*. Há dois paralelos em Virgílio: o primeiro, referindo-se a Dido e à ação da paixão por Eneias despertada em seu peito (A. 4.1-2): *at regina, graui iamdudum saucia cura / uulnus alit uenis, et caeco carpitur igni* (“Já ferida a rainha, a voraz chaga / nas veias nutre, em cego ardor se fina” – trad. Odorico Mendes); o segundo, a Juno, que revolve no peito seu sentimento por Eneias (A. 1.50): *talía flammato secum dea corde uolutans* (“tais coisas consigo a deusa volvendo no coração inflamado”).

250. A MIM: Juno se dói por Argos, cidade por ela querida: (Verg. A. 1.23-4): *id metuens, ueterisque memor Saturnia belli, prima quod ad Troiam pro caris gesserat Argis* (“Satúrnia o teme, e a prós dos seus Aquivos / recorda as lides que excitara em Troia” – trad. Odorico Mendes).

251-2. ÀS CICLÓPEAS / URBES: (AMAR-LEMAIRE) “Por ‘Ciclópeas urbes’ entenda-se Argos.” (LACTÂNCIO) “Ou porque os ciclopes as fizeram, ou porque são obras grandes e admiráveis – pois o que quer que seja nobre por sua magnitude diz-se ter sido fabricado pelas mãos de ciclopes.”

252. FORONEU: Foroneu foi um dos reis de Argos. De acordo com Grimal (*ad loc.*), teria sido o primeiro homem do mundo. É filho de Ínaco (cf. 1.356n) e da ninfa Mélia. De acordo com Higino (*Fab.* 143), embora a terra fosse há muito habitada por homens que viviam sem leis e sem agruparem-se em cidades, Foroneu foi o primeiro a receber de Júpiter o direito de reinar, pois que foi o primeiro a fazer sacrifícios em honra a Juno.

254-5. COM MORTE E SONO O GUARDA DA FÁRIA NOVILHA / TENHAS MATADO: Júpiter, tomado de amores por Io – uma jovem argiva sacerdotisa de Juno (cf. 1.224-5n) –, resolveu transformá-la em vaca alvíssima para assegurar-lhe a vida diante dos ciúmes de Juno. Desconfiada, a deusa pediu a Jove a vaca, sendo por ele atendida. Após ver o sofrimento de Io sob a tutela da esposa, Júpiter pede a Mercúrio que mate Argo, o monstro dos cem olhos que Juno escolhera como o guarda da rês, para que assim ela fique livre. Mercúrio, então, com seu caduceu adormece cinquenta dos cem olhos de Argo – os outros cinquenta já dormiam – e o mata, libertando Io. **FÁRIA:** do Egito, onde Io terminara sua vida sendo, então, adorada sob o nome de Ísis.

255. À TORRE OCLUSA IDO DOURADO: Júpiter, transformado em chuva de ouro, engravidou Dânae, a filha do rei Acrísio de Argos, que havia sido trancada em uma câmara de bronze sob uma torre pelo pai, que temia o oráculo de que ele seria morto pelo fruto do ventre de Dânae.

Dessa relação, nasceu Perseu, que mais tarde matou o seu avô, ainda que sem saber – sobre Perseu, cf. 1.544-7n.

256-7. A CIDADE EU DETESTO / À QUAL VAIS REVELADO: refere-se a Tebas, onde Júpiter revelou sua verdadeira identidade a Sêmele, a mãe de Baco – sobre isso, cf. 1.12n.

257-8: ONDE OS CÔNSCIOS SINAIS / DO MAGNO TORO TROAS: (LACTÂNCIO) “Isto é, os quais tu costumas mostrar transando comigo. O trovão está associado ao gênero masculino, conforme Lucano (Luc. 6.692), de um modo neutro: *fractaeque tronitrua nubis* [“o trovão da nuvem rota”].” O trecho lembra também diferentes momentos da cena final da comédia *Amphitruo*, de Tito Mácio Plauto, nos quais a presença de Júpiter – autor de um embuste pelo qual deitou-se com a esposa de Anfitrião, Alcmena, deixando-a grávida de Hércules – é precedida por um trovão (Am. 1061-5; 1077; 1091-6; 1128-1131): <Brom.> *ita erae meae hodie contigit: nam ubi parturit, deos [sibi] inuocat, / strepitus, crepitus, sonitus, tonitrus. ut subito, ut prope, ut ualide tonuit! / ubi quisque institerat, concidit crepitu. Ibi nescioquis maxuma / uoce exclamat: ‘Alcmena, adest auxilium, ne time; / et tibi et tuis propitius caeli cultor aduenit [...]* <Amph.> *totus timeo, ita med increpuit Iuppiter. [...]* <Brom.> *postquam parturire hodie uxor occepit tua, / ubi utero exorti dolores, ut solent puerperae, / inuocat deos immortalis, ut sibi auxilium ferant, / manibus puris, capite operto. Ibi continuo contonat / sonitu maxumo. Aedis primo ruere rebamur tuas; / aedes totae confulgebant tuae, quasi essent aureae. [...]* <Amph.> *Ego Teresiam coniectorem aduocabo et consulam / quid faciundum censeat; simul hanc rem ut facta est eloquar. / sed quid hoc? Quam ualide tonuit! Di, obsecro, uostram fidem! / <Iup.> bono animo es; adsum auxilio, Amphitruo, tibi et tuis* (“<Brômia> Assim se deu com minha ama: ao invocar os deuses para o parto, / retumbo, estouro, estalo, estrondo: então, de pronto, um forte trovão! / E todos caem, co’ estouro, onde estavam; nisso, alguém co’ intensa / voz bradou: “Não teme, Alcmena, o seu auxílio se aproxima. / Vem pra cá, a ti e aos teus propício, um morador dos céus. [...] <Anfitrião> Tremo todo. Jove me deixou assim. [...] <Brômia> Hoje, logo após a tua esposa começar o parto, / quando as dores romperam no ventre, como fazem as parturientes / ela invocou os deuses imortais pra que a ela trouxessem auxílio, / bem coberta a cabeça, as mãos bem limpas. Perto, então, retumba / nesse instante um trovão. Achamos que a tua casa vinha abaixo; / tua casa estava inteira refulgindo, como tivesse sido feita de ouro. [...] <Anfitrião> Vou eu mesmo convocar o intérprete Tirésias para consultar / como eu devo agir; ao mesmo tempo conto o que passou aqui. / Mas o que é isso? Que trovão tão forte! Peço vossa fé, deuses! / <Júpiter> Alegra-te; venho ajudar-te, Anfitrião, e aos teus”).

258. OS MEUS RAIOS LANÇAS: (LACTÂNCIO) “Isto é, as insígnias do meu matrimônio, as quais somente eu devo experimentar, ou que só por mim são conhecidas e a mim tão sujeitadas.”

259-80. QUE TEBAS PAGUE O FEITO ... TÂNTALO / ME ENVERGONHA?: Juno questiona a decisão de Júpiter por punir, junto com Tebas, Argos, alegando que outras cidades podem prestar-se mais à sua ânsia por vingança e demonstrando, dessa forma, a arbitrariedade do julgamento do deus. Sobre isso, diz Dominik: “A escolha de Júpiter por Argos é tão caprichosa, Juno percebe, que espanta ela ser adorada em cada uma de suas cidades (cf. 1.262-65). Sua defesa de Argos está baseada preliminarmente sobre o argumento de que, se Júpiter busca homens contemporâneos para expiar os crimes de seus ancestrais, então nem uma única cidade ou homem sobre a terra deixa de merecer punição [...] Juno começa a catalogar cidades e regiões não menos dignas de punição do que Argos no que diz respeito aos crimes de ascendentes – Arcádia, Pisa, Ida e Creta (1.273-9) [...] Uma refutação habilmente improvisada da implicação de Argos na destruição de Tebas por Jove, a fala de Juno contém um considerável elemento de interesse próprio na preocupação que ela demonstra por sua cidade favorita (cf. 1.259-65; esp. 1.262-65), mas o foco principal de seu argumento é destinado a acentuar a arbitrariedade – e, por conseguinte, a injustiça – da destruição da raça argiva por Júpiter. Ela não pretende desculpar Argos pelos crimes de seus ancestrais [...], mas simplesmente questionar a justiça de selecionar para a punição os habitantes hodiernos de uma cidade, os quais são inocentes de qualquer erro” (1994b, p. 12-3).

260. SE DO SANTO LEITO É TAMANHA A DISCÓRDIA: Juno assume que a escolha de Júpiter por Argos é resultado da constante discórdia entre o casal, como se fosse uma vingança pessoal, portanto, ou mesmo uma provocação – por isso, Dominik diz tratar-se de uma escolha caprichosa do deus supremo (cf. 1.259-80n).

261. SAMOS: de acordo com Pausânias (7.4.4), havia, nessa ilha do Mar Egeu, um santuário muito antigo dedicado a Juno, que alguns dizem ter sido erigido pelos argonautas e ornado com uma imagem, trazida de Argos, da deusa. Além disso, seus nativos diziam ter sido Samos a cidade natal de Juno. **MICENAS:** cidade próxima a Argos. Entre elas estava o principal santuário dedicado à deusa, que substituiu o de Samos.

262. ESPARTA: outra das cidades preferidas de Hera, como aponta Homero (*Il.* 4.50-2): *Τὸν δ' ἡμεῖβεν' ἔπειτα βοῶπις πότνια Ἥρη / ἥτοι ἐμοὶ τρεῖς μὲν πολὺ φίλταταί εἰσι πόλεις / Ἀργὸς τε Σπάρτη τε καὶ εὐρυάγυια Μυκῆνη* (“Hera, / olhos-de-toura, torna: três cidades tenho / prediletas: Esparta, Argos, Micenas, ruas- / -largas.” – trad. Haroldo de Campos).

262-4. EM SANGUE FESTIVO ... EOO FUMO / ARDEM LEDAS?: “de que adianta o incenso do Eoo fazer arderem as ledas aras da esposa tua, banhadas em sangue festivo?”.

263. EOO FUMO: é dizer “incenso do Oriente”. Ou seja, “dos Sabeus”, um povo semita que se estabeleceu na região norte da Arábia, de onde vinha o incenso utilizado pelos romanos em seus rituais. Lembrado, dentre outros, por Virgílio (*Geor.* 1.57): *India mittit ebur, molles sua tura Sabaei* (“Manda a Índia marfim; moles sabeus, incenso” – trad. Antônio Feliciano de Castilho). Sérvio Honorato, comentando esse verso das *Geórgicas* virgilianas, diz: “os Sabeus estão próximos à Síria e à Arábia [...] é junto a eles que nasce o incenso com o qual aplacamos os deuses.”

264. COPTOS MAREOTA: Coptos é uma cidade do Egito localizada na Mareota, reconhecida como a cidade em que Io foi adorada como Ísis.

265. E CHORE O FLUXO DO NILO BRONZÍSSONO: Nilo, rio do Egito. De acordo com Amar-Lemaire (*ad loc.*), a imagem remete aos sistros, instrumentos de percussão feitos em bronze e utilizados nos rituais dedicados a Ísis.

266-70. POIS QUE, SE EXPIAM ... SÉCULOS / EMENDAR BASTA?: aqui, Juno questiona especificamente o ato de Júpiter vingar-se, em cidadãos contemporâneos, pelos crimes de seus antepassados, um argumento utilizado pelo deus para incluir, em sua retaliação, os argivos – note-se que, ao final de sua fala, evoca o deus o episódio envolvendo Tântalo e Pélope (cf. 1.246-7n).

266. SE EXPIAM CRIMES ANTIGOS OS POVOS: “se os povos pagam por crimes de seus ancestrais”.

269. BANIR DA TERRA AS FÚRIAS: não se refere, pois, às Fúrias (cf. 1.52n), mas aos atos criminosos cometidos pelos homens – às suas loucuras e à insânia de seu comportamento.

269-70. E, ÀS AVESSAS, SÉCULOS / EMENDAR: ou seja, corrigir, agora, os séculos passados. Já que pretende o deus reparar o passado no presente, diz ser **tarda** sua **sentença** (1.267) e uma emenda **às avessas**.

270-2. POR AQUELAS MORADAS / COMEÇA ... TORNANDO A VER AMORES SÍCANOS: **Alfeu** é um deus-rio que, nascido na Arcádia, corre pela Élida, outra região do Peloponeso, até desaguar no Mar Jônio. Conta-se que Alfeu se apaixonou por Aretusa, uma ninfa de Ártemis que se havia banhado nua em suas águas. Perseguida por ele, que assumira forma humana para alcançá-la, fugiu até que a deusa a dissimulou em uma nuvem e a levou a Siracusa, onde foi transformada em fonte. Ao perceber que sua paixão era, agora, uma fonte de água, Alfeu lançou-se ao Jônio, mas a Terra, se abrindo, fez com que o rio cruzasse as ondas sob o leito marinho até

unir suas águas, puras, às de Aretusa em Siracusa. A referência feita pela deusa, aqui, é à cidade de Olímpia, onde, de acordo com Pausânias (5.7.10), conforme dizem alguns habitantes da região, Zeus teria lutado pelo trono com Cronos, ou apenas o lugar em que ele celebrara os jogos em honra à sua vitória. Para Amar-Lemaire (*ad loc.*), é o rio onde os habitantes da Élida lavavam as cinzas dos sacrifícios, com as quais untavam depois a estátua de Jove Olímpico. De qualquer forma, Olímpia é uma cidade muito cara a Jove, motivo pelo qual Juno sugere que o deus supremo comece a dizimar as fúrias da terra por ela.

272. SÍCANOS: da Sicília – refere-se a Aretusa (cf. 1.270-2n).

273-4. TEUS DELUBROS, SEM PEJO, OS ÁRCADES EM SOLO / NEFASTO ERGUERAM: os árcades são os habitantes da Arcádia, no Peloponeso. De acordo com Pausânias (8.2), Licáon, filho de Pelasgos, rei da Arcádia, fundou uma cidade, Licosura, ao pé do Monte Liceu, também na Arcádia. Lá, o rei erigiu um templo a Zeus, dando-lhe então o epíteto Liceu. Em um dos rituais, Licáon teria sacrificado à suma divindade um humano, ao que foi prontamente metamorfoseado em lobo pelo deus. Outras fontes, porém, entre elas Ovídio (*Met.* 1.209-43), declaram que Zeus, em forma humana, teria pedido hospedagem a Licáon, mas o rei, duvidando da numinosidade de seu hóspede, serviu-lhe carne humana em um banquete para certificar-se de sua identidade. Percebendo o embuste, Zeus o transformara imediatamente em lobo, como um castigo. Qual seja, pois, a lenda, o solo da Arcádia foi, para a deusa, manchado pelo sacrifício humano, tornando-se nefasto.

274-5. LÁ ESTÃO O EIXO MAVÓRCIO / DE ENÔMAU: Enômau, rei de Pisa, na Élida, ou Élis, à beira do Rio Alfeu. Era filho de Marte e pai de Hipodâmia, cujas núpcias fazia questão de adiar – segundo Grimal (*ad Enômau*), ou por estar apaixonado pela própria filha, ou porque um oráculo predisse que seria morto por seu neto. Para isso, desafiava os pretendentes a uma corrida de carros até Corinto, a qual ele sempre ganhava por correr com um carro puxado pelos cavalos que ganhara de presente de seu pai, Marte – daí, **o eixo Mavórcio / de Enômau**. Isso durou até que Pélope o venceu, ajudado por Hipodâmia, e o rei, por fim, morreu.

275-6. A GREI DIGNA DE ACOLHER NO HEMO / GÉTICO: os cavalos que Enômau ganhara de Marte (cf. 1.274-5n) eram, para Juno, dignos de serem alojados no Hemo, uma cadeia de montanhas na Trácia – donde **Gético**, isto é, dos getas, povo que habitava essa região. Para Amar-Lemaire (*ad loc.*), Estácio ainda alude, por meio deste verso, às éguas de Diomedes – rei da Trácia e também filho de Marte –, por ele obrigadas a se alimentar dos estrangeiros que chegavam em seu reino. A escolha de Estácio por *pecus* (**grei**), termo genérico para designar um grupo

de animais quadrúpedes domados pelo homem, é um forte indício não só de uma alusão às éguas de Diomedes, já que os de Enômau são machos, mas também de uma aproximação com elas, pois, embora os corcéis do rei de Pisa não devorassem suas vítimas, eram os responsáveis por suas mortes – era por causa deles que Enômau ganhava as corridas (cf. 1.274n). Agindo assim, Juno ressalta ainda mais os crimes ocorridos nas terras adoradas por Júpiter.

276-7. ONDE, INSEPULTOS, CORTADOS AOS NOIVOS, / JAZEM ESPARSOS CRÂNIOS: os pretendentes (**noi-vos**) são aqueles de Hipodâmia (cf. 1.274n), os quais, derrotados por Enômau, eram decapitados. Suas cabeças eram então expostas como uma tentativa de espantar os vindouros.

278. O IDA NÓXIO: o Monte Ida, na Ilha de Creta, onde Júpiter teria sido criado durante sua infância, mas também onde se alegava estar o túmulo do deus – por isso **nóxio**.

278-9. FINGINDO TEU MANE, / CRETA: diziam os cretenses, habitantes da Ilha de Creta, no Mar Mediterrâneo, que Júpiter havia sido enterrado em uma tumba localizada no Monte Ida (cf. 1.278n) – donde, então, o **mane** (“fantasma”) por eles inventado. (AMAR-LEMAIRE) “Havia, pois, [na Ilha] um sepulcro em cujas proximidades podia-se ver o seu nome [de Júpiter]. Na verdade, dizem os escoliastas de Calímaco, esse sepulcro não era de Jove, mas de Minos, seu filho: em sua antiga inscrição, havia a expressão ‘[sepulcro] de Minos, filho [de Jove]’, da qual, porém, só se conseguia ler ‘sepulcro de Jove’, com um espaço entre ‘sepulcro’ e ‘de Jove’.”

279-80. POR QUE TER CASAS NAS TERRAS DE TÂNTALO / ME ENVERGONHA: isto é, uma vez que as suas terras são marcadas por crimes nefastos, por que só para mim é vergonhoso ser honrada pelos descendentes de Tântalo (cf. 1.246-7n) – Tiestes, Atreu e Agamêmnon em Micenas, Menelau em Esparta. Micenas, na poesia, muitas vezes refere-se a Argos, já que ambas as cidades são bastante próximas, e aquela fora tomada pelos argivos em 468 a.C. Pese a isso, ainda, o fato de Micenas ter sido fundada por Perseu (cf. 1.255n), herdeiro por direito do trono de Argos – o próprio Júpiter, em seu primeiro discurso, já vinculara Argos a Perseu, embora ele nunca tenha reinado nesta cidade (cf. 1.224-5n).

281. DOS TEUS: novamente, aqui, Argos e Micenas, casas descendentes de Jove (cf. 1.224-5n; 1.255n; 1.279-80n).

281-2. DISTANTES REINOS ÍMPIOS / HÁ QUE COM OS GENROS NÓXIOS MELHOR SOFRERÃO: Juno encerra seu discurso reforçando a ideia de que outros reinos podem ser mais adequados à vingança

de Júpiter, os quais, segundo ela, melhor sofreriam com os **genros nóxios** – a saber, Polinices, fruto de uma relação incestuosa e de um pai parricida, e Tideu, fratricida (cf. 1.402n), ambos os futuros genros de Adrasto.

283-302. FINDARA JUNO, ÀS PRECES MESCLANDO ... EU COORDENO O RESTANTE: Júpiter encerra o consílio negando-se a aceitar os argumentos de Juno e jurando pelas águas do **Estige** (cf. 1.290-1n). Ao fim, chama Mercúrio e ordena a seu filho que dê início ao plano de vingança, trazendo dos Infernos a sombra de Laio para que dê o recado do deus a Etéocles. Também em Homero e Virgílio o deus supremo retoma a palavra após o questionamento das deusas (cf. 1.248-82), mantendo sua decisão e encerrando a discussão. Em Homero, Zeus tranquiliza Atena quanto às preocupações da filha, dizendo estar a seu lado – ao lado dos gregos, portanto (*Il.* 8.38-46): *τὴν δ' ἐπιμειδίσας προσέφη νεφεληγερέτα Ζεὺς· / θάρσει Τριτογένεια φίλον τέκος· οὐ νύ τι θυμῷ / πρόφρονι μυθέομαι, ἐθέλω δέ τοι ἥπιος εἶναι. / Ὡς εἰπὼν ὑπ' ὄχεσφι τιτύσκετο χαλκόποδ' ἵππῳ / ὠκυπέτα χρυσέησιν ἐθείρησιν κομόωντε, / χρυσὸν δ' αὐτὸς ἔδυνε περὶ χροῖ, γέντο δ' ἱμάσθλην / χρυσεῖην εὖτυκτον, ἐοῦ δ' ἐπεβήσετο δίφρου, / μάστιξεν δ' ἐλάαν· τὼ δ' οὐκ ἀέκοντε πετέσθην / μεσσηγὺς γαίης τε καὶ οὐρανοῦ ἀστερόεντος* (“Com um sorriso lhe falou Zeus que comanda as nuvens: / ‘Anima-te, ó Tritogênia, querida filha. Não é com séria / intenção que falo; pelo contrário, quero ser-te favorável.’ / Assim falando, atrelou ao carro os cavalos de brônzeos cascos, / ambos velozes e ambos com longas crinas douradas; / e ele próprio se vestiu de ouro e agarrou no chicote / de ouro bem forjado e subiu para o carro que era dele / e chicoteou-os. Voaram sem constrangimento / entre a terra e o céu cheio de astros” – trad. Frederico Lourenço).

Em Virgílio, se pronuncia de maneira mais agressiva e, para findar a discussão entre Vênus e Juno (cf. 1.248-82n), decide-se pela imparcialidade entre os rútuos e os troianos na disputa pelo Lácio (*A.* 10.100-17): *tum pater omnipotens, rerum cui prima potestas, / inquit (eo dicente deum domus alta silescit / et tremefacta solo tellus, silet arduus aether, / tum Zephyri posuere, premit placida aequora pontus): / 'accipite ergo animis atque haec mea figite dicta. / quandoquidem Ausonios coniungi foedere Teucris / haud licitum, nec uestra capit discordia finem, / quae cuique est fortuna hodie, quam quisque secat spes, / Tros Rutulusne fuat, nullo discrimine habeo, / seu fatis Italum castra obsidione tenentur / siue errore malo Troiae monitisque sinistris. / nec Rutulos soluo. sua cuique exorsa laborem / fortunamque ferent. rex Iuppiter omnibus idem. / fata uiam inuenient.' Stygii per flumina fratris, / per pice torrentis atraque uoragine ripas / adnuit et totum nutu tremefecit Olympum. / hic finis fandi. solio tum Iuppiter aureo / surgit, caelicolae medium quem ad limina ducunt*

(“Do árbitro poderoso ao grave acento, / cala a diva morada, o ar sumo cala, / nos eixos tre-
me a terra, amaina o pego, / Zéfiros sossegando: “Ouvi-me, n’alma / a sentença imprimi. Já
que é defeso / Teucros e Ausônios congraçar, nem finda / vossa discórdia, esperançoso corra
/ seus fados cada qual, desde hoje trato / sem diferença a Rútulo ou Dardânio; / quer à Hes-
péria nocivo ature o assédio, / quer por erro de agouro em mal de Troia, / jogado o lanço foi:
rei justo às partes, / Júpiter os destinos não desliga; / estes rumo acharão.” Pela do estígio /
irmão pícea torrente e negro abismo / jura, e ao nuto estremece o Olimpo todo. / Fecha o
concílio: ergueu-se do áureo trono; / e ao limiar os deuses o acompanham” – trad. Odorico
Mendes).

284. COM DITOS NADA GRAVES, MAS ÁSPEROS GESTOS: ou seja, “sem tom grave em sua fala, mas com
gestos firmes”. Demonstra o deus sua superioridade hierárquica em relação a Juno sem, con-
tudo, alterar seu tom de voz.

286. A TEUS ARGIVOS: por causa de predileção de Juno por Argos – sobre isso, cf. 1.250n.

288. DIONE: de acordo com Grimal (*ad loc.*), uma deusa de origem controversa, pois ora é
apontada como filha de Urano e Geia, ora como filha de Oceano e Tétis, ou ainda como uma
das filhas de Atlas. Seja qual for a sua origem, Dione foi esposa de Tântalo, com quem gerou
Pélope (cf. 1.246-7n) e Níobe. Esta, por sua vez, fora rainha de Tebas, pois era esposa de Anfí-
on (cf. 1.9-10n). Há, porém, uma versão que aponta outra Dione como sendo a mãe de Vênus
(Verg. A. 3.19: *Dionaeae matri* – “mãe Dioneia”, ou seja, a mãe que é filha de Dione: Vênus,
mãe de Eneias). Por esse caminho, suas relações com Tebas se dariam, principalmente, por
sua neta Harmonia, a esposa de Cadmo, filha de Vênus e Marte. **DIONÍSIO:** Dionísio é natural
de Tebas e filho de Sêmele, filha de Cadmo e Harmonia – cf. 1.11n.

289. O ACATO A NOSSO PESO: a reverência à nossa importância e superioridade.

**290-1. POR ISSO, DO FRATERNO ESTIGE AS TORVAS ÁGUAS / INVOCO, UM DURADOURO E IRREVOGÁVEL
VERBO:** Estige é um dos rios do Inferno (cf. 1.57n); pertence, portanto, ao reino de Hades, ir-
mão de Jove – por isso **fraterno**. Suas águas, famosas por seus poderes mágicos – Tétis ba-
nhou Aquiles nelas para que ele se tornasse imortal –, eram também utilizadas pelos deuses
como testemunha de seus juramentos. Como em Virgílio (A. 10.113-5): *Stygii per flumina fra-
tris ... adnuit* (“pelas águas do Estige fraterno ... jura”). Hesíodo descreve em detalhes os casti-
gos dados ao deus que não cumprisse um juramento feito em nome do Estige (*Th.* 775-806):
*ἔνθα δὲ ναιετάει στυγερὴ θεὸς ἀθανάτοισι, / δεινὴ Στύξ, θυγάτηρ ἀψορρόου Ἰκεανοῖο /
πρεσβυτάτη· νόσφιν δὲ θεῶν κλυτὰ δώματα ναίει / μακρῆσιν πέτρῃσι κατηρεφέ· ἀμφὶ δὲ πάντα /*

κίοισιν ἀργυρέοισι πρὸς οὐρανὸν ἐστήρικται. / παῦρα δὲ θαύμαντος θυγάτηρ πόδας ὠκέα Ἴρις / †
 ἀγγελίη πωλεῖται ἐπ' εὐρέα νῶτα θαλάσσης. / ὁππότε ἔρις καὶ νεῖκος ἐν ἀθανάτοισιν ὄρηται, / καί
 ῥ' ὅστις ψεύδεται Ὀλύμπια δώματ' ἐχόντων, / Ζεὺς δέ τε Ἴριν ἔπεμψε θεῶν μέγαν ὄρκον ἐνεῖκαι /
 τηλόθεν ἐν χρυσῇ προχόῳ πολυώνυμον ὕδωρ, / ψυχρόν, ὃ τ' ἐκ πέτρης καταλείβεται ἡλιβάτοιο /
 ὑψηλῆς· πολλὸν δὲ ὑπὸ χθονὸς εὐρυοδείης / ἐξ ἱεροῦ ποταμοῖο ῥέει διὰ νύκτα μέλαιναν· / Ὠκεανοῖο
 κέρας, δεκάτη δ' ἐπὶ μοῖρα δέδασται· / ἐννέα μὲν περὶ γῆν τε καὶ εὐρέα νῶτα θαλάσσης / δίνης
 ἀργυρῆς εἰλιγμένος εἰς ἄλα πίπτει, / ἡ δὲ μὴ ἐκ πέτρης προρέει, μέγα πῆμα θεοῖσιν. / ὅς κεν τὴν
 ἐπίορκον ἀπολλείψας ἐπομόσση / ἀθανάτων οἳ ἔχουσι κάρη νιφόεντος Ὀλύμπου, / κεῖται νήυτμος
 τετελεσμένον εἰς ἐνιαυτόν· / οὐδέ ποτ' ἀμβροσίης καὶ νέκταρος ἔρχεται ἄσσον / βρώσιος, ἀλλὰ τε
 κεῖται ἀνάπνευστος καὶ ἀναυδος / στρωτοῖς ἐν λεχέεσσι, κακὸν δ' ἐπὶ κῶμα καλύπτει. / αὐτὰρ
 ἐπὴν νοῦσον τελέσει μέγαν εἰς ἐνιαυτόν, / ἄλλος δ' ἐξ ἄλλου δέχεται χαλεπώτερος ἄθλος· /
 εἰνάετες δὲ θεῶν ἀπαμείρεται αἰὲν ἑόντων, / οὐδέ ποτ' ἐς βουλὴν ἐπιμίσγεται οὐδ' ἐπὶ δαΐτας /
 ἐννέα πάντ' ἔτεα· δεκάτῳ δ' ἐπιμίσγεται αὖτις / † εἰρέας ἀθανάτων οἳ Ὀλύμπια δώματ' ἔχουσι. /
 τοῖον ἄρ' ὄρκον ἔθεντο θεοὶ Στυγὸς ἄφθιτον ὕδωρ, / ὠγύγιον· τὸ δ' ἦσι καταστυφέλου διὰ χώρου
 (“Aí habita a Deusa detestada dos imortais / terrível Estige, filha do Oceano refluyente / a
 mais velha, longe dos Deuses em ilustre palácio / coberto de altas pedras, todo ao redor /
 com as colunas de prata se apoia no céu. / Pouco a filha de Espanto Íris de ágeis pés / aí vem
 mensageira sobre o largo dorso do mar: / quando briga e discórdia surgem entre imortais /
 e se um dos que têm o palácio Olímpio mente / Zeus faz Íris trazer o grande juramento dos
 Deuses / num jarro de ouro, a longe água de muitos nomes / fria. Ela precipita-se da íngre-
 me pedra / alta. E abundante sob a terra de amplas vias / do rio sagrado flui pela noite ne-
 gra, / braço do Oceano, décima parte ela constitui: / nove envolvem a terra e o largo dorso
 do mar / com rodopios de prata e depois caem no sal, / ela só proflui da pedra, grande pena
 aos Deuses. / Dos imortais que têm a cabeça nivosa do Olimpo / quem espargindo-a jura um
 perjúrio / jaz sem fôlego por um ano inteiro, / nem da ambrosia e do néctar se aproxima /
 para comer, jaz porém sem alento nem voz / num estendido leito e mau torpor o cobre. /
 Quando a doença perfaz um grande ano, / passa de uma a outra prova mais áspera: / nove
 anos afasta-se dos Deuses sempre vivos, / nem frequenta conselho nem banquetes / nove
 anos a fio. No décimo frequenta de novo / reuniões dos imortais que têm o palácio
 Olímpio. / Tal juramento os Deuses fizeram de Estige imperecível / água ogígia que brota de
 abrupta região” – trad. Jaa Torrano).

293-302. CILÊNIA PROLE, O NOTO ... HONRA ALTERNANTE NEGANDO: ao fim de sua réplica, Júpiter ordena a Mercúrio (a **Cilênia prole** – cf. 1.293n) que busque Laio nos Infernos (cf. 1.294) e o

conduza para Tebas, a fim de que transmita, a Etéocles, uma divina mensagem. De maneira semelhante, em Homero, Zeus ordena a Hermes que acompanhe e proteja Príamo, até que o ancião chegue à tenda de Aquiles (Il. 24.334-8): Ἑρμεία, σοὶ γάρ τε μάλιστά γε φίλτατόν ἐστιν / ἀνδρὶ ἐταιρίσσαι, καὶ τ' ἔκλυες ὧ κ' ἐθέλησθα, / βάσκ' ἴθι καὶ Πρίαμον κοίλας ἐπὶ νῆας Ἀχαιῶν / ὥς ἄγαγ', ὥς μήτ' ἄρ τις ἴδῃ μήτ' ἄρ τε νοήσῃ / τῶν ἄλλων Δαναῶν, πρὶν Πηλεΐωνα δ' ἰκέσθαι (“Hermes, já que aquilo que de tudo mais te agrada / é acompanhares um homem, e dás ouvidos a quem queres, / vai agora e guia Príamo até as naus recurvas dos Aqueus, / para que ninguém o veja nem se aperceba dele entre / os outros Dânaos, até que chegue à tenda do Peli-da” – trad. Frederico Lourenço). Em Virgílio, a ordem é para que Mercúrio leve a Eneias a mensagem de Júpiter (A. 4.223-6): uade age, nate, uoca Zephyros et labere pennis / Dardaniumque ducem, Tyria Karthagine qui nunc / exspectat fatisque datas non respicit urbes, / adloquere et celeris defer mea dicta per auras (“Vai, tu Mercúrio, os Zéfiros convoca; / nas penas lesto, a Birsá, filho, ao chefe / que deslembra os fatídicos assentos, / leva-me este recado” – trad. Odorico Mendes).

293. CILÊNIA PROLE: Mercúrio, filho de Jove, é conhecido por ser o mensageiro dos deuses. Nasceu sobre o Monte Cilene – por isso **Cilênia prole** –, na Arcádia. **O NOTO, QUE IMPELE, PRECEDE:** sobre o Noto, cf. 1.160-1n. Ordena, pois, que se adiante ao Noto, voando mais veloz do que o próprio vento que o embala.

294. REINOS OPACOS: os domínios de Hades; **opacos** porque sem luz, como em Virgílio (A. 6.534): ut tristes sine Sole domos, loca turbida, adires? (“por que azar à estância / vens túrbida e funesta, ao Sol negada? – trad. Odorico Mendes).

295. AO TIO: a Plutão. **ÀS ALTURAS:** em relação ao mundo inferior, a terra. No original: *superas senior se tollat ad auras*, semelhante a Virgílio (A. 2.699): uictus genitor se tollit ad auras (“meu pai rendido se ergue” – trad. Odorico Mendes); e (A. 4.176): *mox sese attolit in auras* (“eis se remonta às auras” – trad. Odorico Mendes).

296-8. DO LETES / NÃO ACEITAM AS MARGENS POR LEI DO PROFUNDO / ÉREBO: Letes é a Fonte do Esquecimento, localizada no Inferno, da qual bebiam os mortos para esquecerem de sua vida terrena. O **Érebo** é a personificação das Trevas Infernais e, como tal, filho do Caos e irmão da Noite. Conforme esclarece Lactânio (*ad loc.*), diz-se que as almas cujos corpos jazem insepultos sobre a terra não podem aproximar-se do Letes para beber-lhe as águas. Sobre isso falaram, por exemplo, Virgílio, referindo-se a Palinuro (A. 6.329): *centum errant annos* (“erram por cem anos”); e também Lucano, sobre Crasso (Luc. 1.11): *umbraque erraret Crassus inulta*

(“de Crasso o errante espectro” – trad. Brunno Vieira). Compare-se a leitura de Lactâncio e a afirmação de Jove, porém, com 2.64 e *esp.* 4.622-4n.

298. AO NETO ATROZ: Etéocles.

299-301. O IRMÃO ÊXULE, UFANO ... HONRA ALTERNANTE NEGANDO: a ordem de Júpiter a Etéocles: que ele mantenha seu irmão longe do passo tebano, negando-lhe seu quinhão da honra de empunhar o cetro da cidade.

299. O IRMÃO ÊXULE, UFANO DA ARGIVA HOSPEDAGEM: Polinices, orgulhoso de sua recepção em Argos por Adrasto.

300. QUE ELE, ÍMPIO: Etéocles; **ímpio** porque não manterá sua palavra no acordo firmado com o irmão, negando-lhe o cetro (1.301).

301. HONRA ALTERNANTE: por causa do pacto firmado entre os irmãos, pelo qual cada um reinará sozinho durante um ano inteiro, quando deveria, então, deixar o trono para o outro (cf. 138-9n).

302. AS CAUSAS DA IRA: Etéocles negar o trono a Polinices é, pois, a causa da discórdia entre os irmãos. Se Tisífone já se colocara entre eles, a pedidos de Édipo, como garantia do ódio (cf. 1.83-5n), Júpiter institui o evento que dará início ao combate: a recusa de entregar o trono conforme o combinado. Virgílio (A. 1.25): *etiam causae irarum* (“também as causas da ira”).

303-11. OBEDECE O ATLANTÍADE ... AS NUVEIS RISCA: Mercúrio, que é filho de Júpiter e Maia, filha de Atlas – por isso o chama **Atlantíade** –, escuta as ordens do pai e se apressa para cumpri-las. Também em Virgílio e Homero, Mercúrio é designado pelo deus supremo para que cumpra uma tarefa em seu nome. Na *Eneida*, a missão de Mercúrio foi despertar em Eneias os reais motivos de sua viagem, fazendo com que o troiano se apressasse para deixar Cartago e seguisse o rumo de seu destino (A. 4.238-46): *ille patris magni parere parabat / imperio; et primum pedibus talaria nectit / aurea, quae sublimem alis siue aequora supra / seu terram rapido pariter cum flamine portant. / tum uirgam capit: hac animas ille euocat Orco / pallentis, alias sub Tartara tristia mittit, / dat somnos adimitque, et lumina morte resignat. / illa fretus agit uentos et turbida tranat / nubila* (“À voz do excelso pai se inclina e apresta: / calça os áureos talaes com que adeja, / sobre as terras sublime ou sobre os mares, / como rápido sopra. A vara empunha, / que do Tártaro evoca ou nele afunda / pálidas almas, causa e tira sonos, / e às pálpebras na morte o selo imprime. / Nela afouto, ares fende e as névoas trana.” – trad. Odorico Mendes).

Em Homero, Hermes é enviado por Zeus para que auxilie Príamo a chegar à tenda de Aquiles

sem ser notado (Il. 24.339-5): ὥς ἔφατ', οὐδ' ἀπίθησε διάκτορος Ἀργειφόντης. / αὐτίκ' ἔπειθ' ὑπὸ ποσσὶν ἐδήσατο καλὰ πέδιλα / ἀμβρόσια χρύσεια, τὰ μιν φέρον ἡμὲν ἐφ' ὑγρὴν / ἥδ' ἐπ' ἀπείρονα γαῖαν ἅμα πνοιῆς ἀνέμοιο· / εἴλετο δὲ ῥάβδον, τῇ τ' ἀνδρῶν ὄμματα θέλγει / ὧν ἐθέλει, τοὺς δ' αὖτε καὶ ὑπνῶντας ἐγείρει· / τὴν μετὰ χερσὶν ἔχων πέτετο κρατὺς Ἀργειφόντης. (“Falou. Não discrepou dele o núncio Argicida. / Calçou nos pés as lindas sandálias ambrósias / de ouro, que o transportavam sobre águas e terras / sem confins, com o alento do vento. Empunhou / o caduceu, que ao toque os olhos adormece / dos homens, quando quer, ou desperta os que dormem, / tomados pelo sono de Hipnos. Tendo nas mãos / essa vara mágica, o Argicida voava.” – trad. Haroldo de Campos).

304-5. E, VELOZ, PRENDE AOS PÉS SUAS SANDÁLIAS ALADAS, / COM O CHAPÉU COBRE A COMA E OS ASTROS ATENUA: dos aparatos de Mercúrio, são comuns as sandálias aladas com as quais voa, seu chapéu e o caduceu – cf. 1.306n. (LACTÂNCIO) “A ordem é: *com o chapéu cobre a coma e os astros atenua*, como se a cabeça de cada um dos deuses fosse um astro. Em consequência, **cobre**, escurece para que, descendo com a cabeça descoberta, não fulmine a terra com o fulgor [...]”

306-8. SEU CADUCEU À DESTRA ... AFEITO A DAR ÂNIMO: o Caduceu, um bastão de ouro com poderes mágicos que Mercúrio ganhou de Apolo em uma barganha pela flauta que o deus mensageiro inventara. O passo é bastante semelhante àqueles em que Homero e Virgílio descrevem o bastão de Mercúrio e seus poderes – sobre isso, cf. 1.303-11n.

308. A SOMBRAS EXANGUES AFEITO A DAR ÂNIMO: ou seja, acostumado a dar-lhes novo sopro de vida, a revivê-las.

309. AURA TÊNUE: (LACTÂNCIO) “Auras tênues que os mortais fruem. Como em Virgílio (A. 1.387-8): *quisquis es, haud, credo, inuisus caelestibus auras / uitalis carpis, Tyriam qui adueneris urbem* [“Quem sejas, creio, não do céu malquisto, / gozas d’ aura vital, que a Tiro aportas.” – trad. Odorico Mendes], pois o ar é mais denso no éter. Diz ‘tremeu-se’ porque lançou-se do ar cáldo para o ar frio. Outros reportam ‘tremeu-se’ ao barulho das asas.”

312-89. NISSO, DAS COSTAS PÁTRIAS ... INVOCA JUNTO A UM LEITO DURO: a cena compreende a partida de Polinices de Tebas, sua terra natal (as **costas pátrias**), e a chagada a Argos. O caminho percorrido pelo edipônida será repassado por Tideu no canto segundo (cf. 2.375-88 e comentários *ad loc.*), quando este marcha rumo a Tebas como um mensageiro de Polinices para cobrar de Etéocles o direito do trono para o amigo, e também no canto terceiro (cf. 3.324-44 e comentários *ad loc.*), quando Tideu retorna de sua missão frustrada. Perceba-se como se organizam as cenas no passo: primeiro (1.314-23), detém-se o narrador sobre os pensamentos

que tomam Polinices logo após sua partida; na sequência (1.324-35), passando do interior do personagem ao ambiente exterior, apresenta as cidades e os caminhos que atravessa; depois (1.336-63), deixa a superfície da terra e descreve a tempestade que apanha o herói já próximo a Argos; por fim, descreve sua chegada às portas do paço de Adrasto (1.364-89).

312. NISSO: em latim, *interea*. A viagem de Polinices ocorre simultaneamente ao consílio dos deuses e à partida de Mercúrio para o Hades, de onde trará a sombra de Laio para Tebas – sobre isso, cf. 1.293-311 e comentários *ad loc*. No início do canto segundo, o termo (*interea*) será usado para introduzir o episódio em que Mercúrio e Laio deixam os Infernos – cf. 2.1n.

313. O EDIPÔNIDA ESCONSO: Polinices; “oculto”, “escondido”, porque não poderia permanecer próximo a Tebas estando exilado.

313-4. OS DESERTOS PERCORRE / DA AÔNIA: Aônia pode ser tanto uma região específica, como a antiga designação da Beócia.

314. DOENTE A ALMA: (LACTÂNCIO) “[...] porque será atacado pelos incômodos da guerra; ou porque imagina, doente no espírito, ser o reino a si já devido, o qual sabia que jamais lhe seria devolvido, por vontade própria, pelo irmão.”

315-6. E O LENTO ANO DE HESITANTES SIGNOS / GEME: lamenta o ano que demora para passar, cujos sinais avançam sem firmeza. Isso se deve mais provavelmente à percepção que Polinices tem do tempo do que à ação do tempo ou de qualquer divindade, uma vez que Júpiter já decretara aos Fados o futuro de Polinices e da casa dos labdácidas – cf. 1.214-302 e comentários *ad loc*.

316-9. OS DIAS E NOITES REVOLVENDO ... ESCAMBAR POR TAL DIA: a ânsia ardente de ter às mãos o centro de Tebas, levada ao peito dos irmãos por Tisífone (cf. 1.123-96), se manifesta na visão de Polinices, na qual imagina Etéocles humilhado vendo-o poderoso em Tebas. Sua ansiedade e anseio são tamanhos que chega a desejar a troca de sua vida por esse único momento. Mueller (*ad loc*.) aponta dois paralelos para essa passagem na *Eneida*. O primeiro refere-se ao momento da disputa entre os navios nos jogos em honra a Anquises (A. 5.230): *uitamque uolunt pro laude pacisci* (“trocam pela vitória a mesma vida” – trad. Odorico Mendes); o segundo compreende palavras ditas por Turno antes da luta contra Eneias, com as quais o herói pede que lhe concedam uma morte gloriosa (A. 12.49): *letumque sinas pro laude pacisci* (“a morte permitas que pela glória eu troque”).

317-8. QUANDO AO IRMÃO DIMINUÍDO, O REINO / DEIXANDO, E A SI, SENHOR DE TEBAS E DE BENS: como

aponta Barthius (*ad loc.*), a paixão por reinar sozinho em Tebas se assomou tão violentamente ao peito dos irmãos que Polinices não deseja somente ver-se senhor da cidade e de suas riquezas, mas também contemplar o irmão **diminuído**, humilhado diante de sua soberania.

320. E, ORA, RECLAMA DO ÔNUS DA FUGA: como defende Amar-Lemaire (*ad excursum Libri I*), o trecho pode ser considerado ambíguo: Polinices pode questionar se não valeria mais a pena lutar pelo que deixou para trás (especialmente o prazer da imagem descrita em 1.317-9) do que fugir – sendo, então, a perda do poder o **ônus da fuga**; ou questionar a própria fuga em si, tendo em vista os obstáculos que enfrentará (descritos já na sequência – cf. 1.324-89) – pelo que as dificuldades passariam a ser o **ônus da fuga**.

322-3. A AGITADA ESPERANÇA / TOMA O JUÍZO E O PRAZER EM LENTO VOTO SORVE: as visões que tem de si próprio reinando em Tebas (a sua **esperança**) agitam-no e fazem com que o súbito **prazer** sentido ao imaginá-las seja absorvido pela promessa de ser conduzido ao trono após um ano de exílio (o **lento voto**).

324-335. ÀS CIDADES DO ÍNACO ... PRAIAS ENTRE PRADOS: nestes versos, Estácio descreve parte do percurso trilhado por Polinices quando se afasta de Tebas. Decidido a partir em direção a Argos (1.324-5), o herói passa pelas cavernas das Bacantes na Ogígia (1.328), ainda próximo a Tebas, e pelo Citéron (1.330-1 – cf. 1.114-22n), no caminho para o Istmo de Corinto (cf. 1.114-22n). Após passar por Mégara (1.333-4), chega por fim a Corinto (1.334-5), entrando assim no Peloponeso. Tideu trilha o mesmo caminho de Polinices quando rumo a Tebas (cf. 2.375-88 e comentários *ad loc.*) e quando dela retorna (cf. 3.324-44 e comentários *ad loc.*).

324. ÀS CIDADES DO ÍNACO, AOS CAMPOS DE DÂNAO: as cidades do Ínaco são aquelas banhadas por esse rio da Argólida, a regidão onde se encontra Argos. Os campos de Dânao referem-se à própria Argos, para onde Dânao fugiu temendo por suas cinquenta filhas, as Danaides, ameaçadas pelos cinquenta filhos de seu irmão, Egito (cf. 2.222n). O trono de Argos foi-lhe passado por Gelanor, cessão essa que teria ocorrido ou por conta de um prodígio, ou pela própria vontade do rei, uma vez que Dânao, filho de Belo e Anquínoe, teria ascendência argiva: pelo ramo paterno, descende de Io, amante de Zeus comumente elencada dentre a realeza de Argos por ser filha de Ínaco ou Iásio. Conta-se ainda que Amimone, uma das Danaides, tendo sido enviada por seu pai para procurar água, uma vez que Argos passava por uma seca terrível, foi salva por Netuno quando um sátiro tentava estuprá-la, e acabou despertando uma paixão no deus, que aplacou sua fúria contra o Ínaco, a quem impusera a seca desde quando o deus-rio decidiu-se, entre Juno e Netuno, que disputavam a Argólida, pela deusa.

325. A MICENAS SOMBRIA, ONDE O SOL É RECUADO: Micenas é uma cidade próxima a Argos (cf. 1.261n.; 1.279-80n). Quando Atreu (cf. 1.279-80n), irmão de Tiestes e, portanto, filho de Hipodâmia e Pélope, entrou em disputa pelo trono de Micenas com seu próprio irmão, ficou acordado que, entre os dois, seria rei aquele que apresentasse ao outro um velo de ouro. Confiante na vitória por ter guardado um tosão áureo retirado de uma de suas ovelhas, Atreu surpreendeu-se quando foi Tiestes quem apresentou o tal velo, ajudado pela mulher de Atreu, Aérope, sua amante, que roubou o couro guardado pelo marido e o entregou a Tiestes. Aconselhado por Júpiter, porém, Atreu combinou com seu irmão que, se acaso o sol alterasse o seu curso, ele seria o novo rei de Micenas, ao que o irmão concordou. Ao final do dia, quando o Sol se pôs no oriente, Atreu assumiu o cetro, donde Micenas ser caracterizada como a urbe **onde o Sol é recuado**. Além disso, é **sombria** especialmente pelos eventos que aconteceram, entre Atreu e Tiestes, depois da disputa pelo trono da cidade. Atreu, enfurecido com a descoberta da relação de sua esposa com o seu irmão, matou três dos filhos de Tiestes e a ele os serviu em um jantar, revelando sua crueldade após ter-se fartado o irmão. Para vingar-se, Tiestes, seguindo as orientações de um oráculo, gerou um filho, Egisto, em uma relação incestuosa com a própria filha, Pelópia, para que este o vingasse pelo crime do irmão. Pelópia, então, acabou se casando com o tio, que criou Egisto sem saber de sua verdadeira paternidade. Depois de crescido, Atreu confiou a Egisto a tarefa de matar Tiestes, mas quando o jovem descobriu que seu alvo era seu pai biológico, retornou a Micenas e matou Atreu, passando o cetro a Tiestes.

326-7. A ERÍNIA O LEVOU, OU O ACASO / DO TRAJETO? CHAMAVA, ALI, A IMÓVEL ÁTROPO?: “o que o teria conduzido em direção a Argos: o furor, a Fortuna, ou os Fados?”.

326. A ERÍNIA: ou se refere especificamente a Tisífone (cf. 1.59n), ou ao furor, de um modo mais geral.

327. ÁTROPO: uma das Moiras – cf. 1.111n; refere-se, pois, aos Fados.

328. ANTROS EM QUE OS FURORES ULULAM NA OGÍGIA: Ogígia é uma região da Beócia (cf. 1.173n). As grutas onde o furor ulula são as cavernas em que as Bacantes cumprem seus rituais. (LACTÂNCIO) “Nas quais o pai Liber é honrado pelo uivo das Bacantes [...]”.

329. E MONTES UNTADOS DE SANGUE BACANTE: plural enfático. Refere-se ao Citéron (cf. 1.114-22n), monte onde as Bacantes realizavam seus sacrifícios em honra a Baco. A referência ao sangue pode ecoar, ainda, o episódio envolvendo Agave e Penteu (cf. 1.11n; 1.229n).

333. AOS ROCHEDOS DE CÍRON: em Mégara, cidade no Istmo de Corinto. Círon seria filho de Pélo-pe ou de Posídon, e habitava uma região costeira e pedregosa de Mégara conhecida como Rochas Cirônias, por onde corria o caminho que margeava a costa. De sua história, diz-se que obrigava os viajantes que passavam por sua casa a lavar-lhe os pés, lançando-os depois ao mar. Teria sido morto por Teseu. Outro ramo conta que Círon era, na verdade, um herói casado com Cariclo, com quem gerou Endeis, mãe de Télamon e Peleu. De acordo com essa versão, Teseu o teria matado para apoderar-se de Elêusis. Outra história, ainda, faz de Teseu e Círon primos diretos. Uma das explicações etiológicas para os Jogos Ístmicos afirma que Teseu os teria estabelecido como expiação para o assassinado de Círon. **CAMPOS DE CILA:** referência à cidade de Mégara. Cila era filha de Niso, rei de Mégara. A jovem teria-se apaixonado por Minos, que cercara a cidade para vingar a morte de Androgeu, e o ajudado a vencer seu próprio pai: dotado de cabelos de cor púrpura, os quais lhe garantiam a imortalidade, o rei foi traído por Cila, que cortou-lhe os cabelos e os entregou a Minos. Tendo prometido a Cila o matrimônio, Minos horrorizou-se com a traição perpetrada pela noiva e a amarrou à proa de seu navio, condenando-a à morte por afogamento.

334. DO TÍRIO ANCIÃO: isto é, “do velho de cor púrpura”. Referência aos cabelos de Niso (cf. 1.333n). **A TRANQUILA CORINTO:** Corinto é a cidade que dá nome ao istmo que liga a península do Peloponeso à região continental da Grécia. De acordo com Amar-Lemaire (*ad loc.*), seria **tranquila** porque propícia ao cultivo da oliveira, símbolo de paz.

335. OUVINDO DUAS PRAIAS ENTRE PRADOS: porque já está nos campos do Istmo de Corinto, Polínic-es pode ouvir duas praias, isto é, ouvir as águas do Golfo de Corinto, parte do mar Jônico, e do Golfo Sarônico, parte do mar Egeu. Como em Horácio (*Carm.* 1.7.2-3): *bimarisque Corinthi / moenia* (“bímare muro / coríntio” – trad. Guilherme G. Flores).

336-41. PELOS CONFINS DE FEBO EMÉRITO ... À TÃO ÁRDUA VIVÊNCIA: a imagem do anoitecer criada por Estácio, composta por elementos comuns nesse tipo de descrição (cf. 1.336n; 1.337n; 1.339n), parece anunciar uma noite de descanso e um novo dia agradáveis. A expectativa, porém, é frustrada logo na sequência (cf. 1.342-63), quando Polínic-es se vê diante de uma noite negra após a qual será castigado por tempestades violentas e tormentas congelantes que arrasam a região.

336. PELOS CONFINS DE FEBO EMÉRITO MOSTRANDO-SE: diz **emérito** porque Febo, o Sol, já teria cumprido seu trabalho, tendo então percorrido todo o seu trajeto celeste diário. Somente assim, pois, quando ele já percorreu os céus, é que a Lua (cf. 1.337n) pode atravessar por seu cami-

nho. (AMAR-LEMAIRE) “Emérito Febo: Sêneca, Ag. 908: *stat ecce Titan dubius emerito die* [“eis que, indeciso o Sol, cumprido o dia, para”].”

337. NO AMPLO MUNDO SILENTE SURGINDO: nos céus. (LACTÂNCIO) “Isto é, ‘colocada por cima.’ Como em Virgílio (A. 12.287-8): *aut corpora saltu / subiiciunt in equos* [“ou os corpos, de um salto, lançam sobre os cavalos”].” **TITÂNIDE: a Lua.** (LACTÂNCIO) “Como em Virgílio (A. 6.725): *lucentemque globo Lunae, Titaniaque astra* [“o alvo globo Lunar, Titâneos astros” – trad. Odorico Mendes], assim, então, diz-se Titã e Titânide, do mesmo modo que Febo e Febe.” (MUELLER) “Virgílio (A. 5.721): *et Nox atra polum bigis subuectat tenebat* [“na biga a parda Noite o polo ocupa” – trad. Odorico Mendes].”

338. TRANSFORMARA AR EM GELO COM A BIGA RORÍFERA: com o anoitecer, o ar quente do dia se torna gelado, o que Estácio atribui à biga rorífera da Lua – i.e., à biga que esparge o orvalho.

339. CALAM-SE AVES E OVELHAS: (LACTÂNCIO) “Como em Virgílio (A. 4.525): *cum tacit omnis ager, pecudes pictaeque uolucres* [“o campo todo se cala, as ovelhas e as coloridas aves”].”

339-40. E ÀS FUTRES ANGÚSTIAS / SE ARRASTA O SONO, E ACENA INCLINADO DOS ARES: (LACTÂNCIO) “Isto é: ‘avaras, incansáveis’. É avara porque o ânimo dificilmente se cansa. Como em Horácio (Od. 3.29.60-1): *ne Cypriae Tyriaeque merces / addant auaro diuitias mari* [“para que os produtos de Chipre e de Tiro / não acresçam riquezas ao mar avaro”].”

341. TRAZENDO O GRATO OBLÍVIO À TÃO ÁRDUA VIVÊNCIA: (MUELLER) “Virgílio (A. 9.224-5): *cetera per terras omnes animalia somno / laxabant curas et corda oblita laborum* [“O Sono pelo globo derramava / o esquecimento e alívio dos trabalhos” – trad. Odorico Mendes].”

342-4. E NEM COM CÉU PUNÍCEO ... O CREPÚSCULO LONGO: embora tenha-se acalmando o mundo pela ação do Sono (1.339-41), o anoitecer surge com promessas de tempestade, frustrando as expectativas de uma noite tranquila: nem o céu escarlate (cf. 1.342n) anunciava o retorno do alvorecer (**da alva**), nem o crepúsculo refletia a luz de Febo (cf. 1.344n).

342. CÉU PUNÍCEO: céu escarlate. (LACTÂNCIO) “Com ‘puníceo’, pois, diz ‘sereno.’ Como em Virgílio (G. 1.453): *caeruleus pluuiam denuntiat, igneus Euros* [“cerúleo a chuva indica; ígneo, o Euro”].”

343. COM SOMBRAS RARESCENTES: as sombras mínguam, tornam-se menos densas, prestes a desaparecer, porque o sol caminha para o fim do ocaso (cf. 1.344).

344. BRILHOU, FEBO ESPELHANDO, O CREPÚSCULO LONGO: (LACTÂNCIO) “Diz-se crepúsculo porque está

entre o fim do dia e o começo da noite. Donde se diz que os velhos decrepitos já estão próximos ao ocaso da saúde e ao início da morte. Um e outro, então, revela o tempo: tanto o início do dia como o extremo da noite. Ou diz-se crepúsculo porque os raios suprimidos do sol são depostos pelo crepúsculo, ou seja, pela parte extrema da noite.” (LESUEUR) “Toda a cena descrita depois do verso 336 se desenrola à noite; portanto, não pode ser um crepúsculo matutino; compreendeu-se *com sombras rarescentes* como um equivalente de *com sombras menos densas*: são os raios refratados do sol, com tempo bom, à noite, que fazem as sombras menos densas. O verso 345 também reafirma a mesma ideia [...]”

345. MAIS ESPESA: (LACTÂNCIO) “Diz que é mais densa a névoa da noite porque, quando as nuvens ameaçam os lugares baixos, há serenidade, como em Virgílio (G. 1.401): *at nebulae magis ima petunt campoque recumbunt* [“mas as nuvens atacam os lugares mais baixos e deitam-se sobre o campo”]; quando ameaçam os altos, sem dúvida revelam uma chuva futura.” **À LUZ IMPÉRVIA:** porque nenhuma luz, seja do sol ou da aurora, consegue nela penetrar.

346-7. AS PORTAS / SOAM DA ALGENTE EÓLIA: as portas dos claustros onde estão presos os ventos. A ilha é referida por Homero (*Od.* 10.1-2) como a morada de Éolo: *Αἰολίην δ' ἐς νῆσον ἀφικόμεθ' ἔνθα δ' ἔναιεν / Αἴολος Ἴπποτάδης, φίλος ἀθανάτοισι θεοῖσι* (“Do Hipótades Eolo, aceito ao numes, / a ilha abordamos, a nadante Eólia” – trad. Odorico Mendes). Sobre Éolo, cf. 2.380-1n; 3.432n.

349. COLIDEM DE ATRAVÉS: (MUELLER) “Virgílio (A. 5.19): *mutati transuersa fremunt* [“mudados, freme de através”].” **O EIXO AO POLO ARRANCAM:** o eixo do mundo.

350-1. ABUNDANTE, O AUSTRO / ENGROSSA A NOITE: o vento que sopra do sul – cf. 1.160-1n.

353. BÓREAS: o vento que sopra do norte – cf. 1.160n.

354. E O CÉU SE ROMPE EM FACHO SÚBITO COM O ATRITO: descreve os trovões e os relâmpagos como se fossem resultado do atrito entre as nuvens do céu tempestuoso.

355-6. NÊMEA: uma cidade e uma floresta da Argólida, próxima a Cleonas e ao norte de Argos, donde se diz ser o Leão morto por Hércules em um dos seus trabalhos. De acordo com Grimal (*ad loc.*), o Leão da Nêmea seria irmão da Esfinge de Tebas, morta por Édipo. **OS CIMOS ÁRCADES, RENTES AOS LUCOS / DE TÊNARO:** os bosques de Tênaro, cabo localizado no extremo sul do Peloponeso (cf. 1.96n), são aqui geograficamente aproximados às montanhas da Arcádia, região do Peloponeso vizinha à Argólida.

356. ÍNACO: rio da Argólida; corre do norte para o Golfo Argólico, passando a leste de Argos.

Filho de Oceano e Tétis, diz-se que o deus-rio reinava em Argos, onde teve dois filhos com Mélia, filha de Oceano: Egialeu e Foroneu, tido como o primeiro homem da terra (cf. 1.252n, 1.541n). Pausânias (2.14.4-5) refere-se a duas versões do mito de Ínaco: de acordo com a primeira, Ínaco seria um rei do Peloponeso, mais especificamente da Argólida (cf. 1.225n), que acabou dando seu próprio nome a um rio da região; na segunda, Ínaco seria o próprio rio, e não um homem – o que faz de Foroneu o primeiro habitante mortal da região. Em Higino (*Fab.* 143), Ínaco é dito um rio, filho de Oceano e pai de Foroneu. Em Pseudo-Plutarco (*Fluv.* 18.1), Ínaco, filho de Oceano, depois de Zeus ter-se deitado e sumido com Io, sua filha (cf. 1.254-5n), teria maldito o deus supremo de tal maneira que este, cansado das injúrias, enviou contra ele as Fúrias; tomado por elas, então, teria Ínaco se lançado ao rio Haliácmon, o qual passou a ser designado com o seu nome desde então.

357. ERASINO: outro rio da Argólida; corre de oeste para leste e sua foz também está no Golfo Argólico. Localiza-se ao sul de Lerna, região ao sul de Argos (cf. 1.359n).

359. O PÂNTANO DE LERNA: Lerna é uma região localizada ao sul de Argos, já próxima à costa do Golfo de Argos, cuja principal cidade também se chama Lerna. De acordo com Estrabão (*Str.* 8.6.8), era famosa pelas várias nascentes de água que possuía – cujo conjunto é comumente designado pelo nome de Pântano ou Lago de Lerna, local onde Hércules teria matado a Hidra em um de seus trabalhos – sobre isso, cf. 2.377n. De acordo com uma interpretação evemerista do mito da Hidra, o monstro seria, na verdade, o próprio conjunto de nascentes (o pântano) de Lerna, que teria sido drenado pelo herói. As sete cabeças da Hidra seriam, assim, sete nascentes que sempre irrompiam novamente, independentemente dos esforços de Hércules. (LACTÂNCIO) “Diz-se também que tamanha era a força das ondas nesse lago que ele parecia borbulhar constantemente.”

362. LICEU: um monte localizado na Arcádia.

362-3. PELOS SÓIS / NUNCA VISTAS OUTRORA: de tão densa a mata no Liceu (cf. 1.362n) – donde diz, então, **umbroso** –, suas clareiras nunca haviam sido vistas pelo suceder do sol.

364-89. MAS ELE, ORA COM AS PEDRAS ... JUNTO A UM LEITO DURO: no passo, o narrador retorna a Polinices, detendo-se nos últimos instantes de sua jornada rumo a Argos, caminhando sob intensa chuva durante a noite. Com sua chegada ao paço de Adrasto, e a escolha do local para repousar até o amanhecer, o foco narrativo muda, e o rei argivo é introduzido na narrativa (1.390-400).

364-8. ORA COM AS PEDRAS ROLANDO ... TRANSPÔS LONGO CURSO: (MUELLER) “Horácio (Od. 3.29.36-41): *in mare, nunc lapides adesos / stirpisque raptas et pecus et domos / uoluentis una non sine montium / clamore uicinaeque siluae, / cum fera diluuiis quietos / irritat amnis* [“ora entre rochas debilitadas / que arrastam tronco, gado, até mesmo o lar / num só tormento, e não sem algum clamor / da vizinhança em monte e bosque, / quando a feroz enxurrada irrita / as águas calmas” – trad. Guilherme Flores].”

364. ELE: Polinices.

365. RIOS NUBÍGENOS: porque eram alimentados pelas nuvens (cf. 1.206n).

367-8. NEM LENTO OU CONFUSO, INSEGURO / DO RUMO: mesmo durante a tormenta noturna, Polinices não perde seu rumo, caminhando seguro de sua direção. Como se caminhasse segundo seu instinto, seguindo seu destino – cf. 1.326-7n.

369. EM TUDO PULSA O MEDO, E EM TUDO, SEU IRMÃO: (LACTÂNCIO) “[...] um terrível caminho aos olhos, aos ouvidos e a qualquer sentido ele percebe e, em toda parte, se assusta, como se ali estivesse seu irmão. Ou seja (Cic. *Catil.* 1.18): *quicquid increpuerit, Catilinam timeri* [“qualquer coisa que se agitar, Catilina seja temido”].”

371. LENTO CARRO: Grande Carro ou Carruagem, é o antigo nome da constelação de Ursa Maior – cf. 1.18n.

376. HERÓI CADMEIO: Polinices, descendente de Cadmo. **SOMBRAS DA SELVA SEGUINDO:** por causa da noite e da tempestade, tudo é escuridão em meio ao bosque. Por isso diz, então, que Polinices segue as sombras da selva.

377. BOSSA: protuberância abaulada no centro do clipeo (espécie de escudo redondo), geralmente de ferro.

379. DO MEDO A MESTA FORÇA ANIMA: ou seja, estimulado o seu espírito pelo medo, Polinices avança em meio à selva e à chuva. Semelhante a Virgílio, quando fala Vênus (A. 9.89): *nunc sollicitam timor anxius angit* (“ora, acossada, o ansioso temor me atormenta”).

380. MORADAS DO ÍNACO: as casas de Argos (cf. 1.252n; 1.324n; 1.357n).

382. O AUGÉ LARÍSSEO: a cidadela de Argos foi erguida sobre o monte Larissa. (LACTÂNCIO) “Não devemos confundir, contudo, com a cidade da Tessália chamada Larissa.”

383. PROSIMNE: cidade situada ao nordeste de Argos.

384-5: PELO HERCÚLEO FUMO NOTO, À DESTRA, / O ATRO CHARCO DO LAGO LÉRNEO: o **atro charco** do

lago Lérneo é o próprio pântano de Lerna (cf. 1.359n). Sobre sua notoriedade **pelo Hercúleo fumo**, diz-nos Lactânio (*ad loc.*): “se buscamos a história verdadeira, a Lerna foi um pântano, drenado com frequência e novamente completado com água, cujas veias subterrâneas Hércules descobriu que poderiam ser bloqueadas com um incêndio e, então, depois que o exauriu, ateou-lhe fogo e, se por lá alguma quantia de água prorrompia, as obstruiu.”

388. NO ESTRANHO BATENTE: ou seja, “no batente desconhecido”, uma vez que não sabia onde acabara de chegar.

390-400. ALI, DA VIDA JÁ TRANSPOSTO ... ANGÚSTIA, FIXA, ENFERMA: a chegada de Polinices a Argos é acompanhada por uma mudança no foco narrativo: momentaneamente, abandonamos o herói tebano e somos apresentados a Adrasto, o rei argivo que terá envolvimento direto no embate entre Polinices e Etéocles. O destaque dado ao prodígio que previa a chegada de seus genros à cidades (1.395-7), bem como às suas duas herdeiras (1.393-4), anunciam os próximos acontecimentos: depois da chegada de Tideu e de um contratempo entre ambos (1.401-446), Adrasto reconhece, nos heróis, os traços do presságio para seus genros, e alegra-se por casar suas filhas com os estrangeiros recém-chegados (1.482-532).

392. EM AVÓS RICO, A JOVE AMBOS OS SANGUES LEVAM: a genealogia de Adrasto é bastante complicada, pois envolve uma série de figuras mitológicas cujas origens são ou dúbias ou obscuras: seu avô paterno, Bías, era neto de Creteu e Tiro; a esposa de Bías, Pero, era filha de Neleu, meio-irmão de Creteu, e Clóris. Creteu era filho de Enárete e Éolo, filho de Orseis e Hélen; esta, por sua vez, era filha de Deucalião, filho de Prometeu, e Pirra, filha de Epimeteu e Pandora. Os irmãos Prometeu e Epimeteu, de acordo com uma das versões do mito, eram filhos de Jápeto, um Titã, e Ásia, uma Oceânide. Pandora, a primeira mulher, fora criada por Hefesto e Atena. Dessa forma, pelo ramo paterno, Adrasto estaria ligado aos Titãs, vinculando-se, portanto, a Jove. Pelo ramo materno, Adrasto seria filho: 1. de Lisímaca, filha de Abas e neta de Melampo, sobrinha-neta de Tálao, portanto; 2. de uma Lisianassa, filha do rei Pólipo, de Sícion, que era filho de Mercúrio e, portanto, neto de Júpiter. Cf. Quadro 3, p. 442. (MUELLER) “Virgílio (A. 10.201): *Mantua diues auis, sed non genus omnibus unum* [“Mântua, rica de avós, não de uma estirpe” – trad. Odorico Mendes].”

393. AUSENTE O MELHOR SEXO: porque não teve filhos homens.

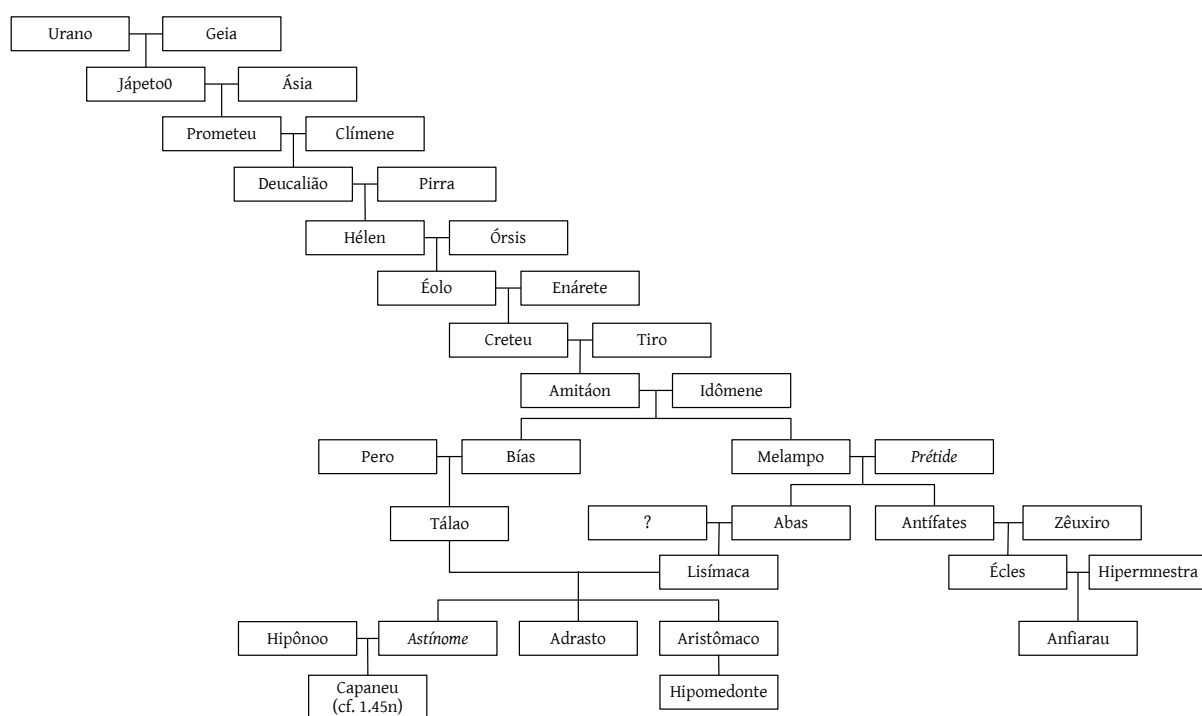
394. NO PENHOR DUPLO DAS FILHAS BASEADO: Adrasto concentrou as expectativas de sua continuidade na garantia de descendentes dada por suas filhas: Argia, a mais velha, e Dépile, a mais nova.

395-7. FEBO OS GENROS – PRODÍGIO ... FULVO LEÃO SE ACERCAVAM: primeiro momento em que o oráculo que predisse os genros de Adrasto é mencionado. Conforme **cantou** Apolo, logo se aproximariam do paço de Adrasto um **porco cerdoso** e um **fulvo leão**, com os quais o rei casaria suas filhas (cf. 1.394n). Pela descrição dos noivos, diz o narrador ter-se tratado de um **prodígio mortal**, tão logo foi dito, mas que, na sequência, transformar-se-ia em prova de **lealdade** por ser algo que, de fato, se realizaria (cf. 1.482-532 e comentários *ad loc.*).

398-9. ISSO VOLVENDO, O PAI NEM ... APOLO, O INSPIRADOR: interpelando Anfiarau (cf. 1.399n), o narrador revela o mistério do presságio revelado por Apolo (cf. 1.395-7n), do qual nem Adrasto (**o pai**), nem Anfiarau, vate e primo de Adrasto (cf. 1.399n), poderiam saber o sentido, já que o próprio deus a eles vetava a interpretação do oráculo.

399. ANFIARAU: é filho de Ecleu e uma Hipermnestra filha de Téspio – outra, então, que não uma das Danaides (cf. 2.222n); era, portanto, primo de Adrasto. De acordo com uma das versões do mito (Grimal, *ad loc.*), Anfiarau teria assassinado Tálao, fazendo com que Adrasto fugisse para Sícion, onde morou com seu avô materno, Pólibo. Retornando Adrasto para Argos, fez as pazes com Anfiarau concedendo-lhe em casamento a sua irmã Erifile, e fazendo com que seu primo promettesse que ambos se submeteriam à vontade de Erifile em qualquer questão que disputassem, pois acreditava que a irmã estaria sempre a seu favor. Quando Adrasto convida Anfiarau para a incursão contra Tebas, é por influência de Erifile que o vate guerreiro aceita o chamado de Adrasto, o que acabará com sua morte. Cf. Quadro 3, p. 442.

400. SÓ EM PEITO DE PAI A ANGÚSTIA, FIXA, ENFERMA: a **angústia** é o oráculo de Apolo, que previu um porco e um leão como os noivos de Argia e Deípila – cf. 1.395-7n. Sem entender o sentido do que lhe foi revelado, angustia-se o pai com o casamento de suas filhas.



Quadro 3: Genealogia de Adrasto (somente personagens relevantes para o contexto)

401-46. MAS EIS, POR FADO A ANTIGA CÁLIDON ... MARCAS NO SANGUE VERTIDO: no passo, o narrador descreve a chegada de Tideu a Argos, quase simultânea à de Polinices. São importantes as primeiras informações apresentadas sobre o herói: chega em Argos deixando Cálidon, sua cidade (cf. 1.401n), assim como Polinices; antes mesmo de seu nome e ocupando a primeira posição do verso, o gentílico **Olênio** (*Olenius*, em latim) nos fala primeiro de sua origem, deixando para depois sua identidade – um tema que ressurgirá na intervenção que Adrasto realiza durante a briga entre Tideu e Polinices (cf. 1.455-67; 1.668-93 e comentários *ad loc.*); por fim, o motivo que o transformou em êxule – o **côncio horror do sangue irmão** (cf. 1.402n) – está profundamente vinculado ao tema do poema de Estácio e com o final da disputa entre Polinices e Etéocles (cf. 3.542n). À chegada de Tideu (1.401-7), seguem-se o combate entre ele e Polinices (1.408-34) e a interrupção da briga por Adrasto (1.435-46).

401. POR FADO: “por causa de seu destino”. Compare-se a afirmação do narrador com seu questionamento sobre os motivos que teriam levado Polinices a Argos (cf. 1.326-7n; 1.367-8n). **ANTIGA CÁLIDON:** em latim, *antiquam ... Calydon*; **Cálidon** é uma cidade da Etólia, região da Grécia ao norte do Peloponeso. O epíteto **antiga** reproduz a variação virgiliana (A. 7.306 – *antiquam ... Calydon*) para o homérico *Καλυδῶνος ἐραυνῆς* (Il. 9.531 – “Cálidon amada”).

402. TIDEU: filho de Eneu, rei da Etólia, e Peribeia, sua segunda esposa, filha de Hipônoo. De

acordo com Diodoro Sículo (4.35.1), porém, Hipônoo, cansado de Peribeia, que afirmava estar grávida de Ares, a enviou para a casa de Eneu para que este desse a ela um fim o quanto antes. Como havia acabado de perder Alteia, sua primeira esposa e mãe de Meleagro e Dejanira, Eneu não atendeu ao pedido de Hipônoo e casou-se com Peribeia, com quem teria gerado Tideu. Embora as fontes apresentem divergências quanto à forma pela qual Eneu e Peribeia se casaram, um detalhe dessa história será bastante importante para Estácio (cf. 1.464): a alegação de Peribeia de que estava grávida de Ares. De acordo com Lactâncio (*Theb.* 1.464n), “embora a maioria diga que ele [Tideu] foi gerado por Marte transformado na aparência de Eneu”, o herói etólio é mesmo filho de Eneu. Eurípedes, por sua vez, nas *Fenícias* (133-4), parece buscar uma forma de acomodar as duas paternidades de Tideu em uma única passagem: *παῖς μὲν Οἰνέως ἔφην / Τυδεύς, ἄρῃ δ’ Αἰτωλὸν ἐν στέρνοις ἔχει* (“Tideu, o filho de Eneu, tem no peito o Ares etólio” – trad. de Waldir M. Sousa Júnior). **OLÊNIO:** Hipônoo, avô de Tideu (*supra*), era rei de Óleno, uma cidade da Etólia – a qual é indicada por Homero, na *Ilíada* (2.638-9: *Αἰτωλῶν δ’ ἡγεῖτο Θόας Ἀνδραίμονος υἱός, / οἱ Πλευρῶν ἐνέμοντο καὶ Ὀλενον ἡδὲ Πυλῆνην* – “Toante, de Andrêmone filho, os guerreiros da Etólia comanda, / que nas cidades moravam de Oleno, Pilene e Pleurona”, trad. Carlos Alberto Nunes). (LACTÂNCIO) “Cálidon, Plêuron e Óleno são cidades da Etólia, de onde Tideu provinha. Assim, portanto, às vezes diz-se Olênio, às vezes Calidônio, às vezes Pleurônio.” **CÔNSCIO HORROR DO SANGUE IRMÃO:** o exílio de Tideu da terra paterna tem duas versões. De acordo com a primeira, ele teria assassinado Alcátoo, irmão de seu pai, ou então os filhos de Melas – Feneu, Euríalo, Hiperlau, Antíoco, Eumedes, Esternops, Xantipo e Estenelau –, que haviam conspirado contra o seu pai. Em outra versão, a que foi aqui considerada por Estácio por ser mais afim à história de Polinices e Etéocles, Tideu matou seu próprio irmão, Olênio.

406. TOMANDO CHUVA E NOTO IGUAIS: refere-se à tempestade que também atingiu Polinices (cf. 1.336-63 e comentários *ad loc.*).

407. DO QUAL TOMARA O PISO ALGENTE O PRIMO HÓSPEDE: Polinices, que se abrigara sob os umbrais do palácio de Adrasto (cf. 1.388-9).

408-10. AOS DOIS, CONTUDO, RAIVA ... GUARDAR-SE / DA NOITE: Polinices e Tideu são, nesse momento, incapazes de dividir o abrigo improvisado sob os portões do paço de Adrasto: neles, a Fortuna entranhou uma **cruenta raiva**, levando os dois a uma briga pelo local de repouso.

412-3. AMBOS DE PÉ, ENTÃO, DESPEM / SEUS OMBROS: com Polinices já tendo-se levantado de seu repouso por causa da chegada de Tideu (**ambos de pé**), eles **despem seus ombros** para uma

luta sem armas. O gesto, aparentemente desmotivado, uma vez que não traziam armas presas aos ombros, mas aos cintos (cf. 1.428-9), tanto visa a aumentar sua agilidade no combate, como acaba por atrasar a cena de reconhecimento envolvendo ambos os jovens e Adrasto: mais adiante (cf. 1.482-90), o narrador dirá que, sobre os ombros de Polinices, havia o couro de um leão, que o protegia da chuva e do frio; e que, sobre os ombros de Tideu, estava o couro do Javali Calidônio, que também o protegia. São estes, pois, os sinais que farão Adrasto reconhecer, neles, os genros que outrora lhe foram preditos por Febo (cf. 1.395-7). Ora, então, Estácio prefere que o reconhecimento ocorra dentro do palácio de Adrasto, diferenciando-se, assim, de Eurípides, que faz os sinais do presságio serem reconhecidos durante a briga entre Polinices e Tideu (*Ph.* 408-23): {Io.} πῶς δ' ἦλθες Ἄργος; τίς ἐπίνοιαν ἔσχεθες; / {Πο.} ἔχρησ' Ἀδράστῳ Λοξίας χρησμόν τινα. / {Io.} ποῖον; τί τοῦτ' ἔλεξας; οὐκ ἔχω μαθεῖν. / {Πο.} κάπρῳ λέοντί θ' ἀρμόσαι παίδων γάμους. / {Io.} καὶ σοὶ τί θηρῶν ὀνόματος μετῆν, τέκνον; / {Πο.} οὐκ οἶδ' ὁ δαίμων μ' ἐκάλεσεν πρὸς τὴν τύχην. / {Io.} σοφὸς γὰρ ὁ θεός· τίς τὴν τρόπῳ δ' ἔσχες λέχος; / {Πο.} νῦξ ἦν, Ἀδράστου δ' ἦλθον ἐς παραστάδας. / {Io.} κοίτας ματεύων, ἦι φυγὰς πλανώμενος; / {Πο.} ἦν ταῦτα· καὶ γὰρ ἦλθεν ἄλλος αὖ φυγὰς. / {Io.} τίς οὗτος; ὥς ἄρ' ἄθλιος κάκεϊνος ἦν. / {Πο.} Τυδεύς, ὃν Οἰνέως φασὶν ἐκφῦναι πατρός. / {Io.} τί θηρσὶν ὑμᾶς δῆτ' Ἀδραστος ἠΐκασεν; / {Πο.} στρωμνῆς ἐς ἀλκὴν οὐνεκ' ἦλθομεν πέρι. / {Io.} ἐνταῦθα Ταλαοῦ παῖς συνῆκε θέσφατα; / {Πο.} κᾶδωκέ γ' ἡμῖν δύο δυοῖν νεάνιδας (“[J.]: Como foste a Argos? Que tinhas em mente? / [P.]: Lóxias proclama a Adrasto um certo oráculo. / [J.]: Qual? Sobre o que estás falando? Não entendo. / [P.]: Unir em casamento as filhas com um porco e um leão. / [J.]: E que tem teu nome a ver com essas bestas? / [P.]: Não sei, mas o nume me chamou à minha sorte. / [J.]: Sábio é o deus. Como conseguiste casamento? / [P.]: Era noite, e eu entrei no átrio de Adrasto. / [J.]: Buscavas pernoite, como todo êxule que vaga? / [P.]: Sim, isso mesmo, e outro êxule a nós se juntou. / [J.]: Quem era esse? Decerto um outro mísero. / [P.]: Tideu, aquele que dizem ter nascido do pai Eneu. / [J.]: E por que Adrasto vos comparou a feras? / [P.]: Porque contendemos a respeito de um leito. / [J.]: Assim o filho de Talau entendeu o oráculo? / [P.]: E a nós dois ele então concedeu duas jovens.” – trad. Waldir Souza Júnior).

414-5. MAIS ALTO AQUELE, MEMBROS LONGOS E NO AUGE / DOS ANOS: Polinices, alto e de membros longos, mais novo do que Tideu.

416. E INFUNDIDA POR SEUS OSSOS TODOS: em latim, *totosque infusa per artus*. Como em Virgílio (*A.* 6.726-7): *totamque infusa per artus / mens agitat molem* (“inteiro, infundida pelos ossos / a mente, agita o porrete”).

418-9. CREBROS GOLPES NA FRONTE E NO LADO DO CRÂNIO / REDOBRAM, FIRMES: Mueller (*ad loc.*) aponta a semelhança com Virgílio (A. 5.434-6): *multa cauo lateri ingreminant, et pectore uastos / dant sonitus; erratque aures et tempora circum / crebra manus; duro crepitant sub uulnere malae* (“muito no lado côncavo amiúdam; / os peitos aos varões harto rouquejam; / o punho erra por fontes, por ouvidos; / ao crebro áspero embate os queixos ringem” – trad. Odorico Mendes).

419-20. FEITO FLECHAS OU GRANIZOS / RIFEUS: (LACTÂNCIO) “Feito flechas, então, porque infligem machucados; ou granizo, porque cai assíduo. ‘Rifeus’, isto é, da Cítia. Os montes Rifeus, na Cítia, nos quais sempre ocorrem tempestades em excesso. Como em Virgílio (G. 3.382): *gens effraena uirum Riphaeo tunditur Euro* [“Rifeus Euros a gente infrene açoitam” – trad. Odorico Mendes].”

421-2: TAL QUANDO OS LUSTROS SEUS AO TONANTE PISEU / RETORNAM: refere-se a Pisa, cidade da Élida, onde havia um templo de Zeus – também chamado Tonante – Olímpico. Os lustros referem-se ao quinquênio entre a celebração dos jogos Olímpicos em honra ao deus. (LACTÂNCIO) “Pisa, cidade da Élida, onde estava a coroa Olímpica, isto é: onde os jogos em honra a Jove Olímpico eram celebrados ao final de um quinquênio.”

423-4. E A BRIGA DO PÚBLICO OS JOVENS / EMPOLGA: refere-se à disputa entre as torcidas, que empolgam aqueles que combatem na arena (**os jovens**).

424. E MÃES EXCLUÍDAS ESPERAM ESPÓLIOS: as mulheres não podiam assistir aos certames Olímpicos, e por isso refere-se às mães dos lutadores que, **excluídas** das arquibancadas, aguardavam por seus filhos e pelos espólios pilhados ao adversário.

425-6. ASSIM, FEBRIS, SEM ÂNSIAS DE GLÓRIA, ACENDIDOS / POR ÓDIO: brigavam à noite e sozinhos, sem ninguém que os assistisse e pudesse, ao final da batalha, celebrar a glória do vitorioso; lutavam, portanto, porque foram tomados por uma febre e inflamados pelo ódio.

426-7. BUSCA O POR DENTRO DO ROSTO / A MÃO CURVADA E EM OLHOS CADENTES PENETRA: a última sequência de golpes desferidos pelos heróis é bastante significativa, uma vez que tanto retoma a imagem de Édipo arrancando seus próprios olhos (cf. 1.71-2 e comentários *ad loc.*), como o desprezo de seus filhos por sua miséria, ilustrado pela imagem em se diz terem eles pisado sobre os seus **cadentes / olhos** (cf. 1.238-9n).

428-9. MESMO SE À CINTA PRESOS – TAL IRA OS MOVIA – / DOS GLÁDIOS LIVRAR-SE-IAM: ou seja, “era tão grande a raiva que havia tomado os dois que, mesmo se os gládios estivessem atados ao seu corpo pela bainha, não os empunhariam, preferindo uma luta corpo a corpo.

429-30. POR ARMAS HOSTIS / DERRUBADO, TEBANO, O IRMÃO TE PRANTEARIA: Estácio indica, aqui, a superioridade de Tideu em relação a Polinices, pois que Etéocles – **o irmão** – o choraria por ter sido derrubado por armas hostis, caso Adrasto não interferisse na briga (cf. 1.431-46). Perceba-se, porém, que o narrador apostrofa o próprio Polinices, tão ligado a ele e a Tideu que se encontra. A bravura e a força de Tideu serão evocadas em diferentes momentos do poema, mas especialmente durante a emboscada preparada por Etéocles quando da sua volta de Tebas, momento em que o herói derrota, sozinho, cinquenta dos melhores guerreiros tebanos (cf. 2.482-743 e comentários *ad loc.*).

431. O REI: Adrasto. **POR RAROS GRITOS:** ou seja, por gritos que, em seu reino, dificilmente eram ouvidos.

432. DE IMO PEITO: é dizer “do fundo do peito”, tamanha dor provocada pelos golpes que um acertava no outro.

433-4. NÃO ANDASSE: A ILIBADA VELHICE COM GRAVES / ANGÚSTIAS SOBRE UM SONO JÁ INCERTO PESAVA: os barulhos vindos da briga entre Tideu e Polinices encontram Adrasto acordado, preocupado **com graves angústias**, caminhando por dentro de seu palácio.

434. SOBRE UM SONO JÁ INCERTO: porque é **incerto** o sono dos velhos, que nunca dormem profundamente por muito tempo.

437-8. E ÉBRIOS OLHOS / CRUENTOS: porque os globos foram tomados pelo sangue por causa dos constantes golpes desferidos diretamente sobre eles (cf. 426-7n).

438-9. QUAL A CAUSA DO FUROR, ALHEIOS / JOVENS?: em latim, *quae causa furoris / externi iuuenes*. O início da fala de Adrasto remete à fala de Atena a Eneias e seus homens em Virgílio (A. 8.112): *iuuenes, quae causa subegit / ignotas temptare uias?* (“jovens, que causa os compele / a buscar ignotas vias?”).

439-40. NENHUM TAL BRIGA OUSARIA DOS MEUS / CIDADÃOS: por isso sabe que os jovens são estrangeiros (**alheios**, cf. 1.438-9); anteriormente, disse o narrador que Adrasto conduzia **em paz** o seu povo (cf. 1.391).

447-81. A CUSTO, O OLHAR OBLÍQUO ... PASSAM, QUIETOS, AOS PENATES: interrompidos por Adrasto, ambos os heróis aplacam sua raiva e adentram o paço argivo a convite do rei. O trecho destaca, além da hesitação de Polinices em revelar qual sua origem (1.465-7), o surgimento da amizade entre ambos, prevista nas palavras do soberano (1.472-3).

447. O OLHAR OBLÍQUO: tamanho era o ódio entre Polinices e Tideu, que os jovens mal olhavam um para o outro.

448. AQUEU: diz-se também “Aquivo”. São duas as regiões chamadas de Acaia na Grécia antiga: uma delas, na Cítia; a outra, certamente a considerada por Estácio, no norte do Peloponesso, vizinha da Argólida. É dizê-lo, pois, “grego”.

451. CONFUNDEM: por terem falado ao mesmo tempo, dada a situação em que se encontravam, diz terem se expressado de modo confuso.

452. QUERENDO ALÍVIO PARA UM TRISTE CASO: refere-se o herói ao crime que cometeu em Cálidon, quando matou seu próprio irmão, Olênio – cf. 1.402n.

453. CÁLIDON, A MONSTRÍFERA: (LACTÂNCIO) “Por causa do javali, que lá nasceu semelhante a um monstro e, pela irritação de Diana, devastava toda a região de Cálidon [o qual foi morto, depois, por Meleagro.]” (GRIMAL, *ad. Meleagro*) “O rei de Cálidon, Eneu, oferecera depois da colheita um sacrifício a todas as divindades, exceto a Ártemis. Então, a deusa enviou a Cálidon um javali de prodigioso tamanho que assolou os campos. Para vencer, Meleagro, filho de rei, reuniu vários caçadores vindos de todas as cidades da vizinhança. O animal matou muitos deles, até cair sob os golpes dos jovens.” **OS CAMPOS ETÓLIOS:** ou seja, os campos da Etólia, região onde está Cálidon.

455-6. DOS CÉUS O ABRIGO / VETA: ou seja, proíbe que Tideu se abrigue do tempo ao qual está exposto.

457. BIMEMBRES CENTAUROS: que têm membros de dois tipos. Nesse caso, de homem e cavalo.

458. NO ETNA: em uma das versões do mito, os ciclopes habitam os subterrâneos Sicília e trabalham em suas forjas construindo as armas dos deuses – motivo pelo qual, à noite, é possível ver o cimo do Etna enrubescido pelo fogo de suas fornalhas.

461. OU FELIZ HOJE PARTES COM ESPÓLIOS: Lactânio (*ad loc.*) aponta a semelhança com as palavras de Mezêncio a seu cavalo, referindo-se aos despojos de Eneias, em Virgílio (A. 10.862-3): *aut hodie uictor spolia illa cruenta / et caput Aeneae referes* (“ou hoje, vitorioso, aqueles espólios sangrentos / e a cabeça de Eneias trazes”).

462-3. SE O SANGUE NÃO ENFRAQUECEU / COM A DOR CRESCENTE: refere-se Tideu à dor pelo fratricídio (cf. 1.402n), e não àquela possivelmente causada pelo combate com Polinices. É dizer “se a dor crescente do fratricídio ainda não enfraqueceu o virtuoso sangue de minha família”

(cf. 1.463-4 e comentário *ad loc.*).

464. QUE NÃO DESONRA SEU MARTE PATERNO: cf. 1.402n. De acordo com Grimal, Eneu, o pai de Tideu, é filho de Portáon, que, por sua vez, é filho de Agenor e neto de Plêuron. Sua ascendência não levaria a Marte. Ainda de acordo com Grimal, outra lenda diz que Marte teria se apaixonado por Alteia, primeira esposa de Eneu, o qual teria concedido sua mulher ao deus. Meleagro seria fruto dessa relação, mas Tideu, filho de Peribeia, sequer é mencionado nessa versão. De acordo com Lactâncio (*ad loc.*), porém, Meleagro seria filho de Marte e pai de Eneu, e não seu filho, fazendo com que o deus fosse bisavô de Tideu: “Marte é pai de Meleagro. Meleagro de Eneu, Eneu de Tideu, ainda que a maioria diga que ele foi gerado por Marte convertido na aparência de Eneu.” Em sua *Biblioteca Histórica* (4.35.1), porém, Diodoro Sículo afirma que Peribeia alegava estar grávida de Ares antes de casar-se com Eneu, um fato que parece ter sido levado em conta por Estácio, uma vez que o próprio Tideu rememora, aqui, o seu antepassado divino.

465-7. DE ESTIRPE E BRIO NÃO PERECEMOS ... EM PROCLAMAR SEU PAI: Polinices se envergonha no momento de anunciar sua origem e desiste. Mais adiante (cf. 1.673-81 e comentários *ad loc.*), quando novamente interrogado, declarará ser da casa tebana, ainda que a contragosto. No canto segundo (cf. 2.435), ao responder o pedido de Tideu em seu palácio, Etéocles declara, como se tivesse sido informado da hesitação de Polinices neste momento, não envergonhar-se de chamar Édipo de pai (cf. 2.435n).

466. DO FADO CIENTE: ou ciente do fado que carrega por ser filho de Édipo, ou ciente do fado do próprio Édipo, sentindo vergonha de dizer-se seu filho.

470. JUNTAI AS VOSSAS DESTRAS EM PENHOR DOS ÂNIMOS: em latim, *iam pariter coeant animorum in pignora dextrae*. Ou seja, “em sinal de acordo”. (MUELLER) “Virgílio (A. 11.292): *coeant in foedera dextrae* [“que as destrás se encontrem em acordo”].”

472-3. QUEM SABE, O AMOR VINDOURO PREDISPÔS A RAIVA / P’RA QUE LEMBRAR AGRADE: Adrasto parece antever a amizade que surgirá entre Polinices e Tideu, antes mesmo de reconhecê-los como os genros preditos por Apolo (cf. 1.395-7n). Mueller (*ad loc.*) faz lembrar Virgílio (A. 1.203): *forsan et haec olim meminisse iuuabit* (“quem sabe, isso ainda nos agradará ao lembrarmos”).

475-6. TESEU, PARTILHANDO OS EXTREMOS / COM PIRÍTOO IMPUDENTE: as diferentes lendas sobre Teseu apresentam versões variadas sobre o seu nascimento. De acordo com uma delas, Teseu

seria filho de Egeu, cuja ascendência, de acordo com uma das versões do mito, remonta a Hefesto e Etra, neta de Pélope (cf. 1.246-7). Após um oráculo que não soube interpretar, o qual o proibia de abrir seu odre de vinho antes de chegar a Atenas, Egeu teria rumado ao palácio de Piteu, filho de Pélope, para que o rei de Trezena o ajudasse na interpretação. Piteu, percebendo o que o oráculo significava, embebedou Egeu e o fez deitar-se com sua filha, Etra, donde Teseu teria sido concebido. Outra lenda, porém, diz que, nessa mesma noite, Etra teria sido possuída por Posídon, e que Teseu seria, então, filho do deus. Preocupado com a repercussão de um neto em Atenas, Egeu volta para o reino e incumbe Etra de entregar ao filho, quando o percebesse vigoroso, um par de sandálias e uma espada para que ele se dirigisse a Atenas e revelasse sua identidade. São inúmeras as histórias envolvendo o herói. Aquela a que Estácio se refere no passo diz respeito à sua amizade com Pirítoo, herói natural da Tessália, filho de Zeus e Día, ou de Día e Ixíon – pelo qual se torna descendente dos lápitas. Invejando a fama de Teseu, Pirítoo o teria desafiado a um combate durante o qual, tomado de profunda admiração pelo então rival, sujeitou-se a ele, desejando tornar-se seu escravo; envaidecido, Teseu concedeu-lhe sua amizade. Amigos, decidiram-se por desposar Helena e Perséfone, filhas de Zeus, e partiram na busca de seu objetivo. Depois de conseguir raptar Helena, destinada a casar-se com Teseu em um sorteio feito entre os dois, ambos rumaram para o Hades em busca de Perséfone, mas não lograram êxito. Aprisionados por Hades durante um banquete, só viram chance de livrar-se com a chegada de Hércules no mundo dos mortos, que só conseguiu libertar Teseu relegando Pirítoo à eternidade, a qual ele passou sentado sobre a Cadeira do Esquecimento. Os **extremos**, então, fazem referência aos limites do Hades, ultrapassados pelos dois heróis; como a ideia de casarem-se com as filhas de Zeus fora proposta por Pirítoo, o narrador o chama de **impudente**.

476-7. OU QUAL INSANO ORESTES / OBSTAVA A IRADA ERÍNIA COM O INTERPOSTO PÍLADES: Megera, aqui a **Erínia**, é uma das Fúrias (cf. 1.59n). Orestes é filho de Clitemnestra, filha de Tíndaro e Leda, e de Agamêmnon, que é filho de Atreu, o bisneto de Tântalo (cf. 1.246-7n; 1.279-80n; 1.287n), e líder máximo do exército Aqueu durante a Guerra de Troia. Pílates é filho de Estrófio e Anaxíbia, irmã de Agamêmnon: é, portanto, primo de Orestes e seu dileto companheiro. Clitemnestra era casada com um Tântalo filho de Tiestes, quando Agamêmnon se apaixonou por ela: para tê-la, matou seu esposo e o filho recém-nascido do casal. Clitemnestra casou-se com Agamêmnon à força. Ao partir para a guerra de Troia, Agamêmnon recebeu um oráculo de acordo com o qual deveria sacrificar Ifigênia, sua própria filha, para que seu exército tivesse sucesso durante a guerra. Agamêmnon, então, engana sua esposa dizendo que ela de-

veria levar Ifigênia até Áulis para que fosse celebrado o seu noivado com Aquiles, o filho de Tétis e Peleu. Enganada, Clitemnestra entrega a filha ao esposo, que é então sacrificada. Durante o período em que seu marido permaneceu no cerco de Troia, Clitemnestra elabora sua vingança: apaixonada por Egisto, que dela se aproximou durante a ausência de Agamêmnon chegando mesmo a assumir o controle do palácio, em um complô com o amante decidem matá-lo quando retornasse de Troia (algumas versões do mito, é forçoso que se diga, atribuem o plano somente a Egisto, negando a participação de Clitemnestra na armadilha). Quando Agamêmnon volta, então, é morto pela esposa e por seu amante. Electra, uma das filhas do casal, toma Orestes e o entrega a Estrófilo, que o cria junto de seu filho Pílates. Sete anos após o sucedido, Orestes, já adulto, recebe de Apolo a ordem de vingar o assassinato de seu pai, matando sua própria mãe e Egisto, ordem que o herói cumpre diante de seu amigo e companheiro. Matricida, ocorre com Orestes o que ocorre com a maioria dos assassinos na mitologia grega: passa a ser perseguido e atormentado pelas Fúrias, período durante o qual Pílates o ajuda até que seu crime é finalmente expiado – por isso diz que Pílates se colocou entre Orestes e Megera.

478-81. ENTÃO, COM O DITO O REI ... PASSAM, QUIETOS, AOS PENATES: no fim da cena, o narrador introduz um símile que, como aponta Vessey (1973, p. 97), contrastando com a imagem da tempestade que caiu sobre ambos os jovens (cf. 1.336-63), aproxima o efeito das palavras de Adrasto ao fim de uma tempestade marítima e à consequente calmaria.

482-532. COM O OLHAR OBSERVA, ENFIM ... SEGREDO AO OUVIDO MURMURA: somente após entrarem no palácio é que Adrasto, observando as vestes dos recém-chegados, reconhece em Polinices e Tideu os genros preditos por Apolo no oráculo que lhe fora dado (1.482-97) – sobre o oráculo de Apolo, cf. 1.395-7n. Logo após o reconhecimento, entoa um agradecimento à Noite, por ter-lhe esclarecido o presságio, e ao próprio Febo (1.498-510). Feito isso, ordena, então, que reiniciem o banquete que havia sido celebrado, naquela mesma noite, em seu palácio (1.511-26). Após tomarem seus lugares o rei e os jovens, ordena que suas filhas sejam trazidas para conhecê-los (1.527-32).

482-97. COM O OLHAR OBSERVA, ENFIM ... EM FACE DE BESTAS / ANUNCIU: ao reparar nos dois homens sob a luz de seu palácio, Adrasto os reconhece como os animais preditos por Apolo como seus genros (cf. 1.395-7n; 1.400n). Em Virgílio, de maneira semelhante, logo após a chegada de Eneias e seus companheiros aos domínios de Evandro, também há um cena de reconhecimento, em que o rei se lembra, vendo os gestos e ouvindo as palavras de Eneias, de

Anquises, o pai já falecido do herói troiano (A. 8.152-6): *ille os oculosque loquentis / iamdudum et totum lustrabat lumine corpus. / tum sic pauca refert: 'ut te, fortissime Teucrum, / accipio agnoscoque libens! ut uerba parentis / et uocem Anchisae magni uultumque recordor!* ("No discurso a embeber-se, Evandro os olhos / curioso lhe examina e a boca e o talhe; / foi breve assaz: 'Fortíssimo dos Teucros, / com que prazer te hospedo! reconheço / de teu pai a facúndia, o tom e o gesto!" – trad. Odorico Mendes).

483-7. VÊ, INANE, ÀS COSTAS DE UM ... COM O MONSTRO CLEONEU: em Polinices, Adrasto distingue uma pele de leão cobrindo-lhe as costas, semelhante àquela que Hércules (o **Anfitrioníada**, 1.486) teria retirado do Leão de Teumeso – cf. 1.485n.

485-6. COM A FIGURA DAQUELE QUE ... ANOS SEUS O ANFITRIONÍADA: ainda na sua adolescência (cf. 1.486n), Hércules teria assassinado um leão no vale de Teumeso (cf. 4.485n), que andava caçando os rebanhos de Anfitrião e Téspio.

485. NO VAL TEUMÉSIO: de acordo com Lactâncio e Amar-Lemaire (*ad loc.*), Teumeso pode ser uma cidade da Tessália, ou a uma montanha localizada na Beócia, região onde está Tebas. Refere-se Estácio, então, à montanha, pois, conforme aponta Pseudo-Apolodoro (*Apollod.* 2.4.9), o leão caçado por Hércules dizimava os rebanhos de Anfitrião, o general que é o pai mortal de Hércules, e de Téspio, o rei de Téspia, na Beócia.

486. NOS JOVENS ANOS SEUS: durante sua juventude, antes de seus doze trabalhos ordenados por Euristeu. Segundo Pseudo-Apolodoro (*Apollod.* 2.4.9), quando contava seus dezoito anos de idade.

487. MONSTRO CLEONEU: refere-se ao Leão de Nêmea, que Hércules teve que assassinar como seu primeiro trabalho. Diz **Cleoneu** em referência à Cleonas, cidade vizinha a Nêmea, no Peloponeso, ambas próximas a Argos.

488-90. NO OUTRO, DE HORRÍVEIS PELOS E ... O COURO HONRA DE CÁLIDON: depois de Polinices, Adrasto observa Tideu, vendo sobre os ombros do herói a pele de um javali. É, pois, do couro retirado ao chamado Javali Calidônio – sobre o monstro, cf. 1.453n.

489. TENTANDO DE TIDEU COBRIR OS LARGOS OMBROS: não porque é pequena a pele retirada do Javali Calidônio (cf. 1.453n), mas porque são largos e grandes os ombros de Tideu. Perceba-se como a descrição parece contrastar com a anterior, quando o narrador retrata o corpo de Tideu como **exíguo** (1.417).

490-7. O AUGÚRIO ESPANTA / O SENHOR ... ERGUENDO AO CÉU AS MÃOS: Mueller (*ad loc.*) aponta a se-

melhança entre este trecho e o momento da *Eneida* em que Latino, ao receber as prendas enviadas por Eneias, reconhece, por elas, o presságio que havia predito as núpcias de sua filha (A. 7.249-59): *talibus Ilionei dictis defixa Latinus / obtutu tenet ora soloque immobilis haeret, / intentos uoluens oculos. nec purpura regem / picta mouet nec sceptrum mouent Priameia tantum / quantum in conubio natae thalamoque moratur, / et ueteris Fauni uoluit sub pectore sortem: / hunc illum fatis externa ab sede profectum / portendi generum paribusque in regna uocari / auspiciis, huic progeniem uirtute futuram / egregiam et totum quae uiribus occupet orbem. / tandem laetus ait* (“a vazes tais, Latino o rosto abaixa, / quedo olhos volve atento, nem Priameu / cetro ou bordada púrpura o comove, / quanto o consórcio e tálamo da filha, / e de Fauno medita os vaticínios: / que este o fadado genro é peregrino, / trazido ao reino por iguais auspícios, / cuja ilustre progênie valorosa / pujante ocupe o âmbito do mundo” – trad. Odorico Mendes).

491. DE FEBO OS DIVINOS PRESSÁGIOS: aquele pelo qual predisse as núpcias de Argia e Deípila, as filhas de Adrasto (cf. 1.395-7n).’

492. DAS VOZES DOS ANTROS O ANÚNCIO: diz-se que os oráculos, em Delfos, eram proferidos de dentro de uma gruta encravada no monte – cf. 1.509n.

494. POR CLARO NUME OS SENTE GUIADOS: perceba-se a oposição entre o nume que guiou os jovens até o palácio argivo, dito **claro**, e o presságio **dúbio** com o qual Apolo os predisse (cf. 1.495n).

495. COM DÚBIO PRESSÁGIO: porque nem sempre eram claros, de fácil interpretação, os oráculos, diz ter sido dúbio. Pensando, porém, que os genros que ora se apresentam, ao contrário do que foram preditos, são motivos para comemoração – pois que não são, literalmente, um porco e um leão (cf. 1.395-7) –, Adrasto se anima, sem saber, contudo, das tristezas que os fatos de Polinices e Tideu trarão a seu paço.

498-510. NOITE, QUE A FAINA ABRAÇAS ... SOUBE, FORTUNA, OS DEUSES: Adrasto atribui à Noite a elucidação do mistério envolvendo o presságio de Apolo (cf. 1.395-7n): porque fez chegarem às portas de seu palácio os dois jovens, trajados como estavam (cf. 1.482-90 e comentários *ad loc.*), Adrasto pode decifrar as ambiguidades do oráculo de Apolo.

499. QUE EM VOO ERRANTE OS ASTROS ARDENTES ENVIAS: ao surgir nos céus a Noite, os astros iluminados (**ardentes**) são expulsos do céu (**em voo errante ... envias**).

501. NÃO INFUNDE O ÁGIL ORTO NOS DÉBEIS VIVENTES: ou seja, não derrama sobre os mortais, ainda sonolentos (**débeis**), o seu rápido nascer (**o ágil orto**).

502-3. BUSCADA COM ENGANOS E ERROS, POR SI MESMA / A FÉ ME ENVIAS: Adrasto agradece à Noite a elucidação do **dúbio portentoso** (cf. 1.495n) de Apolo, que ele buscara **com enganos e erros**. Sua alegria com a real identidade dos genros, contudo, não poderia ser mais contraditória do que a Noite esclarecendo um fato incerto.

503. O EXÓRDIO: em latim, *exordium*. A palavra latina é construída a partir do verbo *exordior*, “começar a urdir” (DLP). Refere-se, pois, às tramas dos Fados, das quais Apolo revelara os princípios em seu oráculo.

505-8. SEMPRE HONRADA NOS CICLOS ... LEITE A VULCÂNEA FOGUEIRA: Adrasto promete a gratidão de sua casa à Noite por ter ela conduzido os jovens a seu paço, a qual será demonstrada por meio de sacrifícios. Como a Noite é uma deusa vinculada ao mundo inferior, as ofertas consistem de animais de pelagem escura (**armentos negros**) e de leite, com o qual será espargida a fogueira onde serão queimadas as **lustrais vísceras** das vítimas – cf. 1.507n; 1.508n.

505. NOS CICLOS MEDIDOS DO ANO: é dizer, pois, “no período de um ano”.

507. DE ELEITA NUCA: ou seja, de “escolhida cerviz” – é dizer que, dos rebanhos, escolheria as melhores reses para oferecê-las à Noite. **LUSTRAIS VÍSCERAS:** (LACTÂNCIO) “‘Gordas’, pois não podemos entendê-las como quinquenais, uma vez que a consagração sagrada foi estabelecida como anual. ‘Lustrais’, então, são os rebanhos, os quais, para serem consagrados nos sacrifícios, eram alimentados por um período de cinco anos – ‘gordos’, portanto.”

508. BANHADA EM LEITE A VULCÂNEA FOGUEIRA: (AMAR-LEMAIRE) “‘Banhada em leite’ – Os sacrifícios aos numes inferiores, entre os quais supõe-se a Noite, e aos Deuses menores eram espargidos com leite. ‘Vulcânea fogueira’ – porque, nos sacrifícios, partes das vítimas eram cremadas. Diz-se fogueira ‘Vulcânea’ porque Vulcano presidia o fogo.”

509. SALVE, RECESSO OSCURO, Ó PRISCA FÉ DA TRÍPODE: louva Adrasto o Oráculo de Delfos (o **recesso obscuro**) evocando, também, a imagem da **trípode**, uma espécie de mesa redonda apoiada sobre três pés utilizada durante os oráculos de Apolo. Não deixa de ser, portanto, um louvor entoado ao próprio Apolo, que inspirava os oráculos em Delfos.

510. SOUBE, FORTUNA, OS DEUSES: Adrasto afirma, com essas palavras, ter compreendido o oráculo de Apolo (cf. 1.395-7n).

510-26. FALOU E, PEGANDO ... ALFOMBRAS EM TRONO MARMÓREO: animado, Adrasto adentra os salões do palácio e ordena que recomponham o banquete que ali era celebrado antes da chegada dos jovens, em honra a Apolo (cf. 540-672 e comentários *ad loc.*).

512-4. E ÀS CHAMAS, INDA, NAS ... LIBAÇÕES SAGRADAS / MANTINHAM: glosa: “brasas já calmas e sagradas libações já mornas ainda mantinham, nos altares cheios de cinzas, as chammas”.

514-5. AUMENTAR O FOGO E PRATOS FRESCOS / REFAZER ELE ORDENA: assim como Polinices e Tideu chegam ao paço de Adrasto durante a celebração de um ritual, em Virgílio, Eneias e seus companheiros chegam aos domínios do rei Evandro durante um ritual, mas em honra a Hércules. Feliz por recebê-los, também ordena Evandro que as mesas sejam recompostas para que seus novos hóspedes possam tomar parte no rito (A. 8.175-8): *haec ubi dicta, dapes iubet et sublata reponi / pocula gramineoque uiros locat ipse sedili, / praecipuumque toro et uillosi pelle leonis / accipit Aenean solioque inuitat acerno* (“Disse, e os copos repor e os pratos manda, / senta os varões na relva; em toro e pele / de leão veloso a Eneias acomoda, / cede trono de bordo a herói tamanho” – trad. Odorico Mendes).

517. COM OURO ... E OSTRO: isto é, com objetos – pratos, talheres, taças, travessas etc. – de ouro e com leitos de cor púrpura – sobre o **ostro**, cf. 2.406-7n.

520-1. MAS OUTROS, P’RA VENCER OPACA NOITE E TREVAS, / AVANÇAM P’RA ESTICAR DE LUSTRES ÁUREOS CORDAS: Mueller (*ad loc.*) aponta a semelhança com Virgílio (A. 1.726-7): *dependent lychmi laquearibus aureis / incensi, et noctem flammis furnalia uincunt* (“de áureas arquitraves / pendem lustres: e a noite os círios vencem” – trad. Odorico Mendes).

522-4. SEU TRABALHO ERA ASSAR ... CERES, A PEDRAS TRITURADA: Mueller (*ad loc.*) aponta a semelhança com Virgílio em outra passagem ocorrida no paço de Evandro (A. 8.179-81): *tum lecti iuuenes certatim araeque sacerdos / uiscera tosta ferunt taurorum, onerantque canistris / dona laboratae Cereris, Bacchumque ministrant* (“moços, do antiste às ordens, leitos servem / táureas tostas fressuras, Báquios mimos, / de obras de Ceres cumuladas cestas” – trad. Odorico Mendes).

524. CERES, A PEDRAS TRITURADA: Ceres, divindade da terra cultivada, identifica-se com a Deméter dos gregos. Sua identidade é especialmente estabelecida como a deusa do trigo. Ceres triturada a (“com”) pedras, portanto, é metonímia para “farinha”.

527-32. POR LINFA AS CHAGAS LIMPAS ... SEGREDO AO OUVIDO MURMURA: recostam-se em seus leitos os jovens após limparem-se e lavarem seus ferimentos, prontos para perdoarem-se. O rei ordena, então, que sejam trazidas Argia e Deípila, para que conheçam seus futuros noivos e sejam, por eles, admiradas.

527. POR LINFA AS CHAGAS LIMPAS: é dizer “limpos seus ferimentos com água límpida”. (MUELLER)

“Virgílio (A. 10.834): *uulnera siccabat lymphis* (“as chagas lavava com linfa”).” **ALHURES:** isto é, em outra parte da casa, diferente daquela em que os servos corriam para deixar tudo preparado.

531. DADA A MANTER SEU SACRO PEJO A JUSTA VÊNUS: a função de Acasta era garantir que as filhas de Adrasto se guardassem para o matrimônio, a **justa Vênus** – o amor justo, legal.

533-56. SEM DEMORA INFORMADAS ... ARDENDO EM ÍGNEAS ARAS: preparam-se as filhas de Adrasto para o encontro com os jovens estrangeiros. A reunião ocorre à mesa e, após a ceia, começam os rituais em honra a Apolo. A cena corre sobre um pano de fundo bélico claramente trabalhado pelo poeta. Perceba-se, por exemplo, que as duas jovens, em sua beleza, são comparadas à Atenas e Diana (1.535-6); e embora a comparação se restrinja aos traços, e não ao horror de ambas as deusas (cf. 1.535-6n), as duas são caracterizadas por epítetos marciais: Atenas é a **armissonante**; Diana, a **armífera**. Não bastasse a comparação, a taça em que Adrasto liba aos deuses e evoca Apolo é ornamentada pela cena mítica da morte da Górgona por Perseu (cf. 1.544-7n), apresentando detalhes vívidos de momentos violentos do episódio: **o colo / cortado traz** (1.544-5); veem-se, sem movimento, seus **olhos graves e lânguidos lábios** (1.546) e sua palidez, ainda que representada em **ouro vivo** (1.547). O presságio interpretado positivamente por Adrasto guarda, como se pode esperar, traços de um futuro violento e funesto (cf. 1.537-9n).

535-6. DA ARMISSONANTE PALAS E DE DIANA, A ARMÍFERA, / TÊM OS TRAÇOS, MENOR O HORROR: Estácio compara as formas de Argia e Dépile às de Atenas e Diana, salvaguardando-lhes, porém, do aspecto horrorífico das divindades: delas, trazem somente as belezas e encantos – cf., porém, 1.533-56n.

537-8. O RUBRO E O PÁLIDO RECOBREM / JUNTOS A FRONTE: Mueller (*ad loc.*) aponta a semelhança do passo com a descrição, em Apolônio de Rodes, do momento em que Cupido fere Medeia com uma de suas flechas acendendo-lhe o amor por Jasão – mais um sinal, então, dos infortúnios que recairão sobre as núpcias das adrástides com Polinices e Tideu (A. R. 3.297-8): ἀπαλὰς δὲ μετετροπᾶτο παρειάς / ἐς χλόον, ἄλλοτ’ ἔρευθος (“delicadas, porém, mudavam-se as bochechas / ao pálido e de novo ao rubro”). Sobre Jasão e Medeia, cf. 2.281n.

540-2. AURÍFERA E CLARA, COM ACENOS ... LIBAVA, E O SENHOR FORONEU: Antony Augoustakis (2013, p. 305) vincula o trecho, em que Adrasto pede uma antiga taça de família para fazer uma libação a Apolo, ao passo de Virgílio em que Dido, logo após receber Eneias em seu palácio, também bebe de uma taça ancestral durante o banquete que oferece ao herói. Para o autor,

ao relacionar o gesto de Adrasto ao da rainha Dido, Estácio tem em mente as consequências desastrosas que surgirão a partir do banquete – a saber, a paixão de Dido por Eneias e o seu consequente suicídio. Assim diz Virgílio (A. 1.728-30): *hic regina grauem gemmis auroque poposcit / impleuitque mero pateram, quam Belus et omnes / a Belo soliti* (“grave de ouro e gemas, pede a rainha / e enche de vinho a taça, que Belo e todos / desde Belo usavam”).

541. TAL SEU USO: como estava habituado a fazer. **IÁSIDE:** (LACTÂNCIO) “Patronímico considerado a partir de um antigo general, que existiu antes de Dânao: Iáside, filho de Iásio. Iásio e Foroneu foram antigos reis dos argivos, os primeiros a sacrificarem em honra de Juno. Adrasto demanda a taça, então, conforme a tradição pela qual os antigos príncipes dos argivos estavam acostumados a fazer libações aos deuses.”

542. DÂNAO: antigo rei argivo – cf. 1.324n; 2.222n. **FORONEU:** antigo rei argivo – cf. 1.252n.

544-7. O ÁUREO ALADO ... MESMO DE OURO VIVO: o **alado** é Perseu (cf. 1.224-5n; 1.255n), **áureo** porque esculpido em ouro. A **Górgona** refere-se especificamente à Medusa, a única das três Górgonas (as irmãs Esteno, Euríale e Medusa) que era mortal. Segundo Grimal (*ad loc.*), sua cabeça era rodeada de serpentes – donde **anguícoma** –, seus dentes eram como grandes presas de javali e as mãos, de bronze; eram dotadas de asas de ouro, o que lhes permitia voar, e seus pescoços eram revestidos por escamas de dragão; os olhos, cintilantes, transformavam em pedra quem quer que os focalizasse. Conta a lenda que Polidectes, rei de Serifo, apaixonara-se por Dânae, a mãe de Perseu, mas não ousou desposá-la por causa da constante vigilância do filho. Um dia, em um jantar, o rei perguntou aos seus convivas qual o presente que gostariam de dar-lhe: enquanto todos disseram que um cavalo seria o melhor, Perseu disse que lhe daria a cabeça da Medusa. No outro dia, então, após todos os convivas entregarem a Polidectes os prometidos cavalos, menos Perseu, o rei instou-o a buscar a cabeça da Medusa, sem a qual iria desposar à força a sua mãe. Auxiliado por Atena e Hermes, Perseu foi levado pelas três Greias até as Ninfas, que lhe presentearam com um par de sandálias aladas, um alforje e o elmo de Hades, que tornava invisível quem o vestisse. Hermes deu-lhe, ainda, uma foice de corte afiado. Chegando ao local onde as Górgonas dormiam, Perseu, calçado com as sandálias aladas, alçou voo até o leito das feras e, enquanto Atena segurava uma superfície polida que lhe servia de espelho para que não olhasse diretamente nos olhos das Górgonas, o herói cortou a cabeça de Medusa com a foice. Do sangue que jorrou, nasceram um cavalo alado, o Pégaso, e um gigante, Crisaor. Vestido com o elmo de Hades, Perseu pode guardar a cabeça da Medusa no alforje e sair tranquilamente, visto que as outras irmãs não o enxerga-

vam por estar invisível. Chegando novamente em Serifo, Perseu descobriu que o rei tentara apoderar-se de sua mãe à força, que se escondera com Díctis, pai adotivo do herói e irmão de Polidectes, em um templo. Querendo vingança, Perseu transformou o rei e todos os seus convivas em estátuas mostrando-lhes a cabeça da Medusa, entregando o trono de Serifo ao seu pai adotivo. Feito isso, devolveu as armas que havia ganho às Ninfas, e Atena, tomando-lhe a cabeça da Górgona, colocou-a em seu próprio escudo.

544-6. O ÁUREO ALADO DA ANGUÍCOMA GÓRGONA O COLO / CORTADO TRAZ E – VÊ-SE ASSIM – A VAGOS VENTOS / SE LANÇA: (MUELLER) “Ovídio (*Met.* 4.699-700): *Gorgonis anguicomae Perseus superator et alis / aetherias ausus iactatis ire per auras* [“Perseu, o vencedor da anguícoma Górgona / e que ousou pelos ares ir em asas ágeis” – trad. Raimundo Carvalho].”

546-7. ELA, OLHOS GRAVES E LÂNGUIDOS LÁBIOS / POUCO MOVE: EMPALECE MESMO DE OURO VIVO: refere-se à Medusa conforme representada na taça.

548-51. ASAS FULVAS SUSPENDEM ... SOMBRAS E LATEM ÀS NUVENS: o arqueiro é Ganimedes, neto de Dárdano, o filho de Zeus e Electra. É comumente apontado como o filho mais novo de Trós, herói epônimo dos troianos. Ganimedes era reconhecido como o jovem mais belo do mundo, motivo pelo qual despertou a paixão de Zeus. Este, para saciar-se, mandou que uma águia, a ave de Zeus por excelência, o sequestrasse e conduzisse ao Olimpo, onde o menino troiano passou a servir o néctar na taça de Zeus, antes uma função assinalada a Hebe, a deusa da juventude. Na *Eneida*, Eneias presenteia Cloanto, o vencedor da regata disputada nos jogos fúnebres em honra a Anquises, com um manto no qual está gravada a mesma cena descrita por Estácio (A. 5.250-7): *uictori chlamydem auratam, quam plurima circum / purpura maeandro duplici Meliboea cucurrit, / intextusque puer frondosa regius Ida / uelocis iaculo ceruos cursuque fatigat / acer, anhelanti similis, quem praepes ab Ida / sublimem pedibus rapuit Iouis armiger uncis; / longaeui palmas nequiquam ad sidera tendunt* (“ao vencedor, orlando-a recamada / púrpura Melibeia em dous Meandros, / áurea clâmide anexa; inda na tela / régio menino, sôfrego, açodado, / no Ida selvoso os despedidos cervos / corre e a dardo os fatiga; e lá nas garras / altaneira às estrelas o arrebatada / a armígera de Jove; embalde as palmas / velhosaios levantam, contra as auras / dos galgos o ladrar se assanha embalde” – trad. Odorico Mendes).

548. ASAS FULVAS: as asas da águia de Zeus, fulvas porque entalhadas em ouro na taça. **DA FRÍGIA:** região de Troia.

549. E AO SUBIR TROIA AFASTA-SE E GÁRGARO AFUNDA: enquanto Ganimedes é alçado pela águia, vê, do alto, Troia se afastando e o Gárgaro, que tanto pode ser um dos picos do monte Ida,

onde ele estava, como a cidade ao pé desse monte, afundando – ou seja, distanciando-se cada vez mais.

550. SÓCIOS: de acordo com a cena descrita por Virgílio na *Eneida* (A. 5.250-7), Ganimedes estava caçando quando foi raptado pela ave de Zeus (cf. 1.548n) – por isso **arqueiro** (1.548). Os sócios são, então, seus companheiros de caçada.

551. MORDEM SOMBRAS E LATEM A NUVENS: as sombras projetadas pela águia e por Ganimedes, no céu, sobre o chão do Ida – cf. 1.548-51n.

554-5. COM ERVA CASTA / AS MÃOS UNIDAS: folhas de louro, em específico. Porque Dafne, uma ninfa filha do rio Pneu, na Tessália, foi mudada em loureiro para não ser possuída por Apolo, as folhas dessa árvore passaram a ser utilizadas nos rituais relacionados a Apolo; e porque era virgem a Ninfa, as folhas utilizadas também deveriam ser virgens.

557-668. TALVEZ, JOVENS, QUAL SEJA O ... TEMPLOS A HONRA MITIGA: celebrava-se, na noite em que Polinices e Tideu chegaram ao palácio de Adrasto, um ritual dedicado a Apolo. Nos versos 1.512-26, antes de comerem, Adrasto manda que seus escravos recomecem o banquete, que já se havia encerrado, para receber seus hóspedes, assim como ordena a Acasta que traga suas filhas para a continuação da celebração sagrada. Nos versos que se seguem (1.562-668), o rei irá narrar aos jovens a origem do ritual que então celebravam, contando desde os motivos que levaram à paixão de Apolo por Psâmata, filha de Crotopo, rei de Argos, e do consequente nascimento de Lino, até o episódio entre Corebo e Pena, um monstro enviado a Argos por Apolo como vingança pela morte de seu filho com a princesa. É, pois, para manter a boa relação com Apolo que os argivos celebram o festival em questão. De acordo com parte da fortuna crítica da *Tebaida* (especialmente Vessey, 1970c; 1973, p. 101-107; Ganiban, 2007, p. 9-23), o episódio possui relações bastante estreitas com o de Caco e Hércules narrado por Evandro, rei de Palanteu, a Eneias e seus companheiros (Verg. A. 8.184-279). Além disso, o episódio de Lino e Corebo tem relações profundas com o estabelecimento de uma imagem de herói *piedoso* (de *pietas* – cf. 1.142n; 3.350-1n), a partir da qual o comportamento dos heróis argivos e tebanos cantados no poema poderão ser comparados.

557-61. TALVEZ, JOVENS, QUAL SEJA O RITO ... ATENTAL, EU VOS CONTO: compare-se o início da fala de Adrasto a Polinices e Tideu com o início da fala de Evandro a Eneias, em Virgílio (A. 8.185-9): *non haec sollemnia nobis, / has ex more dapes, hanc tanti numinis aram / uana superstitio ueterum-que ignara deorum / imposuit: saeuus, hospes Troiane, periclis / seruati facimus meritosque nouamus honores* (“De tanto nume est’ara, / esta pompa e festim, hóspede, usamos, / não por supersti-

ção que os priscos deuses / desconheça; de atroz perigo isentos, / mérito culto renovamos gratos” – trad. Odorico Mendes).

559-60. NÃO PERSUADE UM RITO / IGNOTO: ou seja, um rito desconhecido não convence, por parecer sem razão ou desmotivado.

562-668. DEPOIS QUE O DEUS O SERPEAR ... TEMPLOS A HONRA MITIGA: Adrasto narra principalmente o mito de Pena e Corebo, mas também detalha os eventos que levaram Apolo a enviar seu monstro contra Argos: a busca pela expiação do assassinato da Píton (1.562-71), o caso entre Apolo e Psâmate, a morte de Lino e a condenação imposta pelo rei à sua filha (1.572-95).

562-3. BESTA CÉRULA, / PÍTON TERRÍGENA: Píton foi uma serpente devoradora de homens e animais, filha da Terra (por isso diz **terrígena**) e dotada da capacidade de proferir oráculos, instalada em uma fonte de água próxima a Delfos. Por conta dessa sua capacidade, Apolo a teria assassinado com suas flechas quando decidiu-se por instalar seu próprio oráculo ao pé do Parnaso. De acordo com a tradição, foi enterrada sob o ônfalo do templo de Delfos, uma pedra arredondada em formato de umbigo que representava o centro a partir do qual se deu a criação do mundo.

563. SETE ESCURAS VOLTAS: tamanho seu corpo de negras escamas (pois isso **escuras**), que foi possível dar sete voltas em torno de Delfos.

564. COM A CROSTA: tão grossas as escamas que lhe recobriam a pele, que a chama de **crosta**.

565. FONTE CASTÁLIA: nascente localizada no monte Parnaso, que emitia, diz-se, os vapores que inspiravam os oráculos de Delfos.

566. AS PROVISÕES BEBEU P’RA ATRA PEÇONHA: porque acreditavam os antigos que, quanto mais água bebiam as serpentes, mais veneno eram capazes de produzir – por isso Tisífone permitia às serpes que cobriam-lhe a cabeça deleitarem-se nas águas do Cocito (cf. 1.89-91).

567. DERRUBOU: após longo aposto (1.563-6), o poeta retoma a oração principal (1.562-3), esclarecendo que Apolo matara Píton.

568-9. LARGANDO-A POR CEM JEIRAS DOS AGROS DE CIRRA / ESTENDIDA: sobre Cirra, cf. 1.62-3n.

569-70. AO BUSCAR SEUS PIÁCULOS INSÓLITOS / DO CRIME: por ter assassinado a filha de uma divindade (cf. 1.562-3), Apolo teve que buscar alguém que expiasse seu crime.

570. CROTOPO: rei de Argos, filho de Agenor.

571-3. ALI, NA PRIMA PUBERDADE ... PIOS PENATES / INVOLADA: refere-se a Psâmate, filha do rei Cro-

topo. (MUELLER) “Virgílio (A. 7.52-3): *sola domum et tantas seruabat filia sedes, / iam matura uiro, iam plenis nubilis annis* [“gentil princesa, / para um varão madura e já completa, / era o esteio da casa e amplos domínios” – trad. Odorico Mendes].”

573. AS DÉLIAS FALTAS: as faltas de Apolo. Buscando um lugar onde pudesse dar à luz o seu filho longe da perseguição de Hera, Latona chegou a uma ilha flutuante chamada Ortígia, ou Astéria, onde Apolo nasceu. Mais tarde, em agradecimento ao lugar, o deus fixou a ilha no centro do mundo grego e deu-lhe o nome de Delos (“brilhante”) – sobre Delos, cf. 3.437n; 3.438n; 3.438-9n.

576-7. E QUANDO, FRONTE PLENA, RENOVOU DEZ CURSOS / CÍNTIA: período de dez luas cheias, equivalente à gestação humana. (MUELLER) “Ovídio (*Fast.* 2.175): *Luna nouum decies implerat cornibus orbem* [“dez voltas completara a Lua com seu chifre” – trad. Márcio Meireles].”

577. O SIDÉREO NETO DE LATONA: Latona é a mãe de Apolo; seu neto, o filho de Apolo e Psâmata, chamar-se-á Lino. Por Apolo conduzir os carros do sol, chama **sidéreo** o seu filho.

578. PENA: *poenae*, em latim. Aqui, a palavra refere-se ao castigo que Crotopo imporia a Psâmata por ter engravidado antes do casamento. Porém, chama-se igualmente *Poena* o monstro que vingará a perda de Apolo e que será morto por Corebo, o qual não é nomeado por Estácio em nenhum momento. A manutenção da palavra, portanto, é importante no contexto.

579. A LEITO IMPOSTO A VÊNIA NÃO DARIA: isto é, não consentiria com um neto nascido de uma relação que ele próprio não tivesse anteriormente aprovado – um **leito** a ele **imposto**, portanto.

582-4. DE TUA ORIGEM BERÇO ... EM VIME FEITA / A CASA: filho de um deus e de uma princesa, Lino não deveria ser abrigado em uma habitação tão humilde, o que os Fados não permitirão (cf. 1.586-90).

585. OCA FLAUTA: a flauta comumente tocada por pastores.

587-90. A ELE, EM VERDE RELVA ÀS CEGAS ... CRUENTAS MORDIDAS / LACERA: compara-se a situação de Lino com a de Ofeltes, que é abandonado em meio à relva por Hipsípila – cf. 4.778-96; 5.499-540 e comentários *ad loc.*

589. CÃES: muito provavelmente, os cães do próprio pastor que o recebeu dos braços da mãe. De acordo com Grimal (*ad loc.*), porém, Crotopo teria descoberto sobre seu neto antes de ele ter morrido, e então condenou à morte a própria filha e enviou os seus cachorros para que

matassem Lino.

591-2. AO PEITO DEIXAM PAI, PUDORES / E MEDO: é dizer que, ao ouvir a notícia da morte de seu filho (1.590-1), Psâmate se esquece das consequências que sua falta – o filho com Apolo – poderiam causar, deixando de lado o medo das punições que seu pai poderia aplicar-lhe e a vergonha pelo ocorrido.

593. ENCHE A CASA: indica a ocorrência de um súbito infortúnio na casa. **TRAZENDO O PEITO DESCOBERTO:** em sinal de luto – cf. 3.125-6n.

595. QUE DESCUBRA O ANSIADO NEGRO FIM: porque Psâmate deseja a própria morte diante da morte de seu filho, Crotopo, **infando** (1.595), deseja que sua filha, encontre o que deseja (**o ansiado negro fim**).

596-604. TARDE, LEMBRAS O LEITO E ... PÁTRIO LUTO MUITO ENGORDA: apostrofando Apolo, Adrasto descreve o monstro criado pelo deus para vingar-se de sua perda, nomeado Pena. Kyle Gervais defende Pena como o ressurgimento da própria Psâmate, e também de Lino, em toda sua força vingativa: “A execução de Psâmate é algo *infandum* (1.595 [**infando**]), e, depois dela, Apolo, *sero memor thalami* (1.596 [**tarda lembrança desse leito**]), cria Pena, que foi concebida *infandis ... Eumenidum thalamis* (1.597-8 [**nos tálamos infandos das Fúrias**]). Psâmate encontra sua morte como uma lutuosa mãe de peito nu (*uacuumque ... uelamine pectus*, 1.593 [**trazendo o peito descoberto**]); sua vingança insurge do submundo como a face e o peito de uma virgem (*uirginis ora / pectoraque*, 1.598-9 [**De virgem, / o peito e o rosto**]). Em se tratando de Lino, **a atra raiva dos cães** (*dira canum rabies*, 1.589) **com cruentas mordidas / [o] lacera** (*morsu depasta cruenta*, 1.589). Com um consolo para a sua triste morte (*maesta solacia morti*, 1.596 [**afago à morte**]), Apolo cria seu monstro, que submete as crianças ao fado de Lino, pois **com cruenta mordida / as destrói** (*morsuque cruento / deuesci*. 1.603-4). Por sua vez, o monstro é morto e seu corpo é tão horrível que afasta os pássaros, os lobos e os animais que mataram Lino: **a raiva dos cães** (*rabidam canum uim*, 1.625). Mas os argivos têm sua vingança sobre o corpo, mutilando-o em um ato que, no entanto, fornece **vão conforto à dor** (*solacia uana dolori*, 1.621). Em Pena, então, cria das Fúrias, a inocência de Psâmate e de Lino renasce como um monstro apavorante” (2015, p. 224-5).

596. TARDA LEMBRANÇA DESSE LEITO, AFAGO À MORTE: refere-se a Pena, o monstro criado por Apolo para vingar-se da morte de Psâmate e Lino.

597. SOB O IMO AQUERONTE: o **Aqueronte** é um dos três rios do Hades – os outros são o Flégeton

e o Cocito. Trata-se do rio que as almas devem atravessar para chegar ao mundo inferior. É cruzado pelo barqueiro Caronte, um gênio do mundo infernal, a custo de um óbulo por alma.

598. NOS TÁLAMOS INFANDOS DAS FÚRIAS: de acordo com Barthius (*ad loc.*), porque são elas as responsáveis pela criação de todo o mal.

601. À NOITE SE MOVENDO: como se, por ser um monstro infernal, evitasse a claridade do dia, agindo somente sob o manto da noite.

602. E AS RECENTES ALMAS: isto é, as almas recém-nascidas, assim como era a de Lino no momento em que foi morto pelos cães (cf. 1.587-90).

603-4. TOMA AO COLO, NUTRIZ, E COM CRUENTA MORDIDA / AS DESTRÓI: o comportamento aparentemente maternal de Pena, que toma as almas ao colo qual uma **nutriz**, é imediatamente substituído por aquele apresentado pelos cães que assassinaram Lino (cf. 1.587-90; 1.596-604n e comentários *ad loc.*).

604. COM O PÁTRIO LUTO MUITO ENGORDA: o **pátrio luto** pode referir-se tanto às crianças de que se alimenta Pena, uma vez que elas são o objeto do luto de seus pais, como ao próprio sofrimento dos parentes, que nutre o monstro de alguma forma.

605-66. NÃO AGUENTA COREBO, EM ARMAS ... PERPLEXO FEBO / SUASIVO SAIS: procede Adrasto à narrativa de como **Corebo**, emérito jovem argivo, não mais suportou os crimes de Pena e, reunindo outros homens, executou um plano para matar o monstro e devolver a paz ao povo. Além da luta contra Pena, porém, o jovem teve de enfrentar o próprio Apolo, que novamente se indispôs contra os argivos, dessa vez por causa da morte de seu monstro ultor. Vessey, analisando o episódio como um todo – *i.e.*, toda a narrativa de Adrasto a Tideu e Polinices –, defende que a história envolvendo Corebo, Pena e Apolo foi escolhida para que ficasse estabelecida, na *Tebaida*, uma imagem de *pietas* com a qual se possam comparar os personagens do poema e suas atitudes: “Corebo é a personificação, ou a *figura*, da *pietas* [...] porque, na *Tebaida*, o colapso da *pietas* na família de Édipo levou ao crime e à corrupção cada vez mais amplos, então os bons homens devem observar os ditames da *pietas* em um sentido mais completo [...] Corebo cumpriu voluntariamente suas obrigações com relação a seu país e aos deuses. Em Polinices e Tideu, nós encontramos homens em que a *pietas* foi substituída pela insanidade e pela paixão [...] Corebo, inspirado pela *pietas*, livrou sua terra natal de um monstro similar à Tisífone e encarou a ira de um deus. Polinices e Etéocles, estimulados pela Fúria,

são destruídos. Corebo sobrevive. *Pietas* e paixão são incompatíveis, de modo que um homem não pode ser são e louco ao mesmo tempo” (1973, p. 106-7). Dessa forma, então, “Tendo estabelecido um símbolo de *pietas*, Estácio não o esquecerá. Por todo o épico e especialmente próximo ao seu fim, quando os horrores da paixão terão atingido o seu zênite, outros heróis, prenunciados por Corebo, surgem em primeiro plano” (1973, p. 107).

Também para Randall Ganiban a *pietas* é questão importante na história de Corebo, mas a centralidade da discussão está no embate entre a *pietas* e o *nefas*. Para o autor, que parte das conclusões de Vessey (*supra*) para levar sua leitura um pouco adiante, a imagem de *pietas* ora estabelecida em confronto com o *nefas*, que também está bastante presente na narrativa de Adrasto (o monstro de Apolo, por exemplo, foi criado nos **tálamos infandos das Fúrias** – 1.598; quando está morrendo, diz o rei que, do peito de Pena, escorriam **secreções nefandas** – 1.617; e o próprio Corebo a teria chamado de **mortal nefas** de Febo – 1.646), mais representa, ao fim das contas, a inadequação da *pietas* no mundo da *Tebaida* do que se estabelece como um termo de comparação para as ações de outros personagens. Tal leitura, para Ganiban, fundamenta-se no fato de, ao final da história, Apolo, o autor do nefas que se abate sobre Argos, deixar Corebo viver não por causa de sua *pietas*, mas por outro motivo: “o deus fica **perplexo** (*stupefacti*, 1.665) com as palavras de Corebo, mas ele se detém de matar Corebo não porque aprecia a *pietas* do jovem, mas por sua própria *reuerentia caedis* (1.662 [**receio em matar**])). A palavra *reuerentia*, aqui, significa algo como “um sentimento de temor diante de alguma dúvida”; e *reuerentia caedis*, “um sentimento de temor diante do assassinato”. Mas de qual assassinato? O provável assassinato de Corebo por Apolo? O assassinato do monstro de Apolo por Corebo? O assassinato da Píton por Apolo? Ou mesmo a tendência de Apolo à violência?” (2007, p. 12-3). E o autor continua: “Um ponto, porém, é claro: em nenhum momento, Estácio estabelece que o deus está preocupado com a *pietas*. Apolo nunca tomou conhecimento dela em Corebo, embora ela seja a principal virtude do mortal. Nenhum personagem na história pensa que a *pietas* possa aplacar a raiva de Apolo. O narrador Adrasto sente que o jovem tem toda a razão para esperar a execução a despeito de sua *pietas* (*non tu pia degener arma / oculis aut certae trepidas occurrere morti*, [**as suas armas piedosas / não escondes ou temas dar com a morte certa**] – 1.639-40). E Corebo ainda diz para Apolo: *merui ne parcere uelles* (**eu mereci, não poupes**, 1.657). *Pietas* é, ao fim, um conceito irrelevante, não apreciado e sem recompensas nessa narrativa encaixada à principal” (2007, p. 13).

605. NÃO AGUENTA COREBO: refere-se à situação em que se encontra Argos por causa da ação de

Pena: não a suporta mais o jovem herói. **EM ARMAS E BRIO NOBRE:** ou seja, destacado no manejo das armas e por sua coragem.

607. QUE A VIDA, EXCLUSA, FÁCIL POR FAMA EXPORIAM: isto é, “que facilmente, deixando-a em segundo plano, exporiam suas vidas ao perigo em busca da glória”.

609. DOIS PEQUENOS CORPOS PELO LADO / PENDIAM: Vessey (1973, p. 103-4) vê, na cena, uma referência a quando Tisífone, agindo sobre o paço tebano (cf. 1.123-30 e comentários *ad loc.*), tomou posse dois dois irmãos, Etéocles e Polinices.

612-5. EXPOSTO, À VOLTA AS TROPAS ... A JOVE PROFUNDO REMIU: a descrição do ataque de Corebo a Pena não se alonga, mas o discurso de Adrasto aproxima a ação do jovem argivo a dois momentos em que Eneias, no épico de Virgílio, não demonstra piedade diante dos pedidos de clemência de seus inimigos: o primeiro deles se dá quando o troiano fere mortalmente Turno, já no final da *Eneida* (A. 12.950-1): *ferrum aduerso sub pectore condit / feruidus* (“no peito aqui lhe esconde o iroso ferro” – trad. Odorico Mendes) – em latim, escreve Estácio: *ferrum-que ingens sub pectore duro / condidit* (**em duro peito o iroso ferro / escondeu**); o segundo, quando o herói mata Líger, não levando em conta o seu pedido por misericórdia (A. 10.601): *tum latebras animae, pectus, mucrone recludit* (“e estoqueia-lhe o peito, encerro da alma” – trad. Odorico Mendes) – em latim, escreve Estácio: *atque imas animae mucrone corusco / scrutatus latebras* (**a estocadas o imo encerro d’ alma / buscou**). Como se pode ver, a referência beira a literalidade e traz ao texto de Estácio as problematizações do caráter pio de Eneias, cuidadosamente construído por Virgílio ao longo de seu poema, passíveis de serem levantadas a partir de sua postura nestas duas cenas, somando a elas, ainda, as questões entre a *pietas* e o *nefas* criadas durante a narrativa de Adrasto a Tideu e Polinices.

612. EXPOSTO, À VOLTA AS TROPAS EM ARCO LADEANDO: vinha Corebo, então, à frente de seus companheiros, os quais, flanqueando, o acompanhavam.

615. E O MONSTRO A JOVE PROFUNDO REMIU: porque foi concebida **sob o imo Aqueronte, / nos tá-lamos infandos das Fúrias** (1.597-8), diz que Corebo devolveu Pena aos Infernos – **Jove profundo** refere-se, pois, a Hades, o irmão de Júpiter que comanda o mundo inferior.

616-23. A PARTIDA DELEITA, E VER ... A FORÇA NÃO ABRANDA A IRA: depois de Corebo ter matado o monstro de Apolo, os argivos buscam consolar sua perda com mais violência – como o próprio Apolo fizera ao enviar-lhes Pena. Com paus e pedras, então, se assomam contra **os membros exânicos** do monstro, esmagando seu corpo já sem vida.

616-9. A PARTIDA DELEITA, E VER ... ONDE AS ALMAS CESSARAM: o golpe dado por Corebo no **duro peito** (1.613) de Pena foi forte o suficiente para abrir-lhe o ventre, deixando à mostra suas entranhas, **as secreções nefandas** a saltar-lhe para fora e o **viscoso pus** cobrindo-lhe o peito aberto. Perceba-se, porém, que, tanto quanto ver morto o mostro que se alimentava de seus infantes, a visão de suas vísceras e excreções também deleita o povo argivo, em uma espécie de êxtase grotesco.

616-7. SEUS OLHOS PLÚMBEOS / PRÓXIMOS JÁ DA MORTE: por **plúmbeos** quer dizer, principalmente, baços, perdendo o frescor da vida.

619. ONDE AS ALMAS CESSARAM: as almas das crianças mortas e devoradas por Pena, que acabavam presas em seu ventre e suas entranhas. **INÁCIOS:** os descendentes de Ínaco, ou seja, os argivos – sobre o Ínaco, cf. 1.356n.

620. MAS PÁLIDOS: (LACTÂNCIO) “Ou por causa do monstro, porque mesmo depois da morte terminam o seu horror, ou porque a palidez que do luto e do medo incidiu sobre os homens foi tão grande que não cedeu nem mesmo depois da alegria, a qual costuma mudar a aparência dos homens.”

623. E A FORÇA NÃO ABRANDA A IRA: tomados por ela, mesmo após tamanha violência (cf. 1.621-2) contra um corpo já sem vida, a **ira** dos argivos não se abrandava.

624-6. COM NOTURNO ESTRIDOR O CERCANDO ... NERVOSOS LOBOS, VÁS SE HAURIRAM: tão desgostosa a figura que ali presenciavam morta, que mesmo os corvos com seu **noturno estridor** voltaram **em jejum**, e a **raiva dos cães** e as **bocas dos lobos** abriram-se em vão (**vás se hauriram**), pois que se recusaram a alimentarem-se de tão horrenda presa.

627-37. PELO FADO DO FINDO ULTOR ... DO ASSASSÍNIO AUTORES, SACRIFIQUEM: novamente Argos sofre pela Fúria do deus, dessa vez despertada pela morte de Pena, sua vingadora. Para forçar o sacrifício dos responsáveis pela morte do monstro, Apolo se coloca sobre o Parnaso e faz recair, sobre a cidade, uma **nevoenta manta**, pela qual morrem suas **doces almas**.

627. DO FINDO ULTOR: Pena era o monstro que Apolo designou para vingar-se, nos argivos, de Crotopo, cujo comportamento levou à morte Lino, seu filho, e Psâmata, sua amada.

628. DÉLIO: Apolo – sobre o gentílico, cf. 1.573n.

628-9. DO BICORNE / PARNASO: o Parnaso é o monte da Fócida em cujos pés encontra-se Delfos, a cidade onde Apolo tem seu principal oráculo (cf. 1.562-3n). A expressão **bicorne** é utilizada

por causa dos dois picos que formam o cume do Parnaso – cf. 1.62-3n.

630. AGROS DOS CICLOPES: (LACTÂNCIO) “De um modo conveniente, pois, a antiguidade diz que todos as construções foram feitas pelos Ciclopes.” **ARMAS PESTÍFERAS:** ou seja, “portadoras de peste.” Apolo lança sobre Argos uma pestilência com vistas a forçar a entrega dos assassinos de seu monstro.

631. NEVOENTA MANTA: a névoa pestilenta que recaiu sobre a cidade (cf. 1.630n).

633. CORTA O FIO DAS IRMÃS: refere-se às Moiras, ou Parcas (cf. 1.111n), responsáveis por tecer o fio que determina a vida dos homens. Cortá-lo é, portanto, eufemismo para “matar”.

634-5. POR QUE DO CÉU O FOGO / SESTRO: de acordo com Lactâncio (*ad loc.*), ou refere-se à fúria devastadora da pestilência enviada por Apolo, ou à própria força de Sírío, evocada a seguir (cf. 1.635n).

635. POR QUE REINO DURANTE ESSE ANO SÍRIO: Sírío é a estrela mais brilhante do céu noturno e a principal da constelação de Cão Maior. Também é chamada de “canícula”, ou cão pequeno – não confundir com a constelação de Cão Menor. O seu reinado durante o ano pode ser entendido como um período de intenso calor, causando problemas para a produção agrícola. Como em Virgílio (A. 10.273-5): *aut Sirius ardor; / ille, sitim morbosque ferens mortalibus aegris / nascitur et laeue contristat lumine coelum* (“ou, sede e morbos / dardejando aos mortais, fervente Sírío / com funesto luzir contrista o polo” – trad. Odorico Mendes).

636. PÉAN: nome ritualístico dado a Apolo – do grego *παιάν* (*paián*), “curandeiro, médico”.

638-9. AH!, DE ALMA AFORTUNADO, Ó DIGNO BENEMÉRITO / DE LONGA VIDA!: Adrasto apostrofa Corebo ressaltando suas virtudes, uma vez que preferiu, como se verá (cf. 1.641-61), entregar-se à vontade do deus para livrar sua pátria da peste que a assolava.

641-2. ENTRA DE FRENTE, E À PORTA DO TEMPLO DE CIRRA / PARA, E COM ESSAS PALAVRAS ACIRRA SACRAS IRAS: Corebo dá novas mostras de sua coragem (o **brio** anteriormente destacado por Adrasto – 1.605), entrando **de frente** no templo de Delfos (cf. 1.641n) – ou seja, encarando o deus.

641. TEMPLO DE CIRRA: refere-se a Delfos, cidade onde estava o principal templo de Febo, de onde o deus lança a pestilência contra Argos – cf. 1.62.3n; 1.627-33 e comentários *ad loc.*

643-61. NEM MANDADO, Ó TIMBREU, OU ... ENQUANTO MORRO, CESSA: para Ganiban (cf. 1.605-66n), ao se oferecer como uma vítima para o deus, Corebo verbaliza explícita e conscientemente o embate entre a *pietas* e o *nefas*, que estrutura a narrativa de Adrasto. Para Corebo, defende o

autor, é muito claro que, nessa situação, sua *pietas* e sua *uirtus* são contrapostas ao *nefas* de Apolo – note-se, por exemplo, o manejo no uso de possessivos para referir-se à *pietas* e à *conscia uirtus* (**minha piedade e o cōnscio brio** – 1.644) e ao *mortale nefas* de Febo (**teu mortal nefas** – 1.646). A verdadeira batalha entre a *pietas* e o *nefas* tem vez agora, quando Corebo enfrenta Apolo face a face, sem fugir ou esconder-se, assumindo a inteira responsabilidade pela morte de Pena e submetendo-se à vontade do deus.

643. TIMBREU: de Timbre, cidade da Trôade onde havia um templo dedicado a Apolo. (LACTÂNCIO) “Apolo é dito Timbreu por causa da erva *thymbra* [“segurelha”], a qual abundava no templo da Trôade.”

644. A MINHA PIEDADE E O CÔNSCIO BRIO: os valores que Corebo atribui a si próprio, especialmente a piedade (*pietas*) são relevantes para que se crie o contraste entre o herói e o monstro ultor enviado pelo deus, o seu “nefas mortal” (*mortale nefas* – 1.646). (LACTÂNCIO) “Tem ‘piedade’ porque protegeu os seus cidadãos com o assassinato do monstro; ‘brio’, porque não temeu a morte ou porque, pela virtude, matou o monstro.”

646. TEU NEFAS MORTAL: assim se refere o herói a Pena, o monstro de Apolo – cf. 1.644n.

646-7. COM ATRAS NUVENS / E UMBROSO DIA: referência à **nevoenta manta** (cf. 1.631) de pestilências que Apolo enviou contra Argos.

647-8. COM NEGRO PUS DO INFAUSTO / POLO: diz isso do ar sobre a cidade, porque o deus o infectou para vingar-se dos argivos.

648. INJUSTO: como explica Adrasto (*ad loc.*), porque puniu todos os argivos por uma culpa que não era sua. Perceba-se como a situação se assemelha àquela apontada por Juno em relação às punições de Júpiter – cf. 1.242-82 e comentários *ad loc.*

648-51. SE SELVAGENS MONSTROS ... TAMANHO, / O QUE ARGOS FEZ?: Corebo repete a pergunta de Juno feita a Júpiter: **Que Tebas pague o feito, mas Argos é hostil?** (1.259). Agora, porém, a questão levantada pelo herói, apesar de se fundamentar no valor que os homens tem para os mortais, o que é possível de se dizer também sobre as punições de Júpiter (cf. 1.214-47n), leva em conta ainda uma possível preferência dos numes por seus monstros: se os não humanos valem mais do que os mortais, se são vis os funerais dos homens, então Argos não tem culpa, pois foi ele quem matou Pena.

651-2. SÓ EU, MELHOR DOS DEUSES, EU / TINHA QUE A VIDA AOS FADOS DAR: Mueller (*ad loc.*) aponta a semelhança entre a fala de Corebo e a de Niso, que tenta defender Euríalo do ataque de Vols-

cente em Virgílio (A. 9.427-8): *me, me, adsum qui feci; in me conuertite ferrum, / o Rutuli* (“A mim o ferro, a mim que tenho a culpa, / Rútilos, convertei” – trad. Odorico Mendes).

653-4. OS DEVASTADOS TETOS / DAS CASAS: é dizer “as casas assoladas pelas mortes”.

654-5. COM CULTORES SOBRE AS CHAMAS, / AGROS LUZINDO: com os campos luzindo por causa das chamas das piras funerárias.

656. AS MÃES O ESPERAM: esperam que a peste cesse com a morte de Corebo.

657. JÁ BASTA: tanto porque chegou ao limite tudo o que o deus já fez, como porque diz que o seu discurso já foi suficiente para convencer o deus. **EU MERECEI, NÃO POUPES:** novamente assumindo a culpa pela morte de Pena, Corebo diz ser merecedor da punição tramada por Jove e, ao contrário de pedir-lhe misericórdia, pede que não seja poupado.

659. E A ALMA NOTÁVEL LANÇA À MORTE: (LACTÂNCIO) “Artificiosa concessão, que considera certa correção: se é ‘notável’, não merece ser morto. Como é feita esta concessão em Virgílio (A. 4.381): *i, sequere Italiam uentis*, – e, adicionando terror, – *pete regna per undas* [“vai, segue a Itália pelos ventos, busca o reino pelas ondas”].”

661-8. SORTE IGUAL OS DIGNOS ... TEMPLOS A HONRA MITIGA: Vessey destaca a ironia no trecho final da narrativa de Adrasto, pensando especialmente na afirmação de que uma **sorte igual** à de Corebo protege os que merecem (**os dignos / considera**). De acordo com o crítico, “A *sententia* otimista de Adrasto não se prova verdadeira. Pode-se dizer que Polinices e Capaneu (e, talvez, Tideu) não são realmente **dignos**, mas e as outras vítimas da guerra? E o próprio Adrasto? Ele não mereceu **sorte igual**? Ele poderia merecer, mas não a recebe” (1973, p. 106). Sobre o passo, cf. também 1.605-66n.

662-3: O RECEIO EM MATAR DETÉM, ÁRDEGO, / O LATÔNIO: sobre isso, cf. a discussão em 1.605-66n. É dizer, pois, que o receio de matar impede Apolo (o **Latônio**) de dar fim à vida de Corebo, embora o deus se mostrasse impetuoso (**árdego**).

663. LATÔNIO: Apolo, porque é filho de Latona.

666. SUASIVO SAIS: em latim, *exoratus abis*. Há certa disputa quanto à interpretação do trecho. Bailey e Hall, que traduzem o passo respectivamente como “*departs ... cleared of blame*” e “*you, absolved, leave*”, imprimem *exoneratus* no lugar de *exoratus*, entendendo, portanto, que Corebo deixa o templo reconciliado com o deus. Lesueur, por sua vez, diz que Corebo teve o seu voto atendido (“*ton veu est exaucé*”), lendo *exoratus*. Mas nem é possível dizer que Corebo

se reconciliou com Febo, tendo sido por ele absolvido de sua culpa, nem que seu voto foi por ele atendido, uma vez que disse, justamente, **não poupes** (1.657). Amar-Lemaire (*ad loc.*), que também lê *exoratus*, alega que o herói sai vencido (*expugnatus*), pois que o propósito da morte é deixado de lado. Por outro lado, Lactâncio e Barthius (*ad loc.*), que leem *exoratus*, alegam que Corebo deixa o templo de Apolo como objeto dos louvores de seus concidadãos, uma vez que fez cessar a peste e deixou com vida o templo do deus. Ora, preferiu-se uma leitura mais colada à etimologia do termo, derivado de *exoro* (“vencer por meio de súplicas, prevalecer, persuadir” – OLD), pois que o herói foi poupado por Febo após ser por ele ouvido, ainda que não se possa dizer que o discurso de Corebo tenha convencido o deus a não matá-lo – sobre isso, cf. 1.605-66n.

666-7. POR ISSO, ANUALMENTE, ESSE RITO / NOBRES FESTINS REFAZEM: glosa: “por isso os nobres festins novamente celebram, a cada ano, esse rito”.

668. ARAS VISTES, TALVEZ: os altares em que os **nobres festins** refazem o **rito** dedicado a Apolo.

669-71. O ENEU CALIDÔNIO / E A CASA DE PORTÁON ... / ... DIZ TEUS: falando, aqui, com Tideu. Sobre Eneu e Portáon, cf. 1.464n; sobre o gentílico **Calidônio**, cf. 1.402n.

670-71. SE O CLAMOR AO OUVIDO / VEIO CERTO: Tideu declara sua origem logo após terem ambos, ele e Polinices, respondido ao mesmo tempo as perguntas de Adrasto (cf. 1.447-52). No exato momento em que diz ser filho de Eneu (1.463-4), porém, Tideu demonstra inflamar-se novamente contra Polinices, motivo pelo qual Adrasto se refere à sua resposta como um **clamor**.

671. Tu: Polinices.

673-95. O ABATIDO SEMBLANTE ... MAIS E MAIS CANTEMOS: Polinices foi novamente interrogado sobre sua origem (cf. 1.465-7), e finalmente declara qual sua filiação (1.680-1). É importante perceber, contudo, que o tebano não se refere a seu pai: o ramo paterno é identificado por Cadmo; o materno, por Jocasta (1.680-1). Com isso, ganha ainda mais relevância a afirmação de Etéocles a Tideu, alegando não envergonhar-se de chamar Édipo de pai (cf. 2.435). Percebendo o desconforto de seu futuro genro, Adrasto toma a palavra e o consola, dizendo saber do ocorrido em Tebas e delegando a Polinices a possibilidade de **livrar os teus** (1.692): também se engana nisso Adrasto, pois que Júpiter já declarou sua decisão por extirpar ambas as raças criminosas de Argos e Tebas (cf. 1.241-3). Cf. também 1.676-81n.

673-4. O ABATIDO SEMBLANTE, O ISMÊNIO HERÓI DEITOU / AO SOLO: (LACTÂNCIO) “Sinal de vergonha. Polinices enrubesce por causa do parricídio e do incesto materno. Reconhece a índole de ve-

nerar o pudor, enrubesce pelo crime da família ao mesmo tempo em que não é julgado.”

673. O ISMÊNIO HERÓI: Polinices – com **Ismênio** diz “do Ismeno”, ou seja, de Tebas – cf. 1.39n.

673-4. E, QUIETO, OS OLHOS A TIDEU, NA SESTRA, / TORCEU: conforme sugere Lactâncio (*ad loc.*), o olhar de Polinices a Tideu, lançado de esguelha (por isso se diz **torceu**), demonstra a vergonha do tebano diante da nobre ascendência de companheiro – cf. 1.463-4.

676-81. NAS SACRAS HONRAS NÃO DEVIAS ... JOCASTA, MINHA MÃE: o comedimento de Polinices para revelar sua origem é por ele fundamentado no contexto em que a pergunta é realizada: durante os rituais (as **sacras honras**), não devia ser perguntado sobre isso, pois dizê-lo **incomoda**, como se fosse profano falar de seu pai em circunstâncias sagradas. Por isso, e também para desviar a atenção dos crimes recentes da família, estabelece Cadmo como sua origem (o **orto dos pais**), evocando sua mãe para garantir-lhe a filiação – ao contrário do que fez Tideu (cf. 1.463-4), por exemplo, e do que farão outros personagens durante o poema, que sempre se apresentam de modo androcêntrico. Cf. também 1.673-95n.

680. MÁRCIA TEBAS: de Marte – cf. 1.7-8n. Outra vez destaca-se o contexto bélico no encontro primeiro entre Adrasto e seus futuros genros (cf. 1.533-56).

682-95. POR QUE O NOTÓRIO ESCONDES ... VOTOS MAIS E MAIS CANTEMOS: Adrasto interrompe a apresentação de Polinices, buscando tranquilizar seu hóspede e futuro genro. Os principais argumentos de Adrasto em sua fala não se aplicam, sabemos os leitores, ao mundo da *Tebaida*, onde a intransigência de Júpiter impera e ordena os fatos – cf. 1.214-47n. Por isso, erra ao dizer-lhe que **poupa a culpa aos netos** (cf. 1.690n), ou que **casos de antigos / não numere teus**, ainda que seu exemplo (cf. 1.688-89), no momento em que fala, seja verdadeiro – isso se não for levada em conta a vontade já declarada de Júpiter.

683. MICENAS: cf. 1.261n; 1.279-80n.

684. A FAMA: (GRIMAL) “Virgílio [*infra*] conta que a Fama, isto é, a ‘voz pública’, foi engendrada após a concepção de Céu e de Encélado. Dotada de um grande número de olhos e de bocas, desloca-se voando a grande velocidade. Ovídio retoma este retrato da Fama [*Met.* 12.39-63], acentuando-o: imagina que esta divindade habita no centro do mundo, nos confins da Terra, do Céu e do Mar, num palácio sonoro com mil aberturas por onde penetram todas as vozes, mesmo as mais baixas. Este palácio, construído totalmente em bronze, está sempre aberto e devolve as palavras que lhe chegam, amplificando-as. A Fama vive rodeada pela Credulidade, pelo Erro, pela Falsa Alegria, pelo Terror, pela Sedição e pelos Falsos Rumores e, do seu palá-

cio, vigia o mundo inteiro.”

Assim a descreve Virgílio (A. 4.173-90): *extemplo Libyae magnas it Fama per urbes, / Fama, malum qua non aliud uelocius ullum: / mobilitate uiget uirisque adquirit eundo, / parua metu primo, mox sese attollit in auras / ingrediturque solo et caput inter nubila condit. / illam Terra parens ira irritata deorum / extremam, ut perhibent, Coeo Enceladoque sororem / progenuit pedibus celerem et perniciousis alis, / monstrum horrendum, ingens, cui quot sunt corpore plumae, / tot uigiles oculi subter (mirabile dictu), / tot linguae, totidem ora sonant, tot subrigit auris. / nocte uolat caeli medio terraeque per umbram / stridens, nec dulci declinat lumina somno; / luce sedet custos aut summi culmine tecti / turribus aut altis, et magnas territat urbes, / tam ficti prauique tenax quam nuntia ueri. / haec tum multiplici populos sermone replebat / gaudens, et pariter facta atque infecta canebat* (“Já corre a Fama as Líbias cidades; / nem há contágio mais veloz que a Fama. / Móbil vigora e força adquire andando: / tímida e fraca, eis se remonta às auras; / no chão caminha, e a frente enubla e some. / Da ira dos deuses Terra mãe picada, / póstuma a Céu e Encélado, é constante, / de pés leve engendrou-a e de asas lestes: / horrendo monstro ingente, que, oh! prodígio, / no corpo quantas plumas tem, com tantos / olhos por baixo vela, tantas línguas, / tantas vezes lhe soam, tende e alerta / ouvidos tantos. Pelo céu de noite / revoa, e ruge na terrena sombra, / nem os lumes declina ao meigo sono: / de dia, em celsa torre ou sumo alcáçar, / sentada espia e as capitais aterra; / do falso e ruim tenaz, do vero núncia. / Vária e palreira então com gáudio os povos / aturde” – trad. Odorico Mendes).

685. SOL ARCTURO: (AMAR-LEMAIRE) “Quando, pois, o Sol está muito oblíquo, e por isso atinge com raios incertos essas regiões, mais intensifica o frio por antiperístase, como dizem os filósofos, do que o repele: com o que, elegantemente, diz que os povos setentrionais tremem de frio com o sol Arcturo, ou setentrional. Assim, com um frio supremo, nos encolhemos e trememos.”

686. GANGES: rio da Índia.

686-7. NEGRO / OCEANO: negro por causa do pôr do sol.

687. SIRTES: as Sirtes são dois golfos próximos à costa de Cartago, famosos por conterem bancos de areia que comprometem a navegação. **DE INCONSTANTES PRAIAS:** conforme Lucano (9.303-4): *Syrtes uel, primam mundo natura figuram / cum daret, in dubio pelagi terraeque reliquit* (“Sirtes, quando a natureza deu ao mundo a primeira forma, deixou na dúvida entre mar e terra”).

689-90. DO NOSSO SANGUE, TAMBÉM MUITO / A PIEDADE FUGIU: sobre parte da genealogia de Adrasto, cf. 1.392n; Quadro 3, p. 442. (AMAR-LEMAIRE) “Adrasto, pelo ramo paterno, era oriundo de Éolo, cujo filho, Átamas, matou seu próprio filho, Learco, com uma flecha, e quis sacrificar a Jove o seu outro filho, Frixo. Pero também, avó paterna de Adrasto, por seu ramo materno, filha de Anfíon e Níobe, descendente de Tântalo, tem uma origem que remonta a Tântalo. É sabido por todos que todos os descendentes de Tântalo e de Pélope foram manchados por todo o tipo de crime, e que a piedade foi muitas vezes violada. Pois os pais aos filhos, os filhos aos pais, o esposo à esposa, a esposa ao esposo, o irmão ao irmão, ou seja, os próximos por afinidade mataram aos afins; o pai comeu os filhos; por fim, em relação de parentesco [...], o pai estuprou a filha: donde a expressão *casa Pelopeia*, por selvagem e ímpia, é utilizada como um provérbio.”

690. MAS POUPA A CULPA AOS NETOS: isto é, “mas a culpa poupa os netos”. Não poupa, como Jove deixa transparecer em sua decisão – cf. 1.214-47n; 1.682-95n.

692-3. JÁ CURVANDO SEU LEME, / PROSTRA-SE O FRIO CARREIRO DA HIPERBÓREA URSa: refere-se Adrasto a Arturo, a mais brilhante estrela da constelação de Boieiro. Diz-se, pois, que Arturo dirige a constelação de Carro, nome pelo qual a constelação de Ursa Maior é conhecida na antiguidade – sobre ambas as constelações, e sobre Arturo, cf. 1.18n. Ora, então, diz Adrasto que Arturo, **o frio carreiro da Hiperbórea Ursa**, já curva o seu leme, uma vez que, ao amanhecer, as estrelas do céu noturno se põem. Diz **frio carreiro** porque Boieiro é uma constelação do hemisfério norte, de onde sopram os ventos frios, assim como a Ursa, que é dita **Hiperbórea** pelo mesmo motivo. Adrasto anuncia, então, o início de alvorecer.

694-5. AO FOGO DEMOS VINHO ... COM VOTOS MAIS E MAIS CANTEMOS: segundo Amar-Lemaire (*ad loc.*), era costume dos antigos que, ao final de um ritual, as chamas sagradas fossem apagadas com vinho enquanto um hino fosse entoado ao deus ali honrado, exatamente como Adrasto encerra a celebração em seu paço.

696-720. Ó PAI FEBO, OU NA LÍCIA ... CHIFRES RELUTANTES, MITRAS: o canto se encerra com um hino a Apolo, em que o rei pede a proteção de Febo para os **campos de Juno** (1.716). Nem Febo, nem Juno, porém, serão capazes de favorecer Argos nos eventos futuros, pois que serão proibidos por Júpiter de interceder, junto a ele, por qualquer que seja o lado da batalha – sobre isso, cf. 3.239-52 e comentários *ad loc.* Sobre o hino entoado por Apolo e sua relação com a tradição encomiástica, cf. *esp.* Dominik, 1992.

696-7. NA LÍCIA NEVADA DE PÁTARA / JUGO TE PÕEM OS MATOS: (LACTÂNCIO) “Pátara é uma cidade da

Lícia, consagrada a Apolo. Donde Horácio [(Od. 3.4.60-4): *numquam umeris positurus arcum, / qui rore puro Castaliae lauit / crinis solutos, qui Lyciae tenet / dumeta natalemque siluam, / Delius et Patareus Apollo* [“junto daquele perene arqueiro / que lava em puro orvalho castálico / o seu cabelo solto e na Lícia / detém o natalício bosque: / Délio e também Patareu Apolo” – trad. Guilherme G. Flores].”

697-8. COM CASTO ORVALHO / DA CASTÁLIA: Castália era uma virgem de Delfos desejada por Apolo. Fugindo do deus, lançou-se, junto a seu santuário, às águas de uma fonte, que passou a ser chamada pelo seu nome desde então. O orvalho é **casto** porque era casta Castália.

699-700. OU TROIA TENS, TIMBREU, ONDE QUISESTE, É DITO, / FRÍGIAS ROCHAS IMPOR A TEUS OMBROS INGRATOS: Frígia é a região da Ásia Menor, ou Anatólia, na qual se encontra Troia. Sobre as rochas, diz-se que Laomedonte, filho de Ilo e Eurídice e um dos primeiros reis de Troia, rogou pelo auxílio dos deuses para a construção dos muros da cidade, ao que acorreram Apolo e Poseidon. Suportar as rochas Fríguas nos ombros é, pois, dizer que o deus foi o responsável por erguer a muralha troiana. Laomedonte, por sua vez, que teria se comprometido a realizar oferendas e sacrifícios para os deuses em paga a seu auxílio, não cumpriu sua palavra, despertando assim a fúria dos celestes contra a cidade. (AMAR-LEMAIRE) “‘Ingratos’ não porque Apolo não tenha executado sua tarefa por vontade própria; é dito, pois, no verso anterior, ‘onde quiseste’; mas porque as promessas em troca não foram cumpridas. ‘Fríguas rochas’ Virgílio (A. 11.131): *saxaque subuectare humeris Troiana iuuabit* [“pedras Troianas carregar nos ombros agrada”].”

699. TIMBREU: como refere-se à cidade de Troia, evoca Apolo por seu epíteto troiano – sobre o epíteto, cf. 1.643n.

701-2. ONDE A SOMBRA FERE O EGEU, LATÔNIO, FRUIS / CINTO: (LACTÂNCIO) “Cinto é um monte em Delos, cuja magnitude dizem ser tamanha que sua sombra cobre a extensão do mar Egeu. Ele próprio, pois, recebera Latona quando ela chegou em Delos.” Por referir-se Adrasto ao monte da ilha em que nasceu Apolo (cf. 1.702n), utiliza um epíteto criado a partir do nome de sua mãe, Latona.

702. DELOS NÃO BUSCAS, CONTÍNUA NO MAR: diz **contínua** (“presa, permanente”) **no mar** porque, antes do nascimento de Apolo, a ilha de Delos vagava solta por sobre a superfície do mar, tendo sido fixada entre as Cíclades pelo deus como forma de agradecimento – e por isso diz **não buscas**. Sobre as Cíclades, cf. 3.438n; sobre a fixação de Delos, cf. 3.438-9n.

704-5. TEU O ARCO, DOS CELESTES PAIS UM DOM CEDIDO, / E A FACE SEMPRE EM FLOR: diz que tanto o arco como a face sempre em flor de Apolo foram presentes enviados pelos celestes. De acordo com Lactânio (*ad loc.*), a face imberbe de Apolo tem a ver com a força do próprio Sol, um astro de fogo que nunca envelhece, mantendo então a sua força.

705-6: AS INÍQUAS / MÃOS DAS PARCAS CONHECES: sobre as Parcas, cf. 1.111n; 1.633n. Conhecer-lhes as mãos é, pois, conhecer o destino que elas atribuem aos homens.

709. COM A LIRA A FRÍGIA TOMAS: refere-se a Mársias, um sátiro da Frígia que seria: o inventor da flauta de dois tubos; ou quem encontrou a flauta que Atena inventara, mas da qual desfez-se depois de ver, na superfície de um rio, as contorções de sua face enquanto se esforçava por tocá-la. Vaidoso com a sua descoberta, Mársias desafiou Apolo a executar, na lira, aquilo que ele executava na flauta, confiante da superioridade de sua música sobre aquela do deus. Apolo aceitou, mas com a condição de que o vencedor pudesse infringir ao vencido o castigo que desejasse. Pacto feito, ambos executaram uma mesma música, mas não houve como estabelecer um vencedor para a disputa. Apolo, então, sabedor da versatilidade de sua lira, resolveu tocá-la ao contrário e desafiou o sátiro a fazer o mesmo com sua flauta; dada a impossibilidade, Mársias foi vencido. Como castigo por sua arrogância, Apolo pendurou-o em uma árvore e esfolou-lhe a pele, mas, arrependido da brutalidade de seu castigo, quebrou sua lira e transformou Mársias em um rio.

709-10. POR HONRA À MÃE, / NA ESTÍGIA COSTA TÍCIO ESTENDES, O TERRÍGENO: Tício foi um gigante, filho de Elara e Zeus. Quando a amante ficou grávida, por medo de Hera, Zeus a escondeu no fundo da terra, de onde nasceu Tício – por isso, **terrígeno**. Assim que Latona entregou Ártemis e Apolo a Zeus, Hera, com ciúmes, fez com que Tício passasse a desejá-la sexualmente. Para evitar que o gigante estuprasse Latona, Zeus o fulminou com um raio e o lançou aos infernos; ou os próprios filhos de Latona crivaram de flechas o gigante, que caiu sobre as praias do Estige (cf. 1.290n) e lá permaneceu. Das duas versões, esta foi a considerada por Estácio na passagem.

711. VERDE PÍTON: sobre a Píton, cf. 1.562n. **ISMÊNIA MÃE:** é dizê-la “tebana” – sobre o Ismeno, cf. 1.39n. Níobe, filha de Tântalo e esposa de Anfíon (cf. 1.9-10n). De acordo com Ovídio (*Met.* 6.146-312), quando seu marido reinava em Tebas, Manto, a filha de Tirésias, a mando de Latona, ordenara um ritual em honra da deusa, o qual deveria ser cumprido por todas as tebanas. Níobe, à frente de um cortejo, então, não só questionou a divindade de Latona e os motivos pelos quais os homens celebravam os deuses, aos quais não conheciam, e deixavam de

lado os humanos, que conheciam, como colocou-se acima de Latona, julgando-se mais bela, de ascendência mais nobre e mãe mais completa, pois que tivera quatorze filhos – sete mulheres e sete homens – enquanto Latona, apenas dois: Ártemis e Apolo. Latona, então, temendo perder seu lugar nos altares dos homens por conta do discurso de Níobe, ordena a seus filhos que tirem, de Níobe, aquilo de que ela mais se orgulha: seus rebentos. Com suas flechas, Apolo mata os sete filhos homens da tantálida, o que leva Anfíon a suicidar-se; durante os funerais, Níobe reconhece o poder da deusa, mas ainda se ufana por terem-lhe sobrado as sete filhas. Para que expiasse suas palavras e sua soberba, então, Ártemis tira a vida das sete filhas, deixando Níobe sozinha no mundo. Sobre a fala de Níobe, cf. 3.192n.

712-5. MEGERA HORRENDA, ULTORA TUA ... MISTO FASTIO VENCE A FOME: Flégias, filho de Ares e Crise, teve vários filhos, dentre os quais destacam-se Ixíon, para quem há outras genealogias, e Corônus. Esta uniu-se a Apolo, gerando então Asclépio, o deus da medicina. Em uma das lendas sobre o nascimento de Asclépio diz-se que Corônus, enquanto esperava o filho do deus, sucumbiu à sedução de Ísquis, um mortal. Apolo, então, tomado de ciúme, matou-a e arrancou seu filho ainda vivo do ventre da mãe. Ao saber do sucedido, Flégias tentou incendiar o templo de Apolo em Delfos, uma impiedade que, de acordo com a versão aqui assumida por Estácio, foi vingada por Megera, uma das Fúrias (cf. 1.59n). A vingança por um ato ímpio também é apresentada por Virgílio (A. 6.618-20): *Phlegyasque miserrimus omnes / admonet: et magna testatur uoce per umbras: / discite iustitiam moniti, et non temnere diuos* (“Flégias, missérimo a bradar nas trevas, / nunca cessa; ‘Aprendeis no exemplo horrível / justos a ser, a não zombar dos numes” – trad. Odorico Mendes).

716. Ó GRATO DA HOSPEDAGEM: apostrofa Apolo, referindo-se à sua acolhida em Argos – sobre isso, cf. 1.562-8n.

717. DE JUNO OS CAMPOS: refere-se a Argos – sobre a expressão, cf. 1.279-80n.

717-20. TITÃ RÓSEO ... CHIFRES RELUTANTES, MITRAS: (LACTÂNCIO) “DIZ que Apolo é chamado por diversos povos com nomes diferentes. Junto aos aquemênios [habitantes da Aquemênida, região da Pérsia], é chamado Titã; junto aos egípcios, Osíris; junto aos persas, onde é honrado em cavernas, é chamado Mitras. Também é dito (cf. 1.720) que está torcendo chifres, e com isso tem relação, porque em sua representação é moldado de forma a segurar os chifres de um touro relutante. Pelo que se indica que, dele, a lua aceita a luz, quando começa a distinguir-se pelos seus raios.”

717. TITÃ RÓSEO: o epíteto é obscuro, como aponta Amar-Lemaire (*infra*), e nem mesmo Lac-

tância tenta explicá-lo (cf. 1.718-20n). A imagem parece fazer sentido quando se imagina o sol nascente ou poente em climas secos, condição sob a qual pode assumir um aspecto rosado ou avermelhado. Em latim, o adjetivo *roseus* usado por Estácio pode significar desde cor-de-rosa até avermelhado, como o adjetivo **róseo** em português. (AMAR-LEMAIRE) “Apolo, que é o Sol, têm nomes variados em diversas nações. Junto aos Aquemênios [...] é chamado Róseo Titã, uma palavra que cheira à origem tanto grega como pérsica, embora em nenhum outro autor eu me lembro de tê-lo lido sendo assim chamado entre os persas.”

718-9: OSÍRIS / FRUGÍFERO: (LACTÂNCIO) “Seguindo os egípcios, que entendem o Sol como Osíris, por quem supõem que os proventos de frutos podem crescer. As coisas que os persas primeiro consideraram sagradas, os frígios tomaram dos persas, os romanos dos frígios. Junto aos persas, diz-se que o próprio nome do Sol é Mitras, conforme diz Ostanos.”

719-20. SOB ROCHAS DAS PÉRSICAS GRUTAS, / TORCENDO IRADOS CHIFRES RELUTANTES, MITRAS: sobre a referência e a imagem, cf. 1.718-20n.

COMENTÁRIOS AO CANTO II

1-133. NISSO, O ÁLEO FRUTO MAIO ... AUSENTE, LANÇA A GUERRA: a epifania de Laio representa uma das sementes da guerra entre os irmãos tebanos – a saber, aquela lançada por Júpiter durante o canto primeiro do épico (cf. 1.197-302 e comentários *ad loc.*). O episódio foi introduzido por Estácio à mitologia dos labdácidas, como aponta Vessey (1973, p. 70), bastante inspirado por Sêneca (*Thy.* 1-121; *Ag.* 1-56) e por Virgílio, com três cenas em específico: Vênus deixando a presença de Eneias (A. 1.402-5); a aparição de Heitor a Eneias em sonho (A. 2.268-95); e o sonho de Turno com Alecto (A. 7.413-70). No caso de Sêneca, a influência se dá mais no plano conteudístico e de estrutura da narrativa, seja pela escolha do episódio inserido – a ascensão da sombra de um parente em direção à casa de seus descendentes –, por sua função na trama – acender paixões nos mortais para catalisar programas divinos – ou pelo tema: tanto no caso de Édipo como no de Tântalo (avô de Tiestes e bisavô de Agamêmnon), são marcantes os crimes nefastos cometidos contra os membros da própria família – (cf. *infra*). Em outro nível, os episódios citados de Virgílio têm influência direta na construção das cenas que compõem o passo, representando uma dinâmica que Smolenaars entenderá como característica do procedimento de *imitatio* conforme praticada por Estácio, que o autor chama de “múltipla” ou “combinatória”, em que fontes primárias e secundárias são manipuladas com o intuito de combinar elementos de conteúdo e de estrutura narrativa, retirados das fontes primárias, e elementos conceituais e estilísticos, fornecidos por uma ou mais fontes secundárias (1994, p. xxvii-viii).

Levando-se em conta a ascensão das sombras de Tântalo (*Thy.* 1-121) e de Tiestes (*Ag.* 1-56) em Sêneca, muito pouca semelhança há com o episódio de Estácio que não esteja relacionado à estrutura narrativa do poema, uma vez que, embora semelhantes em sua função, os episódios são construídos por elementos diferentes. Se, em Estácio, há uma combinação entre trechos narrativos (*e.g.* *Theb.* 2.1-14; 2.26-31; 2.55-64), descritivos (*e.g.* 2.32-54), etiológicos (*e.g.* 2.71-88) e de ação e discurso dos personagens (*e.g.* 2.14-25; 2.89-119; 2.120-33), em Sêneca, até mesmo pela natureza dramática de seu texto, a dinâmica se apresenta de outro modo. No caso da sombra de Tiestes (*Ag.* 1-56), o personagem surge sozinho, vindo das moradas Infernais com destino à sua antiga casa, então ocupada por seu irmão, lamentando o próprio fado e anunciando a Egisto o que a Fortuna guardou-lhe como quinhão do destino. A sombra de Tântalo (*Thy.* 1-121), por sua vez, surge conduzida por uma das Fúrias, com quem dialoga,

a qual declara sua função no episódio (*Thy.* 83-6): *ante perturba domum / inferque tecum proelia et ferri malum / regibus amorem, concute insano ferum / pectus tumultu* (“primeiro, perturba a casa / e traz contigo, por guerra e espada, o danoso / amor para os reis; sacode com insana confusão / o fero peito”).

À diferença de Laio, além do mais, a sombra de Tântalo questiona o papel que deve cumprir, buscando livrar-se de ser um castigo a seus netos (*Thy.* 86-100): *me pati poenas decet, / non esse poenam. mittor ut dirus uapor / tellure rupta uel grauem populis luem / sparsura pestis? ducam in horrendum nefas / auus nepotes? magne diuorum parens / nosterque quamuis pudeat, ingenti licet / taxata poena lingua crucietur loquax, / nec hoc tacebo: moneo, ne sacra manus / uiolate caede neue furiali malo / aspergite aras. Stabo et arcebo scelus. / quid ora terres uerbere et tortos ferox / minaris angues? quid famem infixam intimis / agitas medullis? flagrat incensum siti / cor et perustis flamma uisceribus micat. / sequor* (“Que eu sofra as penas me é próprio, / não que eu seja a pena. Sou enviado como um diro vapor / por uma fenda na terra para que grave praga ao povo / seja espalhada, ou como uma peste? Conduzirei a um horrendo nefas / os netos – eu, o avô? Ó magno pai dos deuses / e nosso também, embora envergonhe, / ainda que por ingente / pena estabelecida seja atormentada minha língua loquaz, / não vou calar-me: eu advirto, as mãos com amaldiçoada/ morte não violai, nem com o mal das Fúrias / aspergi os altares. Eu permanecerei firme e condenarei o crime. / Por que a face aterras com o açoite e, feroz, com as torcidas / serpes ameaças? Por que a fome implantada no íntimo / das entranhas agitas? Queima, pela sede aceso, / o coração e, nas vísceras abrasadas, treme a chama. / Eu te sigo.”).

Ainda assim, porém, a sombra de Tântalo cumpre seu fardo, separando os irmãos Tiestes e Atreu em uma nefasta disputa pelo trono de Micenas (cf. 1.325n) – assim como o fará Laio, a mando de Júpiter (cf. 2.89-133 e comentários *as loc.*). Logo após a recusa de Tântalo, diz a Fúria sobre sua simples presença na casa dos netos (*Thy.* 100-3): *hunc, hunc furorem diuide in totam domum. / sic, sic ferantur et suum infensi inuicem / sitiant cruorem. sentit introitus tuos / domus et nefando tota contactu horruit. / actum est abunde!* (“Com este furor, este mesmo, divide toda a casa. / Assim, assim sejam arrastados e, reciprocamente hostis, de seu próprio / sangue sintam a sede. Percebe a entrada tua / a casa e, com o nefando contato, estremece toda. / Já foi feito o bastante!”).

Já no que diz respeito à ascensão da sombra de Tiestes, as semelhanças se dão mais em uma relação temática, uma vez que os crimes cometidos entre as famílias de ambos se aproxi-

mam, do ponto de vista do horror e do nefas que os caracterizam, com os que já mancharam e os que ainda mancharão a casa de Édipo (Ag. 22-36): *sed ille nostrae pars quota est culpae senex? / reputemus omnes quos ob infandas manus / quaesitor urna Gnosius uersat reos: / uincam Thyestes sceleribus cunctos meis. / a fratre uincar? liberis plenus tribus / in me sepultis? uiscera exedi mea. / Nec hactenus Fortuna maculauit patrem, / sed maius aliud ausa commisso scelus / gnatae nefandos petere concubitus iubet. / non pauidus hausit dicta, sed cepi nefas. / ergo ut per omnis liberos irem parens, / coacta fati gnata fert utero graui / me patre dignum. uersa natura est retro: / auo parentem, pro nefas, patri uirum, / gnatis nepotes miscui – nocti diem* (“Mas em que posição está este velho na porção de nossa culpa? / Consideremos todos os que, por infandas mãos, / o questor Gnóssio revolve como réus em sua urna: / vencerei – eu, Tiestes – a todos com meus crimes. / Pelo irmão serei vencido? Cheio, com meus três filhos / em mim sepultados? Consumi minhas próprias vísceras. / Nem deixou de, neste ponto, macular-me como pai a Fortuna, / mas, audaciosa, outro crime maior do que o cometido, / ordenou que eu buscassem um nefando intercuro com minha filha. / Não engoli, pálido, as palavras, mas aceitei o nefas. / Então, para que o pai se unisse a todos os filhos, / coagida pelos fados, traz a filha no ventre a prole / digna de mim como pai. Para trás voltou-se a natureza: / com o avô, o pai – ó nefas! –, e, com o pai, o esposo, / e, com o filho, o neto eu mesclai – e, com a noite, o dia”).

Sobre as semelhanças com os trechos anteriormente citados de Virgílio, as fontes secundárias na dinâmica proposta por Smolenaars (*supra*), cf. comentários *ad loc*.

1-25. NISSO, O ÁLEO FRUTO MAIO ... VEZ ENTRARÁS NESTAS TREVAS: o canto se abre com a movimentação de Mercúrio e da sombra de Laio pelos Infernos, antes mesmo de arrojarem-se ambos à superfície da Terra. O trecho compreende seus primeiros movimentos no Hades, antes de passarem por Cérbero (cf. 2.26-31n), e a manifestação de uma sombra anônima, que se pronuncia sobre a ascensão do velho Laio, prognosticando sua infelicidade ao retornar para as moradas do Inferno (cf. 2.14-25n).

1. NISSO: a cena é simultânea aos eventos ocorridos após o concílio dos deuses (1.197-302), que se encerra com a ordem de Júpiter a Mercúrio (1.292-302). A incursão do deus ao Hades, então, dura o mesmo tempo que dura a viagem de Polinices a Tebas (1.312-89), bem como aquele de todos os eventos que se passaram entre a sua chegada e a retomada do festival em honra a Febo no final do canto primeiro. **ÁLEO FRUTO MAIO:** Mercúrio (cf. 1.293n), filho de Júpiter e Maia, filha de Atlas e uma das Plêiades. **DAS SOMBRAS GELADAS:** pode referir-se tanto às sombras que habitam os Infernos, como ao próprio Hades.

2. CUMPRIDO O JUS DE JOVE: o que lhe ordenara o deus supremo – cf. 1.292-302 e comentários *ad loc.*

2-5. À VOLTA, LENTAS ... DO POLO QUIETO: o trecho descreve a atmosfera do Hades, de onde Mercúrio está saindo acompanhado pela sombra de Laio (2.6). Há, aqui, como aponta Gervais (*ad loc.*), certa semelhança com a descrição desse mesmo ambiente em Sêneca (*Her. F.* 699-705): *non prata uiridi laeta facie germinant / nec adulta leni fluctuat Zephyro seges; / non ulla ramos silua pomiferos habet: / sterilis profundus uastitas squalet soli / et foeda tellus torpet aeterno situ. / [rerumque maestus finis et mundi ultima] / immotus aer haeret et pigro sedet / nox atra mundo: cuncta maerore horrida / ipsaque morte peior est mortis locus* (“em verde face os prados não germinam, / nem, crescida, com o mole Zéfiro ondeia a messe; / nenhuma selva os galhos tem pomíferos: / a estéril vastidão do solo profundo o recobre / e a desfigurada terra o entorpece com eterna estagnação. / [das coisas o mesto fim e do mundo os extremos] / o ar imóvel prende, e se assenta em inerte / mundo atra noite: tudo de uma horrível tristeza, / e pior do que a própria morte é a morada da morte”).

4. ZÉFIROS: Zéfiro é o vento que sopra do oeste, de onde Lactâncio (*ad loc.*) dizê-lo “a favor dos Gregos”; é filho de Astreu, um dos Titãs, e Aurora. Foi rival de Apolo no amor por Jacinto e é conhecido como um vento agradável – pelos romanos, é chamado de Favônio (o Fecundante), por soprar durante a primavera. Não é este vento fecundante e primaveril, porém, que sopra Mercúrio em sua viagem junto à sombra de Laio, mas sim **brisas fétidas**.

5. DO POLO QUIETO: do Hades.

5-6. O ESTIGE A NOVE CAMPOS CERCA, / E TORRENTES DE CHAMA BLOQUEIAM-LHE AS TRILHAS: sobre o Estige, cf. 1.57n. O passo parece reescrever Virgílio (*G.* 4.480; *A.* 6.439): *et nouiens Styx interfusa coerces* (“e nove vezes a Estige circunfusa confina”).

6. TORRENTES DE CHAMA: as **torrentes de chama** não são do Estige, mas do Flégeton (ou Piriflégeton), o rio de fogo dos Infernos. Unindo-se ao Cocito (cf. 1.90n), forma o Aqueronte (cf. 1.597n). Como em Virgílio (*A.* 6.548-51): *respicit Aeneas subito et sub rupe sinistra / moenia lata uidet triplici circumdata muro, / quae rapidus flammis ambit torrentibus amnis, / Tartareus Phlegethon, torquetque sonantia saxa* (“repara, e em sestra penha o herói descobre / Tartárea trimurada fortaleza, / que rápido, a rolar sonantes pedras, / cingem do Flégetonte ígneas torrentes” – trad. Odorico Mendes). **BLOQUEIAM-LHE AS TRILHAS:** ou seja, bloqueiam os caminhos de Mercúrio.

7. POR TRÁS: *pone*, no original, como em Virgílio (A. 1.275): *pone subit coniunx* (“por trás surge a esposa”). **LAIO:** sobre Laio, cf. 1.17n.

8. QUE A FERIDA INDA TARDA: a ferida causada por Édipo e que levou Laio à morte (cf. 1.62-3n). Assim como a sombra de Laio ainda carrega consigo seu ferimento mortal, também Heitor, quando surge em sonho para Eneias em Virgílio, traz as marcas de sua morte pelas mãos de Aquiles (A. 2.270-73): *in somnis, ecce, ante oculos maestissimus Hector / uisus adesse mihi largos-que effundere fletus, / raptatus bigis ut quondam, aterque cruento / puluere perque pedes traiectus lora tumentis* (“Eis, em sonho, ante os olhos, tristíssimo Heitor / visto de mim se acerca e um longo pranto verte, / qual arrastado pela biga: atro do cruento / pó, pelos pés transfixo, do látego inchado”). **COPOS:** parte da espada que protege a mão, entre o punho e a folha.

8-9. MUITO ALÉM DOS COPOS, / VAROU-LHE NA ALMA ... O GLÁDIO: em latim, *capulo largius [...]* / *transabiit animam [...]* *ensis*. Como em Virgílio (A. 2.553), quando Pirro – Neoptólemo, filho de Aquiles – mata Príamo, o rei de Troia, que fora anteriormente poupado pelo próprio Aquiles: *ac lateri capulo tenus abdidit ense* (“enterrou-a [a espada] até os copos no peito” – trad. Carlos Alberto Nunes). Relembra também A. 9.431-2, quando Volscente mata Euríalo: *ensis [...]* / *transabiit costas* (“com a espada / traspassa as costas”).

9. GOLPES COGNATOS: golpes parentes – porque desferidos por seu filho Édipo.

10. E AS PRIMEIRAS FÚRIAS DAS ERÍNIAS TROUXE: (GERVAIS) “As Fúrias visitaram Tebas muitas vezes, e provavelmente antes do assassinato de Laio (cf. 1.100ss, 1.227ss), mas **primeiras** é apropriado, tendo-se em conta o *limes carminis* da *Tebaida*, a **casa obscura de Édipo** (1.17).” **ERÍNIAS:** cf. 1.52n.

12-3. ENTÃO, BOSQUES ESTÉREIS, CAMPOS ASSOMBRADOS / E MATAS FERRUGÍNEAS PASMAM: continua o poeta a descrever as paisagens do submundo, dizendo que ficaram atônitas (**pasmam**) com a passagem de Mercúrio acompanhado pela sombra do velho Laio – cf. 2.2-5n.

14-25. O VURMO LÍVIDO / DA INVEJA ... ENTRARÁS NESTAS TREVAS: manifesta-se, à passagem de Mercúrio e Laio, uma sombra anônima, questionando os motivos pelos quais era novamente conduzido à terra o rei, e predizendo um infortúnio ainda maior ao retornar para o Hades. Esta é a segunda manifestação de um personagem anônimo durante a narrativa – sobre a primeira, em que um dos tebanos se pronuncia sobre a alternância do cetro imposta pelos edipônidas a Tebas, cf. 1.168-96 e comentários *ad loc*.

14-5. O VURMO LÍVIDO / DA INVEJA AOS QUE FINDARAM E AOS VAZIO DE LUZ: em latim, *nec liuida tabes /*

inuidiae functis quamquam et iam lumine cassis. (GERVAIS) “Uma espécie de alusão complexa de Estácio [...]: primeiro, o modelo estruturas para o trecho é A. 11.104: *nullum cum uictis certamen et aethere cassis* [nenhum certame com os vencidos e os vazios de céu”]; segundo, a situação geral é adaptada de A. 6.442-4: *hic quos durus amor crudeli tabe peredit / secreti celant calles et myrtea circum / silua tegit; curae non ipsa in morte relinquunt* [“os que o duro amor com vurmo cruel consumiu, / secretos caminhos escondem e, em torno, as mírtea / selva cobre; cuidados não abandonados nem na própria morte”]; terceiro, o pensamento específico está relacionado ao lugar comum poético de que os mortos não são invejados (e.g. Ov. Am. 1.15.39 [...]: *pascitur in uiuis Livor; post fata quiescit* [“nos vivos se alimenta a Inveja; depois da morte, se cala”). Há algumas complexidades: 1. a aproximação de Estácio entre *functis* [os que **findaram**] e *lumine cassis* [os **vazios de luz**] é pleonástica, diferente do *uictis* [“vencidos”] e *aethere cassis* [“vazios de céu”] de Virgílio (Sérvio *ad loc.* observa que “os vencidos podem restaurar o certame”). Combinado com a substituição de *lumen* [luz] para *aether* [“céu”] (cf. Lucr. 4.368: *lumine cassus; cassum lumine* em Lucr. 5.719; 5.757; e A. 2.85; *cassum luminis* em Cic. Arat. 369), eles enfatizam o reinado da escuridão na abertura do Canto Segundo. 2. A adaptação de A. 6.442-3 concede à **inveja** o poder de penetrar e a natureza sedutora usualmente reservados para o amor; um exemplo semelhante e impressionante pode ser visto em Theb. 5.148: *furor omnibus idem* [um mesmo ardor em todas] (cf. Verg. G. 3.244: *amor omnibus idem* [“um mesmo amor em todos”]). 3. Finalmente, o tratamento dispensado por Estácio ao *topos* da inveja efêmera torna o afeto ainda mais detestável [...] do que aquele ele corrói o invejoso durante sua vida e morre com ele, pois que a *liuida tabes / inuidiae* [o **vurmo lívido / da inveja**] de que sofre o invejoso continua a apodrecê-lo no submundo.”

15. AOS QUE FINDARAM E AOS VAZIO DE LUZ: como defende Gervais (cf. 2.14-5n), a construção é pleonástica, referindo-se, em ambos os núcleos, aos que já morreram. Para **os que findaram** diz, em latim, *functis*: i.e., “aos que cumpriram”, “aos que desempenharam (um cargo)”: aos que já foram dispensados de suas funções na vida, portanto.

16. DENTRE TODOS UM: uma das sombras, anônima como é anônimo o tebano que fala em 1.171-196 (cf. comentários *ad loc.*).

16-8. DE MENTE SEMPRE SESTRA PARA OS CELESTES – POR GRAVE O SEU FIM – / INSULTAR COM MALDADES E ADOECER COM O GOZO: glosa: “alguém, por ter-lhe sido grave o fim da vida, de mente sempre sestra para enfermar-se com a alegria dos outros e para insultar os deuses com maldades.”

19. “IDE,” DIZ, “Ó FELIZ, QUE QUALQUER UM CONVOCA: em latim, ‘*uade,*’ ait, ‘o *felix, quoscumque uoca-*

ris in usus'. (GERVAIS) "Cf. A. 3.480 (para Anquises): '*uade*', *ait*, '*o felix nati pietate*' ["Ide", diz, "ó feliz [pai] de um nascido para a piedade"]. A ironia cruel da fala da sombra se torna aparente, e novamente a *piedade* familiar Virgiliana [...] é pervertida."

20. ERÍNIA MAIS GRAVE: a leitura corrente e mais acertada é "mais grave do que Jove ou do que a ordem de Jove." Para explicar essa interpretação, Gervais (*ad loc.*) diz: "na verdade, a experiência da sombra é limitada: no reino **do atro Jove** (2.49 – *nigrique Iouis*), geralmente livre da influência do Olimpo, o poder de uma Fúria pode de fato ser maior do que o do celestial Júpiter."

21-2. EM FÚRIA, A MINISTRA / DA TESSÁLIA: em latim, *furiata sacerdos / Thessalis*. A **Tessália** é uma região central da Grécia, famosa pela prática da magia. Para a sombra, uma de suas ministras (*i.e.*, sacerdotisas) poderia ser responsável pela ascensão da sombra de Laio. (GERVAIS) "*furiata sacerdos* pode bem descrever a Sibila de Cumas de Virgílio que escoltou Eneias ao submundo [...], mas com a adição do prolongamento, o sibilante **Tessália**, a Sibila se transforma na *Thessala uates* [a vate Téssala] de Lucano (6.651), Ericto, a mais horripilante e bem desenvolvida bruxa da literatura antiga, ela própria uma perversão da Sibila [...] A sombra, então, assinala a jornada de Laio como uma *katabasis* virgiliana pervertida, não de um filho vivo descendo ao submundo para visitar o seu pai falecido e descobrir o glorioso futuro de sua descendência, mas de um avô falecido subindo para perseguir seu neto vivo e plantar as sementes da guerra que destruirá seus descendentes."

22. QUE ARCANA TUMBA DEIXES: o trecho (*arcano [...] emigrare sepulcro*, em latim) parece ecoar o momento em que Argia e Deípila deixam seu quarto para encontrarem Polinices e Tideu (*Theb.* 1.534): *arcano egressae thalamo* ("deixam o leito arcano").

23-5. AH!, LOGO OS DOCES CÉUS VERÁS ... OUTRA VEZ ENTRARÁS NESTAS TREVAS: aqui, manifesta-se claramente a inveja que dirige as palavras da sombra anônima do Hades (**o vurmo lívido / da inveja** – cf. 2.14-5n): "porque logo verás as belezas da terra, mais triste ainda entrarás novamente no mundo das sombras".

26-31. NO ESCURO UMBRAL DEITADO ... LEVASSE A UM SONO TRIPLO: como Eneias e a Sibila encontram Cérbero à porta do Hades, em Virgílio, tendo que causar-lhe sono para que pudessem passar, Mercúrio e Laio, no sentido contrário e com ambições opostas (cf. 2.21-22n), também têm que passar pelo monstruoso cachorro (A. 6.417-25): *Cerberus haec ingens latratu regna tri-fauci / personat adverso recubans immanis in antro. / cui vates horrere videns iam colla colubris / melle soporatam et medicatis frugibus offam / obicit. ille fame rabida tria guttura pandens / corripit*

obiectam, atque immania terga resolvit / fusus humi totoque ingens extenditur antro. / occupat Aeneas aditum custode sepulto / evaditque celer ripam inremeabilis undae (“Com trífauce latir Cérbero ingente, / deitado em cova oposta, o reino atroa. / Seus serpentinos colos já se eriçam; / lança-lhe a vate um sonorento bolo / de mel e confeitões, que, as três gargantas / escachando glutão, raivoso engole; / e, os costados em terra, entorpecido, / por toda a gruta o corpo enorme estira. / Sopito o monstro, a entrada ocupa Eneias, / e lesto evade a irremeável onda” – trad. Odorico Mendes).

26. NO ESCURO UMBRAL DEITADO: às portas do Hades, onde foi colocado para que ninguém entrasse nos Infernos, ou deles saísse.

27. DAS CABEÇAS ABRINDO AS BOCAS TODAS, CÉRBERO: o cão do Hades. Ficava acorrentado à porta dos Infernos impedindo que os vivos lá entrassem e que alguém de lá saísse. É geralmente descrito (Grimal, *ad loc.*) como possuindo três cabeças de cachorro, uma cauda formada por uma serpente e milhares de cabeças de serpentes eriçadas por sobre o seu dorso.

29. NO CHÃO TURBANDO OS OSSOS ESPALHADOS: (LACTÂNCIO) “Turbara e, assim, os deixara espalhados – hipálage. Porque se enraivecia, como em Virgílio (A. 8.297): *ossa super recubans* [“sobre os ossos se deitando”], certamente os ossos de gigantes insepultos. Imagina, pois, que Cérbero se alimenta de cadáveres. Como Lucano (6.702-3): *qui uiscera saeво spargis nostra cani* [“nossas vísceras, que pelo sevo cão são espargidas”].”

30. COM VIME LETEU: o Caduceu, ora dito do Letes (**Leteu**) por causar efeitos (o sono, por exemplo) semelhantes àqueles provocados pela fonte do esquecimento – cf. 1.296-8n. **TOCANDO O HIRSUTO:** o próprio Cérbero, que eriçara as serpes que cobrem-lhe o dorso com a chegada de Mercúrio e Laio (cf. 2.26-7).

31. SONO TRIPLO: por serem três as cabeças, diz serem três os sonos induzidos por Mercúrio.

32-54. HÁ UM LUGAR – O CHAMAM ... CAMPO AFUGENTA OS CULTORES: o fluxo da narrativa é interrompido por uma descrição de Tênaros, um promontório no sul do Peloponeso – cf. 1.96n –, o mesmo lugar por onde Tisífone, invocada por Édipo, deixou o Tártaro para também se lançar sobre Tebas – cf. 1.95-6. O início do passo (**Há um lugar – o chamam Tênaros os Inácios – est locus** (*Inachiae dixerunt Taenara gentes*)), uma fórmula comum de introdução de *ekphraseis*, segundo Gervais (*ad loc.*), faz ressoar a descrição de Virgílio para a terra prometida a Eneias, onde o herói fundaria a nova Troia – Roma, portanto (A. 1.530): *est locus, Hesperiam Grai cognomine dicunt* (“há um lugar, Hespérida os Gregos o chamam”). Para Gervais, porém, perver-

tendo Virgílio, Estácio indica, com fórmula igual, o sítio por onde as desgraças se lançam para recaírem sobre Tebas, e não o local destinado ao surgimento de uma gloriosa nação.

32. TÊNARO: cf. 1.96n; 1.355-6n. **INÁCIOS:** cf. 1.619n; 1.356n.

34. MÁLEA: cf. 1.100n. **OLHAR ALGUM NO TOPO ADMITE:** isto é, não é possível ver-lhe o topo seja por conta da altura, seja por estar sempre envolto em névoa.

36. ONDE REPOUSAM SÓ ASTROS CANSADOS: nem pássaros e aves, portanto, repousam em seu cume, mas somente os astros celestes, dada a altura com que se lança aos céus.

37-40. [ALI, EXAUSTOS VENTOS ... NEM PULSAM TROVÕES]: por não constarem em diversos manuscritos, aparecendo à margem somente em um deles (Pψ), estes versos são tidos como espúrios por muitos dos editores, que os apresentam entre colchetes.

41-2. MAS, PRONO O DIA, LONGAS LINHAS SOBRE AS ÁGUAS / A INGENTE SOMBRA LANÇA: ou seja, com o dia se inclinando ao poente – por isso diz **prono o dia** –, a ingente sombra do promontório traça longas linhas na superfície do mar.

42. NADANDO NO ABISMO: diz **abismo** por “oceano”.

43. PRAIAS FRAGENTES: em latim, *frangentia litora*. Refere-se à orla em que se arrebentam as ondas.

45-7. P’RA LÁ, O EGEU NETUNO, EXAUSTOS ... DISSOLVEM-SE NA ÁGUA: refere-se ao santuário de Netuno construído em uma das baías de Málea, o **porto** para onde o deus conduziria seus cavalos para que repousassem (cf. comentários *ad loc.*).

45. EGEU NETUNO: (AMAR-LEMAIRE) “Diz isso porque, naquele lugar, havia um templo de Netuno ἄσφαλειος [*asfáleios*], ou seja, “tutelar”, o qual fora erguido para que sua tutela protegesse os nautas que navegassem pela Málea.”

46-7. OS CORCÉIS: À FRENTE, CAVA A AREIA / O CASCO; ATRÁS, OS PEIXES DISSOLVEM-SE NA ÁGUA: os cavalos que puxavam o carro de Netuno, geralmente designados como hipocampos – ou ainda “cavalos-marinhos” –, cuja parte anterior era de cavalo, e a posterior, de peixe.

48-9. POR LÁ, SE DIZ, REMOTA VIA AS SOMBRAS PÁLIDAS / CONDUZ, ENRIQUECENDO DO ATRO JOVE OS ÁTRIOS: caminho por onde se acessa, vindo do submundo, a superfície da terra, seria por lá também (**se diz**) que as almas adentrariam nos **átrios** do **atro Jove** (cf. 2.49n). Conforme aponta Gervais (*ad loc.*), a expressão **se diz** (*ut fama*) marca uma mudança no estilo narrativo, pela qual o narrador passa dos detalhes “facilmente verificáveis” da topografia da região (cf.

2.32-44), para a mitologia infernal relacionada com o promontório.

49. DO ATRO JOVE OS ÁTRIOS: isto é, “os salões do negro Jove” – os infernos de Plutão.

50-4. SE A VERDADE PERTENCE AOS COLONOS ... CAMPO AFUGENTA OS CULTORES: a descrição se assemelha àquela feita pelo mensageiro, em Sêneca, sobre o lugar em que Atreu matou seus sobrinhos, os filhos de Tiestes (*Thy.* 668-79): *hinc nocte caeca gemere feralis deos / fama est, catenis lucus excussis sonat / ululantque manes. quidquid audire est metus / illic uidetur: errat antiquis uetus / emissa bustis turba et insultant loco / maiora notis monstra; quin tota solet / micare silua flamma, et excelsae trabes / ardent sine igne. saepe latratu nemus / trino remugit, saepe simulacris domus / attonita magnis. nec dies sedat metum; / nox propria luco est, et superstitio inferum / in luce media regnat* (“Ali, que em cega noite gemem os funestos deuses / se diz, que soa o bosque com as correntes arrastadas / e ululam os manes. Qualquer coisa ouvida que provoque o medo / ali se vê: de velhos, erra, de antigas / tumbas enviadas, uma turba, e saltam sobre o lugar / monstros maiores do que o conhecido; ademais, sói por toda / a selva brilhar a chama, e os excelsos troncos / queimam sem fogo. Às vezes, o bosque com um latido / trino ressoa, às vezes a casa, com imagens / enormes, se assusta. Nem o dia acalma o medo; / a noite é própria ao luco, e a infernal superstição reina em plena luz”).

50. SE A VERDADE PERTENCE AOS COLONOS DA ARCÁDIA: isto é, “se dizem a verdade os colonos da Arcádia”. **ARCÁDIA:** embora designe uma região específica do Peloponeso (cf. 1.355-6n), aqui se refere aos habitantes da península como um todo.

53. O GUARDA TRIFURCADO DO HADES: Cérbero – cf. 2.27n.

55-70. DE LÁ, O DEUS ALADO EM FOSCA ... GIROS DO BASTÃO DA ARCÁDIA: por fim, irrompem pelo promontório Mercúrio e a sombra de Laio e rumam diretamente para o palácio de Édipo em Tebas. Após breve descrição do voo conduzido pelo deus (2.55-64), detém-se o narrador na reação da sombra de Laio diante de seu antigo paço (cf. 2.65-70n).

55. O DEUS ALADO: Mercúrio.

58. ARTURO: sobre Arturo, a mais brilhante estrela da constelação do Boieiro, cf. 1.18n. **NA CALMA DA LUA EM SEU CLÍMAX:** isto é, no meio da noite.

59-60. ENCONTRA-O SONO, / GUIANDO CORCÉIS DA NOITE: é o Sono, tido como o condutor do carro da Noite, que, enquanto guiava os corcéis, encontra Mercúrio.

60-1. E SE LEVANTA TRÉPIDO/ EM HONRA AO NUME, E DEIXA OS LIMITES DO CÉU: (AMAR-LEMAIRE) “Cor-

responde a um costume entre os cidadãos romanos, de acordo com o qual os magistrados mais novos levantavam-se na presença dos mais velhos e retiravam-se do caminho.”

62-3. OS RAPTOS / ASTROS E O SEU PRINCÍPIO: de acordo com Amar-Lemaire (*ad loc.*), a construção descende de uma crença de alguns estoicos para os quais a origem da alma humana estava no céu e no brilho dos astros, que era então tirado para que o corpo dos homens fosse animado. Já seu **princípio** diz mais respeito ao local do nascimento do que ao nascimento em si.

63. DE CIRRA, AS ESCARPAS: sobre Cirra, cf. 1.62-3n.

64. COM SEU TÚMULO POLUTA A FÓCIDA: porque foi este o lugar em que Édipo encontrou a comitiva de Laio, sem saber que se tratava de seu próprio pai – cf. 1.62-6 e comentários *ad loc.*

65-70. CHEGOU EM TEBAS; GEME ANTE ... GIROS DO BASTÃO DA ARCÁDIA: ao chegar em Tebas, diante das portas da cidade (cf. 2.65n) e de seu paço (**ante aos notos Lares**), a sombra de Laio hesita em continuar seu caminho, tornando-se insensível mesmo às ordens de Jove (o **Tonante**) e aos estímulos do caduceu de Mercúrio (cf. 2.70n). Paralisado antes as relíquias de sua própria morte (**seus arreios** e seu **carro inda sujo de sangue**), a sombra se nega a cumprir sua missão por causa do horror das lembranças suscitadas, e não porque, como a sombra de Tântalo em Sêneca, questione seu papel no plano divino no qual foi incluída – sobre a sombra de Tântalo, cf. 2.1-133n. Mais semelhante ao seu assombro é a postura da sombra de Tiestes, também em Sêneca, diante do paço que disputou com Atreu, seu irmão (Ag. 5-11): *en! horret animus et pauor membra excutit: / uideo paternos, immo fraternos lares. / hoc est uetustum Pelopiae limen domus; / hinc auspicari regium capiti decus / mos est Pelasgis, hoc sedent alti toro / quibus superba sceptrata gestantur manu, / locus hic habendae curiae – hic epulis locus* (“Vê! Aterra-se o ânimo e o pavor agita os membros: / vejo os paternos, ou melhor, os fraternos lares. / Este é o vetusto umbral da casa de Pélope; / aqui, auspicar o decoro da cabeça dos reis / é costume dos Pelasgos; neste trono sentam-se, nobres, / aqueles pelos quais os soberbos centros são geridos; / este lugar é para que considerem suas preocupações – este, o lugar dos banquetes”).

65. ANTE ÀS PORTAS DO FILHO: é dizer “diante das portas do palácio do filho”. Refere-se ao paço tebano, agora sob o nome de seus netos.

66. LARES: cf. 1.124n.

67-8. QUANDO ÀS CELSAS COLUNAS SEUS ARREIOS PRESOS / VIU, OS PRÓPRIOS, E O CARRO INDA SUJO DE SANGUE: Barthius (*ad loc.*) levanta a questão sobre a impiedade, ou a inércia de Etéocles e Poli-

nices, uma vez que, mesmo já conhecido o parricídio cometido por Édipo, mantiveram o carro do avô manchado de seu sangue. Gervais (*ad loc.*) aponta, ainda, outras questões levantadas por diferentes comentadores sobre o trecho: como a carruagem foi trazida da Fócida para Tebas? Como, ainda suja de sangue, não revelou imediatamente o parricídio a Édipo?

70. NÃO O DETÊM: é dizer “não o demovem da fuga ante os símbolos de sua própria morte”. **BASTÃO DA ARCÁDIA:** o Caduceu, que é dito **da Arcádia** porque Mercúrio é natural da região – cf. 1.293n.

71-88. ERA A DATA EM QUE O JÓVEO RAIOS ... O DIA E ENCHER AS FESTAS MESAS: nova interrupção da narrativa (cf. 2.32-54 e comentários *ad loc.*), em que o narrador se detém sobre a origem do rito que estava sendo celebrado em Tebas antes da chegada de Mercúrio e Laio. A etiologia, mais do que mera informação, parece esclarecer o motivo pelo qual o deus e a sombra não foram vistos pelos outros tebanos, bem como o porquê de Etéocles estar repousando **em Assírias colchas sobre nobre / leito** (2.91-2). Perceba-se que, como quando chegaram Tideu e Polinices diante do paço de Adrasto em Argos, aqui também chegam Mercúrio e Laio ao paço de Etéocles durante um ritual: aquele, envolvendo a morte de inocentes, buscava aplacar a ira divina (cf. 1.557-668 e comentários *ad loc.*); este, por sua vez, celebra o nascimento de um deus (cf. 2.71-80n).

71-80. ERA A DATA EM QUE O JÓVEO RAIOS ... MÃES SOB MAIS TRATÁVEL BACO: Mercúrio e a sombra de Laio chegam a Tebas no dia em que se celebra o primeiro nascimento de Baco, ou seja, o dia em que Júpiter o resgatou do ventre de Sêmele, que morrera fulminada por um raio do deus, e terminou de gerá-lo em sua coxa – sobre isso, cf. 1.12n. No passo, portanto, refere-se o narrador ao *τριετηρίς* (*trietērís*), o festival realizado a cada três anos para a celebração do parto prematuro de Baco.

71. O JÓVEO RAIOS EGRÉGIO DEU-SE: o raio com que Júpiter fulminara Sêmele, enganada por uma trama de Juno – cf. 1.12n.

72. ÉVIO TENRO: Baco, que é **tenro** porque era jovem quando da cena descrita no passo. (AMAR-LEMAIRE) “Baco é chamado de Évio e de Euã porque, em seus rituais, a palavra “evoé” é frequentemente clamada pelas bacantes.” **ROUBADO DO PARTO:** como foi retirado do ventre materno antes da data prevista para o parto, diz então **roubado do parto**.

73. AOS COLONOS DA TÍRIA: ou seja, “aos colonos de Tebas” – sobre o uso de **Tíria** para referir-se a Tebas, cf. 1.9-10n.

74. A GASTAREM, PORFIANDO EM JOGOS, NOITE INSONE: em latim, *insomnem ludo certatim educere noctem*. Gervais (*ad loc.*) discute o sentido do passo, especialmente da construção **porfiando em jogos** (*ludo certatim*). Para o autor, Estácio parece sempre utilizar *certatim* (“disputando, porfiando, rivalizando”) para descrever mais o espírito entusiástico de um grupo do que, necessariamente, a competitividade – além do que, competições atléticas não eram nunca disputadas durante a noite. Assim, cogita Gervais que Estácio possa referir-se aqui a jogos mais licenciosos celebrados durante os Bacanais, justapondo, para isso, palavras que criam um contraste entre a devassidão dos festivais do deus (*insonem ... certatim educere noctem*) e os mais saudáveis jogos disputados em honra às outras divindades – seus *ludi*.

76. JARROS VAZIOS: jarros de vinho, a bebida de Baco. **GUIRLANDAS:** enfeite utilizado durante as celebrações em honra a Baco.

77. O DEUS ARFANTE: Baco, cujo comportamento “arfante” remonta ao hálito alcoólico dos que bebem vinho. **BUXOS:** tipo de arbusto cuja madeira era utilizada para a construção da tibia, um instrumento de sopro tocado durante os Bacanais.

78. E O BRONZE GOLPES DE TOURO VENCENDO: com **bronze** refere-se ao címbalo, instrumento composto por dois pratos ociosos feitos de bronze que soavam ao baterem um contra o outro. Os **golpes de touro**, por sua vez, referem-se ao som dos tímpanos, tambores feitos com pele de touro. Diz, ao fim, que som dos címbalos vencia o dos tímpanos. (LACTÂNCIO) “Porque mais do que os tímpanos, que são feitos com pele de touro, soam os címbalos, os quais ecoam pelo ar com um toque mais agudo.”

79-80. POR SI, FAUSTO O CITÉRON POR SUAS ÍNVIAS SELVAS / SÃS CONDUZIA AS MÃES SOB MAIS TRATÁVEL BACO: ou seja, o próprio Citéron, o monte próximo a Tebas onde eram celebrados os Bacanais, conduzia as mães **sãs** sob os efeitos de um Baco **mais tratável** – ou seja, as conduzia sob um transe báquico mais tranquilo do que aquele que atingiu Agave, melhor exemplo de uma mãe insana tomada por um Baco irado (cf. 1.11n). Perceba-se como, aqui, Estácio desenha uma influência de Baco sobre os tebanos nem um pouco danosa, de pura felicidade e alegria. Suas **selvas** são **ínvias** seja porque são densas, seja porque proibidas às mulheres que não participassem das celebrações do deus.

81-8. QUAL FESTEJO, REUNIÃO INSANA ... ENCHER AS FESTAS MESAS: o passo se encerra com um símile em que as celebrações conduzidas por Baco em Tebas são comparadas aos festejos celebrados pelos **Bístones**, um povo trácio famoso por sua violência (cf. 2.82n), sob os efeitos do **Iaco da Ogígia** (cf. 2.85n). A questão principal é, mais do que estabelecer as semelhanças entre as

duas festividades, marcar suas diferenças, especialmente no que diz respeito ao tratamento que Baco dispensa a seus conterrâneos. Por isso, cria aqui um quadro em que a sanidade das mães tebanas, mesmo sob a ação do deus (cf. 2.79-80n), é contraposta à insanidade dos bístones, cuja violência e selvageria são potencializadas pelos efeitos do vinho tebano. O apreço de Baco por Tebas fica ainda mais evidente durante o Canto Quarto, quando o deus detém as tropas argivas em Nêmea para que os tebanos possam preparar-se para a guerra vindoura – cf. 4.652-722 e comentários *ad loc*.

81. RÓDOPE: montanha localizada na Trácia.

82. OSSA: monte entre a Trácia e a Tessália. **BÍSTONES:** um povo da Trácia. Entre seus reis, o mais famoso foi um Diomedes, filho de Ares e Pirene, cujas éguas estavam acostumadas a devorar os estrangeiros que se acercassem de seu reino (cf. 1.275-6n). A captura dessas éguas foi um dos doze trabalhos de Hércules.

84-5. E CRUOR DILUÍDO EM LEITE FRESCO, / LUXO: refere-se ao costume de lavar, com leite, o sangue das carnes sacrificiais. Dizê-lo um **luxo** para os bístones é dizê-los acostumados com a ingestão do sangue puro, ou das carnes do sacrifício ainda sujas.

85. IACO DA OGÍGIA: a **Ogígia** é a região da Beócia onde, mais tarde, Cadmo fundou Tebas. **Iaco**, por sua vez, é um dos cognomes de Baco – do grego ἰακχος (*iakkhos*), termo utilizado para referir-se às canções entoadas em honra ao deus. O sintagma refere-se, então, ao vinho tebano, que levava os bístones à insanidade.

86-8. É NOBRE, ENTÃO, PEDRAS E COPOS ... ENCHER AS FESTAS MESAS: inspirados pelo vinho, os bístones tornavam-se ainda mais violentos, e atiravam copos e pedras contra seus próprios companheiros (**sócios**) cujo sangue inocente (**insonte**) espirrava.

89-133. NESTA NOITE, COM CALMO SOPRO ... IRMÃO AUSENTE LANÇA A GUERRA: na parte final do episódio, o ancião finalmente se encontra com seu neto no paço tebano. Levado por Mercúrio, Laio assume, antes de surgir para Etéocles, a aparência do vate Tirésias **p'ra não lembrar falsa / visão noturna** (2.94-101). Na sequência, fala com Etéocles, dando-lhe o aviso de Júpiter: que não descanse enquanto o irmão pretende tomar o paço tebano para, depois, negá-lo a Etéocles (2.102-19). Por fim, a sombra se despe dos aparatos proféticos e, revelando sua identidade, verte por sobre Etéocles o sangue que escorre de seu ferimento de morte, causado por Édipo (2.120-4), fazendo que com o neto desperte tomado pela ânsia do embate com o irmão (2.125-33). O passo é carregado de simbologia e possui semelhança com diferentes tre-

chos de Virgílio anteriormente mencionados (cf. 2.1-133n). Para a análise detalhada de suas especificidades, cf. comentários *ad loc.*

89-92. NESTA NOITE, COM CALMO ... LEITO, O CORPO: o narrador retoma a chegada de Mercúrio e Laio em Tebas contrastando, com a movimentada celebração do nascimento prematuro de Baco (cf. 2.71-88 e comentários *ad loc.*), tanto a própria chegada de ambos sobre o palácio de Tebas (2.89 – **com calmo sopro**) como a situação em que se encontra Etéocles, cujo **corpo** (2.92) ele **estendera, em Assírias colchas sobre nobre / leito** (2.91-2).

89. O ÁLEO CILÊNIO: refere-se a Mercúrio, por causa do monte Cilene, onde nasceu – cf. 1.293n.

90. AO LEITO VOOU DO REI EQUÍON: o **leito do rei Equíon** (em latim, *regis Echionii stratis*) é, agora, o leito de Etéocles. A referência ao leito de um dos Espartos (cf. 1.7-8n), **Equíon**, parece ser, na verdade, uma referência a Penteu, filho de Equíon e Agave, uma vez que o Esparto não reinou em Argos – Cadmo teria abdicado do trono e o transferido a Penteu, seu neto. Se assim for, logo após ter sugerido a complacência de Baco em relação a seus contrterrâneos (cf. 2.71-88 e comentários *ad loc.*), Estácio evoca uma figura destruída pelo deus, a qual proibira seu culto em Tebas (cf. 1.11n). Porém, pode querer dizer, com **do rei Equíon**, como defende Gervais (*ad loc.*), simplesmente “do rei tebano”, referindo-se diretamente a Etéocles.

90-2. ONDE O INGENTE / ESTENDERA, EM ASSÍRIAS COLCHAS SOBRE NOBRE / LEITO, O CORPO: com **ingente**, refere-se a Etéocles. Para Gervais (*ad loc.*), caracterizando o filho de Édipo dessa forma, Estácio “[...] sugere a monstruosa decadência de Etéocles, estendido como uma cobra gigante em um leito de luxúria literal.” De acordo com o autor, Estácio parece ter desdobrado a descrição de Ramnes, o áugure do exército rútilo morto por Niso enquanto dormia, em Virgílio (A. 9.324-6): *simul ense superbum / Rhamnetem adgreditur, qui forte tapetibus altis / extructus toto proflabat pectore somnum* (“ao mesmo tempo, com a espada ao soberbo / Ramnes avança, que, por acaso, em nobres tapetes / colocado, por todo o peito exalava sono”).

93. COME A CEIA E AGORA DORME O SONO: percebe-se o contraste entre Etéocles, que dorme facilmente logo após o banquete em honra a Barco (cf. 2.71-88n), e Adrasto, que vagava insone por seu palácio após o banquete em honra a Apolo (cf. 1.433-4). A escolha por **ceia** (em latim, *dapes*) para referir-se à refeição de Etéocles acaba por vincular o rei tebano aos selvagens bístones, pra quem **rês moribunda à boca de um leão / tirada é ceia** (2.83-4). Somada a isso, a comparação de Etéocles com um monstro esticado por sobre o leito (cf. 2.90-2n) intensifica uma compreensão desfavorável não só da situação em que se encontra Tebas quando da chegada de Laio, como também de seu próprio rei.

94. ENTÃO, ATUA O VELHO: Laio, que deve cumprir as ordens de Júpiter repassadas por Mercúrio (cf. 1.292-302 e comentários *ad loc.*).

94-100: P'RA NÃO LEMBRAR FALSA ... DAS FITAS SURGE A GRAÇA: o trecho apresenta semelhanças com uma passagem de Virgílio, em que Alecto (cf. 1.52n), evocada por Juno contra Turno, assume a aparência de Cálibe, uma velha sacerdotisa do templo de Juno, para instar o rútilo contra Eneias (A. 7.415-20): *Allecto toruam faciem et furialia membra / exuit, in uultus sese transformat anilis / et frontem obscenam rugis arat, induit albos / cum uitta crinis, tum ramum innectit oliuae; / fit Calybe Iunonis anus templique sacerdos, / et iuueni ante oculos his se cum uocibus offert* (“Prestes despoja-se Alecto do seu exterior repulsivo, / o feio corpo de Fúria, assumindo aparência de velha. / Fronte horrorosa sulcada de rugas, na grenha assanhada / um pano branco seguro por um ramozinho de oliva. / Muda-se em Cálibe, velha mui fraca, do templo de Juno / sacerdotisa. Ante o jovem surgindo, lhe fala destarte” – trad. de Carlos Alberto Nunes).

94-5. P'RA NÃO LEMBRAR FALSA / VISÃO NOTURNA, AS BAÇAS FEIÇÕES DE TIRÉSIAS: ou seja, para que não parecesse um falso fantasma surgindo em sonho para Etéocles, o que poderia atrapalhar sua empresa, Laio assume a feição de **Tirésias**. Filho de Éveres, um descendente dos Espartos (cf. 1.7-8n), e da ninfa Cariclo, é um célebre adivinho que desempenha papéis importantíssimos nos mitos vinculados ao ciclo tebano. Sobre sua juventude e como teria conseguido o poder da divinação, diz Grimal: “[...] contava-se, por um lado, que fora Palas que o cegara, porque, acidentalmente, a vira nua. Mas, a pedido de Cariclo, para o compensar, a deusa concedera-lhe o dom da profecia. A versão mais célebre é bastante diferente. Um dia, quando passeava no monte Cilene (ou então no Citéron), o jovem Tirésias viu duas serpentes a copularem. Neste ponto, os autores não estão de acordo: ou Tirésias separou as serpentes, ou feriu-as ou, finalmente, matou a serpente fêmea. Seja como for, o resultado foi que ele próprio se tornou numa mulher. Sete anos depois, passeando pelo mesmo local, reviu duas serpentes copuladas. Interveio do mesmo modo e retomou o primitivo sexo. A sua desventura tornara-o célebre e, um dia, quando Zeus e Hera discutiam para saber quem, se o homem ou se a mulher, desfrutava o maior prazer no amor, tiveram a ideia de consultar Tirésias, que era o único a ter a dupla experiência. Tirésias, sem hesitar, afirmou que, se o gozo do amor se compusesse de dez partes, a mulher tinha nove e o homem apenas uma. Isto encolerizou Hera por ver assim revelado o grande segredo do seu sexo e castigou-o com a cegueira. Zeus, para compensar, concedeu-lhe o dom da profecia e o privilégio de viver durante muito tempo (sete gerações humanas, diz-se).” Suas **baças feições** referem-se, então, à sua cegueira –

que, tal como a de Édipo, foi um castigo.

96. O NOTO VELO: (AMAR-LEMAIRE) “Entenda-se as fitas alvas de lã, entretecidas de escarlata, dependuradas de ambos os lados da ínfula, as quais os vates costumavam vestir.”

97-8. PERDURARAM AS MECHAS E BARBAS PENDENTES / JÁ BRANCAS E A PALÊNCIA: isto é, mantiveram-se os cabelos e a barba de Laio, já brancos e compridos, e também sua cadavérica palidez.

98. COM FALSA ÍNFULA: a ínfula é uma espécie de diadema ritualística feita de lã e presa com ramos de oliveira. É *falsa* porque Laio não é um vate de verdade.

99-100. TRANÇADA EM GLAUCA OLIVA, / DAS FITAS SURGE A GRAÇA: ou seja, a beleza (a *graça*) das fitas que pendem de sua ínfula vem dos ramos de oliveira nelas entrelaçados.

99. SEU PEITO: o peito de Etéocles.

101. E AS VOZES DOS FADOS PARECE EXPRESSAR: são, é certo, as palavras (*as vozes*) de Júpiter, ditas durante o consílio entre os deuses (cf. 1.299-301 e comentários *ad loc.*), que Laio expressa. Afirma que as palavras do deus são, portanto, as mesmas palavras dos Fados – cf. 1.213. Sobre a relação entre Júpiter e os Fados, cf. 3.471-4n.

102-19. TEMPO P’RA SONO, TU, QUE ... CADMO SENHORAS MICÊNICAS: a sombra de Laio, disfarçada como Tirésias, fala a Etéocles em sonho. Seu discurso se inicia com um alerta para o neto, reprovando-lhe a tranquilidade e a displicência em relação aos cuidados com a cidade (2.102-4). Depois de um símile em que a governança é novamente comparada ao controle de um barco (2.105-8), a sombra relata as alianças feitas por Polinices em Argos e suas intenções quanto ao reino – as quais ainda não foram expressamente declaradas, nem mesmo por Polinices (2.108-14). Por fim, apresenta a ordem de Júpiter para que não deixe Polinices chegar ao trono, mantendo-o afastado da cidade (2.115-9). Embora estruturalmente distintas, a fala de Laio pode ser aproximada à de Heitor, em Virgílio, que surge em sonho para Eneias incitando-lhe a deixar Troia (A. 2.289-95): *heu fuge, nate dea, teque his' ait 'eripe flammis. / hostis habet muros; ruit alto a culmine Troia. / sat patriae Priamoque datum: si Pergama dextra / defendi possent, etiam hac defensa fuissent. / sacra suosque tibi commendat Troia penates; / hos cape fatorum comites, his moenia quaere / magna pererrato statues quae denique ponto* (“Eia! Foge, ó filho da deusa,” diz, “te escapa dessas chamas. / O inimigo tem os muros; rui, do alto cume, Troia. / A pátria e a Príamo deu-se o suficiente: se a Pérgamo as destras / pudessem defender, então haveria a defesa. / Os ritos e os seus Penates, a ti confia Troia; / toma os companheiros de fados, para eles busca muros / magnos, que finalmente estabelecerás tendo percorrido o

mar”). Enquanto, em Virgílio, Heitor, o maior dos guerreiros troianos – o próprio Eneias o chama de *lux Dardaniae, spes o fidissima Teucrum* (A. 2.281 – “luz Dardânia, fidelíssima esperança dos Teucros”) –, ordena que Eneias abandone Troia e, levando consigo os ritos e os deuses da cidade, busque para eles um novo lar – é, pois, o passado glorioso de Troia dando ordens para que se garanta seu futuro glorioso –, Laio, o rei morto pelas mãos de seu próprio filho, ordena ao neto que feche os muros a seu próprio irmão, uma decisão que acarretará no fim da dinastia labdácida em Tebas, e não em sua continuidade.

Outro passo virgiliano aqui importante diz respeito aos avisos que a Fama (cf. 1.684n) espalha sobre o casamento entre Eneias e Dido (A. 4.191-7): *uenisse Aenean Troiano sanguine creatum, / cui se pulchra uiro dignetur iungere Dido; / nunc hiemem inter se luxu, quam longa, fouere / regnorum immemores turpique cupidine captos. / haec passim dea foeda uirum diffundit in ora. / protinus ad regem cursus detorquet Iarban / incenditque animum dictis atque aggerat iras* (“Que o varão teucro é vindo, ao qual dignava / juntar-se a bela Dido; e em luxo torpe, / todo o inverno entre os braços da volúpia / a acalentar-se, os reinos esqueciam. / Isto de boca em boca a feia deusa / difunde, e o curso para Jarbas torce; / dicaz, lhe inflama o peito, iras cumula” – trad. Odorico Mendes). E, em ambos os casos, embora sejam diferentes os agentes e os envolvidos, o resultado se assemelha: despertar, com a notícia do casamento de um terceiro, as iras de um rei – Etéocles em Estácio, Jarbas em Virgílio.

Sejam destacadas ainda as palavras de Aleto, disfarçada em Cálibe (cf. 2.94-100n), para Turno, buscando convencer o rútilo a defender o Lácio das investidas de Eneias (A. 7.421-34): *Turne, tot incassum fusos patiere labores, / et tua Dardaniis transcribi sceptrum colonis? / rex tibi coniugium et quaesitas sanguine dotes / abnegat, externusque in regnum quaeritur heres. / i nunc, ingratum offer te, inrise, periculis; / Tyrrhenas, i, sterne acies, tege pace Latinos. / haec adeo tibi me, placida cum nocte iaceres, / ipsa palam fari omnipotens Saturnia iussit. / quare age et armari pubem portisque moueri / laetus in arua para, et Phrygios qui flumine pulchro / consedere duces pictasque exure carinas. / caelestium uis magna iubet. rex ipse Latinus, / ni dare coniugium et dicto parere fateatur, / sentiat et tandem Turnum experiatur in armis* (“Sofres, Turno, / tantas lidas frustradas, que a fugidos / passe o teu cetro? Ganhos com teu sangue / o matrimônio e dote, o rei tos nega, / herda um Frígio no reino. Ora, ultrajado, / vai-te arriscar; mal pago, as filas tuscas / rompe, descose; a paz mantém no Lácio. / Isto a grande Satúrnia, enquanto em noite / plácida jazes, me intimou te expendas. / Arma, arma, sus, a mocidade em campo; / à margem pulcra assentes, os caudilhos / teucros arrasa, as naus pintadas queima: / poder alto o prescre-

ve. E se o monarca, / surdo às promessas, a união te enjeita, / prove e sinta o que valha em armas Turno” – trad. Odorico Mendes). Cf. comentários *ad loc.*

102-4. TEMPO P’RA SONO, TU, QUE ... CHAMAM, NÃO TENS, Ó IGNORANTE: esse tipo de reprovação, que tem o sono como objeto, é comum na épica, como em Homero (*Il.* 2.23-5; 23.69; 24.683-4): *εὔδεις Ἀτρείος υἱὲ δαΐφρονος ἵπποδάμοιο· / οὐ χρη παννύχιον εὔδειν βουληφόρον ἄνδρα / ὃ λαοὶ τ' ἐπιτετράφαται καὶ τόσσα μέμηλε [...]* *εὔδεις, αὐτὰρ ἐμεῖο λελασμένος ἔπλεν Ἀχιλλεῦ [...]* *ὦ γέρον οὗ νύ τι σοί γε μέλει κακόν, οἷον ἔθ' εὔδεις / ἀνδράσιν ἐν δηΐοισιν, ἐπεὶ σ' εἶασεν Ἀχιλλεύς* (“Tu dormes, ó filho do fogoso Atreu, domador de cavalos. / Não deve dormir toda a noite o homem aconselhado, / a quem está confiada a hoste, a quem tantas coisas preocupam” [...]) “Tu dormes, ó Aquiles, e já te esqueceste de mim” [...] “Ó ancião, não te preocupa mal algum, da maneira como dormes / no meio de homens inimigos, agora que Aquiles te poupou” – trad. Frederico Lourenço); e também em Virgílio (*A.* 4.560): *nate dea, potes hoc sub casu ducere somnos* (“ó filho da deusa, como podes, sob tal perigo, pegar no sono?”).

103-4. GRANDES FEITOS / E GRAVES TEMAS: a guerra pelo trono tebano, que a sombra de Laio já diz declarada, e o poder que Polinices conquistou em Argos unindo-se a Adrasto como sogro e a Tideu como aliado (cf. 2.108-9).

105-8. TU, COMO CAPITÃO QUE ... TRANSFORMA, / TARDAS: terceiro (cf. 1.193-4; 1.370-5 e comentários *ad loc.*) símile náutico introduzido por Estácio – todos têm relação ou com Tebas, ou com um dos edipônidas. De acordo com Gervais (*ad loc.*), a progressão que pode ser vista nesses símiles é bastante importante, uma vez que, por meio dela, Estácio demonstra o poder da maldição tebana vinculando a cidade e ambos os irmãos a forças elementais e os caracterizando como suas vítimas. No primeiro dos símiles (1.193-4), feito pelo anônimo tebano que questiona o acordo entre os dois irmãos (1.173-96), Tebas, ou seus cidadãos, são comparados a uma quilha de navio cujo fado vaga ambíguo porque, de um lado, Bóreas empurra a vela enquanto, de outro, é o Euro que a empurra. No segundo (1.370-5), Polinices é comparado, enquanto ruma a seu exílio em meio a uma tempestade (1.336-85), a um marinheiro preso em um mar invernal, sem poder contar com qualquer um dos astros para se guiar, temendo as pedras escondidas no fundo do mar e as ondas batendo na proa. Aqui, compara Etéocles a um capitão que tarda para tomar decisões, esquecido **das armas e do leme que às águas transforma** (2.107), sob o céu escuro e o mar agitado pelo vento.

105-6. O VASTO JÔNIO AMPLIADO / PELO AUSTRO: isto é, o vasto mar Jônio remexido pelo vento sul, o Austro, formador de nuvens (cf. 1.350-1n; 1.160-1n).

108. ELE: Polinices. **COM AS NOVAS BODAS:** refere-se ao casamento com Argia, que ainda nem foi proposto pelo rei argivo (cf. 2.152-72).

109-10. P'RA TOMAR O REINO / E A TI NEGÁ-LO: isto é, “para tomar Tebas de ti e, depois de terminado seu ano direito, a ti negá-lo”.

111. O SOGRO POR SINAIS FADADOS: cf. 1.395-9; 1.400n.

112-3. TIDEU, PELO SANGUE / DO IRMÃO MANCHADO: sobre Tideu e o fratricídio, cf. 1.402n. Ao fazer questão de qualificar Tideu como alguém manchado pelo sangue do irmão, Laio parece, de fato, fazer uma predição a seu neto, ainda que velada: Polinices, unido a um fraticida, poderá incorrer no mesmo crime.

115-6. PIEDOSO, DO ALTO, A TI, O PRÓPRIO PAI DOS DEUSES / ME ENVIU: Gervais (*ad loc.*) aponta duas passagens em Virgílio que podem ser relacionadas a esta (*ipse deum genitor tibi me miseratus ab alto / mittit*); são elas (A. 4.268-9): *ipse deum tibi me claro demittit Olympo / regnator* (“o próprio deus soberano a ti me envia do claro Olimpo”), em que Mercúrio fala a Eneias chamando-lhe a atenção para o seu destino (fundar a nova Troia) enquanto ele se demora na construção e no estabelecimento de Cartago; e (A. 5.726-7): *imperio Iouis huc uenio, qui ... caelo tandem miseratus ab alto est* (“por ordem de Jove venho aqui, que ... desde o alto céu se apiada”), em que Anquises fala a Eneias, aconselhando-o a acatar os planos de Acetes, que gostaria de fundar uma cidade na Sicília onde morariam os homens mais velhos e as mulheres que pouco ajudariam Eneias na fundação de Roma. Em ambos os casos, as epifanias conduzem Eneias a seu glorioso destino. Na *Tebaida*, embora o alerta de Laio-Tirésias também vise ao mesmo objetivo, o fado de Etéocles é contrário ao do troiano, que não vai construir uma nova casa abençoada pelo pai dos deuses, mas destruir uma amaldiçoada.

116-7. CEGO COM A FEBRE / DO CETRO BANE O IRMÃO, OUSADO IGUAL: isto é, “bane o teu irmão que está cego com a febre do cetro e, por isso, pode ousar o mesmo que tu” – negar-te o trono quando for a tua vez de assumi-lo.

117-9. NÃO MAIS / DO MANO ANSEIE ... NEM CREIA ... / ... NEM LEVE: que Polinices não anseie mais a morte do irmão, nem creia nos dolos feitos, nem leve a Tebas as senhoras micênicas (cf. 2.119n).

119. A CADMO: a Tebas (cf. 1.5n; 1.7-8n). **SENHORAS MICÊNICAS:** Argia e Deípila, as filhas de Adrasto.

120-33. DIZ E, AFASTANDO-SE ... IRMÃO AUSENTE LANÇA A GUERRA: novamente aqui (cf. 2.94-100n), a

cena entre Laio e Etéocles assemelha-se àquela entre Aleto e Turno, em Virgílio (A. 7.415-470). Em ambos os casos, um mensageiro vindo dos infernos a mando de uma divindade olímpica (Juno e Aleto, Júpiter e Laio) se disfarça como um vate ancião (Cálbe e Tirésias) para transmitir sua mensagem com o intuito de inflamar seus interlocutores para que eles se oponham a um reino insurgente – cf. 2.94-100n. Depois disso, ambos os mensageiros revelam sua própria identidade, despiando-se de seus disfarces, e lançam alguma coisa sobre aquele que dormia para acordá-lo: Aleto atira um de seus fochos ao peito de Turno (A. 7.456-7), e Laio abre a ferida mortal em seu pescoço e derrama seu sangue sobre Etéocles (cf. 2.123-4n). Os dois, então, acordam assustados e têm seus afetos descritos por meio de um símile: Turno é comparado a uma caldeira cheia de água fervente (A. 7.462-70); e Etéocles, a uma tigresa que traz, como alimento para seus filhotes, um dos caçadores que tentavam matá-los (2.128-33n).

120-1. A JÁ CLAROS ASTROS TURBAM / CORCÉIS DA LUZ: ou seja, os corcéis da luz, que conduzem o carro de Apolo pelo céu diurno, agitam os astros celestes noturnos, já claros pelo surgir da aurora.

121-2. OS RAMOS E OS VELOS DA FRONTE / ARRANCA: aqueles que vestira para assemelhar-se a Tirésias – cf. 2.94-101 e comentários *ad loc*.

122. AVÔ CONFESSO: em latim, *confessus auum*. Revelando, portanto, sua identidade. Gervais (*ad loc*.) destaca a força da expressão em latim, “poderosamente compacta”, com que Estácio alude à epifania de Vênus a Eneias em Virgílio (A. 2.590-1): *et pura per noctem in luce refulsit / alma parens, confessa deam* (“e, em pura luz, pela noite refulge / a alma mãe, deusa confessa”).

123-4. ABERTO EM SANGUE SEU PESCOÇO / REVELA E O SONO IMERGE COM A CHAGA VERTENDO: refere-se ao ferimento mortal aberto por Édipo em seu pescoço – sobre isso, cf. 1.62-3n. A imagem é bastante simbólica: um avô despejando sobre seu neto o sangue que seu próprio filho derramara. Se, ao tema da *Tebaida*, subjaz a ideia de uma maldição vinculada ao sangue labdácida, nada mais expressivo do que o ato de Laio ser performedo pelo personagem como avô (2.122: **avô confesso**), e não mais como Tirésias. Na *Eneida*, Aleto também transmite a mensagem a Turno enquanto ele dorme, mas, no próprio sonho em que fala, é menosprezada por Turno, que não a leva a sério por ser uma mulher já velha que se mete entre as armas dos reis (A. 7.440-2): *sed te uicta situ uerique effeta senectus, / o mater, curis nequiquam exercet, et arma / regum inter falsa uatem formidine ludit* (“Mas crédula, cediça e carunchosa, / ralas-te, avó, com pânticos terrores, / tonta ingerindo-te em reais arcanos” – trad. Odorico Mendes).

Tomada, então, de raiva por causa das palavras de Turno, Alecto se livra de seu disfarce e se revela uma das Fúrias, atirando-lhe ao peito um de seus fachos (A. 7.445-57): *talibus Allecto dictis exarsit in iras. / at iuueni oranti subitus tremor occupat artus, / deriguere oculi: tot Erinys sibilat hydrys / tantaque se facies aperit; tum flammea torquens / lumina cunctantem et quaerentem dicere plura / reppulit, et geminos erexit crinibus anguis, / uerberaque insonuit rabidoque haec addidit ore: / 'en ego uicta situ, quam ueri effeta senectus / arma inter regum falsa formidine ludit. / respice ad haec: adsum dirarum ab sede sororum, / bella manu letumque gero.' / sic effata facem iuueni conecit et atro / lumine fumantis fixit sub pectore taedas* (“Arde com isto Alecto; orando o moço, / treme todo, hirta a vista: com tais serpes / Erínis silva, tais carrancas abre! / Tardonho ia falar; com flâneos olhos / de través ela o empurra, duas cobras / da grenha irriça, o látego estalando, / e com rábida boca assim troveja: / ‘Eis-me caduca, tonta e carunchosa, / metediça entre os reis com vãos terrores. / Olha, da furna das irmãs tremendas / trago em mão guerra e morte.’ Inda vozeia, / e a Turno um facho atira de atro lume, / que fumegante no íntimo cravou-se” – trad. Odorico Mendes). Pode-se dizer, portanto, que, assim como Alecto inflama o peito de Turno contra Eneias lançando-lhe uma de suas tochas, Laio banha seu neto com o sangue amaldiçoado dos labdácidas para nele infundir os nefastos crimes afeitos à raça.

Além disso, há ainda outro vínculo com Virgílio que se pode levar em conta: no canto primeiro da *Eneida*, Vênus aparece disfarçada para Eneias, revelando um prodígio; ao sair, a deusa deixa no ar um cheiro de ambrosia, que denuncia sua natureza divina a Eneias (A. 1.402-4): *dixit, et auertens rosea ceruice refulsit, / ambrosiaeque comae diuinum uertice odorem / spirauere, pedes uestis defluxit ad imos, / et uera incessu patuit dea* (“Dá costas, e a cerviz rosada fulge, / de ambrosia odor celeste a coma expira; / a veste escoa aos pés; no andar se ostenta / vera deusa” – trad. Odorico Mendes). Novamente aqui, então, se Vênus, por um lado, denuncia sua divindade pelo cheiro de ambrosia que dela emana, por outro, é a maldição entranhada no sangue dos descendentes de Cadmo que Laio deixa para seu neto. (LACTÂNCIO) “Utiliza **chaga** ao invés de ‘sangue’. Não inunda o sono, mas o próprio Etéocles, que dorme. Com a chaga, então, isto é, o seu sangue, Laio banha Etéocles para que nele, manchado, incutisse os crimes.”

125-7. A CALMA CESSA: OS MEMBROS LEVANTA ... TEME O AVÔ E BUSCA O IRMÃO: Etéocles se levanta do leito como Turno se levanta, na *Eneida*, após a epifania de Alecto (A. 7.458-62): *olli somnum ingens rumpit pauor, ossaque et artus / perfundit toto proruptus corpore sudor. / arma amens fremit, arma toro tectisque requirit; / saeuit amor ferri et scelerata insania belli, / ira super* (“Quebra-lhe o

sono tremor indizível. Desperta de pronto, / gélido o corpo; dos membros lhe escorre suor abundante. / Armas reclama; delira; procura-as às tontas no leito; / o amor do ferro o encru-desce; insensata bravura o comove, / cega vingança de tudo.” – trad. Carlos Alberto Nunes).

128-33. COMO A TIGRE QUE, OUVINDO ... AUSENTE LANÇA A GUERRA: novamente aqui, a passagem se assemelha à de Virgílio, em que Turno, após acordar do sonho com Alecto, é comparado a uma caldeira plena de água fervente (A. 7.462-70): *magno ueluti cum flamma sonore / uirgea suggeritur costis undantis aeni / exsultantque aestu latices, furit intus aquai / fumidus atque alte spumis exuberat amnis, / nec iam se capit unda, uolat uapor ater ad auras. / ergo iter ad regem polluta pace Latinum / indicit primis iuuenum et iubet arma parari, / tutari Italiam, detrudere finibus hostem; / se satis ambobus Teucrisque uenire Latinisque* (“Tal como na aênea caldeira, / quando a acendalha crepita por baixo do bojo, incendiada, / estrepitosa a bolhar a água ferve no vaso e, crescendo / no seu furor, extravasa por cima da borda, e em vapores / atros se expande por todos os lados, com grandes borbulhas: / Turno, também, manda os moços dizer a Latino que fora / violada a paz anunciada; era urgente a defesa do solo / de toda a Itália, ameaçado com a vinda dos teucros sem pátria. / Ele sozinho enfrentar poderia os latinos e os teucros.” – trad. Carlos Alberto Nunes).

Embora os termos de comparação sejam distintos entre as duas passagens, eles descrevem afetos semelhantes: inflamado qual o fogo da caldeira, Turno declara a guerra contra os teucros – e contra os latinos, se necessário for; excitado pela ira qual a tigresa que, para defender sus filhotes, anseia a guerra e, como resultado, alimenta os seus com o corpo moribundo de um dos caçadores que os ameaçava, Etéocles declara a guerra contra o seu irmão. Se, em Virgílio, o que estava em jogo era o fervor de Turno, que transbordava em seu furor qual transborda a água fervendo dentro da caldeira e extravasando pela borda, em Estácio ganha destaque o comportamento guerreiro de Etéocles, que se excita qual o de uma tigresa na defesa dos seus filhotes. É interessante, ainda, perceber que, no símile estaciano, o fator familiar parece determinante no comportamento da tigresa, assim como no de Etéocles; aquela, porém, se inflama pelos seus, para defendê-los, enquanto o Edipônida se inflama contra o seu próprio irmão, para atacá-lo.

128. A TIGRE: lançou-se mão, aqui, do mesmo expediente utilizado em diferentes momentos por Odorico Mendes em suas traduções de Virgílio, que, por motivos métricos, preferiu a forma “a tigre” à mais comum “tigresa”.

129. ENCRESPA AS MANCHAS: conforme a leitura de Lactâncio (*ad loc.*), como se a sua ferocidade

fosse mostrada com o arrepiar-se de suas listras (as **manchas**). E **SACODE O SONO INERTE**: em latim, *somnosque excussit inertes*. Assim como a tigresa, Etéocles também dormia inerte, conforme as palavras de Laio: **tempo p'ra sono, tu, que inerte em alta noite / jazes** (2.102-3 – em latim, *non somni tibi tempus, iners qui nocte sub alta / ... iaces*).

133. O CHEFE CONTRA O IRMÃO AUSENTE LANÇA A GUERRA: Etéocles (o **chefe**) declara a guerra contra Polinices, que se exilou em Argos– por isso diz **ausente**.

134-51. DOS QUARTOS DA MIGDÔNIA ... AOS DOIS PRIMEIRO ADRASTO: do palácio de Etéocles, em Tebas, passamos ao de Adrasto, em Argos, onde o rei e seus servos estão prestes a agitarem-se com os preparativos das bodas de Argia e Deípila com Polinices e Tideu, respectivamente. Com relação ao tempo da narrativa, o que se passa a partir de agora ocorre logo após a evocação a Apolo com que Adrasto encerra o canto primeiro (cf. 1.696-720 e comentários *ad loc.*). Gervais (*ad loc.*) chama a atenção para a descrição do alvorecer com que Estácio realiza a mudança entre os episódios (2.134-40), a qual, para o autor, parece reencenar o cenário de guerra familiar que toma o paço tebano (cf. 2.125-33), servindo, ainda, como uma espécie de presságio funesto para Argos: “A Aurora retira seu resistente filho Lúçifer dos céus; então, o Sol, o **pai ardente** (2.139), assume o poder de sua irmã [...]. Há uma repetição verbal em relação à seção anterior: *excutiens* (2.127 [**sacudindo**]), *excussit* (2.129 [**sacode**]) e *excussa* (136 [**sacudida**]) [...]. Como frequentemente, a repetição serve a uma função estrutural [...], marcando a mudança de cena; mas a repetição de *excutere* [“sacudir”] ajuda a tornar esse amanhecer convenientemente ominoso: a Aurora sacode a umidade de seu cabelo exatamente como Etéocles se sacode para livrar-se do sangue fantasma de seu avô [...] e a tigresa sacode o seu sono antes de atacar os caçadores.”

134. DA MIGDÔNIA: (LACTÂNCIO) “Lídia ou Frígia. Titono, pois, era Lídio, o marido de Aurora [...] Há, certamente, uma região nos limites da Ásia, reino de Mígdon.”

135. AS CONGELANTES TREVAS: a escuridão que, por ser da noite, é dita congelante – cf. 1.338n.

136-7. SACUDIDAS DO ORVALHO SUAS MECHAS, BEM RUBRA / DO SOL QUE SURGE: refere-se à Aurora, que já sacudira, de seus cabelos, o orvalho espalhado pela Noite (cf. 1.338n), já se tornando vermelha com os raios do sol que se levanta no horizonte.

137-9. ÀS NUVENS, RÓSEO, A ELA TARDAS / FLAMAS REVERTE E, ALHEIO, EM LENTO CARRO, DO ÉTER / VEM LÚCIFER: glosa: “alheio à chegada da Aurora, Lúçifer a atinge com seu brilho tardio, róseo pelas nuvens, vindo em lento carro pelo éter.” **Lúçifer** (Fósforo para os gregos) é o nome dado

para a Estrela da Manhã, que anuncia a chegada da Aurora trazendo a luz do dia. Na cena descrita por Estácio, portanto, Lúcifer surge quase em simultâneo com a Aurora, donde dizê-lo vindo **do éter** em um **lento carro**.

137. ÀS NUVENS: “nas nuvens”. **RÓSEO:** porque também já se avermelhava, como a Aurora (cf. 2.137-9n), com os primeiros raios do sol.

139-40. ENQUANTO AO MUNDO O PAI ARDENTE / PREENCHE: ou seja, enquanto o Sol (o **pai ardente**) preenche o firmamento com o seu brilho.

140. E À PRÓPRIA IRMÃ OS SEUS RAIOS PROÍBE: o Sol, que proíbe os seus raios à Lua, sua irmã. Essa é, pois, a leitura mais provável, uma vez que se trata da transição entre a noite e o dia: ao surgir o Sol no céu, a Lua se esconde, não sendo vista nos domínios de seu irmão. Gervais (*ad loc.*) aponta, por isso, certo comportamento tirânico do Sol em relação à sua irmã.

141-4. SEM MUITO SE ATRASAR, ENTÃO ... CHIFRE SEU DERRAMA O SONO: Adrasto e seus dois hóspedes, Polinices e Tideu (cf. 2.141n; 2.142n), dirigem-se para seus quartos com o amanhecer já se anunciando nos céus, conforme o próprio Adrasto alegou ao final do Canto Primeiro (cf. 1.692-3).

141. O ANCIÃO TALÁONIDE: Adrasto, filho de Tálao – cf. 1.399n; Quadro 3, p. 442.

142. O DÍRCEO: ou seja, Polinices. O adjetivo se refere a Dirce (cf. 1.38n), fonte pela qual Estácio designa os habitantes de Tebas. **O AQUELÓIDE HERÓI:** refere-se a Tideu; é dizer “o herói do Aqueloo”, um rio que separa a Etólia da Arcânia, regiões da costa norte do Golfo de Corinto, onde está localizada Cálidon.

143. FORAM-SE AOS LEITOS: após o banquete e as explicações de Adrasto para que, enfim, descansassem de suas jornadas – cf. 1.312-430; 1.510-672 e comentários *ad loc.*

143-44. LASSOS PÓS AS CHAGAS / E A CHUVA: refere-se às chagas causadas pela briga entre Tideu e Polinices, travada momentos antes de serem ambos acolhidos por Adrasto em seu palácio, e à **chuva** que ambos tomaram durante sua jornada para Argos – cf. 1.312-430; 1.431-509 e comentários *ad loc.*

144. INTEIRO O CHIFRE SEU DERRAMA O SONO: (AMAR-LEMAIRE) “O Sono, pois, é descrito como tendo um chifre pleno de sopor, o qual ele esparge sobre a terra.”

145. SOB O PEITO INÁCIO DO REI: ou seja, sob o argivo peito de Adrasto. O adjetivo **Inácio** se refere ao Ínaco, famoso rio de Argos – cf. 1.356n.

145-8. TÊNUE ESTENDE-SE / A CALMA ... OS FADOS / ASSUMIDOS: o sono de Adrasto é agitado – por isso diz que **a calma** se estende **tênue** (“frágil”), uma vez que revolve em sua mente uma série de questões que lhe causam intranquilidade: os **deuses** (2.146), pois que o Olimpo está envolvido na chegada dos jovens a Argos; a **hospedagem** (2.146), ou seja, a própria acolhida de ambos em seu paço; e, **dos genros, qual sejam, os fados / assumidos** (2.147-8), ou seja, as implicações supernaturais que, desconhecidas, assumirá como suas após torná-los genros.

149-50. NA ÁREA / APTA A QUE ARCANAS CURAS DIVIDAM E EXPLANEM: ou seja, no local do palácio onde podem expor suas preocupações secretas (as **arcanas curas**) e discuti-las.

152-72. EGRÉGIOS JOVENS, QUE, SEM ... APÓS A LUTA, AS RECOMPENSAS: Adrasto revela a Tideu e Polinices, ressaltando **a turba** de pretendentes à sua porta, que eles são os homens que Apolo o predisse como futuros maridos de suas filhas. A fala de Adrasto pode ser comparada à de Latino, em Virgílio, em que o rei reconhece em Eneias o genro que Apolo havia-lhe predito como marido de sua filha (A. 7.249-73): *talibus Ilionei dictis defixa Latinus / obtutu tenet ora solo-que immobilis haeret, / intentos uoluens oculos. nec purpura regem / picta mouet nec sceptrum mouent Priameia tantum / quantum in conubio natae thalamoque moratur, / et ueteris Fauni uoluit sub pectore sortem: / hunc illum fatis externa ab sede profectum / portendi generum paribusque in regna uocari / auspiciis, huic progeniem uirtute futuram / egregiam et totum quae uiribus occupet orbem. / tandem laetus ait: ‘di nostra incepta secudent / auguriumque suum! dabitur, Troiane, quod optas. / munera nec sperno: non uobis rege Latino / diuitis uber agri Troiaeue opulentia deerit. / ipse modo Aeneas, nostri si tanta cupido est, / si iungi hospitio properat sociusque uocari, / adueniat, uultus neue exhorrescat amicos: / pars mihi pacis erit dextram tetigisse tyranni. / uos contra regi mea nunc mandata referte: / est mihi nata, uiro gentis quam iungere nostrae / non patrio ex adyto sortes, non plurima caelo / monstra sinunt; generos externis adfore ab oris, / hoc Latio restare canunt, qui sanguine nostrum / nomen in astra ferant. hunc illum poscere fata / et reor et, si quid ueri mens augurat, opto’* (“A vozes tais, Latino o rosto abaixa, / quedo olhos volve atento; nem Priameu / cetro ou bordada púrpura o comove, / quanto o consórcio e tálamo da filha; / e de Fauno medita os vaticínios: / que este o fadado genro é peregrino, / trazido ao reino por iguais auspícios, / cuja ilustre progênie valerosa / pujante ocupe o âmbito do mundo. / ‘O céu nossos começos, disse alegre, / e agouros seus prospere! O desejado / haverás, Teucro. Os dons não menosprezo; / nem, reinando Latino, agro ubertoso / ou Troiana opulência há de faltá-los. / Se Eneias tanto a mim ligar-se anela, / hóspede e amigo o aspecto meu não tema; / da real destra sua o abono sobra. / Tenho uma filha, dai-lhe este recado, / que unir-se a algum

dos nossos mil prodígios, / do ádito pátrio as sortes, não consentem: / neste país seu sangue e a nossa glória, / estranhos tem de Alças. Não falhe a mente, / o fatídico genro o creio e folgo” – trad. Odorico Mendes).

Ao contrário, porém, de Eneias, Polinices e Tideu não irão erguer uma raça e uma cidade afamadas e de longa vida, mas contribuir para a cessão das linhagens em Argos e Tebas, seguindo os planos de Júpiter (cf. 1.197-302 e comentários *ad loc.*).

152-3. SEM NUME AO REINO MEU / NÃO GUIOU A DESTRA NOITE: para Adrasto, não foi sem influência divina (**sem nume**) que a Noite trouxe ambos os jovens a seu palácio.

153-4. MISTURADOS / AOS RAIOS, POR TORMENTA E TONANTE IMPORTUNO: refere-se Adrasto à tempestade que se abateu sobre Argos quando da chegada de ambos os jovens às portas de seu palácio – sobre isso, cf. 1.336-63 e comentários *ad loc.*

154. TONANTE IMPORTUNO: a fala é de uma ironia fina para os leitores. Na voz de Adrasto, quer dizer “sob um céu impropício, intempestivo”, por conta da tormenta que caiu durante a noite. Há, contudo, a decisão de Júpiter (o **Tonante**) em acabar com a linhagem de tebanos e argivos, aí implícita – cf. 1.197-302 e comentários *ad loc.*

155. MEU APOLO: seja pela relação existente entre Argos e Apolo (cf. 1.557-667 e comentários *ad loc.*), seja pelo oráculo em que predisse os seus genros (cf. 1.395-7; 1.482-510 e comentários *ad loc.*).

156. PELASGOS: (AMAR-LEMAIRE) “Argivos, pois que, antigamente, todo o Peloponeso era chamado Pelásgia; de acordo com Plínio, por causa de Pelasgo, o primeiro rei dos árcades, que transportou os homens de uma vida rude e selvagem para uma mais civilizada e humana; donde, então, os Pelasgos são os mesmos argivos e árcades. Eles foram expulsos do Peloponeso para a Hemônia, depois chamada Tessália; migraram por causa dos chefes Aqueu, Ftio e Pelasgo, donde foram expulsos, na sexta geração, pelos curetes e léleges, os quais foram depois chamados de etólios e locros.”

157-8: ÀS NÚBEIS / NOSSAS: Argia e Deípile.

159. DE UM NETO A FÉ: sem descendentes do sexo masculino, seus netos são a única esperança de herdeiros para seu reino – sobre isso, cf. 1.393-4 e comentários *ad loc.* **PUBESCEM SOB A MESMA ESTRELA:** tornam-se aptas para o casamento ao mesmo tempo.

160. TAMANHA A HONRA E O PEJO: refere-se à honra e à beleza de suas filhas, e também a seu re-

cato. **AO PAI NÃO CREDITAI:** ou seja, não creditai suas qualidades às palavras de um pai, pois que as vistes presencialmente (2.161).

161. AS MESAS DE ONTEM: o banquete em honra a Apolo, quando o rei lhes apresentou suas filhas – cf. 1.510-672 e comentários *ad loc.*

162-3. DE UM TRONO UFANOS E ARMAS AO LONGE REGENDO, / VARÕES AS QUEREM: ou seja, desejam-nas homens soberbos por seus tronos, que regem exércitos em terras distantes – uma forma de afirmar o poderio e a extensão de seus reinos.

163. FAREUS CHEFES: há um grande imbróglio crítico no que diz respeito à cidade à qual Estácio se refere por meio desse etnônimo, causado, de acordo com Gervais (*ad loc.*), por uma série de confusões e omissões feitas por diversos editores do texto estaciano. Ao fim de sua análise, conclui Gervais que, das diferentes variações registradas para o etn. em latim, há duas com as quais se pode trabalhar: uma delas, uma conjectura, é *Pheraeos* – adotada por Bailey e Lesueur –, que se refere à cidade de Fera, na Tessália, reino de Feres e de seu filho Admeto – herói na *Argonáutica* e na caçada do Javali Calidônio (cf. 1.453n); a outra, uma leitura legítima, embora nada familiar, é *pharaeos* – uma possível corrupção de *Pheraeos*, adotada por Gervais e Hall –, que pode referir-se a três cidades no Peloponeso: Faras, na Acaia; Faras, na Messênia; e Faras, ou Fáris, na Lacônia. Como bem destaca Gervais, é pouco provável que Adrasto tenha recebido pretendentes de toda a Grécia, sendo mais provável que apenas os da região do Peloponeso tenham se candidatado – o que estaria de acordo com o modelo épico para esta situação, o de Latino, em Virgílio (A. 7.249-73 *apud* 2.152-72n). Com isso, pode-se descartar a conjectura *Pheraeos*, adotada por Lesueur e Bailey, e que se refere à cidade de Feres, na Tessália. Sobre as três cidades do Peloponeso às quais pode referir-se a leitura *pharaeos*, conclui Gervais que as referências mais prováveis são às cidades localizadas na Messênia ou na Acaia, uma vez que Estácio se refere àquela da Lacônia (em *Theb.* 4.226) como *Pharis*. Assim como ele, ora achou-se ser mais provável que o poeta refira-se à Faras acaia, uma vez que, assim, referir-se-ia tanto ao norte do Peloponeso, onde fica a região da Acaia, como ao sul, com os **Ebálíos** (cf. 2.164n) – uma circunscrição análoga à realizada em 2.167 (cf. 2.167n).

164. EBÁLÍOS: Ébalo foi rei em Esparta, na Lacônia, região sul do Peloponeso; é dizer, então, Lacônios. **E AS MÃES, PELAS URBES DA ACAIA:** aqui, Estácio refere-se à preocupação das mães em casar os seus filhos em vez de falar diretamente do interesse dos habitantes da Acaia por suas filhas. (GERVAIS) “Se nós interpretarmos **Fareus** (2.163) como uma referência à cidade

Acaia de Faras, então o adjetivo aqui é melhor lido como uma sinédoque para ‘peloponésio’ (cf. 3.619, 6.549, 10,128 e, talvez, 5.505); Adrasto, então, descreve duas vezes o Peloponeso inteiro (cf. 2.163n).”

165-6. TEU ENEU A ENCONTROS TANTOS / NÃO NEGOU: refere-se a Dejanira, filha de Eneu com Al-teia e irmã de Meleagro (cf. 1.402n; 1.453n). De acordo com Grimal (*ad Dejanira*), conta a lenda que, quando Hércules desceu aos infernos para trazer Cérbero (cf. 2.27n), o último de seus doze trabalhos, encontrou a sombra de Meleagro, que pediu ao herói que se casasse com sua irmã Dejanira. Ao chegar em Cálidon, Hércules descobriu que a mão de Dejanira havia sido pedida por Aqueloo, o deus-río Calidônio (cf. 2.142n), com quem o herói teve que batalhar para casar-se com a jovem. Depois de viverem por muito tempo em Cálidon, Dejanira e Hércules deixaram a cidade; enquanto viajavam, o Centauro Nesso tentou estuprar Dejanira, ao que foi morto por Hércules. Antes de morrer, porém, alegando tratar-se de um filtro para o amor, o Centauro entregou uma poção à jovem na qual fora colocado, furtivamente, um pouco do sangue que jorrava de sua ferida mortal. Ao chegarem em Tráquin, e depois de lutarem contra os dríopes, Hércules apaixonou-se por Íole, e Dejanira, tomada pelo ciúme, resolveu lançar mão da poção que Nesso lhe dera, embebendo, então, a túnica de Hércules no líquido. Antes veneno a filtro amoroso, contudo, a poção causou uma queimadura devastadora no corpo do herói, a qual começou a devorar toda a sua carne. Sem conseguir resistir à dor, Hércules suicidou-se no fogo do monte Eta. Dejanira, ao saber do ocorrido, também se suicidou. Ao fim, é como se, fazendo referência a Dejanira, Adrasto previsse o fim catastrófico do casamento de sua filha. Sobre Dejanira, Ovídio diz (*Met.* 9.9-10): *pulcherrima uirgo / multorumque fuit spes inuidiosa procorum* (“belíssima virgem, / foi a invejável esperança de muitos pretendentes”). **TEU ENEU:** cf. 1.402n.

166. OU DE PISA O PAI TEMENDO AS RÉDEAS: refere-se a Enômau e Hipodâmia – sobre eles, cf. 1.274n; 1.276-7n.

167. FILHOS DE ESPARTA: cidade na Lacônia, ao sul do Peloponeso. **LEGADOS DA ÉLIDA:** região ao norte do Peloponeso. Com isso, novamente Estácio circunscreve toda a região do Peloponeso, balizando os pretendentes de suas filhas ao fazer referência ao norte e ao sul da região.

169. JUROU-SE POR LONGO ANDAR DO FADO: em latim, *longo promittitur ordine fati*. Gervais (*ad loc.*) sugere a relação com 2.114, em que a sombra de Laio revela a Etéocles o desejo de Polinices por torná-lo um exilado durante um longo período: **jurar-te longo exílio o irmão** (em latim, *longus fratri promitteris exsul*). Para o autor, com isso, Estácio indica que a promessa de casa-

mento feita aos jovens e a guerra entre os irmãos tebanos estão “inextricavelmente entrelaçadas”.

170-1. TAIS DE ESTIRPE E ESPÍRITOS VIESTES, / QUE, RESPOSTAS, AGRADAM: isto é, “vós sois de estirpe e espíritos tais que, sendo as respostas do augúrio, agradam”. São, pois, o contrário do que Adrasto esperava ao interpretar literalmente o augúrio de Apolo – cf. 1.395-7; 1.482-510 e comentários *ad loc.*

171-2. E, ORA, DA ÁRDUA NOITE / NASCIDA: refere-se à noite em que os jovens chegaram em Argos, marcada por uma grande tempestade e pela briga entre ambos por causa de um lugar para descansarem – cf. 1.336-63; 1.401-30 e comentários *ad loc.*

173-200. OUVEM, OS OLHOS FIXOS ... OS LEVA AO PÁTRIO REINO: Tideu e Polinices, nessa ordem, respondem à proposta de casamento feita por Adrasto. Primeiro a falar, Tideu louva o império de Adrasto sobre Argos (2.175-88); Polinices, falando por último (2.188-97), diz gozar de um conforto para sua tristeza mesmo sendo um exilado. Ao fim (2.197-200), Adrasto promete reconduzir ambos os jovens a seus reinos.

174-5. ENTRE SI, DA FALA A VEZ SEMELHAM / PASSAR: ao contrário do que ocorreu da primeira vez em que se dirigiram a Adrasto, logo após sua briga, quando ambos responderam ao mesmo tempo as questões do rei argivo – cf. 1.447-51 e comentários *ad loc.*

175. MAIS OUSADO EM TODA AÇÃO, TIDEU: (GERVAIS) “Tideu é *audaz* em 2.370, 2.467, 6.842 [...] No Canto I, ele fala primeiro a Adrasto, antes de Polinices (1.451-65); mais tarde, ele se oferecerá como embaixador para ir a Tebas (2.370-1) [...] Ao longo do épico, ele deseja e exige a guerra (3.336ss, 3.348ss, 4.113ss, 5.676ss, 7.358ss, 7.611ss [...]), uma faceta do seu caráter tão antiga quanto Ésquilo (*Sept.*, 572-5 – palavras de Anfiarau): τὸν ἀνδροφόντην, τὸν πόλεως ταρακτορα, / μέγιστον Ἄργει τῶν κακῶν διδάσκαλον, / Ἐρινύος κλητῆρα, πρόσπολον Φόνου, / κακῶν δ' Ἀδράστῳ τῶνδε βουλευτήριον [“Assassino! Pestilência da cidade! / Por Argos o guia maior de males! / Arauto da Erínia! Servo de Fobo! / Conselheiro de Adrasto em todas essas infelicidades!” – trad. Marcus Mota]. Ele é o estereótipo do homem de ação, não de palavras [...] A diferença entre Tideu e Polinices é talvez melhor ilustrada por suas respectivas demandas por guerra no Canto III: um acentuado grito de guerra vindo de Tideu (3.348-50: *arma, arma, uiri, tuque optime Lernar / ductor ... / arma para!* [“armas, armas, varões, e tu, de Lerna o líder / melhor ... / armas dispõe!]), um calculado e cauteloso comedimento da parte de Polinices (3.381-2: *sic uariis pertemptat pecto dictis / obliquatque preces* [“Assim, aos peitos toca com as palavras / e arreda as preces”]).”

176-8. A TI, QUÃO POUCA A DECLARAR ... TU DOMAS COM VIRTUDE: isto é, “quão pouca a mente madura te agita a declarar tua fama, e quanto tu domas, com a virtude, à sã Fortuna!”.

178-9. A QUEM ADRASTO O CETRO / RENDE?: (GERVAIS) “[...] O verbo joga com o nome de Adrasto: ἄδραστος (*ádrastos*): ‘aquele que não cede’ [...] Como a linha seguinte deixa claro, **cetro** refere-se ao poder de Adrasto em comandar, e não à extensão de seus domínios.”

179. AO TRONO DO SICIÓNIO AVÔ CHAMADO: refere-se a Pólibo, avô materno de Adrasto, rei de Sición, de quem ele herdou o trono por Pólibo não ter deixado filhos homens ao morrer – cf. 1.399n. Antes de reinar em Argos, Adrasto reinou em Sición, até que finalmente fez as pazes com Anfiarau – sobre isso, cf. 1.399n –, tendo sido chamado, portanto, do trono de seu avô para o de Argos.

180. COM AS LEIS TU CONTROLASTE A DESREGRADA ARGOS: de acordo com Gervais (*ad loc.*), a referência aqui é incerta, e Lactânio (*ad loc.*) pouco esclarece, alegando que Adrasto fora chamado de volta a Argos para que regresse o comportamento bárbaro dos cidadãos argivos.

181-8. A TAL MÃO TIVESSES DADO ... O QUE MELHOR, TEBANO, CHORAS: Tideu enumera uma série de episódios de selvageria (cf. comentários *ad loc.*) que poderiam ter sido evitados se Júpiter concedesse a Adrasto o controle sobre os povos que os cometeram. Gervais (*ad loc.*) sugere que o elogio de Tideu pode ser uma ardorosa oração para que um rei benevolente possa comandar toda a Grécia (cf. 2.181-3n), mas, também, um pedido velado para que ambos os seus genros, ele e Polinices, tomem parte em um programa imperialista (**nós, ansiosos, / de peito aberto**).

181-3. A TAL MÃO TIVESSES DADO ... DEIXA NA MARGEM OPOSTA: o adjetivo **Dórico** refere-se, no contexto, ao Peloponeso – sua origem vem de Doro, o herói que deu origem aos Dórios, os quais acabaram instalando-se na costa leste do Peloponeso. O **Dórico / Istmo**, como alegam Lactânio e Gervais (*ad loc.*), seria, então, o próprio Peloponeso. Assim, Tideu aventa a possibilidade de Júpiter entregar ao comando de Adrasto aqueles povos que o Istmo Dórico encerra dentro de si com suas ondas, pois que é banhado, a oeste, pelo Jônio e, a leste, pelo Egeu, e também aqueles que ele relega a outras terras – ou seja, na Grécia continental. Se, na fala de Adrasto, viu-se todo o Peloponeso circunscrito por menções às suas regiões norte e sul (cf. 2.163n; 2.164n; 2.167n), aqui Tideu circunscreve toda a Grécia a partir do Peloponeso, tomando-o como o centro de sua localização espacial.

184. NEM SE IRIA, SUSPensa, A LUZ DA ATROZ MICENAS: referência à disputa entre Atreu e Tiestes

pelo trono de Micenas – cf. 1.325n.

185. NEM GEMERIAM SEVOS PÁREOS OS VALS DA ÉLIDA: Élida é uma região na costa oeste do Peloponeso onde reinava, na cidade de Pisa, Enômau, que disputava o casamento de sua filha com seus pretendentes em uma corrida de cavalos mortal– donde dizer **sevos páreos**. Sobre isso, cf. 1.274n; 1.276-7n.

186. NEM, SOB REIS VÁRIOS, HAVERIA ERÍNIAS VÁRIAS: alega Tideu que, sob o comando de Adrasto, os crimes vingados pelas Fúrias (as **Erínias**) não existiriam. Glosa: “nem haveriam, nos diferentes reinos, diferentes vinganças feitas pelas Fúrias”.

187. O QUE MELHOR, TEBANO, CHORAS...” ASSIM ESTE FALANDO, AQUELE: logo após referir-se às Fúrias e suas vinganças, Tideu dirige a atenção para Polinices, sugerindo tratar-se de um assunto que ele pode melhor lamentar. Imediatamente, então, Polinices (**aquele**) toma a palavra e responde a proposta de Adrasto, mudando, em seu discurso, o foco dado por Tideu à governança de Adrasto – cf. 2.173-200n.

190-2. EMBORA, DO ORTO EXPULSOS ... NA ALMA, AS DORES CESSAM: refere-se Polinices ao fato de que nem ele nem Tideu, ambos **exilados**, não puderam desfrutar do amor (de **Vênus**). Assim, então, Adrasto faz com que suas tristezas se acalmem e suas dores cessem.

193-5. E ESSES CONFORTOS TEMOS ... A TERRA / VENDO AMIGA: outro símile náutico (cf. 2.105-8). Embora Tideu seja incluído na comparação junto com Polinices, o que traz um elemento novo aos três símiles náuticos já vistos (cf. 1.193-4; 1.370-5; 2.105-8 e comentários *ad loc.*), os dois figuram como vítimas de uma força maior da natureza, tal qual ocorrera com os elementos comparados nos símiles náuticos anteriores a este: convulsos **por Noto amplo** (cf. 1.336-63 e comentários *ad loc.* sobre a tempestade que os atingiu), finalmente veem **terra ... amiga**.

194. POR NOTO AMPLO: é dizer “por ampla tormenta”, uma vez que **Noto** é o vento formador de nuvens (cf. 1.160-1n).

197. SOB TUA FORTUNA: isto é, sob a tutela da tua fortuna, da tua sorte.

199. O INÁCIO PAI: Adrasto (cf. 1.619n; 1.356n). Interessante é notar, como indica Gervais (*ad loc.*), que Estácio sublinha o fato de as promessas serem aumentadas – **à larga** – por Adrasto (cf. 2.198-9) não como um rei, mas como um pai.

201-13. ENTÃO, ARGOS FEBRIL ... QUE INSÂNIA! – E A GUERRA CANTA: a Fama se encarrega de espalhar as novas sobre as bodas de Argia e Deípila pelas terras vizinhas, chegando até Tebas,

onde alardeia, ainda, que os argivos já se preparam para a guerra.

201. ENTÃO, ARGOS FEBRIL: (GERVAIS) “Os argivos estão alegres [...] mas *alacer* [**febril**] às vezes sugere o fervor da batalha (5.23, 7.288, 12.648 [...]), como na única ocorrência anterior da palavra (1.145): *sic alacres odio nullaque cupidine laudis / accensi incurrunt* [“assim, febris, sem ânsias de glória, por ódio / inflamados, irrompem”]. Então, tendo ouvido Adrasto prometer que reconduziria Polinices e Tideu a seus reinos, nós podemos duvidar, por um momento, sobre o que seus súditos estão fazendo. A resposta (atrasada, como que por brincadeira, por uma construção longa e complexa [...]) é o anticlímax 2.205: **se ajeita em boa causa.**”

201-2. NA URBE ESPARSO O BOATO / DE QUE OS GENROS VIERAM: em latim, *fuso rumore per urbem / aduenisse duci generos*. Gervais (*ad loc.*) faz lembrar a semelhança com Virgílio, quando, logo após chegar ao local onde deveria erguer a nova Troia, Eneias fala a seus companheiros, e entre as fileiras de seu exército surge um rumor (A. 7.144-5): *diditur hic subito Troiana per agmina rumor / aduenisse diem quo debita moenia condant* (“Espalhou-se de pronto, nas fileiras Troianas, o boato / de que veio o dia em que ergueriam os devidos muros”). Como destaca o autor, contudo, enquanto Eneias e os seus devem erigir os muros de uma nova cidade, a união entre Polinices e Tideu fará afundarem Tebas e Argos.

202. EM PRIMO HIMENEU: (GERVAIS) “Cf. A. 1.345-6: *cui pater intactam dederat primisque iugarat / ominibus* [“a quem o pai, intacta, entregara e unira em primeiros / presságios”]; e *Sil.* 3.64-5: *uirgineis iuuenem taedis primoque Hymenaeo / imbuerat coniunx* [“em virginais fachos, ao jovem, em primo Himeneu, / instruíra a esposa”]. Ambas as passagens descrevem uma virgem (*intactam* [“intacta”], *uirgineis ... taedis* [“virginais fachos”]) casada com um homem que nunca foi casado (*primisque ... ominibus* [“primeiros presságios”], *primoque Hymenaeo* [“primo Himeneu”]) [...] Aqui, então, **em primo himeneu** significa (ou ao menos inclui) o primeiro casamento dos dois homens – as mulheres são contempladas em 2.204: **com as purezas já muito afamadas.**”

204. COM AS PUREZAS JÁ MUITO AFAMADAS: cf. 1.531n; 1.533-4; 2.160.

206-7. NAS SELVAS / DO LICEU, DO PARTÊNIO E PELOS CAMPOS DE ÉFIRO: o Liceu (cf. 1.362n) e o Partênio são montes localizados na Arcádia, uma região do Peloponeso. **Éfiro** é o antigo nome da cidade de Corinto, localizada no nordeste do Peloponeso, no Istmo. Uma vez que os montes estão localizados, respectivamente, no sudoeste e no sudeste da Arcádia, é como se, novamente (cf. 2.163n; 2.164n; 2.167n; 2.181-3n), o Peloponeso fosse circunscrito como um todo, desta vez por meio dos caminhos percorridos pela Fama (cf. 1.684n).

208-9. NÃO MENOS TURBULENTA A DEUSA À OGÍGIA TEBAS / ASSALTA: depois de circunscrito o Peloponeso (cf. 2.206-7n), a Fama (**a deusa**) rumo a Tebas, **não menos turbulenta** – ou seja, não provocando menos agitações. Sobre o adjetivo **Ogígia**, cf. 1.328n.

209. COM SUAS PENAS TODAS: sobre a Fama, cf. 1.684n.

210. À NOITE CONSONANTE: conforme a epifania de Laio a Etéocles (cf. 2.1-133). **AO CHEFE DOS LABDÁCIDAS:** os labdácidas são os descendentes de Lábdaco, o pai de Laio – cf. 1.17n. Seu **che-fe**, então, é Etéocles.

211. HÓSPEDES: Polinices e Tideu, hóspedes de Adrasto. **NÚPCIAS:** as núpcias de Polinices e Argia e Tideu e Deípila. **PACTOS DE REINO:** tanto a ajuda prometida por Adrasto (cf. 2.199-200), como as alianças que elas estabelecem (Argos, Tebas e Cálidon).

212. FAMÍLIAS MISTAS: as famílias de Adrasto, de Eneu e de Édipo, unidas por laços matrimoniais e de amizade.

212-3. TANTA A LIBERDADE AO MONSTRO, / QUE INSÂNIA! – E A GUERRA: a Fama está mentindo. Embora Adrasto e seus genros possam já estar pensando em guerra, o que pode ficar sugerido nos versos 2.199-200, a incursão bélica contra Tebas ainda não foi declarada. Em Estácio, como em Virgílio, a Fama também mente (A. 4.188): *tam ficti prauique tenax quam nuntia ueri* (“núncia tenaz do que é falso e inventado, do que é verdadeiro” – trad. Carlos Alberto Nunes). Como bem aponta Gervais (*ad loc.*), porém, a alusão mais marcante no trecho – na exclamação do narrador, mais especificamente (*quae tanta licentia monstro / quis furor?*) – é Lucano, quando seu narrador exclama, sobre a guerra civil (Luc. 1.8): *quis furor, o ciues, quae tanta licentia ferri?* (“que insânia, cidadãos, que tanto reina o ferro!” – trad. Brunno Vieira). É como se a Fama adiantasse o embate entre os irmãos para os povos vizinhos.

213-43. DIVERTIRA ARGOS / O ANSIADO DIA ... A CRISTA DO ELMO À DÉLIA: Argos se agita com a notícia das bodas reais. No paço, são descritos os preparativos na cidade (2.213-23), o aglomerado de pessoas no local da cerimônia (2.223-5), a preparação das noivas para sua nova vida (2.226-35) e um símile em que Argia e Deípila são comparadas a Atena e Diana (2.236-43). Ganha destaque também a éfrase das imagens dos antepassados que adornam o paço argivo (2.215-23).

215-23. VIAM-SE, DE AVÓS, OS ÍCONES ... DEPOIS, MIL CHEFES: catálogo das imagens dos antepassados que ornavam o paço de Adrasto. (AMAR-LEMAIRE) “Isso diz respeito a um costume dos romanos: colocavam, nos átrios, imagens dos seus antepassados [...] Plínio (Nat. 35.6.1-7.3):

aliter apud maiores in atriis haec erant, quae spectarentur; non signa externorum artificum nec aera aut marmora: expressi cera uultus singulis disponebantur armariis, ut essent imagines, quae comitantur gentilia funera, semperque defuncto aliquo totus aderat familiae eius qui umquam fuerat populus. stemmata uero lineis discurrebant ad imagines pictas. tabulina codicibus implebantur et monumentis rerum in magistratu gestarum (“diferentemente, junto aos nossos antepassados, eram estas que podiam ser vistas nos átrios; e não estátuas de artistas estrangeiros, nem em bronze ou em mármore: feições impressas em cera eram distribuídas em nichos separados para que houvessem imagens as quais acompanhassem os funerais dos parentes, para que todos os membros da família, os quais alguma vez existiram, sempre estivessem junto de qualquer defunto dos seus. Na verdade, estemas da linhagem eram traçados em direção a imagens pintadas. As galerias estavam lotadas de códices e monumentos das coisas que realizaram durante a magistratura”).”

Mais uma vez, o modelo para Estácio construir o seu catálogo foi Virgílio, que descreve assim o palácio de Latino (A. 7.177-82): *quin etiam ueterum effigies ex ordine auorum / antiqua e cedro, Italusque paterque Sabinus / uitisator curuam seruans sub imagine falcem, / Saturnusque senex Ianique bifrontis imago / uestibulo astabant, aliique ab origine reges, / Martiaque ob patriam pugnando uulnera passi* (“Por ordem no vestibulo as efígies, / de antigo cedro, estavam dos maiores: / Ítalo, o vinhateiro pai Sabino / tendo embaixo o podão, Saturno idoso, / bifronte Jano, e quanto rei primevo / no pátrio Marte prodigou seu sangue.” – trad. Odorico Mendes).

216. O BRONZE EM LUTA COM VIVAS FEIÇÕES: o bronze dos ícones disputava em vividez com os rostos dos vivos (2.217 – **Mão tão ousada os fez!**). A passagem parece entrar em conflito com o trecho citado de Plínio (cf. 215-23n), em que o autor descreve as imagens não como estátuas de bronze ou mármore, mas como vultos impressos em cera. Ao discutir essa diferença, a qual levou alguns editores a adotarem, no lugar de *aerea* (“de bronze”), *ora* (“rosto, face, boca”), a partir da imagem complexa descrita nos versos 2.217-8, Amar-Lemaire (*ad loc.*) alega que seria absurdo dizê-la feita em cera, sendo mais provável, então, que fosse esculpida em algum material mais sólido – como em Virgílio (*supra*), em que as efígies dos antepassados de Latino são de “antigo cedro” (A. 7.178). Ao final de seu comentário (*ad loc.*), o autor se pergunta se não seria mesmo mais propício ao seu fim, prestar-se à memória das gerações futuras, uma imagem feita em bronze. Para sacramentar sua leitura (*aerea*), cita uma passagem de Ovídio (*Fast.* 6.363-4): *uidimus ornatos, aerata per atria, picta / ueste, triumphales ocibuisse senes* (“vimos, pelos brônzeos átrios, ornados com bordada / veste, triunfantes anciões su-

cumbindo”).

217. MÃO TÃO OUSADA OS FEZ!: descreve a qualidade artística das imagens em bronze. (LACTÂNCIO) “Porque imita a vida. Como se as tivesse feito contra a natureza, pois adicionara espírito ao bronze.”

217-8. O PRÓPRIO PAI BICORNE, / ÍNACO, AO PÉ DA URNA PRONA, À SESTRA SENTA-SE: a primeira das imagens vistas é a de Ínaco, o **pai bicorne**. Assim como Ítalo é o ancestral mais antigo dos citados por Virgílio (A. 7.177-82 *apud* 2.215-23n), Ínaco, o deus-rio que reinara em Argos e que teria existido desde antes da humanidade (cf. 1.356n; 1.324n), é o mais antigo ancestral argivo considerado por Estácio. **PAI:** segundo Gervais (*ad loc.*), o epíteto “pai” tem valia tripla para Ínaco: 1. é um epíteto comum para os rios; 2. coloca Ínaco como o fundador da linhagem argiva; e 3. destaca, no verso, a paternidade de Foroneu (2.219). **BICORNE:** (GERVAIS) “Sobre um rio, em outros lugares como A. 8.727 e *Met.* 11.763. Os poetas greco-romanos comumente representam rios como tendo chifres de touro (cf. *Porph.* sobre Hor. *Carm.* 4.14.25: *omnium fluminum genii taurino uultu, etiam cum cornibus, pinguntur propter impetus et framitus ipsarum aquarum* [“os gênios de todos os rios são pintados com feição taurina, ou seja, com chifres, por causa do ímpeto e do fremito de suas próprias águas”]); uma ideia tão antiga quanto Homero – sobre o Xanto (*Il.* 21.237): *μεμυκὼς ἥντε ταῦρος* [“feito um touro, muge”]), portanto cornutos: *e.g.* 4.832, 7.66, 7.416, 9.420; *Soph. Trach.* 507; *Eur. Ion* 1261; *Verg. G.* 4.371-2; A. 8.77; *Ov. Am.* 3.6.35-6; *Met.* 9.1-2, 13.894; *V. Fl.* 1.106; *Mart.* 10.7.6; *Auson. Mos.* 469.” **URNA PRONA:** a urna é um atributo comum dos rios nas representações antigas. É, pois, onde o rio guarda sua água. Está **prona** – *i.e.*, “inclinada” – para permitir que a água flua. Como em Virgílio (A. 7.792): *caelataque amnem fundens pater Inachus urna* (“e Ínaco, pai, que um caudal borbulhante de uma urna derruba” – trad. Carlos Alberto Nunes).

219. IÁSIO, O VELHO: figura controversa na mitologia. Aqui, porém, Estácio alude àquele que foi rei em Argos (cf. 1. 541n). Às vezes é apontado como o pai de Io, comumente descrita como filha de Ínaco. **FORONEU, O PLÁCIDO:** filho de Ínaco, também foi rei em Argos (cf. 1.252n).

220. ABAS GUERREIRO: outro rei de Argos. Filho de Linceu e Hipermnestra, une em si o sangue dos irmãos inimigos Dânao e Egito (cf. 1.324n; 2.222n). Foi pai de Acrísio (cf. 2.220-1n), Preto e Idômene. (AMAR-LEMAIRE) “Abas, filho de Linceu, décimo segundo rei de Argos. É dito **guerreiro** porque foi um homem forte e de engenho destro; a partir dele, os reis argivos são ditos abantidas.”

220-1. ODIENTO AO TONANTE, / ACRÍSIO: (GRIMAL) “Abas [...] tivera dos filhos gêmeos, Preto e

Acrísio [...] As duas crianças, que transportavam consigo o ódio dos seus avós, Egito e Dânao [cf. 1.324n; 2.222n], já se batiam no seio de sua mãe e, uma vez crescidos, a sua inimizade não diminuía. Declararam guerra um ao outro para saberem a quem pertencia o trono de Argos, que seu pai lhes legara ao morrer. Foi durante essa guerra que se teria inventado o emprego de escudos redondos, que viriam a ter um grande sucesso na arte militar da Antiguidade. Após uma luta bastante prolongada, Acrísio saiu vencedor e expulsou o irmão, que partiu para a Lícia, onde desposou a filha do rei Ióbates, Ântia, a quem os trágicos chamam Estenebeia. Ióbates, à frente de um exército lício, reconduziu Preto à Argólida e instalou-o em Tirinte, cidade que os Ciclopes lhe tinham fortificado com muralhas de pedras enormes. Os dois irmãos decidiram então estabelecer um pacto mediante o qual Acrísio reinava em Argos e Preto em Tirinte. Deste modo, o reino da Argólida ficava dividido em duas partes iguais.”

ODIENTO AO TONANTE: Acrísio casou-se com Eurídice, a filha de Lacedêmon, gerando, com ela, Dânae (cf. 1.255n). Era, pois, odiado por Jove porque lançou Dânae ao mar junto com o filho, Jasão, que a jovem concebera com Júpiter.

221. COM A CABEÇA EM SEU FERRO EIS COREBO: a cabeça de Pena, o monstro de Apolo morto por Corebo – sobre isso, cf. 1.557-668 e comentários *ad loc.*

222. TORVA, O CRIME À MENTE JÁ, DE DÂNAO A IMAGO: Dânao é filho de Belo e Anquínoe, irmão de Egito. Teve cinquenta filhas de diferentes mulheres e, seu irmão, cinquenta filhos. Ganhou de seu pai o reino da Líbia, mas, temendo os filhos de seu irmão, resolveu fugir com suas filhas, as danaides, indo parar em Argos (cf. 1.324n). Após já ter-se estabelecido na cidade, seus sobrinhos vieram encontrá-lo e manifestaram a intenção de se casar com suas filhas, ao que o rei acedeu sem, porém, crer-lhes nas boas intenções. Como presente de casamento deu, a cada uma de suas filhas, uma adaga, fazendo com que prometessem assassinar seus maridos logo na primeira noite juntos. Com exceção de Hipermnestra, que não matou Linceu, todas as suas filhas mataram os respectivos maridos. Algum tempo depois, para casar as 49 filhas viúvas, Dânao as ofereceu como prêmios nos jogos que decidiu celebrar, conseguindo, assim, que suas filhas se casassem; estas espalharam-se com seus novos maridos pelo Peloponeso, dando origem aos dânaos, que sucederam aos pelasgos (cf. 2.156n). Mais tarde, porém, Linceu matou as Danaides e Dânao, para vingar a morte de seus irmãos. **O CRIME À MENTE JÁ:** o assassinato de seus sobrinhos.

223-5. QUANDO ÀS PORTAS ENVIADO ... DO ALTO REI RESTAM À FRENTE: a disposição dos convidados. De acordo com Mulder (*apud* Gervais, *ad loc.*), os **nobres** (2.224) constituem um grupo, e **os**

próximos, / na ordem, ao posto do alto rei, outro. Sendo assim, ter-se-ia o vulgo em posição mais afastada e, depois, os nobres e aqueles que mais próximo de sua posição se colocaram.

226. O IMO FERVE COM O RITO: o imo do palácio, agitado pelos preparativos do casamento – por isso diz que **ferve**.

226-7. O PAÇO ECOA AO FÊMEO / TUMULTO: ressoa com a movimentação das mulheres que estão envolvidas na preparação das bodas.

227. À MÃE: única menção à esposa de Adrasto, Anfítea. **EM CASTA COROA, AS ARGÓLIDES:** como uma coroa, as **Argólides** (as argivas) põem-se em torno de Anfítea.

228. E OUTRAS, À VOLTA DISPERSAS, AS VIRGENS: enquanto algumas mulheres cuidam de Anfítea (cf. 2.227n), outras ocupam-se em torno das noivas (**as virgens**), Argia e Deípila.

229. A NOVOS LAÇOS MOLDAM E OS MEDOS CONSOLAM: (LACTÂNCIO) “Isto é, recomendam os maridos e lhes ensinam os pactos nupciais.”

230-5. INSIGNES VÃO, COM ROUPAS ... ALEGRA OS TENROS PAIS SEU CHORO: novamente aqui (cf. 1.531n; 1.533; 1.534; 2.160; 2.204n), Estácio remarca a pudicícia e o pejo das adrástides. Segundo Gervais (*ad loc.*), do ponto de vista temático, o realce dos valores morais das jovens reforça a natureza infausta da união.

231-2. UM PURPÚREO PUDOR TOMANDO O ROSTO CÂNDIDO, / E OS OLHOS NO CHÃO: a descrição relembra muito a de quando as jovens viram pela primeira vez seus noivos (cf. 1.537-39).

233. DA CULPA PRIMEIRA O RECATO: o resguardo por causa da perda iminente de sua virgindade.

234-5. AS FACES POR HONESTA CHUVA / SÃO LAVADAS: molham suas faces com lágrimas honestas (a **honesta chuva**), uma vez que todo seu recato e pudor são verdadeiros – e por isso o pranto **alegra os tenros pais**.

236-43. NÃO DE OUTRA FORMA ... A CRISTA DO ELMO À DÉLIA: (GERVAIS) “O símile se expande a partir de 1.535-6: **da armissonante Palas e de Diana, a armífera, / têm os traços, menor o horror [...]** A ferocidade de Palas e Diana é subestimada tanto pelos críticos como pelos defensores do símile: Bailey, n. 27 *ad loc.*: “a comparação com as filhas de Adrasto não é pertinente, mas Palas e Diana são ambas irmãs de Júpiter, ambas bonitas”; Mulder, *ad loc.*: *non ipsae sponsae deabus ferocibus aequantur, uerum sponsarum, inter se forma et honore aequiperantium, similitudo comparationem efficit dearum innuptarum* [“as esposas, por si, não se igualam em ferocidade às deusas; na verdade, a similitude das esposas, entre si equiparadas em forma e honra, rende a

comparação das deusas inuptas”]. Mas o símile é tão obviamente discordante da apresentação feita por Estácio de noivas tímidas, envergonhadas [...] que é inoportuno desconsiderar a ironia intencional (também bastante clara em 1.536 **menor o horror**): o símile é, talvez, a mais forte sugestão estaciana – desconsiderado o iminente presságio (2.249-68) – das desastrosas consequências marciais do casamento das adrástides.”

237. A IRMÃ MAIS RUDE DE FEBO: Diana. O comparativo “mais rude” deve ser entendido com relação a Febo, uma vez que, enquanto este porta a lira, Diana porta a aljava.

239. DO CINTO UMA TRAZ SÓCIAS; A OUTRA, DO ARACINTO: o **Cinto** é um monte em Delos, onde Apolo e Diana nasceram. É, então, de onde vem a deusa frecheira e seu séquito. Conforme aponta Gervais (*ad loc.*), é interessante perceber, com essa indicação, que a ambiguidade envolvendo as deusas apontada por Estácio em 2.242-3 se reflete no monte Cinto: local do nascimento de Diana, possui um tempo dedicado a Atena. O **Aracinto**, de acordo com Lactânio (*ad loc.*), refere-se a um monte localizado na Ática e consagrado a Atena. Assim, a ambiguidade também é reforçada aqui, uma vez que, embora consagrado a Palas, aos pés do monte está Cálidon, cidade bastante vinculada a Diana (cf. 1.453n).

240-1. JAMAIS, SE É FÁS AOS OLHOS, SEM MUITO MIRÁ-LAS / DIRÁS: “não poderás dizer sem muito observá-las, se isso for permitidos aos olhos”. Como lembra Gervais (*ad loc.*), na poesia épica os deuses geralmente revelam aos homens somente um traço de sua real aparência, cujo reconhecimento por completo poderia causar terror nos humanos.

242-3. SE TER MUDADAS AS VESTES QUISESSEM, / CABE A PALAS A ALJAVA, E A CRISTA DO ELMO À DÉLIA: a **aljava** é um objeto tipicamente usado nas representações de Diana, a deusa frecheira. Já o **elmo**, uma peça da armadura tipicamente usada nas representações de Atena, a deusa guerreira. Chama Diana de **Délia** por ser a deusa oriunda de Delos, cidade onde nasceu com seu irmão Apolo – sobre isso, cf. 1.573n.

244-68. COMPETEM NA ALEGRIA ... ATROZ PODER DA NOVA PRENDA: do interior do paço argivo, move-se o narrador em direção à cidade, atendo-se aos preparativos e votos feitos, conforme as suas **sacras posses** (2.244-8), pelos cidadãos em suas casas. O foco narrativo acompanha o cortejo do casamento, que deixa o interior do palácio com destino ao templo de Atena, onde as noivas performam ritos conforme os antigos costumes da cidade (2.248-56). Ao chegarem às portas do templo da deusa, porém, uma série de portentos desfavoráveis estarrecem todos os que ali estavam, e o narrador revela que Argia trazia em seu colo o colar de Harmonia, com o qual seu noivo a presenteara (2.256-68).

244. COMPETEM NA ALEGRIA: tamanho o contentamento dos argivos com as bodas das filhas de Adrasto, que o narrador classifica como competitivo o seu comportamento. **E O CÉU COM VOTOS CANSAM:** o verbo **cansam** (em latim, *fatigant*) sugere a grande quantidade de votos feitos aos deuses.

245. CONFORME A CASA E AS SACRAS POSSES: as oferendas são feitas de acordo com as posses de cada um.

246. COM FIBRAS E ALMAS: isto é, com o sacrifício de animais, cujas entranhas eram queimadas e ofertadas aos deuses.

246-8. COM ARAS NUAS OUTROS ... GALHOS ROTOS NOS BATENTES: os que dispunham de posses, podiam sacrificar animais em oferenda aos deuses (cf. 2.246n); os mais desafortunados, por sua vez, ofertavam **incenso** sobre altares vazios (**aras nuas**) e galhos quebrados que dispunham sobre os umbrais de suas casas (cf. 2.248n). Mesmo que fossem simples as ofertas, diz o narrador que eram ouvidos aqueles que pediam, se o **fim** para o qual obsequiavam os celestes fosse **aceito** (cf. 2.247n).

247. MAS OUVIDOS SE ACEITO O FIM: em latim, *nec minus auditi, si mens accepta*. Isto é, “atendidos, se aceito o motivo pelo qual rogavam”. (GERVAIS) “Um sentimento conforme a onipresente idealização da *paupertas* [“pobreza”] no mundo romano (e.g. Stat. *Silv.* 1.4.127-31; Hor. *Carm.* 3.23.17-20; Tib. 3.7.7-15; Ov. *Pont.* 3.4.81-2, 4.8.39-40). Nós podemos apontar, dado o desastroso futuro do casamento, que certamente os argivos não foram, ao fim, *auditi* [**ouvidos**]. Ou Estácio está desenvolvendo um tropo comum sem considerar a lógica narrativa, ou (melhor) ele está expressando os pensamentos dos cidadãos argivos pobres, que são tão ignorantes, como sua contraparte rica, de que nenhum de seus sacrifícios ganhará o favor divino.”

248. PONDO GALHOS ROTOS NOS BATENTES: (AMAR-LEMAIRE) “Conforme um costume antigo pelo qual, em todas as celebrações públicas e privadas, os templos e as portas dos edifícios eram ornados tanto com flores como com ramos. Os exemplos são claros em toda a parte. Para a luz do nosso Papínio, Juvenal, 6.227: *ornatas paulo ante fores, pendentia linquit / uela domus, et adhuc uirides in limine ramos* [“ante as portas há pouco ornadas, abandona os pendentes / panos da casa e, então, os verdes ramos na porta”]; e Catulo: *uestibulum ut molli uelatum fronde uideret* [“para que a entrada verdejasse coberta com tenra folhagem”].”

249. EIS UM SÚBITO MEDO – DURA, O ENVIARA LÁQUESIS: uma das Moiras (cf. 1.111n), responsável por cortar o fio da vida. De acordo com Lactâncio (*ad loc.*), porém, Estácio não se refere, aqui,

a esta moira em especial, mas sim a todas elas: *una pro omnibus*. Manifestam, então, por meio dos presságios que se seguem (2.251-64), quão desfavorecidas são as bodas das filhas de Adrasto pelo destino.

250. EXPULSA DO PAI SEU CONTENTO: refere-se a Adrasto – sobre sua alegria diante do casamento, cf. *esp.* 1.482-510 e comentários *ad loc.*

251-2. ÀS PORTAS SE ACERCAM DA INUPTA / PALAS: ou seja, às portas do templo de Atena, localizado sobre o monte Larissa em Argos (cf. 1.382n).

252-3. P’RA QUEM, DAS URBES, OS MUNÍQUIOS PICOS / LARISSA ARGIVA NÃO POSPÕEM: é dizer que, para Atena, dentre todas as suas cidades (**das urbes**), o templo de Larissa não é preterido em relação, por exemplo, aos cumes de Múnico, um monte e um porto localizados em Atenas. De acordo com Gervais (*ad loc.*), porém, embora Estácio atribua o monte a Palas, ele era consagrado a Diana – o que reforça a ambiguidade entre as deusas anteriormente apontada (cf. 2.239n). Estácio reforça que se trata da Larissa **Argiva** para que a localidade de Argos não seja confundida com a cidade de mesmo nome na Tessália (cf. 1.382n).

253. DE OUTRORA: porque se tratava de um costume antigo.

254. A CASTA IDADE ÀS NÚPCIAS FLORESCIDA: quando já estavam aptas para o casamento as mulheres. Como eram denominadas *uirgines* (“virgens”) antes das bodas, qualifica como **casta** a idade propícia para o rito. **IÁSIDES:** as filhas de Iásio (cf. 2.219n) – ou seja, as argivas.

255-6. DOS PRIMOS LEITOS / SE ESCUSAM: desculpam-se pela primeira noite com o marido.

256. QUANDO DENTRO JÁ DA EXCELSA URBE: ao adentrarem o templo erguido sobre o monte Larissa (cf. 1.382n; 2.251-2n). Diz **excelsa urbe** porque foi a partir desse local que a cidadela de Argos foi erguida.

257-8. OBLÍQUO, NOS DEGRAUS, DO ALTO DO SUMO TEMPLO, / DO ARGIVO EVIPO ESPÓLIO, CAI O BRÔNZE O CLÍPEO: em latim, *in gradibus, summi delapsus culmine templi, / Arcados Euhippi spoliū, cadit aereus orbis*. Isto é, “do alto do templo de Atena cai, de lado (**oblíquo**) sobre os degraus, o escudo que era espólio do Argivo Evipo” – sobre Evipo, cf. 2.258n. Há, na construção de Estácio, um claro adiamento na descrição da ação, revelada apenas nas últimas três palavras de 2.258, após uma série de sintagmas explicativos: *cadit aereus orbis* (**cai o brônze o clípeo**). Há, portanto, certo suspense nos versos, o que colabora para o clima tenso da narrativa.

258. ARGIVO EVIPO: de acordo com Gervais (*ad loc.*), o nome **Evipo** (*Euhippus*) não é atestado em

nenhum outro lugar. Lactânio (*ad loc.*), porém, o trata como um rei de Argos “de admirável sorte”, cujo escudo era tido como “objeto de maior nobreza.” **CAI O BRÔNZEIO CLÍPEO:** (GERVAIS) “Um presságio similar será testemunhado por Atalanta no templo de Diana (*Theb.* 4.332-3): *sacrisque / exuuias cecidere tholis* [**e à cúpula / sacra as peles caíssem**]; e em *Theb.* 9.576-7: *delapsas adytis, quas ipsa dicarat, / exuuias* [“caídas nos áditos, as quais ela própria sagrara, / as peles”]; em outros autores, esse tipo de presságio ocorre somente em Lucano (*Luc.* 1.557-8), em uma lista de portentos que acompanharam a fuga de Pompeu e do Senado de Roma: *delapsaque templis / dona suis* [“caiu todo / ex-voto dos sacrários” – trad. Brunno Vieira] [...] O chamado à guerra implícito na queda do escudo será respondido no final do canto quando, no início de sua monomaquia, Tideu pega o escudo (*orbis* [**clípeo**]) derrubado pelo já morto Téron (que está genealogicamente vinculado à Guerra (v. 2.572): *Martisque e semine Theron* [**e o sêmen Márcio, Téron**]): *orbem, / quem procul oppresso uidit Therone uolutum, / corripuit* (2.581-3 [**o clípeo / que, com Téron premido, ao longe viu correndo / agarra**]) – note-se que Tideu é protegido por Minerva durante a monomaquia (cf. 2.684-743).”

259. OS FACHOS VINDO À FRENTE, FOGO FESTO AOS NOIVOS: refere-se às tochas acesas que abriam a procissão nupcial, um costume dos romanos.

260-1. DO ÁDITO OUVIDA, / ... AGUDA UMA TROMBETA ATERRA: o **ádito** é uma parte secreta do templo, localizada em seu interior. De lá, então, soou a trombeta que aterrou os participantes do cortejo nupcial. (LACTÂNIO) “Como em Virgílio (*A.* 3.92): *et mugire adytis cortina reclusis* [“e mugindo, no ádito aberto, o caldeirão”].”

261. NEM FIRME O PASSO: ou seja, logo após terem-se assustado com o escudo que caiu do teto do templo (cf. 2.257-8n), antes mesmo de terem novamente firmado seus passos.

262. AO REI, NO PRIMO SUSTO, AS PESSOAS SE VOLTAM: como defende Gervais (*ad loc.*), a reação dos argivos parece ser de respeito e confiança no rei (cf. 2.264n), uma vez que sua primeira reação (**o primo susto**) foi voltar-se a seu soberano para seguir sua conduta ante os presságios que se manifestavam.

263. DEPOIS, NEGAM O OUVIDO: agem os convidados como se não tivessem ouvido a trombeta soando de dentro do templo de Atena: mais por respeito a Adrasto e à situação do que por medo do rei – mas, também, por sujeição à sua autoridade.

264. CRESCE O MEDO COM RUMORES: a despeito do respeito que os cidadãos demonstraram em relação a seu soberano durante os eventos presenciados (cf. 2.256-61 e comentários *ad loc.*), os

rumores se erguem em meio ao povo, aumentando o temor provocado pelos maus portentos.

265-8. NÃO ADMIRA, POIS TU O ... PODER DA NOVA PRENDA: o narrador revela que Argia vestia, no momento da cerimônia, o colar de Harmonia, um presente dado à esposa de Cadmo por Vulcano como uma forma de vingar-se de Vênus e de Marte, que geraram Harmonia em uma relação infiel. Depois, anuncia o tema dos próximos versos (2.269-305), nos quais apresentará os crimes e acontecimentos nefastos propiciados pelo colar de Harmonia, que ora infesta também as núpcias de Argia.

265-6. MIMO / DO ESPOSO: o colar de Harmonia foi dado a Argia como um presente de casamento por Polinices, que provavelmente o ganhara de sua mãe, Jocasta (cf. 2.294-6n).

266. HARMONIA: filha de Marte e Vênus, esposa de Cadmo (cf. 1.227-8n).

267. É LONGA A SÉRIE, MAS OS MALES CÓGNITOS: em latim, *longa est series, sed nota malorum*. Ora foram seguidas as edições de Amar-Lemaire, Lesueur, Hall e Gervais (em Bailey, *longa est series, sed nota, malorum* – “a história dos males é longa, mas sabida”), os quais leem *malorum* como um genitivo partitivo de *nota* (“as coisas sabidas dos males”), diferentemente de Bailey, para quem *sed nota* é uma locução adjetiva de *longa ... series*. Da forma escolhida, o passo se assemelha mais ao precedente virgiliano (A. 1.341-2): *longa est iniuria, longae / ambages; sed summa sequar fastigia rerum* (“longa é a injúria, longos / os detalhes; os sumos fastígios das coisas, porém, vou seguir”). Assim, é possível que se veja o eco de *longa est iniuria* em *longa est series*, e dos *summa fastigia rerum* (“os pontos principais das questões”) em *nota malorum*. Ambas as passagens – a de Virgílio e a de Estácio – relacionam-se, ainda, com outro trecho da *Tebaida* (1.7): *longa retro series* (**p’ra trás é longa a série**).

269-305. MUITO O LÊMNIÓ, TAL PRISCA ... FÚRIAS AOS FILHOS POR QUÊ?: o narrador passa em revista alguns dos males causados pelo colar de Harmonia àquelas que o detiveram, nem que por um breve instante – como teria ocorrido com Sêmele (cf. 2.292-3n). Além da amante de Júpiter, são citadas a própria Harmonia (2.289-91), Jocasta (2.294-6), Argia (2.297-8) e, por fim, Erifile (2.299-305), a esposa de Anfiarau, a qual receberá o colar das mãos da própria Argia. O breve catálogo de Estácio, portanto, cobre a história (a **série** – 2.267) do colar desde o seu passado (2.269-96) até o seu futuro (2.299-305), sem se esquecer de seu presente com Argia (2.297-8). A menção da inveja de Erifile no final da seção, além de organizar cronologicamente a história do colar, adianta o episódio em que Argia, por vontade própria, manda que o entreguem à esposa de Anfiarau, completando com isso seu ciclo de influências na guerra

contra os tebanos, e que só será descrito no Canto Quarto durante o catálogo de heróis (cf. 4.187-213 e comentários *ad loc.*).

269-73. MUITO O LÊMNIΟ, TAL PRISCA ... ENFEITE, EM JUGAL NOITE, / FEZ: Estácio aponta os motivos pelos quais o colar teria sido entregue a Harmonia. Nessa mitologia, Vulcano (cf. 2.269) o teria fabricado como uma forma de vingar-se da traição de Vênus, sua esposa, que gerou Harmonia em uma relação infiel com Marte. Em outros autores, porém, como lembra Gervais (*ad loc.*), o colar figura como: um presente feito por Vulcano, sem menção à sua motivação, e dado a Harmonia por Cadmo (*Apollod.* 3.4.2); e um presente dado a Harmonia por Vênus (*D. S.* 4.65.5), ou por Atena (*D. S.* 5.49.1). O colar como uma vingança pela traição de Vênus parece ser invenção do próprio Estácio.

269. o LÊMNIΟ: Vulcano. Depois de Júpiter tê-lo lançado do Olimpo por ter ele arbitrado em favor de sua mãe, Juno, em uma discussão sobre Hércules, o deus do fogo rolou do alto do monte durante um dia inteiro, indo cair em Lemno, uma ilha no mar Egeu onde acabou sendo criado – outra versão diz que, por ter nascido coxo, sua própria mãe o lançara do Olimpo. Por isso o chama de **Lêmnio**. **TAL PRISCA FÉ:** conforme uma antiga crença.

269-70. MUITO ... SOFRENDΟ O MÁRCIO / FURTO: muito sofrendo com o roubo de Marte: Vulcano era casado com Vênus, a deusa do amor, que, por sua vez, envolvera-se em laço amoroso com Marte – donde o **Márcio / furto**. Em Homero (*Od.* 8.270-3), Hefesto/Vulcano foi avisado do adultério de sua esposa por Sol, que os flagrara jazendo em leito afetivo. Isso, então, teria causado grande sofrimento no deus, levando-o a tramar uma vingança contra o casal de amantes: ἄφαρ δέ οἱ ἄγγελος ἦλθεν / Ἥλιος, ὃ σφ' ἐνόησε μιγαζομένους φιλότῃτι. / Ἥφαιστος δ' ὥς οὖν θυμαλγέα μῦθον ἄκουσε, / βῆ ῥ' ἵμεν ἐς χαλκεῶνα, κακὰ φρεσὶ βυσσοδομεύων (“Testemunha a união / o Sol, que os denuncia. Assim que Hefesto o ouviu, / sofrendo muito invade a oficina, ecoando / dentro de si a história amargurante” – trad. Trajano Vieira).

270-1. APÓS PENA ALGUMA OBSTAR O AMOR FLAGRADO, / NEM MESMO AS VINGADORAS CORDAS CASTIGAREM: para vingar-se dos amantes (cf. 2.269-70n), Vulcano procede à fabricação de uma engenhosa rede de aço, imperceptível ao olhos, com a qual prende os amantes em flagrante no leito e chama todos os outros deuses por testemunha (*Hom. Od.* 8.274-88; 296-99; 325-7): ἐν δ' ἔθετ' ἀκμοθέτω μέγαν ἄκμονα, κόπτε δὲ δεσμούς / ἀρρήκτους ἀλύτους, ὄφρ' ἔμπεδον αὖθι μένοιεν. / αὐτὰρ ἐπεὶ δὴ τεῦξε δόλον κεχολωμένος Ἄρει, / βῆ ῥ' ἵμεν ἐς θάλαμον, ὅθι οἱ φίλα δέμνια κεῖτο. / ἀμφὶ δ' ἄρ' ἐρμῖσιν χέε δέσματα κύκλω ἀπάντη, / πολλὰ δὲ καὶ καθύπερθε μελαθρόφιν ἐξεκέχυντο, / ἥϊτ' ἀράχνια λεπτὰ· τὰ γ' οὐδέ τις οὐδὲ ἴδοιτο, / οὐδὲ θεῶν μακάρων·

περὶ γὰρ δολόεντα τέτυκτο. / αὐτὰρ ἐπεὶ δὴ πάντα δόλον περὶ δέμνια χεῦεν, / εἴσατ' ἴμεν ἐς
 Λῆμνον, ἐϋκτίμενον πτολίεθρον, / ἥ οἱ γαῖων πολὺ φιλάττη ἐστὶν ἀπασέων. / οὐδ' ἀλαδὸς σκοπιῇν
 εἶχε χρυσήνιος Ἄρης, / ὥς ἴδεν Ἥφαιστον κλυτοτέχνην νόσφι κιόντα· / βῆ δ' ἴμεναι πρὸς δῶμα
 περικλυτοῦ Ἥφαιστοιο, / ἱκανῶν φιλότῃτος εὔστεφάνου Κυθερείης. [...] τῷ δ' ἐς δέμνια βάντε
 κατέδραθον· ἀμφὶ δὲ δεσμοὶ / τεχνήεντες ἔχυντο πολύφρονος Ἥφαιστοιο, / οὐδέ τι κινῆσαι μελέων
 ἦν οὐδ' ἀναεῖραι. / καὶ τότε δὴ γίνωσκον, ὃ τ' οὐκέτι φυκτὰ πέλοντο. [...] ἔσταν δ' ἐν προθύροισι
 θεοί, δωτῆρες ἑάων· / ἄσβεστος δ' ἄρ' ἐνῶρτο γέλως μακάρεσσι θεοῖσι / τέχνας εἰσορόωσι
 πολύφρονος Ἥφαιστοιο (“depois no cepo a incute enorme e forja argolas / inexpugnáveis, in-
 frangíveis, que os prendessem. / Quando concluiu o ardil, furioso com o deus, / entrou no
 tálamo onde sua cama jaz. / Circunda o estrado com os liames, muitos outros / espalha aci-
 ma quase ao teto, feito aranha / sutil, imperceptível ao olhar agudo / até de um nune, tão
 exímia era a cilada. / Assim que espalha a rede inteira em torno ao leito, / finge partir a
 Lemno, pólis bem construída, / a qual lhe apraz bem mais do que as demais. À espreita, /
 Ares das rédeas áureas viu quando partiu / Hefesto da mansão, artífice notável. / Invade a
 casa do ferreiro afamadíssimo, / ansiando amar Citérea, bela diadema [...] No leito então
 dormita a dupla e os filames / forjados pelo pluri-imaginoso Hefesto / impede-os de mover
 minimamente os membros. / Concluíram não haver como escapar do ardil [...] Os numes ge-
 nerosos postam-se no pórtico / e riem, aos borbotões gargalham, quando avistam / o enge-
 nho, lavra do pluriastucioso Hefesto” – trad. Trajano Vieira).

272-3. P’RA HARMONIA O DOTAL ENFEITE, EM JUGAL NOITE, / FEZ: durante a noite do matrimônio, construiu Vulcano o presente de casamento que daria a Harmonia (o **dotal enfeite**).

273-4: EMBORA A AMPLAS MOLES DADOS, OS CICLOPES / AGIRAM: os Ciclopes são tidos como exímios artífices (cf. 1.217-8n), e em geral exercem sua função sob o comando de Vulcano. **EMBORA A AMPLAS MOLES DADOS:** isto é, mesmo que habituados às grandes obras, trabalharam no colar de Harmonia. (GERVAIS) “Essas ‘grandes coisas’ [*maiora*, em latim] incluem: os raios de Júpiter (*Theb.* 1.217-8, 2.599-600; *Hes. Theog.* 139-46; *Verg. G.* 4.170-9 [...] e *A.* 8.424-30), o peitoral de Marte (*Sil.* 4.433-4), o carro de Marte, a égide de Atena e o escudo de Eneias (*A.* 8.433-38), o muros da cidade de Prosimne (*A.* 6.630), o arco e as flechas de Ártemis (*Callim. Hymn.* 3.9-10), e um bebedouro para os cavalos de Poseidon (*Hymn.* 3.49-50 [...]). Nas *Silvas*, Estácio hiperbolicamente sugere os Ciclopes como os construtores da estátua equestre de Domiciano (*Silv.* 1.1.3-4) e os rejeita (junto com Vulcano e os telquines) como os escultores de uma estátua em miniatura de Hércules (*Silv.* 4.6.47ss).” No que toca a seu tamanho, o colar de Harmonia,

principalmente se comparado às obras acima listadas, é pequeno; os seus efeitos, porém, como se pode ver na descrição de seus **males cógnitos** (cf. 2.289-305), são de grande extensão e significado.

274-5. OS TELQUINES DE OBRAS NOTAS, ÁVIDOS / EM AJUDAR: há discordâncias quanto à identidade dos telquines. De acordo com Grimal (*ad loc.*), são filhos do Mar e da Terra e habitavam Rodes antes do dilúvio (cf. 1.222-3n), tendo-se espalhado pela terra quando pressentiram a chegada das chuvas. Foram ditos inventores de diferentes artes, inclusive a de esculpir as estátuas dos deuses. Um deles, Lico, foi o responsável pela construção do templo de Apolo na Lícia, à margem do rio Xanto. Para Lactâncio (*ad loc.*), “[...] foram três irmãos malévolos por causa da inveja. Estes, quando viram os campos de seus vizinhos férteis em proventos, felizes por causa da natureza, teriam os inundado com as águas do Estige para que se tornassem infértidos. Temendo um castigo por causa de sua falta, revolveram o solo e se entregaram aos Ciclopes.” De acordo com Gervais (*ad loc.*), figuram “mais comumente entre os autores gregos. Eles foram os primeiros a trabalhar com o metal (*Str.* 14.2.7) e fizeram o alfanje de Cronos (*id.*) e o tridente de Poseidon (*Callim. Hymn.* 4.31), aparentemente trabalhos para os quais foram chamados. Mas predomina uma tradição alternativa (em que o ambíguo *noti operum* [**de obras notas**] pode ser acomodado), de que os telquines eram rancorosos feiticeiros portadores do mau tempo (*D. S.* 5.55.3), possuidores de mau-olhado (*Met.* 7.366) e envenenadores de colheitas (*Str.* 14.2.7). **ÁVIDOS / EM AJUDAR:** sobre isso, Lactâncio (*ad loc.*), que prioriza o lado malévolos dos telquines, conclui: “[...] para que acontecesse, disse que os odiosos telquines concordaram em fazer este colar.”

275. MAIS FARTO, PORÉM, O SUOR PRÓPRIO: embora tenha contado com a ajuda dos Ciclopes e dos telquines, maior foi o esforço do próprio Vulcano.

276-88. E COM AS FLÓREAS DE ARCANO ... O TOCAM COM POTENTE DESTRA: éfrase do colar da Harmonia. Aqui, Estácio descreve principalmente os elementos com que Vulcano construiu a joia e as preparações em que a embebeu para que seu fim fosse atingido. Conforme aponta McNelis (2006, p. 53-7), a éfrase de Estácio está em profunda relação com as que descrevem o escudo de Aquiles, em Homero (*Il.* 18.468-608), e o de Eneias, em Virgílio (*A.* 8.423-53), ambos feitos por Vulcano. Mais especificamente, porém, relaciona-se com a cena em que Vulcano ordena aos Ciclopes que o ajudem na construção da arma de Eneias (*A.* 8.423-53) – sobre isso, cf. 2.278-9n.

Mas, segundo o autor: “Estácio diverge notavelmente, contudo, da prática épica em sua des-

crição. Como Denis Feeney observou, diferentemente de outros objetos ecfrásticos que servem como ícones para o cosmos dos trabalhos em que eles aparecem, o colar de Argia carece de uma ‘visão compreensiva do império ou dos ritmos da vida humana, mas [é] uma minia-tura de mesquinharias e vícios internamente relacionada, um catálogo de luxúria e loucura ...’ (1991, p. 364). Vulcano e seus assistentes, de fato, ornamentam o colar com itens que anunciam problemas: palavras como *infaustas* (2.277 [**infaustas**]), *flebile* (2.280 [**miserando**]), *dirum* (2.281 [**atroz**]), *pessima* (2.283 [**maldades**]) e *ueneno* (2.285 [**veneno**]) indicam a natureza ominosa do artefato. Além disso, o sintagma *uarias pestes* (2.282 [**pestes várias**]) ecoa a descrição virgiliana do desastre que pode ocorrer caso não assista adequadamente ao solo (G. 1.181). O trabalho duro, contudo, é irrelevante no épico de Estácio, e os humanos estarão sujeitos ao desastres não importa como. Mesmo o uso de *adamas* por Vulcano (2.277 [**ferro**]), que aparentemente se baseia na descrição do escudo de Hércules (Hesiod. Sc. 231), tem implicações sinistras, uma vez que é comumente associado ao submundo na épica latina. Mas a natureza serpeante do colar é mais preocupante. Vulcano inclui o ouro mortal do velo de Frixo no colar, e nós sabemos de Píndaro que este velo era guardado por uma cobra extraordinariamente grande a ameaçadora (Pi. 4.244). A Górgona é constantemente representada com suas serpentes (Hesiod. Sc. 233-6), e as cristas brilhantes dos dragões podem lembrar a descrição das serpentes que mataram Laocoonte (A. 2.206[-7: *iubaeque / sanguineae superant undas* – “e as cristas / sanguíneas superam as ondas”]). Mais que tudo, o colar serpeante de Argia cria um paralelo com a cobra lançada por Alecto que se enlaça em torno do pescoço de Amata (A. 7.351-2: *fit tortile collo / aurum ingens coluber* [“no colo enlaçada, fez-se / ouro a ingente cobra”]). Uma vez que Amata, aguilhada por seu colar de serpente, instigou a guerra na *Eneida*, parece que o trabalho de Vulcano não é apenas um presságio do mal, mas também um ímpeto para a guerra” (2006, p. 54-5).

276. COM AS FLÓREAS DE ARCANO FULGOR ESMERALDAS: sínquise (cf. 1.210n): “com as flóreas esmeraldas de arcano ardor” – em latim, *arcano florentes igne zmargados*. (GERVAIS) “cf. 1.210: *arcano florentes lumine postes* [“de arcano as flóreas portas brilho”]: uma luz mística impregna a esmeralda assim como ela faz no concílio dos deuses, em que Júpiter declara sua intenção de punir Argos e Tebas; em ambos os casos, a beleza sobrenatural esconde horrendas consequências para os personagens humanos do épico. Nesta sínquise no início da écfrase, nós podemos ver um reflexo do desenho do colar.”

278. OLHOS GORGÔNIOS: esta é a segunda menção às Górgonas até o momento. A outra é feita

na écfrase da taça de Adrasto (cf. 1.544-7n) e, tal como aqui, as Górgonas compõem o primeiro elemento descrito pelo poeta (1.544: **o áureo alado da anguícoma Górgona o colo**). Se, na primeira menção, a imagem introduzida diz respeito à cabeça da Medusa – uma das Górgonas – que Perseu segura em suas mãos, aqui são seus olhos que causam terror, uma vez que esses monstros eram famosos por transformarem em pedra aquele que os olhasse diretamente nos olhos. Com esse elemento abrindo a descrição (em latim, o adjetivo *gorgoneos* – “gorgônios” – abre o verso), como bem diz Lactâncio (*ad loc.*), Estácio parece querer demonstrar a beleza abominável do colar. Some-se a isso, conforme aponta Gervais (*ad loc.*), o fato de que, em Ovídio (*Met.* 5.177-80), a cabeça da Medusa desempenha um papel central na batalha durante o banquete do casamento de Perseu e Andrômeda, o que cria uma intertextualidade interessante em se tratando da relação Górgonas e matrimônio.

278-9. E COM CINZAS DO POSTREMO / RAIOS DE SOBRE A INCUDE: isto é, “com as cinzas do último raio moldado, que restavam sobre a bigorna”. Como os Ciclopes que trabalham com Vulcano são os responsáveis pela fabricação dos raios de Júpiter – cf. 1.217-8n –, Estácio refere-se aqui à cinza do último raio por eles forjado, que foram deixadas sobre a bigorna. McNelis, porém, faz uma interessante leitura do passo, em que enxerga uma engenhosa alusão, por parte de Estácio, ao trabalho abandonado pelos Ciclopes logo após Vulcano ordenar-lhes a construção do escudo de Eneias em Virgílio (A. 8.423-32; 8.439-41): *hoc tunc ignipotens caelo descendit ab alto. / ferrum exercebant uasto Cyclopes in antro, / Brontesque Steropesque et nudus membra Pyragmon. / his informatum manibus iam parte polita / fulmen erat, toto genitor quae plurima caelo / deicit in terras, pars imperfecta manebat. / tris imbris torti radios, tris nubis aquosae / addiderant, rutuli tris ignis et alitis Austri. / fulgores nunc terrificos sonitumque metumque / miscebant operi flammisque sequacibus iras [...]* ‘tollite cuncta’ inquit ‘coeptosque auferte labores, / Aetnaei Cyclopes, et huc aduertite mentem: / arma acri facienda uiro’ (“Dos céus o alto forgeiro aqui descende. / No antro espaçoso o ferro trabalhavam / nus Piracmón e Estéropes e Brontes. / Nas mãos polido em parte, inda imperfeito, / corisco tinham, dos que do éter Jove / crebros joga: três raios de saraiva / torta ajuntaram, três de aquosa nuvem, / três de rútilo fogo e de austro alado; / fulgor terrífico e estampido e medo / mesclavam-lhe e iras de sequazes flamas [...] ‘Fora tudo, urge e quero, Etneus Ciclopes, / deponde esses trabalhos e atendei-me. / Vão-se armas fabricar a herói famoso’” – trad. Odorico Mendes).

Assim, então, o **postremo / raios** seria justamente aquele que os Ciclopes deixaram inacabado para cumprirem a ordem de Vulcano. Sobre a cronologia dos fatos – os eventos da *Tebaida*

antecederam aqueles da viagem de Eneias rumo à Itália –, alega McNelis que, ao invertê-la, Estácio acaba por destacar ainda mais a relevância da tradição literária para o seu poema: “[...] os Ciclopes de Estácio finalizam o projeto que não foi finalizado pelos trabalhadores de Virgílio, marcando assim um lapso no tempo literário-histórico entre a *Tebaida* e a *Eneida* e a importância da tradição para esta écfrase” (2006, p. 54). Gervais (*ad loc.*), comentando a leitura de McNelis, classifica a alusão de Estácio como um “paradoxo intertextual”: “uma vez que o colar de Harmonia foi forjado muito antes dos eventos da *Eneida*; embora, no mundo real, os forjadores tiveram um tempo mais do que suficiente para finalizar seu trabalho – mais de um século entre a publicação do poema de Virgílio e o de Estácio”.

279-80. E DE VERDES SERPENTES / COM LUSTRES CRISTAS: (GERVAIS) “Serpentes de crista, embora sua existência tenha sido negada por Plínio (*Nat.* 11.122), são comuns como portentos funestos e monstros mitológicos [...] O lustre das cristas, assim como o brilho arcano das esmeraldas (cf. 2.276n), é tanto algo belo como um sinal de perigo: Virgílio e Ovídio enfatizam as cristas ressaltadas de monstruosas serpentes em seus épicos (*A.* 2.206-7 [cf. 2.276-88n]; *Met.* 3.32 [*Martius anguis erat, cristis praesignis et auro* – “Márcia era a cobra, eminente por sua áurea crista”]).”

280-1. COM O FRUTO MISERANDO / DAS HESPÉRIDES: as Hespérides (Egle, Erítia e Hesperaretusa – “Brilhante”, “Vermelha” e “Aretusa do Poente”) são as Ninfas do Poente. Sua principal função era vigiar o pomar, aos pés do Atlas, onde cresciam os pomos de ouro, os quais Hera passara a cultivar em um jardim após ter ganhado alguns deles da Terra quando casou-se com Zeus. Para isso, contavam com o auxílio de um dragão. Colher alguns desses pomos foi, pois, um dos trabalhos de Hércules, que, depois de muito procurar, chegou ao pomar divino e conseguiu três deles. De acordo com uma das vertentes do mito, Hércules teria pedido para que o gigante Atlas os colhesse enquanto ele sustentaria o mundo sobre seus ombros; de acordo com outra, ele mesmo os teria colhido após matar ou fazer adormecer o dragão que auxiliava as Hespérides. Estas, por sua vez, desesperadas por terem deixado roubar os pomos que deviam guardar, transformaram-se em árvores: um ulmeiro, um choupo e um salgueiro. Seu **fruto**, então, pode ser **miserando** porque: por terem falhado em sua função, as Hespérides lamentavam aqueles que foram colhidos por Hércules; ou por ter sido com estes frutos que Hipômenes ludibriou Atalanta em uma corrida para casar-se com ela – motivo pelo qual, conforme um oráculo que recebera, Atalanta foi transformada em um animal; ou por ter sido um dos pomos de jardim de Hera o grande causador da guerra de Troia – dado o aspecto

bélico presente no colar de Harmonia, pode ser este o principal motivo para Estácio incluir um dos áureos pomos aqui, em uma outra inversão do tempo literário-histórico (cf. 2.278-9n).

281. O OURO ATROZ DO FRIXEU VELO: ou seja, “o ouro atroz do velo de Frixo”. Sobre a história de Frixo, Hele e o velocino de ouro, cf. 1.13n. Já salvo da loucura de seu pai, Frixo, adulto, casou-se com uma filha do rei Eetes, Calcíope. Em agradecimento, sacrificou o carneiro e presenteou o sogro com o velocino de ouro, que foi, então, sagrado a Ares. São várias as histórias nas quais o velocino é importante. Ora, pelo contexto, vale destacar a que envolve Jasão e os argonautas, especialmente no que diz respeito ao casamento de Jasão e Medeia. Jasão teria sido desafiado por Pélias, meio-irmão de Éson, pai de Jasão, a trazer-lhe o velocino de ouro para que ele, então, cedesse ao herói o trono de Iolco, seu por direito. É, pois, na busca do velocino, que Jasão se casa com Medeia, a mulher que, com seus encantamentos, mata Pélias em Iolco, Glaucé/Creusa e Creonte em Corinto e os seus próprios filhos com o herói. Desse modo, então, as relações entre o velocino de ouro e o matrimônio realizado por sua causa são funestas o suficiente para que Estácio inclua, no colar de Harmonia, parte de seu ouro – não há motivos para acreditar que Vulcano teria empregado todo o ouro do velocino na fabricação de sua vingança.

282-3. DAS COMAS SEVAS / DE TISÍFONE A CHEFE: sobre Tisífone, uma das Fúrias, cf. 1.52n; 1.59n. A chefe de sua seva mecha seria, pois, a principal das serpentes que lhe habitam a cabeça (cf. 1.91n).

283-4. E AS MALDADES QUE O CINTO / PERMITE: refere-se ao cinto de Afrodite, dotado de poderes misteriosos vinculados ao amor erótico (Il. 14.214-21, em que Hera pede que Afrodite lhe conceda o controle sobre os poderes do amor): ἤ, καὶ ἀπὸ στήθεσφιν ἐλύσατο κεστὸν ἱμάντα / ποικίλον, ἔνθα δέ οἱ θελκτήρια πάντα τέτυκτο· / ἔνθ' ἔνι μὲν φιλότης, ἐν δ' ἕμερος, ἐν δ' ὀαριστὺς / πάρφασις, ἥ τ' ἔκλεψε νόον πύκα περ φρονεόντων. / τὸν ῥά οἱ ἔμβαλε χερσὶν ἔπος τ' ἔφατ' ἔκ τ' ὀνόμαζε· / τῇ νῦν τοῦτον ἱμάντα τεῶ ἐγκάτθεο κόλπῳ / ποικίλον, ᾧ ἔνι πάντα τετεύχεται· οὐδέ σέ φημι / ἄπρηκτόν γε νέεσθαι, ὃ τι φρεσὶ σῇσι μενοινᾷς (“Disse e do seio / o cinto pespontado desprende, polícromo, / adornado de todos seus encantos: lá / o amor e o impulso de eros; o enlace de núpcias / e o enlevo sedutor, que mesmo aos sábios faz / perder o juízo. Tudo lhe depôs nas mãos. / E, nomeado seu nome, ela assim lhe falou: / “Toma. Cinge este cinto policolorido, / onde tudo se encontra.” – trad. Haroldo de Campos). Estácio põe, no colar de Harmonia, a própria arma de Vênus. A relação existente entre o colar e o matrimônio – Vênus é

a deusa que permite o amor em justos matrimônios – é novamente potencializada. Com o cinto da deusa, as maiores maldades que o amor permite estão, em uma curiosa escolha verbal feita pelo poeta (cf. Gervais, *ad loc.*), permitidas.

284. COM LUNAR ESPUMA UNGE O CONTORNO: ou seja, “unge toda a volta do colar com a espuma da Lua”. De acordo com Amar-Lemaire (*ad loc.*), os antigos acreditavam que, durante a noite, a Lua espargia sobre as ervas sua saliva (a **espuma**), que tornava venenosas as plantas que atingia – como em Valério Flaco (6.446-8): *hanc aduena Phrixus / quamuis Atracio lunam spumare ueneno / sciret et Haemoniis agitari cantibus umbras* (“e o estrangeiro Frixo, / que da lua espumar o Atrácio veneno / sabia, e agitar com Hemônios cantos as sombras”). (GERVAIS) “Espuma lunar e veneno estão associados com magia negra; para “espuma lunar”, cf. *Luc.* 6.506: [*Luna*] *despumet in herbas* [“para que a Lua espume nas ervas”]; 6.669: *uirus ... lunare* [“veneno lunar”]; Apul. *Met.* 1.3: *lunam despumari* [“a lua espuma”].”

285. ASTUTO: porque sabe dos poderes da saliva da lua. **COM HILÁRIO VENENO:** porque se alegrará com a sua vingança. Se o veneno causará dor em quem for por ele infectado, causará também alegria em Vulcano, por ver realizado o seu plano.

286-8. NEM PASÍTEA, PRIMEIRA ENTRE AS ... O TOCAM COM POTENTE DESTRA: não o influenciam, então, com o poder de seu toque, numes propícios, como Pasítea (cf. 2.286n), Decoro ou o jovem da Idália (cf. 2.287n), mas aqueles nocivos, como a Ira, o Luto, a Dor e a Discórdia.

286. PASÍTEA, PRIMEIRA ENTRE AS BRANDAS IRMÃS: a mais antiga das Graças – as **brandas irmãs** –, que eram responsáveis por espalhar a alegria pela natureza e entre os homens.

287. DO IDÁLIO, O JOVEM: Cupido, filho de Vênus. O Idálío é um monte consagrado a Vênus localizado na ilha de Chipre.

289-96. O SEU PRIMEIRO EFEITO: A CADMO ... DEPOIS LONGA SÉRIE: Estácio vincula o colar de Harmonia à ruína das mulheres de Tebas, tornando o artefato uma espécie de manifestação física da maldição tebana, como o classifica Gervais (*ad loc.*). Assim, o poeta lista suas influências em eventos que, em outros autores, independem da presença do colar, enriquecendo ainda mais a mitologia tebana com sua criação. No passo, condiciona à sua influência: a metamorfose de Harmonia em serpente – anteriormente, uma vingança de Marte pelo assassinato de um de seus monstros por Cadmo (cf. 2.289-91n); a morte de Sêmele por Juno, que a deusa, antes, realizara sem a ajuda do colar de Harmonia (cf. 2.292-3n); os incestuosos prazeres de Jocasta com Édipo (cf. 2.294-6n); e, por fim, a uma **longa série** de eventos não especificados

(cf. 2.296n).

289-91. A CADMO IMOTO UNIDA ... PEITO ABRIU RASTEJANTE NA ILÍRIA: a primeira obra do colar teria sido, pois, a transformação de Cadmo e Harmonia em serpentes. Sobre essa metamorfose, anteriormente entendida como a vingança de Marte pela morte da serpente sua filha, a qual tomava conta da fonte onde Cadmo ergueu a cidadela de Tebas, cf. 1.227-8n.

290. QUEIXAS MUDANDO EM SEVOS SILVOS: ou seja, mudando seus lamentos, por conta da transformação de Cadmo, em **sevos silvos**, expressão utilizada para referir-se ao som produzido pelas serpentes – cf. 1.115n.

291. CAMPOS COM O PEITO ABRIU RASTEJANTE NA ILÍRIA: em latim, *Illyricos longo sulcauit pectore campos*; a disposição das palavras no verso encena aquilo que elas dizem: *Illyricos ... campos* (“campos Ilíricos”), ocupando as duas extremidades do verso, são o acusativo de *sulcauit* (“sulcou”), bem no meio do verso; *longo ... pectore* (“com o peito longo”), entre os *Illyricos ... campos* e em torno do *sulcauit*, são um ablativo de instrumento ou meio. A ideia é a de que Harmonia (v. 2.290), com o seu peito extenso, uma vez que transformara-se em cobra, sulcou os campos da Ilíria. Nesta tradução, para que se mantivesse a mesma relação entre o que dizem as palavras do verso e o lugar em que aparecem, foram feitas pequenas alterações do ponto de vista semântico, mas sem comprometer, com isso, a cena descrita pelo poeta. Glosa: “com o peito rastejante, [Harmonia] fendeu os campos da Ilíria”.

292-3. MAL SÊMELE O NOCENTE MIMO ... JUNO ENTROU NAS PORTAS: sobre Sêmele e Juno, cf. 1.12n. É Estácio quem atribui, ao colar de Harmonia, influência na reviravolta que se abate sobre Sêmele: **incauta** (2.292), ela aceita a sugestão de Juno de pedir para Júpiter revelar-se a ela em sua divindade. Seria esse, pois, o modo de agir do colar sobre Sêmele – torná-la incauta com relação às consequências de seus atos, inclusive o de pender, em seu pescoço, o colar que fora de sua mãe.

294-6. E TU TAMBÉM, Ó INFAUSTA ... EM QUE LEITO O PRAZER!: sobre os infortúnios de Jocasta, cf. 1.17n; 1.68-70n; 1.70n. É novamente Estácio quem vincula as infelicidades de Jocasta à posse do colar que fora de Harmonia. No trecho, contudo, o poeta se refere especificamente ao leito incestuoso de Jocasta e Édipo (**em que leito o prazer!**) – cf. 2.296n.

296. EM QUE LEITO O PRAZER!: embora não revele como o colar influenciou Jocasta, Estácio sugere seu uso como uma peça de sedução, a qual, se não instada, era ao menos aprovada por Édipo – se não fosse, não haveria motivos para o lamento. Há também a possibilidade de a

passagem referir-se a seus amores com Laio, os quais teriam gerado Édipo, que, por sua vez, causara todo o infortúnio à mãe e à sua casa. **E DEPOIS LONGA SÉRIE:** Estácio interrompe drasticamente os males que o colar causou em Tebas para passar, a partir do próximo verso, à sua influência em Argos. De acordo com Gervais (*ad loc.*), é interessante perceber que “[...] em nenhum outro lugar o colar de Harmonia é implicado na ruína destas mulheres tebanas; pelo contrário, a transformação de Cadmo e Harmonia é uma punição vinda de Marte [...] [cf. 1.127-8n], a Morte de Sêmele é um estratagema de Juno (e aqui também, mas agora a deusa parece estar atuando sob a influência do colar), e a ruína de Jocasta deriva, em última instância, de um oráculo délfico. O colar, uma manifestação física da maldição tebana, conecta aquilo que era, antes, uma série de desastres sobrenaturais sem vínculo entre si.”

297-8. ORA ARGIA COM O MIMO ... ORNADA, TRANSPÕE SEU ADORNO: chega o narrador à situação presente do colar, sob a posse de Argia. Perceba-se que Estácio não revela, aqui, o infortúnio de Argia, seja porque o destino de seu casamento é certo – a morte de Polinices –, seja porque, assim, deixa apenas sugerida a ruína, deduzida a partir do infortúnio das mulheres tebanas que o possuíram – cf. 2.289-96 e comentários *ad loc.*

299. DO VATE POR MORRER, A ESPOSA O VIU: isto é, “a esposa do vate à beira da morte viu o colar”. Refere-se a Erifile, irmã de Adrasto e esposa de Anfiarau, adivinho argivo que se juntará aos outros generais na incursão contra Tebas (cf. 1.42n) depois de ser convencido por sua esposa – a única influência direta do colar na guerra. Diz **do vate por morrer** como se adiantasse os presságios de Anfiarau durante o Canto Terceiro, a partir dos quais saberá certa sua morte durante a incursão rumo a Tebas – sobre isso, cf. 3.546-7n.

299-300. NAS CEIAS / E ANTE AS ARAS: ou seja, tanto durante os banquetes realizados por conta das bodas de Argia, como durante a celebração do casamento.

301-2. AH! SE A DEIXASSEM TER O ATROZ ENFEITE, / NENHUMA AJUDA, ENTÃO, DOS VIZINHOS AGOUROS: caso lhe fosse dado – a Erifile – ter o colar de Harmonia, que Argia ostentava durante as celebrações de seu matrimônio (2.299-300), a ajuda ofertada pelos **vizinhos agouros**, os quais ela própria viu, de nada valeria, dada a **selvagem inveja** (2.300-1) que ela nutria por causa do colar. Há desentendimento entre os comentadores, porém, no que diz respeito a quais seriam os **vizinhos agouros** (*auguriis ... propinquis*, em latim) a que se refere Estácio. Para Gervais (*ad loc.*), que os entende como “agouros parentes”, seriam presságios revelados a Anfiarau, dos quais Argia teria conhecimento. Até o momento, porém, não houve menções sobre presságios revelados a Anfiarau sobre a guerra, os quais só serão descritos durante o Canto Tercei-

ro (cf. 3.451-551 e comentários *ad loc.*, esp. 3.546-7n). Lactâncio, Amar-Lemaire e Barthius (*ad loc.*) defendem que os **vizinhos agouros** (no sentido de “próximos”, manifestados no presente) dizem respeito àqueles presenciados durante o cortejo nupcial no templo de Atena (cf. 2.249-61 e comentários *ad loc.*), uma leitura mais provável do que a escolhida por Gervais.

303-5. QUE CHORO ELEGES, ÍMPIA ... FÚRIAS AOS FILHOS POR QUÊ?: o narrador apostrofa Erifile, deixando claras as consequências de seu desejo: **choro** e **perdas** – as **armas vãs** do esposo (cf. 2.304-5n) e as **insontes fúrias** de seus filhos (cf. 2.305n).

304. TU MERECES: diz, então, que Erifile é digna dos males que deseja (cf. 2.303-5n), uma vez que será levada a convencer Anfiarau de sua participação na guerra (sobre sua força nas decisões do marido, cf. 1.399n) após conseguir o colar de Harmonia, que tanto cobiça – sobre sua ação em relação à guerra, cf. 4.187-213 e comentários *ad loc.*

304-5. ARMAS VÃS POR QUE AO POBRE / MARIDO: a morte de Anfiarau na guerra contra Tebas é certa, e o vate saberá disso (cf. 3.546-7n). Suas **armas**, então, serão **vãs**.

305. INSONTES FÚRIAS AOS FILHOS: sabendo de sua morte, Anfiarau, antes de partir, fez que seus dois filhos prometessem vingá-lo matando a sua própria mãe e organizando uma segunda incursão a Tebas. Conhecida como a batalha dos Epígonos, a segunda incursão logrou êxito e derrubou a cidade. As **fúrias** são **insontes** porque, nesta segunda incursão, os filhos tomam o partido de seus pais.

306-62. DEPOIS QUE AS RÉGIAS CEIAS ... DUAS URBES MARCHARÁS RAINHA: terminadas as celebrações do casamento das filhas de Adrasto (2.306-7), o foco narrativo retorna imediatamente para Polinices, que relembra seu fado olhando em direção a Tebas (2.307-8). Percebendo a agitação que toma conta do esposo e pressentindo-lhe as intenções (2.309-32), Argia questiona Polinices e seus anseios pelo trono tebano, temendo o bem de seu esposo (2.332-52). Este, percebendo a angústia da esposa, busca tranquilizá-la e pede que ela se imagine sendo rainha em duas cidades (2.352-62), tentando convencê-la por meio da ganância. Debra Hershkowitz (1997) considera a cena entre Polinices e Argia uma retomada da cena que se passa entre Vênus e Júpiter em Virgílio, que ela própria tipifica como uma cena de *parce metu* (“refreia tu o medo”), durante a qual o deus tenta acalmar, no peito de Vênus, os temores em relação ao futuro de seu filho, Eneias (A. 1.223-96). Para a autora, porém, diferentemente de Júpiter, Polinices é incapaz de acalmar os temores da esposa, uma vez que não sabe nem tem voz sobre os fados. Esta, contudo, seria apenas a primeira das quatro cenas que Estácio teria baseado no mesmo diálogo virgiliano (*Theb.* 3.260-316; 3.678-721; 7.145-

226), e todas elas, para Hershkowitz, ao reencená-lo falham em algum ponto. Ao final de sua análise, conclui a autora: “No épico de Estácio, o intertexto e, no caso desse tipo de interação intertextual ora examinada, o modo pelo qual o texto modifica o intertexto através de múltiplas repetições (intertextuais) é de vital importância para a interpretação do texto. Se Estácio está tentando rivalizar com as cenas de *parce metu* de Virgílio as imitando, com uma *uariatio* maneirista, quatro vezes, ele não está fazendo um trabalho muito bom porque nenhuma de suas cenas funciona [como as de Virgílio]; mas, se os personagens de Estácio estão tentando rivalizar com os personagens de Virgílio ao repetidamente tentarem encenar a situação encontrada na *Eneida* em contextos e de formas nas quais ela não funciona e não pode funcionar, então Estácio está realizando algo bastante interessante com Virgílio, na verdade” (1997, p. 51-2). Para as mais relevantes comparações realizadas pela autora, cf. comentários *ad loc.*

Argia, por sua vez, terá uma participação relativamente importante especialmente em eventos que antecedem a guerra e nos que a sucedem também. Esta é a primeira vez que tenta interferir na incursão a Tebas, buscando dissuadir o marido de voltar sozinho para sua terra natal. Na sequência do poema, ainda pedirá a seu pai que ajude Polinices na condução da guerra contra os tebanos (cf. 3.678-721 e comentários *ad loc.*) e fará com que Polinices entregue a Erifile o colar de Harmonia (cf. 4.196-213 e comentários *ad loc.*). Já ao final do poema, comandará o grupo de mulheres que marcham de Argos a Tebas com o intuito de enterrar e velar os seus mortos (12.105-40), mas, antes de lograr seu objetivo, ordenará que suas companheiras dirijam-se a Atenas para implorar a Teseu que intervenha junto a Creonte para que os cadáveres dos tebanos possam ser recolhidos (12.195-204): *tunc ad comites conuersa Pelasgas, / 'uos' ait 'Actaeas acies Marathonique arma / elicite, aspiresetque pio Fortuna labori. / me sinite Ogygias, tantae quae sola ruinae / causa fui, penetrare domos et fulmina regni / prima pati; nec surda ferae pulsabimus urbis / limina: sunt illic soceri mihi suntque sorores / coniugis, et Thebas haud ignoranda subibo. / ne tantum reuocate gradus: illo impetus ingens / auguriumque animi* (“então, voltada às companheiras Pelasgas, / ‘vós,’ disse, ‘Áticas hostes e armas Maratônias / evocai, e que inspire o pio labor Fortuna. / Deixai-me – eu, que das ruínas sozinha fui causa – / entrar nas casas de Ógige e, do reino, os primos / raios sofrer; não pulso, da urbe fera, surdos / portões: ali estão meus sogros e as irmãs / do esposo: a Tebas, ignorada não me assomo. / Não revoquem-me os passos: p’ra lá, forte o ímpeto / e o augúrio do ânimo”).

306-7. DEPOIS QUE AS RÉGIAS CEIAS E AS FESTAS VULGARES / PREENCHERAM DOZE DIAS: Gervais (*ad loc.*)

chama a atenção para a duração das festividades referentes às bodas das filhas de Adrasto. Conforme esclarece o autor, tamanha duração não parece condizer com nenhuma das práticas romanas conhecidas referentes aos casamentos, mas a expressão *bis seni ... dies* (**doze dias**) se assemelha à forma pela qual Virgílio se refere a um período de trégua, decretado por Eneias, em meio à batalha entre os troianos e os latinos, durante o qual cumprem-se as exéquias dos mortos (A. 11.133-5): *bis senos pepigere dies, et pace sequestra / per siluas Teucrimixtique impune Latini / errauere iugis* (“doze dias, em tréguas, juntos vagam / por monte e selva os Teucros e os Latinos” – trad. Odorico Mendes).

307-8. SEUS OLHOS O ISMÊNIO / HERÓI VOLTOU A TEBAS, BUSCANDO SEUS REINOS: refere-se a Polinices, que torna a pensar em Tebas e em seu reinado na terra pátria – cf. 1.312-23 e comentários *ad loc.* Sobre o uso de **Ismênio**, cf. 1.673n; 1.39n.

309-21. SOBE AO ÂNIMO O DIA EM QUE ... A ALONGADA ESPERANÇA: passada a cerimônia de casamento, Polinices é assaltado (**Sobe ao ânimo**) pela lembrança do dia em que deixou Tebas, e relembra todos aqueles que cultuaram seu irmão como rei e os que lamentaram seu exílio em terras distantes (2.316-9). Após as lembranças, começa a ser atormentado pela **dor** e por uma **ira insana**, bem como pela **esperança** (2.319-21). Durante sua marcha rumo a Argos, Polinices também teve em mente Tebas, mas pensando no dia em que para lá retornaria e veria o seu irmão sendo deposto para que ele enfim subisse ao trono (cf. 1.312-23 e comentários *ad loc.*). Agora que já se estabeleceu em Argos, à lembrança se assoma o dia em que se tornou um **civil** (cf. 2.310n), abandonado pelos seus e pelos deuses (2.309-13).

309-10. BENIGNA A SORTE / DO IRMÃO: ao que parece (cf. 1.164-5n), em Estácio, a escolha de qual dos irmãos reinaria primeiro coube à sorte. Em outras fontes, Etéocles é dito o mais velho entre os dois, assumindo o trono, assim, por direito. Pode-se supor, porém, que a referência é à sorte de ter nascido primeiro (cf. 2.428n).

310. CIVIL QUEDOU-SE NO PAÇO EQUIÔNIDA: a palavra **civil** (*priuatus*, em latim) ocorre duas vezes na *Tebaida*: uma referindo-se a Etéocles (cf. 1.189n), e esta, a Polinices. Embora tenha o sentido de “cidadão comum, homem privado”, que ora se verteu com **civil**, é interessante pensar, seguindo Gervais (*ad loc.*), que a mesma palavra latina empregada por Estácio, *priuatus*, tal como sua correspondente direta em português, “privado”, tem o sentido de “destituído, desapossado”, situação na qual se encontra Polinices. **PAÇO EQUIÔNIDA:** isto é, o palácio de Equíon (cf. 1.7-8n). É dizer “tebano”.

311. VENDO PARTIREM DEUSES: vendo-se abandonado pelos deuses. Como em Lucano (2.727-8):

lassata triumphis / descivit Fortuna tuis (“preteriu-te / a Sorte já cansada dos teus galardões” – trad. Brunno Vieira).

311-2. EM NERVOSO CAOS, / SÓCIOS FUGINDO: para Gervais (*ad loc.*), um indício de que, para aqueles que suportavam Polinices em detrimento de Etéocles, a alternância ao trono tebano era um sistema falho.

312. E O FLANCO NU: sem ninguém a seu lado.

313-4. SÓ UMA IRMÃ, OUSADA, AS TRISTES VIAS / DO EXILADO SEGUIU: Antígone, uma das irmãs de Polinices (cf. 1.17n). Na versão de Sófocles (*Antígone*), após a morte dos irmãos Antígona vai contra seu tio Creonte, que herda o cetro de Tebas, e vela seu irmão Polinices com honras funerárias adequadas à sua origem, fato pelo qual é condenada e acaba se matando. Na *Tebaida*, também contrariando a ordem de seu tio, Antígone também será responsável pelas exéquias de Polinices, mas dividirá a tarefa com Argia – sobre isso, cf. 1.35-6n. Ao fazê-la acompanhar Polinices até os portões da cidade (2.314-5), Estácio reforça o laço fraternal existente entre os dois, evidente já na peça de Sófocles.

314-5. MAS NOS PORTÕES CENTRAIS / A DEIXOU, E A AMPLA IRA ENCERROU O SEU CHORO: como destaca Gervais (*ad loc.*), embora se possa esperar uma cena patética de despedida entre Antígone e Polinices, a narrativa a abandona nos portões de Tebas assim como o faz o herói, deixando que a raiva pelo irmão suprimisse suas lágrimas de tristeza ao deixar para trás a irmã – por isso diz que **a ampla ira** fez cessar seu pranto.

316-9. OS QUE LEDOS PASSAVAM, OS QUE ... POR TODOS OS DIAS / LISTOU: o pensamento de Polinices, antes mesmo de ter a certeza de que o trono seria-lhe negado pelo irmão, sugere que o herói ansiava vingar-se daqueles que, na divisão do trono, alegraram-se com a sorte de Etéocles: tendo claro em sua mente os que sentiram por seu exílio (**os que notou ao prófugo / pranteando**), a lembrança dos que se alegraram (**os que ledos passavam**) e dos que rendiam honras a seu irmão entronado (**os que ao rei injusto / rendiam vital culto**) parece ser a principal causa da **dor** e da **ira insana** que lhe corroíam a **alma** (2.321). Além disso, o seu possível anseio por vingança acaba por aproximá-lo de Etéocles, uma vez que esse pode ter sido o motivo que levou seus sócios à fuga quando Etéocles subiu ao trono (cf. 2.311-2n).

317-8. OS QUE NOTOU AO PRÓFUGO / PRANTEANDO: ou seja, “aqueles que notou lamentarem o seu exílio”.

318. A CADA NOITE E POR TODOS OS DIAS: assim como os pensamentos com relação a Tebas de-

monstram que Polinices, logo após o casamento, volta a seu normal (cf. 2.309-21n), também seu comportamento com relação ao assunto, que o fazia pensar dia e noite em Tebas, retorna (cf. 1.316-7).

321. A A LONGADA ESPERANÇA: a esperança que por longo tempo se mantém.

322-3. A DIRCE E À CASA OBSTADA / DE CADMO SE ARMA: revolvendo em seu peito esses pensamentos (2.316-21), Polinices enfim decide preparar-se para retornar a Tebas (a **Dirce**) e ao paço tebano (a **casa obstada de Cadmo**). Para o uso de **Dirce** como forma de referir-se a Tebas, cf. 1.38n; 1.152n; 2.142n.

323-32. COMO O TOURO LÍDER, ÓRFÃO ... NA MENTE O TEUMESO / VIBROU: novo símile de touros (cf. 1.131-9). Assim como no caso dos símiles náuticos (cf. 2.105-8n), é possível ver, neste, o desenrolar do conflito entre os irmãos: em 1.131-9, logo após Tisífone irromper sobre a casa de Édipo (1.123-30), compara-se a discórdia agindo no peito dos irmãos a touros que, não acostumados ao jugo, saem confusos e indomáveis pelos campos puxando o arado: desacostumados à discórdia, portanto, que agirá sobre ambos como um jugo, os irmãos são indomáveis. Ora, o símile diz respeito a Polinices, e não mais a ambos os edipônidas, comparando-o a um touro expulso do pasto por seu rival que, depois de assumir-se um prófugo, retorna mais forte e expulsa, por sua vez, aquele que o exilara. As relações com a história de Polinices e Etéocles são óbvias, mas chama a atenção o fator erótico presente no símile (2.324-5): **o que do pasto ordinário o triunfante / expulsou p'ra que ao longe à novilha mugisse**. A relação entre esta passagem e a situação de Polinices pode ser entendida levando-se em conta Virgílio (G. 3.209-41), que, segundo Gervais (*ad loc.*), foi a origem do *topos* dos touros rivais na literatura latina. Eis o início do trecho supracitado (G. 3.209-11): *sed non ulla magis uiris industria firmat / quam Venerem et caeci stimulos auertere amoris, / siue boum siue est cui gratior usus equorum* (“mas nenhuma indústria as forças consolida mais / que afastar Vênus e os cegos estímulos do amor, / seja de bois mais grato o uso, seja de cavalos”).

Em Virgílio, então, Vênus e os estímulos do amor são os principais responsáveis pelo aumento das forças de um touro – ou cavalo – afastado do pasto. Mais adiante, quando já exilado o touro, diz Virgílio (G. 3.228-34): *et stabula aspectans regnis excessit auitis. / ergo omni cura uiris exercet et inter / dura iacet pernox instrato saxa cubili / frondibus hirsutis et carice pastus acuta, / et temptat sese atque irasci in cornua discit / arboris obnixus trunco, uentosque lacessit / ictibus, et sparsa ad pugnam proludit harena* (“e, voltando os olhos ao estábulo, se afasta do avito reino. / Então, com todo o zelo, as forças exercita e, entre / duros rochedos, jaz a noite inteiri-

ra em cama descoberta, / com folhagens espinhosas e ardidas tabuas por pasto, / testando a si próprio e aprendendo a irar-se com os cornos, / lutando com os troncos das árvores e os ventos cansando / com golpes, com areia esparsa treinando para o combate”). O touro exilado, assim como Polinices, passa a preparar-se para a volta à sua casa assim que olha para o seu “reino avito” a partir do exílio ou enquanto se exila – *Theb.* 2.307-8 (**seus olhos o Ismênio / herói voltou a Tebas, buscando seus reinos**) e *G.* 2.228 (“e, volvendo os olhos ao estábulo, se afasta do reino avito”). Embora Polinices não tenha deixado, em Tebas, alguém por quem nutrisse amor venéreo, é outra paixão, a ira, que toma a sua mente (cf. 2.331) e parece agir conforme a cessação de Vênus e dos estímulos do amor em Virgílio: a **casa obstada** (cf. 2.322), portanto, age sobre o edipônida despertando-lhe a ira assim como Vênus obstada (*G.* 3.210) incita o touro a retomar os seus reinos avitos.

331. O TEUMESO: refere-se a um monte na Beócia, região da Grécia onde está Tebas (cf. 1.485n). É dizer, então, “tebano”.

332-52. A FIEL ESPOSA, POIS, O ENIGMA ... MELHOR SOGRO A TEBAS TE LEVAM: Hershkowitz (1997, p. 38-42) compara a ação de Argia na cena com as de Cornélia em relação a Pompeu em Lucano (*Luc.* 5.734-8) e de Vênus em relação a Júpiter em Virgílio (*A.* 1.229-53). Em Lucano, Cornélia, assim como Argia, está deitada e abraçada a seu marido durante o amanhecer (**No leito envolta jazendo, ao primeiro / alvor da Aurora** – 2.333-4) e percebe-lhe as angústias e as lágrimas que molham sua face (**Muito, a face tua imersa / no choro e magnas ânsias ladrando no peito / com a mão descubro** – 2.337-9); ao contrário de Argia, porém, Cornélia não fala ao marido, mas deixa que Pompeu tome a frente e lhe aclare os motivos de sua preocupação (*Luc.* 5.734-9): *nocte sub extrema pulso torpore quietis / dum fouet amplexu grauidum Cornelia curis / pectus et auersi petit oscula grata mariti, / umentis mirata genas percussa que caeco / uolnere non audet flentem deprendere Magnum. / ille gemens ... inquit* (“Ao fim da noite, expulso do sono o torpor, / quando afaga Cornélia nos braços o cônjuge, / que, tenso, as costas dava-lhe, pedindo um beijo, / vê úmido seu rosto e, abatida por cega / dor, não ousa flagrar as lágrimas de Magno, / que diz gemendo” – trad. Brunno Vieira).

Também com relação a Vênus, por fim, a atitude de Argia possui importantes diferenças. Ao chegar-se mais próximo de seu pai, por exemplo, Vênus não parece perceber que Júpiter, como Polinices e Pompeu (*supra*), demonstra certa preocupação (*A.* 1.227-9): *atque illum talis iactantem pectore curas / tristior et lacrimis oculos suffusa nitentis / adloquitur Venus* (“e a ele, tantas preocupações trazendo no peito, / mais triste e com os olhos tomados por brilha-

tes lágrimas, / falou Vênus”), e sobrepõe suas próprias angústias às paternas. Sobre isso, diz Hershkowitz: “Polinices, como Júpiter, foi perturbado por seu nervosismo. Vênus não parece ciente do nervosismo de Júpiter; seu próprio nervosismo é muito maior do que o dele. Argia também foi agarrada pelo nervosismo, mas o seu foi causado por suas preocupações com Polinices e especialmente pelo nervosismo do marido, que, em todo caso, supera o dela. Como Vênus, cuja pose de desamparo é traída pela autoconfiança de seu discurso, Argia, em sua vontade de suportar dificuldades em nome de Polinices, é mais forte do que a posição fraca que lhe é atribuída por seu marido, mas, ao contrário de Júpiter, Polinices é mais fraco do que a forte postura que ele atribui a si mesmo” (1997, p. 39).

332-3. A FIEL ESPOSA, POIS, O ENIGMA E O RUMO / SENTIU: refere-se a Argia, que teria percebido as preocupações de seu recém-esposo (o **enigma**) e pressentido sua ânsia de retornar a Tebas (o **rumo**).

333-4. NO LEITO ENVOLTA JAZENDO, AO PRIMEIRO / ALVOR DA AURORA: descreve Argia no tempo (**ao primeiro / alvor da aurora**) e no espaço (**no leito**), especificando ainda a sua posição: **envolta** – abraçada pelo marido. A posição em que se encontram, pois, pode explicar a afirmação de Argia de ter sentido, em Polinices, a face **imersa / no choro** e as **magnas ânsias** agitando-lhe o peito (2.337-9).

335. NADA AOS AMANTES ESCAPA: como em Virgílio, em que se fala do pressentimento que Dido teve da partida de Eneias (A. 4.296): *quis fallere possit amantem?* (“quem pode enganar um amante?”).

336. INSONES QUEIXAS SUSPIROS ANIMAM: em latim, *peruigiles acuunt suspiria questus*. O período em latim é, por causa da morfologia, ambíguo: *peruigiles ... questus* (**insones queixas**) pode ser uma construção nominativa ou acusativa plural, assim como *suspiria* (**suspiros**). Por conta disso, ora optou-se por uma tradução que também mantivesse a ambiguidade entre o sujeito e o objeto do verbo.

338. MAGNAS ÂNSIAS LADRANDO NO PEITO: em latim, *magnas latratia pectore curas*. (GERVAIS) “Hall imprime a variante *iactantia*; os outros editores, *latrantia*. Hershkowitz (1997, p. 39, n. 11) cita A. 1.227 (*illum talis iactantem pectore curas* [“ele, trazendo no peito tamanhas preocupações”]), um importante intertexto para a cena [...], para sustentar a primeira opção. Mas o mais impressionante *latrantia* – além de ser a *lectio difficilior* – pode ter sido facilmente corrigida por um escriba familiarizado com Virgílio, mas não familiarizado como o uso figurativo de ‘latindo’: de Homero (Od. 20.13: *κραδίη δέ οἱ ἔνδον ὑλάκτει* [“mas, no íntimo, o peito ladrou”]),

importada ao latim por Ênio (*inc. sed.* 481Sk: *animus in pectore latrat* [“o ânimo no peito ladra”]). Um argumento forte para *latrantia* vem de uma cena paralela nas *Siluae* (*Silv.* 2.1.12-3): *stat pectore demens / luctus et admoto latrant praecordia tactu* [“chega ao peito um insano / luto e, ao ser tocado, ladra o coração”] [...].”

339-40. PACTO ROMPIDO DE BODAS / NÃO ME MOVE, NEM MESMO UMA JOVEM VIUEZ: Argia diz não preocupar-se com o fim de seu casamento (o **pacto rompido de bodas**), nem com a possibilidade de tornar-se viúva ainda jovem. (LACTÂNCIO) “[Fala] como um orador. Por que, então, teme, se alega ser capaz de não se preocupar? Como em Virgílio (*A.* 10.42): *nil super imperio moueor* (“nada me move com relação ao império”).” (AMAR-LEMAIRE) “Completamente oratório. Diz que, de forma alguma, tem em mente o seu benefício, mas o do marido.”

341-2. EMBORA CRU O AMOR, E A CAMA, APÓS OS FLÂMEOS, / NEM QUENTE ESTEJA: seguiu-se, aqui, a leitura pela qual advoga Gervais (*ad loc.*): “[...] tradutores modernos [...] invertem o verdadeiro sentido (*e.g.*, Bailey: “ainda que meu amor esteja fresco e nossa cama não se tenha resfriado de todo após as núpcias”). Preferencialmente, “nosso amor não está maduro e nossa cama não está de todo quente após as núpcias”. Desde seu primeiro registro (*A.* 10.569-70: *sic toto Aeneas desaeuit in aequore uictor / ut semel intepuit mucro* [“assim, por todo o mar, Eneias se enfurece vitorioso / desde que a espada aqueceu pela vez primeira”]) o raro *intepescere* descreve o aquecimento, não o resfriamento: cf. esp. *Theb.* 5.113: *cui coniuge pectus / intepuit?* [“o peito ao cônjuge / esquentou?”]; *Ov. Ep.* 10.53-4: *et tua, quae possum, pro te uestigia tango, / stratraque quae membris intepuere tuis* [“os passos teus, os quais consigo em vez de ti, eu toco, / e as colchas que com teus membros se aqueceram”]. Com *crudus amor* [**cru o amor**], cf. *Theb.* 7.297-9 [...]: *puerum Lapithaona ... expertem thalami crudumque maritis / ignibus* [“ao menino Lápita ... inexperiente no tálamo e cru nas chamas nupciais”]. Por fim, o aquecimento, e não o resfriamento, é o assunto do que pode ter sido o modelo deste verso de Estácio (*A.* 7.356): *necdum animus toto percepit pectore flammam* [“o coração ainda não foi inteiramente ocupado por essa chama”]. Argia não quer dizer que ela e seu marido estão no auge de sua primeira paixão matrimonial, mas sim que o seu casamento não foi consumado – ou, pelo menos, não para a sua satisfação [...].” **APÓS OS FLÂMEOS:** os **flâneos** são os véus de cor de fogo que as noivas utilizavam no dia do casamento.

342-3. O BEM, APRESSO A CONFISSÃO, / TEU, AMADO, ME AFLIGE: isto é, “o teu bem me aflige, amado.” – cf. 2.339-40n.

343-5. INERME E SEM PARCEIROS ... DEIXAR TEBAS / SE TE A NEGAREM: Argia preocupa-se que Políni-

ces marche sozinho rumo a Tebas. Nesse contexto, **inerme** pode significar não que o herói marcharia desarmado, mas que o faria sem a companhia de um exército, ou mesmo de uma guarda. Sua outra preocupação é a de que o esposo seja preso por Etéocles caso lhe seja negado o cetro – ou, se acreditarmos no aspecto puramente retórico dos motivos que apresentou para sua preocupação (cf. 2.339-40n), de que Polinices seja morto.

346-7. DO ROUBO ORGULHOSO A FAMA NARRA O OUTRO, / E IMPÉRVIO A TI: isto é, a Fama narra Etéocles orgulhoso de ter tomado o trono para si, e também inacessível a Polinices.

347. E O ANO INDA NEM CONSUMIRA: Argia chama a atenção de Polinices para o fato de que, tendo Etéocles agido como seu inimigo, conforme a Fama declarava (cf. 2.346-7n), enquanto ainda reinava no seu ano de direito, o que não seria capaz de fazer agora, quando já invadira o tempo do irmão? (LACTÂNCIO) “[Etéocles,] que ainda não tinha completado o seu ano, foi um inimigo e alguém perigoso para ti; o que pensas que ele, agora, poderá planejar, quando certamente a preocupação de abandonar o império o atormenta?”

348-51. E OS VATES E AS ENTRANHAS ... NUNCA FALSA / JUNO ME VEIO: Argia lista uma série de presságios que a fazem temer pela ideia de Polinices. Estranhamente, porém, nenhum desses presságios foi listado durante a narrativa. Gervais (*ad loc.*) admite uma possibilidade um tanto engenhosa para resolver essa questão: para o autor, Argia estaria se referindo a Dido que, quando sabe da partida de Eneias, sente-se horrorizada com as antigas predições dos vates (A. 4.464-5): *multaque praeterea uatum praedicta priorum / terribili monitu horrificant* (“desde então, muitas predições dos vates primevos / com terrível aviso horrorizam”).

348. E OS VATES E AS ENTRANHAS, AMEAÇAS DOS DEUSES: refere-se ao haruspicismo, a prática da predição do futuro a partir da análise das entranhas de animais sacrificados.

349. E A AVE QUE DESCE: refere-se à ornitomania, ou ornitoscopia – a arte de predizer o destino pela observação do voo, do pio e da espécie das aves. **A TÚRBIDA IMAGEM DA NOITE:** o sonho que teve com Juno (cf. 2.350-1n).

350-1. PELAS TREVAS, LEMBRO, NUNCA FALSA / JUNO ME VEIO: além de guardiã de Argos (cf. 1.259), Juno presidia os casamentos. Sendo assim, não tardaria em se manifestar contra o casamento de Argia e Polinices – donde diz que Juno veio até ela **pelos trevas**, *i.e.*, através da escuridão: em sonho, portanto. (AMAR-LEMAIRE) “Diz isso porque Juno guardava Argos e, então, não iria enganar aqueles que mantinha sob sua tutela.”

351-2. NEM CIENTE ARDOR / OU MELHOR SOGRO A TEBAS LEVAM: Argia demonstra ciúmes, supondo

um **ciente ardor** (uma paixão) ou um sogro ainda melhor inspirando Polinices a voltar para Tebas.

352-62. BREVEMENTE, / RIU-SE O JOVEM ... DUAS URBES MARCHARÁS RAINHA: a postura de Polinices, o **jovem Equiônida** (cf. 2.353n), assemelha-se, como aponta Hershkowitz (1997, p. 37-42), à adotada por Júpiter perante a preocupação de Vênus com Eneias, seu filho (A. 1.254-96). Assim como o jovem herói, o deus supremo também sorri após a fala de sua filha, buscando, em seguida, confortá-la com um gesto (A. 1.254-6): *olli subridens hominum sator atque deorum, / uoltu, quo caelum tempestatesque serenat, / oscula libavit natae, dehinc talia fatur* (“Sorridendo-se o autor de homens e numes, / com gesto que a tormenta e o ar serena, / da filha ósculos liba, e assim pondera” – trad. Odorico Mendes). As primeiras palavras de ambos também se assemelham, dando às respectivas interlocutoras a mesma ordem: Polinices diz **do medo livra o peito** (2.336 – em latim, *solue metus animo*); Júpiter (A. 1.257): *parce metu, Cytherea* (“refreia o medo, Citereia”). Outro ponto em que se aproximam suas falas diz respeito a terem, ambas, os fados como um dos temas. Como aponta Hershkowitz, porém, por serem personagens de naturezas distintas (um humano e um divino), seu conhecimento sobre o porvir é bastante diferente. A partir de dois sintagmas adverbiais empregados por Polinices em sua fala – **um dia** (*olim*) e **talvez** (*fors*)–, a autora ressalta o contraste entre ambos os personagens, maior do que as semelhanças que suas atitudes e as palavras podem sugerir: “Quando Júpiter diz a Vênus *hunc tu olim caelo, spoliis Orientis onustum, accipies secura* (A. 1.289-90 [“a ele, um dia, tu, nos céus, / onusto de espólios do Oriente, / certamente aceitarás”]), ele quer dizer que, um dia, isso irá acontecer, uma vez que está fadado a isso [...], mas o *olim* [**um dia**] de Polinices é radicalmente diferente, evidenciando sua falta de conhecimento sobre seu próprio fado; em vez disso, ele depende da sorte (*fors aderii* [**talvez ... chegue**])). Essa incerteza questiona fortemente sua postura como Júpiter. Além disso, o comportamento anterior de Polinices na cena e aquele que imediatamente se segue a ela acabam com sua tentativa de desempenhar o papel de Júpiter, sugerindo que sua encenação das ações de Júpiter no Canto Primeiro da *Eneida* é uma falha completa” (1997, p. 38).

353. JOVEM EQUIÔNIDA: Polinices. Dizê-lo **Equiônida**, em referência a Equión (cf. 1.7-8n), é o mesmo que “tebano”.

355. E AS LÁGRIMAS ENTÃO CONTENDO: são as lágrimas de Argia, e não de Polinices, aqui referidas.

356-7. AO QUE TEM JUS DARÃO, / CRÊ, DE PAZ UMA DATA: ou seja, “será concedido um dia de paz

para aquele que tem o direito (**jus**)”. Polinices consola Argia do medo de que, sendo-lhe negado o trono de Tebas, não o deixem retornar para Argos (cf. 2.343-5n). Pensa o herói, então, que, a partir do momento em que for merecedor do trono tebano, ao se esgotar o ano destinado ao império de Etéocles, será recebido em paz para que assuma o cetro da terra pátria. A inocência de Polinices em relação a seu futuro não poderia ser mais explícita (cf. 2.352-62n), especialmente diante da consciência que Argia tem a respeito das dificuldades que esperam seu marido em Tebas. Se, contudo, Polinices afirma a paz retoricamente com o único intuito de acalmar Argia, é inocente com relação à força da esposa – sobre a força de Argia, cf. 2.306-62n; 2.332-52n.

357-8. A TI, MAIOR QUE A IDADE / A ANGÚSTIA NÃO CONVÉM: não convém que tu sintas uma angústia maior do que a tua idade pode suportar. Novamente aqui (cf. 2.356-7n) Polinices subestima a esposa, crendo-a pouco madura para lidar com preocupações tão grandes.

358-9. UM DIA OS FADOS SOUBE / O PAI SATÚRNIO: não que os tenha sabido **um dia** e, agora, não os sabe mais; mas porque os soube há muito tempo – sobre o emprego de *olim* (**um dia**) no passado, cf. 2.352-62n.

359. O PAI SATÚRNIO: Júpiter, o pai dos deuses e dos homens, é, por sua vez, filho de Saturno. Dizê-lo o **pai Satúrnio** é dizê-lo “o pai que é filho de Saturno”.

359-60. SE DOS CÉUS BAIXAR SEUS OLHOS / QUIS, E O CERTO GUARDAR SOBRE A TERRA, A JUSTIÇA: como em Virgílio, na fala de Eneias para Dido (A. 1.603-5): *di tibi, si qua pios respectant numina, si quid / usquam iustitiae est et mens sibi conscia recti, / praemia digna ferant* (“que, a ti, os deuses – se há numes que aos pios respeitem, se há / qualquer justiça e mente cônica de seu próprio respeito – / tragam prêmios dignos”). Digno do trono por direito (cf. 2.356-7n), Polinices evoca a Justiça como a mantenedora dos fados, mas somente se ela defender (**guardar**), na terra, **o certo** – *i.e.*, o que é justo, de direito.

361-2. TALVEZ TE CHEGUE A LUZ EM QUE OS MUROS VERÁS / DO ESPOSO: “talvez a ti chegue o dia em que verás as muralhas da cidade de teu esposo” – *i.e.*, Tebas. Sobre o emprego de **talvez** (*fors*, em latim), cf. 2.352-62n.

362. EM DUAS URBES MARCHARÁS RAINHA: é dizer, “senhora de Argos e Tebas”. Gervais (*ad loc.*) aponta aqui o que chama de um “final incrivelmente mau agourado”, que se cumprirá, de certa forma, no último canto do poema, quando se diz de Argia andando por entre os corpos dos mortos diante dos muros de Tebas (*Theb.* 12.280): *regina Argolicas modo formidata per urbes*

(“rainha, tarde em urbes Argivas temida”).

363-74. DISSE E DAS CARAS PORTAS ... DA IRMÃ OS ROGOS A VENCERAM: logo após conversar com sua esposa (cf. 2.306-62 e comentários *ad loc.*), Polinices se apressa a compartilhar seus pensamentos com Tideu e Adrasto (2.363-6). Depois de muito discutirem a melhor forma de reaver o trono tebano a Polinices, decidem-se por enviar um mensageiro até Etéocles para que o reivindique, e Tideu se voluntaria para a tarefa (2.367-71). Ao fim do passo, o narrador se refere, bastante brevemente, às tentativas de Deípile em demover a ideia de seu marido, mas pela pressão do pai e da irmã ela acaba desistindo (2.371-4). A cena entre Tideu e Deípile, que se poderia desenvolver nos mesmos moldes daquela entre Polinices e Argia (cf. 2.306-62 e comentários *ad loc.*), não recebe a mesma atenção do poeta, que a resume em apenas quatro versos.

363. DAS CARAS PORTAS: as portas de seu leito com Argia. Assim como é rápida a saída de Polinices de seu quarto, também é rápido o episódio em que narra ao sogro e ao companheiro suas ânsias por Tebas (2.363-74).

365-6. AO JUÍZO, APÓS A BRIGA, GRANDE / AMOR VENCEU: sobre a briga entre Tideu e Polinices, cf. 1401-34 e comentários *ad loc.* Adrasto, quando interrompeu a briga entre ambos, aventou a possibilidade de que a contenda fosse apenas uma forma de marcar o início de uma forte amizade entre ambos (cf. 1.472-81 e comentários *ad loc.*), um presságio que se cumpriu com o casamento, como agora afirma o narrador.

367-8. JÁ VÁRIAS VOLVIDAS, / NA MELHOR SUGESTÃO SE ASSENTARAM: em latim, *cum multa mouentibus una / iam potior cunctis sedit sententia*. É interessante como os verbos escolhidos por Estácio (*mouentibus* – **volvidas** – e *sedit* – **se assentaram**) dão movimento ao consílio entre Adrasto, Polinices e Tideu, fazendo com que se perceba certo esforço dos envolvidos até que todos concordassem com uma única proposta.

368-71. DO IRMÃO / PROVAR A JURA ... TIDEU / ASSUMIU POR SI PRÓPRIO: a estratégia escolhida é, a princípio, pacífica. Esse aspecto, porém, contrasta com o comportamento daquele que se voluntaria para dirigir-se a Tebas como o mensageiro de Polinices: Tideu, que na primeira vez em que foi mencionado no épico, já foi descrito como **imódico na ira** (cf. 1.41-2) – sobre seu comportamento explosivo, cf. 2.175n; 2.370-2n; 2.418-9n.

368-9. DO IRMÃO / PROVAR A JURA: pôr à prova o juramento do irmão, que se comprometera, em trato firmado com Polinices, a ceder-lhe o trono ao final de um ano de reinado – cf. 1.1-2n.

370-2. O AUDAZ TIDEU ... FORTE DA ETÓLIA / GENTE: é interessante perceber as características elencadas por Estácio para a apresentação de Tideu, as quais aprofundam o contraste com a estratégia aparentemente pacífica delineada por Adrasto e seus genros – cf. 2.368-71n.

371. ASSUMIU POR SI PRÓPRIO: diz **por si próprio** por ter-se voluntariado o herói para cumprir a missão.

371-2. DA ETÓLIA / GENTE: dentre os habitantes da Etólia, a região da Grécia onde está localizada a Cálidon – cf. 1.401n.

373. A ORDEM PÁTRIA: as ordens de Adrasto, provavelmente fazendo com que a filha deixasse de tentar dissuadir Tideu.

373-4. A VOLTA A SALVO / DO EMISSÁRIO: por ir a Tebas como um mensageiro (**emissário**), Tideu teria garantia de um retorno a salvo para casa. (LACTÂNCIO) “Porque seria nefasto assassinar um mensageiro. Os serviços do mensageiro são sacrossantos [...] de modo que andava, incólume, por entre as armas dos inimigos.”

375-88. JÁ ENTRE A COSTA E AS SELVAS ... A PALAVRA DEMANDEM: Tideu parte de Argos em direção a Tebas como o mensageiro de Polinices. O herói calidônio refaz, no sentido contrário (2.375-84), os passos de Polinices, que vinha de Tebas para Argos (cf. 1.312-89 e comentários *ad loc.*). Ao fim, encontra Etéocles sentado ao trono tebano, legislando como se ainda lhe fosse de direito o cetro e reclamando pela demora do irmão em solicitar seu turno no poder (2.384-9). Para as comparações com as localidades pelas quais Polinices passou, cf. comentários *ad loc.*

376. ONDE O LAGO DE LERNA ESTÁ: sobre Lerna, cf. 1.359n. Pausânias (2.37.5) emprega dois outros nomes para referir-se ao lago de Lerna: Fonte de Anfiarau ou Lago Alcione. De acordo com o autor, foi por ele que Baco desceu ao Hades em busca da sombra de Sêmele, sua mãe, para devolver-lhe a vida. Porque Lerna é uma região ao sul de Argos, no extremo oposto da estrada que conduzia a Tebas, portanto, Gervais (*ad loc.*) diz tratar-se mais de uma referência aos arredores de Argos do que, necessariamente, ao lago. Em se tratando de poesia, porém, não é incomum que a exatidão geográfica seja sacrificada em favor da construção de imagens – cf. 1.100n; 1.279-80n.

377. ADUSTA EM NÓXIOS / VAUS A HIDRA SE AQUECE: o monstro, habitante do pântano de Lerna, que Hércules matou em um de seus trabalhos – sobre o local, cf. 1.359n. Diz **adusta** porque, para matá-la, Hércules ordenou que, depois de cada decapitação, Iolau cauterizasse cada um dos pescoços do monstro para evitar que uma nova cabeça surgisse – sobre isso, cf. 4.168-

72n. Por isso, associa-se o calor ao lago de Lerna (*e.g.*, 1.359-60; 1.384 e comentários *ad loc.*), donde dizer que a Hidra ali **se aquece** – a despeito do emprego do presente do indicativo (*intepet*), a Hidra foi morta anos antes da passagem de Tideu pelo local.

377-8. COM RARO CARMÉ / MAL SOA A LONGA NÊMEA, E COM FRACOS PASTORES: sobre a Nêmea, cf. 1.355-6n. Isto é, “a Nêmea que não soa nem com o raro canto, nem com os fracos pastores”, pois que ainda temem o Leão de Nêmea, embora ele tenha sido morto já há muito tempo por Hércules – cf. 1.355-6n; 1.487n. A passagem pode parecer pleonástica, caso se entenda que o único som que os **fracos** – *i.e.*, não ousados – **pastores** fariam seria seu canto ao som da tibia. Pode-se entender, contudo, que, temendo o Leão de Nêmea, eles nem mesmo pastoreavam por aqueles campos, o que implica a inexistência dos sons de seus rebanhos.

379. ONDE AOS EUROS EOOS SEU FLANCO INCLINA ÉFIRO: conforme aponta Gervais (*ad loc.*), a referência corresponde aos versos 1.330-1 da descrição dos caminhos percorridos por Polinices: **A plaga onde o gentil Citéron tende ao plano / e inclina aos mares a cansada escarpa.** Com **Éfiro**, porém, não designa o Citéron, mas a cidade de Corinto (cf. 2.206-7n). Sobre os **Euros**, cf. 1.193-4n. **EOOS:** isto é, do oriente, do leste. Eoo pode ser um dos cavalos que puxa a quadriga do Sol, mas também a estrela da manhã. Eos (do grego *Ἥως*) é a Aurora.

380. O PORTO SISIFEU: refere-se ao porto de Cêncreas, no leste de Corinto. (GERVAIS) “Tideu está viajando pela estrada de Corinto para Elêusis, ao longo da costa sudeste do Istmo. Então, ele passa pelo leste de Corinto (v. 2.379) [e] passa o porto de Cêncreas (v. 2.380).” De acordo com Lactâncio (*ad loc.*), o nome advém de Sísifo, fundador de Corinto.

380-1. À TERRA OPONDO-SE / DO LEQUEU PALEMÔNIO SE AFASTA A ONDA CURVA: refere-se ao porto Lequeu, no oeste de Corinto. De acordo com Gervais (*ad loc.*), não é possível que Tideu, pelo caminho descrito, tenha passado pelos dois portos. Dessa forma, então, o trecho seria outra forma de se referir ao porto Sisifeu (cf. 2.380n). Assim, Tideu passa por onde: 1. se inclina o flanco Éfiro aos Euros Eoos (2.379); 2. se firma o porto Sisifeu (2.380); 3. se afasta do Lequeu Palemônio a onda curva, opondo-se à terra – sendo que 1, 2 e 3 se referem ao mesmo lugar, o porto de Cêncreas. (GERVAIS) “Esses versos [2.379-81] referem-se a Cêncreas (*Κεγχρεαί*), o porto leste de Corinto [...] Eles também mostram o impressionante controle que Estácio exerce sobre a genealogia mitológica. A expressão aparentemente super elaborada para o “leste” (2.379 **Euros Eoos**) é, na verdade, um casal de mãe e filho [...], uma vez que *Ἥως* [Eos, a Aurora] deu à luz os ventos [...] O senhor destes ventos, Éolo, filho de Hipotes (*Od.* 10.2: *Αἰολος Ἴπποτάδης* [“o Hipótada Éolo”]), pode ser confundido com, ou unido ao Éolo filho de Heleno

(e.g., Plin. *Nat.* 7.203; *Hyg.* 125.6; *D. S.* 4.67.3ss., 5.7.6-7), que gerou Sísifo e Átamas [...] Átamas era o pai de Palêmon [...], e Sísifo reinou em Éfiro (2.379).” **PALEMÔNIO:** de Palêmon (cf. 1.13-4n). (GERVAIS) “Melicertes/Palêmon [...] [após cair no Jônio com sua mãe] chegou à praia em Lequeu, o porto oeste de Corinto, onde foi encontrado por seu tio Sísifo, que instituiu os Jogos Ístmicos em sua honra.”

382. ENTÃO, TRANSPOSTA NISO: a referência equivale (Gervais, *ad loc.*) às presentes em 1.333-4: **aos rochedos de Círon e aos campos de Cila, / reinos do tírrio ancião, e à tranquila Corinto.** **NISO:** referência à cidade de Mégara, no norte do Istmo de Corinto – cf. 1.333n; 1.334n.

382-3. A TI, TRANQUILA ELÊUSIS, / SESTRO DEIXOU: **Elêusis** é uma cidade a noroeste de Atenas, quase no istmo de Corinto. Ao dizer, pois, que **sestro** a **deixou** (em latim, *laeuus abit*), quer dizer que Tideu virou à esquerda no caminho para Elêusis, tomando os rumos de Tebas, ao nor-noroeste de Elêusis. **TRANQUILA:** (AMAR-LEMAIRE) “Ou por causa de Ceres, que, mostrando o cultivo dos frutos [a dádiva da agricultura que a deusa deu a Triptólemo], mitigava os costumes dos homens, antes selvagens, ou porque não podiam estar entre as sacras Eleusínias [festas em honra de Ceres celebradas em Elêusis] a não ser aqueles que se entendessem como íntegros de vida e puros de crimes.” Gervais (*ad loc.*) considera, ainda, duas outras possibilidades: “Georgacopoulou (2005, p. 223) aponta que Elêusis, o último ponto de referência na viagem de Tideu, é **tranquila** em contraste com Tebas, que é governada pelo **duro Etéocles** (2.384). Uma última explicação: Clinton (1972) restaura a inscrição na base de uma estátua encontrada em Elêusis com o nome do pai de Estácio e argumenta que a estátua foi erigida no santuário de Deméter e Core em Elêusis. Estácio, então, reconhece a honra dada a seu pai destacando Elêusis com uma apóstrofe e um epíteto lisonjeiros.”

383. O AGRO TEUMESO: os campos nos arredores de Tebas – cf. 1.485n.

384. ÀS TORRES DE AGENOR ADENTRA: sobre Agenor, cf. 1.5n. É dizer que adentra às muralhas de Tebas.

384-7. O DURO ETÉOCLES ... DÁ NA VEZ DO IRMÃO: a passagem apresenta semelhanças com o momento em que Eneias vê Dido pela primeira vez em Virgílio (A. 1.505-8): *tum foribus diuae, media testudine templi, / saepta armis solioque alte subnixa resedit. / iura dabat legesque uiris, operumque laborem / partibus aequabat iustis, aut sorte trahebat* (“No ádito sacro, ao meio do zimbório, / de armas cercada, em sólio majestoso / senta-se. Os pleitos julga e leis prescreve, / regra e sorteia os públicos trabalhos” – trad. Odorico Mendes). Gervais (*ad loc.*) identifica, na cena, a “mais forte expressão da confusão político-erótica” envolvendo os personagens:

“quando Polinices deixou Argia [2.363], ele reencenou o abandono de Dido por Eneias, e agora Tideu (o representante e a ‘imagem mental’ [cf. 2.417-8] de Polinices) reencena o primeiro encontro de Dido e Eneias ao se aproximar de Etéocles: o irmão de Polinices substitui a esposa deste como um confuso objeto de desejo (pelo poder) [...] É claro que o tirano Etéocles não é Dido, mas ambos aproveitam as armadilhas do poder. Ambos estão cercados por *arma* [**armas**], mas as de Etéocles são *horrentes* [**hórridas**]; ambos realizam julgamentos (*iura* [**direito**]), mas Etéocles é *ferus* [**fero**] enquanto os declara; além disso, enquanto Dido decreta as leis (*leges*), Etéocles as quebra (*trans legem* [**além de leis**]);”

385. ENVOLTO POR HÓRRIDAS ARMAS: a partir do provável modelo para a construção da passagem, a primeira aparição de Dido na *Eneida* (cf. 2.384-7n), Estácio estabelece alguns contrastes entre a rainha cartaginesa e o rei tebano, sendo esta a primeira: embora ambos estejam cercados por armas (A., 1.506: *saepta armis* – “envolta pelas armas”), as de Etéocles são **hórridas**.

386-7. FERRO, AO POVO O DIREITO – ALÉM DE LEIS E TEMPO / DE REINO – DÁ NA VEZ DO IRMÃO: Dido procedia da mesma forma (A. 1.507-8 – acima), ditando leis e julgando pleitos; Etéocles, por seu turno, é dito um **fero** (*ferus*, em latim) promovendo a justiça (o **direito**) entre os seus após o tempo que lhe cabia (**além de leis e tempo / de reino**), já na **vez do irmão** – durante o tempo que era de Polinices por direito.

388. OBJETA QUE TARDE A PALAVRA DEMANDEM: já disposto a qualquer crime (2.387-8), Etéocles lamenta a demora do irmão em reclamar a sua palavra.

389-409. PAROU NO MEIO, UM RAMO ... EM FUGA A VOLTA LOGRES: entrando no paço de Etéocles, Tideu se detém no meio do salão (**parou no meio**) e, depois de apresentar-se (2.389-92), dirige-se diretamente ao rei, entregando a mensagem pela qual veio (2.393-409). A primeira fala de Tideu para Etéocles é construída com base em três argumentos: Etéocles desprezou a palavra dada ao irmão, desconsiderando o pacto que firmaram (2.393-8); Etéocles se manteve no trono durante o tempo que era do irmão por direito (2.399-405); e, refestelando-se nas riquezas da realeza, Etéocles menosprezou o sofrimento do irmão, devendo, agora, abdicar do trono e entregar o cetro a Polinices (2.406-9). A missão de Tideu entre os tebanos, enviado como um mensageiro por parte dos argivos, é afamada na literatura desde Homero. Ao contrário de seu precursor, porém, Estácio muda-lhe a cronologia e o assunto, uma vez que, no poema grego, Tideu é enviado ao palácio tebano quando os exércitos argivos já estão nas proximidades de Tebas, onde, em vez de solicitar o cetro a Polinices, o herói desafia os teba-

nos a uma disputa atlética, a qual ele vence. O local e a situação em que encontra o tirano também são diferentes, visto que não está Etéocles sentado em seu trono e rodeado por armas (cf. 2.384-7 e comentários *ad loc.*), mas divertindo-se durante um banquete em meio a seus convivas e familiares.

São três os momentos em que Homero lembra a ida de Tideu a Tebas (*Il.* 4.384-90): ἔνθ' αὖτ' ἀγγελίην ἐπὶ Τυδῇ στεῖλαν Ἀχαιοί. / αὐτὰρ ὁ βῆ, πολέας δὲ κιχήσατο Καδμεΐωνας / δαινυμένους κατὰ δῶμα βίης Ἐτεοκληΐης. / ἔνθ' οὐδὲ ξεινός περ ἑὼν ἱππηλάτα Τυδεὺς / τάρβει, μοῦνος ἑὼν πολέσιν μετὰ Καδμείοισιν, / ἀλλ' ὃ γ' ἀεθλεύειν προκαλίζετο, πάντα δ' ἐνίκᾳ / ῥῆϊδίως· τοίη οἱ ἐπίρροθος ἦεν Ἀθήνη (“foi aí que os Aqueus mandaram Tideu numa missão: / e ele foi, encontrando muitos dos filhos de Cadmo / banqueteadando-se em casa da Força de Etéocles. / Então, embora estrangeiro, não teve receio o cavaleiro Tideu, / apesar de só no meio de tantos filhos de Cadmo. / Desafiou-os para as contendias atléticas, e tudo ele ganhou / facilmente. Pois quem o ajudava era a deusa Atena.” – trad. Frederico Lourenço); também (*Il.* 5.800-8): ἦ ὀλίγον οἱ παῖδα εἰκότα γείνατο Τυδεύς. / Τυδεὺς τοι μικρὸς μὲν ἦν δέμας, ἀλλὰ μαχητής· / καὶ ῥ' ὅτε πέρ μιν ἐγὼ πολεμίζειν οὐκ εἴασκον / οὐδ' ἐκπαιφάσσειν, ὅτε τ' ἦλυθε νόσφιν Ἀχαιῶν / ἄγγελος ἐς Θήβας πολέας μετὰ Καδμείωνας· / δαίνυσθαί μιν ἄνωγον ἐνὶ μεγάροισιν ἔκνηλον· / αὐτὰρ ὁ θυμὸν ἔχων ὃν καρτερὸν ὡς τὸ πάρος περ / κούρους Καδμείων προκαλίζετο, πάντα δ' ἐνίκᾳ / ῥῆϊδίως· τοίη οἱ ἐγὼν ἐπιτάρροθος ἦα (“Pouco parecido contigo foi o filho que gerou Tideu. / Tideu não era de pequena estatura, mas um guerreiro! / Pois mesmo quando eu o proibia de combater / e exibir a sua potência, quando privado de Aqueus / foi a Tebas, para o meio dos Cádmiis, como mensageiro: / ordenara-lhe eu que jantasse tranquilo no palácio; / mas ele com seu ânimo valente, como sempre fora, / desafiou os mancebos dos Cádmiis e facilmente / os venceu a todos, tão próxima estava eu da sua pessoa!” – trad. Frederico Lourenço); e (*Il.* 10.283-90): Δεύτερος αὖτ' ἡρᾶτο βοὴν ἀγαθὸς Διομήδης· / κέκλυθι νῦν καὶ ἐμεῖο Διὸς τέκος Ἀτρυτώνη· / σπεῖό μοι ὡς ὅτε πατρὶ ἄμ' ἔσπεο Τυδεΐ δίῳ / > ἐς Θήβας, ὅτε τε πρὸ Ἀχαιῶν ἄγγελος ἦι. / τοὺς δ' ἄρ' ἐπ' Ἀσωπῷ λίπε χαλκοχίτωνας Ἀχαιοὺς, / αὐτὰρ ὁ μειλίχιον μῦθον φέρε Καδμείοισι / κεῖσ'· ἀτὰρ ἄψ ἀπιὼν μάλα μέρμερα μῆσατο ἔργα / σὺν σοὶ διὰ θεά, ὅτε οἱ πρόφρασσα παρέσθης (“Em segundo lugar rezou Diomedes, excelente em auxílio: / ‘Ouve-me também a mim, filha de Zeus, ó Atritona! / Segue-me como quando com meu pai, o divino Tideu, / seguiste para Tebas, quando ele foi mensageiro dos Aqueus. / Deixou os Aqueus de brônzeas túnicas junto ao Asopo / e dali levou uma palavra suave aos Cádmiis; / mas na viagem de regresso congeminou contigo façanhas / terríveis, ó deusa divina, pois de bom grado estavas a seu lado” – trad. Frederico Lourenço).

389-90. UM RAMO DE OLIVA O MOSTRANDO / NÚNCIO: a oliveira era símbolo universal de paz. Para anunciar suas intenções, então, os mensageiros percorriam os caminhos com um ramo da árvore à mostra – geralmente presos nas têmporas.

391-2. RUDE NO DISCURSO E PRONO À ARDÊNCIA / SEMPRE FOI: características nada recomendáveis para um mensageiro. Lactâncio (*ad loc.*) chama a atenção para o comportamento militar de Tideu – cf. 2.370-2n.

392. MAS, O JUSTO AO DURO UNINDO, DISSE: unido a justiça que viera demandar ao seu jeito rude de falar (cf. 2.391n). (LACTÂNCIO) “Sua fala não é branda, a qual poderia persuadir, mas áspera, a qual mais poderia inflamar. Também mostra mais um homem forte na milícia do que eloquente nas tarefas atribuídas.”

393-4. SE EM TI RESTASSE IGUAL A FÉ E O ZELO AOS TERMOS / DO PACTO: isto é, se o teu respeito com relação aos termos do acordo e a tua crença neles fosse igual aos que o teu irmão mantém.

395. NA ORDEM CERTA: ou seja, seguindo a ordem de alternância do cetro com a qual ambos concordaram ao firmar o pacto.

396. FAUSTO A SORTE DESPISESSE E AO REINO ABDICASSES: que abandonasse, pois, a sorte e deixasse o trono sem criar problemas (**fausto**). Gervais (*ad loc.*) aponta a ligação entre o uso de **despiesses** (em latim, *exuere*) e o símile de cobra empregado a seguir (cf. 2.411-4 e comentários *ad loc.*), como se, tal como uma cobra, Etéocles devesse mudar sua pele, desfazendo-se de vestes e símbolos reais.

397-8. P’RA O ERRANTE, QUE OFENSAS SOFREU EM CIDADES / NÃO SABIDAS: em latim, *uagus ille diu passusque haud digna per urbes / ignotas*. (GERVAIS) “Uma sutil evocação das andanças e sofrimentos de Eneias, o exilado romano arquetípico (A. 1.3-5): *multum ille et terris iactatus et alto / ... / multa quoque et bello passus* [“muito ele, em terras e mares, agitado / ... / muito também em guerras sofreu”]. Um exilado ele próprio (cf. 1.401-2 [...]), Tideu tem uma simpatia particular em relação à situação de Polinices. Mas Polinices é, agora, um príncipe da saudável Argos, sem mais andanças e sofrimentos por cidades desconhecidas [...]. É impossível dizer quanto Polinices vagou antes de chegar a Argos. Ele noivou com Argia na manhã seguinte de sua chegada ao reino de Adrasto [...], e a conferência matutina com sua esposa, durante a qual nós descobrimos que o ano designado a Etéocles já passou (cf. 2.347n), deu-se logo após o casamento. Mas nós não sabemos quanto tempo separou o noivado do casamento (os noivados romanos podiam ser tão curtos quanto um dia, ou tão longos como anos [...]). Com toda a

probabilidade, Polinices passou a maior parte do ano na estrada, antes de chegar a Argos [...].”

399. MAS, PORQUE É DOCE O REINO E GALANTE O PODER: (GERVAIS) “Muitos tradutores entendem corretamente como uma referência a Etéocles [...] Mas perceba que ela está inteiramente implícita; os sentimentos podem ser facilmente generalizados [...] Essa é a leitura de Lactâncio [*ad loc.*], mas, levando-a adiante, ele oferece uma ‘má interpretação’ tentadora: ‘não disse a *cupidez de Polinices em reinar o coagiu a te rogar* para que não parecesse maldizê-lo, mas caracterizou esse vício como sendo generalizado’.”

399. GALANTE O PODER: ou seja, “porque o poder é sedutor” – *blandum*, em latim (cf. 5.207-17n).

400-1. AO ORBE ASTRÍFERO, O HÁBIL CÍRCULO / VOLVEU: o **hábil círculo** refere-se à órbita completa de um astro pelo **orbe astrífero** – *i.e.*, pelo céu. Assim, Tideu se refere ao tempo de exílio de Polinices, que já dura uma volta completa dos astros pelos céu – que seria, neste caso, de mais de um ano.

401. À SERRA AS SOMBRAS PERDIDAS VOLTARAM: para Lesueur (*ad loc.* n. 36), refere-se à sombra causada pela folhagem das árvores, que já caiu e cresceu novamente. Mais uma forma de indicar o tempo do exílio de Polinices (cf. 2.400-1n). Para Lactâncio (*ad loc.*), porém, a volta das sombras diz respeito à sua mudança de posição causada pela movimentação sazonal do sol.

403-4. SOB JÚPITER / LIMPO: sob o céu aberto; sem um teto que possa abrigá-lo das intempéries. Sobre o uso de Júpiter como sinônimo de céus, cf. 2.154n.

405. A ESTRANHOS PENATES SUBMISSO: submisso aos penates (cf. 1.124n) cultuados em outros lares; estrangeiros, portanto.

406-7. BEM RICO DE OSTRO, EM OURO / NOBRE: ostro é um líquido de cor púrpura extraído de alguns moluscos e utilizado para tingir, desta cor, lãs e demais tecidos – a púrpura é, pois, a cor da realeza. É interessante perceber como, em toda a sua fala (2.393-409), Tideu se esforça por contrapor, à toda a alegria e sorte de Etéocles, bem como à riqueza em que vivia, o martírio e a pobreza que marcavam o exílio de Polinices (cf. 2.397; 2.402-3; 2.407).

407. DO ANO CARENTE DO INFAUSTO IRMÃO: há certo exagero nas palavras escolhidas por Tideu, uma vez que, apesar de todo o sofrimento que passara, o ano de Polinices não foi, de todo, nem infrutífero, nem infausto, tendo em vista que acabou aliando-se, por laços matrimoniais, a uma importante família real. Sobre isso, porém, cf. 2.397-8n.

408. ADVIRTO: há, na escolha vocabular, certo tom de ameaça no aviso de Tideu (em latim, *moneo*). **POR TI PRÓPRIO:** por vontade própria, sem que o irmão tenha que exigir seus direitos por outros meios.

409. PACIENTE, EM FUGA A VOLTA LOGRES: como fez Polinices, ao menos até agora – **em fuga** (em latim, *fugae*) é dizer “em exílio”. O aviso de Tideu, mensageiro de Polinices, contraria as palavras de Laio, mensageiro de Júpiter, segundo as quais Polinices, ao subir ao trono, agiria como Etéocles e negaria, ao irmão, o seu direito após terminado o seu ano de governo – cf. 2.109-10n; 2.116-7n.

410-51. DISSE, MAS SOB O CALMO ... DEIXAM CEDER O CETRO: antes da resposta de Etéocles, o narrador descreve o ódio se agitando no peito do rei durante a fala do mensageiro argivo (2.410-4); depois, o tirano reprova o tom áspero com que Tideu apresentou os termos da proposta do irmão (2.415-7) e, em poucas palavras, se nega a passar o cetro adiante (2.428-9). Na sequência, como se falasse diretamente a Polinices, diz ao irmão que se satisfaça com o reino argivo, que obteve por dote de sua esposa (2.430-8) e, por fim, apresenta os motivos para que não entregue o poder ao irmão (2.438-51): Argia, que não se acostumaria com a casa de Édipo; o próprio povo, já acostumado ao rei; e seus pais, Édipo e Jocasta, que, por causa da ira de Polinices e em reconhecimento aos esforços de Etéocles, não consentiriam que o cetro lhe fosse entregue.

410. SOB O CALMO PEITO: em latim, *tacito sub pectore*. Gervais (*ad loc.*) chama a atenção para a dimensão erótica dos afetos que agiam sob o peito Etéocles, uma vez que a formulação estaciana pode ecoar aquela em que Virgílio descreve como o amor por Eneias agia silenciosamente em Dido (A. 4.67): *tacitum uiuit sub pectore uulnus* (“tácita vive, sob o peito, a chaga [*i.e.*, do amor]”). Assim como o “ardor erótico” já foi comparado ao “ardor da raiva” de Polinices (cf. 2.323-32n), aqui a comparação parece ser feita com relação a Etéocles – ora, não por meio de um símile, mas por uma provável alusão.

411-4. TAL, POR PEDRA ATINGIDA ... ESCAMOSO O VENENO: ao lembrar-se de seu direito sobre o trono tebano, os afetos de Polinices foram comparados aos de um touro exilado (cf. 2.323-32n); ora, ao ser advertido por Tideu, Etéocles age de forma similar a uma cobra retirada de seu repouso por pedras nela atiradas (2.411), cuja sede, agitando-se por todo o seu corpo (2.413), induz à fauce e ao colo o seu veneno (2.414). É interessante perceber, pois, que as serpentes estão profundamente relacionadas com os mitos tebanos, seja por conta do monstro que Cadmo matou quando da fundação de Tebas (cf. 1.7-8n), seja por conta da sua própria trans-

formação, e de Harmonia também, em serpentes (cf. 2.289-91n). Ademais, a semelhança entre Etéocles e as serpentes já foi anteriormente sugerida – cf. 2.90n.

415. EM INCERTO SIGNO: ou seja, por meio de sinais ambíguos e pouco claros – por um presságio, por exemplo. **O PLEITO CÓGNIITO:** a queixa já sabida. Etéocles já esperava, como o verso 2.388 revelou, que Polinices reclamasse o seu direito.

416. E O CLARO SEGREDO DO ÓDIO NÃO SE ABRISSE: e o ódio secreto que acompanha a solicitação não se revelasse. (GERVAIS) “As palavras ecoam o virgiliano *fatorum arcana* [“os segredos dos fados”] (A. 1.262: *fatorum arcana mouebo* [“os segredos dos fados moverei”]; 7.123: *fatorum arcana reliquit* [“os segredos dos fados abandonou”]; cf. *Met.* 2.639: *fatorum arcana canebat* [“os segredos dos fados ele cantava”]; *Luc.* 5.198; *Quint. Decl.* 4.4; *arcana* [“segredo”] é usado de modo similar na *Tebaida*: 3.625 *arcana profari* [“a expor segredos”]; 8.279: *arcana deorum* [“os segredos dos deuses”]) sugerindo, como o é com frequência, as diferenças entre as duas épicas: a ascendência fadada do povo romano é transformada em um ódio que acende uma guerra civil.”

417-20. SÓ ME BASTAVA A FÉ, Ó TORVO, COM QUE, À MENTE / O TRAZENDO ... TE ENFURECES!: em latim, *sufficeret uel sola fides qua, toruus et illum / mente gerens ... praefuris!* Há, entre os editores, disputas com relação ao sentido de *fides* (**fé**) e com a forma do pronome *qua* (**com que**). Gervais (*ad loc.*) as resume da seguinte maneira: “A leitura de P (*quam seruo sed* [...]), não aceita por nenhum editor desde Kohlmann, é o trabalho de um escriba tentando dar a Etéocles mais exatidão para refutar as acusações de Tideu. Nessa leitura, Etéocles diria: ‘se o ódio do meu irmão e a querela comigo não fossem óbvios, minha fé – que eu mantenho [...] – teria bastado [...]; mas sua atitude beligerante torna claros os seus sentimentos’ [...] Mas essa leitura ignora o *ante* (2.416): Etéocles diz: ‘se o ódio do meu irmão e a querela comigo não fossem óbvias antes (*ante*), elas teriam se tornado suficientemente claras agora somente por essa fé’ [...] O sentido de *fides* é um pouco complicado. Se nós lemos *qua* (impresso por muitos editores e, aparentemente, lido por Lactâncio [...]), então *fides* deve significar ‘lealdade’ (OLD 8); em outras palavras, a lealdade de Tideu a Polinices, a qual o leva a compartilhar a raiva de Polinices e o ódio por Etéocles: ‘me seria suficiente essa bela lealdade pela qual você, seu escravo e seu porta-voz, me dá um gosto de sua fúria’ (Lesueur. Mozley e Hall também leem *qua* [...]). Se, porém, nós lermos *quam* (encontrado na maioria dos MSS, impresso por Garrod e Bailey), então *fides* significa ‘prova’ (OLD 4a); em outras palavras, a atitude beligerante de Tideu: ‘se o ódio do meu irmão contra mim não fosse, até agora, claramente óbvio, esta úni-

ca prova seria o suficiente, a qual você ... dá pelo seu comportamento furioso' (Håkanson [1973, p. 13-4] lê *quam* como um acusativo interno [*internal accusative*] com *praefuris* (2.420) [...]; Bailey traduz *quam* como um advérbio – 'a prova seria suficiente por si só. Quão selvagemmente furioso tu és, por antecipação!', mas *fides* é deixada sem um demonstrativo ou um pronome relativo). Eu prefiro a solução de Håkanson em parte porque ela permite que Etéocles rebaixe a *fides* 'lealdade' a uma mera *fides* 'prova'."

Ao que parece, porém, Gervais desconsidera a relação adverbial da forma pronominal *qua* com *praefuris* (2.420 – "tu te enfureces" –, um *hapax legomenon* estaciano). Nesta tradução, esses versos, os quais são lidos conforme Hall, foram vertidos entendendo-se *qua* como um adjunto adverbial de causa: "a fé por causa da qual ... te enfureces". Sobre o sentido de *fides* (fé), a entendemos como "lealdade" – o sentido que já parece ter sido adotado em outro momento do passo (cf. 2.393). Sendo assim, então, uma glosa da tradução para a passagem poderia ser: "se a sabida queixa do irmão me viesse em sinais ambíguos, e os claros segredos do ódio não se mostrassem para mim, bastaria somente a lealdade, por causa do qual te enfureces trazendo, ó torvo, em sua mente, Polinices."

417-8. À MENTE / O TRAZENDO: a construção é bela e engenhosa. Ao dizê-la, Etéocles refere-se ao fato de Polinices e seus afetos terem tomado a mente de Tideu, intensificando o seu comportamento (cf. 2.418-9n).

418-9 QUAL FOSSA QUE AOS MUROS CERCADOS / AFROUXA, E TROMPA QUE INDISPÕE TURMAS HOSTIS: ambas as imagens referem-se ao fato de Tideu ter tomado para si os motivos e os sentimentos de Polinices (cf. 2.417-8n), ilustrando situações em que uma atitude apenas intensifica algo que já estava certo: 1. se os muros já estão cercados, cavar fossas ao seu redor para que se lhe afrouxem as estruturas somente reforça o domínio sobre eles; 2. se as tropas já são inimigas, a trompa que soa somente aumenta a hostilidade entre elas. É, pois, assim que Polinices age sobre Tideu: presente em sua mente, o edipônida somente aumenta a fúria de Tideu, que é sempre caracterizado por sua inclinação à ira e suas diferentes manifestações (cf. 1.42; 2.368-70n).

420. OS TERMOS: os termos da proposta que traz a Etéocles. **BÍSTONES:** sobre os bístones, povo famoso por sua selvageria, cf. 2.82n; 2.86-8n.

421. GELONOS: tribo da Cítia cujos habitantes eram, aos olhos dos romanos, de uma notável selvageria. **DO ESQUIVO SOL PÁLIDOS:** isto é, eram pálidos porque o sol era, na região, **esquivo:** localizada mais ao norte, a região era mais fria.

422. MAIS SÓBRIO NO DISCURSO: no entendimento de Etéocles, o discurso de Tideu foi mais agressivo do que deveria – uma suposição provavelmente pautada na sua função como mensageiro. Já era de se esperar, porém, que o discurso de Tideu haveria de ser assim – cf. 1.42; 2.368-70n; 2.391-2.

423-4. POR CRIMES DE UMA MENTE EM FÚRIA / NÃO TE CULPO: MANDADO VENS: as palavras de Etéocles, que atribuem os crimes de Tideu, cometidos por causa de sua fúria, à sua função de mensageiro, estão revestidas de uma falsa generosidade, a qual se revelará na emboscada que o rei manda ser preparada durante a volta do herói para Argos – cf. 2.481-743 e comentários *ad loc.*

425. COM PAZ OU COM FÉ MEDIADORA: pensa na paz e na fé como mediadoras do pedido. A ideia da paz mediadora está presente em Virgílio (A. 11.133-5): *bis senos pepigere dies et pace sequestra / per silvas Teucro mixtique impune Latini / errauere* (“doze dias firmaram e, com a paz por mediadora, / pelas selvas os Teucros, misturados aos Latinos, impunemente / vagaram”).

426. MAS COM MÃO NO CABO: com a mão no punho da espada, uma imagem belígera que resume a postura adotada por Tideu.

426-7. P’RA O ARGIVO / REI REPORTA: refere-se a Polinices. Etéocles já trata o irmão como o rei de Argos, e não mais como um tebano.

427. AO TEU VÁRIO: seja porque a resposta de Etéocles será menos incisiva do que o discurso de Tideu, seja porque falará o contrário do esperado, negando o cetro ao invés de cedê-lo.

428. SORTE JUSTA: a justiça da sorte – do acaso, da fortuna – refere-se ao fato de Etéocles ser o mais velho entre os edipônidas. **HONRA DE ANOS PROPÍCIOS:** ser presenteado pela sorte justa com o cetro que detém é, pois, uma honra devida à sua idade, propícia para que o recebesse.

429. E POR MUITO TEREI: aqui, Etéocles anuncia claramente sua intenção de não passar o cetro ao seu irmão. Nos próximos versos (2.430-51), ele apresentará os motivos que sustentam a sua decisão.

430-51. COM POSSE SOBRE UM ... DEIXAM CEDER O CETRO: resposta de Etéocles a Polinices, a qual Tideu deverá reportar (cf. 2.462-7). É toda construída em segunda pessoa, como se o rei tebano falasse diretamente com o irmão.

430. COM POSSE SOBRE: em latim, a expressão se resume a uma preposição e um pronome pessoal: *te penes*, literalmente “em poder de ti.” Virgílio emprega a mesma construção em uma

fala de Amata a Turno (A. 12.58-9): *decus imperiumque Latini / te penes, in te omnis domus inclinata recumbit* (“o esplendor e o império de Latino / em tua posse, em ti recai esta casa inclinada”). (GERVAIS) “Ambos, Turno e Polinices, têm nas mãos o fado dos reinos que adotaram (Lácio e Argos).” **REINO DOTAL**: um reino herdado como um dote (2.430-1: **dom da Inácia / esposa**) – e não por uma conquista militar. A caracterização do trono argivo como um presente de Argia é importante, pois que, por meio dela, Etéocles busca desmerecer a realeza de Polinices à vista dos preceitos patriarcais vigentes na Antiguidade. (GERVAIS) “Cf. A. 9.737 (Pândaro a Turno): *dotalis regia Amatae* [“o reino dotal de Amata”]; 11.369 (Drances a Turno): *si adeo dotalis regia cordi est* [“se, então, um reino dotal está no coração”]. Polinices é novamente vinculado a Turno [cf. 2.430 – **com posse sobre**], e novamente Etéocles provoca seu irmão por ter ganho um reino de presente de uma mulher. A frase também tem uma força intertextual: Etéocles ecoa as palavras de seu avô Laio (2.112): **Argos, seu dote.**”

430-1. DOM DA INÁCIA / ESPOSA: um presente de Argia. Sobre o adjetivo, cf. 1.619n; 1.356n.

431. BENS DÂNAOS: o termo latino *Danaae* (“de Dânae”) não se refere a Dânao (cf. 2.222n), mas a Dânae (cf. 1.255n; 2.220n). De acordo com Gervais (*ad loc.*), agindo assim, Etéocles insulta a virilidade de Polinices duas vezes: a primeira, ao dizer que seu irmão conquistou um reino dado por um mulher (cf. 2.430n); a segunda, ao dizer que as riquezas desse reino são, novamente, oriundas de uma mulher, Dânae.

431-2. POR QUE INVEJARIA / NOBRES FEITOS?: isto é, “por que eu, Etéocles, teria inveja dos tão nobres feitos de Polinices?” Gervais (*ad loc.*) alega que os **nobres feitos** fazem referência aos **grandes feitos** (2.103) para os quais Laio chama a atenção em sua epifania. Sendo assim, Etéocles ecoaria outra vez o seu avô Laio (cf. 2.430n).

432-3. ARGOS, COM AGOUROS / FAUSTOS, E LERNA IMPERES: se, antes, Etéocles fez ecoar, nas suas, as palavras da sombra de seu avô (cf. 2.431-2), agora faz que ecoem as de seu próprio irmão falando sobre Argos logo após a proposta de casamento feita por Adrasto (2.195-6): **Do reino ... o auspício fausto / agrada.**

433-4. EU, OS SEVOS CAMPOS / DE DIRCE E A COSTA ESTREITA POR VAGAS DA EUBEIA: condizente com a ideia de que Tebas havia-se transformado em um reino pobre (cf. 1.150-1n), contrariada por Tideu em sua fala (2.406-7: **bem rico de ostro, em ouro / nobre**), Etéocles descreve seus domínios com termos nada lisonjeiros (**sevos campos** e **estreita costa**), como que para dizer ao irmão que, em Argos e Lerna (2.432-3), estava melhor do que se estivesse em Tebas.

434. DE DIRCE: é dizer “de Tebas”. Sobre **Dirce** e seus **sevos campos** (2.433), cf. 1.152n. **A COSTA ESTREITA POR VAGAS DA EUBEIA:** **Eubeia** é uma ilha da Grécia, separada da Beócia pelo Estreito de Euripo, e que se opõe a toda a costa dessa região. Com **costa estreita por vagas da Eubeia**, portanto, provavelmente se refira à costa estreitada pelas ondulações formadas no estreito, que dificultariam a navegação e a pesca.

435. SEM ME INDISPOR A PAI CHAMAR AO POBRE ÉDIPLO: (LACTÂNCIO) “Como um orador, argumenta como se, orgulhoso, se indignasse com Polinices.” (AMAR-LEMAIRE) “Talvez, Etéocles tenha sido informado de que o irmão silenciara sobre o nome do pai no palácio de Adrasto [cf. 1.465-7n; 1.673-95n].” (GERVAIS) “Uma complicada investida contra Polinices. Etéocles responde às misérias do exílio de Polinices [...] [cf. 2.406-7n] com as misérias da vida junto a Édipo. Ele reivindica a piedade filial para si próprio [...], sugerindo, ao mesmo tempo, que as várias conquistas de Polinices em Argos permitiram-lhe o luxo da indignação arrogante [...]. Finalmente, ele sutilmente relembra seu irmão de que, mesmo indignado como ele pode estar, ainda assim ele é filho de Édipo [...]. Tideu retomará este último ponto quando acusar Etéocles de ser o único filho de Édipo (cf. 2.464-5).”

436-7. EM TI É AMPLA – ORIGEM EM PÉLOPE E TÂNTALO – / A NOBREZA: sobre Pélope e Tântalo, cf. 1.246-7n. Etéocles relega a nobreza de Polinices à antiga casa de Tântalo, em Micenas – sobre a tênue distinção entre Argos e Micenas na *Tebaida*, cf. 1.279-80n –, cujos crimes são tão nefastos (cf. 1.325n) quanto os da casa dos labdácidas. Dessa forma, Etéocles parece lembrar a Polinices que, mesmo renegando Édipo como seu pai (cf. 2.435n), o nefas não o abandonou.

437-8. E MAIS PERTO EIS, PELO SANGUE UNIDO, / JOVE: ou seja, não só sua nobreza é farta ao ligar-se à família de Adrasto (cf. 2.436-7n), mas também a ascendência de Jove está mais perto: os edipônidas são a décima geração a contar do deus (Júpiter, Épafo, Líbia, Agenor, Cadmo, Polidoro, Lábdaco, Laio, Édipo e, por fim, os irmãos); Argia, por quem Polinices se junta à família de Adrasto, é a oitava geração (Júpiter, Tântalo, Níobe, Clóris, Pero, Tálao, Adrasto e, por fim, as irmãs).

439. A RAINHA: Argia, caso Polinices reinasse em Tebas. Etéocles ecoa, aqui, a promessa de Polinices a Argia (2.362): **e em duas urbes marcharás rainha**. **A QUEM:** as irmãs trarão ânsias à rainha (2.439-40) e os pais, Jocasta (2.440-1) e Édipo (2.441-2), a ofenderão.

439-40. A QUEM, POR JUS, NOSSAS IRMÃS, / TENSAS, FUSOS DARÃO?: novamente evocando a imagem de um reino pobre (cf. 2.433-4n), especialmente em comparação com o **luxo paterno** ao qual Argia estaria acostumada (2.438), pergunta Etéocles se a rainha se acostumaria a uma casa

onde Antígone e Ismene (**nossas irmãs, / tensas**) só poderiam oferecer a Argia seus **fusos**.

440-1. EM LONGO LUTO SÓRDIDA / A MÃE: Jocasta. (GERVAIS) “O *luxus* (**luxo**) de Argia [2.438], que foi conceitualmente contraposto à pobreza de Antígone e Ismene [cf. 2.439-40n], agora o é com o *luctus* [**luto**] de sua mãe (um contraste enfatizado por **sórdida**, que designa a aparência esquelética de enlutada; cf. a descrição de Jocasta em 7.474: *truces oculos sordentibus obsita canis* [“os selvagens olhos cobertos com as cãs imundas”]). Na sequência, a fonte de seu *paterne luxus* [**luxo paterno**], Adrasto, será comparado com a fonte das desgraças das mulheres tebanas, que já não é mais o *miser parens Oedipus* (cf. 2.435), mas o atual *sacer ille senex* (2.442 [**ancião maldito**]): a casa tebana não tem mais um pai famoso para apoiá-la, somente uma *sordida mater* [**sórdida ... mãe**] e um ancião maldito sem um nome.”

441-2. OUVIDO ÀS VEZES DE INTERIORES TREVAS, / O ANCIÃO MALDITO: refere-se a Édipo, o **ancião maldito** (i.e., “amaldiçoado”), que se recolheu aos imos escuros da casa após decidir e executar sua própria pena – cf. 1.49-51.

443. OS AIS DE PLEBE E DE PAIS PEJAM: em latim, *puget heu plebisque patrumque*. Não se refere Polinices aos **ais** (às queixas, descritas em 2.444-5) de seus próprios pais, mas dos pais em geral. Gervais (*ad loc.*) desdobra a breve explicação de Lactânio (*ad loc.*), alegando que os termos *plebs* e *patres* são comumente usados na literatura romana como uma forma de referir-se especialmente ao povo (*plebs*) e aos mais velhos da cidade (*patres*).

445. A UM DÚBIO TIRANO: a um tirano que, por sua instabilidade ao poder, seja considerado **dúbio**. Gervais (*ad loc.*) esclarece que, em Estácio, nem sempre o uso de **tirano** é pejorativo (como em 3.570 e 5.716, em que o termo indica, respectivamente, Adrasto e Licurgo), mas que é utilizado para descrever os governantes amaldiçoados de Tebas (como em 1.34. 3.82, 3.110 e 11.654-5 – *fatale tyrannis / flebilis Aoniae solium* [“fatal aos tiranos, / da lamentável Aônia o trono”]). No passo, diz o autor: “ao fim do verso, está fortemente vinculado ao termo romano *imperia* [**de chefes**] no início do verso. Combinado com os termos romanos de 2.443, *plebisque patrumque* [**de plebe e de pais**], ele convida a uma comparação entre o principado romano e a dissimulada e instável tirania em Tebas.”

446. NÃO POUPA O POVO O BREVE REINO: um reinado de curta duração não poupa o povo governado, trazendo-lhe consequências.

447. EM NOSSA CRISE: a crise do poder, envolvendo a disputa entre os irmãos.

448. VOU DEIXÁ-LOS, SE A ELES, SOB TI, CERTA É A PENA?: Polinices já passou em revista aqueles

que, em Tebas, prantearam seu exílio e os que renderam cultos a Etéocles (cf. 2.316-19n), sugerindo, assim, certo anseio por vingança – um pensamento que não passa em branco por Etéocles, embora não saiba o tirano que seu irmão o tenha considerado.

449-51. CONSENTE: NEM OS PAIS ... DEIXAM CEDER O CETRO: Etéocles defende que, se há algum respeito em relação ao que ele já conseguiu enquanto rei e se ele conhece a estima com que Édipo e Jocasta o consideram, nem mesmo seus pais consentiriam que o cetro fosse entregue a Polinices.

451-67. TIDEU MAIS NÃO DEIXA ... MAS DEMORO: mais hostil que em sua primeira fala (cf. 389-409 e comentários *ad loc.*), Tideu assume toda sua fúria e, vinculando Etéocles ao sangue criminoso dos ancestrais tebanos, do qual livra Polinices (2.458-65), prenuncia sua morte e a de seus soldados na batalha (2.453-7) logo após exclamar-lhe que ceda o trono (2.452-3). A impulsividade de Tideu fica clara, contudo, não só pela agressividade das palavras, mas também por ter interrompido o discurso de Etéocles (cf. 2.451n), maldizendo-o antes mesmo de o tirano ter encerrado seu discurso.

452-3. “CEDE,” / REPETE, “CEDE!: em latim, “reddes,” / *ingeminat* “reddes”. Tideu exclama a Etéocles para que entregue o cetro. A anáfora do verbo é sinal de ansiedade e nervosismo em Tideu, e voltará a se repetir mais adiante na narrativa, quando o herói finalmente chega no palácio argivo após a visita a Tebas (cf. 3.348-64n).

453-4. MESMO QUE, A TI, FÉRREO MONTE / CERQUE E QUE MURO TRÍPLICE: Gervais (*ad loc.*) aponta uma provável referência ao Tártaro conforme descrito por Hesíodo (*Theog.* 726-7): τὸν περὶ χάλκεον ἔρκος ἐλήλαται· ἀμφὶ δέ μιν νύξ / τριστοιχὶ κέχυται περὶ δειρήν (“corre, em volta, uma cerca de bronze; em torno dela, a noite / se espalha em três linhas como um colar”). O **muro tríplice**, então, é um muro que circunda três vezes aquilo que cerca.

454-5. COM NOVO CARME / CONSTRUA ANFÍON: mesmo que, com um segundo canto, Anfíon construa um **muro tríplice** (2.454) – sobre Anfíon, cf. 1.9-10n.

455. NEM FLAMA: refere-se, provavelmente, a flechas com as pontas em chamas.

456. TUAS AUDÁCIAS: é como uma audácia que Tideu caracteriza o que, até o momento, Etéocles disse e fez – nomeadamente, recusar-se a entregar o cetro a Polinices. **SOB NOSSAS ARMAS:** sob as armas argivas – de ἐμῶ ὑπὸ δουρὶ (“sob minha lança”), fórmula homérica encontrada na *Ilíada* (*passim*).

457. O CHÃO ESMURRES: implica a queda de Etéocles e também ecoa o momento em que Édipo

lança a maldição contra os seus descendentes (cf. 1.55n): **esmurra a terra inane e roga em voz ferina**. **COM TIARA CATIVA**: a insígnia dos reis. Diz **cativa** porque Etéocles a detém sem ter direito.

458. ÉS DIGNO: “mereces que essas coisas aconteçam contigo”. **OS VIS DE SANGUE**: em oposição aos de sangue nobre. São os mesmos cidadãos comuns pelos quais Etéocles disse temer (cf. 2.447-8).

460. BOM REI: há grande carga sarcástica, que se inicia em **és digno** (2.458), no vocativo empregado por Tideu, que, certamente tendo em mente a falsa preocupação de Etéocles com seu povo (cf. 2.447-8), esclarece o destino que eles terão nas mãos do soberano, que os lançará **à atra guerra** (2.259) e **à ruína** (2.460).

460-1. QUANTOS, AH CITÉRON, / FUNERAIS! TU, NO LEITO, Ó ISMENO, CRUENTO VAIS!: sobre o Citéron, cf. 1.114-22n; sobre o Ismeno, cf. 1.39n. Tideu apostrofa o monte e o rio mais característicos de Tebas, como se pagassem o preço da guerra que virá. Como em Virgílio, sobre Troia (A. 1.100-1): *ubi tot Simois correpta sub undis / scuta uirum galeasque et fortia corpora uoluit* [“onde tantos escudos lascados / e capacetes e corpos de heróis o Simoente carrega!” – trad. Carlos Alberto Nunes]; sobre a Itália (A. 8.538-40): *quam multa sub undas / scuta uirum galeasque et fortia corpora uolues, / Thybri pater!* [“que de armas, / de elmos vistosos, escudos e corpos de fortes guerreiros / arrastará, belo Tibre!” – trad. Carlos Alberto Nunes]; e, ainda, sobre o Tibre (A. 6.86-7): *bella, horrida bella, / et Thybrim multo spumantem sanguine cerno* [“percebo / guerras, terríveis encontros e o Tibre espumando de sangue” – trad. Carlos Alberto Nunes]. Também em Lucano, sobre Farsalo (Luc. 7.115-6): *quot regna iacebunt! / sanguine Romano quam turbidus ibit Enipeus!* [“quantos reinos vão jazer! / com o sangue Romano, quão túrbido irás, Enipeu”].

462. EIS A PIEDADE, A MAGNA FÉ: como em Virgílio (A. 6.879-80): *heu pietas, heu prisca fides inuitaque bello / dextera* (“Oh piedade! oh fé prisca! oh destra invicta!” – trad. Odorico Mendes).

462-3. DA GENTE OS CRIMES / NÃO ESPANTAM: Tideu se refere especificamente ao crimes cometidos pelos labdácidas, contrariando as palavras de Adrasto (cf. 1.690n), mas de acordo com os preceitos que guiaram Júpiter em sua vingança contra as casas de Tebas e Argos – sobre isso, cf. cf. 1.214-47n; 1.682-95n.

463. SABIDO O PRIMO AUTOR DO SANGUE: (GERVAIS) “A quem Tideu se refere? Lactâncio sugere Édipo, que pode estar relacionado aos dois versos que se seguem, mas é difícil de encaixar com

primus [**primo**] [...] Mulder entende Agenor (1.4-6: *gentisne canam primordia dirae, / Sidonios raptus et inexorabile pactum / legis Agenoreae* [**Da gente atroz a origem canto, / dos Sidônios o rapto, as ordens implacáveis / de Agenor**]) [...] Além disso, no canto anterior Júpiter identificou a si próprio como o *sanguinis auctor* [**autor do sangue**] de Tebas e Argos (1.224-5): *nunc geminas punire domos, quis sanguinis auctor / ipse ego, descendo* [**P’ra, ora, punir duas casas, eu, que sou autor / do sangue, desço**]. Tideu, é certo, não estava a par dessas palavras, e nem há qualquer razão para que ele maldiga o deus que evoca em 2.181 como *Iuppiter aequae* [**justo Jove**]. Mas o leitor nota o inconsciente insulto [...].”

464. DOS PAIS O ÍMPIO LEITO: o leito incestuoso de Édipo e Jocasta.

464-5. MAS O BERÇO ENGANA: / DE ÉDIPO, SÓ TU VEIO: Etéocles fizera questão de lembrar a paternidade de Polinices (cf. 2.435n); aqui, Tideu parece refutá-la. Para Gervais (*ad loc.*), a fala de Tideu demonstra uma tentativa de desvincular Polinices dos crimes tebanos, uma vez que ele enxerga o herói como uma pessoa moralmente melhor do que o seu irmão. Entender a acusação assim parece melhor do que considerar um possível questionamento da real paternidade de Polinices, além de ser uma leitura suportada pela própria escolha vocabular do texto: em latim, *sed fallit origo* (**mas o berço engana**), em que o verbo – *fallit* (OLD, “enganar”, “induzir ao erro”, “iludir”, “iludir com relação à natureza”) mais denuncia a diferença entre as atitudes de Polinices e aquelas de sua origem – o leito incestuoso dos pais (2.464) – do que nega, ao leito incestuoso, sua condição de origem.

465-6. ESSE O PREÇO DOS HÁBITOS / E DOS CRIMES: Tideu reforça as ameaças anteriormente feitas (cf. 2.453-8).

467-81. ISSO, AUDAZ, DA PORTA ... P’RA SEU REI TAMBÉM: Tideu deixa o paço de Etéocles e, por sua atitude entre as fileiras tebanas, é comparado ao javali calidônio entre os heróis que tentavam caçá-lo – sobre a caçada, cf. 1.453n; sobre o símile, cf. 2.469-77n. Gervais (*ad 2.467-9*) ressalta a dramaticidade da saída de Tideu, em consonância com o quão dramática será sua chegada ao paço de Adrasto (cf. 3.345-65).

467-8. DA PORTA PARA TRÁS / BRADOU: a cena apresenta certo movimento, aumentando sua dramaticidade (cf. 2.467-81n): enquanto falava (2.451-67), Tideu ia saindo do paço de Etéocles. Já à porta, concluiu com as ameaças, voltando o seu corpo para trás – em direção a Etéocles.

469-77. QUAL, DE DIANA, O VINGADOR ... A ELE, OBSTADO O REINO: símile envolvendo a caçada do javali de Cálidon (cf. 1.453n), cuja couraça Tideu utiliza como parte de sua armadura. (GERVAIS)

“A caçada ao javali calidônio aparece primeiro na *Ilíada* (9.529-46) e, depois, em grandes detalhes, nas *Metamorfoses* (8.260-97), que é a versão seguida por Estácio. O símile tem três sentidos. Primeiro, Tideu enfrenta os guardas de Etéocles como o javali correndo entre rochas e árvores [...] [cf. 2.467-9]. Depois, derrota a emboscada tebana, cuja primeira ação é perfurar a pele do javali calidônio que ele usa como proteção [...] [cf. 2.537-43]. Assim, ele temporariamente se desvincula do javali, que foi morto por seus caçadores; ao final, porém, ele também é derrubado, mas não por Meleagro [que matou o javali calidônio], e sim por Melanipo [cf. 8.716-27].”

469. QUAL, DE DIANA, O VINGADOR DE ENEU: refere-se ao ultor enviado por Diana para vingar-se de Eneu – sobre isso, cf. 1.453n.

471. QUANDO A ARMADA PELÓPIDA PREMEU: a armada de Pélope (cf. 1.246-7n) – é dizer, a armada do Peloponeso, que foi em auxílio de Meleagro durante a caçada do javali calidônio (cf. 1.453n), conforme afirma Ovídio (*Met.* 8.267-97).

472. AQUELOO: rio que separa a Etólia da Arcânia, regiões da costa norte do Golfo de Corinto, onde está localizada Cálidon.

473. JÁ TÉLAMON DEIXADO AO CHÃO, PROSTRADO IXÍON: Télamon foi o pai de Ajax, herói durante a Guerra de Troia, e irmão de Peleu, o pai de Aquiles. Ixíon era o rei dos lápitas e foi pai de Pírrito (cf. 1.475-6). Nenhum dos dois morreu durante a caçada, mas foram derrotados pelo javali de Diana.

474. MELEAGRO: sobre o irmão de Tideu, cf. 1.473n.

475. ABRANDANDO O FERRO NO OMBRO DURO: bela imagem criada por Estácio para descrever o ferimento de morte causado por Meleagro no javali. Assim construída, ela revela mais o aspecto belicoso da caçada, ora importantíssimo, do que a morte do javali – um aspecto do símile aqui construído que só se concretizará totalmente com a morte de Tideu pelas mãos de Melanipo (8.716-27), embora exista, logo na sequência, uma semelhança entre o ferimento causado pelos emboscados tebanos no ombro de Tideu (cf. 2.537-43).

476-8. O HERÓI / CALIDÔNIO ... / SE APRESSA: em latim, *Calydonius heros ... festinatque*. O trecho ecoa a partida de Polinices de Tebas, quando do seu exílio (1.376-7): **o herói Cadmeio ... / acelera** (em latim, *Cadmeius heros ... accelerat*).

477. QUAL FOSSE A ELE OBSTADO O REINO: já que, de acordo com Etéocles, Tideu trazia Polinices à mente (cf. 2.417-8n), não espanta que tenha agido como se o reino lhe fosse negado.

478-9. E O RAMO DE OLIVA ROGANTE / ROJA: em seu retorno, Tideu recusa o ramo de oliva que o identificava como um mensageiro, abrindo mão, assim, da proteção que sua função lhe garantia. Isso, porém, em nada ameniza a emboscada que Etéocles prepara para Tideu (cf. 2.486-8), uma vez que o herói calidônio livrou-se do ramo quando já estava longe dos olhos de Etéocles.

479. DO SUMO UMBRAL DA CIDADE: em latim, *tectorum e limine summo* (“do sumo limiar de suas casas”, em tradução palavra por palavra). Gervais (*ad loc.*) argumenta que as mães assistem a partida de Tideu não do umbral de suas casas, mas dos portões da cidade – o **sumo umbral** –, de onde veem Méon retornando como o sobrevivente da emboscada feita para Tideu (cf. 3.53).

480-1. FERO / ENIDA: o fero filho de Eneu (cf. 1.42n), ou seja, Tideu.

481. E, EM CALMO PEITO, P’RA SEU REI TAMBÉM: essa informação depõe contra a popularidade de Etéocles junto a seu povo, o qual ele disse já acostumado a seu jugo (cf. 2.442-3), e retoma a silenciosa discordância dos tebanos com relação a seu rei (cf. 1.169-70).

482-95. VELOZ NO ENGENHO ... ARMAS DIGNO ÉS DITO!: a narrativa se descola de Tideu e, enquanto ele se embrenha por seus caminhos de volta a Argos, acompanhamos Etéocles em seu paço, que recruta jovens guerreiros para uma emboscada ao calidônio (2.482-8). Após o anúncio da emboscada, o narrador, então, reprova a ousadia de Etéocles, que anseia emboscar um mensageiro (2.488-90). Por fim, antes de apostrofar Tideu em clara preferência pelo sucesso do herói na emboscada (2.495), volta o narrador a descrever a tropa escolhida pelo rei tebano, formada por cinquenta homens que se põem contra um só (2.490-4).

482-3. VELOZ NO ENGENHO, EM CRIMES E DOLOS NEFASTOS / SOBEJA O CHEFE: Etéocles, disposto a qualquer crime (2.387), não tarda em armar uma emboscada para o amigo de seu irmão, um delicto que certamente está entre os **dolos nefastos** a que está propenso, por conta da função dos mensageiros e do respeito com que eram considerados por todos (cf. 2.373-4; 2.478-9).

484. ORA COM PAGA E ORA EXORTANDO: oferecendo prêmios e os incitando à batalha.

486. UM NOME HÁ SÉCULOS SAGRADO AOS POVOS: sobre a santidade dos mensageiros, cf. 2.373-4n.

488. O QUE NÃO É VIL AO REI?: (GERVAIS) “Etéocles já foi duas vezes acusado de tratar seus assuntos como coisas vis (*uilis*, 1.191-2; 2.585 [...]). Agora, ele trata a santidade de um mensageiro como algo vil. Seu debate com Tideu sugere que ele não concede muito mais valor a outros conceitos santificados, como a *pietas* e a *fides*. Anteriormente, ele apareceu no canto tendo

‘espalhado’ seus membros nas colchas sobre nobres leitos (2.90-2). Ele também já se perdeu em uma batalha imaginária com o seu irmão (2.133); ele está prestes a perder cinquenta dos melhores homens tebanos em uma emboscada sem propósito [... cf. 2.494]; por fim, ele irá perder toda a Tebas em uma guerra sem propósito. O que a realeza não tem como vil?”

488-9. QUE ARTES SERIAM / SE TU DESSES, FORTUNA, O MANO?: isto é, se contra um mensageiro ele já é capaz de tramar algo tão vil e violento, o que não faria, Fortuna, se, em vez de Tideu, tu tivesses mandado a Tebas o próprio Polinices?

489-90. Ó, DOS RÉUS, CEGOS / PLANOS!: “ó cegos planos tramados pelos culpados!”. Gervais (*ad loc.*) defende que a insídia tramada por Etéocles é cega em três instâncias: uma mental, caracterizada pela cegueira do tirano em relação ao futuro; uma moral, porque foi tramada contra um mensageiro (cf. 2.488n); e uma que diz respeito à própria natureza do crime, já que as emboscadas são tramadas para que sejam ocultas – “cegas”, no entendimento do autor.

490. Ó CRIME SEMPRE IGNAVO!: apostrofa a própria insídia, vista como um “crime sempre covarde”.

490-1. SAI COM FERRO / A PLEBE CONTRA UM SÓ: assim, Estácio marca o ódio e a perniciosidade de Etéocles pelo tamanho da sua covardia: uma plebe – cinquenta homens (cf. 2.494) – contra apenas um, Tideu. Assim também será ainda mais valorosa a vitória de Tideu ao final da luta.

491-4. SAI COM FERRO / A PLEBE ... ORDEM ÀS ALTIVAS PORTAS: a descrição da plebe armada que sai contra Tideu (cf. 2.490-1n) dimensiona a imoderação de Etéocles em sua decisão por si só nefasta (2.482-3n): os cinquenta homens encarregados da emboscada, **tal a assomar-se a castros** (2.491) e **o sumo / flanco tombar da urbe** (2.492-3), se apresentam como se formassem uma **densa tropa** (2.493) – uma tropa ainda maior, seja por seu ímpeto, seja pela qualidade dos homens escolhidos para a missão.

495. CRESCE O BRIO, QUE DE TANTAS ARMAS DIGNO ÉS DITO!: em latim, *macte animi, tantis dignus qui crederis armis!* Apóstrofe do narrador a Tideu, deixando clara a imparcialidade da narrativa nesse momento. Como em Virgílio, na opinião de Apolo sobre Ascânio (A. 9.641): *macte noua uirtute* (“cresça em nova virtude!”). **QUE DE TANTAS ARMAS DIGNO ÉS DITO:** implica que, por ser considerado um guerreiro virtuoso, Tideu é digno de lutar contra os cinquenta homens que o emboscarão.

496-526: POR SILVAS SEGUE A ROTA ... CERCA COM DENSA CAMPANA: os homens escolhidos por Etéo-

cles para atacar Tideu (cf. 2.482-95) se encaminham para o local da emboscada (2.496-7), que é pormenorizadamente descrito pelo narrador (2.497-523). Lá chegando, tomam suas posições para aguardar a chegada de seu alvo (2.523-6). A écfrase do local escolhido se divide em dois momentos: no primeiro, o autor descreve o lugar onde os tebanos se ocultaram para realizar a insídia (2.498-502); na sequência, descreve a estrada por onde virá Tideu e o local em que se posicionará para lutar contra seus inimigos, que é o mesmo onde, quando da chegada de Édipo, residia a Esfinge (2.502-23). Conforme aponta Gervais (*ad loc.*), parece haver certa semelhança entre o local escolhido pelos tebanos e aquele eleito por Turno, em Virgílio, para emboscar Eneias (A. 11.522-31): *est curuo anfractu ualles, accomoda fraudi / armorumque dolis, quam densis frondibus atrum / urget utrimque latus, tenuis quo semita ducit / angustaeque ferunt fauces aditusque maligni. / hanc super in speculis summoque in uertice montis / planities ignota iacet tutique receptus, / seu dextra laeuaque uelis occurrere pugnae / siue instare iugis et grandia uoluere saxa. / huc iuuenis nota fertur regione uiarum / arripuitque locum et siluis insedit iniquis* (“Apto ao bélico dolo, um vale inflexo, / negra espessura o encerra, onde uma trilha / por estreita garganta a custo aboca; / jaz de cima num monte, a cavaleiro, / planura ignota, abrigo retirado, / quer tentes atacar à destra e à sestra, / quer volver do cabeça enormes galgas: / lá chega Turno por sabidas sendas, / e de atalaia está na iníqua selva” – trad. Odorico Mendes).

Gervais cita, ainda, mais como uma ajuda para entender a descrição de Estácio do que como influência certa para que compusesse sua écfrase, a descrição das Forcas Caudinas feita por Tito Lívio, o local onde os romanos foram emboscados pelos samnitas (Liv. 9.2.7-8): *sed ita notus locus est: saltus duo alti angusti siluosique sunt montibus circa perpetuis inter se iuncti. Iacet inter eos satis patens clausus in medio campus herbidus aquosusque, per quem medium iter est; sed antequam uenias ad eum, intrandae primae angustiae sunt et aut eadem qua te insinuaueris retro uia repetenda aut, si ire porro pergas, per alium saltum artiorempeditiorempque euadendum* (“mas assim é conhecido o lugar: dois desfiladeiros profundos, confinados e silvosos, estão unidos entre si por montes que se prolongam. Entre eles jaz, suficientemente amplo, fechado em seu centro, um campo ervoso e aquoso, pelo meio do qual há um caminho; mas, antes de que venhas por ele, deve-se entrar na primeira angustura, ou deve-se retornar pela mesma via pela qual entraste, ou, se ir adiante anseias, deve-se sair pelo outro desfiladeiro, mais estreito e mais inacessível”).

497. POR DENSA SELVA O ATALHO TOMAM: para que chegassem ao local da emboscada antes de Ti-

deu, que deixara o palácio momentos antes de que Etéocles os recrutasse, os cinquenta emboscados se apressam por um caminho diferente daquele que o herói calidônio trilhava, tomando então um atalho por dentro da mata fechada (**por densa selva**).

498-9: AO LONGE, DOIS CERROS POR NÓXIAS / GARGANTAS SÃO PREMIDOS: em latim, *gemi procul urbe malignis / faucibus urgentur colles*. A construção pode soar estranha, uma vez que descreve um vale como duas serras “espremidas” por “malignas gargantas”. Há, porém, um paralelo virgiliano que elucida a questão (A. 11.522-5): *est curvo anfractu ualles, accommoda fraudi / armorumque dolis, quam densis frondibus atrum / urget utrimque latus, tenuis quo semita ducit / angustaeque ferunt fauces aditusque maligni* (“há, de curvo inflexo, um vale, ajustado à fraude / e ao dolo das armas, ao qual, por densas frondes escurecido, / espremem, de um lado e de outro, flancos, pra onde tênue estrada conduz / e levam angustas gargantas e malignos acessos”). A passagem descreve o local onde Eneias será emboscado pelos homens de Turno. De acordo com Gervais (*ad loc.*), a inversão sintática realizada por Estácio é motivada por uma inversão no foco narrativo: na *Eneida*, querendo destacar o perigo que Eneias corria naquela situação, o narrador descreve o caminho pelo qual ele passará como sendo oprimido pelos paredões que se erguem de ambos os lados; assim, o grande afetado pelo evento que o verbo denota é o vale. Estácio, por sua vez, quer ressaltar o perigo que correm os emboscados, e não Tideu, fazendo, então, que os afetados pelo evento denotado sejam os cerros onde estarão os emboscados, e não o caminho pelo qual passará o calidônio. **NÓXIAS GARGANTAS:** os desfiladeiros são nocivos porque servem de abrigo aos emboscados.

499-500. A SOMBRA DE UM MONTE / OS COBRE: refere-se o narrador aos dois cerros (2.498), e não aos emboscados que ali se ocultarão.

501-2. ONDE A NATURA, INSÍDIAS E ÁREAS P’RA ESCONDER-SE, / CEGAS, ERGUEU: ou seja: “onde a Natureza construiu locais para as emboscadas e áreas ocultas para que fosse possível esconder-se”.

502-3. AS PEDRAS CORTA AO MEIO, ESTREITA, / ÁRDUA TRILHA: descreve o caminho por onde passará Tideu, que está encravado em meio ao paredão (cf. 2.498-9n). Em Virgílio (A. 11.524 *apud* 2.498-9n), a trilha (*semita*) por onde passa Eneias é *tenuis*, ou seja, “tênue, estreita”; a que Tideu percorre, embora também seja estreita (*arte ... semita*), é *aspera*, ou seja, “árdua, pedregosa” – um contraponto interessante levando-se em conta a caracterização de ambos os personagens nos respectivos passos (cf. 2.498-9n).

503-4. SOB ELA, O PLAINO E AGROS DECLIVES / JAZEM POR AMPLO ESPAÇO: abaixo da trilha, no vale

propriamente dito, planícies e campos em declive estendem-se por longas distâncias.

504-23. À FRENTE, O ATROZ LOCAL ... FOGEM DO HÓRRIDO / BOSQUE: em meio à écfrase do local da emboscada, Estácio descreve pormenorizadamente tanto o espaço em que vivia a Esfinge, adjacente à trilha por onde virá Tideu, como o horror de seus feitos. Embora já tenha sido lembrada durante o canto primeiro e durante a fala de Édipo – que a matou e, por isso, recebeu a mão de Jocasta (cf. 1.66n) –, só nesse momento os detalhes de sua ação são explicitados, uma espécie de prenúncio de toda a violência que marcará a monomaquia de Tideu. Há, ainda, um simbolismo relevante: é Tideu quem, do alto do **atroz local** da Esfinge, lutará violentamente contra homens tebanos, tal qual o monstro ao qual é aqui comparado – cf. 2.554-67 e comentários *ad loc.*

504. À FRENTE, O ATROZ LOCAL: diante da trilha estreita, estava o lugar onde se assentava e Esfinge, também encravado na pedra.

505. DA CASA DA ÁLEA DE ÉDIPPO: da Esfinge. Diz **de Édipo** porque o mostro morreu logo após o tebano ter decifrado um de seus mistérios – sobre isso, cf. 1.66n; 1.67n.

505-18. ONDE A FERA, HÁ MUITO ... IMPELE CONTRA AS ROCHAS: em meio à écfrase, Estácio introduz uma digressão em que descreve o agir selvagem da Esfinge, até o momento em que, derrotada por Édipo (o **similar varão** – cf. 2.517n), lançou-se contra as rochas do fundo do vale. Gervais (*passim*) chama a atenção para as semelhanças entre a descrição de Estácio e a fala de Édipo em Sêneca, quando o herói relata seu encontro com o mostro ao chegar em Tebas (Oed. 92-109): *nec Sphinga caecis uerba nectentem modis / fugi: cruentos uatis infandae tuli / rictus et albens ossibus sparsis solum; / cumque e superna rupe iam praedae imminens / aptaret alas uerbera et caudae mouens / saeui leonis more conciperet minas, / carmen poposci: sonuit horrendum insuper, / crepuere malae, saxaque impatiens morae / reuulsit unguis uiscera expectans mea; / nodosa sortis uerba et implexos dolos / ac triste carmen alitis solui ferae. / quid sera mortis uota nunc demens facis? / licuit perire. laudis hoc pretium tibi / sceptrum et peremptae Sphingis haec merces datur. / ille, ille dirus callidi monstri cinis / in nos rebellat, illa nunc Thebas lues / perempta perdit. una iam superest salus, / si quam salutis Phoebus ostendat uiam* (“Eu nem fugi da Esfinge que atrelava / obscuros ritmos com palavras várias. / Eu tolerei os sanguinários lábios / da infanda vate e um solo branco de ossos; / do alto da rocha, a presa perseguindo, / armou asas, movendo a cauda em golpes, / como um cruel leão me ameaçou, / e o enigma pedi: soou mais que horrído, / rangeu o maxilar e, com a demora, / arrancou pedras, ávida, com as unhas, / já por minhas entranhas esperando. / Os termos dúbios decifrei da vate, / também as artimanhas en-

redadas / no enigma infeliz da fera alada. / Por que votos de morte agora fazes, / insano, já tardios? Morrer pudeste. / Este cetro por prêmio a ti foi dado: / é o preço à glória de extinguir a Esfinge. / Aquelas cruéis cinzas do hábil monstro / contra nós se rebelam; destrói Tebas / agora aquela peste aniquilada. / Já apenas uma salvação nos resta, / da salvação nos mostre a via Febo” – trad. Cíntia Sanches).

506-9. DE OPACO ROSTO, ERGUIDA ... SOBRAS / DE OSSOS PREMIDAS: descreve o poeta uma série de características da Esfinge, mostrando a figura horrenda que, em meio ao paredão rochoso, aguardava os incautos que se aproximassem.

506-7. SEUS OLHOS EM VURMO / EMBEBIDOS: encharcados pelo sangue, já em estado de putrefação (**vurmo**), de suas vítimas.

507. COM INFANDO SANGUE AS PENAS DURAS: duras, portanto, por causa do sangue já coagulado de suas vítimas. (AMAR-LEMAIRE) “Certamente [o sangue] dos miseráveis viajantes, os quais ela cruelmente dilacerava.”

508-9. E AO PEITO NU SOBRAS / DE OSSOS PREMIDAS: sob o seu peito nu – *i.e.*, despido –, restavam presos pedaços de ossos de suas vítimas.

510. COM ENIGMA CONFUSO: porque desafiava aos incautos que dela se aproximavam com um enigma: caso respondessem corretamente, ela os deixava passar; se errassem ou não soubessem, os devorava. Sobre isso, cf. 1.66n; 2.505-18n. Por não serem claras suas adivinhas, para que assim suas chances de vitória aumentassem, diz **enigma confuso**.

512. COM A ATRA LÍNGUA, COMÉRCIO ENCETAR: ou seja, a trocar (**comércio encetar**) palavras, conversar, portanto, com a Esfinge e sua **atra língua** – assim chamada por causa dos enigmas que lançava aos viajantes (cf. 2.510n).

513-5. SEM PAUSA, UNHAS À MOSTRA ... VEM DA FACE HOSTIL: descreve o ataque da Esfinge sobre suas vítimas: de as unhas expostas e sempre afiadas (2.513), com as mãos cinzas (**grises**) e os dentes ferindo o corpo da vítima, junto à sua face ela se lançava **com hórrido aplauso** (cf. 2.515n).

515. COM HÓRRIDO APLAUSO: alada (cf. 1.66n), a Esfinge lançava-se sobre suas vítimas com um agitar-se de suas asas, cujo som (o **aplauso**) era terrificante (**hórrido**). **DA FACE HOSTIL:** é dizer “da face de seu inimigo”.

516. NO ARCANO OS DOLOS: em latim, *latuere doli* (“escondiam-se os dolos”). Refere-se ou à pró-

pria Esfinge, ou, mais provavelmente, à perspicácia de seus enigmas, os quais, até o momento em que foi descoberta (3.517), restavam ocultos (**no arcano**).

517. POR SIMILAR VARÃO MOSTRADA: descoberta por alguém semelhante a ela: Édipo – novamente referido indiretamente, como se não tivesse nome (cf. 2.440-1n). (LACTÂNCIO) “Ou porque muito astuto, ou porque muito criminoso, isto é: por ser um cruel parricida, marido da própria mãe, que mereceu cegar a si próprio.”

517-8. IMPEDE AS ASAS, / TRISTE, E O VENTRE VORAZ IMPELE CONTRA AS ROCHAS: depois de derrotada por seu semelhante (cf. 2.517n), **triste**, a Esfinge atira-se à morte sobre as pedras no fundo do vale. Porque era alada, diz que **impede as asas**, as quais, então paralisadas, não poderiam salvá-la da morte. Diz **voraz** o ventre por ser insaciável sua fome por mortais.

519-23. MOSTRA O NEFAS A SELVA ... FOGEM DO HÓRRIDO / BOSQUE: de acordo com Gervais (*ad loc.*), Estácio produz, com esse trecho, uma gradação no horror: “a floresta não é o lar nem de animais domesticados, nem dos mais selvagens – mas não necessariamente maus – Dríades e Faunos, e nem mesmo das aves de mau agouro.” É, pois, um *locus horridus*, como o bosque próximo a Marselha descrito por Lucano (Luc. 3.399-425) – ... *hunc non ruricolae Panes nemonumque potentes / Siluani Nymphaeque tenent, ... illis et uolucres metuunt insistere ramis / et lustris recubare ferae* ... (“... Nele não têm lugar as Ninfas ou Pãs campestres, / nem Sivanos, das matas numes poderosos ... por medo não havia ali aves nos galhos, / ou feras nos covis ...” – trad. Brunno Vieira).

519-20. AS GREIS TEMEM O PASTO / VIZINHO: os pastos vizinhos ao local onde caiu a Esfinge após seu pulo mortal (cf. 2.517-8n). O fundo do vale para onde se atirou o monstro, como o próprio narrador descreve, era formado por planícies e campos, onde, então, poderiam pastar os rebanhos (cf. 2.503-4n).

521. DRÍADES: as Dríades são as ninfas (espíritos da natureza) das árvores. (AMAR-LEMAIRE) “As Dríades são deusas dos montes e das selvas, designadas a partir do nome grego δρύς, que significa ‘carvalho’. Os antigos acreditavam que as Dríades formavam coros durante a noite.

522. FAUNOS: na época clássica, os Faunos são os gênios dos campos e das florestas, companheiros dos pastores. Meio homens e meio bodes, correspondem aos sátiros gregos.

522-3. MESMO DIRAS AVES FOGEM DO HÓRRIDO / BOSQUE: como ocorreu com o corpo de Pena, que restou intocado por aves carniceiras – cf. 1.624-5 –, às quais o poeta ora se refere como **diras**.

524. À MORTE SE DESLOCA A COORTE; E AO HOSTIL SOBERBO: após a écfrase da morada da Esfinge,

volta o narrador aos cinquenta emboscados, que se aproximam do local escolhido. Já adiantando o seu fado, porém, diz que se encaminham para a **morte**, e não para a insídia. Gervais (*ad loc.*) aponta a semelhança entre o *hostemque superbum* de Estácio e o de Virgílio, com que o mantuano designa Eneias nas palavras de Dido à sua irmã (A. 4.424): *i, soror, atque hostem supplex adfare superbum* (“vai, irmã, e diz, súplice, ao hostil soberbo”). A alusão, segundo o autor, é ainda reforçada pelo uso de **se desloca** (em latim, *deueniunt*) na mesma linha, um verbo raro na épica latina (usado 13 vezes em outros poetas e duas em Estácio) e empregado por Virgílio para referir-se ao encontro de Dido e Eneias em uma caverna (A. 4.124-5): *speluncam Dido dux et Troianus eandem / deuenient* (“p’ra mesma caverna, a chefe Dido e o Troiano / se deslocarão”). Sobre as alusões a Dido e Eneias no episódio, cf. também 2.384-7n; 2.385n; 2.386-7n; 2.40n.

525. ÀS HASTES ESCORADA, AO CHÃO FIRMANDO AS ARMAS: em latim, *annixi iaculis et humi posita arma tenentes*. Cansados por terem se apressado em direção ao local (cf. 2.496-7), garantindo assim que lá chegariam antes de Tideu, os emboscados (a **coorte** – 4.524) repousam escorados em suas lanças, apoiando sobre o chão suas armas. Gervais (*ad loc.*) destaca a semelhança com Virgílio, quando o mantuano descreve a reunião dos generais que precedeu a malfadada incursão de Niso e Euríalo entre as tropas inimigas (A. 9.229): *stant longis annixi hastis et scuta tenentes* (“Param, nas longas lanças escorados, firmando os escudos”). Na *Eneida*, Niso e Euríalo se voluntariam para atravessar o castro inimigo enquanto os rútilos dormiam bêbados para, então, avisar Eneias dos planos de Turno. Tomados pelo excesso e pela falta de experiência, porém, os jovens são capturados e mortos após matarem vários inimigos que ali repousavam. A alusão, então, traz à cena o fado infortunado dos enviados troianos, que aqui se assemelham àqueles delegados por Etéocles para a emboscada ao mensageiro Tideu.

526. COM Densa CAMPANA: ou seja, com uma densa guarda que, atenta, observava a passagem por onde viria Tideu.

527-612. COM MANTO UMENTE ... GRANDE TURBA EXTINTA SOFREM: Tideu se aproxima do local da emboscada e percebe, pela luz da lua refletida sobre a superfície das armas, que havia homens escondidos entre as árvores. Após intimá-los e assustar-se com a quantidade de guerreiros, sobe pelas pedras até a antiga morada da Esfinge, de onde inicia o ataque aos tebanos. O passo pode ser dividido nos seguintes eventos: (2.527-44) Tideu vê as armas escondidas em meio a selva e pergunta pelos homens seus donos; na sequência, uma flecha o atinge na altura do ombro; (2.545-66) Tideu ordena aos inimigos que deixem seus esconderijos e, assusta-

do com sua quantidade, sobe à antiga base da Esfinge, de onde inicia o ataque; (2.566-74) a tropa tebana se assusta com a investida de Tideu e se dispersa; (2.578-85) aproveitando a confusão entre os tebanos, o herói os ataca novamente; (2.585-94) a tropa retoma sua formação e um novo embate se inicia; (2.595-612) um símile descreve a bravura de Tideu ao invés de tirar contra seus inimigos, e um novo ataque encerra o passo.

528. EM CÉRULA SOMBRA: como nota Gervais (*ad loc.*), esta é a terceira camada de sombra que recai sobre o local da emboscada, somando à sombra do monte (2.499) e da própria floresta (2.500) que o escurecem.

529-32. TIDEU CHEGAVA ÀS SELVAS ... DA LUA EM ÊNEAS ARMAS: em latim, *ille propinquabat siluis et ab aggere celso / scuta uirum galeasque uidet rutilare comantes, / qua laxant rami nemus aduersaque sub umbra*. (GERVAIS) “Cf. A. 9.371-4: *iamque propinquabant castris ... / cum procul hos ... cernunt, / et galea Euryalum sublustri noctis in umbra / prodidit immemorem radiisque aduersa refulsit* [“já se aproximavam do castro ... / quando ao longe os ... viram, / e à Euríalo a gálea, luzindo na sombra da noite, / entregou, imemore, contrária refletindo os raios”]: a primeira de muitas referências às mortes de Niso e Euríalo, junto às quais esta cena foi cuidadosamente modelada [...] Com consequências distintas, Tideu sempre desempenha o papel de Volscente, enquanto os emboscados tebanos são os condenados Niso e Euríalo.” Sobre isso, cf. também 2.525.

531. POR ONDE SE ABREM SELVA E RAMOS: isto é, por onde os galhos rareiam, abrindo espaço para que se enxergue sob as copas das árvores.

532. FLÂMEO VAGA O TREMOR DA LUA EM ÊNEAS ARMAS: bela imagem para descrever a ação da luz da lua (o **flâmeo ... tremor da Lua**) sobre as armas dos emboscados. (AMAR-LEMAIRE) “Aagitadas pelo ventos, as frondes faziam com que a luz da lua, recebida sobre os clipeos por entre as frondes, tremesse – ou oscilasse, como parece.”

533. AO VER PASMOU-SE: não porque tenha sentido medo, mas sim pela surpresa que a constatação lhe causou (**sem humil medo** – 2.536).

533-4. SÓ OS HORRENDOS / DARDOS E O FERRO PRESO, PEGO AO PUNHO, TENDO: porque viajava como um mensageiro, Tideu só portava seus dardos, ditos aterrorizantes (**horrendos**), e sua espada (o **ferro**), a qual, embainhada (**preso**), ele segurava pelo cabo (**pego ao punho**).

535. DONDE SOIS? OCULTAI-VOS COM ARMAS POR QUÊ?: como em Virgílio, no episódio da morte de Niso e Euríalo (A. 9.376-7): *state, uiri. quae causa uiae? quiue estis in armis? / quoue tenetis iter?*

(“Parai, homens. Qual a causa do curso? Por que estais em armas? / Pra qual caminho marchais?”).

536-7. NÃO VEM EM RETORNO / VOZ, E ACORDOS DE PAZ NEGA, SUSPEITA, A CALMA: uma suspeita quietude – uma vez que não houve resposta às perguntas de Tideu – nega o pacto de paz que a própria calmaria parece silenciar. Como em Virgílio, referindo-se à fuga de Niso e Euríalo logo após terem sido questionados (A. 9.377-8): *nihil illi tendere contra, / sed celerare fugam in siluas et fidere nocti* (“nada em resposta eles ofereceram, / mas esconderam-se em fuga nas selvas, confiados na noite”).

538-9. CTÔNIO ... / DA COORTE O CHEFE ELEITO: (GERVAIS) “Na versão de Homero, a emboscada tem dois líderes, Méon (também o único sobrevivente, como nesta versão) e Polifontes. A métrica de Estácio poderia ter acomodado Polifontes [...]; talvez, ele tenha encontrado em Ctônio, o nome de um dos cinco Espartos sobreviventes [...], um nome mais adequado para ter lançado a primeira lança da Guerra Tebana [...] Mas Polifontes aparece mais tarde – em uma forma erudita – como Licofonte (2.610).”

540. MAS DESVIAM-NO O DEUS E A FORTUNA: não há, na crítica, palpites sobre qual seria o deus. Assim, é mais adequado pensar que o sobrenatural ajudou Tideu, ao lado da Fortuna, do que em qualquer deus específico.

541-3. À COURAÇA, PORÉM, DO CERDO ... VIÚVO, À FAUCE ATINGE: Tideu, o calidônio, leva consigo sobre os ombros a couraça retirada do javali de Cálidon (cf. 1.453n), a mesma que usava quando chegou em Argos (cf. 1.482-90). Quando de sua saída do paço tebano, um símile aproximou a atitude do herói daquela tomada pelo próprio javali durante sua caçada (cf. 2.469-77 e comentários *ad loc.*). Agora, é Tideu quem, vestido com a pele do animal, é caçado e atingido de maneira semelhante àquela pela qual Meleagro matou o monstro de Cálidon (cf. 2.475n). Do javali, contudo, Tideu só tem a força e o ímpeto em seus ataques, uma vez que, diferentemente de sua contraparte, não se fere de morte com a lança de seu caçador (2.538-40), que se rompe ao tocar a couraça e morre, sem ponta, em sua garganta.

541. À COURAÇA ... DO CERDO OLÊNIO: à couraça do javali calidônio – sobre o monstro, cf. 1.453n. Sobre o emprego de **Olênio**, cf. 1.402n.

542. SOBRE O OMBRO SESTRO, VIZINHO AO CRUOR, / SE ESCAPA: o dardo lançado por Ctônio atinge de raspão o ombro esquerdo de Tideu, continuando seu curso sem ferir-lhe a pele – diz que passou **vizinho ao cruor** (em latim, *uicina cruori*) porque não chegou a fazê-lo sangrar – não

acertou em cheio, portanto, o seu sangue, dele somente se avizinhandos.

543. INÚTIL, CABO VIÚVO: por ter perdido sua ponta de ferro ao atingir-lhe a couraça, tornou-se apenas um cabo de madeira **inútil**.

544. NISSO A COMA SE ERIÇA, E NO COR GELA O SANGUE: refere-se a Tideu, assustado com a lança que lhe atinge. **NO COR:** latinismo para “coração”. **NO COR GELA O SANGUE:** (GERVAIS) “Cf. *Luc.* (7.339-40): *stat corde gelato / attonitus* [“detém-se, com o coração gelado, / atônito”]: primeira reação de Pompeu à agressão de César em Farsalo, um intertexto apropriado para a primeira ação da guerra civil entre Polinices e Etéocles.”

545. A BRANCA FACE IRADA: branca pelo susto, não pelo medo – por isso diz **irada**.

546. EM MUITOS NÃO CRÊ CONTRA SI: não acredita que muitos estejam ali para enfrentá-lo, uma expectativa que logo será frustrada (cf. 2.549-50).

548. POR QUE TANTA COVARDIA?: Tideu se refere, ainda sem saber que se tratam de cinquenta homens emboscados para matá-lo, à própria natureza do crime (**Ó crime sempre ignavo!** – 2.490) e, possivelmente, ao dardo atirado sem que ele o esperasse (2.538-40).

549. SÓ, ÀS ARMAS EU CHAMO, SÓ!: a fala de Tideu, que revela estar sozinho em meio à emboscada, torna ainda mais grave o crime planejado por Etéocles, potencializando também a natureza covarde que o caracteriza (cf. 2.548n).

549-64. NÃO TARDAM; MAIS / QUE PENSOU ... A INANE / CRATERA MAGNO FOLO: (GERVAIS) “Em uma sentença extraordinária, os tebanos emergem de seus esconderijos para atacar, Tideu escala o monte até a base da Esfinge, arranca uma rocha da face do paredão e a levanta sobre sua cabeça. Três comparações curtas (a caça de um animal, touros carregando uma rocha e o Centauro Folo) enriquecem o complicado retrato estaciano de Tideu e dos tebanos. As ações de Tideu ecoam as virgilianas de Turno e Eneias, cuja batalha final se inicia com uma pedra sendo lançada [...]; o Perseu de Ovídio, que encontra proteção com suas costas junto a um pilar e empunhando uma cratera de vinho [...]; e o Ceva de Lucano, que atira projéteis naqueles que o atacam a partir de um muro (*Luc.* 6.169-73). As posições desses intertextos em seus respectivos épicos é importante. A rocha que Tideu arremessa, seu primeiro ataque na primeira batalha do épico de Estácio, ultrapassa os esforços de Turno e Eneias no clímax de Virgílio. A posição defensiva de Perseu no pilar adianta a falha de sua virtude diante de tantos inimigos (*Met.* 5.177: *uerum ubi uirtutem turbare succumbere uidit* [“quando viu, seu vigor, a turba enfraquecer” – trad. Raimundo Carvalho]) e o fim da seção marcial de sua aristeia (ele se

volta para a ajuda mágica da cabeça da Górgona); Tideu usa sua posição na base rochosa para um feito de proeza marcial que inicia sua aristeia [...] Contra esses modelos, Estácio escolhe uma série de bestas e monstros [...]: Tideu é, por vezes, a Esfinge (2.556-7), uma manada de touros (2.559-60), Polifemo (2.561-2) e, especialmente, Centauros (2.561-2; 563-4).”

553-4. QUAL SE AO CENTRO GUIASSE AS FERAS PRESAS / NO CERCO A VOZ PRIMEIRA: novamente, Estácio inverte a posição entre a caça e os caçadores (cf. 2.541-3n): Tideu, caçado pelos emboscados, faz com que seus caçadores reúnam-se no centro do caminho como se faz com as feras durante uma caçada (*infra*). (GERVAIS) “Animais selvagens são cercados nas florestas das montanhas e, então, conduzidos a um campo aberto onde caçadores montados estão esperando. Este é o estilo da caçada de Dido na *Eneida* (4.129ss [...]) e de uma mais detalhadamente descrita por Estácio em outro símile (*Ach.* 1.459ss) [...] Essas descrições exploram a tradição da grande caçada à maneira da *Ciropedia* de Xenofonte, e não refletem as caçadas contemporâneas em Roma.” **NO CERCO:** em volta do campo em que aguardavam os caçadores. **A VOZ PRIMEIRA:** refere-se, provavelmente, à ordem para que sejam soltos os animais que acossarão as presas.

554-5. P’RA SE SALVAR O ÚNICO / MEIO EM SEU PLANO ALUÍDO: a leitura de Mozley, defendida por Gervais (*ad loc.*) e aqui considerada, alega que o latim *turbada ratione* (**plano aluído**) não se refere à capacidade de julgamento de Tideu (como o leem, por exemplo, Bailey – *distraught* – e Hall – *in its confused judgement*), mas sim a seu primeiro plano traçado para enfrentar os emboscados, que foi abalado (**aluído**) pela grande quantidade de homens que se revelaram seus inimigos (**mais / que pensou** – 2.550). Assim, então, são as ações de Tideu que mostram uma *turbata ratione*, e não seus pensamentos.

555-6. O ALTO ATACA DA DIRA / ESFINGE: Tideu começa a escalar o paredão rochoso para posicionar-se na base em que a Esfinge esperava suas futuras vítimas (cf. 2.504n). Agindo assim, o herói assume a *persona* da Esfinge, que aterrorizava os tebanos impiedosamente.

558. DAS COSTAS LONGE O MEDO, TRILHA PRÓPRIA AO DANO: com as costas encostadas no paredão, o medo de ser pego de surpresa diminui – por isso, então, diz **longe** de suas costas o **medo** –, e a trilha pela qual vinha, agora abaixo de Tideu (cf. 2.555-6), pode ser usada para seus planos de ataque – mostrando-se **própria** para o prejuízo que causará na coorte emboscada.

559-60. PEDRA INGENTE QUE A CUSTO, PLENA CERVIZ, TOUROS, / DO CHÃO PUXANDO, AOS MUROS GEMENDO TRARIAM: (GERVAIS) “Estácio alude à *Eneida* (12.896-900): *saxum circumspicit ingens, / saxum antiquum ingens, campo quod forte iacebat / ... / uix illum lecti bis sex ceruice subirent, / qualia nunc*

hominum producit corpora tellus [“viu uma pedra imensa, / uma antiga pedra imensa que, por acaso, jazia no campo / ... / a qual a custo à cerviz ergueriam doze eleitos / entre os homens, os corpos quais aos que, hoje, a terra produz”]. Tideu sobrepuja Turno três vezes. Primeiro, carrega nos ombros uma pedra pesada não somente para homens modernos, mas para touros (embora isso possa marcar que a força de Tideu não é, na verdade, sobre-humana, como a de Turno, mas sub-humana [...]). Segundo, enquanto o arremesso de Turno falha em alcançar Eneas (A. 12.906-7), que responde imediatamente com um arremesso certo de lança (A. 12.919-21), o arremesso de Tideu irá acertar quatro inimigos de uma só vez (*Theb.* 2.568-9), além de ser seguido por dois arremessos de lanças feitos pelo próprio Tideu (*Theb.* 2.578-9 [...]). Por fim, os esforços falhos de Turno marcam a última ação de sua empreitada no épico; o arremesso certo de Tideu, por sua vez, é sua primeira ação. De um modo mais geral, aludindo ao (e sobrepujando o) confronto final da *Eneida* no primeiro confronto da *Tebaida*, Estácio posiciona sua épica como, no mínimo, uma honrada sucessora da de Virgílio [...]. Mas os esforços de Turno, por outro lado, espelham-se em uma cena da *Ilíada*, onde Diomedes [filho de Tideu] acerta Eneas com uma rocha muito pesada para (somente) dois homens modernos (*Il.* 5.302-4: ὁ δὲ χερμάδιον λάβε χειρὶ / Τυδείδης μέγα ἔργον ὃ οὐ δύο γ' ἄνδρε φέροιεν, / οἷοι νῦν βροτοὶ εἰς [“O Tideide, nas mãos erguendo enorme pedra / – feito que excederia a força de dois homens / mortais de agora – trad. Haroldo de Campos]). Turno falha em sua tentativa de sobrepujar o filho de Tideu; Tideu, por si, tem sucesso em sobrepujar a ambos.

559. PLENA CERVIZ: é dizer “com toda a força”, uma vez que os equipamentos com os quais os touros puxavam qualquer tipo de objeto eram atrelados a seu corpo pela cerviz.

561. TODO O SANGUE APLICADO: com todo o seu corpo concentrado nessa única ação – assim como os touros, então, com toda a sua força (cf. 2.559n).

562. BUSCANDO EQUILIBRAR A ENORME QUEDA: Gervais (*ad loc.*) chama a atenção para o uso proléptico do termo “queda” (*ruinam*, em latim), que concentra tando o sentido de “cair”, uma vez que a pedra será lançada para baixo por Tideu, como o de “ruína”, uma vez que arrasará quatro dos cinquenta tebanos que vieram emboscar Tideu.

563-4. COMO ERGUEU CONTRA OS LÁPITAS HOSTIS A INANE/ CRATERA MAGNO FOLO: os lápitas eram um povo da Tessália, dos quais Pirítoo foi rei (cf. 1.475-6n); Folo, um dos Centauros. Conta-se que, quando do seu casamento, Pirítoo teria esquecido de fazer os sacrifícios a Marte, tendo honrado, porém, todos os outros deuses. Marte, então, como punição, teria inflamado os Centauros contra os lápitas, transformando o casamento de Pirítoo em um campo de bata-

lha. Outra versão (GRIMAL), diz que os Centauros teriam se tornado agressivos por causa do vinho, que não estavam acostumados a beber. A imagem de Folo ameaçando os lápitas com uma cratera de vinho parece vir de Virgílio (G. 2.456: *Rhoecumque Pholumque / et magno Hyla-eum Lapithis cratera minantem* – “Róscio e Folo / e Hileu ameaçando, com magna cratera, aos Lápitas”). Novamente aqui, Estácio compara Tideu, pela força, com criaturas não completamente humanas – cf. 2.559-60n.

565. PELO MONTE IMPULSO: pelo enorme rochedo lançado (**impulso**) por Tideu.

566-7. ARMAS DOS VARÕES, ROSTOS E MÃOS / E OS ROTOS PEITOS, MISTOS AO FERRO ACABARAM-SE: o eco virgiliano no início do período é notável: em Estácio, Tideu destrói primeiro as *amra uirum* (as **armas dos varões**); em Virgílio, cantam-se *arma uirumque* (A. 1.1 – “as armas e o varão”). Por esse motivo, bem como pela ordem em que a destruição ocorre (*infra*), optou-se aqui pela lição *simul arma uirum, simul ora manusque*, impressa por Barthius, Hall e Gervais, em vez de *simul ora uirum, simul arma manusque*, impressa por Amar-Lemaire, Mueller, Lesueur, Bailey e Klotz. Assim, a sequência em que a pedra lançada por Tideu os atinge é: primeiro as **armas** – os seus escudos –, depois os **rostos**, logo atrás dos escudos – pois que se protegiam de algo atirado de cima deles –, as **mãos**, utilizadas para segurar o escudo, e finalmente os **peitos** de cada um dos mortos, pressionados pela rocha – cujo peso era tamanho que fez mesclar-se o ferro de suas armas ao corpo dos homens (**mistos ao ferro**).

569-70. EM FUGA O EXÉRCITO TREMENTE / SE EXCITA: logo após Tideu ter lançado a pedra sobre os tebanos (2.559-69), aqueles que escaparam da rocha se dispersam, agitados à fuga. Diz **trememente** (*tremefactum*, em latim) porque os soldados se assustaram com o ataque. Na sequência, Tideu se aproveitará da confusão para realizar novo ataque (2.576-9).

570-1. DESPREZADOS QUE SEJAM, NÃO RESTAM / CORPOS: ou seja, aqueles que morreram não eram, pois, dignos de serem desprezados – não eram, então, soldados fracos ou covardes, mas valerosos. A afirmação faz crescer o mérito de Tideu por seu ataque com a pedra arrancada ao penhasco, bem como o erro de Etéocles, que desperdiça guerreiros virtuosos em uma empreitada que se mostra malfadada.

571. FULMÍNEO DÓRILAS: o nome aparece duas vezes em Ovídio (*Met.* 5.129; 12.380) referindo-se a dois personagens diferentes; é, também, o nome de um guerreiro em Sílio Itálico (2.126). Diz **fulmíneo** seja por sua violência, seja pelo brilho de suas armas.

572. E TÉRON, MÁRCIA ORIGEM, / FIADO EM AVÓS TERRÍGENOS: descendente dos Espartos – por isso

fala de seus antepassados **terrígenos** –, sendo, por isso, descendente de Marte – cf. 1.7-8n.

573-4: QUE NINGUÉM VENCE / NAS RÉDEAS, HÁLIS – ORA, INFANTE, JAZ NO CAMPO: nome de um rio na Ásia Menor e de alguns personagens pouco importantes em Virgílio (A. 9.765) e em Valério Flaco (3.157). Invencível sobre o cavalo (**nas rédeas**), jaz morto após ter lutado como um soldado de infantaria (**infante**).

575-6. DE PENTEU VINDO A ORIGEM, POR TI NÃO DEIXADO, / Ó BACO, FÉDIMO: Fédimo, um descendente de Penteu – por isso o diz **não deixado** (não esquecido) por Baco (cf. 1.11n).

576-7. COM OS BRUSCOS FADOS PASMAS / VIU AS TROPAS PERDEREM-SE EM BANDO CONFUSO: refere-se à confusão em que se transformou a coorte por causa da morte repentina daqueles que foram esmagados pela pedra lançada por Tideu.

578. OS TINHA À MÃO E NO MONTE OS PLANTARA: como em Virgílio (A. 12.488-9): *huic Messapus uti laeua duo forte gerebat / lenta, leuis cursu, praefixa hastilia ferro* (“nisto Messapo, que acaso trazia na sestra dois dardos / de hasta flexível e rápido curso, com ponta de ferro” – trad. Carlos Alberto Nunes).

579. E AOS QUE FOGEM OS ACRESCE: a escolha do verbo (em latim, *addo* – “ajuntar, acrescentar, aumentar”) por Estácio é interessante. Para Gervais (*ad loc.*), pode ser considerada uma variação cômica da *Eneida* (9.763; 12.330): *raptas fugientibus ingerit hastas* [“capturadas, nos fugitivos lança as hastes”], que descreve Turno durante suas aristeias.

581-3. O CLÍPEO ... AGARRA: para Gervais (*ad loc.*), aqui Tideu responde ao convite de guerra implícito na queda do escudo no templo de Atenas durante o casamento das adrástides (cf. 2.257-8).

582. COM TÉRON PREMIDO: logo após Téron ter sido esmagado pela pedra – sobre o personagem, cf. 2.572n.

583. NOTA COURAÇA: isto é, a conhecida couraça – refere-se àquela retirada do javali calidônio (cf. 1.453n).

584. O HOSTIL PARMA: o escudo de Téron – donde dizê-lo **hostil**.

585. EM DENSO CORPO: a tropa, que se havia reunido de forma densa já antes do ataque (cf. 2.526), dispersou-se durante a investida de Tideu com a rocha (cf. 2.577). Agora, retoma novamente sua formação. **ÓGIGES:** habitantes da Ogígia. É dizer “tebanos” (cf. 1.173n).

586. E O PASSO FIRMAM: outra possível referência ao casamento de Polinices e Argia e Tideu e

Deípilo: logo após a queda do escudo de Evipo (cf. 2.257-8), diz o narrador (2.261) que **nem firme** estava **o passo** dos membros do cortejo após o susto, e eles já puderam escutar uma trombeta soando de dentro do templo.

586-7. BÍSTONE / ESPADA: Tideu se apresenta como descendente de Marte por seu pai, Eneu (cf. 1.464n); Marte, por sua vez, é patrono dos bístones (cf. 2.82n). A espada dos bístones, então, foi dada ao pai de Tideu por Marte (2.587 – **Márcio mimo de Eneu magno**) e, a ele, por seu pai.

588-9. IGUALMENTE ENTRE AS PARTES TODAS DIVIDIDO, / UM E OUTRO ENCARA: cobrindo igualmente todas as partes tomadas pelos inimigos em torno de si. Como em Virgílio, sobre Eneias em meio a uma indecisão (A. 4.285-6): *atque animum nunc huc celerem nunc diuidit illuc / in partis-que rapit uarias perque omnia uersat* (“e o ânimo célere, ora aqui e ora ali, / e a várias partes arrasta e tudo volve”).

589-90. DARDOS TRÊMULOS: trêmulos porque brandidos por aqueles que o atacavam – é dizê-los lançados, então, e não hesitantes nas mãos trêmulas de seus inimigos.

590-3. MUITOS, SE OBSTAM E COM ... DOS SEUS, CAÍDOS ROLAM: sozinho, Tideu é capaz de encurralar seus inimigos – provavelmente contra o paredão rochoso. Na descrição, Estácio destaca a confusão na qual se transformou a **densa tropa** (2.585) dos emboscados: obstando-se uns aos outros porque estavam em grande número (**muitos** – 2.590), se apertam com suas próprias armas (2.591), atingem uns aos outros com as mãos (2.592) e rolam pelo chão os corpos dos que caem (2.593).

590. MUITOS, SE OBSTAM: por causa da grande quantidade de homens encurralados por Tideu – uma vez que quatro morreram durante o ataque com a pedra, restaram quarenta e seis soldados para enfrentá-lo –, diz que um atrapalhava o outro, impedindo-os de contra-atacar (cf. 2.591n).

591. SEM NENHUMA FORÇA EM SEU ESFORÇO: por causa da falta de espaço entre eles. Apertados, empurravam-se sem força, uma vez que formavam um conjunto maciço de homens – uma leve ironia, uma vez que o narrador já os descrevera como **densa tropa** (2.585).

592. NOS SÓCIOS VAGAM MÃOS: apertados, os golpes que desferiam acertavam os próprios companheiros.

592-3. E OS CORPOS, PELA TURBA / DOS SEUS, CAÍDOS ROLAM: os corpos que, abatidos, caem ao chão, são rolados por seus próprio companheiros (**pela turba dos seus**).

593. E ELE AGUARDA OS GOLPES: que só atingem os próprios companheiros, nunca Tideu. Há uma mudança de foco na narrativa: da turba confusa e encurralada, voltamos para Tideu.

594. DE DARDOS ALVO ANGUSTO: isto é, um alvo estreito para os dardos, dada sua habilidade em desviá-los (cf. 2.589-90). **INEXPUGNÁVEL:** que não pode ser derrotado.

595-603. DE OUTRO MODO, SE ... INTERPONDO, E A SI PRÓPRIO / CINGE: *símile*. Aqui, Estácio aproxima a postura de Tideu à do hecatônquiros Briareu (*ad loc.*), um dos filhos de Geia e Urano, durante a Titanomaquia – a batalha dos olímpianos contra os Titãs. Assim, Estácio novamente aproxima a força de Tideu à de seres não humanos (cf. 2.5.559-60n; 2.5.563-4n).

595. FLEGRA GÉTICA: (AMAR-LEMAIRE) “Lugar onde os gigantes lutaram com os deuses, que foi chamado de *Flegra* [...] [de *φλέγω*], que significa, em grego, ‘queimar’. Os gigantes foram ali vencidos, abatidos por raios.”

596. BRIAREU: um dos hecatônquiros, os gigantes de cem braços, filhos de Geia e Urano. Tiveram parte importante durante a Titanomaquia e a Gigantomaquia, mas as fontes costumam discordar quanto ao lado da luta por eles assumido. Em Estácio, Briareu luta contra os olímpianos (cf. 2.600), assim como em Virgílio (A. 10.565-8 – *infra*); em Homero, por outro lado, diz-se que Briareu lutou ao lado de Zeus contra os próprios olímpianos (Il. 1.401-6): ἀλλὰ σὺ τὸν γ' ἐλθοῦσα θεὰ ὑπελύσας δεσμῶν, / ὥχ' ἐκατόγχειρον καλέσας' ἐς μακρὸν Ὀλύμπον, / ὃν Βριάρεων καλέουσι θεοί, ἄνδρες δέ τε πάντες / Αἰγαίων', ὃ γὰρ αὖτε βίην οὗ πατρός ἀμείνων' / ὅς ῥα παρὰ Κρονίῳνι καθέζετο κύδει γαίων / τὸν καὶ ὑπέδεισαν μάκαρες θεοὶ οὐδ' ἔτ' ἔδῃσαν (“Mas foste tu, ó deusa, que das correntes o libertaste, / quando chamaste para o alto Olimpo aquele das cem mãos, / a quem os deuses chamam Briareu, embora todos os homens / lhe chamem Egéon; pois mais forte ele é que o pai. / Sentou-se ele ao lado do Crônida, exultante na sua glória; / e os deuses bem-aventurados sentiram medo e não o acorrentaram” – trad. Frederico Lourenço).

Há, ainda, uma menção aos hecatônquiros em Hesíodo, que apresenta os gigantes lutando ao lado dos olímpianos contra os Titãs (Th. 713-21): οἱ δ' ἄρ' ἐνὶ πρώτοισι μάχην δριμεῖαν ἔγειραν, / Κόττος τε Βριάρεώς τε Γύγης τ' ἄστος πολέμοιο' / οἳ ῥα τριηκοσίας πέτρας στιβαρέων ἀπὸ χειρῶν / πέμπον ἐπασσυτέρας, κατὰ δ' ἐσκίασαν βελέεσσι / Τιτῆνας· καὶ τοὺς μὲν ὑπὸ χθονὸς εὐρυοδείης / πέμψαν καὶ δεσμοῖσιν ἐν ἀργαλέοισιν ἔδῃσαν, / νικήσαντες χερσὶν ὑπερθύμους περ ἐόντας, / τόσσον ἔνερθ' ὑπὸ γῆς ὅσον οὐρανός ἐστ' ἀπὸ γαίης· / τόσσον γάρ τ' ἀπὸ γῆς ἐς τάρταρον ἡερόεντα (“Na frente despertaram áspero combate / Cotos, Briareu e Giges insaciável de guerra. / Trezentas pedras dos grossos braços / lançavam seguidas e cobriram de golpes / os Titãs. E sob

a terra de amplas vias / lançaram-nos e prenderam em prisões dolorosas / vencidos pelos braços apesar de soberbos, / tão longe sob a terra quanto é da terra o céu, / pois tanto o é da terra o Tártaro nevoenta” – trad. Jaa Torrano).

Além disso, o trecho de Virgílio diz respeito a um símile que compara, à assustadora destreza de Briareu, a de Eneias no campo de batalha contra os homens de Turno (A. 10.565-70): *Aegaeon qualis, centum cui bracchia dicunt / centenasque manus, quinquaginta oribus ignem / pectoribusque arsisse, Iouis cum fulmina contra / tot paribus streperet clipeis, tot stringeret ensis: / sic toto Aeneas desaeuit in aequore uictor / ut semel intepuit mucro* (“como o centímico Egeu, de cem braços, conforme nos contam, / que fogo atroz vomitava de peitos cinquenta, e cinquenta / bocas, sem pausas fazer, e outros tantos escudos opunha / aos crebros raios de Jove, ou centenas de espadas volteava: / assim Eneias no campo da guerra semeava destroços, / desde que o gládio tingiu na matança.” – trad. Carlos Alberto Nunes). No passo estaciano, a ordem é: Briareu **se impôs, imenso**, contra céus (2.596), **aviltando** (2.600) as **flechas de Febo** e as **serpes da atra / Palas** (2.597-8), assim como o **Peletrônio pinho de ampla cúspide / Mavórcio** (2.598-9) e os **novos raios do lasso Pirácmom** (2.599); estava, enquanto isso, **por todo o Olimpo em vão cercado** (2.600) e **lamentando** as **mãos** que estavam **livres** (2.601). Sobre cada um dos elementos destacados, cf. comentários *ad loc*.

597-8. AS SERPES DA ATRA / PALAS: o peitoral de Atena, a deusa da guerra, em cujo centro fora fixada a cabeça da Górgona cortada por Perseu (cf.); as **serpes**, então, são aquelas que ornavam a cabeça do monstro. Diz **da atra / Palas** (em latim, *toruae Pallados*) por estar a deusa em formação de guerra. (AMAR-LEMAIRE) “Entenda-se a égide, em cujo centro estava a cabeça da Górgona, a qual era circundada por serpentes.”

598-9. PELETRÔNIO PINHO DE AMPLA CÚSPIDE / MAVÓRCIO: com **Peletrônio** refere-se ao Monte Pélion, na Tessália. São várias as referências ao local na literatura: Ovídio e Homero fazem referência à lança advinda do monte e utilizada por Aquiles: *Met.* 13.108-9: *nec non onerosa grauisque / Pelias hasta potest inbellibus esse lacertis* (“pesada e grave, / a lança do Pélion pode ser para os braços imbeles”); *Il.* 16.140-4: ἔγχος δ' οὐχ ἔλετ' οἶον ἀμύμονος Αἰακίδαο / βριθὺ μέγα στιβαρόν· τὸ μὲν οὐ δύνατ' ἄλλος Ἀχαιῶν / πᾶλλειν, ἀλλὰ μιν οἶος ἐπίστατο πῆλαι Ἀχιλλεύς / Πηλιάδα μελίην, τὴν πατρὶ φίλῳ πόρε Χείρων / Πηλίου ἐκ κορυφῆς, φόνον ἔμμεναι ἡρώεσσιν (“mas a megalança, / poderosa, pesada, não tomou do imáculo / Eácide. Só o Peleide, ninguém mais podia / sopesar, dom de Quíron, o freixo Pélion / ofertado a Peleu, bom para matar heróis” – trad. Haroldo de Campos); nas *Geórgicas*, Virgílio vincula o Pélion aos lápitas (G.

3.115-6): *frena Pelethronii Lapithae gyrosque dedere / impositi dorso* (“os Peletrônios Lápitias deram freios e um giro, / no dorso postados”); Lucano, por sua vez, refere-se ao monte como o local das cavernas dos Centauros (*Luc. 6.386-7*): *illic semíferos Ixionidas Centauros / feta Pelethroniis nubis effudit in antris* (“lá, aos semíferos Centauros Ixioníadas, / uma nuvem fértil deu à luz nos antros Peletrônios”). Com **pinho**, designa uma longa lança feita com madeira oriunda do Pélion; além disso, diz **Mavórcio** ou porque, de acordo com Lactânio (*ad loc.*), refere-se ao fato de o Monte Pélion ser dedicado a Marte – sobre a relação entre Marte, os lápitias e os Centauros, cf. 2.563-4n –, ou porque, mais provavelmente, dado ao contexto, se refere à arma com que o próprio Marte o enfrentara.

599. E AOS NOVOS RAIOS DO LASSO PIRÁCMON: um dos Ciclopes responsáveis pela fabricação de raios (*A. 8.424-5*: *ferrum exercebant uasto Cyclopes in antro, / Brontesque Steropesque et nudus membra Pyracmon* – “o ferro cultivavam os Ciclopes no vasto antro, / Brontes e Estéope e, com membros nus, Pirácmôn”).

600. POR TODO O OLIMPO EM VÃO CERCADO: dada sua força, tamanho e destreza, nem os olimpianos eram capazes de enfrentá-lo – por isso diz **em vão**.

601. LAMENTANDO MÃOS LIVRES: lamentando por não precisar empenhar todas as suas cem mãos (cf. 2.596n) no ataque aos deuses.

601-3. ARDE, NÃO MAIS FRACO ... A SI PRÓPRIO / CINGE: retorna a narrativa para Tideu, que agora se protege dos ataques dos emboscados tebanos.

603. OS PERSEGUE E AOS TRÉPIDOS AVANÇA: refere-se o narrador aos tebanos que o emboscaram, que fogem assustados pelo ímpeto do herói calidônio.

604. ROMPE FERRÕES QUE O CLÍPEO AGITAM POR INTEIRO: com **ferrões**, refere-se à ponta farpada dos dardos e lanças, as quais se encravam no escudo o fazendo tremer.

605. E ARMAM, FIXOS, O HERÓI: após se encravarem em seu escudo (**fixos**, portanto), servem de armas para Tideu, que os retira e usa contra aqueles que os lançaram.

606. NOS VITAIS MISTÉRIOS: nos pontos secretos que lhe garantem a vida.

607-10. EMPURRA ENTÃO DEÍCOLA ... LICOFONTE, O EQUIÔNIDA: mais um catálogo das vítimas de Tideu (cf. 2.570-6), composto por nomes sem maior importância – para a exceção, cf. 2.610n.

609. MINAZ EM GUERRA COM O MACHADO EM PÉ: ou seja, “durante a guerra, ameaçador enquanto segura em pé seu machado”.

610. E GIAS JUNTO, O DÍRCEO, E LICOFONTE, O EQUIÔNIDA: sobre os epítetos, cf. 2.142n; 2.353n. (GERVAIS) “Os nomes são apropriados para as vítimas finais de uma passagem introduzida por um símile de Briareu combatendo os deuses (2.595-601 [...]). Gias é um nome comum para guerreiros épicos (em Estácio, *Theb.* 7.715; 9. 305), mas é também o nome de um dos irmãos de Briareu (Hes. *Th.* 149: Γύης [Gýēs]; também dito Γύγης [Gýgēs]: note-se a variante *gygen* no MS. de Barthius); Virgílio joga com as associações monstruosas do nome em A. 5.118: *ingentemque Gyas ingenti mole [agit] Chimaeram* [“Gias, de ingente massa, guia a ingente Quimera”]; A. 10.318: *immanemque Gyan* [“o imane Gias”] [...] Em outros lugares, Licofonte aparece apenas em Homero, onde é “igual aos deuses” (*Il.* 8.275): ἀντίθεον Λυκοφόντην.”

611-2: BUSCAM-SE E A SI JÁ CONTAM, TENSOS, SEM O AMOR / DA MORTE; POR TÃO GRANDE TURBA EXTINTA SOFREM: dos cinquenta homens que vieram emboscar Tideu, só sobraram uns poucos, os quais, procurando os desaparecidos e enumerando a si próprios, sofrem ao ver que tantos dos seus já foram mortos. **SEM O AMOR / DA MORTE:** sem o amor pela morte; é dizer “já não ardem por matar Tideu”.

613-28. EIS CRÔMIS, CUJA ORIGEM ... ENTRE OS DENTES SE CALA: tomado por súbito brio, Crômis tenta exortar seus companheiros à luta, ressaltando a desvantagem numérica de Tideu (2.620-1). Enquanto brada, porém, é ferido mortalmente por Tideu, silenciando suas palavras enquanto a morte toma-lhe o corpo (2.624-8). Gervais (*ad loc.*) elenca quatro cenas que serviriam de intertexto para a morte de Crômis. Na primeira delas, de Virgílio, após uma longa provocação de Rêmulo Numano, Ascânio o fere mortalmente com uma lança atravessando-lhe a garganta (A. 9.590-7; 9.630-4): *tum primum bello celerem intendisse sagittam / dicitur ante feras solitus terrere fugacis / Ascanius, fortemque manu fudisse Numanum, / cui Remulo cognomen erat, Turnique minorem / germanam nuper thalamo sociatus habebat. / is primam ante aciem digna atque indigna relatu / uociferans tumidusque nouo praecordia regno / ibat et ingentem sese clamore ferebat [...]* *audiit et caeli genitor de parte serena / intonuit laeuum, sonat una fatifer arcus. / effugit horrendum stridens adducta sagitta / perque caput Remuli uenit et caua tempora ferro / traicit* (“Consta que Iulo, usado à montaria, / a guerra então provou, com ágil frecha / rendendo o acre Numano, apelidado / Rêmulo, que à menor irmã de Turno / de fresco se enlaçara. Da aliança / tímido, altivo na primeira fila, / vociferando infâmias e doestos, / bizarreava em gritos arrogantes [...] Do céu sereno, à esquerda, o rei troveja: / o arco a estalar, mortífero despede / horrísono farpão, que as fontes cavas / de Rêmulo atravessa” – trad. Odorico Mendes); na segunda, também em Virgílio, Mnesteu discursa aos troianos buscando infla-

mar-lhes contra Turno (A. 9.781-7 *apud* 2.620-3n).

As outras duas são de Ovídio: na primeira, durante a luta entre Perseu e os pretendentes de Andrômeda, um Crômis mata cruelmente o ancião Emátion, que, contrário à luta, amaldiçoava seus participantes aos pés de um altar (*Met.* 5.103-6): *huic Chromis amplexo tremulis altaria palmis / decutit ense caput, quod protinus incidit arae / atque ibi semianimi uerba exsecrantia lingua / edidit et medios animam expirauit in ignes* (“Enquanto, com mãos trêmulas, abraça o altar, / com a espada, Crômis decepa-lhe a cabeça, / que logo tomba em cima do altar e, aí, com a língua semiviva, / profere palavras de execração e exala a vida no meio do fogo” – trad. Domingos Dias). Para Gervais, o Crômis de Estácio, ao morrer pelas mãos de Tideu, estaria pagando pela impiedade de seu homônimo ovidiano em uma alusão literária. Na segunda cena de Ovídio, Tereu corta a língua de Filomela, o que, para Gervais, adianta as ofensas sexuais que, na sequência (2.661-8), Tideu fará aos tebanos (*Met.* 6.553-60): *iugulum Philomela parabat / spemque suae mortis uiso conceperat ense: / ille indignantem et nomen patris usque uocantem / luctantemque loqui comprehensam forcipe linguam / abstulit ense fero. radix micat ultima linguae, / ipsa iacet terraeque tremens inmurmurat atrae, / utque salire solet mutilatae cauda colubrae, / palpitat et moriens dominae uestigia quaerit* (“Filomela preparava o pescoço, pois, ao ver a espada, / ficara esperançada na sua morte. A sua língua indigna-se, / chama continuamente pelo nome do pai e esforça-se por falar. / Tereu agarra-a com uma tenaz e corta-a com sua bárbara espada. / No fundo da boca, a raiz palpita. A língua jaz por terra e murmura / sobre a terra negra enquanto estremece. E, como costuma agitar-se / a cauda mutilada de uma cobra, assim ela palpita” – trad. Domingos Dias). Sobre Tereu e Filomela, cf. 4.56n.

613. EIS CRÔMIS, CUJA ORIGEM VEM DO TÍRIO CADMO: embora descendente direto de Cadmo, como aponta Estácio, este Crômis é personagem desconhecido. Amar-Lemaire (*ad loc.*) fala de um Crômis filho de Príamo, o rei de Troia; outro filho de Pterelas, rei dos Teléboas; outro Crômis seria um dos Centauros e, outro ainda, um pastor citado por Virgílio (*Ecl.* 6.13-4: *pergite, Pierides. Chromis et Mnasyllus in antro / Silenum pueri somno uidere iacentem* – “Andai, Piérides. Na caverna, Crômis e Mnasílo, / jovens, viram dormindo Sileno”). Há também um Crômis citado na *Eneida* (A. 11.673-5): *his addit Amastrum / Hippotaden, sequiturque incumbens eminus hasta / Tereaque Harpalycumque et Demophoonta Chromimque* (“a seguir, contra Amastro se atira, / filho de Hipotes; e logo, de longe, derruba com a lança / a Demefoonte e Tereu, mais Harpálico e Crômis valente” – trad. Carlos Alberto Nunes); um em Sílio Itálico (1.437-9 – referindo-se a vítimas de Haníbal): *iamque Hostum Rutulumque Pholum ingentemque Metiscum, / iam Lyg-*

dum Duriumque simul flauumque Galaesum / et geminos, Chromin atque Gyan, demiserat umbris (“e Hosto, Rútulo, Folo e o ingente Metisco / e os gêmeos, Crômio e Gias, às sombras enviara”); e, por fim, um Crômio em Ovídio, que figura na batalha de Perseu com os pretendentes de Andrômeda (*Met.* 1.103-4): *huic Chromis amplexo tremulis altaria palmis / decutit ense caput* (“abraçado ao altar com mãos trêmulas, Crômio, / com gládio, corta-lhe a cabeça” – trad. Raimundo Carvalho).

614. DRÍOPE: (GERVAIS) “Dois pares de personagens na épica latina são relevantes. Primeiro, Dríope, mãe do guerreiro Tárquito em Virgílio (*A.* 10.550-1: *Tarquitus ... siluicolae Fauno Dryope quem nympha crearat* [“Tárquito ... do Fauno silvícola e de Dríope, que uma ninfa criara”]) e, antes, no mesmo livro, Dríope, um guerreiro troiano. Ambos os guerreiros [Tárquito e Dríope] sofrem ferimentos no pescoço enquanto falam (*A.* 10.554-5; 10.346-7: *rigida Dryopem ferit eminus hasta / sub mentum grauius pressa, pariterque loquentis / uocem animamque rapit traiecit gutture* [“fere, de longe, a Dríope com dura lança, / sob o mento profundamente pressionada, e ao mesmo tempo em que falava / a voz e a alma arranca, transfixada a garganta”]) [...] Em segundo lugar, uma Dríope ovidiana, cuja transformação em árvore rouba sua fala por destruir-lhe a boca (*Met.* 9.392) e faz com que ela abandone o seu bebê involuntariamente (*Met.* 9.356-8: *at puer Amphisso ... materna rigescere sentit / ubera; nec sequitur ducentem lacteus umor* [“mas o menino Anfisso ... sente endurecerem os maternos / seios; nem continua o lácteo líquido”]) e uma Dríope em Valério Flaco [...] que ajuda a incitar o massacre Lêmnio atirando seus filhos do próprio seio (*V. Fl.* 2.184-5: *tunc ignea torquens / lumina praecipites excussit ab ubere natos* [“volvendo, então, os ígneos / olhos, do seio atira pra adiante os filhos”]). A Dríope de Estácio supera a negligência maternal de suas homônimas de uma forma bizarra (cf. 2.614-7).”

614-7. A FENÍCIA DRÍOPE / O TINHA ... IMPULSA, A CRIANÇA NASCEU: a Dríope de Estácio, **Fenícia** (região onde está localizada Tiro, terra natal de Cadmo), dá à luz Crômio de uma maneira inusitada: grávida, foi levada por um coro de bacantes (**por um coro rapta**), em meio ao qual, esquecida do filho em seu ventre (**alheia ao fardo**), acabou dando à luz após o esforço que fez para levar, a Baco, um touro que capturara pelos chifres.

617. POR NÍMIO ESFORÇO IMPULSA: lançada pelo esforço demasiado que sua mãe empregou para tomar o touro pelos chifres (cf. 2.614-7n).

619. UM PINHO LARGO EMPUNHA POR NODOSA CLAVA: Crômio trazia à mão, como sua arma, uma extensa clava de madeira de pinho. Emprega **nodosa** para dizer-lhe “dura”, “resistente”.

620-3. VARÕES, UM SÓ, UM!, MORTES ... ESSA, Ó LAMPO, DEMOS?: Gervais (*ad loc.*) relaciona, a esta fala de Crômis, a de Mnesteu, em Virgílio (A. 9.781-7): *quo deinde fugam, quo tenditis?' inquit. / 'quos alios muros, quaeue ultra moenia habetis? / unus homo et uestris, o ciues, undique saeptus / aggeribus tantas strages impune per urbem / ediderit? iuuenum primos tot miserit Orco? non infelicis patriae ueterumque deorum / et magni Aeneae, segnes, miseretque pudetque?* – “onde, brada Mnesteu, fugis, Troianos? / Que outros muros tereis, que outra guarida? / Um só homem fechado em vossa estância, / faz impune tamanhos morticínios? / Tantos guerreiros precipita no Orco? / Sem pejo do rei nosso e nossos deuses, / não vos instiga e move a pátria mesta?” – trad. Odorico Mendes).

621. A FAMA MAL VAI CRER: ou seja, nem mesmo a Fama, deusa que espalha e aumenta as notícias entre os povos (cf. 1.684), poderá facilmente acreditar em tamanha façanha: que um único homem tenha sido capaz de vencer cinquenta em combate.

623. ESSA JURA AO REI, CÍDON, ESSA, Ó LAMPO, DEMOS?: Cídon e Lampo são nomes de mais dois guerreiros tebanos, aos quais se dirige Crômis. (GERVAIS) “Crômis escolhe dois soldados ilustremente nomeados para reprimi-los por seu fracasso [...]: Cídon, de κῦδος [*kýdos*], e Lampo, de λάμπω [*lámpos*] (“brilhe forte, seja famoso”). Este nome aparece na literatura latina somente aqui e em *Theb.* 7.759 (é homérico; Ovídio tem as Lampétides – *Met.* 5.111 –, filhas de Lampo – cf. *Il.* 15.526: Λαμπετίδης, ὃν Λάμπος ἐγένεατο [“as Lampétides, de Lampo nascidas”]); aquele, alude a outra (quase) vítima de Eneias em (A. 10.310-32) [...]: A. 10.324-7: *tu quoque ... / ... infelix ... Cydon, / Dardania stratus dextra ... / ... miserande iaceres...* [“tu também ... / ... infeliz ... Cídon, / prostrado por Dardânia destra ... / ... ó miserando, caíste”] (o nome reaparece em *Theb.* 5.220 – também aludindo à A. 10.324-7 –, e em 6.464-5 – durante uma corrida de cavalos; note-se também o aparecimento de Crômis: *audit et Herculem Strymon Chromin, Euneon audit / igneus Aetion; tardumque Cydona laccessit Hippodamus* [“Ouve a Crômis Hercúleo Estrímon, a Euneu ouve / o ígneo Etíon, e Hipodamo fustiga o mais lento / Cídon”] –, em 9.127 e 9.759). Essa relação com o canto décimo da *Eneida* aponta para outro intertexto virgiliano, o triste resultado da batalha: a morte de Palante e as promessas fracassadas feitas para Evandro (A. 11.45-6): *non haec Euandro de te promissa parenti / discedens dederam* [“não foi esta a promessa que, ao pai Evandro, por ti / foi entregue ao partires”]; e (A. 11.152): *non haec, o Palla, dederas promissa parenti* [“não esta promessa, ó Palante, fizeras ao pai”]. Neste intertexto, nós vislumbramos – a despeito do *nefas* da emboscada tebana e do humor negro da morte de Crômis – a tragédia pessoal de sua falha como um guerreiro leal a seu rei.”

624. E ENQUANTO CLAMA, À BOCA VEM TEUMESO CORNO: **Teumeso** é dizer “tebano” – sobre o termo, cf. 1.485n. Tideu fere Crômis diretamente na boca, interrompendo seu discurso – **cornos** é, aqui, uma metonímia para “lança”.

625. E A GARGANTA NÃO OBSTA: a garganta não impede a passagem da lança, cedendo à sua pressão. **VOZ COMPLETADA:** é dizer “tendo sido completada sua voz”. Como se o sangue que brota do ferimento (cf. 2.636) completasse as palavras de Crômis, interrompidas pela entrada da lança em sua garganta.

629-43. TESPÍADAS, E A VÓS, POR QUE ... DESTRAS FECHARAM OS OLHOS: no passo, o poeta descreve a morte dos irmãos chamados Tespíadas (cf. 2.629n), cujos corpos são fisicamente unidos durante a morte por meio da lança com que Tideu os perfura. A cena, a despeito de breve, não é nada desprezível, e possui relações fortes e bastante significativas com dois assuntos tratados no épico: o primeiro, a relação entre irmãos, uma vez que sua morte claramente os vincula a Polinices e Etéocles – sobre isso, cf. 2.630-9n; 3.133-68n; o segundo, a relação entre pais e filhos, uma vez que sua mãe, Ide, que surge no canto terceiro em busca dos corpos de ambos, representará um contraponto importante às figuras de Édipo e Jocasta como pai e mãe – sobre isso, cf. 3.133-68n.

629. TESPÍADAS: refere-se a Périfas e seu irmão, inominado, netos de Téspio, rei de Téspia, na Beócia – próximo a Tebas. Segundo a lenda, Téspio teve cinquenta filhas e hospedou Hércules durante a caçada ao leão do Citéron. Nesse período, Hércules teria dormido com todas as filhas de seu anfitrião, gerando filhos com elas. Segundo Grimal (*ad loc.*), cada uma delas teve um filho de Hércules, com exceção da mais velha e da mais nova, as quais geraram, cada uma, gêmeos.

630-9. DO IRMÃO, MORRENTES LEVANTAVA ... VISTO A MORTE, DESCANSA: a cena, carregada de *páthos*, apresenta Périfas sustentando o corpo quase morto de seu irmão. A união de ambos, porém, é simbolizada pela arma que os mata, a lança de Tideu, que acaba unindo ambos os corpos em seu momento derradeiro. Em sua morte, Tideu e Polinices também se unem, restando um sobre o corpo do outro (*Theb.* 11.552-73): ao contrário dos Tespíadas, porém, não foi o amor fraterno o responsável pela morte dos edipônidas, mas o ódio, e a união de seus corpos causada por um último embuste de Etéocles – sobre isso, cf. 3.542n.

631-2. NADA MAIS CLARO / QUE A ÍNDOLE E A PIEDADE: ou seja, “nada mais ilustre que sua índole e a piedade”. Outra vez, como no caso de Corebo e Pena (cf. *esp.* 1.605-66n), Estácio demonstra a impossibilidade da *pietas* em seu mundo épico: ora, mesmo que demonstrando toda sua *pie-*

tas diante do agonizante irmão, Périfas não será perdoado, mas atravessado pela lança de Tideu. Gervais (*ad loc.*) alega que, além disso, o fato de os irmãos participarem de um crime nefasto (cf. 2.482-3n) também demonstra a inadequabilidade da virtude no mundo da *Tebaida*.

634-5. OS LAÇOS NÃO AMARRAM / O ELMO LAVADO EM PRANTO: (LACTÂNCIO) “Por causa da inundação de lágrimas, os laços da gálea se rompem.” (AMAR-LEMAIRE) “As tiras de couro mantinham presa a gálea ao colo.”

636-7. GRAVE LANÇA ARROMBA O CURVO DORSO, / ATINGE O MANO: com Périfas inclinado por sobre o irmão agonizante (por isso diz **curvo dorso**), Tideu crava-lhe às costas uma lança firme (**grave**), transpondo seu corpo até que atingisse, também, o peito de seu irmão (o **mano**).

638-9. O OUTRO, OS OLHOS INDA EM LUZ NADANDO / FIRMA E, TENDO DO IRMÃO VISTO A MORTE, DESCANSA: a lança que atravessa o corpo de Périfas e atinge seu irmão conduz a uma mudança no foco narrativo, que, acompanhando o movimento da arma, passa aos olhos do irmão de Périfas observando a morte daquele que o sustinha em seus últimos momentos de vida – ainda mantinha, diz-se, a **luz** da vida em seus **olhos** (seus membros, sustentados por Périfas, foram ditos **morrentes** – 2.630-1). Ora, então, depois de ter fixado seus olhos na imagem do irmão morrendo após ter sido transpassado pela lança de Tideu, diz o poeta que os **descansa**, entregando-se, por fim, à morte.

639. TENDO DO IRMÃO VISTO A MORTE: refere-se ao irmão de Périfas, que o viu desfalecer sobre si após o golpe dado por Tideu.

640-1. MAS FRESCA ÀQUELE É A VIDA E, FERIDO, INDA É FORTE; / DIZ: porque a vida ainda lhe era recente (**fresca**), não tendo saído de todo, portanto, e porque mantinha suas forças a despeito de seu ferimento, ainda foi capaz de amaldiçoar Tideu (cf. 2.641n).

641. O ABRAÇO TE DEEM E ESSES BEIJOS TEUS FILHOS: dirige-se a Tideu. (GERVAIS) “Uma maldição muito específica contra Tideu, elucidada por um intertexto lucaniano. Na batalha marinha em Marselha, um jovem chamado Argos é ferido de morte e encontrado por seu pai. Com o pescoço enfraquecendo (*Luc. 3.737: languentia colla* [“o pescoço lânguido”]; *Theb. 2.632: marcentia colla* [o colo mole]), Argos vê seu pai (*Luc. 3.728: uiso patre* [“vendo o pai”]; *Theb. 2.639: aspecta germani morte* [**tendo do irmão visto a morte**]) e suplica para que ele performe os ritos finais (*Luc. 3.739-40: tacito tantum petit oscula uultu / inuitatque patris claudenda ad lumina dextram* [“só com gestos mudos, pede / um beijo e a mão paterna que lhe feche os olhos” – trad. Brunno Vieira]; *Theb. 641-3: oscula ... alterna clauserunt lumina dextra* [**beijos ... / e com al-**

ternas destrás fecharam os olhos]). Seu pai, porém, se recusa (*Luc.* 744-5: *ueniam misero concede parenti, / Arge, quod amplexus, extrema quod oscula fugi* [“perdoa teu pai, / Argo, de te fugir ao derradeiro beijo” – trad. Brunno Vieira]), e rapidamente se mata para que não sobreviva a seu filho (*Luc.* 750-1: *letum praecedere nati / festinantem animam* [“p’ra adiantar-se à morte de seu filho, / afoita a alma” – trad. Brunno Vieira]). Périfas, ao contrário, deseja que Tideu aceite [dar] os oscula (“beijos”) finais de seus filhos: que seus filhos morram e ele sobreviva a eles.”

642-3. DA MORTE MÍSERO / VOTO: (AMAR-LEMAIRE) “Certamente fora desejado por eles que morressem dessa forma, pelo amor fraterno em uma única vida e uma única morte interligados; **mísero**, pois, porque extinguir-se juntos por uma morte tão atroz excede jovens de tamanha índole. Isso eles quiseram, mas foi um pedido miserável.”

643. E COM ALTERNAS DESTRAS FECHARAM OS OLHOS: ou seja, um fecha os olhos do outro com sua destra (por isso, **alternas**).

644-81. DE PRONTO, ENTÃO, COM PARMA ... P’RA FORA OS MOLES VELOS LAMBE: após a morte dos Tespíadas (2.629-43), Tideu avança contra Menetes (2.644-8), que clama por sua vida: se Tideu o deixasse viver, cantaria seus feitos no paço de Etéocles (2.649-55). Sem deixar-se levar pelo pranto de Menetes, porém, Tideu acusa a covardia de seu oponente e o mata (2.655-60). Enraivecido, o herói avança contra os últimos sobreviventes, ofendendo os costumes lascivos dos tebanos, desconhecidos dos homens de verdade (2.660-8); mas, já cansado, para em meio aos corpos dos inimigos com o escudo cheio de espólios (2.668-74). Ao fim, se encerra o passo com um símile que compara o ímpeto de Tideu e o seu cansaço ao final da matança com o de um leão em meio ao rebanho que acabou de devorar (2.675-81).

Gervais (*ad loc.*) destaca as semelhanças entre a cena da morte de Menetes e três outras: a primeira delas, em Virgílio, é a primeira morte da batalha final entre os troianos e os exércitos de Turno, quando Messapo mata Aulestes, que implora por sua vida (A. 12.289-97): *Messapus regem regisque insigne gerentem / Tyrrhenum Aulesten, avidus confundere foedus, / aduerso proterret equo; ruit ille recedens / et miser oppositis a tergo inuoluitur aris / in caput inque umeros. at feruidus aduolat hasta / Messapus teloque orantem multa trabali / desuper altus equo grauiter ferit atque ita fatur: / ‘hoc habet, haec melior magnis data uictima diuis.’ / concurrunt Itali spoliantque calentia membra* (“Messapo, que anular deseja as pazes, / ao Tusco Aulestes em reais insígnias / remete o bruto: a recuar de espanto, / atrás o triste rei de encontro às aras, / cai de ombros e cabeça. Então Messapo / do alto corcel malfere ao suplicante / com trabal chu-

ça, e fêrvido vozeia: / ‘Morre, esta é melhor vítima aos Supremos.’ / Acode a chusma, e os quentes membros despe” – trad. Odorico Mendes).

A segunda, também em Virgílio, diz respeito à morte de Turno pelas mãos de Eneias, a última do poema. Depois de quebrar sua espada e recuar ante o inimigo (A. 12.732-4: *frangitur in medioque ardentem deserit ictu, / ni fuga subsidio subeat. fugit ocior Euro / ut capulum ignotum dextramque aspexit inermem* – “mas a pérfida folha estala e falha: / sem mais recurso, ao ver o moço ardente / ignota empunhadura e a destra inerte, / como Euro foge” – trad. Odorico Mendes), Turno é morto por Eneias logo após suplicar por sua vida (A. 12.930-52): *ille humilis supplex oculos dextramque precantem / protendens ‘equidem merui nec deprecor’ inquit; / ‘utere sorte tua. miseri te si qua parentis / tangere cura potest, oro (fuit et tibi talis / Anchises genitor) Dauni miserere senectae / et me, seu corpus spoliatum lumine mauis, / redde meis. uicisti et uictum tendere palmas / Ausonii uidere; tua est Lauinia coniunx, / ulterius ne tende odiis.’ stetit acer in armis / Aeneas uoluens oculos dextramque repressit; / et iam iamque magis cunctantem flectere sermo / coeperat, infelix umero cum apparuit alto / balteus et notis fulserunt cingula bullis / Pallantis pueri, uictum quem uulnere Turnus / strauerat atque umeris inimicum insigne gerebat. / ille, oculis postquam saeui monimenta doloris / exuuiasque hausit, furiis accensus et ira / terribilis: ‘tunc hinc spoliis induite meorum / eripiare mihi? Pallas te hoc uulnere, Pallas / immolat et poenam scelerato ex sanguine sumit.’ / hoc dicens ferrum aduerso sub pectore condit / feruidus; ast illi soluuntur frigore membra / uitaque cum gemitu fugit indignata sub umbras* (“Turno olha humilde, súplice ergue a destra: / ‘Bem mereço, é teu jus, perdão não peço; / mas, se de um pai (de Anquises te relembres) / comove-te a velhice, a Dauno eu rogo / me entregues, se não vivo, ao menos morto. / Venceste, viu-me enfim a Itália toda / as palmas levantar: Lavínia é tua; / os ódios não requintes.’ O acre Eneias / o pé susta, olhos volve, a mão reprime: / iam-no as preces quase enterrecendo, / quando o infeliz talim se mostra ao ombro / e a cravação do cingidouro fulge, / despojos de Palante, a quem menino / matara Turno com letal fereza, / e essa divisa infesta em si trazia. / Da cruel dor no monumento a vista / mal embebe, enfuriado o herói vozeia: / ‘Quê! tu me escaparás dos meus com presa!... / Nesta ferida imola-te Palante, / Palante vinga-se em teu ímpio sangue.’ / No peito aqui lhe esconde o iroso ferro: / gelo solve-lhe os órgãos, num gemido / a alma indignada se afundou nas sombras” – trad. Odorico Mendes).

Por fim, há ainda a aristeia de Ceva, em Lucano, quando o herói, logo após fingir suplicar por sua vida diante das tropas inimigas, mata o incauto Aulo, que acreditou em sua mentirosa rendição (Luc. 6.228-39): *ille tegens alta suppressum mente furorem, / mitis et a uoltu penitus uir-*

tute remota, / ‘parcite’, ait ‘ciues; procul hinc auertite ferrum. / conlatura meae nil sunt iam uolnera morti: / non eget ingestis sed uolsis pectore telis. / tollite et in Magni uiuentem ponite castris. / hoc uestro praestate duci: sit Scaeuā relictī / Caesaris exemplum potius quam mortis honestae.’ / credidit infelix simulatis uocibus Aulus / nec uidit recto gladium mucrone tenentem, / membraque captiui pariter laturus et arma / fulmineum mediis excepit faucibus ense (“Mercê, concidadãos!, exclama Ceva, / detende os ferros: perdoai-me; agora, / ferir em mim é já ferir num morto; / não heis mister de me embeber mais lanças; / antes mas descraueis. Leuai-me vivo; / ide-me pôr nos arraiais do Grande; / não priveis dessa glória ao chefe vosso. / Tornai-me exemplo a trânsfugas de César, / não modelo a furiosos, que antepõemham / póstuma nomeada ao bem da vida!” / Fiu-se Aulo infeliz no vão discurso... / Não repara que Ceva, assim falando, / sustenta o ferro em punho, inda apontado; / mas no lançar-se à presa, e já cuidando / tê-la em braços, levá-la até co’as armas / qual se leva um troféu, rasga-lhe a gorja / estocada fulmínea” – trad. José F. Castilho).

644. MENETES: (GERVAIS) “Um nome perfeito para um covarde [...]: na *Eneida*, Menetes é um velho, timoneiro de Gias, tímido e lento (A. 5.164-5: *caeca Menoetes / saxa timens* [“Menetes, as ocultas / pedras receando”]; 5.173: *segnemque Menoetem* [“o lento Menetes”]), jogado ao mar por seu capitão, para o divertimento dos troianos (A. 5.173ss). Nas *Metamorfoses* (Met. 12.115ss), ele é um soldado acidentalmente morto por Aquiles para tranquilizar-se quanto a seu poder de luta. Na *Tebaida*, mais adiante, é um jovem amaldiçoado que odeia a guerra (Theb. 12.517: *et iuuenem exosum nequiquam bella Menoentem* [“e, jovem, em vão odiando a guerra, Menetes”] [...]); se quisermos, podemos imaginar este Menetes como um guerreiro relutante também.”

645. ASSUSTA E IMPÕE: Tideu é o agente das ações contra Menetes.

645-6. A PASSOS TRÉPIDOS, PEGADAS / DE RETRO APRESSE: que apresse os seus passos recuando.

646. EM TERRA INCERTA PRONO: “inclinado sobre um terreno irregular”.

647-8. AMBAS AS MÃOS EM SIMULTÂNEO ABERTAS, / CLAMA: refere-se a Menetes, que, acuado por Eneias, assume total posição de súplica – cf. a posição de Turno diante de Eneias (A. 12.930; 12.936-7 *apud* 2.644-81n).

648. NA FAUCE, A LANÇA BRILHANTE INTERROMPE: isto é, na altura da garganta (a **fauce**), segura a lança para que Tideu não perfure seu pescoço.

649-54. POUPA, POR ESSAS SOMBRAS ... REGRESSAS QUAL ROGOU TEU SÓCIO: (GERVAIS) “A estratégia que

Menetes adota ao pedir por sua vida não é nem a tradicional oferta de um resgate dos suplicantes homéricos (*Il.* 6.47-8; 10.378-9; 11.132-3; *A.* 10.525-9), nem o reconhecimento da vitória do inimigo feito por Turno (*A.* 12.936-8 [...]). Em vez disso, ele segue Ceva ao oferecer-se para trair o seu mestre (*Luc.* 6.234-5: *sit Scaeva relict / Caesaris exemplum potius quam mortis honestae* [“assim, que Ceva seja / mais um exemplo de abandono a César do que o de uma morte honesta”] [...]); e, além disso, roga pelo sucesso de Tideu na batalha. Mas o leal Tideu não permitirá a traição mesmo de um líder mau [...], e o vitorioso Tideu não necessita das preces de Menetes.”

652. TE CANTAR EM DESCASO AO REI: ou seja, louvar a ti e a teus feitos, em desprezo a Etéocles.

652-3. QUE AS NOSSAS SETAS / DESÇAM VÃS, E A TEU PEITO ABERTO NENHUM FERRO: roga Menetes para que, durante a guerra porvir, as flechas tebanas (**nossas setas**) não atinjam seus alvos (**desçam vãs**) e espada alguma atinja o peito de Tideu.

654. QUAL ROGOU TEU SÓCIO: Menetes se refere a Polinices, que enviou Tideu a Tebas como seu mensageiro.

656-7. MEU COLO / JURASTE AO CHEFE INÍQUO: “tu juraste o meu pescoço ao chefe injusto”. Tideu refere-se a Etéocles, **iníquo** por ter mandado cinquenta homens emboscarem um único mensageiro, bem como por negar-se a cumprir o acordo firmado com o irmão. Não diz, porém, porque teme ser enganado por Menetes – “porque juraste minha morte a teu chefe, planejas me enganar com falso pedido de clemência” –, mas porque não suporta sua deslealdade, mesmo que em relação a um **chefe inúquo**, e por isso o chama, na sequência, de covarde (2.658: **que ganhos tens com uma vida medrosa?**). É como se dissesse, então, “tu juraste minha cabeça a teu chefe; se voltares, de que te valerá uma vida marcada pelo medo e pela covardia? Melhor que morras”.

659. A GUERRA ESPERA: em latim, *bela manent*. Como alega Gervais (*ad loc.*), a afirmação se assemelha mais a uma provocação, uma vez que a batalha de Tideu já está em seu fim e a guerra entre argivos e tebanos só será travada a partir do canto sétimo. É como, então, se a própria guerra e também os leitores devessem aguardar para terem mais ação.

659-60. E O CRASSO DARDO COM CRUOR / JÁ RETORNA: mal termina sua fala Tideu, e o dardo que Menetes havia segurado em sua garganta (2.648) já retorna banhado com seu sangue.

661-8. ESTA NOITE A VÓS NÃO VEM ... Ó COVARDES, ÀS SOMBRAS!: Tideu provoca os tebanos. Para Gervais (*ad loc.*), o modelo de Estácio é aquele de Virgílio em que Rêmulo Numano provoca

os troianos (A. 9.598-620), especialmente porque, aí, Numanos acusa os troianos tanto de práticas afeminadas, como a dança e o canto, como de serem impróprios para guerra, tal como aqui o faz Tideu (A. 9.614-20): *uobis picta croco et fulgenti murice uestis, / desidiae cordi, iuuat indulgere choreis, / et tunicae manicas et habent redimicula mitrae. / o uere Phrygiae, neque enim Phryges, ite per alta / Dindyma, ubi adsuetis biformem dat tibia cantum. / tympana uos buxusque uocat Berecynthia Matris / Idaeae; sinite arma uiris et cedite ferro* (“trajais múrce ardente, em cróceas galas / amoleceis; agradam-vos coreias, / laços nas coifas, túnicas de mangas. / Frígias, não Frígios, pelo Díndimo ide; / à tibia afeitos bíssona, esses gládios / a homens largai: da Berecíntia o buxo / Ideu vos chama e adufes e timbales” – trad. Odorico Mendes).

661-2. ESTA NOITE A VÓS NÃO VEM / TRIENAL: refere-se ao *τριετηρίς* (*trietērís* – cf. 2.73-80n), o mesmo festival que ocorria em Tebas quando da chegada da sombra de Laio (cf. 2.71-88 e comentários *ad loc.*).

662. QUAL PÁTRIA PRAXE: “qual o costume de sua pátria” – Tebas. **DE CADMO, A ORGIA:** é dizer “a orgia de Tebas”. A mudança feita por Tideu é interessante: como o herói está se referindo a um festival em honra a Baco, esperar-se-ia uma referência à orgia das bacantes; assim, faz com que suas críticas recaiam não sobre o deus e seus ritos, mas sobre os tebanos e seus modos de celebrar.

663. NEM MÃES ÁVIDAS MANCHANDO BACO: refere-se a episódios criminosos que envolvem mães em furor bacante, os quais manchariam Baco – isto é, deporiam contra o deus. Estácio tem em conta especialmente o episódio envolvendo Penteu e sua mãe, Agave (cf. 1.11n).

664. TIRSOS: bastões enfeitados com ramos de videira e outras ervas, adereço típico das bacantes. **COUROS:** refere-se especificamente à pele de cabrito com a qual, diz-se, cobriam-se Baco e as suas ministras.

665. A IMBELE SOM: isto é, a um canto não relacionado à guerra – festivo, portanto. **IGNOTA POR VARÕES VERAZES:** ou seja, “desconhecida por homens de verdade”. Refere-se à **horrrível guerra** travada **com Celeno buxo** (cf. 2.666n).

666. COM CELENO BUJO: sobre os bujos, cf. 2.77n. Celena é uma cidade na Frígia, onde ocorreu o famoso embate entre Apolo e Mársias (cf. 1.709n). É dizer, então, “com musical buxo”.

667. SÃO OUTRAS MORTES, OUTRO FUROR: em relação ao furor das bacantes e às mortes por elas causadas (cf. 1.11n). Na guerra, diz Tideu, o furor e a morte são diferentes.

667-8. Ó POUÇOS, / Ó COVARDES: dos cinquenta que emboscaram Tideu, sobraram apenas uns

poucos.

668-81. OS MEMBROS, PORÉM / SE RECUSAM ... OS MOLES VELOS LAMBE: as cenas de descrição da exaustão do herói são comuns desde Homero (*Il.* 16.102): Αἶας δ' οὐκ ἔτ' ἔμιμνε· βιάζετο γὰρ βελέεσσι (“Ajax não mais podia com o assédio dos dardos” – trad. Haroldo de Campos). Outras são: Lucano, sobre Ceva (*Luc.* 6.192-5); Sílio, Sobre Haníbal (*Sil.* 1.522-9); e, por fim, Virgílio (*A.* 9.812-4), sobre Turno: *tum toto corpore sudor / liquitur et piceum, nec respirare potestas, / flumen agit; fessos quatit aeger anhelitus artus* (“revê dos poros / largo suor e píceo arroio mana; / egro respira, o fôlego açodado / lhe agita os lassos membros” – trad. Odorico Mendes). Como se saberá, porém, somente um dos emboscados tebanos permanece vivo, Méon (cf. 2.690-3).

672. DE ESPÓLIOS BAMBO: ou seja, já cheio de espólios capturados junto aos corpos dos emboscados mortos.

672-3. E FRIA CHUVA CAI NO ARFANTE / PEITO: refere-se ao suor, que escorre de sua face caindo-lhe sobre o peito cansado (por isso diz **arfante**).

675-81. COMO LEÃO QUE, LONGE ... OS MOLES VELOS LAMBE: os símiles de leão comparando à sua força, ira e exaustão aquelas dos heróis são comuns ao menos desde Homero (cf., por exemplo, *Il.* 8.338-43; 11.172-8; 16.823-9; 17.61-9). Gervais (*ad loc.*) destaca a importância que três símiles de leão escritos por Virgílio têm sobre este de Estácio: o primeiro diz respeito ao presente no final da aristeia de Turno, com a qual Estácio estabelece alguns diálogos durante toda a monomaquia de Tideu (cf., por exemplo, 2.579n; 2.668-81n), em que o rútilo é comparado a um leão acossado por uma turma de caçadores (*A.* 9.792-8): *ceu saeuum turba leonem / cum telis premit infensis; at territus ille, / asper, acerba tuens, retro redit et neque terga / ira dare aut uirtus patitur, nec tendere contra / ille quidem hoc cupiens potis est per tela uirosque. / haud aliter retro dubius uestigia Turnus / improperata refert et mens exaestuat ira* (“se a leão truculento azagaiaando / vexa a turba, aterrado a olhar terrível / recua; nem dar costas lhe consente / ira ou valor, nem ousa, embora o anele, / acometer zargunchos e monteiros: / não menos bravo Turno, dúbio e lento, / retrocede, estuoso e furibundo” – trad. Odorico Mendes).

Estácio repete, portanto, o símile de leão ao final da aristeia de Tideu qual o faz Virgílio ao final da aristeia de Turno, mas altera-lhe a situação em que se encontra o herói, utilizando, para isso, o símile que descreve Niso durante sua luta noturna (*A.* 9.339-41: *impastus ceu plena leo per ouilia turbans / suadet enim uesana fames) manditque trahitque / molle pecus mutumque metu, fremit ore cruento* – “tal, da fome esganado, o leão de salto / no redil mansa grei, de sus-

to muda, / roja, a boca ensanguenta e voraz brama” – trad. Odorico Mendes) e o que descreve Mezêncio em batalha (A. 10.723-9: *impastus stabula alta leo ceu saepe peragrans / (suadet enim uesana fames), si forte fugacem / conspexit capream aut surgentem in cornua ceruum, / gaudet hians immane comasque arrexist et haeret / uisceribus super incumbens; lauit improba taeter / ora cruor - / sic ruit in densos alacer Mezentius hostis.* – “se o leão, que em jejum com fome ronda / alto curral, fugaz a corsa avista / ou cervo de árduos cornos; sevo e hiante / folga, hirta a juba, às vísceras deitado / ferra-se e em negro sangue as fauces lava: / dest’arte vem Mezêncio e investe a chusma” – trad. Odorico Mendes).

Há, ainda, um símile de Sílio Itálico descrevendo a queda de Sagunto, um paralelo importante para este passo (Sil. 2.683-91): *ceu, stimulante fame cum uictor ouilia tandem / faucibus inuasit siccis leo, mandit hianti / ore fremens imbellis pecus, patuloque redundant / gutture ructatus large cruor: incubat atris / semesae stragis cumulis, aut murmure anhelos / infrendens laceros inter spatia tur aceruos: / late fusa iacent pecudes custosque Molossus / pastorumque cohors stabulique gregisque magister, / totaque uastatis disiecta mapalia tectis* (“como quando, atormentando a fome, vencedor, finalmente às ovelhas, / com a fauce seca, o leão ataca e devora com a boca / aberta a rês imbele, redundando à pátula / garganta, satisfeito, o sangue em abundância: inclina-se em atras / pilhas de vítimas meio devoradas, ou com murmúrio anelante / rangendo os dentes anda entre os montes lacerados: / por tudo espalhadas, jazem ovelhas e os guardas Molossos, / a coorte dos pastores e o chefe da grei e do estábulo, / inteira destruída a cabana com os redis devastados”).

676. OVIL MASSÍLIO: dos Massílios, um povo das proximidades da Numídia, na África.

676-7. EXCEDENDO-SE EM MUITO / SANGUE A FOME: ou seja, “com muito sangue refestelando-se a fome”. Tratava-se, pois, de um leão faminto, como os descritos em outros símiles semelhantes a este (cf. 2.675-81n).

678. JUNTO ÀS MORTES RESTA: é dizer “junto aos corpos dos animais se mantém”.

679. HIANTE E PELO FESTIM VENCIDO: isto é, “com a boca aberta, vencido pelo seu próprio alimento” – por causa da grande quantidade.

680. FERE, APENAS, O AR COM A BOCA LIVRE: com a boca vazia após se alimentar, o leão apenas ruge, com o que **fere**, então, **o ar**.

682-90. DE SANGUE E ESPÓLIOS PLENO ... MUITO USASTE A FORTUNA, VAI: após o sucesso contra os emboscados, Tideu se prepara para voltar a Tebas assoberbando-se de seu triunfo. Palas, po-

rém, percebendo o risco que o herói corria, o dissuade de sua empreitada, dizendo-lhe que ficasse satisfeito com a ajuda dos deuses e da Fortuna que teve até agora.

682-3. DE NOVO ELE A TEBAS / MARCHARIA: após derrotar os emboscados de Etéocles, a intenção de Tideu era retornar a Tebas e exibir-se **triunfante** (2.683) diante do povo e do rei tebanos.

684-6: Ó TRITÔNIA, SE AO HOMEM ... FOSSES COM UM CONSELHO: é Atena quem refreia o ímpeto de Tideu (cf. 2.682-4). (AMAR-LEMAIRE) “*Tritônia*: Palas, ou Minerva, assim é chamada ou por causa do lago Tritão na África, onde acredita-se que foi gerada, ou por causa do rio Tritão na Beócia, junto ao qual era honrada.”

685. POR SEUS FEITOS QUEIMANDO E TOMADO POR NÉVOAS: isto é, ardendo de orgulho por seus feitos, mas com a mente confusa (**tomado por névoas**). (LACTÂNCIO) “Isto é, com a mente obscurada por nímia felicidade. Diz *névoas*, pelas quais não se previam os acontecimentos futuros.”

687-8. A QUEM VENCER, HÁ POUCO, A AUSENTE TEBAS / ASSENTIMOS: em latim, *absentes cui dudum uincere Thebas / annuimus*. (GERVAIS) “Há dois mal-entendidos entre os tradutores e comentaristas. Primeiro, *dudum* [**há pouco**] significa ‘antes, anteriormente’ (não ‘agora mesmo’ ou ‘há muito tempo’), opondo-se a *iam* (2.688 [**agora**]): Atena não mais ajudará Tideu se ele viajar para Tebas. Segundo, *absentes* [**ausente**] é um acusativo com *Thebas* [**Tebas**] (não um nominativo com *adnuimus* [**assentimos**]): *absens*, quando nessa posição, sempre modifica um nome no final do verso em Estácio (2.133: *absentem ... fratrem* [“o ausente ... irmão”], 5.501: *abesentis ... alumni* [“do ausente ... lactente”], 6.401: *absentemque ... campum* [“e o ausente ... campo”], esp. 3.569: *absentesque ... Thebae* [“e a ausente ... Tebas”]), e a questão de Atena não é que Tideu era poderoso o suficiente para ganhar sem seu auxílio direto [...], mas que a vitória – apesar de grande – foi sobre apenas uma parte das forças de Tebas: a principal força de combate de Tebas está na própria cidade, e Tideu não é capaz de derrotá-la sozinho. Aqui, e em 2.133 e 3.569 [...], Estácio lembra seu leitor de que a verdadeira batalha está por vir.”

688-9. E O NÍMIO, AOS DEUSES / PROPÍCIOS, POUPA: poupa os deuses que te são propícios do exagero, do excedente ao justo.

689. A FÉ SÓ DESTA EMPRESA ESCOLHA: ou seja, só busque os créditos da batalha contra os emboscados tebanos. De acordo com Gervais (*ad loc.*): “Tideu viaja para Tebas à procura de *fides* [“lealdade”] política (2.368-9), mas os deuses somente lhe garantiram *fides*, ‘crédito’, por sua façanha marcial.”

690. MUITO USASTE A FORTUNA, VAI: Atena pede moderação ao imoderado Tideu (cf. 1.41), dizendo-lhe que a Fortuna já o ajudou o suficiente.

690-703. RESTAVA ÀS FÚNEBRES / RUÍNAS ... À GUERRA, TAIS, VIREMOS: Tideu descobre, entre as funestas ruínas de sua aristeia, um sobrevivente dentre os emboscados tebanos: Méon. Já cansado e acalmado por Atena, porém, poupa-lhe a vida, e ordena que volte a Tebas e conte, ao rei, as façanhas que presenciou, dizendo-lhe ainda que se prepare para a guerra (2.697-703). Conforme lembra Gervais (*ad loc.*), a sobrevivência de Méon já fora apontada por Homero (*Il.* 4.397-8): ἔνα δ' οἶον ἵει οἶκον δὲ νέεσθαι / Μαίον' ἄρα προέηκε θεῶν τεράεσσι πιθήσας (“só a um deixou que regressasse a casa — mandou embora Méon, obedecendo aos portentos dos deuses” – trad. Frederico Lourenço). Seu papel de mensageiro, porém, assim como seu suicídio dentro do paço tebano (cf. 3.81-91), foram introduzidos por Estácio.

691. NÃO POR PRÓPRIA ESCOLHA: Méon (cf. 2.693) não sobreviveu à matança por escolha própria ou por seu próprio mérito: condenado a uma **existência inerte** (2.695-6), sobreviveu por que não poderia, então, performar nem atos de glória, nem de vergonha.

692-3. O HEMONIDES ... MÉON: Méon seria filho de Hémon, sendo este filho de Creonte – sua paternidade, porém, é confusa, uma vez que Hémon ora é dito noivo de Antígona por Sófocles na tragédia homônima, ora já seu marido quando da incursão do Sete contra Tebas (Grimal, *ad loc.*). O personagem já aparece como sobrevivente da aristeia de Tideu em Homero (*Il.* 4.392-8): ἄψ ἄρ' ἀνερχομένῳ πυκινὸν λόχον εἶσαν ἄγοντες / κούρους πεντήκοντα· δύω δ' ἡγήτορες ἦσαν, / Μαίῳν Αἰμονίδης ἐπιείκελος ἀθανάτοισιν, / υἱός τ' Αὐτοφρόνιο μενεπτόλεμος Πολυφόντης. / Τυδεὺς μὲν καὶ τοῖσιν ἀεικέα πότμον ἐφῆκε· / πάντας ἔπεφν', ἔνα δ' οἶον ἵει οἶκον δὲ νέεσθαι / Μαίον' ἄρα προέηκε θεῶν τεράεσσι πιθήσας (“quando ele [Tideu] retorna, / armam-lhe uma emboscada, com cinquenta jovens; / dois no comando: Méon Hemonides, divino / símile, e Polifonte Autofônio, mão firme / no combate. Um destino inglório lhes assina / Tideu. Liquidida a todos, poupando um apenas, / Méon. Dá-lhe que retorne aos lares, obediente / a um sinal prodigioso dos deuses” – trad. Haroldo de Campos).

Na *Eneida*, Virgílio também se refere a um Hemonides, um guerreiro profeta que será morto por Eneias. Conforme alerta Honorato (*ad loc.*), porém, não há como saber se o nome, em Virgílio, se trata de um patronímico ou de um nome próprio (A. 10.537-9): *nec procul Haemonides, Phoebi Triuiaequae sacerdos, / infula cui sacra redimibat tempora uitta, / totus conlucens ueste atque insignibus albis* (“não muito longe, Hemonides, sacerdote de Febo e da Trívia, / a ínfula sua presa às têmporas com sacra fita, / brilhando todo claro com a veste e as insígnias”).

692-3. QUE VIRA ASSIM, DOUTO NOS CÉLIOS / PRESSÁGIOS, A QUEM AVES NÃO ENGANAM: Estácio apresenta Méon como um profeta versado na arte de observar os pássaros – a ornitomancia. Pelo que ora se afirma, Méon já teria previsto, então, ser um sobrevivente da emboscada tebana, e os motivos pelos quais não alertou os outros envolvidos, ou porque não acreditaram em seus avisos, são apresentados na sequência (cf. 2.694-6n).

694-6. NEM TEMIA IMPEDIR O ... INERTE / FOI DANADO: Méon, que havia previsto sua sobrevida à emboscada (2.692-3), deixa de impedir Tideu não por temê-lo (2.694, **nem temia impedir o chefe**), mas porque os Fados, condenando-o a uma vida inerte (2.695-6), privaram seus augúrios de crença (**o anúncio os Fados / de fé privaram** – 2.694-5). Embora não temesse Tideu, suas previsões careciam de crédito.

695. EXISTÊNCIA INERTE: (GERVAIS) “Para Sêneca, uma **existência inerte** [*uita iners*] é viver sem que se persiga o Bem: alguém que morra jovem, mas que tenha cumprido *officia boni ciuis, boni amici, boni filii* (Ep. 93.4 [“as obrigações de bom cidadão, de bom amigo e de bom filho”]), terá verdadeiramente vivido mais tempo do que um ancião que tenha falhado nesses aspectos [...]. Uma **existência inerte** é, também, aquela a que a velhice trouxe a enfermidade (58.34 [...]); o suicídio é preferível a uma vida assim [...]. Como um partícipe na desastrosa emboscada, Méon falhou com sua cidade, com seus amigos e com seu pai (cf. 2.692 – **Hemonides**); ele só tem que considerar uma vida espiritual (e, se ele ainda viver muito, também física) **inerte**. Assim, ele escolherá a solução estoica do suicídio [cf. 3.81-91].”

696. TRÉPIDO: (GERVAIS) “A palavra tem uma função estrutural na monomaquia de Tideu [...]. Foi usada por último em relação ao covarde Menetes (2.645), que suplicou por sua vida e se ofereceu para realizar a tarefa que Tideu está prestes a dar a Méon. Diferente de Menetes, Méon é **trépido** porque ele teme viver, pois sabe que tipo de vida restará para ele (cf. a questão de Tideu a Menetes (2.658): **que ganhos tens com uma vida medrosa?**).”

697. QUEM SEJAS DOS AÔNIOS: é dizer “quem sejas dos tebanos” – cf. 1.33n. **POR NOSSA GRAÇA:** algo semelhante ao plural majestático do português. É dizer “por minha graça”, “por minha vontade”.

698. À AURORA, AMANHÃ, SALVO VAIS TE VER DE MANES: ou seja, “amanhã, ao amanhecer, te verás livre de manes”, pois vais estar vivo, e não morto em meio a eles.

702-3. LONGE VÊ, EM FUMO, OS CAMPOS / ABERTOS POR MEU FERRO: diz **em fumo** (em latim, *fumantem* – “fumando”) em referência, segundo Amar-Lemaire e Gervais (*ad loc.*), ao sangue que

Tideu derramou sobre os campos – ditos **abertos** em referência ao número de tebanos mortos, como se tivesse desmatado uma selva até abrir-lhe uma clareira. A imagem, porém, é dificilmente explicada, e provavelmente se refira às piras fúnebres em que serão cremados os corpos dos emboscados, e não a seu sangue – como em 1.654-5.

704-43. DIZ ASSIM E EM TEU CULTO ... QUERIDA RETOMOU A ESTRADA: ao fim de sua monomaquia, Tideu recolhe as armas dos tebanos mortos e, junto a um velho carvalho (2.707-9), as depõe, erigindo um altar em honra a Atena. Depois, assim como o fez Adrasto ao fim do canto primeiro (cf. 1.696-720 e comentários *ad loc.*), encerra o paço com um hino em agradecimento a uma divindade – aqui, Atena –, prometendo-lhe honras diversas por sua vitória.

707-12. ROBLE HAVIA, ESQUECIDO, ENTÃO ... TIRADOS DE MEMBROS EXÂNIMES: Gervais (*ad loc.*) aponta dois paralelos para as ações de Tideu: o primeiro deles em Homero, quando Odisseu dedica as armas de Dólón a Atenas (*Il.* 10.460-8): *καὶ τὰ γ' Ἀθηναίῃ ληϊτίδι δῖος Ὀδυσσεὺς / ὑψόσ' ἀνέσχεθε χειρὶ καὶ εὐχόμενος ἔπος ηὔδα· / χαῖρε θεὰ τοῖσδεσσι· σὲ γὰρ πρῶτην ἐν Ὀλύμπῳ / πάντων ἀθανάτων ἐπιδωσόμεθ'· ἀλλὰ καὶ αὗτις / πέμψον ἐπὶ Θρηκῶν ἀνδρῶν ἵππους τε καὶ εὐνάς. / Ὡς ἄρ' ἐφώνησεν, καὶ ἀπὸ ἔθεν ὑψόσ' αἰείρας / θῆκεν ἀνὰ μυρίκην· δέελον δ' ἐπὶ σῆμά τ' ἔθηκε / συμμάρψας δόνακας μυρίκης τ' ἐριθηλέας ὄζους, / μὴ λάθοι αὗτις ἰόντε θοὴν διὰ νύκτα μέλαιναν* (“o divo Odisseu a Atena logo o espólio, / à deusa predadora, erguendo as mãos a orar / oferta: ‘este butim aceita, ó deusa Palas, / que te votamos antes que aos demais olímpicos, / e nos conduz a tendas e aos corcéis dos Trácios’. / Disse. E erguendo os despojos, içou-os à fronde / de altiva tamargueira, marcando de um signo / bem visível o sítio: tramas de vergôntes / e tufos, que ao voltar, a noite negro-rápida / não os desorientasse” – trad. Haroldo de Campos).

O segundo, em Virgílio, quando Eneias constrói um monumento após derrotar Mezêncio (*A.* 11.5-11: *ingentem quercum decisis undique ramis / constituit tumulo fulgentiaque induit arma, / Mezenti ducis exuuias, tibi magne tropaeum / bellipotens; aptat rorantis sanguine cristas / telaque trunca uiri, et bis sex thoraca petitem / perfossumque locis, clipeumque ex aere sinistrae / subligat atque ense collo suspendit eburnum* (“um roble ingente inteiro despido dos ramos / dispõe num monte e veste-lhe as armas fulgentes, / do chefe Mezêncio os espólios, a ti um magno troféu, / ó belipotente; ajunta as cristas orvalhadas de sangue / e as rotas flechas do herói, a couraça atacada em doze / locais e perfurada; o clipeo de bronze à sinistra / liga e a espada ebúrnea suspende ao colo”).

707. ESQUECIDO, ENTÃO, DA TENRA IDADE: a **tenra idade** são os anos da juventude. Dizê-lo dela **es-**

quecido, por consequência, é dizê-lo já bastante velho, a ponto de ter-se olvidado de seus tenros anos.

710-2. NELE, ELMOS LUSTRES E ... TIRADAS DE MEMBROS EXÂNIMES: as oferendas à Atena, deusa da guerra, são os espólios pegos junto às vítimas. Gervais (*ad loc.*) chama a atenção para o aspecto selvagem das oferendas feitas por Tideu à deusa.

710-1. POR MUITAS CHAGAS ROTOS, / BROQUÉIS: refere-se aos escudos muitas vezes perfurados por lanças e dardos – donde, então, suas **muitas chagas**. Por **rotos**, é possível entender-se “inutilizados”.

715. DE MAGNOS PAIS ENGENHO E GLÓRIA: refere-se aos pais de Atena, filha de Zeus e Métis. (LACTÂNCIO) “*Engenho é bom, pois diz-se nascida da cabeça de Jove.*”

716-7. A CUJO ROSTO COM HONRA HORRENDA / A GÁLEA ENRAIVA E A GÓRGONA POR SANGUE ASPERSA: ou seja, deusa cujas feições são encrudescidas pela gálea, que empresta à face horrenda graça (cf. 2.716n), e pela Górgona, toda aspergida de sangue (cf. 2.717n).

716. COM HONRA HORRENDA: de acordo com Lactânio (*ad loc.*), o resultado da fusão da beleza de Atena e do horror causado por seu traje bélico.

717. GÓRGONA POR SANGUE ASPERSA: a cabeça da Górgona, decapitada por Perseu (cf. 1.544-7n), fora colocada pela própria deusa no centro de sua égide. Já horrenda por si própria, a imagem de Medusa **por sangue aspersa** aumenta ainda mais o traço atroz das feições da deusa, ora destacado por Tideu.

718-9. HASTADA P’RA LUTA, / BELONA: Belona é a deusa romana da guerra, mas não é confundida com Atena ou Minerva. Confunde-se, na verdade, com a grega Énio, deusa que figura entre o cortejo de Ares. No início do canto quarto (cf.4.5-8), é dito que Belona arremessa, de entre as fileiras argivas, uma lança que se encravará nas muralhas de Tebas, marcando, assim, o início da guerra entre as cidade. É como se, aqui, adiantasse o poeta a imagem da deusa que, mais adiante, se envolverá diretamente com as tropas de Argos.

720-4. QUER, P’RA NOSSOS MASSACRES ... O EIXO CÉLERE: no trecho, Tideu lista uma série de locais em que Atena é louvada, nos quais, portanto, a deusa consuma ser encontrada – como fez Adrasto durante seu hino a Apolo (cf. 1.696-720 e comentários *ad loc.*).

720-1. PANDIÔNIO / MONTE: de Pandíon, filho de Erictônio, rei de Atenas. O **Pandiônio monte** refere-se, pois, à acrópole ateniense, onde Atena era celebrada.

721. AÔNIA ITONE: Itone é uma cidade da Beócia consagrada a Palas. Sobre a **Aônia**, cf. 1.33n.

722. LÍBIO TRITÃO: cf. 2.684-6n.

723-4. P'RA ONDE, ALEGRE, EM BÍJUGO TIMÃO, / TE ARRASTA DE ÉGUAS NÃO VIOLADAS O EIXO CÉLERE: refere-se ao próprio carro de Atena, que a conduz exultante (**alegre**) ao **Líbio Tritão** (2.722). Diz **não violadas** as éguas do carro, porque, assim como os altares da deusa (2.736), suas sacerdotisas (2.736) e sua oliveira sagrada (2.737), também são virgens os animais – que somam, pois, dois pares, visto que é **bíjugo** o **timão** de seu carro.

724. TE ARRASTA ... O EIXO CÉLERE: o uso de **arrasta** (em latim, *rapit*), verbo que denota certa violência no evento que designa, certamente tem mais relação com a celeridade do carro de Atena (**o eixo célere**) e com seu estado exultante (**alegre** – 2.723) do que com o ato de conduzir à força, com o qual o verbo normalmente é usado.

726. SAGRO: isto é, “consagro, ofereço”. Tideu entrega seus espólios de guerra, portanto, como ex-votos a Atena.

726-7. AOS PÁTRIOS AGROS DE PORTÁON, / ... A MÁRCIA PLÊURON: Portáon, pai de Eneu e avô de Tideu. Seus **agros** são seus domínios – **pátrios** pelo parentesco entre os personagens. **Plêuron** é uma cidade da Etólia, homônima de seu fundador, que é, por sua vez, trisavô de Tideu. Diz **Márcia** pelas relações que a família de Tideu tinha com Marte – sobre isso, cf. 1.464n.

728-31. JUNTO AOS MONTES DA URBE ... DEIXA AS OBSTANTES EQUINAS: descreve o local em que o templo será erguido para Atena, junto ao Jônio, na foz do Aqueloo – sobre o rio, cf. 2.142n.

730-1. ONDE VINDO AO MAR EM LOURO VÓRTICE / TÚRBIDO O AQUELOO: a foz do Aqueloo, que desemboca no mar com **louros vórtices**. Por causa da areia e da força do encontro entre as águas do rio e do mar, diz **louros** – ou seja, “amarelados” – os vórtices por ele criados.

731. TÚRBIDO O AQUELOO DEIXA AS OBSTANTES EQUINAS: (GERVAIS) “Ovídio conta como as Equinas, um arquipélago na barra do Aqueloo, já foram ninfas que negligenciaram suas obrigações em relação ao rio, que as varreu, junto com a terra em que estavam, para o mar (*Met.* 8.577-89).”

733. VOU MOLDAR: isto é, entalhar nas portas dos templos, ou moldar ícones e estátuas que lhe adornem.

733-5. FIRMAR NO ALTO / DOMO AS ARMAS BUSCADAS QUE COM SANGUE MEU / TROUXE: como explica Gervais (*ad loc.*), o **domo** diz respeito a um santuário circular dentro dos templos onde eram

depositadas as oferendas votivas aos deuses. Provavelmente, o mesmo lugar de onde, no templo de Palas em Argos, caiu o escudo de Evipo durante a celebração das bodas das adrástides (cf. 2.257-8), e de onde, no templo de Diana, Atalanta observará caírem os ex-votos da deusa (cf. 4.332-3).

735. AS QUE DA TOMADA TEBAS DARÁS, PALAS: as armas que Tideu promete (2.733-5), então, não são as mesmas que, nesse momento, oferta à deusa, mas aquelas que ela lhe concederá trazer de Tebas após capturar a cidade.

737. DA ÁRVORE CASTA: a oliveira – cf. 2.724n.

737-8. TOCHAS ÁTICAS / VÃO TRAMAR, E AS PURPÚREAS FITAS DE ALVAS LISTRAS: as **tochas Áticas**, ou atenienses, referem-se às tochas utilizadas durante as celebrações em honra a Atena realizadas na cidade. As **purpúreas fitas**, às que as sacerdotisas envolviam nas tochas.

739. A CHAMA SEMPRE ARDENDO: diz respeito a um costume dos romanos, que mantinham uma chama sempre acesa no templo de Vesta, em Roma. Aqui, Tideu diz que, no templo que erigirá em honra à deusa na foz do Aqueloo, uma chama também arderá permanentemente.

740. O ARCANO PEJO: (GERVAIS) “Uma estátua de Palas como o Paládio, o qual foi trazido de Troia para a Itália ou por Eneias, ou por Diomedes, e guardada dentro do templo de Vesta [...] O Paládio só poderia ser visto pela Primeira Vestal [a **sacerdote / ... velha**].”

742. SEM DIANA INDIGNAR-SE: uma referência indireta ao javali calidônio (cf. 1.453n), enviado por Diana a Calidón porque a deusa não fora celebrada por Eneu depois de uma colheita, ocasião em que todos os outros deuses foram honrados.

COMENTÁRIOS AO CANTO III

1-32. MAS, DO PAÇO DA AÔNIA ... IMPRECA, E OS LENTOS ORTOS: no início do canto terceiro, o foco narrativo retorna ao paço tebano e, lá, encontramos Etéocles insone, revolvendo em seu pensamento as penas por seu crime – a emboscada a Tideu, um mensageiro – e perguntando-se pelos motivos da demora da volta dos emboscados (3.1-8). Na sequência, o tirano elenca alguns motivos pelos quais o retorno poderia ter sido atrasado, mas nenhum deles leva em conta o sucesso de Tideu sobre a tropa dos cinquenta (3.9-18). Ao fim, arrependido por não ter matado Tideu com sua própria espada (3.18-21), Etéocles é comparado a marinhheiro que, enganado por falso sinal de bom tempo, sai ao mar em meio à tempestade, ansiando o retorno ao porto, arrependido (cf. 3.22-32). Cf. os comentários *ad loc.*

1. AÔNIA: cf. 1.33n. **O GOVERNANTE PÉRFIDO:** Etéocles. (LACTÂNCIO) “Ou porque negou o reino, ou porque, contra a lei dos povos, preparou uma emboscada para um mensageiro [cf. 2.482-743 e comentários *ad loc.*].”

2. DÚBIA: adianta a incerteza de Etéocles quanto ao sucesso de sua emboscada, a qual será desdobrada a seguir (3.2-32). **UMENTES:** refere-se ao orvalho que a Noite espalha com seu carro (cf. 1.336-8; 1.338n).

4. À MENTE INSONE: (MUELLER) “*Sil.* 10.330-1: *sed mens inuigilat curis noctisque quietem / ferre nequit* [“mas a mente vigila com o zelo, e a quietude da noite / é incapaz de mostrar”]”. **DO CRIME ARRANJADO:** da emboscada preparada para Tideu (cf. 2.482-743 e comentários *ad loc.*).

5. NUTREM A PENA OS ZELOS: as preocupações (**os zelos**) que não deixam Etéocles dormir alimentam a pena de seu crime. É dizer, então, que, **insone**, revolve em seu pensamento quais castigos pode sofrer por causa da emboscada.

7-8. CERTO E FÁCIL CRÊ, À TROPA, / TIDEU: Etéocles escolheu cinquenta dentre os tebanos para a emboscada (cf. 2.482-743 e comentários *ad loc.*). Dizer que Tideu era **fácil** para a **tropa**, então, é crer mais na quantidade de emboscados do que na força e na competência de Tideu.

8. NÃO LIBRA FORÇA E VIRTUDE COM O NÚMERO: Etéocles não imagina que a força e a virtude de um só homem possam contrabalancear a quantidade de homens que enviou para a emboscada. Sobre a força e a coragem de Tideu, cf. 1.41-2; 2.370-1; 2.391-2 e comentários *ad loc.*

9-18. “POR OUTRO CURSO FORAM? ... SE A MÃO SE ENGAJA!”: preocupado por causa da demora no

retorno de seus homens (cf. 3.7), Etéocles externa sua inquietude e as incertezas quanto ao sucesso da empreitada e à qualidade dos escolhidos – sem nunca pensar na possibilidade de um único homem, forte e virtuoso, derrotar tamanha quantia de soldados (cf. 3.8n). Os motivos para a demora elencados pelo tirano são: o desencontro (3.9); um bando argivo enviado para auxiliar Tideu (3.9-10); o conhecimento da emboscada pelos vizinhos do reino (3.10-1); a quantidade e o valor dos enviados (3.11-2).

11. PAI GRADIVO: é a Marte que Etéocles, preocupado com seus homens, se dirige. (AMAR-LEMAIRE) “Ao Marte enraivecido, espirando guerra e morte, os romanos chamavam Gradivo; por outro lado, àquele tranquilo e pacífico, Quirino.”

13. CRÔMIS: cf. 2.613n. **DÓRILAS:** cf. 2.571n. **TÉSPIOS:** cf. 2.629n. Aqui, o etnonímico foi aplicado no lugar do patronímico Tespíadas.

14. COM AS FUNDAÇÕES TRARIAM TODA A ARGOS: glosa: “pelas fundações, incluindo-as, esses homem trar-me-iam Argos inteira, de tão fortes”.

15. À MINHA TROPA, POIS, NÃO É, EU PENSO, IMPÉRVIO: refere-se a Tideu, que ele não crê impérvio – isto é, impenetrável, invencível – aos cinquenta guerreiros escolhidos para emboscá-lo.

16. TENDO EM BRONZE E DURO FERRO OS BRAÇOS ÁGEIS: armados os braços com o escudo (**em bronze**) e com a espada (**duro ferro**). Porque marchara a Tebas como um mensageiro, Etéocles não crê que Tideu estivesse armado para a guerra. Porém, como já revelado, o herói trazia consigo alguns dardos (cf. 2.533-4; 2.578-9) e sua espada (cf. 2.586-7), além de ter tomado para si as armas dos tebanos que derrubava.

17-8. AH, TORPES!, CUJO AFÃ FINDA ANTE UM SÓ / SE A LUTA SE ARMA: sentido: “se o combate é travado, são torpes aqueles cujo esforço perece ante um único homem”. Embora o rei não saiba, sua fala soa irônica para o leitor, que já sabe qual foi o destino dos **fortíssimos** (3.12) emboscados tebanos.

18-9. COM VÁRIO FERVOR / SOFRE: as várias inquietações que lhe tomam o pensamento causando-lhe sofrimento.

19-21. SE CULPA MAIS QUE A OUTROS ... POR QUÊ, NA REUNIÃO, / NÃO LACEROU: Etéocles se lamenta por não ter matado, ele próprio, o **mensageiro** (Tideu). Não o faz, porém, porque teme pela vida daqueles que enviou à emboscada, mas porque se preocupa com as penas que possa sofrer (3.4-6) e com a não satisfação de sua **ira hedionda**.

21. IRA HEDIONDA: em latim, *foedas ... iras*. Refere-se à ira despertada pelo pedido de seu irmão, que estava em seu direito ao solicitar o trono tebano por intermédio de Tideu, por meio da qual Etéocles foi levado a cometer um crime contra um mensageiro – donde ser caracterizada como **hedionda** (cf. 2.373-4n).

22. DO FEITO: da emboscada. **SE PEJA E EMENDA:** isto é, já se envergonha e se arrepende. Conforme aponta Lactâncio (*ad oc.*), arrepende-se porque imagina que haverá uma pena para a sua audácia (cf. 3.4-6). Não se arrependeria, então, por causa do feito propriamente dito, mas por causa de suas possíveis consequências negativas.

22-32. E COMO EM JÔNIAS / ÁGUAS ... IMPRECA, E OS LENTOS ORTOS: outro dos símiles náuticos introduzidos por Estácio (cf. 2.105-8n; 2.193-5n). Como nos outros (1.193-4; 1.370-5; 2.105-8; 2.193-5), o que está em jogo aqui é a incapacidade de reação do homem diante de forças que independem dele. Assim como em 2.105-8, ora é a figura de Etéocles que está em foco: se, lá, o símile comparava a sua inação à de um piloto esquecido das atitudes que pode tomar para reassumir o controle de sua nave sob condições climáticas e de navegação desfavoráveis, nesse momento o símile destaca a ânsia de Etéocles, o **Agênório piloto** (3.31), pelo fim da noite e a chegada da manhã. Na espera, então, o tirano se assemelharia a um piloto que se preocupa em voltar à terra sob condições nem um pouco favoráveis, mas que se conforma em lamentar sua situação e a perseguir **cegas ondas** (3.30). Dessa forma, embora aqui exista uma ânsia pelo retorno, há também certa incapacidade de ação, o que retoma a ideia de submissão às forças da natureza destacada pelos outros símiles náuticos já vistos.

23. UM ALNO DA CALÁBRIA: a Calábria é a região sul da península Itálica, separada da Sicília pelo estreito de Messina. O **alno**, uma espécie de árvore cuja madeira era utilizada para a construção de barcos. Como aponta Barthius (*ad loc.*), Virgílio (G. 1.136: *tunc alnos primum fluuii sensere cauatas* – “primeiro, então, aos alnos cavados sentiram os rios”) e Valério Flaco (V. Fl. 2.300: *ille procul trunca fugit anxius alno* – “ele, pra longe, ansioso, em tronco de alno foge”) também utilizaram-na como metonímia para “barco”.

25. CLARO O NASCER O INCITA DO ASTRO OLÊNIO: ou seja, “o nascer do astro Olênio, claro, o incita”. **ASTRO OLÊNIO:** refere-se à constelação conhecida como Auriga, ou Carroceiro, ou ainda, mais especificamente, à maior de suas estrelas, conhecida como *Capella* (“pequena cabra”). De acordo com Amar-Lemaire (*ad loc.*), ao seu nascimento segue-se a chuva (cf. 3.26-7 e comentários *ad loc.*). Ovídio, em dois momentos, refere-se à *Olenia Capella* e sua relação com a chuva: Met. 3.594: *et Oleniae sidus pluialle capellae* (“e a estrela pluvial da cabra Olênia”); Fast.

5.113: *nascitur Oleniae signum pluuiiale Capellae* (“nasce o signo pluvial da Cabra Olênia”). A *Capella*, por sua vez, refere-se a Amalteia, que, de acordo com o mito (Grimal, *ad loc.*), foi a ninfa que teria alimentado Zeus com leite de cabra quando o deus ainda era uma criança, na esperança de escondê-lo de Crono, que desejava devorá-lo – para alguns, Amalteia seria o nome da cabra de cujo leite Zeus fora amamentado. Ovídio (*Fast.* 5.111-28) refere-se a essa lenda dizendo que Zeus a enviara aos céus, como uma estrela, após tornar-se o soberano dos deuses (*Fast.* 5.125-8): *ille ubi res caeli tenuit solioque paterno / sedit, et inuicto nil Ioue maius erat, / sidera nutricem [...] / fecit* (“ele, quando assumiu os assuntos do céu e no trono paterno / sentou-se, e quando nada era maior que o invicto Jove, / de estrelas a nutriz [...] / fez”). **OLÊNIO:** de acordo com Grimal (*ad Amalteia*), o local onde Zeus teria sido amamentado com leite de cabra seria o monte Ida (cf. 1.278n), na ilha de Creta. Para Amar-Lemaire (*ad loc.*), por outro lado, assim como para Barthius (*ad loc.*), Amalteia teria nutrido Jove em uma cidade chamada Óleno, ora localizada na Acaia, ora na Etólia. Para Estrabão (*Str.* 8.7.5.15-20), que comenta o uso do adjetivo ὠλένη (*ōlénē*, “cotovelo”) por Arato (*Arat.* 164), o epônimo seria clara referência a Ὀλένη (*Ōlénē*), cidade da Acaia “provavelmente assim nomeada por estar situada na curva (*ōlénē*) de uma montanha” (LS). Arato (162-4: *σκαίῳ δ' ἐπελήλαται ὦμῳ / Αἰξ ἱερή, τὴν μὲν τε λόγος Διὶ μαζὸν ἐπισχεῖν' / Ὀλενίην δέ μιν Αἶγα Διὸς καλέουσ' ὑποφῆται* – “Está fixada ao seu ombro esquerdo / a Cabra sagrada que, segundo o relato, ofereceu o peito a Zeus: / os intérpretes de Zeus a chamam Cabra Olênia” – trad. Raphael Zillig), como Ovídio (*supra*), porém, vinculam a *capella* ao mito da criação de Zeus pela ninfa-cabra Amalteia, sendo, portanto, difícil imaginar que o adjetivo “olênio” diga respeito quer a uma cidade da Acaia, quer da Etólia, quer da Élide (*infra*).

Higino fala sobre uma Óleno localizada na Élide, região ocidental do Peloponeso, ao lado da Acaia. De acordo com o autor, a cidade teria sido nomeada a partir de Olênio, um filho de Vulcano, e pai de duas ninfas que teriam alimentado Zeus, Ex e Hélice (*Astr.* 2.13.3.3-9): *Olenum quemdam fuisse nomine, Vulcani filium; ex hoc duas nymphas Aega et Helicen natas, quae Iouis fuerunt nutrices. Alii autem etiam ab his urbes quasdam appellari dixerunt, et Olenon in Alide, Helicen autem in Peloponneso et Aegam in Haemonia ibi nominari, de quibus Homerus in Iliadis secundo dicit* (“Olênio foi o nome de um certo filho de Vulcano; dele, nasceram duas ninfas, Ex e Hélice, as quais foram nutrizes de Jove. Outros, porém, também dizem que algumas cidades foram nomeadas por sua causa – Óleno, na Élide, também Hélice, no Peloponeso e Ex, na Hemônia, nomeadas por isso –, sobre as quais Homero escreve no segundo livro da *Iliáda*”). “Hélice” é apontado por Arato como um dos nomes da Ursa Maior (*Arat.* 37), a qual, junto

com a Ursa Menor, teria subido aos céus pela vontade de Zeus após o terem escondido e dele cuidado durante seu primeiro ano (*Arat.* 30-5: *Εἰ ἔτεδὸν δῆ, / Κρήτηθεν κεῖναί γε Διὸς μεγάλου ἰότητι / οὐρανὸν εἰσανέβησαν, ὃ μιν τότε κουρίζοντα / Δίκτη ἐν εὐώδει, ὄρεος σχεδὸν Ἰδαίοιο, / ἄνθρωπ' ἐγκατέθεντο καὶ ἔτρεφον εἰς ἐνιαυτόν, / Δικταῖοι Κούρητες ὅτε Κρόνον ἐψεύδοντο* – “Se é de fato verdade, / elas de Creta, pela vontade de Zeus magno, / aos céus alçaram, porque quando ele rapazinho era, / na dulciodorada Licto, próxima do monte Ida, / em antro o esconderam e dele cuidaram até a passagem de um ano, / quando os rapazes dictenses enganaram Crono” – trad. Raphael Zillig). Por sua vez, o nome “Ex” (*Aex*, em latim), é transliteração do grego Αἶξ (*Aíx*, “cabra”).

De acordo com Grimal (*ad Amalteia*), na versão em que Amalteia seria a ninfa que amamentou Zeus, o nome da cabra por ela ordenhada seria simplesmente *Aíx*, que corresponderia a “um ser assustador, que descendia de Hélios (o Sol), e os Titãs temiam de tal modo o seu aspecto que a Terra, a pedido deles, escondera o animal numa montanha de Creta.” Sendo assim, por uma provável semelhança entre os nomes da ninfa filha de Vulcano, *Ex*, e da cabra de cujo leite se alimentou o menino Zeus, *Aíx*, bem como da confusão entre a ninfa e a cabra (*supra*), o adjetivo **Olênio**, empregado por Estácio, por Ovídio e por Arato, poderia ser uma referência à ascendência da ninfa-cabra nutriz de Jove. O mais provável, porém, por ser a explicação mais simples, é que ὠλένη (*ōlénē*, “cotovelo”) refira-se à posição em que a *capella*/*αἶξ* se encontra na constelação do Auriga: próxima do cotovelo, já que, como descreve Arato (162-3, *supra*), *σκαίῳ δ' ἐπελήλαται ὦμῳ / Αἶξ ἱερή*: “a cabra sagrada marcha em direção contrária ao ombro esquerdo” – ou seja, em direção ao cotovelo.

26. QUANDO HÁ RUÍDO DE JOVE HIBERNAL: refere-se ao céu de inverno, impropício à navegação e tempestuoso – donde falar, então, de seu **ruído**. Sobre o uso de Jove como metonímia para o céu, cf. 2.154n; 2.403-4n.

26-7. DO MUNDO / AS PORTAS TROAM: metáfora para os trovões. Refere-se ao barulho que fazem os portões do céu – **do mundo** – chacoalhados pelos ventos do inverno (cf. 2.26n).

27. ÓRION FORTE INCLINA OS POLOS: (AMAR-LEMAIRE) “Órion é uma constelação austral, que atrai a atenção com trinta e duas estrelas, fulgente com sua espada estrelada, e que, em seu orto e em seu ocaso, provoca as maiores tempestades, pois parece agitar e inclinar os polos do céu.”

29. E INANE NOTO À POPA SOPRA: o vento sul, formador de nuvens (cf. 1.161-2). **A ARTE DEIXANDO:** isto é, deixando de lado os preceitos da arte da navegação.

30. E AS CEGAS ONDAS JÁ NÉSCIO PERSEGUE: persegue ondas que ele não sabe para onde o levarão.

31. AGENÓRIO PILOTO: Etéocles. Refere-se a Agenor, pai de Cadmo (cf. 1.5n). Quer dizer, então, “fenício”, retomando origem da família de Édipo.

31-2. NO CÉU TARDANDO-SE / LÚCIFER: a estrela da manhã, que anuncia o nascimento do dia, quando finalmente poderia obter as notícias da emboscada que enviara a Tideu.

33-52. SOB AS RÉDEAS DO OCASO ... EVOCA OS TOUROS MORTOS: do paço de Etéocles, o foco narrativo se volta para as cercanias de Tebas, onde se vê o romper da Aurora (cf. 3.33-5n) e são percebidos presságios funestos (3.36-9). Méon surge no horizonte, trazendo no rosto a expressão da desgraça (3.40-5). Ao fim, em um símile, sua postura é comparada à de um pastor que, perdido o rebanho em um noturno ataque de lobos, teme dar a notícia a seu senhor (3.45-52).

33-5. SOB AS RÉDEAS DO OCASO ... O HESITANTE HIPERÍON: Estácio descreve o alvorecer pelo surgimento de Hiperíon – o Titã com quem Tia gerou o Sol, a Lua e a Aurora. Ora, porém, seu surgimento parece designar o do próprio Sol, dito **hesitante** do ponto de vista de Etéocles, que ansiava pela chegada a manhã (cf. 3.1-32 e comentários *ad loc.*). Glosa: “eis, depois de retornarem a noite e os astros sob as rédeas do ocaso, o hesitante Hiperíon, que surge após a excelsa Tétis tê-lo impelido do mar Eoo”. Cf. comentários *ad loc.*

34. EXCELSA TÉTIS: refere-se não à Tétis (do grego Θέτις, *Thétis*) mãe de Aquiles, mas à titânide Tétis (Τηθύς, *Tēthys*), filha de Geia e Urano e irmã e esposa de Oceano, com quem gerou Dóris, dentre outros filhos, e todos os rios da terra. A ninfa Tétis, mãe de Aquiles, é, pois, filha de Dóris e Nereu, o Velho Mar – sendo, portanto, neta da titânide Tétis. De acordo com Grimal (*ad Tétis*), a titânide habita os extremos do ocidente, para além das Hespérides (cf. 2.280-1n), região onde o Sol termina o seu curso ao fim de todas as tardes.

35. PRIMO URGIU DO EOO MAR O HESITANTE HIPERÍON: quando Tétis (cf. 3.34) primeiro guiou, vindo do mar Eoo, o **hesitante Hiperíon**. **DO EOO MAR:** do mar do oriente (cf. 2.379n).

36-7. NO IMO AGITADO – UM SESTRO SINAL DE DESGRAÇA –, / COM O PESO O CHÃO TREMEU: eis o grande sinal de mau agouro que ocorre durante o amanhecer, um terremoto: com o peso da terra agitando-se nas profundezas do globo, o solo treme.

37-8. VIBRADO O CITÉRON / DEU CURSO À VELHA NEVE: a primeira das consequências dos tremores no imo da terra: ao vibrar com o terremoto (cf. 3.36-7n), o Citéron (cf. 1.114-22n) fez deslizar a neve que o cobria – **velha** porque há muito tempo cobria suas encostas.

38-9. À VISTA, ENTÃO, SUBIRAM / TETOS: a segunda das consequências do terremoto (cf. 3.36-7; 3.37-8n): os telhados das casas subiram – isto é, pareceram mais altos por causa da neve que se depositou por sobre eles, ou porque balançaram com o tremor.

39. AS SETE PORTAS COM O MONTE CHOCARAM-SE: por fim, as sete portas de Tebas chocaram-se com o monte: isto é, com o Citéron, cuja neve escorreu em uma avalanche. A palavra **monte** é tomada como uma metonímia para “neve”. Sobre as sete portas de Tebas, diz Higino (*Fab.* 69.7.1) que foram construídas por Anfíon (cf. 1.9-10n) e nomeadas com o nome de suas sete filhas com Níobe (cf. 1.711n). Quanto aos nomes das nióbidas, porém, há discordância entre as diferentes fontes, e mesmo em Higino: em *Fab.* 69-7-1, diz serem Tera, Cleodoxa, Astínome, Asticrácia, Quias, Ogígia e Clóris, que seriam os nomes atribuídos às portas; em *Fab.* 11, sobre as filhas de Níobe e Anfíon, diz serem Neera, Ftía, Clóris, Asticrácia, Eudoxa, Ogígia e uma outra, cujo nome encontra-se ilegível. Pseudo-Apolodoro (*Apollod.* 3.5.6), diz chamarem-se Etódia (também Neera), Cleodoxa, Astíoque, Ftía, Pelópia, Asticrácia e Ogígia – estes mesmos nomes, nesta mesma ordem, são apontados por Grimal (*ad Níobe*) como o nome das nióbidas.

As sete portas, por sua vez, também recebem nomes distintos em diferentes fontes. Para Pausânias (9.8.4-7), são: Creneias, Electras, Homoloides, Hipsistas, Neístes, Ogígias e Prétides; para Ésquilo (*Th.* 375ss), Atena Onca, Bóreas, Electras, Homoloides, Prétides, Neístes e Sétima Porta; em Eurípedes (*Ph.* 1104ss), Creneias, Electras, Homoloides, Neístes, Ogígias, Prétides e Sétima Porta – com exceção da sétima porta, Eurípedes repete a lista de Pausânias; em Pseudo-Apolodoro (*Apollod.* 3.6.6), Crenídias, Electras, Hipsistas, Homoloides, Ogígias, Oncaidianas e Prétides; por fim, na *Tebaida* (8.353ss), Dírceas, Electras, Hipsistas, Homoloides, Neístes, Ogígias e Prétides. As origens dos nomes de cada uma das portas em cada um desses autores, bem como a direção a que levavam os que saíam de Tebas, ou de que chegavam os que por elas vinham, apresentam diferenças, as quais não cabem aqui. Sobre isso, então, cf. especialmente Pausânias (9.8.4-7).

40. NO ALGENTE EOO: ou porque caminhava sob os gelados ventos do oriente – sobre Eoo, cf. 2.379n –, ou porque vinha dessa direção.

41. COM OS FADOS BRAVO E TRISTE DA MORTE NEGADA: negada por Tideu, que o deixou vivo para que levasse a Etéocles sua mensagem de guerra, mas especialmente pelos Fados, que o destinaram a uma **existência inerte** (cf. 2.695). Sobre o episódio, cf. 2.690-703 e comentários *ad loc.*

42. HEMONIDES: Méon – cf. 2.692-3n. **À VISTA DÚBIO:** por causa do alvorecer. (LACTÂNCIO) “Indica aquele momento do dia e da noite em que é difícil reconhecer as feições de um homem perfeitamente. Sentido: por mais que não seja possível reconhecer um mensageiro na escuridão, aquilo que será anunciado, porém, reconheceram por meio dos sinais manifestos [cf. 3.33-9].” Barthius (*ad loc.*) compara com Lucano (*Luc.* 3.6-7): *tectumque cacumen / nubibus et dubios cernit uanescere montis* (“e ao cimo coberto / por nuvens e, dúbios, viu vanecerem aos montes”); e (*Luc.* 4.60): *Cynthia, quo primum cornu dubitanda refulsit* (“Cíntia, em seu chifre hesitando, primeiro refulgiu”); e (*Luc.* 4.472-3): *nam condidit umbra / nox lucem dubiam* (“pois que, sombra, cobriu / a noite à dúbia luz”).

43. DE AMPLO REVÉS: ou seja, de uma grande ruína, de uma grande desgraça.

44-5. COM O LUTO E OS AIS; AS LÁGRIMAS, JÁ ANTES, TODAS / VERTEU: isto é, no momento em que se aproxima de Tebas, não mais derrama suas lágrimas, as quais ele já vertera, todas, no momento da desgraça. Ainda assim, pelo luto que demonstra e pelas queixas que faz (**os ais**), anuncia o infortúnio da sua mensagem. (LACTÂNCIO) “Isto é: aquilo que ocorreu era, nesse momento, desconhecido, embora, aquilo que seria anunciado, a sua condição e seus gestos revelassem.” (BARTHIUS) “Isso é, não chorava nas circunstâncias presentes; em tamanha desgraça, exaurira todas as lágrimas. Mas, com o planger-se e a choradeira, de longe anunciava a infelicidade da mensagem.”

45-52. SÓ, O PASTOR NÃO DEIXA ... EVOCA OS TOUROS MORTOS: símile envolvendo a caça de lobos a um rebanho de touros. Diferente de outros símiles envolvendo lobos, porém, tanto na *Tebaida* (e.g., 4.363; 5.166) como em Virgílio (*A.* 2.355-8; 9.59-64; 9.565-6; 11.809-13) e Homero (*Il.* 4.471-2; 11.72-3; 16.156-63; 16.352-5; 22.263-4), o termo de comparação não diz respeito ao lobo propriamente dito, ou à sua violência. Ora, o que está em destaque é a reação do pastor que, tendo encontrado o rebanho morto após o ataque noturno de uma alcateia (3.46), teme dar ao seu senhor a notícia da matança (3.49-50) e pranteia em meio aos campos (3.51). Ao comparar, porém, a condição de Méon à desse pastor, Estácio também compara, mesmo que indiretamente, a performance de Tideu, na emboscada, àquela dos lobos que devastaram o armento. Uma vez que, nos símiles envolvendo lobos, geralmente compara-se o violento desempenho dos guerreiros àquele dos lobos quando atacam – como em Homero (especialmente *Il.* 16.156-63; 16.352-5) e Virgílio (especialmente *A.* 9.5964) –, é interessante perceber que, aqui, a veemência e a violência de um único guerreiro contra um grupo de cinquenta inimigos são comparadas às de toda uma matilha de **atros lobos** (3.46), autores de um **notur-**

no estrago (3.46). Com isso, além de engrandecer a performance de Tideu em sua monomachia, também destaca, novamente (cf. 2.175n), sua ira imódica (cf. 1.41-2).

45. SÓ, O PASTOR NÃO DEIXA: é dizê-lo “sozinho”, porque está sem o seu rebanho.

46. ANTE O NOTURNO ESTRAGO DE ATROS LOBOS: diante da a matança praticada pelos lobos durante a noite – como foi a emboscada planejada por Etéocles (cf. 2.485-6).

47. HERIL REBANHO: o rebanho que pertence a um senhor, e não ao próprio pastor.

48. DA HIBERNA LUA OS PLÚVIOS CORNOS: em latim, *hibernae uentosa cacumina lunae*; literalmente, dir-se-ia “ventosos” (*uentosa*), e não **plúvios**. Com **cornos**, refere-se o poeta ao formato de chifre da lua nova, a qual, de acordo com Amar-Lemaire e Lactâncio (*ad loc.*), é conhecida por trazer consigo o tempo chuvoso – ao que também faz referência, de acordo com Lactâncio, Amar-Lemaire e Barthius (*ad loc.*), o adjetivo **hiberna**. Por motivos métricos, então, preferiu-se **plúvio** a “ventoso”, pautando-se na tempestuosidade da lua nova invernal.

50. COM AREIA ASPERSA DEFORMADO: (AMAR-LEMAIRE) “Diz respeito a um costume dos antigos, pelo qual não somente os judeus, como é conhecido a partir da sagrada escritura, mas também os gregos e os romanos, quando de luto, aspergiam a si próprios com pó. Como em diferentes passagens: *Theb.* 6.30-2: *sedet ipse exutus honoro / uittarum nexu genitor squalentiaque ora / sparsus e incultam ferali puluere barbam* [“Senta, isento da honorável / trama das fitas, rosto imundo, o próprio pai, / coberto por funesta poeira, e a barba inculta”]; Virgílio, sobre Mevízio na morte de Lauso (A. 10.843-5): *agnouit longe gemitum praesaga mali mens. / canitiem multo deformat puluere et ambas / ad caelum tendit palmas et corpore inhaeret* [“o pai nesse carpir seu mal pressente; / de pó deforma as cãs e as palmas ambas / dirige aos céus e apegase ao cadáver” – trad. Odorico Mendes]; e o trágico Sêneca (Tro. 84-6): *soluite crinem; / per colla fluent maesta capilli / tepido Troiae puluere turpes. / paret exertos turba lacertos* [“soltaí as mechas; / pelos colos tristes escorram os cabelos, / com o cáldo pó de Troia disformes. / Descobertos, que a turba deixe os braços”].”

51-2. A PAZ DO MAGNO ESTÁBULO / DETESTA: pois que a calma indica que estão vazios porque o rebanho foi morto.

51. MAGNO ESTÁBULO: ressaltando a grandeza do estábulo, o poeta também destaca o tamanho do rebanho assassinado.

53-98. QUANDO AS MÃES, AGRUPADAS ... VOLUNTÁRIOS MANES EM VÃO NEGA: as mães dos emboscados, que de sobre as muralhas de Tebas aguardavam seu retorno (cf. 3.53n), veem Méon se apro-

ximando sozinho e, por sua aparência, desesperam-se (3.53-7). Na sequência, já no paço de Etéocles, Méon fala ao rei, dando-lhe as notícias do embate contra Tideu e amaldiçoando seu soberano (3.58-77). As palavras do vate reacendem a fúria do rei, e seus guardas preparam-se para tirar Méon do paço (3.77-81) quando, tomando da espada e com novo discurso, o profeta dá fim à sua própria vida (3.81-91). Os nobres reagem à cena, e também os parentes de Méon (3.92-5), e Etéocles, ao fim, ordena que nem o vate nem os outros emboscados tenham as honras fúnebres dignas de seus postos (3.96-8). Para maiores detalhes, cf. comentários *ad loc.*

53. MÃES: as mães dos emboscados tebanos. **AGRUPADAS NOS UMBRAIS DAS PORTAS:** na mesma posição em que viram Tideu deixar a cidade (cf. 2.479n), veem agora Méon retornando sozinho e com claros sinais de luto (cf. 3.40-5; 3.44-5n).

54. NEFAS!: (BARTHIUS) “Bela interlocução, ou exclamação, indicando a indignação manifestada com o evento, antes mesmo de ser mostrado para que fosse entendido em sua totalidade. Como Virgílio (A. 8.685-8): *uariisque Antonius armis, / uictor ab Aurorae populis et litore rubro, / Aegyptum uirisque Orientis et ultima secum / Bactra uehit, sequiturque (nefas) Aegyptia coniunx* [“Antônio, com várias tropas, / vencedor dos povos da Aurora e do rubro litoral, / o Egito e as forças do Oriente, consigo, e a longínqua / Bactra trouxe, o seguindo (nefas!) a egípcia esposa”] [...] e Valério Flaco (3.186-7): *accessere (nefas) tenebris fallacibus acti / Tyndaridae* [“aproximam-se (nefas!), pelas trevas falazes conduzidos, / os Tindáridas”].”

54-5. NENHUM PRAÇA JUNTO / OU BRAVOS CHEFES: nenhum dos que foram com ele emboscar Tideu, seja dos chefes, seja dos soldados – **praça** é termo militar com que se indicam soldados de baixa patente, ora traduzindo *agmina*.

55. NADA PERGUNTAM: os sinais nefastos que antecedem a chegada de Méon (cf. 3.33-9n), somados àqueles que a condição em que ele chegava pressagiavam (cf. 3.42-5; 3.42n; 3.43n; 3.44-5n; 3.54-5) tornam irrelevantes as perguntas, pois que já indicam as respostas.

56-7. CLAMOR, COMO O MAIS ALTO NA GUERRA, COM A URBE / EXPOSTA: isto é, um clamor como o mais alto que, na guerra, quando a urbe está exposta ao inimigo, as mães entoam.

57. OU COMO UM CASCO NO MAR NAUFRAGASSE: ou como o clamor (3.56) que se ergue no momento do naufrágio – **casco** é metonímia para “barco”.

58. TÃO LOGO DEU-SE O ANSIADO ACESSO AO REI ODIOSO: tão logo foi dada a Méon a possibilidade de encontrar o rei. **REI ODIOSO:** (BARTHIUS) “A quem todos, porque ele merecia, odiavam.”

59. DE EXTENSA TROPA: dos cinquenta emboscados tebanos (cf. 2.482-95). **ATROZ TIDEU TE ENTREGA:** **atroz** por ter derrotado toda a tropa enviada para emboscá-lo; diz que o **entrega** porque Tideu o poupou.

60. ESTA ALMA INFAUSTA: seja porque foi poupado por Tideu, seja porque fora condenado pelos Fados a uma **existência inerte** (cf. 2.695). Sobre o episódio, cf. 2.690-703 e comentários *ad loc*.

60-2. TENHA SIDO UM JUÍZO ETÉREO ... O INVICTO BRIO DO HERÓI: aqui, Méon apresenta as três possibilidades pelas quais acredita ter sido poupado da morte por Tideu: 1. por ter sido essa uma decisão dos deuses (3.60); 2. por obra da Fortuna (3.61); 3. pelo invicto brio do herói – *i.e.*, de Tideu.

61. A RAIVA ACANHA QUE SE ADMITA: refere-se ao **invicto brio do herói** (3.62). São vários os motivos possíveis pelos quais a **raiva** o inibiria de dizer o último porquê. É relevante pensar, porém, que a **raiva** advém de ele ter sido fadado a não sucumbir à *uis* do herói (**brio** – 3.62), mas a ser por ela poupado – uma **alma infausta** (cf. 3.60n). Assim não tem, portanto, a morte gloriosa dos guerreiros épicos (cf. 3.66n). É relevante, ainda, saber que o termo latino empregado por Estácio (*uis*) pode, nesse contexto, referir-se tanto à força física do herói, como ao seu valor, à sua virtude – motivo pelo qual, em português, optou-se por **brio**, que tem a ver com a dignidade e a virtude, mas também com a disposição e a coragem, embora não se relacione diretamente com a ideia de força física.

62. MAL CREIO, NÚNCIO: “eu, que sou o mensageiro, mal creio no que anuncio”. **TODOS:** refere-se aos cinquenta emboscados tebanos – a anáfora do termo (3.63 – **todos!**), revela a emoção que tomava conta de Méon transparecendo em seu discurso.

63-5. DA NOITE EVOCO AS LUZES ... PRESSÁGIO / QUE ME TRAZ: como testemunhas para o que vai explicar – a saber, os motivos de sua vida ter sido poupada (cf. 3.64-9) –, Méon invoca as luzes da noite (3.63), as sombras dos companheiros (3.64) e o nocivo augúrio que ali o trouxe (3.64-5).

63. DA NOITE EVOCO AS LUZES PRÓFUGAS: isto é, “as luzes errantes da noite” – as estrelas. A primeira das testemunhas arroladas corresponde ao momento da emboscada, um **combate noturno** (cf. 2.485).

64. DOS SÓCIOS MEUS OS MANES: os manes – *i.e.*, as almas dos mortos – dos companheiros que pereceram durante a emboscada.

64-5. MAU PRESSÁGIO / QUE ME TRAZ: provável referência ao terremoto que precedeu sua chega-

da (cf. 3.36-7n).

65. NEM POR CHORO EU MERECI, OU LÁBIA: não foi por ter rogado ou implorado por sua vida a Tideu, nem por ter-lhe enganado com sua lábia, que mereceu ter sua vida poupada – perceba-se como faz questão de livrar-se de acusações de covardia, o que não se poderia aplicar a Menetes, caso Tideu o tivesse escolhido como mensageiro (cf. 2.644-60 e comentários *ad loc.*).

66. HORRENDA VÊNIA E A PRENDA DE UMA LUZ INGLÓRIA: aquilo que Méon diz ter merecido (3.65): um perdão horrendo e, como presente, uma vida inglória. Sua vênia é **horrenda** seja porque é a desculpa de um crime nefasto (cf. 2.482), uma vez que se comete contra um mensageiro (cf. 2.373-4n), seja porque ocasiona seu outro ganho, **a prenda de uma luz inglória**. Com isso, Méon entende o fato de ter sido poupado mais como uma condenação do que como uma graça, pois que, como guerreiro, a possibilidade de glória depende diretamente de uma morte gloriosa – isto é, de uma morte honrada durante a batalha –, do que foi privado pelo perdão de Tideu. Por isso diz que recebeu, como presente, o exato contrário da morte honrada dos heróis: uma vida (**luz**) **inglória**.

67-9. MAS LEI DIVINA E, INCULTA ... EXTIRPARAM-ME O FIM: Méon revela os motivos pelos quais foi perdoado e condenado a uma vida inglória (cf. 3.66n), apresentando aqueles que extirparam-lhe o fim (3.69), ou seja, tiraram-lhe a possibilidade da morte. Cf. os comentário *ad loc.*

67-8. INCULTA EM TROCAR DE SENTENÇA, / ÁTROPOS: sobre Átropos, uma das Moiras, cf. 1.111n. Fiandeira do fio que regula a extensão vida, diz o poeta ser **inculta** na troca de sentenças, uma vez que não se sobrepõe ao Fado. Como em Virgílio (A. 8.334): *Fortuna omnipotens et ineluctabile fatum* (“a Fortuna, onipotente, e o inelutável fado”).

68. DO EXÍCIO A PORTA HÁ MUITO OBSTADA: a porta da morte, há muito proibida. Refere-se à sua condenação prevista pelos Fados (cf. 2.690-703 e comentários *ad loc.*). **DO EXÍCIO A PORTA:** (BARTHIUS) “Como em Virgílio (A. 2.660-1): *si sedet hoc animo perituraeque addere Troiae / teque tuosque iuuat, patet isti ianua leto* [“se esta vontade assenta, e unir à finda Troia / tu e os teus deseja, se abre ao exício a morte”]; e Valério Flaco (V. Fl. 4.230-1): *nec pretium sonipes aut sacrae taurus harenae, / praemia sed manes reclusaque ianua leti* [“nem da sacra areia é recompensa o sonípede ou o touro, / mas são prêmios os manes e a porta aberta do exício”].”

69-70. EM VIDA PRÓDIGO / O PEITO, E MORTE EXTREMA NÃO O AMEDRONTANDO: uma vez que a morte lhe foi obstada (cf. 3.68n), seu peito agora esbanja vida e não teme a morte extrema – a mor-

te final, que colocará um final em sua **existência inerte** (2.695).

71. A GUERRA INFANDA: refere-se à emboscada contra o mensageiro, dita **infanda** tanto por causa da natureza do crime (cf. 2.548n) como pela posição da vítima (cf. 2.373-4n).

71-2. O POR SINAIS NEGADO / PRÉLIO: não houve, até agora, presságios que tenham antecedido a emboscada de modo a determinar-lhe o fracasso. Méon parece ter em mente, aqui, mais as consequências da emboscada do que agouros que se tivessem mostrado a ele ou a Etéocles. Porque seus agouros não eram dignos de crença, porém, pode referir-se a algo que ele mesmo tenha visto, ainda que não tenha sido expressamente mencionado no texto – sobre isso, cf. 2.690-5 e comentários *ad loc.*

74-7. AS GERAÇÕES DE EXTINTAS... POR DIA E NOITE, / SALTARÃO: prediz Méon, pelos motivos mesquinhos que levaram Etéocles a preparar a emboscada para Tideu (3.72-4), que o tirano será atormentado pelos órfãos (3.74), pelas casas destruídas (3.74-5) e pelas almas dos cinquenta emboscados (3.75-7). Embora tenha voltado vivo da emboscada, fazendo com que o total de mortos seja quarenta e nove, e não cinquenta, ele não tardará em completar a soma (cf. 3.81-91).

75. COM ATRO TERRO, AS ALADAS: (AMAR-LEMAIRE) “Os antigos acreditavam que as sombras dos injustamente mortos retornavam e, durante a noite, ou aos homicidas, ou àqueles que foram culpados de sua morte, perturbavam, assustavam e perseguiam. Onde, então, a Dido virgiliana (A. 4.386): *omnibus umbra locis adero. dabis, improbe, poenas* [“em todos os locais, sombra, estarei; pagarás, ó ímprobo, a pena”]; e Horácio (Epod. 5.91-6): *quin, ubi perire iussus exspiraue-ro, / nocturnus occurram furor / petamque uoltus umbra curuis unguibus, / quae uis deorum est Manium, / et inquietis assidens praecordiis / pauore somnos auferam* [“E condenado à morte, após ter expirado, / vou retornar, Furor noturno, / e, sombra, os rostos vou ferir com curvas unhas / (dos deuses Manes tal a força) / e assediando vossos corações sem paz / por medo o sono vou roubar” – trad. Alexandre Hasegawa].”

(BARTHIUS) “[...] Ovídio (Ib. 139-62): *tecum bella geram; nec mors mihi finiet iras, / saeua sed in manes manibus arma dabit. / tum quoque, cum fuero uacuas dilapsus in auras, / exsanguis mores oderit umbra tuos, / tum quoque factorum ueniam memor umbra tuorum, / insequare et uultus ossea forma tuos. / siue ego, quod nolim, longis consumptus ab annis, / siue manu facta morte solutus ero: / siue per immensas iactabor naufragus undas, / nostraque longinquus uiscera piscis edet: / siue peregrinae carpent mea membra uolucres: / siue meo tinguent sanguine rostra lupi: / siue aliquis dignatus erit subponere terrae / et dare plebeio corpus inane rogo: / quidquid ero, stygiis erumpere nitar ab oris, /*

et tendam gelidas ultor in ora manus. / me uigilans cernes, tacitis ego noctis in umbris / excutiam somnos uisus adesse tuos. / denique quidquid ages, ante os oculosque uolabo / et querar, et nulla sede quietus eris. / uerbera saeua dabunt sonitum nexaeque colubrae, / conscia fumabunt semper ad ora faces. / his uiuus furiis agitabere, mortuus isdem, / et breuior poena uita futura tua est [“Travarei, contigo, guerra; a morte não encerraria, em mim, a ira, / mas, seva, contra os manes, dará aos manes armas. / Então, também, quando eu me dispersar nas vácuas auras, / exangue, os teus costumes odiará a sombra, / e, então, também, aos feitos teus atenta, qual sombra à vênua / perseguirei e, óssea forma, aos olhares teus. / Se eu, o que não quero, for por longos anos consumido, / ou se, por morte causada por minha própria mão, eu libertar-me; / ou se, naufrago, em imensas ondas eu me lançar, e as nossas vísceras, longínquo, um peixe comer; / ou se, peregrinas, consumirem meus membros as aves; / ou se, com meu sangue, tingir-se o focinho de um lobo; / ou se alguém for designado a colocar-me sob a terra / e dar-me, corpo inane, a uma pira plebeia: / o que quer que for, para escapar das margens estíguas me esforçarei, / e, ultor, estenderei à sua face as frias mãos. / Vigilante, a mim verás, eu, na silenciosa sombra da noite / uma visão, perturbarei teu sono. / Por fim, o que quer que faças, ante o teu rosto e os olhos voarei / e me queixarei, e em quarto nenhum estarás tranquilo. / Sevas batidas soarão e, envoltas por cobras, / sempre, à consciência face, fumarão as tochas. / Vivo, por essas fúrias, serás agitado e, morto, pelas mesmas; / mais breve que a pena será tua vida.”]

78-9. AS IRAS, FERRO, / MOVERA O REI E, EM SANGUE, A TRISTE FACE ACENDE: torna à ira Etéocles por causa das palavras de Méon que o maldisseram, e seu rosto (**triste**) se acende com o calor do sangue.

79. DEMAIS: por “além disso”, “além do mais”.

79-80. FLÉGIAS E, NUNCA SE OPONDO AO INÍQUO, / LÁBDACO: a escolha dos nomes dos dois soldados de Etéocles é significativa. Ambos os nomes já apareceram na *Tebaida*, mas se referindo a outras personagens: em 1.713, Flégias, o pai de Ixíon e Corônis, é citado (cf. 1.712-5n); Lábdaco, o avô de Édipo, é referido em 2.210 pelo patronímico “labdácidas”. Ora, esses nomes referem-se a dois soldados tebanos – dos quais somente Flégias reaparecerá (7.711), ao lado de um homônimo tebano (8.688) e de um homônimo argivo (6.661; 6.668; 6.706; 6.726). O nome Lábdaco somente reaparecerá referindo-se aos descendentes do avô de Édipo (3.418; 6.451; 7.207; 9.223; 9.650; 9.777; 10.36; 10.611). Com esse mesmo sentido, o Lábdaco tebano é referido, ainda, quatro vezes nas fábulas de Higino (9.1.3; 66.1.1; 76.1.2; 85.1.1) e três nas tragédias

de Sêneca (*Her. F.* 495; *Oed.* 710; *Phoen.* 53). O nome Flégias também aparece outras tantas vezes em diferentes autores da literatura latina e, com exceção de uma única vez em que designa um soldado (*V. Fl.* 3.125), sempre se refere à mesma figura mitológica (cf. 1.712-5n): nas fábulas de Higino, aparece três vezes (161.1.1; 202.1.1; 245.1.1) e, nas *Astronômicas*, uma (2.40.2.2); em Ovídio, duas vezes (*Met.* 5.87; 11.414); na *Eneida*, uma vez (6.618); e, em Valério Flaco, uma vez (2.93).

Dessa forma, parece lícito entrever na escolha dos nomes alguma relação com suas primeiras aparições, nas quais são feitas referências a personagens mitológicos conhecidos. Lábdaco, o bisavô de Etéocles, ressoa na postura do soldado que, **nunca se opondo ao iníquo**, assume uma atitude em favor do tirano enraivecido. É interessante perceber que Estácio faz questão de inscrever o soldado Lábdaco na mesma esfera da família de Édipo, seja o fazendo defender Etéocles antes mesmo de que o tirano o solicitasse, seja o caracterizando como alguém disposto à injustiça. O Flégias mitológico, por sua vez, é conhecido pela tentativa de incendiar o templo de Apolo em Delfos para vingar a morte de sua filha (cf. 1.712-5n), também considerado um ato ímpio. Além disso, é de se lembrar que, durante o canto primeiro da *Tebaida*, Polinices e Tideu chegam em Argos durante um festival em honra a Apolo, adorado por toda a cidade (cf. 1.557-720). Ao lado de Etéocles, então, e cumprindo suas ordens antes mesmo de que fossem ditas, estão um soldado disposto a qualquer injustiça e homônimo de seu bisavô, e outro, cujo homônimo mitológico, um filho de Ares, ateou fogo no templo de Apolo, um dos deuses adorados pelos argivos. Há de se destacar, ainda, que um dos Flégias tebanos (*Theb.* 7.711) será morto por Anfiarau, sacerdote de Apolo.

82. TIRANO: sobre o uso do termo (*tyrannus*) em Estácio, cf. 2.445n.

84-5. POR TIDEU MAGNO ESCUSO, / O PEITO: o peito perdoado pelo magno Tideu. Em sua fala, Méon parece contrapor a grandeza de Tideu à mesquinhez de Etéocles. (LACTÂNCIO) “[...] Como em Virgílio (*A.* 10.430): *et uos, o Grais imperdita corpora, Teucro* [“e vós, ó corpos escusos pelos Gregos, Teucros”].”

85-6. E OS FADOS RAPTOS / SIGO: o destino que, ainda há pouco, me foi negado durante a emboscada – refere-se à sua própria morte.

86. ESPERADO, ÀS SÓCIAS SOMBRAS VOU: sigo ao mundo dos mortos, então, onde sou aguardado pelas sombras de meus companheiros na emboscada.

86-7. AO MANO, TU, E AOS DEUSES...: enquanto Méon dirige-se às sombras de seus companheiros,

Etéocles está destinado, por sua vez, a seu irmão, Polinices, e aos deuses. Lactâncio, Barthius e Amar-Lemaire (*ad loc.*) apontam a elipse do verbo no sintagma como uma consequência da interrupção da fala de Méon, causada pelo golpe que ele desfere contra si próprio – relatado pelo narrador na sequência (3.87-8).

87-8. FALOU E AS PALAVRAS AO MEIO / CORTOU: como em Virgílio (A. 4.76): *incipit effari mediaque in uoce resistit* (“começa a falar e, em meio ao discurso, cessa”).

88. PLENO DO PUNHO O FLANCO: isto é, o seu **flanco** – uma das ilhargas – tornou-se pleno com a espada entrando-lhe com o cabo (o **punho**) e tudo. Se assim for, descreve a espada entrando por um dos flancos de modo perpendicular ao tronco e atravessando-lhe o peito em direção ao flanco oposto. (BARTHIUS) “Admirável locução. Certamente um cabo curto e pequeno, de modo que entrasse, com a espada, no ferimento. Mas é, se não cuidadosíssima, uma locução papiniana. Em um manuscrito de glosador está anotado: *punho*] isto é, a espada inteira, até o *punho*. Pode ser justificado, também, o uso de *punho* por gládio, como quando Virgílio usa *espada ebúrnea* por “ebóreo punho” ou por “bainha ornada” (A. 11.10-1): *clipeumque ex aere sinistrae / subligat atque ensei collo suspendit eburnum* [“o brônzeo clipeo à esquerda / amarra, e ao colo, ebúrnea, levanta a espada”]. Mas, do próprio Marão, estas palavras traz no ânimo Estácio, as quais, a não ser porque acrescente algum excesso, não pensava suficientes para compor o seu furor (A. 2.552-3): *dextraque coruscum / extulit ac lateri capulo tenus abdidit ensei* [“à destra, luzente, / trouxe e, no lado, até o punho, enterrou-lhe a espada”]. *Punho* por espada, também honoravelmente, nós lemos em Lucano (7.766-7): *armaque tota / mente agitant, capuloque manus absente mouentur* [“as armas, por toda / a mente, agitam, e as mãos, ausente o cabo, se movem”].”

90. COM OS SOLUÇOS FINAIS DA ALMA: (BARTHIUS) “Enquanto se precipita ensanguentado, soluça – em escólios antigos. Virgílio (A. 9.332-3): *tum caput ipsi aufert domino truncumque relinquit / sanguine singultantem* [“então corta a cabeça ao próprio senhor, e o tronco permanece / soluçando sangue”]. Há, também, os gemidos soluçantes no imo produzidos (A. 9.414-5): *uoluitur ille uomens calidum de pectore flumen / frigidus et longis singultibus ilia pulsant* [“ele revolve, do peito vomitando um cáldio rio, / gelado, e com longos soluços as ilhargas pulsam”]. Um exemplo do “soluçar da alma” deu Lucano, na morte de Pompeu (8.679-5): *inpius ut Magnum nosset puer, illa uerenda / regibus hirta coma et generosa fronte decora / caesaries comprehensa manu est, Pharioque ueruto, dum uiuunt uoltus atque os in murmura pulsant / singultus animae, dum lumina nuda rigescunt, / suffixum caput est, quo numquam bella iubente / pax fuit* [“para que a Mag-

no um ímpio menino conhecesse – suas, veneráveis / pelos reis, comas hirsutas e, a generosa fronde adornando, / as plumas –, agarradas por uma mão, em Fário dardo, / enquanto estavam vivas as feições e, à boca, em murmúrios, pulsavam / os soluços da alma, e os olhos, nus, enrijeciam, / foi fixada sua cabeça, pela qual, ordenada a guerra, nunca / houve paz”].”

91. ALTERNO, VEM DA CHAGA E VEM DA BOCA: o sangue, portanto, escorre alternando-se: ora vem da ferida, ora da boca.

92-3. CONFUSAS CONVERSAS / DISSIMULAM: falam, certamente, sobre a cena que se passou no palácio de Etéocles. (LACTÂNCIO) “Bem disse *dissimulam*, porque sob o comando um tirano não há nenhuma liberdade para se falar.”

93. MAS A ELE, A ESPOSA E OS PAIS, LEAIS,: ou seja, Méon, cujo corpo será carregado pela esposa e pelos pais.

94. MANTENDO-SE AS FEIÇÕES: aquelas do próprio Méon, que mantiveram-se apesar de sua morte (*infra*). **FINDA A MORTE:** já tendo agido a morte – isto é, já terminado o processo de sua morte. **TORVO:** (LACTÂNCIO) “Isto é, ainda torvo, ainda ameaçador. Salústio, sobre Catilina (*Cat.* 61.4): *ferociamque animi, quam habuerat uiuus, in uoltu retinens* [“e a ferocidade do ânimo, a qual tivera quando vivo, no rosto mantinha”].”

95. SEM MUITO APROVEITAR-LHE A VOLTA: porque morreu logo após retornar da emboscada. **A CASA LEVAM:** levam-no, pois, para sua casa – note-se que Etéocles proibirá que seu corpo seja cremado (3.97: **veta pô-lo à pira**).

96. DO CHEFE INFANDO: Etéocles. Seja por causa da emboscada ao mensageiro (cf. 2.482-743), seja por ter proibido exéquias dignas aos emboscados que escolheu (cf. 3.97-8 e comentários *ad loc.*).

97. A PAZ DA TUMBA: (AMAR-LEMAIRE) “Os antigos acreditavam que as almas daqueles que pereceram pelo ferro e permaneceram insepultos vagavam inquietas.”

98. AOS NÃO VOLUNTÁRIOS MANES EM VÃO NEGA: comenta Vessey sobre o passo (1973, p. 113-4): “Etéocles antecipa a ação de seu sucessor Creonte, o qual ordena que os argivos mortos não poderão ser enterrados ao final da guerra e que, por esse ato sacrílego (a ação derrotada pela *pietas* de Argia e Antígone), atrai sobre si a justa retribuição quando nas mãos de Teseu. Para Estácio, não é o ritual que importa: mas o horror moral a que um homem pode descer com tal ato de vingança; este é, talvez, o crime supremo contra a *pietas*.”

Keur (2013, p. 338-9), por sua vez, demonstra a irrelevância da negação feita por Etéocles, evidenciada pelo adjunto adverbial *nequiquam* (**em vão**) empregado por Estácio em 3.98. Para o autor, tanto nessa passagem de Estácio como em Lucano (*Luc.* 7.809-10, em que César proíbe os ritos fúnebres aos soldados de Pompeu nos campos Emátios: *tabesne cadauera soluat / an rogas, haud refert* – “que, podres, os cadáveres se dissolvam, / ou na pira, não importa”), os tiranos (Etéocles, Creonte e César) são condenados por sua desumanidade. (LACTÂNCIO) “Diz bem *em vão*, uma vez que, segundo Epicuro, os mortos não parecem sentir nada. Sobre isso, Virgílio (*A.* 2.646): *facilis iactura sepulcri* [“é fácil a perda do sepulcro”]. A opinião de alguns, pois, é a de que a alma perece com o corpo, como em Lucrécio. Dessa forma, em nada a sepultura ajuda ao homem.”

99-113. MAS TU, EGRÉGIO EM FADO ... ESTIMA DAS AVES TE GUARDAM: epicédio a Méon, em que, novamente, o poeta demonstra a irrelevância da proibição feita por Etéocles quanto aos ritos fúnebres (cf. 3.97n; 3.98n), uma vez que o vate, mesmo sem ter sido cremado e enterrado (cf. 3.96-8), corre pelas **Elísias plagas** (3.109).

99. TU: Méon. EGRÉGIO EM FADO E BRIO: (BARTHUIS) “Porque, na verdade, não somente seguindo a inevitabilidade do fado, mas também seguindo sua própria virtude, se eximiu do império do tirano.”

99-100. JAMAIS O OBLÍVIO / PROVARÁS, COMO É DIGNO: isto é, “como é digno de ti, tu jamais serás esquecido”.

100. COMO É DIGNO: há desentendimento na crítica quanto ao trecho em latim: Bailey registra *sic dignum est*, sem apontar outras leituras no aparato crítico; Lesueur registra *sic dignum est*, apontando a variante *indignum* no aparato crítico – assim como Klotz; Amar-Lemaire, Barthius e Hall registram *indignum*, apontando *sic dignum est* no aparato. Nesta tradução, seguiu-se a variante *sic dignum est*, mais reproduzida pela crítica – cf. Vessey, 1973, p. 114; McGuire, 1989, p. 31; Dominik, 1994b, p. 86; Manuwald & Voigt, 2013, p. 73. Ademais, além de as duas variantes formarem os mesmos pés dentro do metro (*sīc dīg-* | *-nu(m) ēst pās-* | *-sūrē sī-* | *-tūm, quī* | *cōmmīnūs* | *aūsūs* VS *īndīg-* | *-nūm pās-* | *-sūrē sī-* | *-tūm, quī* | *cōmmīnūs* | *aūsūs*), elas não acarretam, como aponta Barthius (*ad loc.*), grandes mudanças para o sentido. **REIS:** o plural é enfático. Refere-se a Etéocles.

101. A AMPLA REVOLTA: em latim, *libertas* (“liberdade”). A escolha por “revolta”, causada por motivação métrica, está baseada no sentido da palavra “liberdade” nessa passagem, uma vez que, com ela, o poeta refere-se ao ato de libertar-se do jugo de Etéocles: quando Méon deci-

de tirar sua vida para que ela não fosse tirada a mando de Etéocles (cf. 3.83-5), sua ação é entendida como um ato de insubordinação ao poder do tirano.

102. O CURSO ABRISTE: refere-se ao caminho pelo qual é possível contestar a autoridade real em direção à liberdade – cf. 3.101n.

102-4. COM QUAL CARME, A DIGNA ... ÁGURE AOS DEUSES CARO?: Gibson (2013, p. 72-4), vê, em todo o trecho (3.99-113), mas especialmente no passo, uma semelhança entre a alegada impossibilidade de cantar os feitos de Domiciano no canto primeiro do poema (cf. 1.16-32 e comentários *ad loc.*) e a dificuldade, aqui sugerida, de encontrar um poema e uma voz (cf. 3.103n) com os quais pudesse aumentar a fama da virtude de Méon (3.102-4). O autor aponta, ainda, semelhanças com o trecho de Virgílio em que o narrador se dirige a Niso e Euríalo (A. 9.446-9: *fortunati ambo! si quid mea carmina possunt, / nulla dies umquam memori uos eximet aeuo, / dum domus Aeneae Capitoli immobile saxum / accolet imperiumque pater Romanus habebit* – “Par ditoso! terás, se em verso eu valho, / perpétua fama, enquanto o pai de Roma / no Orbe domine, e a geração de Eneias / do Capitólio habite a rocha imóvel”, trad. Odorico Mendes) e outro, de Valério Flaco, em que Hipsípila é endereçada (V. Fl. 2.242-6): *sed tibi nunc quae digna tuis ingentibus ausis / orsa feram, decus et patriae laus una ruentis, / Hypsipyle? non ulla meo te carmine dictam / abstulerint, durent Latiis modo saecula fastis / Iliacique lares tantique palatia regni* – “mas a ti, agora, dignas de tua imensa ousadia, / quais palavras trarei, glória e prazer de uma pátria que rui, / ó Hipsípila? Nada que, com meu carme direi, te / furtará enquanto os séculos aos fastos do Lácio, durarem / e os lares Ilíacos e os tamanhos palácios do reino”).

103. COM QUAL VOZ: é dizer “com quais palavras”.

104-5. EM VÃO, OS CÉUS APOLO / NÃO TE MOSTROU: (BARTHIUS) “Tamanho foi o favor de Apolo para com Méon que ele nunca o iludiu com seus augúrios. Por isso, o nosso Papíneo (*Theb.* 2.692-3): *Haemonides – ille haec praeuiderat, omina doctus / aeris et nulla deceptus ab alite – Maeon* [o **Haemonides** – que vira assim, douto nos célios / presságios, a quem aves não enganam – Méon].”

105. DIGNO TE VIU DE SEUS LOUROS: (LACTÂNCIO) “Diz por causa de Dafne, a quem preferiu que visse como uma árvore eterna por causa da perpetuidade de seu amor.” (AMAR-LEMAIRE) “Pois os vates, como ministros de Apolo, carregavam o louro como a insígnia de sua arte: porque o louro era consagrado a Apolo.”

Entre os versos 3.105 e 3.106, Bailey aponta uma lacuna, à qual não se encontrou referência em nenhuma das outras edições consultadas (Lactâncio, Amar-Lemaire, Barthius, Mueller,

Klotz, Lesueur e Hall). Housman (1933, p. 5), a quem Bailey parece ter seguido, levanta a possibilidade dessa lacuna entre os versos, uma vez que “Dodona ... e a virgem da Cirra ... ousaram suspender os povos” (3.106-7) é, em suas palavras, “uma noz dura para que os teólogos rachem”, “embora seja fácil ver o que o poeta intentou dizer”. Por ser uma suposição para qual não se encontrou sustentação em outras fontes, preferiu-se, aqui, desconsiderar a hipotética lacuna.

106. DODONA: refere-se a uma cidade localizada em Épiro, uma região da Grécia continental. É famosa por possuir um templo dedicado a Zeus o qual, acredita-se, era o mais antigo oráculo entre os gregos. De acordo com Estrabão (*Strab.* 7.7.10), esse templo teria sido fundado pelos pelasgos, o primeiro dos povos que tiveram o domínio sobre a Grécia. Sobre o templo, conta Heródoto (2.54-7) que as próprias profetizas de Dodona deram-lhe a seguinte explicação para sua fundação: duas pombas negras saíram voando do Egito e foram dar, uma, na Líbia e, a outra, em Dodona: esta, ao pousar em um carvalho, declarou com voz humana que, naquele lugar, deveria ser construído um oráculo de Zeus; aquela, declarou a necessidade de construção de um templo de Ámon, também dedicado a Zeus. A versão evemerista defendida por Heródoto parte da história de que alguns fenícios raptaram duas mulheres do Egito, das quais uma foi vendida na Líbia e a outra em Dodona. Esta, vivendo em uma região estranha, deve ter fundado um santuário em honra de Zeus por já tê-lo adorado no Egito e contado aos habitantes que sua irmã, que fora sequestrada junto com ela, foi vendida pelos fenícios na Líbia. Uma vez que demorara para aprender o idioma grego, a irmã de Dodona deve ter sido chamada pelos habitantes da cidade de *πελειάς* (*peleíás*, “pomba”), já que, bárbara, sua voz soava como o arrulho de um pombo – Ésquilo (*A.* 1050) e Aristófanes (*Ra.* 681) comparam a fala dos estrangeiros ao pipilar dos pássaros. Quando, então, aprendeu o grego e declarou a necessidade de fundação de um templo de Zeus no lugar em que fizera seu sacrário, passaram a dizer que havia falado com voz humana. **MÃE DOS BOSQUES:** dos bosques consagrados aos deuses, como uma metonímia para “oráculos”. Chamar Dodona de **mãe** dos oráculos é, pois, considerá-la a primeira a possuí-los (cf. *supra*). **A VIRGEM DE CIRRA:** (AMAR-LEMAIRE) “Entenda-se o oráculo de Apolo junto a Cirra, na Fócida, ao qual presidia uma virgem.”

107. COM FEBO QUIETO, OUSARAM SUSPENDER OS POVOS: (LACTÂNCIO) “Isto é, deixar apreensivos. Como Virgílio (*A.* 3.372): *suspensum numine ducit* [“absorto, com o nume [me] conduz”]. Sentido: ‘contigo morto, terão tranquilidade os oráculos, isso por que ficarão em silêncio por causa da tua morte.’” **OUSARAM:** em latim, *audebit*. Diferente da lição aqui adotada, Bailey re-

gistra, na passagem, *gaudebit*, seguindo Markland e Klotz. Para Housman (1933, p. 5): “Markland emendou melhor do que imaginou quando alterou *audebit* para *gaudebit* [...] Estácio teve diante de seus olhos a narrativa de Lucano 5.71-224. A Pitonisa tem boas razões para alegrar-se quando o deus impede sua inspiração (5.114-20): *nec uoce negata / Cirrhaeae maerent uates, templique fruuntur / iustitio. nam, siqua deus sub pectora uenit, / numinis aut poena est mors inmatúra recepti / aut pretium; quippe stimulo fluctuque furoris / conpages humana labat, pulsusque deorum / concutiunt fragiles animas* [“mesmo as Cirreias / videntes não lamentam o vetado oráculo / e do templo o recesso elas até desfrutam. / Pois, se um deus vem no peito de alguém, prematura / morte é pena ou presente do encarnado nume. / Ora, no frêmito e nos baques do delírio, / o corpo humano cede e os golpes das deidades / ferem as frágeis almas.” – trad. Brunno Vieira].”

Contudo, embora as semelhanças sejam claras, os contextos em que o verbo (*gaudebit/audebit*) é utilizado parecem-nos suficientemente diferentes para lermos, com a maioria dos editores, *audebit*. Lucano destaca, em seu texto, o deleite que as profetizas de Apolo em Delfos – as Cirreias – sentiam porque o templo permanecia fechado. O seu deleite, porém, advém do fato de que, fechado o templo, não mais surgirá, para os homens, a “prematura morte”, nem elas sofrerão com os “baques do delírio” e os “golpes das deidades”. Em Estácio, por outro lado, o contexto é o de um discurso laudatório em honra a Méon, ao que parece fazer mais sentido destacar-se a ousadia (*audebit*) do fechamento dos templos de Delfos e Dodona (cf. 3.106) em respeito ao vate falecido, o que fortalece sua figura de profeta, do que a alegria em fechá-los, pela qual demonstrar-se-ia, conforme se crê, mais prazer por sua morte do que pesar.

108-9. DO AVERNO TARTÁREO BEM LONGE, / CORRE E AS ELÍSIAS PLAGAS FRUI: os antigos acreditavam que as almas dos corpos insepultos estavam condenadas a vagar durante cem anos até serem aceitas no Hades (cf. 1.297-8n). Aqui, reforçando a nulidade da ordem de Etéocles (cf. 3.97-8; 3.98n), diz o poeta a Méon que, distante dos Infernos – o **Averno Tartáreo** –, corra, gozando as plagas dos montes Elísios. **ELÍSIAS:** isto é, dos Campos Elísios, local dos Infernos em que restam as almas dos virtuosos e inocentes.

109-10. ÍNVIO POLO / A OGÍGIOS MANES: com **Ogígios**, refere-se aos tebanos (cf. 1.173n). Isto é: “ora, Méon, deleita tu as plagas Elísias (3.109), um polo inacessível aos tebanos” – por ser uma cidade criminosa (cf. 1.2).

111-3. DURAM OS MEMBROS E O TRAJE ... DAS AVES TE GUARDAM: insepulto (cf. 3.97-8), o corpo de

Méon é preservado intacto (**duram os membros e o traje**), pois que as aves e o bosque o protegem (cf. 3.113n).

112. SOB CÉU NU: é dizer “a céu aberto”. Ou seja, fazendo sob o céu aberto, sem nada que o proteja das variações climáticas ou mesmo da ação de animais que lhe podem ultrajar a carne e rasgar as roupas (cf. 3.111-2).

113. O BOSQUE E A TRISTE ESTIMA DAS AVES TE GUARDAM: por isso, então, ainda que insepulto, jaz intacto o corpo de Méon (3.111-2). Para Lactânio (*ad loc.*), o bosque e a reverência das aves por Méon o protegem por respeito ao morto, ou porque estão proibidos de tocar-lhe. Barthius (*ad loc.*) apresenta uma longa discussão sobre o termo **bosque**, uma vez que, acredita o autor, não faz muito sentido que o bosque proteja um morto. Porém, como destaca Bernstein (2013, p. 237), Estácio parece evocar a ideia de uma “paisagem responsiva” (*responsive landscape*) como aparece na poesia pastoral romana: “um gênero em que a paisagem tipicamente lamenta a morte de seus amados pastores, como Dáfnis e Galo (Verg. *Ecl.* 5.62-4 e 10.13-5). Como esses cantores pastorais, Méon goza de um relacionamento próximo dos deuses (*augur amate deis*, **áugure aos deuses caro** – 3.104) e das instruções de Apolo (3.104-7).” Sendo assim, então, a ideia de um bosque que zela por Méon, pelo aqui exposto e principalmente porque, no passo, o poeta já destacou a ligação entre os bosques e o sagrado (cf. 3.106n), não parece estranha. Virgílio, *Ecl.* 5.62-4: *laetitia uoces ad sidera iactant / intonsi montes; ipsae iam carmina rupes, / ipsa sonant arbusta* (“aos astros lançam palavras alegres / os intonsos montes; carmes, as próprias penhas / soam, e os próprios arbustos”).

114-32. NOIVAS MORTIÇAS, FILHOS ... CRÂNIOS À CERVIZ DEVOLVEM: após o epicédio em honra a Méon, o poeta volta a atenção aos outros mortos na emboscada, descrevendo o grande número de pais, mães, noivas e filhos que, em funesta confusão, se espalham entre os restos dos corpos deixados por Tideu buscando os seus próprios defuntos. O valor do suicídio de Méon e o tom laudatório de seu epicédio (3.99-113) contrastam fortemente com a descrição desta cena onde, em **miserando embate** (3.116-7), mães, esposas, pais e filhos (3.114) correm atrás dos **prantos seus** (3.116), onde a estrada **arde em gritos** e os altares soam com os prantos (3.120); onde as mães lavam os ferimentos de seus filhos com suas lágrimas (3.130), enquanto algumas arrancam os dardos neles enterrados (3.130-1) e outras unem membros e cabeças espalhadas a seus respectivos corpos (3.131-2). Nem mesmo a crueza da descrição da morte de Méon (3.87-91) se iguala ao horror da cena exposta pelo poeta.

115. DOS MUROS FLUEM AOS PLANOS E CAMPOS: a partir das muralhas da cidade, espalham-se pelos

campos e pelas planícies além Tebas em direção ao local da emboscada, onde jazem os corpos de seus mortos.

116. A SEUS PRANTOS CORRENDO: àqueles pelos quais seu pranto era derramado – utilizando **prantos** o poeta põe o foco sobre o sofrimento dos que os buscam mais do que se utilizasse, por exemplo, “corpos”.

116-7. CORRENDO, INQUIETOS – MISERANDO / EMBATE: o **embate** entre aqueles que correm, **inquiets** (3.116), buscando os restos de seus entes queridos.

117. AOS QUAIS, ANDANDO: aos que caminham pelo campo de batalha buscando seus mortos.

118. P’RA CONSOLÁ-LOS: refere-se aos que não buscavam parentes mortos entre os emboscados, dirigindo-se ao campo de batalha com o intuito de consolar os que perderam alguém. (LACTÂNCIO) “Ainda que ninguém dentre estes tenha sido morto, seguiam para que consolassem.”

119. DE UM SÓ HOMEM: de Tideu, que, sozinho, derrotou os emboscados tebanos (cf. 2.482-743 e comentários *ad loc.*). **AS VASTAS OBRAS DE UMA NOITE:** destaca outra das dificuldades enfrentadas por Tideu, que, além de estar sozinho contra cinquenta homens, foi emboscado durante a noite. Os trabalhos (**obras**) são vastos tanto pelo número de envolvidos, como pelas dificuldades enfrentadas.

121. À SELVA NEFANDA E AOS INFAMES ROCHEDOS: o local da emboscada – sobre isso, cf. 2.496-526 e comentários *ad loc.*

122-3. TAL SE NEM PRÉVIOS LAMENTOS, NEM ATRAS / CHUVAS VERTESSEM: como se já não houvessem lamentado e chorado em abundância. **ATRAS / CHUVAS:** com **chuvas**, refere-se ao choro copioso derramado pelos que buscam seus mortos. Conforme aponta Barthius (*ad loc.*), o adjetivo **atras** (“de cor negra”, mas também “infausto, sombrio, terrível”) tanto refere-se ao aspecto lutuoso das lágrimas derramadas, uma vez que a cor negra simboliza o luto, como a seu lado sombrio e terrível, dadas as circunstâncias em que as mortes ocorreram.

125-6. RASGADO, EM MANTA SANGRENTA MANTÉM-SE / O LUTO, ATROZ: **rasgado**, aqui, refere-se não ao Luto em si, mas à forma pela qual se apresenta: está rasgado porque estão rasgadas as suas vestes – um sinal de luto comum entre diferentes povos da antiguidade, como os romanos, os persas e os hebreus, ao qual fazem referência, por exemplo: Virgílio (A. 12.602): *purpureos moritura manu discindit amictus* (“purpúreas, por morrer, com a mão rasgou as vestes”) e (A. 12.609-10): *it scissa ueste Latinus / coniugis attonitus fati* (“avança Latino com as vestes

rasgadas, / atônito com os fados da esposa”); Sílio Itálico (13.388-9): *duris quamquam non cedere suetus / pulsato lacerat uiolenter pectore amictus* (“embora acostumado a não ceder às dificuldades, / golpeado o peito, violentamente lacera as roupas”) e (Sil. 16.436): *auratam medio discindit pectore uestem* (“áureas, ao meio rasgou no peito as vestes”).

126. DE PEITO INCISO: cf. 3.125-6n.

127. DOS FRIOS: daqueles já esfriados pela morte. **SONDAM AS GÁLEAS E INDICAM OS CORPOS:** procedimentos de reconhecimento dos corpos: distinguidos pela gálea ou pelo rosto sob o elmo, os corpos encontrados (**vistos**, 3.128) eram indicados aos seus.

128. PROPENDIDAS: as mães e as noivas que buscam cadáveres. (LACTÂNCIO) “Quase caindo, isto é, prostrando-se sobre os rostos.”

130-1. LANÇAS, ESSAS / EM VÃO, ZELOSAS, PUXAM: diz **em vão** porque de nada adianta retirarem as **lanças**, uma vez que já estão mortos os guerreiros. (LACTÂNCIO) “Porque não há nenhum sentimento de dor nos mortos.”

133-68. MAS, POR BRENHAS E POEIRAS ... MANES MISTURAI NA URNA: depois do **miserando embate** (3.116-7), Estácio passa para uma cena particular, detendo-se sobre Ide e sua busca pelos corpos dos filhos, os Téspíadas (cf. 2.629n). O episódio, que retoma a imagem dos irmãos unidos pela morte (cf. 2.637-8), também antecipa outros temas da *Tebaida* – no canto quarto (4.406-645 e comentários *ad loc.*), por exemplo, Tirésias e Manto realizam uma consulta aos mundos dos mortos – uma necromancia; aqui (3.140-6), o poeta se refere aos rituais de evocação dos mortos praticado pelas mulheres da Tessália. Há, além disso, diferentes pontos de contato com os eventos ocorridos no décimo primeiro canto da *Tebaida*, especialmente com o discurso de Jocasta, que, na iminência da luta entre seus dois filhos, tenta dissuadi-los do fatal destino (11.329-53). Seguem-se os principais deles.

Depois de muito procurar entre os mortos (cf. 3.133-46), Ide encontra seus dois filhos em um lugar mais afastado, juntos sob uma única rocha (3.147), com semblante feliz (3.148) e presos um ao outro por uma lança atravessada em seus peitos (3.149). Jocasta, por sua vez, encontra Etéocles preparado para o duelo com seu irmão, de armadura vestida e armas em punho (11.324-8): *iamque decus galeae, iam spicula saeua ligabat / ductor et ad lituos hilarem intrepidumque tubarum / prospiciebat equum, subito cum apparuit ingens / mater, et ipse metu famulumque expalluit omnis / coetus, et oblatam retro dedit armiger hastam* (“já, com o esplendor da gálea, atava as sevas pontas / o líder e, aos sinais da trompa ativo e intrépido, / via o cavalo quan-

do, ingente, surge, súbita, / a mãe, e ele empalece, e o fâmulos, com medo / do encontro, e a lança entregue devolve o armígero”). Sua primeira reação nesse encontro, as primeiras palavras dirigidas ao filho resumem, de certo modo, toda a ação da *Tebaida*: “que furor é esse?” (*quis furor?* – 11.329), pergunta Jocasta, contrastando sobremaneira com a primeira fala de Ide, que tristemente se refere à posição em que se encontram seus natos, beijando-se e abraçando-se em plena morte (3.151-2).

Logo após (3.152-3), Ide atribui ao **cruel engenho** da morte a situação em que se encontram Périfas e seu irmão, enquanto Jocasta relembra a relevância das Erínias dentro da casa dos labdácidas (11.329-30): *unde iterum regni integrata resurgit / Eumenis?* (“Donde outra vez, do reino, inovada, ressurgir / a Eumênide?”). Na sequência, ambas as mães condenam os sofrimentos acarretados pela maternidade, cada uma à sua maneira: na voz de Jocasta, seu filho-marido é o alvo principal (11.333-7): *o diri coniugis olim / felices tenebrae! datis, improba lumina, poenas: / haec spectanda dies. quo, saeue, minantia flectis / ora? quid alternus uultus pallorque ruborque / mutat, et obnixa frangunt mala murmura dentes?* (“Ó, do diro esposo, trevas / ditosas! Pagareis, rudes olhos, as penas: / aguardo o dia. Aonde, ó sevo, a boca miras, / minaz? Por que, alternando, o rosto a rubro e pálido / muda, e os dentes, cerrados, frangem maus murmúrios?”); na de Ide (3.157-60), a fertilidade, pois que o parto só lhe trouxe **lástimas** (3.159).

Já no fim, Ide se recusa a separar seus filhos (3.165-6), ordenando que sigam indistintos à pira (3.167-8) e que misturem **seus caros manes ... na urna** (3.168); o desejo de Jocasta, porém, é o extremo oposto deste, pois que a mãe quer justamente evitar o encontro de seus filhos (11.338-47). O laço fraternal perpetuado pela morte, um símbolo tão forte e poderoso a ponto de a própria mãe não ousar romper, é subvertido pela última frase de Jocasta, que ressalta o fato de que, indo ao encontro do irmão, Etéocles deixa pra trás a casa e os deuses dos seus avós, bem como o abraço dela e de Antígone, sócia na tentativa de evitar o duelo (11.352-3): *tu limina auita deosque / linquis et a nostris in fratrem amplexibus exis* (“tu, os portões avitos e os deuses / deixas e contra o mano, deste abraço, exila-te”).

As duas cenas assemelham-se, ainda, em estrutura: após descrever a busca de Ide em meio aos corpos e restos mortais dos outros emboscados (3.133-9), Estácio introduz um símile que compara o seu proceder durante a procura ao de uma mulher da Tessália, a qual, afeita a chamar os mortos de volta à vida (3.140-1), vaga pelo campo cingindo em sangue os cadáveres (3.143) e dando-lhes ordens (3.144-5). No caso da cena envolvendo Jocasta, após descrever o encontro entre mãe e filho (11.315-8) – a Jocasta, só será dado ver seus filhos ao mesmo

tempo depois que eles matarem um ao outro, como ocorre com Ide –, Estácio também introduz um símile, no qual evoca, por sua vez, Agave (11.318-20): *Pentheia qualis / mater ad insani scandeat culmina montis, / promissum saeue caput adlatura Lyaeo* (“qual, de Penteu, / subia a mãe ao cimo da insana montanha, / levando o prometido crânio ao Liceu sevo”). O poeta, então, quando evoca a Tessálide que conduz os mortos novamente ao mundo dos vivos, resalta o mais profundo desejo de uma mãe diante de seus filhos mortos, ainda que por meio de atos ímpios; ao evocar, porém, em comparação com a postura de Jocasta diante de Etéocles (11.316-8: *ibat / scissa comam uultusque et pectore nuda cruento, / non sexus decorisue memor* – “[Jocasta] ia, / desfeita a coma e o rosto, o peito nu e em sangue, / sem, do sexo, os pudores lembrar”), uma mãe que, em estado delirante, corre levando a cabeça do próprio filho, a quem ela matou com as próprias mãos (cf. 1.11n), é o nefasto que está em jogo, o profano que permeia as relações na casa dos labdácidas, e não mais os sentimentos entre mães e filhos. Há, portanto, uma mudança de foco em relação àquilo que os símiles ressaltam: com Ide, em uma cena altamente patética, está em foco o sentimento materno; com Jocasta, por outro lado, tem-se uma cena em que o lado sentimental é interrompido pela lembrança de um dos mais infandos episódios envolvendo os descendentes de Cadmo, como um prenúncio ao futuro dos personagens que ali estão.

Contudo, no caso de Polinices e Etéocles, não é sobre o encontro de Jocasta com os corpos de seus filhos que se detém a narrativa, mas no encontro de Édipo com seus descendentes (11.580-633). Após ser avisado da morte mútua de ambos, Édipo sai do **abrigo recluso da casa** (1.49-50) onde se escondera para encontrar os cadáveres de Etéocles e Polinices (11.580-5): *at genitor sceleris comperto fine profundis / erupit tenebris saeueque in limine profert / mortem imperfectam: ueteri stat sordida tabo / utraque canities, et durus sanguine crinis / obnubit furiale caput; procul ora genaeque / intus et effossae squalent uestigia lucis* (“O pai, quando do crime o fim soube, as reclusas / trevas deixa e, nos sevos portões, manifesta / a sua morte imperfeita: de velho pus, sórdidas / ambas as cãs e, duros de sangue, os cabelos / o fúrio crânio envolvem; funda a boca, as faces / pra dentro e, da escorrida luz, sujos os traços”). Surgindo, assim, das **reclusas trevas**, Édipo é comparado ao “sulcador do Averno” – a Caronte, portanto (cf. 1.598n) – caso a este fosse dado subir ao mundo dos vivos para perturbar os astros (11.589-92).

Conduzido, então, dos portões do palácio ao local da batalha por sua filha, Antígone (11.585-600), Édipo, como Ide (3.137-9), passa por sobre corpos e armas (11.596-8: *impediunt iter im-*

plicitosque morantur / arma, uiri, currus, altaque in strage seniles / deficiunt gressus et dux miseranda laborat – “impedem o caminho e, aos confusos, atrasam / as armas, carros e homens; no açougue, os senis / passos vacilam: mísera, trabalha a guia”) e, enlutado, lamenta (11.605-26). É, pois, no final deste seu lamento que surge o trecho mais significativo para as comparações aqui feitas. Depois de se eximir da culpa pelo mútuo assassinato de seus filhos (11.619-21), creditando à Erínia, ao seu pai, sua mãe, ao reino e aos olhos cadentes a responsabilidade pelas palavras ditas contra seus descendentes (cf. 1.55-87), Édipo tenciona por-se entre os seus filhos (11.624-6): *ei mihi, quos nexus fratrum, quae uulnera tracto! / soluite, quaes, manus infestaque uincula tandem / diuidite, et medium nunc saltem admittite patrem* (“Ai! Dos irmãos, que enlaces eu toco, quais chagas? / Soltai as mãos, eu peço, e, então, os nóxios laços / dividi e, ora, ao meio, enfim, seu pai anuí”).

À mãe que se recusa a separar seus filhos unidos pela morte, os **irmãos já há muito** (3.167), e que não ousa separar **as destros em mísero abraço** (3.165-6); à mãe que busca seus filhos como uma Tessálide capaz de trazer, ao mundo dos vivos, os mortos, contrapõe-se o pai que abandona suas **reclusas trevas** (11.580-1) como se o próprio Caronte deixasse sua barca e o Averno em direção ao mundo dos vivos para perturbar o sol e os pálidos astros (11.587-90); com o pai que, diante dos filhos mortos, deles exige que desatem suas mãos, desfaçam seus **nóxios laços** (11.625) e, por fim, aceitem que seu pai se coloque entre eles – figurativizando, assim, a imagem do pai que separa os seus filhos, ao mesmo tempo em que se assemelha à própria Tisífone, por ele evocada para que se colocasse entre os irmãos (**entre os irmãos te põe**, 1.84).

133. AGROS VÁCUOS: vazios de guerreiros vivos, é de se pensar, pois que estão cheios dos corpos dos outros emboscados mortos. Para Amar-Lemaire (*ad loc.*), os campos estão vazios porque estão distantes daquele em que se encontram os outros mortos.

134. DOS JOVENS: refere-se aos Tespíadas (cf. 2.629n) – Périfas e seu irmão.

135-6. SUJAS TRAZENDO AS MECHAS, PREMENDO O SEU LÍVIDO / ROSTO COM A MÃO: sinais de luto, assim como as roupas rasgadas (cf. 3.125-6n).

138. DESGRENHADAS CÃS VOLVENDO EM SOLO HORRENDO: isto é, seus brancos cabelos despenteados – outro sinal de luto (cf. 3.125-6n). Diz **solo horrendo** por ser o campo de batalha em que restam os corpos dos emboscados.

139. E A CADA CORPO PLANGE: pela possibilidade de ser o corpo de um de seus filhos.

140. A TESSÁLIDE: uma mulher da Tessália, região famosa por suas feiticeiras (cf. 1.105n). **LEDA COM A GUERRA:** alegra-se com a guerra porque, assim, tem à sua disposição diversos mortos com os quais pode pôr em prática seus conhecimentos de magia.

141. A QUEM CANTANDO É NEFAS PRÓPRIO EVOCAR MORTOS: “para quem o ato nefasto de evocar os mortos ao mundo dos vivos é costumeiro”. Diz **cantando** por causa natureza musical dos rituais – cf. 4.406-645 e comentários *ad loc*.

142. EM CEDRO ANTIGO AS CHAMAS ERGUENDO, MULTÍFIDAS: tochas feitas de cedro, fendidas na ponta por vários recortes para facilitar o surgimento e a permanência das chamas.

143. AOS CAMPOS: aos campos de batalha, onde jazem os mortos durante o embate (o **vulgo / defunto**, 3.143-4).

144. TENTA OS MANES: isto é, busca as almas dos que pereceram durante a batalha.

145-6. INFAUSTOS, PROTESTAM DAS ALMAS / OS CONSELHOS: os grupos de sombras, por serem retirados de seu descanso.

146. O PAI DO ESCURO AVERNO: Plutão, o rei dos Infernos.

147. SOB ROCHA: embaixo de uma rocha: em uma caverna ou um antro – já que não estavam entre aqueles esmagados pela pedra atirada por Tideu contra os tebanos (cf. 2.558-76 e comentários *ad loc*). **À PARTE:** separados, longe dos outros corpos (cf. 3.133n).

148. LEDOS, POIS QUE UM SÓ DIA E UMA SÓ MÃO LEVOU-OS: abraçados um ao outro (cf. 3.151), os Tespíadas tinham semblante alegre, pois que morreram como haviam desejado (**da morte seu mísero / voto**, 2.642-3n): ao mesmo tempo, mortos pela mesma pessoa.

149. POR LANÇA FIXA AO PEITO EM MEIO ÀS CHAGAS PRESOS: cf. 2.629-43 e comentários *ad loc*.

151-2. VOSSOS BEIJOS E ABRAÇOS ... / CONTEMPLA? em 2.641, Périfas deseja que Tideu receba de seus filhos os beijos e os abraços finais (**o abraço te deem e esses beijos teus filhos**), uma espécie de maldição lançada contra seu algoz – cf. 2.641n. Aqui, Ide lamenta ver o abraço e os beijos extremos de seus filhos, que compõem os ritos finais de morte.

152-3. ASSIM, NO FIM EXTREMO, A VÓS JUNTOU / DA MORTE O CRUEL ENGENHO? cf. 3.133-68n.

153-4. QUAIS CHAGAS EU TOCO, / QUAL FACE À FRENTE EU BEIJO? Édipo faz uma pergunta semelhante a Antígone quando é levado até os corpos de Etéocles e Polinices (11.624-6): *ei mihi, quos nexus fratrum, quae uulnera tracto!* (“Ai! Dos irmãos, que enlases eu toco, quais chagas?”).

156. EM INSCRIÇÕES: no latim, *titulis* (“título de honra”, “inscrição, epitáfio”). (LACTÂNCIO) “O título é a memória dos feitos bons, a qual costuma ser sobreposta ao túmulo dos mortos.” **OGÍGIAS:** é dizer “tebanas”. Sobre o adjetivo, cf. 1.173n.

158-9. SEM DOR CHAMANDO / LUCINA: Lucina é a divindade romana que auxilia as mulheres durante o parto, trazendo à luz seus filhos – equivaleria, portanto, à grega Ilítia, filha de Zeus e Hera (Grimal, *ad loc.*). Em latim, ora é referida e evocada pelas parturientes como uma divindade por si própria (Plauto, *Truc.* 476; Virgílio, *G.* 3.60, 4.340; *Ecl.* 4.10; Ovídio, *Met.* 5.304, 9.294, 9.698, 10.507, 10.510), ora como um epíteto de Juno (Plauto, *Aul.* 692; Terêncio, *An.* 473; *Ad.* 487).

160-2. CONTUDO, EM GUERRA À PLENA ... LEMBRASSE NÃO BUSCASTES: “vós, porém, nobres no fado e audazes entre os povos, não buscastes chagas, em uma guerra à luz plena, das quais a pobre mãe se lembrasse”. Lamenta Ide, com isso, que seus filhos não se feriram em uma **guerra à plena luz** (uma guerra feita durante o dia, ao contrário da noturna emboscada – cf. 2.485; 3.63n), figurando, assim, **nobres no fado e audazes entre os povos** (3.161), de um modo que a mãe se orgulhasse de suas chagas (3.162); muito pelo contrário, eles sofreram uma **morte obscura e exéquias miserandas** (cf. 3.163n).

163. MORTE OBSCURA: porque não se tem notícia de como aconteceu. **MISERANDAS:** há diferentes leituras na crítica para esse sintagma: Hall lê *renuenda* (“para ser desaprovada”) – único registro da conjectura; Lesueur e Klotz, *numerosa* (“numerosa”); Lactâncio e Bailey, *numeranda* (“para ser somada”); Barthius e Amar-Lemaire, *miseranda* (“para ser lamentada”). Sobre as diferentes leituras, escreveu Amar-Lemaire (*ad loc.*): “Gronovius escreveu *numerandaque*. Não consta que Lactâncio tenha lido de maneira diferente. E ele, então, [Lactâncio] explica: ‘Porque entre poucos, e não em uma grande batalha, vós morrestes’. Gruterus conjectura que deve ser lido *mussandaque*, pois que foram mortos violadores das leis dos povos. *Seruanda*, por outro lado, é uma leitura vulgar. [*miseranda*] Porque homens valorosos e fortes deveriam perecer em uma ocasião melhor; dignos, então, de compaixão”. Para Barthius (*ad loc.*), a morte é obscura, e não numerosa ou memorável: mas miseranda. Seguindo, então, Barthius e Amar-Lemaire, adotou-se, aqui, a lição *miserandaque funera* (**exéquias miserandas**), uma vez que, no passo, Ide lamenta que a morte e os ferimentos causados em seus filhos, bem como a ocasião em que ambos pereceram, não tenham concorrido para sua glória, mas apenas para sua miséria. Apesar disso, a leitura de Lactâncio e Bailey, *numerandaque funera* (“exéquias para número”), também nos parece possível, pois que os Tespiadas morreram sem glórias,

simplesmente como números – dois dos cinquenta emboscados.

164. A FURTO: escondidos, longe dos outros (cf. 3.147n). **SEM GLÓRIA:** (LACTÂNCIO) porque sua morte não se deu entre batalhões de nobres inimigos.

165. AS DESTRAS EM MÍSERO ABRAÇO: cf. 2.642n. Pode designar tanto a destra de um e de outro posicionadas no corpo do irmão na intenção de um abraço, quanto um abraço das próprias mãos: um enlace, portanto, uma destra enlaçando-se à outra. (BARTHIUS) estavam, então, abraçados entre si, e um beijava o outro, e assim os seus cadáveres foram descobertos.

165-6. EU NÃO OUSO SEPARAR: cf. 3.133-68n.

166. DA AMPLA MORTE O CONSÓRCIO: cf. 3.148n.

167-8. IDE, Ó IRMÃOS JÁ HÁ MUITO ... MISTURAI NA URNA!: cf. 3.133-68n.

169-78. NÃO MENOS, NISSO AOS RESTOS ... O INFAUSTO ENCONTRO ALETES: depois do encontro de Ide com os corpos de seus filhos (cf. 3.133-68 e comentários *ad loc.*), a narrativa se detém, de maneira bem menos profunda, em outras personagens encontrando e preparando os corpos de seus entes queridos para a pira funerária – que será erguida fora da cidade. Ao fim do passo, o ancião Aletes resolve se pronunciar (cf. 3.179-213 e comentários *ad loc.*), em uma tentativa de acalmar os ânimos daqueles que ali tanto sofriam.

170-1. ORA A ESPOSA E ORA A MÃE PENTIDA, A CTÔNIO CHAMA / ASTÍOQUE: sobre Ctônio, cf. 2.538-9n. Como esposa, Astíoque chama Ctônio; como mãe **Pentida** – *i.e.*, descendente de Penteu –, chama Fédimo (3.171n). A leitura do trecho é difícil. Embora Fédimo (3.171) não seja diretamente referido como filho de Astíoque, a ausência de indicação direta de um outro personagem que possa ser seu filho, somada à sua descrição como descendente de Penteu, de quem Fédimo é dito vindouro (cf. 2.575), tornam possível essa interpretação, unindo-se assim os elementos apresentados por Estácio nesses dois versos. Astíoque é, ainda, o nome de uma das filhas de Níobe (cf. 1.711n) e Anfíon (Hyg. *Fab.* 11.1.1).

171. FÉDIMO: é o nome de um dos filhos homens de Níobe (cf. 1.711n) e Anfíon (Ov. *Met.* 6.296; Hyg. *Fab.* 11.1.1). Na *Tebaida*, é citado (cf. 2.575) como um dos emboscados, descendente de Penteu (cf. 3.170-1n). O nome aparece outras vezes na *Tebaida*: no canto sexto (6.558, 6.606), refere-se a um soldado argivo; no canto oitavo (8.438, 8.440), a um soldado argivo filho de Iásio – possivelmente o mesmo referido no canto sexto. **FILHOS RUDES:** **rudes** porque novos; seriam, na interpretação ora adotada (cf. 1.170-1n), netos de Astíoque.

172. VENCIDO AO PAI DESCOBREM: ou seja, descubrem-no morto. **MARPESSA:** único registro do nome dessa forma (*Marpessa*, em latim). Não se refere a nenhuma personagem conhecida. Virgílio (A. 6.471) e Tibulo (2.5.67) utilizam o adjetivo *marpesius* em referência ao monte Marpésio, em Paros, famoso por seu mármore.

173. FILEU: de acordo com Grimal (*ad loc.*), Fileu é um filho de Augias, rei da Élida, que participou da caçada do javali calidônio (cf. 1.453n) e casou-se com uma Timandra, em Dulíquio. Aqui, então, é utilizado para designar outro personagem, distinto daquele. **ÁCAMAS:** também Acamante. De acordo com Grimal (*ad loc.*), há, na mitologia, três personagens conhecidos com este nome: um troiano filho de Antenor; outro, um chefe trácio que combateu também ao lado dos troianos; e, por fim, um filho de Teseu, que também está envolvido na guerra de Troia. É, pois, um nome de guerreiro na poesia épica.

174-5. DESPEM COM FERRO A SELVA E, AO MONTE, RENTE / O ANOSO CIMO ENCURTAM: aqueles e aquelas que partiram ao encontro de seus mortos agora preparam um local para os funerais: abrem uma clareira em meio à selva no cimo de um monte e, porque cortam as árvores para a construção das piras, diz o poeta que o **encurtam** – sem as copas das árvores, o monte parece mais baixo do que quando recoberto pela mata.

175. CÔNSCIO: (AMAR-LEMAIRE) “Atribui consciência a coisas inanimadas – há claros exemplos aqui e ali. Assim, *conscius ignis* [“o cômncio fogo”] (*Theb.* 6.547); e *conscia templa* [“cômncios templos”] (*Theb.* 8.206), em nosso Papínio.”

175-6. OS TRABALHOS / DA NOITE VIU, E AS QUEIXAS: os **trabalhos da noite** são os feitos de Tideu; as **queixas**, aquelas de suas vítimas e, também, de seus parentes diante dos corpos.

176. MAIS VELHO: o ancião Aletes – cf. 3.178n.

177. DO FOGO SEU NINGUÉM CONSEGUE ABSTER-SE: isto é, “as chamas que consomem os corpos dos seus ninguém consegue evitar”. Aletes (cf. 3.178n), portanto, também estava ali para cremar um de seus parentes.

178. INFAUSTO ENCONTRO: a reunião daqueles que velavam seus mortos. **ALETES:** Higino fala sobre um Aletes filho de Egisto, que está envolvido nas histórias de Electra e Orestes (*Fab.* 122.1.3; 124.1.5). Em Pausânias, há um Aletes descendente de Hércules, que tomou o cetro de Creonte em Corinto (*Paus.* 2.4.4; 5.18.8). Na *Eneida*, Aletes é um dos capitães de barco de Eneias, sendo caracterizado como *annis grauis atque animi maturus* (A. 9.246: “de anos pleno e maduro de espírito”). Aqui, refere-se a outro personagem, que parece compartilhar das carac-

terísticas do Aletes virgiliano (**mais velho** – 3.176), e cuja única aparição é esta.

179-217. SEMPRE ACOSSADA E INFAUSTA ... TARDA MORTE UNIR GRANDEZAS: a fala de Aletes lista vários dos crimes passados em Tebas para concluir que nenhum deles foi tão doído para seu povo como a morte dos cinquenta emboscados – com exceção do dia em que Níobe (3.193), acompanhada de jovens, velhos e outras mães (3.196), enterrou seus quatorze filhos (cf. 1.711n). Ao final (3.206-13), após dimensionar o tamanho do sofrimento dos tebanos evocando os outros jogos dos Fados nos quais Tebas foi treinada (3.179-80), Aletes ressalta a impiedade de Etéocles e prevê seus castigos por tamanho crime.

179-80. SEMPRE ACOSSADA E INFAUSTA PELO JOGO MÚLTIPLO / DOS FADOS NOSSA GENTE: a frase é bastante significativa, uma vez que precede a menção de diferentes crimes ocorridos em Tebas. Nela, a gente tebana é, de acordo com Aletes, **acossada** (*exercita*, em latim) pelo **jogo múltiplo dos Fados** (*uario ... ludo Fatorum*, em latim). Em Virgílio, Anquises, o pai de Eneias, se dirige a seu filho em dois momentos (A. 3.182 e 5.725) por meio de uma expressão bastante similar: *nate Iliacis exercite fatis* (“ó filho, acossado pelos fados Ilíacos”). À diferença de Virgílio, porém, Estácio explicita não só a recorrência da perseguição (**sempre** – *saepe*, em latim), mas a variedade com que o jogo (*ludus*, em latim) dos Fados recai sobre os tebanos (*uario ... ludo*).

Sobre as fortunas dos homens e a sua diversidade, Barthius (*ad loc.*) destaca um trecho longo, mas interessante, de Luciano (*Nec.* 16): *Τοιγάρτοι ἐκεῖνα ὀρῶντί μοι ἐδόκει ὁ τῶν ἀνθρώπων βίος πομπῇ τινι μακρᾷ προσεικέναι, χορηγεῖν δὲ καὶ διατάττειν ἕκαστα ἢ Τύχῃ, διάφορα καὶ ποικίλα τοῖς πομπευταῖς τὰ σχήματα προσάπτουσα· τὸν μὲν γὰρ λαβοῦσα, εἰ τύχοι, βασιλικῶς διεσκεύασεν, τιάραν τε ἐπιθέισα καὶ δορυφόρους παραδοῦσα καὶ τὴν κεφαλὴν στέψασα τῷ διαδήματι, τῷ δὲ οἰκέτου σχῆμα περιέθηκεν· τὸν δὲ τινα καλὸν εἶναι ἐκόσμησεν, τὸν δὲ ἄμορφον καὶ γελοῖον παρεσκεύασεν· παντοδαπὴν γάρ, οἶμαι, δεῖ γενέσθαι τὴν θέαν. πολλάκις δὲ καὶ διὰ μέσης τῆς πομπῆς μετέβαλε τὰ ἐνίων σχήματα οὐκ ἔῴσα εἰς τέλος διαπομπεῦσαι ὥς ἐτάχθησαν, ἀλλὰ μεταμφιέσασα τὸν μὲν Κροῖσον ἠνάγκασε τὴν τοῦ οἰκέτου καὶ αἰχμαλώτου σκευὴν ἀναλαβεῖν, τὸν δὲ Μαιάνδριον τέως ἐν τοῖς οἰκέταις πομπεύοντα τὴν τοῦ Πολυκράτους τυραννίδα μετενέδυσε. καὶ μέχρι μὲν τινος εἶασε χρῆσθαι τῷ σχήματι· ἐπειδὴν δὲ ὁ τῆς πομπῆς καιρὸς παρέλθῃ, τηνικαῦτα ἕκαστος ἀποδοῦναι τὴν σκευὴν καὶ ἀποδυσάμενος τὸ σχῆμα μετὰ τοῦ σώματος ἐγένετο οἷόσπερ ἦν πρὸ τοῦ γενέσθαι, μηδὲν τοῦ πλησίον διαφέρων. ἔνιοι δὲ ὑπ' ἀγνωμοσύνης, ἐπειδὴν ἀπαιτῇ τὸν κόσμον ἐπιστᾶσα ἢ Τύχῃ, ἄχθονται τε καὶ ἀγανακτοῦσιν ὥσπερ οἰκείων τινῶν στερισκόμενοι καὶ οὐχ ἄπρὸς ὀλίγον ἐχρήσαντο ἀποδιδόντες. Οἶμαι δὲ σε καὶ τῶν ἐπὶ τῆς σκηνῆς πολλάκις ἑωρακέναι τοὺς τραγικοὺς ὑποκριτὰς τούτους πρὸς τὰς χρεῖας τῶν δραμάτων ἄρτι μὲν Κρέοντας, ἐνίστε δὲ*

Πριάμους γιγνομένους ἢ Ἀγαμέμνονας, καὶ ὁ αὐτός, εἰ τύχοι, μικρὸν ἔμπροσθεν μάλα σεμνῶς τὸ τοῦ Κέκροπος ἢ Ἐρεχθέως σχῆμα μιμησάμενος μετ' ὀλίγον οἰκέτης προῆλθεν ὑπὸ τοῦ ποιητοῦ κεκελευσμένος. ἤδη δὲ πέρας ἔχοντος τοῦ δράματος ἀποδυσάμενος ἕκαστος αὐτῶν τὴν χρυσόπαστον ἐκείνην ἐσθῆτα καὶ τὸ προσωπεῖον ἀποθέμενος καὶ καταβάς ἀπὸ τῶν ἐμβατῶν πένης καὶ ταπεινὸς περίεισιν, οὐκέτ' Ἀγαμέμνων ὁ Ἀτρέως οὐδὲ Κρέων ὁ Μενοικέως, ἀλλὰ Πῶλος Χαρικλέους Σουνιεύς ὀνομαζόμενος ἢ Σάτυρος Θεογεΐτονος Μαραθώνιος. τοιαῦτα καὶ τὰ τῶν ἀνθρώπων πράγματά ἐστιν, ὥς τότε μοι ὁρῶντι ἔδοξεν (“Então, ao ver tudo aquilo, ocorreu-me comparar a vida dos humanos a uma longa procissão, em que a Sorte atribuía e ordenava cada papel, dando diferentes e variadas vestes aos participantes. De facto, tomando um à sorte, veste-o de rei, põe-lhe uma tiara, dá-lhe uma guarda pessoal e coloca-lhe uma coroa na cabeça, ao passo que a outro dá uma veste de escravo; faz deste uma pessoa bela, e de outro um tipo feio e ridículo. Na verdade, convém que o espectáculo seja variado. Muitas vezes, porém, em plena procissão, muda as vestes de alguns, não permitindo que eles marchem até ao fim como lhes tinha sido fixado, mas, pelo contrário, faz Crespo mudar de vestimenta, obrigando-o a envergar as vestes de um escravo ou de um prisioneiro; e a Meândrio, que até então caminhava entre os criados, veste-o com as vestes do tirano Polícrates. Todavia, passado o período da procissão, nesse mesmo instante, cada um devolve os adereços e despe a veste, ficando com o corpo que antes tinha, de modo que não se distingue do vizinho. Alguns, por ignorância, quando a Sorte se apresenta a reclamar-lhes os ornamentos, ficam desolados e irritados, como se tivessem sido despojados de bens próprios e não como se tivessem de restituir o que lhes tinha sido emprestado a título provisório. Julgo que já tens observado muitas vezes o facto de alguns actores trágicos, por necessidade das peças, fazerem ora de Creonte, ora de Príamo, ora de Agamémnon; e o mesmo homem, a quem calhou, um pouco antes, desempenhar, aliás muito honrosamente, o papel de Cécrope ou de Erecteu, um pouco depois, por ordem do poeta, entra em cena como criado. Depois, terminada a peça, cada um dos actores despe a vestimenta bordada a ouro, tira a máscara, desce dos coturnos e volta a ser pobre e humilde, e já não Agamémnon filho de Atreu, ou Creonte filho de Meneceu, mas sim Polo filho de Cáricles, [natural] de Súnio, ou Sátiro filho de Tegítion, de Maratona. Assim é a vida humana, tal como então se me afigurou, ao observar [aquele espectáculo]” – trad. de Custódio Magueijo).

180-3. DESDE QUANDO O ESTRANHO ... MEDONHOS / AOS COLONOS: refere-se a Cadmo (**o estranho / Sidônio**) e à sementeira dos dentes do monstro Mavórcio (**férreos germens**), da qual surgiram os Espartos (**os novos**) no solo (**Aônio** – cf. 1.33n) onde ele, Cadmo, ergueria, na sequên-

cia, Cadmeia – a cidadela de Tebas (**os agros medonhos / aos colonos**). Sobre isso, cf. 1.5n; 1.7-8n.

183-8. NEM QUANDO DO PAI ... NEM QUANDO, POSSUINDO ... EM TEBAS UM CHORO ASSIM: a fala de Aletes, que passa em revista infandos episódios ocorridos em Tebas, dentre os quais alguns já foram citados no início do poema (cf. 1.4-14), é feita com a intenção de dimensionar o quão nefasto foi o plano de Etéocles para emboscar Tideu, que acabou resultando principalmente na morte dos cinquenta escolhidos tebanos. Para isso, ele evoca a vingança de Juno contra Sêmele (cf. 3.183-5n), a possessão de Átamas (cf. 3.185-7n), o filhicídio de Agave (cf. 3.188-90n) e as exéquias dos filhos de Níobe (cf. 3.191-8n), alegando que nem mesmo nesses momentos o sofrimento repercutiu sobre o tebanos como ocorre agora, quando são postos nas piras os corpos dos guerreiros falecidos.

183-5. NEM QUANDO DO PAI ... O ANÚNCIO, / DESABOU: refere-se ao estratagema (o **anúncio**) de Juno, pelo qual a deusa se vingou da traição de Jove com Sêmele, filha de Cadmo – donde, então, **pai**. Fala em **cinzas mortais** porque, por intermédio de Juno, Sêmele foi fulminada por Jove. Sobre isso, cf. 1.11n.

185-7. NEM QUANDO, POSSUINDO... TRAZENDO LEARCO EXÂNIME: refere-se ao episódio em que Átamas, esposo de Ino e, portanto, genro de Cadmo, correu atrás de seus filhos e de sua mulher, tomado pelas Fúrias, acreditando tratar-se de uma leoa e seus filhotes – sobre isso, cf. 1.13n. Learco é, pois, o filho que Átamas logrou matar durante a possessão. Com **irrequieto monte**, o poeta refere-se ao local de onde Ino lançou-se ao Jônio com Melicertes (cf. 1.13-4n), atribuindo ao monte o comportamento de Átamas – irrequieto, agitado pelas Fúrias. Esse mesmo expediente foi utilizado em 1.20 (**os Dácios do monte conjurado expulsos**), onde atribui aos Cárpatos o comportamento rebelde dos Dácios (cf. 1.20n) – é, então, uma hipálage. Seu **ledo clamor** é causado por sua alucinação: comemorava por crer ter matado um dos filhotes da leoa, que se lançara com o outro do penhasco em direção ao mar.

188-90. E NEM MAIS ALTO ... PRANTOS ESPANTOU-SE AGAVE: refere-se ao assassinato de Penteu, cometido por sua própria mãe, Agave, e por suas tias durante um ritual em honra a Baco. Sobre o episódio, cf. 1.11n. **FENÍCIAS:** região de Tiro, terra natal de Cadmo. É dizer “tebanas”. **AOS SÓCIOS PRANTOS ESPANTOU-SE:** Agave tomou consciência de seu crime – o assassinato do próprio filho (*supra*) – ao ouvir o pranto de suas companheiras.

191-8. NO FADO UM DIA AFIM ... A DOIS CORPOS SEGUIAM-SE: para Aletes, o único dia da história tebana em que o fado atingiu a cidade de maneira semelhante, sendo igual, porém, a **expres-**

são da angústia, foi aquele em que Níobe sepultou seus filhos, mortos em uma vingança orquestrada por Latona por meio de Ártemis e Apolo. Sobre o episódio, cf. 1.711n.

191. NO FADO UM DIA AFIM: refere-se à morte prematura dos filhos, os quais são velados, por isso, por seus pais. O destaque dado por Estácio à busca e ao sofrimento de Ide (cf. 3.133-68 e comentários *ad loc.*), assim como a escolha do funeral dos nióbidas para dar a medida do sofrimento pelo qual passam os tebanos, ressaltam a relevância do tema familiar no poema. É interessante perceber, ainda, que, dos nomes escolhidos por Estácio para referir-se às vítimas de Tideu, e dentre os nomes de seus parentes, dois deles coincidem com nomes dos rebentos de Níobe: Astíoque (cf. 3.170-1n) e Fédimo (cf. 3.171n).

192. EXPIOU O GRANDÍLOQUO ORGULHO: pagou por seu discurso soberbo, com o qual afirmava ser maior que Latona por ter mais filhos que a deusa (cf. 1.711n). Em suas *Metamorfoses*, Ovídio recria as palavras de Níobe contra a deusa (*Met.* 6.170-202; 6.280-5): *quis furor auditos' inquit 'praeponere uisis / caelestes? aut cur colitur Latona per aras, / numen adhuc sine ture meum est? mihi Tantalus auctor, / cui licuit soli superiorum tangere mensas; / Pleiadum soror est genetrix mea; maximus Atlas / est auus, aetherium qui fert ceruicibus axem; / Iuppiter alter auus; socero quoque glorior illo. / me gentes metuunt Phrygiae, me regia Cadmi / sub domina est, fidibusque mei commissa mariti / moenia cum populis a meque uiroque reguntur. / in quamcumque domus aduerti lumina partem, / immensae spectantur opes; accedit eodem / digna dea facies; huc natus adice septem / et totidem iuuenes et mox generosque nurusque! / quaerite nunc, habeat quam nostra superbia causam, / nescio quoque audete satam Titanida Coeo / Latonam praeferre mihi, cui maxima quondam / exiguam sedem pariturae terra negauit! / nec caelo nec humo nec aquis dea uestra recepta est: / exsul erat mundi, donec miserata uagantem / "hospita tu terris erras, ego" dixit "in undis" / instabilemque locum Delos dedit. illa duorum / facta parens: uteri pars haec est septima nostri. / sum felix (quis enim neget hoc?) felixque manebo / (hoc quoque quis dubitet?): tutam me copia fecit. / maior sum quam cui possit Fortuna nocere, / multaue ut eripiat, multo mihi plura relinquet. / excessere metum mea iam bona. fingite demi / huic aliquid populo natorum posse meorum: / non tamen ad numerum redigar spoliata duorum, / Latonae turbam, qua quantum distat ab orba? / ite – satis pro re sacri – laurumque capillis / ponite! [...] pascere, crudelis, nostro, Latona, dolore, / pascere' ait 'satiave meo tua pectora luctu! [corque ferum satia!]' dixit. 'per funera septem' / efferor: exsulta uictrixque inimica triumphat! / cur autem uictrix? miserae mihi plura supersunt, / quam tibi felici; post tot quoque funera uinco! ("Que loucura é essa de antepor os deuses dos quais ouvistes falar àqueles que vedes? Por que Latona é cultuada nos altares, e a minha divindade não recebe incenso? Meu*

pai é Tântalo, único a quem foi dado assentar-se à mesa dos deuses celestiais. Minha mãe é irmã das Plêiades. Meu avô é o grande Atlas, que sustenta o firmamento nos ombros. Meu outro avô é Júpiter. É também meu sogro e orgulho-me disso. Os habitantes da Frígia me temem, sou senhora no palácio real de Cadmo, e os muros construídos ao som da lira de meu marido, assim como o seu povo, têm, a mim e a ele, como soberanos. Em qualquer parte do meu palácio para onde volto os olhos, avisto imensas riquezas. Acrescente-se a isso a beleza digna de uma deusa. E acrescentem-se ainda sete filhas, outros tantos filhos e, dentro de pouco tempo, genros e noras. Procurai, agora, a causa do meu orgulho; ousai preferir a mim, Latona, filha de um Titã, o desconhecido Céu, à qual a grande Terra negou, outrora, um lugar onde desse à luz seus filhos. Andava desterrada no mundo, quando Delos lhe disse: ‘erras, forasteira, na terra e eu no mar’, e ofereceu-lhe um instável abrigo. Tornou-se mãe de dois filhos: a sétima parte do que meu ventre gerou. Sou feliz; quem, na verdade, negará tal coisa? Continuarei feliz, também; quem duvidará, também, disso? A riqueza me protege. Sou grande demais para que a Fortuna possa me causar dano, e se me privasse de muita coisa, ainda assim muita coisa restaria. Meus bens colocam-me acima de qualquer temor. Supondo que me possam ser tirados alguns dos meus muitos filhos; eu não ficaria, contudo, reduzida, depois de espoliada, aos dois filhos de Latona; há muita diferença entre ela e uma mulher sem filhos? Ide, afastai-vos do sacrifício, e tirai esses louros dos cabelos [...] Apascenta-te na minha dor, cruel Latona! Sacia teu coração com a minha dor! Serei levada à sepultura em cada um dos sete cortejos fúnebres. Exulta, triunfa, inimiga vitoriosa! Mas vitoriosa por quê? Na minha desgraça, tenho mais do que tu em tua ventura. Após tanto luto, sou eu ainda que estou vencendo.” – trad. de David Jardim Júnior).

193. A FILHA ... DE TÂNTALO: Níobe. **MÁGOAS SEM CONTA:** embora sejam contáveis os mortos que sepultava (cf. 3.194n), sua mágoa não pode ser mesurada.

194. CORPOS TOMANDO À TERRA: os corpos de seus filhos, os quais, caídos sobre a terra, foram arrebatados por Níobe. **CHAMAS VÁRIAS:** as piras onde deverão ser queimados os corpos.

198. EM CADA IMENSA PORTA, A DOIS CORPOS SEGUIAM-SE: as imensas portas são as portas de Tebas (cf. 3.39): uma vez que os muros da cidade abriam-se em sete portas, eram então quatorze cadáveres – já que os tebanos acompanhavam dois corpos por cada uma das portas.

201. COISAS DOS CÉUS: as mortes dos nióbidas, tratadas como assunto dos deuses (cf. 1.711n; 3.191n), mas também todos os outros eventos evocados por Aletes (cf. 3.180-3n; 3.183-5n; 3.185-7n; 3.188-90n; 3.191-8n) e os que ainda serão listados (3.201-4n; 3.204-6n).

201-4. MAIS, DÉLIA, APÓS AS CASTAS ... MOLOSSOS, / NÃO CHORARIA: trecho de difícil leitura em latim. Sentido: “mais do que lamento agora, eu não teria lamentado quando os cães Molossos não reconheceram seu dono depois que ele manchou tuas castas águas, Délia, dependurado em um ímpio observatório”. Refere-se à história de Actéon, filho de Aristeu e Autônoe – neto de Cadmo, portanto. Criado por Quíron, o Centauro, foi educado na arte da caça. Certa feita, conta Ovídio (*Met.* 6.131-252), ao errar por um bosque desconhecido enquanto descansava de uma caçada, Actéon acabou entrando em uma caverna onde Diana banhava-se nua junto com as ninfas suas companheiras. Atormentada por ter sido vista nua por um mortal, Diana transformou Actéon em um veado e ordenou-lhe que corresse a contar a seus companheiros o que havia visto. Sem dar-se conta de sua metamorfose, Actéon acabou sendo atacado e dilacerado por seus próprios cães de caça.

201. DÉLIA: Diana, nascida em Delos – sobre isso, cf. cf. 1.573n.

201-2. AS CASTAS ÁGUAS / MANCHAR AO SE ESTIRAR DE ÍMPIO MIRANTE: o poeta posiciona Actéon (cf. 3.201-4n) estendido por sobre um **ímpio** (*profana*, em latim) **mirante** a observar Diana se banhando – donde diz ter ele violado (**manchar**) as **castas águas** da deusa.

203. MOLOSSOS: os cães vindos da Molóssia, região de Epiro, nos Bálcãs, habilmente adestrados para a caça.

204-6. OU QUANDO A RAINHA ... OS FIOS, COM JOVE ACORDE: outro motivo pelo qual Aletes não choraria mais do que chora pelos emboscados assassinados. Refere-se ao mito de Dirce, que envolve Anfíon, marido de Níobe, e Zeto – ambos filhos de Antíope. Sobre o episódio, cf. 1.152n. Conta a lenda que Dirce foi morta pelos irmãos Anfíon e Zeto como uma vingança pelos maus tratos que sua mãe recebera de Dirce. Após ter sido amarrada a um touro e arrastada até a morte, Dirce, por intervenção de Dionísio, foi transformada em uma fonte – donde diz que, por seu **outro** o seu **sangue** (3.204), fluiu a rainha para uma **brusca fonte**. Escolhe **brusca** porque a fonte surgiu a partir do sangue de Dirce.

205. DAS IRMÃS: das Parcas, ou Moiras (cf. 1.111n; 1.633n). **DUROS:** árdios, cruéis.

206. OS FIOS: da vida – cf. 1.111n; 1.633n. **COM JOVE ACORDE:** com a concordância de Jove. **ORA:** o advérbio é importante porque marca a diferença entre a motivação dos crimes até aqui citados (**Célio assunto** – 3.201) em relação àquela que levou à morte dos guerreiros tebanos. **POR MAL:** pela maldade, pelo crime.

206-7. INJUSTO / REI: Etéocles – mais um indício de sua baixa popularidade entre os súditos (cf.

2.481n). A acusação de injustiça está vinculada ao contexto em que se deu a emboscada e, conseqüentemente, a morte dos tebanos (cf. 3.1n).

207. SEM DIGNOS SERMOS: sem termos merecido essa perda.

208. DO ACORDO DEPRECIADO: refere-se ao pacto latente que rege a preservação da integridade dos mensageiros (cf. 2.373-4n).

209. O EXTREMO DAS GUERRAS: as mortes.

210-1: DE CORCÉIS QUANTO ... VERMELHADOS DE SANGUE!: (AMAR-LEMAIRE) “Imitação de Horácio (*Carm.* 1.15.9-11): *heu, heu, quantus equis, quantus adest uiris / sudor! Quanta moues funera Dardanae / genti!* [“Ai, ai, quanto dos corcéis, quanto dos homens surge / suor! Quantos funerais provocas à Dardânia / gente!”].” **NO PÓ GORDO:** na poeira tornada oleosa pelo suor e sangue derramados.

212. AS VERDES TROPAS: é dizer “as tropas inexperientes”. (BARTHIUS) “A juventude apta para os trabalhos de Marte.”

214-7. MUITO AO NEFAS DE ETÉOCLES ... TARDA MORTE UNIR GRANDEZAS: Lactâncio (*ad loc.*) destaca a idade de Aletes como o motivo de tamanha audácia. Para o autor, a cena ressoa a ousadia de Metelo diante de César e suas tropas na frente das portas do templo de Saturno em Roma (*Luc.* 3.123-33): *non nisi per nostrum uobis percussa patebunt / templa latus, nullasque feres nisi sanguine sacro / sparsas, raptor, opes. certe uiolata potestas / inuenit ista deos; Crassumque in bella secutae / saeua tribuniciae uouerunt proelia dirae. / detege iam ferrum; neque enim tibi turba uerenda est / spectatrix scelerum: deserta stamus in urbe. / non feret e nostro sceleratus praemia miles: / sunt quos prosternas populi, quae moenia dones. / pacis ad exutae spoliū non cogit egestas: / bellum, Caesar, habes* (“Ninguém entra aqui, / senão passando sobre mim: nenhum tesouro / isento do meu sacro sangue furtarás, / saqueador. Decerto, ofensa ao meu poder / aos céus irrita, vide o ocorrido com Crasso / que tribúncia maldição fez derrotado. / Revela o gládio! Não te inibas: nem há público / a teus crimes: deserta estamos na metrópole. / Teu infante nefário o que é nosso não furta: / há povos a domar, muros que lhe enriqueçam. / Penúria não te traz aos muros da paz caduca: / tens à frente uma guerra, ó César” – trad. Brunno Vieira). A busca por um último ato grandioso em vida, que César recusa a Metelo, também será recusada a Aletes, que não reaparece na narrativa.

218-52. TAIS COISAS, DO ALTO MUNDO ... AO TEMPLO ABRAÇADA SUCUMBA: segundo consílio entre os deuses – sobre o primeiro, cf. 1.197-302 e comentários *ad loc.* Ora, Júpiter ordena a Marte que

intervenha junto aos argivos para que se aprestem para a guerra, dando, assim, curso à sua vingança (cf. 1.197-302n). Ordena também, aos outros deuses, que não o busquem para que tome partido por uma ou outra cidade. Antes de sua fala propriamente dita – sobre isso, cf. 3.239-52n –, o narrador descreve (3.218-29) Marte ocupado com assuntos bélicos, destacando que seu ânimo, então, já estava inflamado pela guerra (**todo o peito em tormentos de guerra imergido** – 3.228). Para maiores detalhes, cf. os comentários *ad loc.*

218. O GENITOR DOS ASTROS: Zeus. Como em Virgílio (A. 1.254): *hominum sator atque deorum* (“dos homens o genitor, e dos deuses”); Valério Flaco (1.505): *summe sator* (“ó sumo genitor”); e Propércio (4.2.55): *diuum sator* (“genitor dos deuses”).

219. NO SANGUE PRIMEIRO: no sangue que foi derramado por primeiro. Refere-se ao sangue dos emboscados mortos por Tideu (cf. 2.496-743) e aos tebanos (o **povo ... embebido**).

220-6. TENDO OS FEROS / BÍSTONES ... O SOL, O ORBE ÊMULO: sobre a chegada de Marte ao Olimpo, cf. 3.420-31n.

221. BÍSTONES: sobre os bístones, cf. 2.82n. **DEVASTADO COM MORTE:** de acordo com Barthius (*ad loc.*), porque nunca viviam em paz, e sempre em guerra – donde se diz que Marte os devastara. **GÉTICAS:** dos getas – sobre esse povo, cf. 1.275-6n.

222. AOS CÉLIOS FORTES: ou seja, às fortificações celestes.

224. POR ATROS VULTOS DE MONSTROS QUAIS VIVAS: refere-se às armas (**as áureas armas / tristes** – 3.223-4), que aparentavam estar vivas por causa das imagens (os **vultos**) de monstros nelas gravadas.

226. O ORBE ÊMULO: tamanho era o brilho do clipeo de Marte que, mesmo à distância (**longe**), ele feria o Sol com a luz refletida – donde dizê-lo, então, o astro inimigo. (LACTÂNCIO) “Igualmente radiante por causa da magnitude da luz.”

227. LABOR SARMÁTICO: dos Sármatas – também Saurômatas. São os habitantes da Sarmácia, região localizada na divisa da Europa e da Ásia, ao norte da Grécia. Outro povo conhecido por sua ferocidade e belicosidade. Como em Lucano (*Luc.* 3.93-5): *di melius, quod non Latias Eous in oras / nunc furor incubuit nec iuncto Sarmata uelox / Pannonio Dacisque Getes admixtus* (“graças aos deuses, não entrou no Lácio agora / a fúria oriental, nem os Sármatas ligeiros / com Panônios, nem Dácios e Getas aliados” – trad. Brunno Vieira); e Ovídio (*Ib.* 637-8): *denique Sarmaticas inter Geticasque sagittas / his precor ut uiuas et moriari locis* (“e, por fim, entre as Sármatas flechas e as Géticas, / peço que aí tu vivas e pereças”) – dentre outras. Diz de Mar-

te, destacando seu estado ao chegar ao encontro de Jove.

229-39. IGUAL, POR MIM, FILHO ... SUAS ARMAS. / TU SOMA A FÉ: primeira parte da fala de Jove durante o consílio – sobre a segunda, cf. 3.239-52n. Aqui, falando diretamente a Marte, o deus enumera suas vontades para que seu filho cumpra: que vá em direção a Argos (3.229-30); que os faça descumprir os acordos que os mantêm afastados da guerra (cf. 3.231n); que passem a desejar a guerra; e que ofertem a própria vida ao deus guerreiro (2.231-2). Na sequência, ainda relembra os movimentos que ele próprio orquestrou para que os argivos se inflammassem: o retorno de Tideu, soberbo por ter enfrentado sozinho e derrotado cinquenta soldados inimigos (3.235-7); e o crime cometido por Etéocles (3.237-8). Para maiores detalhes, cf. os comentários *ad loc.*

229-30. IGUAL, POR MIM, FILHO, A ARGOS VAI, / COM FERRO ASSIM UMENTE, IGUAL, SOMBRIO POR IRAS: Jove aproveita as condições em que Marte retornou para o Olimpo (com **o peito em tormentos de guerra imergido** – 3.228) e pede que siga exatamente **igual** para Argos, onde cumprirá suas ordens. A anáfora de **igual** (3.229-30 – em latim, *talis*), assim como nas outras vezes em que o procedimento foi empregado (cf. 2.452-3n; 3.348-64n; 3.643-4n), deixa transparecer a emoção do deus ao ver que Marte chegava tal como ele o esperava, tendo-se em vista os objetivos de suas ordens.

231. INQUIETEM OS SUPRESSOS FREIOS: (LACTÂNCIO) “Isto é, as correntes da lei e os pactos, pelos quais são mantidos em paz. Como em Virgílio (A. 12.568): *ni frenum accipere* [“se não aceitar o freio”].”

232-3. AS MÃOS A TI E ALMAS PRECÍPITES / VOTEM: como dissesse “as mãos e almas propensas devotem à guerra”.

233. OS ACORDOS TURBES: como sugere Lactâncio (*ad loc.*), porque, antes da guerra contra os tebanos, não houve entre Argos e Tebas um ódio profundo, diz ao deus que conturbe os acordos entre as duas cidades, ainda que fossem tácitos, para que o embate ocorra.

235. DO COMBATE OS GÉRMENS: retoma as causas da guerra que ele próprio lançou (cf. 1.242-6 e comentários *ad loc.*) e acrescenta as que se seguem (cf. 3.236-8 e comentários *ad loc.*).

236-7. A IMENSA AUDÁCIA / TRAZENDO: ao final de sua monomaquia, Tideu planeja retornar a Tebas logo após a emboscada e apresentar seus espólios, triunfante, a Etéocles e aos tebanos. Antes disso, porém, é dissuadido por Atena – sobre os episódios, cf. 2.682-90 e comentários *ad loc.* Sua volta confiante para Argos será um dos novos estopins para a guerra.

237. ORTO VIL P'RA GUERRA: a emboscada planejada por Etéocles. É dizer “um início desonroso para a guerra” – embora assim o caracterize, foi o próprio deus, pelo que diz agora, que o tramou.

239. TU SOMA A FÉ: como sugere Lactâncio (*ad loc.*), para que creiam nas notícias de Tideu. Caso sejam recordadas as palavras de Crômis aos tebanos, quando o guerreiro ainda tentava exortá-los à luta, de que dificilmente se poderia crer que o herói derrotara cinquenta emboscados lutando sozinho (**A Fama mal vai crer!** – 2.621), é possível entender a última das ordens de Júpiter a Marte como a ratificação das novas que Tideu levará. Some-se à quantia de heróis derrotados, ainda, o fato de ter sido emboscado mesmo sendo um mensageiro.

239-52. VÓS, DEUSES, ORDEM DO ... TEMPLO ABRAÇADA SUCUMBA: a segunda parte da fala do deus supremo é composta por um aviso aos outros deuses para que não interfiram em seus planos. As ameaças de Júpiter aos deuses seus subordinados são comuns durante os consílios na poesia épica, como em Homero (*Il.* 8.1-27): Ἡὼς μὲν κροκόπεπλος ἐκίδνατο πᾶσαν ἐπ' αἶαν, / Ζεὺς δὲ θεῶν ἀγορὴν ποιήσατο τερπικέραυνος / ἀκροτάτῃ κορυφῇ πολυδαιράδος Οὐλύμποιο· / αὐτὸς δὲ σφ' ἀγόρευε, θεοὶ δ' ὑπὸ πάντες ἄκουον· / κέκλυτέ μευ πάντες τε θεοὶ πᾶσαι τε θέαιναι, / ὄφρ' εἴπω τά με θυμὸς ἐνὶ στήθεσσι κελεύει. / μήτε τις οὖν θήλεια θεὸς τό γε μήτε τις ἄρσιν / πειράτω διακέρσαι ἐμὸν ἔπος, ἀλλ' ἅμα πάντες / αἰνεῖτ', ὄφρα τάχιστα τελευτήσω τάδε ἔργα. / ὃν δ' ἂν ἐγὼν ἀπάνευθε θεῶν ἐθέλοντα νοήσω / ἐλθόντ' ἢ Τρώεσσιν ἀρηγέμεν ἢ Δαναοῖσι / πληγείς οὐ κατὰ κόσμον ἐλεύσεται Οὐλύμπων δέ· / ἢ μιν ἐλὼν ῥίψω ἐς Τάρταρον ἡρόεντα / τῆλε μάλ', ἧχι βάθιστον ὑπὸ χθονός ἐστι βέρεθρον, / ἔνθα σιδήρειαί τε πύλαι καὶ χάλκεος οὐδός, / τόσσον ἔνερθ' Αἴδew ὅσον οὐρανός ἐστ' ἀπὸ γαίης· / γνῶσέτ' ἔπειθ' ὅσον εἰμὶ θεῶν κάρτιστος ἀπάντων. / εἰ δ' ἄγε πειρήσασθε θεοὶ ἵνα εἴδετε πάντες· / σειρὴν χρυσεῖην ἐξ οὐρανόθεν κρεμάσαντες / πάντες τ' ἐξάπτεσθε θεοὶ πᾶσαι τε θέαιναι· / ἀλλ' οὐκ ἂν ἐρύσαιτ' ἐξ οὐρανόθεν πεδίον δὲ / Ζῆν' ὕπατον μῆστωρ', οὐδ' εἰ μάλα πολλὰ κάμοιτε. / ἀλλ' ὅτε δὴ καὶ ἐγὼ πρόφρων ἐθέλωμι ἐρύσσαι, / αὐτῇ κεν γαίῃ ἐρύσαιμ' αὐτῇ τε θαλάσσῃ· / σειρὴν μὲν κεν ἔπειτα περὶ ῥίον Οὐλύμποιο / δησαίμην, τὰ δέ κ' αὐτε μετήορα πάντα γένοιτο. / τόσσον ἐγὼ περὶ τ' εἰμὶ θεῶν περὶ τ' εἵμ' ἀνθρώπων (“Ao desdobrar seu manto a crócea Aurora, / no vértice do Olimpo cumioso / junta o Fulminador a etérea corte; / acena, e escutam-no: “O que em mim resolvo, / celícolas, sabe; nem deus, nem deusa / renua, mas unânimes concorram / para os projetos meus cumpridos serem. / Se algum for socorrer Aqueus ou Frígios, / cá voltará golpeado e vergonhoso; / ou no Tártaro eu próprio hei-de afundi-lo, / gólfão de érea soleira e férreas portas, / do Orco distante como o céu da terra: / quem sou conheça. Duvidais? Suspensa / da abóboda estrelada áurea cadeia, /

deuses e deusas, pendurai-vos dela / e juntos forcejai, que a Jove sumo / nem mesmo abala-reis; mas, se aprouver-me, / puxar-vos-ei de cima e a terra e os mares, / e enrolada a cadeia ao tope Olímpio, / penderá das alturas o orbe inteiro: / tanto os numes supero e tanto os ho-mens.” – trad. Odorico Mendes).

E também em Virgílio, onde há dois momentos em que Júpiter alerta os outros deuses sobre suas interferências nas disputas entre troianos e latinos (A. 10.6-15; 104-13): *caelicolae magni, quianam sententia uobis / uersa retro tantumque animis certatis iniquis? / abnueram bello Italiam concurrere Teucris. / quae contra uetitum discordia? quis metus aut hos / aut hos arma sequi fer-rumque lacessere suasit? / adueniet iustum pugnae (ne arcessite) tempus, / cum fera Karthago Ro-manis arcibus olim / exitium magnum atque Alpīs immittet apertas: / tum certare odiis, tum res ra-puisse licebit / nunc sinite et placitum laeti componite foedus. [...] accipite ergo animis atque haec mea figite dicta. / quandoquidem Ausonios coniungi foedere Teucris / haud licitum, nec uestra capit discordia finem, / quae cuique est fortuna hodie, quam quisque secat spem, / Tros Rutulusne fuat, nullo discrimine habeo, / seu fatis Italum castra obsidione tenentur / siue errore malo Troiae moni-tisque sinistris. / nec Rutulos soluo. sua cuique exorsa laborem / fortunamque ferent. rex Iuppiter om-nibus idem. / fata uiam inuenient* (“Celícolas sublimes, / por que, mudados, contendeis iníquos? / Vedei guerra entre os Ítalos e os Frígios, / e revéis a soprais? Que medo uns e ou-tros / compele às armas e provoca o ferro? / Não vos antecipeis, que em Roma altiva / um dia soltará Cartago fera / exício grande e os devassados Alpes: / ódios então permito e o sa-que e os prélios; / quero hoje paz, condescendei comigo [...] Ouvi-me, e n’alma / a sentença imprimir. Já que é defeso / Teucros e Ausônios congraçar, nem finda / vossa discórdia, espe-rançoso corra / seus fados cada qual, desde hoje trato / sem diferença a Rútulo ou Dardânio; / quer à Hespéria nocivo ature o assédio, / quer por erro de agouro em mal de Troia / jogado o lanço foi: rei justo às partes, / Júpiter os destinos não desliga; / estes rumo acharão.” – trad. Odorico Mendes).

240. OU ME ASSALTAR COM PRECES: atacá-lo com pedidos que digam respeito à guerra, como já o fizera Juno – cf. 1.248-82.

241-2. DAS IRMÃS AS NEGRAS / ROCAS DERAM-ME: das Irmãs, ou seja, das Parcas (cf. 1.111n; 1.633n). No canto primeiro, antes das ordens de Jove durante o consílio dos deuses, diz o narrador (1.212-3): **do alto declara – um grave e inalterado peso / aos santos verbos vem, e a voz os Fados seguem** – (cf. 1.213n). Uma vez que os Fados e as Parcas estão intimamente liga-dos, dizer que elas lhe concederam é dizer que os Fados também o fizeram. **NEGRAS:** é dizer

“não favoráveis”, “sombrias”. (LACTÂNCIO) “Infernais, uma vez que bélicas.” **DERAM-ME:** concederam-me. É dizer que a vingança orquestrada por Jove contra argivos e tebanos (cf. 1.197-302 e comentários *ad loc.*) foi-lhe concedida pelos Fados – e, então, pelas Parcas (*supra*).

242. DESDE O ADVIR DO MUNDO: de acordo com Barthius (*ad loc.*), é uma noção estoica do Fado, pelo qual se crê que todas as coisas são conduzidas por uma ordem certa e definida desde o seu início – como em Lucano (Luc. 2.7-11): *siue parens rerum, cum primum informia regna / materiamque rudem flamma cedente recepit, / fixit in aeternum causas, qua cuncta coercet / se quoque lege tenens, et saecula iussa ferentem / fatorum inmoto diuisit limite mundum* (“se o criador – extinto o fogo original, / quando lhe coube um reino amorfo em bruto estado – / fixou p’ra todo o sempre o destino – lei que ele / a si e a tudo aplica –, e demarcou as eras / do mundo com a linha imutável dos Fados” – trad. Brunno Vieira).

243. A GENTE P’RA O PRÉLIO NASCIDA: (LACTÂNCIO) “Como se tivesse sido instituído pela lei do mundo que essas pessoas, na guerra, pereceriam.”

244-5. DAR AS PENAS DAS PRISCAS MALDADES / AOS POVOS NÃO DEIXAIS, NEM DIROS PUNIR PÓSTEROS: Júpiter refere-se às palavras de Juno no canto primeiro (1.266-70): **Pois que, se expiam crimes antigos os povos, / e essa tarda sentença acorre a teus cuidados, / de eras rever o antigo e desde esse momento / banir da terra as fúrias, e, às avessas, séculos / emendar basta?** – cf. os comentários *ad loc.* **PÓSTEROS:** herdeiros (*nepotes*, em latim). Barthius (*ad loc.*) aponta duas passagens de Horácio em que a hereditariedade da culpa é destacada. São elas (*Ep.* 7.17-20): *sic est: acerba fata Romanos agunt / scelusque fraternae necis, / ut inmerentis fluxit in terram Remi / sacer nepotibus cruor* (“Assim é: fado acerbo os romanos persegue, / e de fraterna morte o crime, / Desde que à terra o sangue do inocente Remo / correu, maldito é o sangue aos pósteros” – trad. Alexandre Hasegawa); e (*Carm.* 2.1.25-32): *Iuno et deorum quisquis amicior / Afris inulta cesserat impotens / tellure, uictorum nepotes / rettulit inferias Iugurthae. / Quis non Latino sanguine pinguior / campus sepulcris impia proelia / testatur auditumque Medis / Hesperiae sonitum ruinae?* (“Pois Juno e um deus amigo dos áfricos, / deixaram impotentes, sem punição, / a terra e aos Manes de Jugurta / sagram os netos dos vencedores. / Que campo não se engorda na itálica / carnificina e nega em seus túmulos / a vil batalha e o som que os medas / ouvem na queda da Hespéria inteira? – trad. Guilherme Flores).

246. COM OS ARCANOS DA NOSSA MENTE: (AMAR-LEMAIRE) “Entenda-se a sua cabeça, na qual a sua mente reside; pois, por sua cabeça ou a de outros, os antigos costumavam jurar. Como em Virgílio (A. 9.300): *per caput hoc iuro, per quod pater ante solebat* [“por essa cabeça eu juro, pela

qual, antes, o pai já fazia”].” **E ESTE AUGE ETERNO:** por **auge**, entenda-se a cidadela celeste.

247. A MIM TAMBÉM NUMES, COM AS FONTES ELÍSIAS: (AMAR-LEMAIRE) “Ordem: chama por testemunha as fontes Elísias, que também são, para ele, divinas. Onde Virgílio (A. 6.324): *di cuius iurare timent et fallere numen* [“por cujo nume os deuses temem jurar e faltar”].” O trecho de Virgílio escolhido por Amar-Lemaire refere-se, especificamente, ao Estige e ao Cocito (A. 6.323: *Cocyti stagna alta uides Stygiamque paludem* – “as profundas águas do Cocito vês, e o Estígio pântano”), pelos quais Jove já jurou (cf. 1.290-1; 1.290n). Ora, a comparação se dá pelo fato de essas águas, do Elísio, do Cocito e do Estige, serem divinas também para Jove, o senhor dos deuses. **FONTES ELÍSIAS:** cf. 3.108-9n.

249. ÍNACO: cf. 1.324n; 1.356n.

251-2. A PRÓPRIA / JUNO AOS MONTES E AO TEMPLO ABRAÇADA SUCUMBA: no canto primeiro, logo após a decisão de Jove, aquela de punir Argos e Tebas, Juno tenta intervir em favor dos argivos, donde, agora, o deus referir-se diretamente a ela (cf. 1.248-83 e comentários *ad loc.*).

253. DISSE, E ÀS ORDENS TREMERAM: todos os deuses, e não apenas Marte. **MORTAIS CRÊS OS PEITOS:** apontam os comentadores (Lactâncio, Barthius e Amar-Lemaire, *ad loc.*) que o temor e o respeito diante da autoridade de Júpiter por parte dos outros deuses são tamanhos que se poderia crer tratar-se de peitos mortais – de homens, portanto, e não de divindades. Para Dominik (1994b, p. 17-21), a comparação aqui feita pelo poeta – dos deuses como humanos – demonstra o poder e a onipotência de Júpiter, a quem todos aquiescem. Cria-se, portanto, ou apenas é reforçada, a imagem de um autocrata onipotente, cujas decisões não devem ser questionadas nem mesmo para que se alterem seus meios e seus termos. O símile natural introduzido a seguir (cf. 3.255-9n) reforça ainda mais sua dominância sobre os outros deuses – e, conseqüentemente, sobre os homens e a natureza.

255-9. NÃO DIVERGE, TRANQUILO COM AMPLA ... SOL QUEIMADOS OS RIOS CALAM: nesse símile, Estácio compara o comportamento dos deuses, ao final da fala de Júpiter, a forças da natureza se acalmando. A imagem é bastante significativa para a formação da imagem de Jove dentro do poema – que, ao lado de Tisífone, é o principal responsável pela destruição das duas cidades. Se, em alguns dos símiles já apresentados, o que está em jogo é a servilidade e a impotência dos homens diante das forças da natureza (cf. 2.105-108n; 2.193-5n; 2.323-32n; 3.22-32n), aqui o poeta expande a relação de subserviência ao plano divino, mostrando que, como os homens são impotentes diante das forças naturais, os deuses nada podem contra Jove: para isso, além de compará-los com humanos (cf. 3.253n), inverte a imagética da natureza furiosa

agindo contra os homens, retratando o comportamento dos deuses como o dos ventos (3.255), do mar e da costa (3.256), das folhagens e da brisa (3.257), dos brejos e águas (3.258) e, por fim, dos rios (3.259), que se abrandam, se aclamam e se calam diante de uma força maior do que eles. O símile, em resumo, não destaca apenas o exercício de um poder sobrenatural, mas também a servilidade dos outros deuses diante de Júpiter e a sua soberania exercida de acordo com modos tiranos – tudo isso, por sua vez, fortalecendo o desejo de destruir ambas as cidades e a inevitabilidade dessa destruição. Na *Eneida*, precedendo a fala de Júpiter aos deuses, na qual ele os alerta sobre as interferências que fazem na guerra entre os latinos e os troianos (A. 10.104-13 *apud* 3.239-52), Virgílio escreve (A. 10.100-3): *tum pater omnipotens, rerum cui prima potestas, / inquit – eo dicente deum domus alta silescit / et tremefacta solo tellus, silet arduus aether, / tum Zephyri posuere, premit placida aequora pontus* (“Do árbitro poderoso ao grave acento, / cala a diva morada, o ar sumo cala, / nos eixos treme a terra, amaina o pego, / Zéfiros sossegando” – trad. Odorico Mendes).

260-323. FOLGA OVANTE COM O MANDO ... ABISMO, ENVOLVE NAUTAS MÍSEROS: logo após ouvir as ordens de Jove, Marte parte para cumprir seu papel. Ao sair, porém, é interrompido por Vênus, que tenta dissuadi-lo em favor dos tebanos (3.260-94). Marte, então, interrompe a deusa dizendo ser impossível que alguém venha dissuadi-lo de sua missão (3.295-323). Após o primeiro concílio liderado por Júpiter, é Juno quem tenta fazer com que o deus máximo poupe os argivos, seus aliados (cf. 1.248-83 e comentários *ad loc.*). Aqui, após Júpiter ter desencorajado os deuses a buscar intervir diante da sua decisão (3.239-41) e de ameaçar arrasar as duas cidades com suas próprias mãos (3.247-52), Juno se cala, mas Vênus busca convencer Marte evocando a relação entre ambos – sobre sua relação, cf. 2.269-70n. Para os detalhes e semelhanças principalmente com Virgílio, cf. os comentários *ad loc.*

260-1. FOLGA OVANTE COM O MANDO E, ... / FERVENDO, ... TORCE: as ordens de Jove (seu **mando**) animaram Marte, o deus da guerra. Por isso, diz que estava **ovante** com o mando, o que o levou a comandar seu carro com fervor (**fervendo**).

262. A ESTRADA EXTREMA: (LACTÂNCIO) “Parte pela qual se deixa o céu. Como em Homero (*Il.* 1.591): *ῥῖψε ποδὸς τετάγων ἀπὸ βῆλοῦ θεσπεσίῳ* [“pegou-me por um pé, arrojou-me do umbral / celeste” – trad. Haroldo de Campos].” **OS ÍNGREMES DOS CÉUS:** (LACTÂNCIO) “Assim também dizemos ‘os íngremes dos montes’. Isto é, as escarpas do Olimpo. Dizem, então, os céus, porque o seu cume é invisível a todos. Como Lucano (2.271): *nubes excedit Olympus* [“o Olimpo excede as nuvens”].” **TOMAVA:** já os percorria com seus cavalos.

264-5. P'RA TRÁS SE VOLTAM E, ANTES HIRTAS, / SERVIS SUAS CRINAS POUSAM: a velocidade dos cavalos de Marte, assim como o seu abrupto parar (**p'ra trás se voltam**), são descritos pelo movimento de suas crinas: **antes hirtas** por causa da celeridade do seu cavalgar, agora pousam **servis** após terem-se empinado os animais.

265-6. PEITO AO SUMO / CARRO DOBRADO ... O SEU ROSTO ENCHARCADO: refere-se ao peito de Vênus, curvado em direção ao carro de Marte, e a seu rosto, tomado pelas lágrimas. (LACTÂNCIO) “Apoiando-se. Sobre o carro, Vênus tem a face inclinada, molhada de lágrimas, de modo que mais e mais acende em Marte o seu amor.”

267. JUNTO AOS RASTROS DA SENHORA: junto às pegadas que Vênus deixara no caminho.

269-91. A GUERRA, ENTÃO, Ó LINDO ... E INSONTE A GENTE ENTÃO: Vênus busca interceder a favor dos tebanos junto a Marte, uma vez que Júpiter proibira os deuses de buscar, junto a ele, interferir na batalha entre as cidades (cf. 3.239-52n). Tal como a ordem de Jove se assemelha à de Zeus na *Ilíada* (cf. 3.239-52n), a tentativa de Vênus de buscar auxílio junto aos outros deuses se assemelha àquela de Hera, que, em Homero, busca convencer Posídon em favor dos gregos (*Il.* 8.201-8): *καί ῥα Ποσειδάωννα μέγαν θεὸν ἀντίον ἡὔδα· / ὦ πόποι ἐννοσίγαι' εὐρυσθενές, οὐδέ νυ σοί περ / ὀλλυμένων Δαναῶν ὀλοφύρεται ἐν φρεσὶ θυμός. / οἱ δέ τοι εἰς Ἑλίην τε καὶ Αἰγᾶς δῶρ' ἀνάγουσι / πολλὰ τε καὶ χαρίεντα· σὺ δέ σφισι βούλεο νίκην. / εἴ περ γάρ κ' ἐθέλοιμεν, ὅσοι Δαναοῖσιν ἄρωγοί, / Τρῶας ἀπώσασθαι καὶ ἐρυκέμεν εὐρύοπα Ζῆν, / αὐτοῦ κ' ἔνθ' ἀκάχοιτο καθήμενος οἶος ἐν Ἴδῃ. / Τὴν δὲ μέγ' ὀχθήσας προσέφη κρείων ἐνοσίχθων* (“Ó-senhor-dos-terremotos, amplí- / -potente. Não deploras, no íntimo, a derrota / dos Aqueus? E no entanto eles, em Egas e Hélice, / a ti votaram tantas oblações preciosas. / Querias que triunfassem! Se nós todos juntos, / protetores dos Dânaos, os Troicos em fuga / puséssemos, contendo Zeus, amplívidente? / E ele a sós, com suas penas, sentado sobre o Ida...” – trad. Haroldo de Campos).

Em Virgílio, a própria Vênus procura a ajuda de Netuno, pedindo ao deus que auxilie Eneias (*A.* 5.779-98): *at Venus interea Neptunum exercita curis / adloquitur talisque effundit pectore questus: / 'Iunonis grauis ira neque exsaturabile pectus / cogunt me, Neptune, preces descendere in omnis; / quam nec longa dies pietas nec mitigat ulla, / nec Iouis imperio fatisque infracta quiescit. / non media de gente Phrygum exedissee nefandis / urbem odiis satis est nec poenam traxe per omnem / reliquias Troiae: cineres atque ossa peremptae / insequitur. causas tanti sciat illa furoris. / ipse mihi nuper Libycis tu testis in undis / quam molem subito excierit: maria omnia caelo / miscuit Aeoliis nequiquam freta procellis, / in regnis hoc ausa tuis. / per scelus ecce etiam Troianis matribus actis / exus-*

sit foede puppis et classe subegit / amissa socios ignotae linquere terrae. / quod superest, oro, liceat dare tuta per undas / uela tibi, liceat Laurentem attingere Thybrim, / si concessa peto, si dant ea moenia Parcae (“Vênus após Netuno, entanto, aflita / queixumes verte: “Ó rei, da insaciável / Juno o rancor a suplicar me abate. / Dó nem tempo lhe adoça infandos ódios, / Jove nem o destino. Haver não basta / consumido e apagado a grã cidade, / e as relíquias trazer de transe em transe; / de Troia inda persegue a cinza e os ossos:/ desta sanha o motivo, ela que o saiba. / Longo não há que em Líbia (és testemunha) / mal afouta em Éolo, o pego em bre-nhas, / misturou céus e mares; e em teus reinos / isto ousar! Ei-la, oh! crime, iliça as Teu-cras, / as popas incendeia, as naus estraga, / e os sócios a largar em terra estranha / meu fi-lho obriga. O resto em paz navegue, / rogo, senhor; se as Parcas lho concedem, / no Tibre Laurentino aborde e funde” – trad. Odorico Mendes).

269. SOGRO: Marte é sogro de Cadmo, uma vez que entregou a ele, em casamento, sua filha com Vênus, Harmonia (cf. 1.7-8n). A questão de Vênus, então, diz respeito ao fato de Marte, o **sogro**, gerir uma guerra contra Tebas, a cidade fundada por seu genro.

271. DE HARMONIA A PROLE: os filhos de Harmonia e Cadmo, que são, então, descendentes de Marte e da própria Vênus.

271-2. NO CÉU AS FESTAS / CONJUGAIS: (BARTHIUS) “Os deuses estiveram presentes no casamento de Harmonia. Pseudo-Apolodoro (*Apollod.* 3.25.2-5): Ζεὺς δὲ ἔδωκεν αὐτῷ γυναῖκα Ἀρμονίαν, Ἀφροδίτης καὶ Ἄρεος θυγατέρα. καὶ πάντες θεοὶ καταλιπόντες τὸν οὐρανόν, ἐν τῇ Καδμεΐᾳ τὸν γάμον εὐωχούμενοι καθύμνησαν [“Zeus deu a ele, como esposa, Harmonia, filha de Afrodite e Ares. Então, todos os deuses deixaram o céu em direção à Cadmeia e celebraram o casamento com hinos e um banquete”].”

273. É MERCÊ POR MEU CRIME?: refere-se ao adultério que cometera com Marte, uma vez que era casada com Vulcano (cf. 2.269-70n). **A FAMA E O PEJO EXPOSTO:** para vingar-se de ambos – Marte e Vênus –, Vulcano fabricou finas correntes com as quais prendeu, em leito amoroso, os deuses adúlteros, expondo-os aos outros deuses – donde Vênus evoca, em 3.274, os **gri-lhões Lêmnios**. Sobre a vingança de Vulcano, cf. 2.270-1n. (AMAR-LEMAIRE) “Como a Dido de Virgílio (A. 4.321-3): *te propter eundem / extinctus pudor et, qua sola sidera adibam, / fama prior* [“por ti mesmo extingui-se o pejo, e aquela / fama que dantes me elevava aos astros” – trad. Odorico Mendes].”

274. LÊMNIOS: ou seja, “de Lemno”. Aqui, denota Vulcano, criado na ilha de Lemno – sobre o uso do etnônimo, cf. 2.269n.

275-6. NEM POR NÓS TENS DE VULCANO O MESMO / OBSÉQUIO: com **por nós**, refere-se a si própria – plural majestático. Em sua súplica, Vênus apela para os sentimentos que Marte nutre por ela, alegando que o Gradivo não a estima do mesmo modo que Vulcano – uma vez que o deus da guerra segue **ledo** (3.275 – *libens*, em latim) as ordens de Jove, contrárias a Tebas e, portanto, à própria Vênus. Glosa: “tu não tens a mesma gentileza por mim que tem Vulcano”.

277. QUE ELE POR MIM TRABALHE EM FORNALHA PERPÉTUA: (BARTHIUS) “Se eu não quiser que ele faça outra coisa, que sempre devote toda a sua oficina somente para mim, ou que deixe de lado os raios de Jove e me sirva, e que guarneça todos os meus amantes com as obras de ferro necessárias para suas questões.”

279-80. E A TI MESMO / ARMAS!: (BARTHIUS) “Fina obediência ao Marão. Uma vez que ela [Vênus], depois deste episódio, induz Vulcano a fabricar armas para Marte, Estácio, como que profetizando, o antecipa e, assim, confirma a tradição de Virgílio. As palavras do Marão (A. 8.433-4 [em que o poeta se refere aos Ciclopes que, nas oficinas de Vulcano, dedicam-se às armas dos deuses]): *parte alia Marti currumque rotasque uolucris / instabant, quibus ille uiros, quibus excitat urbes* [“rodas leves e o carro outros consertam / com que homens e cidades Marte abala” – trad. Odorico Mendes].”

280. TU...: aposiopese – i.e., interrupção brusca de um enunciado. **BRÔNZEOS:** de bronze – isto é, “duros”.

281. ROGANDO, ARQUEAR EU FAÇO: Vênus demonstra, aqui, saber de seu poder de persuasão. Em Virgílio (A. 8.370-94), é justamente por meio do seu poder de sedução que a deusa convence Vulcano a forjar novas armas para Eneias (esp. A. 8.370-3; 387-94): *at Venus haud animo nequiquam exterrita mater / Laurentumque minis et duro mota tumultu / Volcanum adloquitur, thalamoque haec coniugis aureo / incipit et dictis diuinum aspirat amorem [...] dixerat et niueis hinc atque hinc diua lacertis / cunctantem amplexu molli fouet. ille repente / accepit solitam flammam, notusque medullas / intrauit calor et labefacta per ossa cucurrit, / non secus atque olim tonitru cum rupta corusco / ignea rima micans percurrit lumine nimbos; / sensit laeta dolis et formae conscia coniunx. / tum pater aeterno fatur deuinctus amore* (“Não sem causa, aterrada a madre Vênus / do cru tumulto e ameaços dos Laurentes, / carinhosa ao marido amor divino / no áureo tálamo excita, ameiga e fala [...] Aqui recurva a Cípria os níveos braços, / com mole amplexo afaga o deus remisso; / a nota chama aquece-lhe os tutanos, / penetra o ardor nos quebrantados ossos: / como quando estrondoso ignito sulco / percorre coruscante as rotas nuvens. / A bela o aventa e cônica o ardil aplaude. / De eterno amor cativo, então Vulcano” – trad. Odorico

Mendes).

282. TÍRIO ESPOSO: Cadmo. Sobre o uso do etnônimo, cf. 1.9-10n; 1.153n.

283. MINHA AMADA PROGÊNIE: Harmonia – cf. 1.7-8n. **EM TRISTES NÚPCIAS:** por causa de todos os acontecimentos aos quais deu andamento a união entre Cadmo e Harmonia – cf., por exemplo, 1.9-10n; 1.11n; 1.12n; 1.13n; 1.13-4n; 1.17n; 2.265-305 e comentários *ad loc*.

284-5. SABENDO EM ARMAS NOBRES ... SANGUE ORIUNDOS, TÍRIOS: sentido: “por que me destes casar minha filha com um esposo Tírio se você sabia que o peito desse povo, oriundo de um sangue vipéreo (cf. 3.285n), é nobre no manejo das armas e disposto a glórias?”

285. DE UM VIPÉREO SANGUE ORIUNDOS: tanto porque a origem dos tebanos remete à serpente de Marte que Cadmo matou, de cujos dentes nasceram os Espartos (cf. 1.7-8n), como porque Cadmo e Harmonia, ao final de sua vida, transformaram-se em serpentes (cf. 1.227-8n; 2.289-91n).

286. GENTE DE JÔVEA CASTA: a origem de Cadmo descende de Jove de acordo com a seguinte genealogia: Zeus e Io geraram Épafo; Épafo é pai de Líbia, mãe de Agenor, que é pai de Cadmo.

287. ESSA VIRGEM: Harmonia. **ANTE A URSA DOS SÍTONES:** (AMAR-LEMAIRE) “A Sitônia é uma região da Trácia, a qual, oposta ao monte Hemo, está voltada para o ponto Euxino. Heródoto, por sua vez, coloca a região da Sitônia na costa marítima da Macedônia. Já dissemos que Arcturo [a Ursa], por outro lado, refere-se ao extremo setentrional.”

288. P’RA ALÉM DOS TRÁCIOS TEUS: isto é, para além da Trácia. (AMAR-LEMAIRE) “Porque Marte elegeu sua morada junto aos Trácios.” **BÓREAS:** vento norte – cf. 1.160n.

288-90. POUCO, POIS, / NÓS SOFREMOS ... LANÇA A ERVAS ILÍRICAS?: indaga Vênus se é pouco o seu sofrimento por ter uma filha que se transformou em serpente. Há, na fala, um apelo para a sua dignidade: “é pouco, por acaso, o quanto eu sofro com uma filha – a filha de uma deusa! – que se transformou em cobra?” – sobre o episódio, cf. 2.289-91 e comentários *ad loc*.

289. DE VÊNUS, A DEUSA! Vênus dimensiona seu sofrimento, ou sua humilhação, tendo como parâmetro a sua condição divina.

290. ILÍRICAS: da Ilíria, a noroeste dos Bálcãs – cf. 2.291n.

291. INSONTE A GENTE: os tebanos. **O BELIPOTENTE:** Marte.

294. COM O ABRAÇO FERE: Amar-Lemaire e Barthius (*ad loc*.) destacam, ambos, a escolha inco- mum que Estácio fez optando pelo verbo *laedo* (“ferir”) – Barthius, inclusive, a classifica

como uma *stultissima lectio* (“lição estultíssima”): “quão gracioso é o esforço de um amante pelo qual se causa uma lesão qualquer no corpo da amada?”. Amar-Lemaire, porém, atribui a escolha do verbo ao contexto da cena, uma vez que Marte não só estava pronto para a guerra, mas também se deslocava, já armado (cf. 3.239-52n), para dar início àquela entre tebanos e argivos. **AFAGA:** se, por um lado, Vênus se dizia perita em **arquear** as **rochas** e os **corações brônzeos** (3.280-1), Marte a encanta com as suas palavras (*mulcet*, em latim – “acariciar, afaçar, suavizar, encantar”). **E ASSIM COM FALA AMIGA AFAGA:** em latim, *dictisque ita mulcet amicis*; (MUELLER) “Virgílio (A. 2.147): *dictisque ita fatur amicis* [“e assim com fala amiga, diz”].”

295-316. Ó DAS GUERRAS MEU NINHO ... NÃO O VETAM OS FADOS: resposta de Marte a Vênus. Para acalmar a deusa, que interrompera seu percurso com o rosto banhado em lágrimas (3.266), diz o Gradivo que irá tomar o partido dos tebanos, além de arrefecer o ímpeto dos argivos diante das muralhas de Tebas (3.312-5). (AMAR-LEMAIRE) “Em um abraço, então, Marte conta a Vênus a respeito dos labores bélicos para que se acalme. [Semelhante a] Lucrécio (1.31-40): *nam tu sola potes tranquilla pace iuuare / mortalis, quoniam belli fera moenera Mauors / armipotens regit, in gremium qui saepe tuum se / reiicit aeterno deuictus uulnere amoris, / atque ita suspiciens tereti ceruice reposta / pascit amore auidos inhians in te, dea, uisus / eque tuo pendet resupini spiritus ore. / hunc tu, diua, tuo recubantem corpore sancto / circum fusa super, suavis ex ore loquellas / funde petens placidam Romanis, incluta, pacem* [“pois tu, somente, podes com a tranquila paz ajudar / aos mortais, pois que, da guerra, os feros serviços Mavorte / armipotente rege, o qual, às vezes, contra o peito teu se / reclina, por eterna chaga de amor vencido, / e, assim, observando em resposta sua nuca macia, / apascenta com o amor, ansioso por ti, os seus ávidos olhos, deusa, / de tua boca pendendo o alento no ressupino. / E então, deusa, recostado em teu corpo santo, / à volta dele envolvida, sobre ele, dos lábios suaves palavras / derramas pedindo ao Romanos, tu gloriosa, a plácida paz”].”

300. DO SIDÔNIO CADMO OS PACTOS FESTOS: o casamento de Cadmo e Harmonia – cf. 3.271-2n.

302. ANTES: antes isto do que ser convencido por tua **fé certa** (3.301) ou pelos **pactos festos** de Cadmo (3.300).

302-3. ANTES BAIXAR – UM DEUS! – AO LAGO ÍNFERO / DO TIO PATERNO E INERME ANDAR ÀS SOMBRAS PÁLIDAS: o **lago infero** / **do tio paterno** são os rios e lagos de Plutão, rei dos Infernos e irmão de Júpiter. Descer até eles e andar, desarmado, em direção às sombras pálidas, de acordo com Lactâncio (*ad loc.*), implica a perda do poder divino e da imortalidade.

304-5. A MENTE EU DEVO / DO PAI SUPREMO OUVIR: a decisão, o juízo, de Júpiter. Marte tem cons-

ciência da sua subordinação a seu pai, e por isso cumprirá suas ordens.

305. NEM, POIS, A MÃO VULCÂNEA: “as habilidades de Vulcano”. (LACTÂNCIO) “Vulcano nunca poderia ser enviado para essa missão. Oportunamente, se opõe à debilidade do marido para que seja transferido, a si próprio, o amor de Vênus.”

306-10. COM QUE AUDÁCIA... TANTOS / SE ESCONDEREM?: sentido: “com que audácia eu posso ir contra Jove, de quem somente um grito, tamanha a sua força, eu vi fazer tremerem a terra, o céu e o mar e vários deuses se esconderem?”. Como ir contra tamanho poder (cf. 3.253n; 3.255-9n)?

310-1. EXTREMOS / MEDOS: (LACTÂNCIO) “Isto é, não temas o extermínio dos tebanos, os quais não serão assim vencidos, de modo a serem completamente destruídos.”

312. ÀS MURALHAS TÍRIAS: “às muralhas de Tebas” – sobre o uso do adjetivo, cf. 1.9-10n. **OS DOIS POVOS:** os argivos e os tebanos.

313. ÀS ARMAS SÓCIAS SIRVO: o exército tebano – sobre a relação entre Marte e Tebas, cf. 1.7-8n; 3.269n.

314-5. GELANDO / VERÁS A CAUSA ARGIVA: arrefecendo o ímpeto e enfraquecendo os motivos dos argivos.

316. AO PÉRVIO: (AMAR-LEMAIRE) “Ao céu. Virgílio (A. 1.155-6): *caeloque inuectus aperto / flectit equos, curruque uolans dat lora secundo* [“a céu aberto levado, / curva os cavalos e, voando, ao carro propício dá rédeas”].”

317-23. NEM, DO ALTO, MAIS VELOZ ... ENVOLVE NAUTAS MÍSEROS: no símile, o poeta compara a descida de Marte à queda de um raio de Jove, que **aos ricos agros / traz sinais** ou que **no abismo, envolve nautas míseros** (3.322-3). Tal como o raio, então, mensageiro da **ira** (3.318) de Jove, Marte desce dos céus para a terra. Importante perceber, aqui, a menção aos **nautas míseros**, aos quais o raio Jôveo também leva seus sinais, uma vez que os símiles náuticos têm presença marcante dentro da obra e, via de regra, envolvem tanto Etéocles como Polinices, ou ao menos suas cidades (cf. 2.105-8n; 2.193-5n; 3.22-32n). De acordo com Dominik (2015, p. 275), tanto esse símile como aquele que compara a velocidade de resposta de Tisífone ao pedido de Édipo (cf. 1.92-3) ressaltam, sobretudo, a raiva de Júpiter, sua crueldade e seu aspecto assustador, bem como a sua natureza destrutiva.

318-9. AO NÍVEO / ÓTRIS DETÉM-SE E AO PICO ARGENTE DO OSSA ARCTURO: ambos são montes locali-

zados na Tessália – cf. 2.82n. Tanto o adjetivo **níveo** como **algente** referem-se aos picos nevosos dos montes, de onde, por serem altos, de acordo com Amar-Lemaire (*ad loc.*), percutem os raios de Jove. **ARCTURO**: cf. 1.18n. É dizer “setentrional, ao norte”.

320. E ARMA A SUA MÃO NA NUVEM: (AMAR-LEMAIRE) “Porque o raio é trazido à existência nas nuvens. Lactâncio interpreta **nuvem** como ‘raio’ e traz, então, um verso de Virgílio (A. 7.143): *ipse manu quatiens ostendit ab aethere nubem* [“com a mão tremendo, ostenta, do éter, uma nuvem”].” **ÍGNEA MASSA**: o raio.

321-2. COM A COMA / TRISSULCA: (LACTÂNCIO) “Ao invés de ‘quadrissulca’, pois que o raio constitui-se de quatro elementos: água, fogo, nuvem e vento.” (BARTHIUS) “Qual é pintado o raio, ferindo com três flechas.” (AMAR-LEMAIRE) “O raio é dito trissulco por causa das três claridades com que desce à terra, das quais, como diz Farnabius sobre o *Hércules no Eta* (Sen., *Her. O.* 1994), a suma, consequência do nímio humor de Saturno, ofusca, ἀργής [“brilhante”]; a última, consequência do ardor de Marte, queima e destrói, ψολόεις [“fumarento”]; a do meio, consequência da clara agudeza de Jove, penetra, então, nas vestimentas ilesas, καταβάτης [“descendente”]; por Jove, por outro lado, são dados três despojos: os menores, que avisam; os maiores, que, enviados do concílio dos doze deuses, abalam; e os máximos, os quais Júpiter, lançado com um comando deles, acende, destrói e transforma, em inferos, os sumos.” **COMA**: porque o formato do raio, nos céus, lembra o de fios de cabelo espalhados.

323. NO ABISMO: em alto mar, onde as águas são profundas.

324-44. ORA, TIDEU REPASSA A TRILHA ... EXPANDE OUVIDOS MEDOS: a narrativa retorna para o plano mundano, levando-nos a acompanhar Tideu em seu percurso de retorno para Argos. Nele, o Enida faz questão de alardear, a todos que encontra, os feitos de Etéocles (3.336-42), ao que, com a ajuda de Marte, o povo aquiesce e dá fé (3.343-44).

324. TIDEU REPASSA A TRILHA: retorna pelo mesmo caminho que trilhara em sua vinda para Tebas – cf. 1.324-35n, sobre a ida de Polinices para Argos; 2.375-88n, sobre a ida de Tideu para Tebas. **OS CAMPOS DÂNAOS**: cf. 1.324n.

325. DE PROSIMNE AS VERDES RAMPAS: cidade situada em uma encosta – donde as **rampas** –, ao nordeste de Argos (cf. 1.383n). Diz **verdes**, como sugere Amar-Lemaire (*ad loc.*), ou porque são cobertas por selvas, ou por prados.

327. NA AMPLA CHAGA: há menções a ferimentos causados em Tideu durante a emboscada em outros momentos: um leve arranhão causado pela lança atirada por Ctônio (2.538-43), e o re-

gistro de outras lesões as quais, ainda que **duras** (2.605), não o atingiram **nos vitais mistérios** (2.606n), nem ajudariam a matá-lo (2.607).

330-6. ASSIM, EM NOTO PASTO ... ASSIM, TIDEU NÃO DEIXA: novo símile envolvendo touros (cf. 1.131-9; 2.323-32). No último símile de touro visto, Polinices foi comparado a um touro exilado que, após o exílio, retorna mais forte para o seu pasto e investe contra aquele que o expulsara, no intuito de recuperar seu poder (cf. 2.323-32n). Ora, é a atitude de Tideu que se compara a um touro guerreiro retornando para seu pasto, com sua papada encharcada em sangue próprio e alheio (3.331-2) e os membros nele infusos (3.332): nessa situação, diz o poeta, **aumenta então a lassa força e muito orgulha-se** (3.333), tal como Tideu, que caminha em direção a Argos com a mente consciente de seus feitos (3.330) e aspirando a **altas honras** (3.329). O destaque vai para a descrição do touro seu rival (o **hostil**, 3.334), que jaz sobre a arena vazia gemendo torpemente (3.334-5) e, por se encontrar nessa situação, impedindo que o vitorioso sinta as suas dores (3.335): tal como Tideu, que, orgulhoso de seus feitos, segue firme o seu curso a despeito de sua condição (3.326-9). Com esse símile, destaca-se principalmente a brutalidade das ações de Tideu, assim como sua força e resistência.

331-2. O COLO EM SEU PRÓPRIO E NO ALHEIO / SANGUE DOS PAPOS LANHOS, OS MEMBROS MOLHADOS: sentido: “o colo e os membros molhados de seu próprio sangue e do sangue alheio, vindo de suas papadas cortadas”. **DOS PAPOS LANHOS:** das papadas machucadas durante o embate.

334. DESDENHANDO SEU PEITO: desdenhado as chagas que marcam seu peito. Há diferenças no texto latino entre as edições. Hall imprime *uulnere despecto* (“desdenhada a chaga”); Bailey, *aequore despecto* (“desdenhado o chão”); Lesueur, Amar-Lemaire, Barthius, Mueller e Klotz, *pectore despecto* (“desdenhado o peito”). Seguiu-se, aqui, as lições de Lesueur, Amar-Lemaire, Barthius, Mueller e Klotz por conta da menção ao colo encharcado pelo sangue que escorre dos ferimentos em suas papadas (cf. 3.331-2), uma vez que o colo, como as papadas, encontram-se na região do peito dos touros. A solução de Hall, *uulnere despecto*, apesar de interessante, limita o desdém apenas aos ferimentos, excluindo da imagem o sangue que encharca o peito táureo. A solução de Bailey parece a menos provável de todas, pois que a imagem do adversário caído na arena (3.334-5), que seria a provável referência em “desprezando o chão”, é importante demais para a figuração do touro triunfante para que seja desprezada – importante, inclusive, a ponto de anular as dores que sente o vencedor (cf. 3.335n). **NA ARENA VÁCUA:** (BARTHIUS) “Sem a presença de nenhum adversário.”

335. IMPEDE QUE ÁRDUAS SINTA AS DORES: o touro vencido, dada a sua situação, impede que o

vencedor sinta as suas dores, tão grande é o orgulho que sente por tê-lo deixado assim.

337. ENTRE ASOPO E ARGOS: o Asopo é um rio da Beócia, em Plateias, cidade entre Tebas e Corinto. Diz-se que marca a divisa entre Tebas e Plateia. É dizer, então, desde lá até Argos.

339. DOS GRAIOS: “dos Gregos”. A origem do etnônimo é obscura. Valpy (EDL) aponta como origens prováveis para o latino *graius* as formas gregas *γραικός* (substantivo, “grego”) e *γραιός*. Bailly (DGF) remete o adjetivo *γραιός* a outro, *γραιᾶ* (“idosa, velha”), em cuja origem aponta *γραιός* como item provável, mas não verificado: “*γραιᾶ, ας, vieux, vieille [...]* subst. η γρ. *vieille femme [...]* (fém., de **γραιός*, c. *γεραιός*; cf. *γραιῦς*)”. O adjetivo *γεραιός* (“velho, idoso, senhor”), que é utilizado, por exemplo, em Homero e nas tragédias com tom de respeito e evocando dignidade, tem relação com o substantivo *γέρων* (“velho”), que também é utilizado para referir-se, especialmente em Esparta (LS; DELG), aos senadores. De acordo com Chantraine (DELG), embora o adjetivo *γεραιός* corresponda ao substantivo *γέρων*, sua origem é outro substantivo, *γέρας* (“recompensa, honra, privilégio”), com o qual partilha uma ideia de venerabilidade: “[*γέρας*], ao contrário, é especializado no sentido social ou político de ‘porção de honra, privilégio’ [...] Mas o adjetivo de *γέρας, γεραιός*, funciona como um adjetivo correspondente a *γέρων*. Ele significa ‘velho’ com uma nuance, em geral, acessória de ‘venerável’”. Ora, em Estácio, o uso de “graios” para se referir aos argivos tem, no mínimo, duas possíveis explicações, não necessariamente excludentes: no trecho imediatamente anterior da epopeia, tanto na fala de Vênus (3.269-91) como na de Marte (3.295-316), a origem Tíria de Cadmo e, por consequência, de Tebas foi ressaltada: 3.282: **Tírio esposo**; 3.285: **os peitos ... Tírios**; 3.300: **Sidônio Cadmo**; 3.312: **às muralhas Tírias**. Sendo assim, portanto, o uso de **graios** para “gregos” pode ser uma forma de diferenciar os argivos – a origem de Argos remonta ao início da colonização do Peloponeso, sendo o seu fundador tido como o neto do primeiro mortal sobre a terra (cf. 1.225n; 1.252n; 2.156n; Quadro 3, p. 442) – dos bárbaros da Fenícia, de onde veio Cadmo (cf. 1.5n). Nesse mesmo sentido, o termo pode trazer a nuance de dignidade e venerabilidade com que o grego *γεραιός* era empregado (*supra*), acentuando-se, assim, ainda mais a diferença entre os argivos, os velhos e honrados habitantes da terra, e os tebanos, filhos de um ascendente bárbaro – aumentando-se, então, o aspecto nefasto da emboscada tramada por Etéocles.

343-4. A CRER PERSUADE O DEUS / ARMIPOTENTE: Marte, conforme as ordens de Jove (cf. 3.239).

345-65. ÀS PORTAS ADENTRANDO ... QUERO EU MESMO ATACAR!: Tideu chega a Argos e encontra Adrasto reunido com os **verendos / chefes** (3.345-6). Ao consílio, então, o herói conta sobre o

embuste tramado por Etéocles e sobre o seu desfecho, convocando às armas todos os que ali estão.

345. ÀS PORTAS ADENTRANDO: às portas do palácio de Adrasto – já em Argos, portanto. **VERENDOS:** dignos de veneração; veneráveis.

348-64. ARMAS, ARMAS, VARÕES! ... QUERO EU MESMO ATACAR!: a repetição denota certa ansiedade no discurso de Tideu, o seu nervosismo. Para Vessey (1973, p. 149), sua fala é histérica, e as anáforas – *i.e.*, as repetições de palavras – que marcam o trecho caracterizam um homem fora de si por causa de suas emoções: **armas, armas ... armas** (3.348-9); **apraz ... apraz** (3.354); **com guerra ... com guerra** (3.355); **agora ... agora** (3.360); **enquanto ... enquanto** (3.361-2). O expediente é utilizado por outros poetas, sempre com esse intuito, como os exemplos a seguir: Virgílio (A. 2.668): *arma, uiri, ferte arma* (“armas, homens, trazei as armas”); (A. 4.628-9): *litora litoribus contraria, fluctibus undas / imprecor, arma armis* (“praias às praias opondo-se, às vagas as ondas / eu imploro, e armas às armas”); (A. 7.460): *arma amens fremit, arma toro tectisque requirit* (“armas, insano, clama; armas no leito e no teto procura”); (A. 11.292-3): *coeant in foedera dextrae, / qua datur; ast armis concurrant arma cauete* (“se unam em pacto as destros, / co' o que foi dado; que armas com armas concorram, porém, evitai”); Horácio (Carm. 1.35.14-6): *neu populus frequens / ad arma cessantis, ad arma / concitet imperiumque frangat* (“bem como a multidão / “Às armas!” incitar, “Às armas!”, / e aniquilar nosso império inteiro” – trad. Guilherme Flores); Ovídio (Met. 12.240-1): *ardescunt germani caede bimembres / certatimque omnes uno ore “arma, arma” loquuntur* (“queimavam, com a morte, os irmãos bimembres / e, em luta, todos co' uma só voz ‘armas, armas!’ gritavam”); e o próprio Estácio (Theb. 6.618): *Arcades arma fremunt, armis defendere regem* (“Fremem armas, e o rei co' armas salvam os Árcades”); (Theb. 7.135-6): *arma, arma insani sua ... ignotaque / more rapit* (“armas, armas, insanos, suas e alheias”); (Theb. 11.305-6): *nec mihi difficilis praesens uindicta sed arma, / arma prius, famuli!* (“nem, pra mim, a vingança será difícil; mas armas, / primeiro as armas, fâmulos!”).

348. DE LERNA O MELHOR LÍDER: um vocativo dirigido a Adrasto. No canto primeiro, após escutarem a proposta de casamento feita por Adrasto, Polinices e Tideu ressaltam o valor do soberano. O elogio feito por Tideu (1.176-88), o primeiro deles a falar, resalta principalmente o poder do rei sobre os povos e a sua sabedoria como líder. A referência a **Lerna** (cf. 1.359n) é, pois, uma referência a própria Argos.

349. SE DE AVÓS GRANDES VEM TEU SANGUE: sobre a genealogia, cf. 1.392n e o Quadro 3, p. 442.

350-1. A PIEDADE É NENHUMA ... NENHUM / FÁS JUSTO OU ZELO À JOVE: em latim, *pietas* (“piedade”) e *fas* (“fás”). O conceito de *pietas* é importantíssimo entre os romanos, figurando como a virtude máxima de um homem: traduz o sentimento de dever para com os deuses, os antepassados e a pátria. De acordo com Randall Ganiban (2007), é o principal valor subvertido por Estácio na *Tebaida*, o que opõe sua epopeia à *Eneida* virgiliana, cujo herói é qualificado como “pio” em diferentes momentos (o *pius Aeneas* em, por exemplo, A. 1.305; 1.378; 4.393; 5.26; etc.). Aqui, de acordo com Ganiban (2007, p. 51), Tideu defende que a guerra deve ser declarada para que se proteja a *pietas* e também o fás, mas a piedade evocada pelo herói parece não ser a mesma que figura a virtude romana. Como aponta Amar-Lemaire (*infra*), a noção aqui se vincula mais à negativa do direito de Polinices do que ao desrespeito de uma das entidades evocadas pela virtude romana – em um sentido de justiça, então, ou de certa indulgência, de suspensão do castigo (o exílio) imposto ao irmão pelo pacto travado. (AMAR-LEMAIRE) “Pois todos os juramentos foram, no ato, violados por Etéocles: a **piedade**, quando Etéocles nega ao irmão o seu direito; o **jus** entre os povos, quando o mensageiro foi quase morto em uma insídia; por fim, foi violada a hospitalidade, à qual Júpiter preside. Virgílio (A. 1.731): *Juppiter, hospitibus nam te dare iura loquuntur* [“Júpiter, que tu dê juras aos hóspedes diz-se”].”

351-2. RÁBIDOS / SAURÔMATAS: sobre os Saurômatas, cf. 3.227n.

352-3. AO GUARDA DOS BOSQUES, / CRUENTO, BÉBRICES: “ao guarda cruento dos bosques Bébrices”. Refere-se a Âmico, um gigante filho de Posídon e rei dos Bébrices, na Bitínia – na região noroeste da Ásia Menor, na costa do Mar Negro. Faz parte da lenda de Cástor e Pólux. Assim que os argonautas chegaram em suas praias, Âmico, que inventara a arte do pugilato, agiu como era o seu costume quando por lá aportavam estrangeiros: desafiou-os a uma luta até a morte. Pólux, lutador exímio, aceitou o desafio e venceu o gigante, mas, ao invés de tirar-lhe a vida, exigiu que, a partir daquele dia, tratasse os estrangeiros com respeito.

353. ORDENS NÃO CULPO: pelo mal que sofreu, então, não culpa as ordens que o fizeram rumar à Tebas como o mensageiro de Polinices.

355-9. COM GUERRA, ACREDITAI ... A MIM CERCARAM: o adiamento do verbo (**cercaram**) no período aumenta mais o suspense em torno daquilo que Tideu vai contar, tornando mais expressiva a sua fala. Até que revele o que lhe aconteceu, outras informações são intercaladas no período, uma enumeração que aumenta a força de seu relato por reforçar, a cada novo dado, a gravidade da situação: **qual firme torre...** (3.356); **a embuste eleitos e equipados com armas**

várias (3.357); **à noite em dolo** e **em campo obscuro e nu** (3.358).

354-5. A INFESTA TEBAS / NA MÃO PROVAR: como dissesse “provar na pele a infesta Tebas”. Diz **mão** por causa da batalha com os emboscados; e Tebas é **infesta** por conta de seus crimes (cf. e.g. 1.4-14 e comentários *ad loc.*), aos quais se soma, agora, a emboscada a Tideu.

356. QUAL FIRME TORRE OU URBE EM JUNÇÕES ENCERRADA: símile bélico, comparando a recepção que tivera em Tebas à recepção que teria em uma cidade fechada e preparada para a guerra. **URBE EM JUNÇÕES ENCERRADA:** (LACTÂNCIO) “Munida de muros e fossas. Porque seria pouco dizer *urbe*, adicionou então *encerrada*.”

357-9. A EMBUSTE ELEITOS E EQUIPADOS ... EM VÃO, A MIM CERCARAM: refere-se aos cinquenta emboscados tebanos escolhidos por Etéocles, e às condições em que foi por eles abordado: **à noite em dolo ... em campo obscuro e nu** – sobre a escolha e a preparação dos emboscados, cf. 2.482-95 e comentários *ad loc.*

359. EM VÃO: o porquê, o próprio Tideu revela: **junto ao sangue jazem** (3.359) – estão mortos.

360. INANE: (LACTÂNCIO) “Esvaziada de seus homens mais fortes.” (AMAR-LEMAIRE) “De defensores: pois que os mais fortes foram mortos.” Compare-se com a afirmação de Atena a Tideu (2.686-90, esp. 2.687: **ausente Tebas** – cf. 2.687-8n). **RIVAIS:** aos tebanos, especificamente.

362. SOGRO: Adrasto. Há discordância na crítica quando ao início do verso. Mueller, Klotz, Lesueur e Bailey imprimem *nunc, socer, haec dum non manus excidit...*; Barthius, Amar-Lemaire e Hall, *dum capulo haec nondum manus excidit...* A diferença é significativa. A primeira lição (“agora, sogro, enquanto esta mão não esquece”) é interessante, pois que se refere aos feitos bélicos de Tideu – sua **imensa audácia** (3.236), como a caracterizou o próprio Júpiter. A segunda (“enquanto, do cabo/esquife, essa mão inda não se esquece”) tem, como aponta Amar-Lemaire (*ad loc.*), uma possibilidade de leitura interessante: o termo latino *capulum* pode significar tanto “cabo, punho da espada”, como também “caixão, esquife”. Assim, então, Tideu referir-se-ia tanto à sua espada como aos emboscados mortos. Para os editores, esta leitura é mais condizente com o contexto, uma vez que Tideu acabara de mencionar os funerais tebanos (3.361). Contudo, a leitura e a interpretação de Amar-Lemaire soa estranha por causa do demonstrativo *haec* (**essa**), o qual designa a mão de Tideu: com ele, para que a frase faça um tal sentido, o termo *capulum* deve ser considerado metonimicamente, uma vez que o herói nem viu, nem ajudou a carregar os esquifes do tebanos. Contra isso, porém, depõe o fato de que, em nenhuma das vezes nas quais aparece na *Tebaida* (2.8; 2.426; 2.534;

3.88; 3.446; 4.558; 5.253; 8.387; 9.540; 10.436; 10.661; 11.343; 12.30), *capulum* refira-se a qualquer coisa que não seja o cabo de uma espada: e em nenhuma delas é usado como metonímia, nem com o sentido de “esquife, caixão”. Embora isso não seja argumento definitivo para dizer que a lição impressa por Barthius, Amar-Lemaire e Hall não deva ser adotada, acreditou-se que a proposta aqui seguida, para além de estar de acordo com o assunto do qual fala Tideu, também apresenta elementos que a vinculam ao contexto, como a anáfora de *nunc* (“agora”), que se repete duas vezes em 3.360, e a de *dum*, que se repete outras duas vezes em 3.361, assim como o emprego do vocativo **sogro** (*socer*, em latim), uma vez que toda a fala de Tideu é feita a partir de outro vocativo que se refere ao soberano (cf. 3.348n). Por isso, então, seguiu-se, aqui, o texto conforme estabelecido por Mueller, Klotz, Lesueur e Bailey.

363. DAS VASTAS SOMBRAS DE SEUS HOMENS: hipálage: as **sombras** – *i.e.*, os manes – são **vastas** porque são vastos os **homens** – isto é, grandiosos, valorosos. Refere-se aos emboscados que matou (cf. 2.483-4).

365-81. INQUIETOS, SE LEVANTAM ... MAGNÂNIMO, / EU DEVO: a resposta de Polinices (o **herói Cadmeu** – 3.366) é imediata: logo após o pronunciamento de Tideu, ele se levanta e, antes de seus companheiros, lamenta que seu amigo tenha sofrido a vingança da qual ele deveria ter sido o alvo. Para que nenhuma outra pessoa sofra, então, com a ânsia mortal de seu irmão, Polinices deseja partir, sozinho, **à morte certa** (3.378), o que assume como uma dívida para com seu irmão, sua cidade e, agora, seu companheiro Tideu (3.379-81).

369. ESSA VOLTA, IRMÃO, TRAMAVAS, POIS, P’RA MIM?: refere-se à volta de Argos para Tebas: “a emboscada que preparaste para Tideu em seu retorno a Argos é, acaso, a que tramavas para o meu retorno a Tebas?”.

370. QUE ATRO ANSEIO MEU DE VIDA!: crê Polinices que o seu desejo por viver é, para seu irmão, tão infausto que Etéocles pretende, por isso, matá-lo.

371. INFAUSTO, AO MANO UM CRIME TÃO GRANDE EU NEGUEI: sentido: “eu, infausto, neguei um crime tão grande ao meu irmão!”. A afirmação é bastante irônica, soando como um pedido de desculpas ao irmão por ter-lhe tirado a chance de cometer um crime dessa magnitude.

372. AGORA AO MENOS: depois de eu ter-te impedido de cometer tão grande crime contra mim – cf. 3.371n.

374. A SORTE DESTRA NÃO ME TROUXE: porque não foi a **sorte destra** (cf. 3.157) que o levou para

Argos, mas a infelicidade de ter sido preterido na escolha de quem primeiro reinaria em Tebas – sobre isso, cf. 1.164-5 e comentário *ad loc.*

375. QUÃO DURO À PROLE: não há notícias de que Polinices tenha deixado filhos em Tebas, ou mesmo noiva (cf. 2.351-2n). A afirmação, então, é puramente retórica, feita porque têm filhos aqueles que o ouvem.

376. CASA ALGUMA CULPE, ANSIOSA: diz **casa**, como é praxe, por “família”; **ansiosa**, porque aguardando o retorno de seus parentes que marchariam junto de Polinices em direção a Tebas.

377. DA ENTRADA ME SIGAM COM O OLHAR SEVAS MÃES: a passagem evoca duas cenas anteriores, nas quais as mães tebanas, aflitas, viram seus filhos partir rumo à emboscada (cf. 2.479n) e, na sequência, apenas Méon retornando sozinho (cf. 3.53n).

378. EU VOU CONTENTE À MORTE CERTA: a afirmação é bastante forte, uma vez que a **morte certa** se trata do retorno à casa paterna para um encontro com seu irmão. A volta fatal à casa paterna é, pois, consequência do retorno ímpio ao ventre materno perpetrado por Édipo, ao qual se refere, em tom condenatório, Jove – cf. 1.233-5 e comentários *ad loc.*

378-9. EMBORA A ESPOSA / CHAME: como já fizera antes: cf. 2.334-52 e comentários *ad loc.* **E O SOGRO, DE NOVO OUVIDO:** embora não exista citação direta a proibições anteriores de Adrasto, pode-se supor que a opção de enviar a Tebas um mensageiro foi dada pelo rei, buscando assim evitar o confronto direto entre os irmãos (cf. 2.367-70 e comentários *ad loc.*).

381-93. ASSIM, OS PEITOS PROVA COM ... EM NÓS, DE DOR NÃO FALTA”: após a reação de Polinices (3.365-81), o passo apresenta a reação dos outros chefes que em conselho estavam com Adrasto (3.345-6), os quais inflaram-se à guerra (3.381-6). O soberano argivo, porém, com tranquilidade acalma os peitos dos homens e pede que a ele deixem as decisões sobre o futuro da questão (3.386-91). O trecho ecoa a sabedoria de Adrasto em governar, já louvada pelo próprio Tideu em sua fala (cf. 2.176-88 e comentários *ad loc.*).

381. OS PEITOS PROVA COM AS PALAVRAS: no sentido de despertar vontades, instigar – porque suas palavras (3.365-81) visavam justamente a convencer os presentes de que ele deveria partir sozinho em direção a Tebas, e impedir que tentassem dissuadi-lo de sua decisão (**e obsta rogos** – 3.382).

383. MISTA AO PRANTO SE AQUECE A DOR: (AMAR-LEMAIRE) “A dor da injúria feita a Polinices leva todos às lágrimas, ao mesmo tempo em que todos são acesos pelo ardor da vingança.”

384. AOS FRIOS E EMÉRITOS: em oposição aos **peitos** (3.383) dos jovens, referem-se aos dos velhos e aos dos que já cumpriram seu papel – os **eméritos**.

385. ENVIUVAR OS PENATES: sobre os penates, cf. 1.124n. É dizer “abandonar suas casas” para partirem em marcha rumo a Tebas.

386-8. MAS, PRÓDIGO, / O PAI ... DO PRIMADO / O PESO, DIZ: Adrasto faz sua última tentativa para tentar remover do peito dos homens a ânsia momentânea pela guerra, buscando acalmá-los. Sentido: “mas o pai pródigo, mestre em mudar o peso do poder supremo, diz aos homens”.

389. CONTIGO INULTO: dirige-se a Polinices. É dizer “sem que tu sejas vingado”.

390. NEM GUERRA INQUIETOS PROPOREMOS: percebe-se que Adrasto não busca provocar a desistência da guerra. Sua intenção primeira é acalmar os peitos dos homens para que não se lancem à guerra de modo impensado – o tempo de reação será novamente retomado por Adrasto em 3.711-21.

391. EM TANTO SANGUE OVANTE: “triunfante em tanto sangue”. É de se imaginar que Tideu ainda esteja ensanguentado, visto que acabara de chegar. É esse o espólio de guerra que ele trouxe para Argos, pois que ofertara a Palas o que conseguiu junto aos corpos dos emboscados (cf. 2.704-42).

392. O ENIDA: Tideu, o filho de Eneu – sobre o patronímico, cf. 2.480-1n.

394-406. LOGO, OS SÓCIOS INQUIETOS ... E QUEIMA O TÍRIO ÊXULE: acolhido entre os seus, Tideu narra a viagem e os acontecimentos enquanto suas chagas são lavadas e tratadas (3.397). Um momento de aparente tranquilidade, mas que acaba despertando o terror naqueles que o escutam e acendendo o peito de Polinices (cf. 3.405-6).

397. EM UM PILAR IMENSO AS COSTAS FIRMES: a imagem retoma a estratégia adotada por Tideu durante a batalha contra os emboscados, quando, encurralado pelos rivais, subiu à morada da Esfinge e se protegeu com as costas grudadas a uma penha (cf. 2.558n). Perseu também adotou a mesma estratégia durante a batalha contra os lápitas (Ovid. *Met.* 5.160-1): *adplicat hic umeros ad magnae saxa columnae / tutaque terga gerens* (“apoia os ombros numa das grandes colunas, / protege as costas” – trad. Raimundo Carvalho). Há, portanto, algo de bélico na postura adotada por Tideu, um aspecto que transcende seu discurso e interfere em seu comportamento (cf. 3.394-406n) – deve-se lembrar que, segundo o próprio personagem, sua mão ainda não se olvidou de seus feitos (cf. 3.362 e comentário *ad loc.*).

398. ÍDMON, O EPIDÁURIO: Ídmon é um dos argonautas – mais especificamente, é o responsável pela interpretação dos presságios durante a expedição. Filho de Abas – não confundir com o Abas filho de Hipermnestra (cf. 2.220n) –, é neto de Melampo. Assim, seria primo segundo de Anfiarau (cf. 1.399n). Não é este, porém, o Ídmon ao qual se refere Estácio: enquanto o argonauta é um argivo, este é de Epidauro, cidade situada às margens do Egeu, na Argólida. Epidauro é, pois, a cidade de Asclépio, o deus da medicina – donde, então, ser este Ídmon o responsável por cuidar dos ferimentos de Tideu (cf. 3.399-400).

401. OS PRINCÍPIOS DA IRA E O QUE EM ORDEM DISSERAM: ou seja, de onde surgiu o desentendimento entre ambos, e o que cada um disse e em que ordem – cf. 2.382-481 e comentários *ad loc.*

402. O TEMPO EM GUERRA TÁCITA: o tempo em que, mesmo sem se enfrentarem cara a cara, Tideu e os emboscados já estavam em confronto – cf. 2.527-57 e comentários *ad loc.*

403-4. QUANDO LHE FOI SUMO / O EMPENHO: quando seu esforço foi máximo – refere-se ao momento em que arranca, do penhasco, a imensa pedra que atira sobre os emboscados (cf. 2.558-76 e comentários *ad loc.*).

404. O ABSOLTO MÉON COM TRISTES NOTÍCIAS: para o episódio envolvendo Méon, cf. 2.690-703 e comentários *ad loc.*

405. AS TROPAS CERTAS: os homens que comporão as tropas argivas, já convencidos da causa de Polinices e, agora, de Tideu também. **OS GRANDES:** os outros chefes que estavam reunidos com Adrasto quando Tideu chegou ao palácio (cf. 3.345-6).

406. O TÍRIO ÊXULE: Polinices – sobre o uso do etnônimo, cf. 1.910n; 1.153n.

407-19. À OBLÍQUA MARGEM DO ... IMAGEM DE VIRTUDE O SONO: no passo, o poeta descreve o anoitecer (3.407-14) e a consequente chegada do sono, que acalma os todos homens, com exceção de Adrasto e de Polinices, que restam vigilantes preocupados com as questões de guerra (3.415-9).

407-14. À OBLÍQUA MARGEM ... O SEU TIMÃO, INCLINAM: belíssima descrição do pôr do Sol no oceano. Nela, Estácio descreve como o Sol é recebido pelas entidades marinhas ao aproximar-se com seus cavalos – *i.e.*, os que puxam sua quadriga (cf. 1.27n). A imagem do Sol se pondo no Oceano já está em Homero (*Il.* 8.485-6): *ἐν δ' ἔπεισ' Ὠκεανῷ λαμπρὸν φάος ἡέλιιο / ἔλκον νύκτα μέλαιναν ἐπὶ ζείδωρον ἄρουραν* (“O Sol / cai, rosto lampejante, no oceano; faz noite / escura sobre a terra fértil” – trad. Haroldo de Campos); a descrição de Estácio, porém, possui maiores semelhanças com esta, de Valério Flaco (4.90-7): *interea magni iamiam subeuntibus astris /*

Oceani genitale caput Titania frenis / antra sonant, Sol auricomis urgentibus horis / multifidum iubar et bisseño sidere textam / lorica induitur; ligat hanc qui nubila contra / balteus undantem uariat mortalibus arcum. / inde super terras et eoi cornua montis / emicuit traxitque diem candentibus undis (“Aquando os astros já poentes no limite / gerador do Oceano, a gruta do titã / co’ os freios soa. O Sol, trazido pelas louras / Horas, se cinge de fulgor e co’ a couraça / por doze astros ornada, a que o talim se prende / e, contra os nimbos, pinta o arco p’r’os mortais. / Sobre as terras, então, e nos picos do oriente / brilhou e o dia co’ alvas nuvens impeliu” – trad. Márcio Meirelles).

407. HÉSPERO MAR: é dizer “do ocidente”, “do poente”. (GRIMAL) “Héspero é o gênio da Estrela da Tarde. Consideram-no filho, ou ainda irmão, de Atlas. Foi ele quem primeiro subiu ao cimo do Atlas, para daí observar as estrelas. Aí, foi arrebatado por uma tempestade que o fez desaparecer sem deixar rastos. Os homens, que o amavam por sua bondade, imaginaram que ele se tinha transformado em estrela e chamaram Héspero ao astro benfazejo que, todas as tardes, traz o repouso da noite. Na interpretação evemerista das lendas de Atlas, é considerado o pai de Hespéride que, casada com Atlas, lhe deu como filhas as Hespérides [...] [cf. 2.280-1n]. Entre os autores helenísticos, Héspero é identificado com o astro Fósforo, que os Romanos designavam por Lúçifer.”

408. CORCÉIS ÍGNEOS: cf. 1.27n.

409-10. O BANDO DO PROFUNDO / NEREU: Nereu é o Velho Mar; seu **bando**, as Nereides, suas filhas com Dóris. A mais famosa das Nereides é, provavelmente, Tétis, a mãe do herói grego Aquiles – sobre Tétis, cf. 3.34n. Diz-se que residiam no fundo do mar na companhia de seu pai. **PROFUNDO:** adjetivo comum para referir-se a mares ou rios.

410. AS HORAS DE ÁGEIS PASSOS: de acordo com Grimal (*ad loc.*), as **Horas** são as divindades que presidem as estações. São irmãs das Moiras (cf. 1.111n) e, entre os romanos, receberam os nomes de Eunômia, Dice e Irene; para os gregos, chamavam-se Talo, Auxo e Carpo. Diz-se terem criado Juno, bem como serem as responsáveis por desatrelar, de seu carro, os cavalos – um serviço que também prestavam ao Sol.

412-3. OS QUENTES LOROS AFROUXAM NOS ÚMIDOS / PEITOS: especificamente, os **loros**, em português, são as correias que prendem o estribo à sela. Assim sendo, então, eles não estariam em contato com o peito dos animais. Como o termo em latim (*lorum*) é bastante genérico (OLD: “1. A leather strap, thong (for tying, etc.) [...] c a shoe-strap [...] 2. A rawhide whip [...] 3. a A dog's lead, leash. b (usu. pl.) a horse's reins [...] 4. (in a vine, app.) A trailing branch”), é possível que, nes-

sa passagem, se refiram aos peitorais (as peiteiras) dos cavalos do Sol, peça cuja função principal é evitar que os arreios escorreguem para trás sobre o lombo do animal.

413. JUNTAS: “parelhas”; conjunto de dois animais.

414. TIMÃO: ou “cabeçalho”. Refere-se à peça dianteira nos carros de tração animal à qual estes animais são presos. Constitui-se, geralmente, de uma longa trave de madeira que se projeta horizontalmente à frente do carro em uma posição perpendicular ao eixo. **INCLINAM:** as Horas: desatados os cavalos, o carro se inclina porque sua parte traseira fica, então, mais pesada do que a dianteira. Sentido: “as Horas inclinam o carro do Sol, que fica, então, com o timão para o alto”.

417. ELA, COM TODOS BRANDA, ADRASTO, E NÃO CONTIGO: o narrador apostrofa Adrasto como que se lamentando por mais uma noite insone do soberano argivo – cf. 1.433-4.

418. NEM COM O HERÓI LABDÁCIDA: Polinices, porque é neto de Lábdaco. Também eram constantes as noites de insônia de Polinices, como Argia dá a entender em sua conversa com o esposo (cf. 2.336-9 e comentários *ad loc.*).

418-9. TIDEU, POIS, TINHA / SUBMERSO EM MAGNA IMAGEM DE VIRTUDE O SONO: novamente, o poeta faz lembrar os feitos de Tideu e a consciência que ele tem da grandiosidade de sua vitória – cf. 3.236-7.

420-39. E ENTRE SOMBRAS NOTÍVAGAS ... DO ALTO FILHO A AJUDA: no passo, Marte surge sobre Argos durante a noite, acompanhado por um séquito com o qual espalha o terror e as histórias sobre Tebas e o ocorrido com Tideu. Acompanham-no Furor e Ira (3.424), Pavor (3.425) e Fama (3.425-30). No fim do trecho, Marte e seus companheiros são comparados a Netuno e sua comitiva em um símile que descreve a imagem de uma tormenta levantando-se em meio ao mar (3.432-9). Para maiores detalhes, cf. os comentários *ad loc.*

420-31. E, ENTRE SOMBRAS ... O PAI COM HASTE CÍTIA: como aponta Amar-Lemaire (*ad* 3.424), Sílio Itálico também descreve Marte e seu séquito em seu carro (*Sil.* 4.430-44): *at Mauors in proelia currus / Odrysia tellure uocat. tum fulminis atri / spargentem flammis clipeum galeamque deorum / haud ulli facilem multoque labore Cyclopum / sudatum thoraca capit quassatque per auras / Titanum bello satiatam sanguinis hastam / atque implet curru campos. exercitus una / Irarum Eumenidesque simul letique cruenti / innumerae facies, frenisque operata regendis / quadriugos atro stimulat Bellona flagello. / fertur ab immenso tempestas horrida caelo / nigrantisque globos et turbida nubilata torquens / inuoluit terras. quatitur Saturnia sedes / ingressu tremefacta dei, ripasque relinquit /*

audito curru fontique relabitur amnis (“mas Mavorte, à guerra, o carro / em terra Odrísia chama; então, de sevos raios / as flamas espalhando, ao clipeo e à gálea, aos deuses / nada fácil sem muita lide, e, dos Ciclopes / o suor, à cota agarra e agita, pelos ares, / na guerra dos Títãs de sangue farta, a lança, / dos campos se apossando co' o carro. Um exército / de Iras e, junto, as Fúrias e, de cruentas mortes, / formas sem conta; aos freios regendo ocupada, / co' atro flagelo punge Belona os quadríjugos. / Do imenso céu se achega horrenda tempestade / e, atras massas e túrbidas nuvens volvendo, / envolve a terra. Tremem as Satúrnias sedes, / co' a vinda do deus pasmas; as margens deixando / ao carro ouvir, à fonte sua volta o flume”);

Homero, por sua vez, assim descreve os companheiros de Ares (*Il.* 4.439-45): ὄρσε δὲ τοὺς μὲν Ἄρης, τοὺς δὲ γλαυκῶπις Ἀθήνη / Δεῖμός τ' ἡδὲ Φόβος καὶ Ἔρις ἄμοτον μεμανῖα, / Ἄρεος ἀνδροφόνιοι κασιγνήτη ἑτάρη τε, / ἥ τ' ὀλίγη μὲν πρῶτα κορύσσεται, αὐτὰρ ἔπειτα / οὐρανῶ ἐστήριξε κάρη καὶ ἐπὶ χθονὶ βαίνει / ἥ σφιν καὶ τότε νεῖκος ὁμοῖον ἔμβαλε μέσσω / ἐρχομένη καθ' ὅμιλον ὀφέλλουσα στόνον ἀνδρῶν (“O Terror e o Temor, a Discórdia / acorriam (a Discórdia, sanha que não cessa, / irmã e sócia de Ares, matador-de-gente; / desponta diminuta e cresce e entesta com / o céu, e calca a terra, dor e furor pelas / tropas lançando” – trad. Haroldo de Campos).

Virgílio, por fim, também se detém sobre o mavórcio séquito (*A.* 12.331-6): *qualis apud gelidi cum flumina concitus Hebri / sanguineus Mauors clipeo increpat atque furentis / bella mouens immittit equos, illi aequore aperto / ante Notos Zephyrumque uolant, gemit ultima pulsu / Thraca pedum circumque atrae Formidinis ora / Iraeque Insidiaeque, dei comitatus, aguntur* (“Se o truculento Marte no Hebro frio / pulsa o broquel e incita os corredores, / eles, bufando pelo plaino livre, / Zéfiro e Noto excedem; geme inteira / ao seu tropel a Trácia; ao nune escoltam / a Ira, a Traição, do Medo o aspecto baço” – trad. Odorico Mendes).

420. O DEUS ARMÍFERO: Marte, enviado por Jove para que disseminasse as ânsias de guerra e a crença nas palavras de Tideu entre os argivos e os seus aliados – cf. 3.229-52 e comentários *ad loc.*

421-2. AOS LINDES ARCÁDIOS ... EXTREMOS DE TÊNARO: Estácio utiliza novamente locais conhecidos da região do Peloponeso para demonstrar a repercussão dos acontecimentos envolvendo Tideu, bem como para mostrar a extensão da ação de Marte e seu séquito (3.425-6). Sobre esse recurso descritivo, cf. 2.163n; 2.164n; 2.167n; 2.181-3n; 2.206-7n.

421. AOS LINDES ARCÁDIOS: às fronteiras da Arcádia, uma região do Peloponeso vizinha à Ar-

gólida. **AOS CAMPOS NEMEUS:** de Nêmea, cidade ao norte de Argos (cf. 1.355-6n).

422. À TERAPNE DE APOLO: cidade localizada na Lacônia, região sul do Peloponeso, e consagrada a Apolo. **TÊNARO:** promontório da Lacônia (cf. 1.96n).

424. COM AMOR POR SI: isto é, “com amor pela guerra” – pois que Marte, o senhor da guerra, designa metonimicamente o evento a que preside. **FUROR E IRA NAS CRISTAS:** em seu elmo, sobre as cristas que o recobrem, estão o Furor e a Ira. (AMAR-LEMAIRE) “Transforma, em ministros de Marte, o Furor e a Ira.”

425. PAVOR GUERREIRO ATENDE OS FREIOS: (AMAR-LEMAIRE) “*Theb.* 7.108: *inde unum dira comitum de plebe Pauorem* [“então, da dira plebe um comparsa, ao Pavor...”]. Pois que qualquer coisa que soasse seria, ao povo, horrenda. Todos os terrores que estavam em volta do carro de Marte, o poeta descreve imitando Virgílio (A. 12.336): *Iraeque, Insidiaeque, Dei comitatus, aguntur* [“e as Iras, e as Insídias, sócias do Deus, urgem”].”

426. VIVA: ou seja, “alerta”, “atenta”. **A FAMA:** sobre a Fama, cf. 1.684n. **POR VÁRIAS VERSÕES DO ATO ENVOLTA:** sentido: “cingida por diferentes versões da confusão envolvendo Tideu”. **VÁRIAS:** em latim, *uarios*. Klotz, Lesueur e Bailey imprimem *uanos* (“vãos, falsos”) ao invés de *uarios*, lição adotada por Amar-Lemaire, Barthius e Hall. Com *uanos*, destaca-se a falsidade dos relatos que a Fama propaga, um aspecto que é retomado em 3.430: **a expor o feito e o falso**. Porém, como não é só a falsidade um dos aspectos das notícias espalhadas pela Fama, e justamente porque essa característica já é ressaltada em 3.430, optou-se aqui por *uarios*, dando vez, assim, a um outro traço das novidades dispersadas pela Fama: sua variedade; como em Lucano (*Luc.* 1.469-72): *uana quoque ad ueros accessit fama timores / inrupitque animos populi clademque futuram intulit / et uelox properantis nuntia belli / innumeras soluit falsa in praeconia linguas* (“falaz, em medos verazes transformou-se a Fama, / entrou na alma do povo, o mal futuro trouxe / e da guerra apressada veloz mensageira / vozes fundiu, em falsos anúncios, inúmeras”).

427. SUPERA: isto é, “ultrapassa”, “vai à frente”. **IMPULSA AO ARFAR DOS ALÍPEDES:** é dizer “impulsionada pelo bufar dos velozes cavalos”.

428-9. COM MURMÚRIO DENSO PENAS TRÉPIDAS / SACODE: as penas que recobrem-lhe o corpo – descritas por Virgílio (A. 4.173-88 *apud* 1.684n).

431. A DIVO DORSO E COMA: isto é, ao dorso e à coma da deusa – a Fama. **O PAI:** Marte. **COM HASTE CÍTIA:** região a leste da Grécia, habitada por povos iranianos. É a terra dos Montes Rifeus

(1.419-20n), dos Gelonos (1.421n) e dos Sármatas (3.227n). (BARTHIUS) “A Cítia e a Trácia são assinaladas como o Palácio de Marte, porque aqueles povos, bárbaros, vivem da destruição e nunca ficaram em paz, ou migrando de um local para outro, ou expulsando um e outro, pois que não cultivavam os campos para que aproveitassem, de modo consistente, a vida; e, então, dominavam qualquer lugar com seus forte manípulos.”

432-9. QUAIS QUANDO VENTOS ... DO ALTO FILHO A AJUDA: no símile, Estácio compara à Fama, que precede o carro Mavórcio (3.427), os Ventos que precedem o carro de Netuno, os quais, conduzidos pelo deus ao mar, causam tempestades. Como alega Philip Hardie, essa “conexão entre uma tempestade se levantando e uma guerra se formando é a mesma [...] na *Il.* 4.422-45, onde a descrição de Ares e sua companhia de personificações é precedida por um símile de tempestade” (2012, p. 206). Eis, pois, o símile referido por Hardie (*Il.* 4.422-8): *ὥς δ' ὅτ' ἐν αἰγιαλῷ πολυηχεῖ κῦμα θαλάσσης / ὄρνυτ' ἐπασσύτερον Ζεφύρου ὑπο κινήσαντος· / πόντῳ μὲν τε πρῶτα κορύσσεται, αὐτὰρ ἔπειτα / χέρσῳ ῥηγνύμενον μέγала βρέμει, ἀμφὶ δέ τ' ἄκρας / κυρτὸν ἐὼν κορυφοῦται, ἀποπτύει δ' ἄλὸς ἄχνην· / ὥς τότ' ἐπασσύτεραι Δαναῶν κίνυντο φάλαγγες / νωλεμέως πόλεμον δέ* (“Como as ondas do mar poli- / -ressonante, que às praias pulsa e sopra o Zéfiro, / vão logo se elevando e sublevando altivas / no Oceano, e se entreabatem, até que se rompam, / contra a terra, reboando, e em torno os promontórios / se encurvam feito um domo, vomitando espuma; / assim, uns após outros, em falange, os Dânaos / precipites ao prélio se lançavam” – trad. Haroldo de Campos). Como em Homero, então, a formação de uma tempestade é vinculada ao despertar de uma guerra: à Fama precedendo o carro de Marte (3.427) equivalem os Ventos precedendo o carro de Netuno (3.433); ao **cruento aguilhão** (3.429) e à **haste Cítia** (3.431) com que Marte impele a Fúria equivalem **os loros** (3.435) com que Netuno impele os Ventos; às tormentas causadas pelos Ventos (3.425-9), aquelas que serão causadas pelas **várias versões do ato** (3.426) que Fama espalha.

432. LIVRES DO CÁRCERE EÓLIO: Éolo, o senhor dos ventos, os mantinha presos em sua ilha, a Eólia (cf. 1.346-7n). Como em Virgílio (*A.* 1.52-4): *hic uasto rex Aeolus antro / luctantes uentos tempestatesque sonoras / imperio premit ac uinclis et carcere frenat* (“ali, em vasta gruta, o rei Éolo / lutantes ventos e tormentas estrondosas / com império prende e, à cela, enfreia com as correntes”); e Ovídio (*Met.* 14.223-4): *Aeolon ille refert Tusco regnare profundo, / Aeolon Hippotaden, cohibentem carcere uentos* (“De Éolo ele comentou, que em Tuscos mares reina, / de Éolo Hipótada, aos ventos mantendo no cárcere”).

433. AO MAGNO EGEU: Egeu, o mar que se estende entre a Europa e a Ásia, da costa leste da

Grécia à costa oeste da Turquia.

435. NIMBOS: nuvens de grande extensão, as quais carregam as tempestades.

436-7. DA TERRESTRE ENTRANHA VINDA, A SUJA / TORMENTA: pela descrição, provavelmente refira-se mais a um tornado – sujo por trazer, consigo, a terra de onde surge – do que a uma tempestade propriamente dita.

437. OBSTAM: “opõem-se”, “resistem”. **RAÍZES VOLVIDAS:** isto é, revolvidas as suas raízes, suas bases. Em seu hino a Delos (sobre esta ilha, cf. 1.573n), Calímaco fala de como surgiram as ilhas nos oceanos (*Del.* 30-5): ἦ ὥς τὰ πρῶτιστὰ μέγας θεὸς οὖρεα θείνων / ἄορι τριγλώχινι τό οἱ Τελχῖνες ἔτευξαν / νήσους εἰναλίας εἰργάζετο, νέρθε δὲ πάσας / ἐκ νεάτων ὥχλισσε καὶ εἰσεκύλισε θαλάσση; / καὶ τὰς μὲν κατὰ βυσσόν, ἔν' ἠπείροιο λάθωνται, / πρυμνόθεν ἐρρίζωσε (“um grande deus, então, no início, golpeando as montanhas / com a arma tricúspide, feita pelos Telquines, / as ilhas marinhas produziu e, levadas para a superfície / desde a sua parte mais funda, pelos mares as espalhou? / E elas, depois, no fundo do mar, da terra esquecidas, / plantou por suas raízes?”). Como aponta Michael Paschalis (1997, p. 119), essa imagética vegetal presente em Calímaco é aqui evocada por Estácio: tão fortes eram os ventos, as chuvas e a tormenta, que as raízes das Cíclades (cf. 3.348n), as quais as prendem ao fundo do mar, foram por eles remexidas.

438. CÍCLADES: um arquipélago que circunda a ilha de Delos (cf. 1.573n). Seu nome, *Κυκλάδες*, vem do grego *κυκλάς* (“circundante”). Sobre elas, diz Calímaco (*Del.* 2-4): μὲν ἅπασαι / Κυκλάδες, αἶ νήσων ἱερώταται εἰν ἀλλὶ κεῖνται, / εὖνυμοι (“por certo, todas / as Cíclades, ah! as mais sagradas das ilhas jazendo no mar, são muito celebradas”).

438-9. À TUA MÍCONO, Ó DELOS!, E A GÍARO / TEMES TE EXTIRPEM: o poeta interpela a ilha de Delos (cf. 1.573n), que errava pelos mares antes de se fixar em meio às Cíclades (cf. 3.348n) – como diz Calímaco (*Del.* 35-6): σὲ δ' οὐκ ἔθλιψεν ἀνάγκη, / ἀλλ' ἄφετος πελάγεσσιν ἐπέπλεες (“não te prendeu a necessidade; / ao contrário, liberta navegavas pelo mar”). Seguindo Virgílio, Estácio aponta as ilhas de Mícono e Gíaro como aquelas onde Delos se prendeu, de onde vem, então, o temor de ser delas arrancada (*A.* 3.73-7): *sacra mari colitur medio gratissima tellus / Nereidum matri et Neptuno Aegaeo, / quam pius Arquitenens oras et litora circum / errantem Mycono e celsa Gyaroque reuinxit, / immotamque coli dedit et contemnere uentos* (“Sacra à mãe das Nereidas e a Netuno / Egeu, ilha gratíssima cultivam, / que antes boiava, e o pio Arcitenente / com Micon celsa atando-a e com Giaro, / fixa dos ventos zomba” – trad. Odorico Mendes).

Em Calímaco, porém, Delos lançou suas raízes ao fundo do Egeu por si própria, logo após o nascimento de Apolo (*Del.* 51-4): *ήνίκα δ' Ἀπόλλωνι γενέθλιον οὐδας ὑπέσχεες, / τοῦτό τοι ἀντημοιβὸν ἀλίπλοοι οὔνομ' ἔθεντο, / οὔνεκεν οὐκέτ' ἄδηλος ἐπέπλεες, ἀλλ' ἐνὶ πόντου / κύμασιν Αἰγαίοιο ποδῶν ἐνεθήκαο ρίζας* (“quando, porém, o solo ofereceste ao nascimento de Apolo, / os marinheiros, diz-se, este nome [Delos] te deram em referência, / porque não mais navegavas obscura [adelos]; ao contrário, no mar / Egeu, entre as ondas, firmastes as plantas dos pés”).

439. ROGAS DO ALTO FILHO A AJUDA: com medo, Delos pede ajuda a Apolo, a quem Latona deu à luz na ilha (cf. 1.573n).

440-59. À TERRA E AOS CÉUS A SÉTIMA ... CÉU VAZIO ROGAR DECIDEM: depois de sete dias (cf. 3.440n), Adrasto, em dúvida sobre a postura a ser assumida diante da questão de guerra, decide-se por consultar os oráculos (3.440-51). São, então, apresentados Anfiarau e Melampo, que serão responsáveis pelas consultas à vontade divina até o final do canto, e também os primeiros resultados de suas consultas (3.451-9). Sobre isso, cf. os comentários *ad loc.*

441. O HERÓI PERSEIDE: refere-se a Adrasto. Lactâncio (*ad loc.*) atribui o patronímico à prece-dência de Perseu no trono argivo: filho de Dânae e Zeus, era neto de Acrísio (2.220-1n), sendo herdeiro, portanto, do cetro – cf. Quadro 2, p. 412. Diz-se, porém (Grimal, *ad Perseu*), que o herói recusou-se a assumir o império sobre Argos, dirigindo-se então a Tirinte. Barthius (*ad loc.*) atribui o adjetivo a uma genealogia não demonstrada por autores da antiguidade. Pelo que se tem, então, é possível afirmar que a relação entre Perseu e Adrasto se deve ao trono de Argos, pois, ainda que Perseu não o tenha assumido, era seu herdeiro direto por ser neto de Acrísio.

444-5. OU DAVA ÀS ARMAS JUS E, NOVO, / DAVA AO POVO UM IMPULSO: ou aprovava que os homens fossem às armas, preparando-se então para a guerra, e dava um novo estímulo para o combate – porque, passados sete dias desde a chegada de Tideu (cf. 3.440), o ardor que sua história provocara no peito dos argivos (3.405-6) já se arrefecera.

445-6. OU AS RÉDEAS TOMAVA / DA IRA E, AO CABO, AS ESPADAS BRANDIDAS DETINHA: ou assumia o controle da ira despertada em Tideu e nos outros por causa da emboscada e das injustiças de Etéocles, acalmando o ímpeto bélico de seus homens – detendo-lhes as **espadas** pelo cabo (**ao cabo**).

447-9. ORA O IMPELE DA PAZ ... BÉLICA / DOÇURA O ESFORÇO: os três motivos que influenciam Adras-

to no momento de indecisão: a tranquilidade da paz (3.447), a vergonha da inação diante dos acontecimentos (3.447-8) e, por fim, o esforço de inclinar os ânimos dos homens à guerra (3.448-9).

448-9. BÉLICA / DOÇURA: construção bastante peculiar. Remo Gelsomino (1979, p. 867) chama a atenção para a relação satírica entre as palavras de Juvenal em sua sétima sátira e o termo **doçura** empregado por Estácio aqui e, também, nas *Siluae* (3.3.205: *dulcedine laeta* – “a doçura deleitosa”): o uso do substantivo por Juvenal seria, na verdade, uma recuperação irônica de Estácio, dado o tom mordaz de suas palavras (Juv. 7.82-6): *curritur ad uocem iucundam et carmen amicae / Thebaidos, laetam cum fecit Statius urbem / promisitque diem: tanta dulcedine captos / adficit ille animos tantaque libidine uolgi / auditur* (“siga-se à voz festiva e ao poema da amiga / Tebaida, quando alegre fez Estácio à urbe / e o dia prometeu: com tanto doce, pegos / move os peitos, do povo com tanto prazer / sendo ouvido”).

449-50. ENFIM, AO HESITANTE UM TARDO / ARBÍTRIO APRAZ: com **hesitante** refere-se a Adrasto, indeciso sobre sua postura diante da questão sobre a guerra. Agrada-o, então, um pensamento que lhe ocorre tardiamente (cf. 3.450-1n).

450-1. DE VATES A MENTE E OS PRESSÁGIOS / QUE O DEUS DÁ, CERTOS: refere-se a Apolo e seus vates, que anunciam, do deus, os **presságios / ... certos**. A afirmação de que são **certos** pode soar irônica, uma vez que os vaticínios dos deuses dificilmente são entendidos (cf. *e.g. Theb.* 1.395-9 e comentários *ad loc.*; 1.495n; 4.406-645n). Ao contrário do que ocorre com o presságio incompreendido sobre os genros de Adrasto e com as palavras da sombra de Laio durante a necromancia do canto quarto, porém, serão bem claros aqueles vistos por Anfiarau e Melampo durante suas consultas aos deuses. Seu descrédito surgirá principalmente a partir da postura dos vates e de Capaneu após os ritos – sobre isso, cf. 3.566-677n.

452. ANFIARAU: cf. 1.42n; 1.399n; Quadro 3, p. 442. **AMITÁONIDE:** o “filho de Amitáon” (cf. Quadro 3, p. 442). Refere-se a Melampo (cf. 3.453n).

453. MELAMPO: filho de Amitáon (cf. Quadro 3, p. 442), é também bisavô de Anfiarau. A participação de Melampo no poema estaciano se resume a essa passagem e, ainda assim, é bastante pequena. Para Vessey (1973, p. 153), é possível dizer que Melampo “[...] foi introduzido na cena somente para aprimorar o episódio dramático”.

454. INCERTO A QUAL APOLO É PRONO: Apolo é o deus dos vates. Sentido: “é incerto a qual dos dois, se a Anfiarau ou a Melampo, Apolo é mais inclinado, mais propício”.

455. NA ÁGUA CÍRRIA A QUE BOCA SATISFAZ MAIS PRÓDIGO: as águas Círrias são as águas da Cirra, cidade próxima ao Parnaso e a Delfos (cf. 1.62-3). Diz respeito, muito provavelmente, às águas da Fonte Castália (cf. 1.565n), cujos vapores inspiravam os oráculos de Delfos.

456-8. NAS ENTRANHAS, NO SANGUE ... UM NEFAS DIRO, AS VELAS: os vates (Anfiarau e Melampo) recusam os primeiros sinais que encontram em seu ritual divinatório, por serem signos nefastos. Em Lucano (Luc. 1.605-38), o haruspicismo (cf. 3.456n) também resulta em sinais nefastos: *dumque illi effusam longis anfractibus urbem / circumeunt Arruns dispersos fulminis ignes / colligit et terrae maesto cum murmure condit / datque locis numen; sacris tunc admouet aris / electa ceruice marem. iam fundere Bacchum / coeperat obliquoque molas inducere cultro, / inpatiensque diu non grati uictima sacri, / cornua succincti premerent cum torua ministri, / deposito uictum praebebat poplite collum. / nec cruor emicuit solitus, sed uolnere laxo / diffusum rutilo dirum pro sanguine uirus. / palluit attonitus sacris feralibus Arruns / atque iram superum raptis quaesiuit in extis. / terruit ipse color uatem; nam pallida taetris / uiscera tincta notis gelidoque infecta cruore / plurimus asperso uariabat sanguine liuor. / cernit tabe iecur madidum, uenasque minaces / hostili de parte uidet. pulmonis anhelii / fibra latet, paruusque secat uitalia limes. / cor iacet, et saniem per hiantis uiscera rimas / emittunt, produntque suas omenta latebras. / quodque nefas nullis inpune apparuit extis, / ecce, uidet capiti fibrarum increscere molem / alterius capitis. pars aegra et marcida pendet, / pars micat et celeri uenas mouet improba pulsu. / his ubi concepit magnorum fata malorum / exclamat 'uix fas, superi, quaecumque mouetis, / proderet me populis; nec enim tibi, summe, litauit, / Iuppiter, hoc sacrum, caesique in pectora tauri / inferni uenere dei. non fanda timemus, / sed uenient maiora metu. di uisa secudent, / et fibris sit nulla fides, sed conditor artis / finxerit ista Tages.' flexa sic omina Tuscus / inuoluens multaue tegens ambage caneabat* (“Enquanto a vasta vila em vários sobe e desce / circundavam, Arrunte as chamas espalhadas / do raio vai juntando e o solo fulminado / com soturno sussurro acomoda, sagrando-lhe / um nume. Leva, então, aos altares um macho / de escolhida cerviz; já começara a Baco / verter e a salpicar farinha, a faca a postos, / e, embora relutante a vítima por causa / do inaceitável rito, quando os chifres feros / os ministros trajados domaram, prostrada / genuflexa, o vencido colo ela cedia. / O sangue não correu qual sempre, ma saiu / da larga chaga um pus sinistro nada rubro. / Arrunte, branco e pasmo frente ao sacrifício, / a cólera celeste nas entranhas viu / recém-tiradas. Já sua cor lhe aterrou, / pálidos com escuros traçados tingidos, / viam-se os órgãos, por coágulos tomados, / o sangue borrifava a lividez total. / Ao putrefato fígado remexe e às veias / no lado hostil saltadas perscruta. O pulmão / sufocado seus lobos oculta e uma linha / pequena suas partes vitais corta ao meio. / O coração desceu, os órgãos ulcerosos / estilam pus e es-

tão do avesso os intestinos. / E – um nefas que jamais em vão surgiu nas vísceras – / eis que se vê crescer bem na ponta do fígado / um tumor bipartido, qual duas cabeças: / uma delas doente e podre está pendente, / ímpia e vivaz a outra, em veloz pulsação. / Quando por tais sinais, grandes males previu, / bradou: “apenas me é permitido, ó celestes, / ao povo apresentar aquilo que tramais, / pois, Júpiter, não foi a ti que consagrei / tal sacrifício: dentro desta rês vieram / os deuses infernais. Indizíveis eventos / temo, porém serão maiores do que o medo. / Que os deuses tornem bom tudo que aqui se viu / e que por testemunhos vísceras não valham; / talvez mentisse Tages ao criar tal arte”. / Assim o Etrusco tudo intrin- cando e encobrando, / vaticinava por rodeios tresdobrados.” – trad. Brunno Vieira).

456. NAS ENTRANHAS, NO SANGUE DE RESES: refere-se ao haruspicismo, a divinação feita pelo exame das vísceras de animais sacrificados para o ritual.

457. OS CÁRDIA EIVADOS: os “corações manchados”. De acordo com Amar-Lemaire (*ad loc.*), “[...] se as entranhas estavam manchadas, ou pálidas, ou sombrias, ou não íntegras, prediziam que os Deuses estavam irados. Se, ao contrário, estivessem gordas, vigorosas e íntegras, significavam que os deuses estavam calmos”. **BIDENTES:** sobre o termo, diz Francisco Torrinha (DLP): “*adj.* 1. Que tem dois dentes; que apenas tem dois dentes. 2. Que tem dois anos. 3. Que tem dois braços ou ramos. 4. *F.:* a) vítima (geralmente ovelha) de dois anos, que está na segunda dentição, que tem os dentes de cima e de baixo; b) ovelha. 5. *M.* Enxada”. No OLD, são duas as entradas: “*bidens*¹ ~*ntis* [...] 1. que tem dois dentes (permanentes) [...] 2. Que tem duas pontas [...]”; “*bidens*² ~*ntis* [...] 1. (fem.) Animal para sacrifícios, especialmente uma ovelha [...] 2. (masc.) uma enxada de dois dentes”. O termo também é empregado por Virgílio, como em (A. 4.57): *mactant lectas de more bidentes* (“matam, qual o costume, bidentes escolhidas”); e (A. 7.93): *centum lanigeras mactabat rite bidentes* (“lanígeras, matava ritualmente cem bidentes”).

Aulo Gélíio (Gel. 16.6) oferece uma explicação para o significado da palavra (Gel. 16.6.12-15): *P. autem Nigidius in libro, quem de extis composuit, “bidentes” appellari ait non oues solas, sed omnes bimas hostias, neque tamen dixit apertius, cur bidentes; sed, quod ultro existumabamus, id scriptum inuenimus in commentariis quibusdam ad ius pontificum pertinentibus “bidennes” primo dictas ‘d’ littera inmissa quasi biennes, tum longo usu loquendi corruptam uocem esse et ex bidennibus bidentes factum, quoniam id uidebatur esse dictu facilius leniusque. Hyginus tamen Iulius, qui ius pontificum non uidetur ignorasse, in quarto librorum, quos de Vergilio fecit, ‘bidentes’ appellari scripsit hostias, quae per aetatem duos dentes altiores haberent. Verba illius ipsa posui: “Quae ‘bidens’ est” inquit “hostia, oportet habeat dentes octo, sed ex his duo ceteris altiores, per quos appareat ex minore aetate*

in maiorem transcendisse.” *Haec Hygini opinio an uera sit, non argumentis, sed oculis iudicari potest. Quod Laberius uerba pleraque licentius petulantiusque finxit; et quod multis item uerbis utitur, de quibus, an sint Latina, quaeri solet* (“Ora, Plínio Nigídio no livro que compôs *Das entranhas* diz chamarem-se *bidentes* não as ovelhas só mas todas as vítimas de dois anos, e todavia não diz mais claramente por que *bidentes*. Mas a explicação que antes supúnhamos, encontramos-la escrita em certos comentários pertinentes ao direito pontifical: *bidentes* primeiramente dito com a letra *d* introduzida, equivale a *biennes* (de dois anos); então pelo longo uso do falante a palavra é corrompida, e a partir de *bidenes* foi transformada em *bidentes* porque assim parecia mais fácil e mais suave de dizer. Todavia Higino Júlio, que não parece ter ignorado o direito pontifical, no quarto dos livros que publicou *Sobre Virgílio*, escreveu serem chamadas *bidentes* as vítimas que, por causa da idade, tivessem dois dentes mais altos. Empreguei as próprias palavras dele: “*Quae 'bidens' est*” inquit “*hostia, oportet habeat dentes octo, sed ex his duo ceteris altiores, per quos appareat ex minore aetate in maiorem transcendisse.*” [a vítima que é *bidens*, diz ele, convém tenha oito dentes, mas, mais altos que os demais, dois desses, pelos quais ela pareça ter ultrapassado da menor à maior idade]. Se acaso seja verdadeira essa opinião de Higino, pode-se julgar não com argumentos mas com os olhos” – trad. José Seabra).

Ao que parece, então, é mais provável que o termo se refira à maturidade das ovelhas, seja ela contada por seus anos de vida, seja pelo número e tamanho de seus dentes.

459. AO CÉU VAZIO ROGAR: recusando os sinais encontrados por meio do haruspicismo (cf. 3.456-8), Anfiarau e Melampo se decidem pela observação dos pássaros, a oritomancia (cf. 2.349n; 2.523n).

460-677. UM MONTE HAVIA ... RUGAS FINDOU DE AMBOS: tem início aqui o ritual de oritomancia (cf. 2.349n; 2.523n) realizado por Anfiarau e Melampo a pedido de Adrasto. No canto quarto, Etéocles, por sua vez, ordena a Tirésias uma necromancia pelo mesmo motivo: saber quais os desígnios divinos para a guerra contra os argivos. Esse tipo de ritual é comum na poesia épica, e os mais famosos são as νεκυίαι (*nekuíai*) em Homero e em Lucano (*Luc.* 6), e a catábase de Eneas, em Virgílio (*A.* 6). Em Lucano (*Luc.* 6), como em Estácio (*Theb.* 4), a necromancia (cf. 3.133-68n) ganha destaque.

Nas *Punica*, Sílio Itálico também narra uma oritomancia (*Sil.* 4.101-35), em que Líger e Bogus predizem a Aníbal o futuro de suas expedições na Itália: *iam tantum campi dirimebat ab ictu / quantum impulsa ualet comprehendere lancea nodo, / cum subitum liquida non ullis nubibus aethra / augurium mentes oculosque ad sidera uertit. / accipiter medio tendens a limite solis / dilectas*

Veneri notasque ab honore Diones / turbabat uiolentus aues atque unguibus idem, / idem nunc rostro, duris nunc ictibus alae, / ter quinas dederat saeua inter uulnera leto. / nec finis satiesue, noui sed sanguinis ardor / gliscere, et urgebat trepidam iam caede priorum / incertamque fugae pluma labente columbam, / donec Phoebeo ueniens Iouis ales ab ortu / in tenuis tandem nubis dare terga coegit. / tum uictrix laetos signa ad Romana uolatus / onuertit, prolesque ducis qua parte decora / Scipio quassabat puerilibus arma lacertis, / clangorem bis terque dedit, rostroque coruscae / perstringens conum galeae se reddidit astris. / exclamat Liger (huic superos sentire monentis / ars fuit ac penna monstrare futura magistra): / 'Poene, bis octonos Italis in finibus annos / audaci similis uolucris sectabere pubem / Ausoniam multamque feres cum sanguine praedam. / sed compesce minas: renuit tibi Daunia regna / armiger ecce Iouis. nosco te, summe deorum: / adsis o firmesque tuae, pater, alitis omen. / nam tibi seruantur, ni uano cassa uolatu / mentitur superos praepes, postrema subactae / fata, puer, Libyae et maius Carthagine nomen.' / contra laeta Bogus Tyrio canit omina regi, / et faustum accipitrem caesasque in nube uolucres / Aeneadis cladem et Veneris portendere genti. / tum dictis comitem contorquet primus in hostis / ceu suadente deo et fatorum conscius hastam. (“Já separava [os exércitos] por uma parte do campo tão grande / quanto uma lança atirada por uma correia pode cobrir / quando, súbito, nos ares limpos sem nenhuma nuvem, / um augúrio as mentes e os olhos para os céus tornou. / Um falcão, vindo a partir do sol em meio ao seu caminho, / às aves diletas de Vênus e notas pelas honras de Dione / turbava, violento, e igualmente com as unhas, / e, ora, com o bico também e, ora, com duros golpes da asa, / três vezes entregou cinco delas, entre sevas lesões, à morte. / Não paras nem te sacias: teu ardor por sangue novo / aumenta; e ele pressiona, trépida já pela morte das primeiras, / e incerta, com as plumas deslizando em fuga, uma pomba, / até que, vindo do orto de Febo, uma alada de Jove / a dar as costas às tênues nuvens o impele. / Então, vencedora, às insígnias Romanas ledos rasantes / dirige e, na parte em que a prole do general, Cipião, / brandia as brilhantes armas com seus músculos pueris, / duas, três vezes soou um clangor e tendo, com o bico, da coruscante / gálea arranhado a cimeira, retornou para os astros. / Exclama Líger, a quem, de sentir os prenúncios dos súperos, / a arte foi ensinada, e de mostrar as futuras penas: / “ó Púnico, duas vezes oito anos, nos fins da Itália, / símile ao pássaro audaz, vais perseguir a população / Ausônia e ganhar muitos campos com sangue. / Mas contém as ameaças: a ti proíbe os reinos Dáunios, / eis!, o armígero Jove. Conheço-te, ó sumo dos deuses: / te aproxima e confirma, ó pai, da tua alada o augúrio. / Pois são pra ti garantidos, a não ser que, com voo em vão, falsos / mintam aos súperos os pássaros, os fados vindouros, / jovem, da Líbia subjugada e um nome maior que o de Cartago”. Em resposta, Bogus canta augúrios

felizes ao rei, / um fausto falcão e, nas nuvens, as asas abatidas / contrárias aos Enéadas pre-
diz, e à gente de Vênus. / Então, com as palavras primeiro agita contra os inimigos a aliada /
lança como se convencido pelo deus e consciente dos fados.”).

Há, em Virgílio, outro possível modelo (A. 12.244-65): *his aliud maius Iuturna adiungit et alto /
dat signum caelo, quo non praesentius ullum / turbavit mentes Italas monstroque fefellit. / namque
uolans rubra fuluus Iouis ales in aethra / litoreas agitabat auis turbamque sonantem / agminis alige-
ri, subito cum lapsus ad undas / cycnum excellentem pedibus rapit improbus uncis. / arrexere ani-
mos Itali, cunctaeque uolucres / conuertunt clamore fugam (mirabile uisu), / aetheraque obscurant
pennis hostemque per auras / facta nube premunt, donec ui uictus et ipso / pondere defecit praedam-
que ex unguibus ales / proiecit fluuio, penitusque in nubila fugit. / tum uero augurium Rutuli clamo-
re salutant / expediuntque manus, primusque Tolumnius augur / 'hoc erat, hoc uotis' inquit 'quod sa-
epe petiui. / accipio agnoscoque deos; me, me duce ferrum / corripite, o miseri, quos improbus aduena
bello / territat inualidas ut auis, et litora uestra / ui populat. petet ille fugam penitusque profundo /
uela dabit. uos unanimi densete cateruas / et regem uobis pugna defendite raptum* (“Mais Juturna
os instiga, e um sinal mostra / que a propósito os ânimos conturba, / do prodígio embaídos:
águia fulva / no rubro éter caçava um sonoro / leve marinho bando; e a vôo às águas /
presto resvala e empolga um cisne belo / na ávida garra. Os Ítalos se alentam; / e em chusma
as aves, oh portento! a fuga / ruidosas convertendo, em nuvem densa / tapando os ares, o
inimigo atacam; / té que, cedendo à força e à mesma carga, / esmorece, e no rio a grave pre-
sa / das unhas larga, e some-se nas auras. / Todos, prestes à lide, o auspício aclamam; / bra-
da o áugur Tolúmnio: “Isto, isto, ó numes, / tanto roguei-vos; o favor aceito. / Comigo, arma,
arma, ó gente amedrontada, / quais fracas aves, pelo atroz vindiço / que estas plagas devas-
ta: ele não tarda / velas a dar corrido ao ponto fundo: / cerrando as filas, defendei comigo /
o rei vosso e da justa arrebatou-o.” – trad. Odorico Mendes).

Em Estácio, porém, o episódio é mais detalhado e pode ser dividido em cinco grandes mo-
mentos: 1. (3.460-98): início do ritual com uma oração dedicada a Jove; 2. (3.499-551): obser-
vação das aves e interpretação de seu voo; 3. (3.551-65): digressão sobre a relação entre os
processos divinatórios e a condição humana; 4. (3.566-97): recusa dos vates a revelar os pres-
ságios vistos; 5. (3.598-677): embate entre Capaneu (cf. 1.45n) e Anfiarau por causa dos pres-
ságios e de sua negativa em anunciá-los. Cada uma das passagens será analisada *ad loc*.

460-98. UM MONTE HAVIA, AUDAZ ... IMENSO UNIVERSO A CALIGEM: início da ornitomania. O trecho
compreende a invocação de Jove realizada por Anfiarau. De acordo com Vessey (1973, p. 153-

4), a súplica dos vates tem uma forma tripartida, pois que se inicia com uma fórmula ritual por meio da qual Júpiter é evocado como o remetente dos augúrios (3.471-4), passando a um catálogo de santuários pelos quais se argumenta pela superioridade da ornitomania (3.474-88) e chegando, por fim, ao pedido propriamente dito (3.489-96). Diferentemente da cena presente em Virgílio, então (A. 12.244-65 *apud* 3.460-677n), e daquela descrita por Sílio Itálico (Sil. 4.101-35 *apud* 3.460-677n), a ornitomania é, aqui, induzida, pois que precedida por uma súplica dos vates envolvidos – em ambos os outros autores, o augúrio é dado sem que haja a intervenção dos profetas, que somente interpretam os sinais enviados pelos deuses. Sendo assim, Estácio assemelha-se, nisso, a Lucano, cujo haruspicismo presente no canto primeiro (Luc. 1.605-38 *apud* 3.456-8n) é precedido pelo sacrifício da vítima cujas entranhas serão analisadas: em ambos, a súplica precede o vaticínio.

461. AFESANTE: monte na Argólida. De acordo com Lactânio (*ad loc.*), é o monte do qual Perseu se lançou quando se dirigia à Líbia para matar a Górgona (sobre o episódio, cf. 1.544-7n; 3.462-5). **O POVO LÉRNEO:** isto é, “de Lerna” (cf. 1.359n) – “argivos”, no contexto.

463. AS NUVENS PROFANARA: porque voar não é da natureza dos homens, sendo então ínvias aos homens as nuvens, diz que Perseu (3.464) as profanou.

464. PERSEU: cf. 1.255n; 1.544-7n. **A MÃE:** Dânae, a mãe de Perseu (cf. 1.255n).

464-5. FORTES / MIROU ... OS PASSOS: no original, *raptos ... prospexit gradus*. O adjetivo *raptus* significa, costumeiramente, “arrebato, arrastado, retirado”. O verbo *rapio*, porém, do qual deriva o adjetivo, pode significar, de acordo como o OLD, “tirar-se para fora apressadamente, apressar-se ou correr”, como em Lucano (Luc. 4.151): *rapuitque ruens in proelia miles* (“correndo, apressou-se à guerra o soldado”); e em Estácio (*Theb.* 2.4): *nec Zephyri rapuere gradum* (“e os Zéfiros não sopram”); e (*Theb.* 5.3): *et campum sonipes rapit* (“o sonípede corre o campo”). Sendo assim, por entender que *raptos*, aqui, faz mais referência à velocidade e à força com que Perseu corria para alçar voo, optou-se pela tradução **fortes**.

465. QUASE O PERSEGUINDO: (LACTÂNCIO) “Dânae é a mãe de Perseu. De maneira fora do comum, abrandando o sentido e expressa a solicitude de uma mãe cuidadosa.”

466. OS GÊMEOS VATES: por “ambos os vates”, uma vez que não são irmãos, mas bisavô e bisneto (cf. 3.452-3 e comentários *ad loc.*).

466-7. COM ALVA E FLÓREA OLIVA / AS SANTAS MECHAS, FRONDE ORNADA EM NÍVEAS FITAS: “com ramos frondosos de oliveira pura”. Diz da sombra de Laio, no canto segundo (2.98-100): **mas com**

falsa ínfula / corre os cabelos e, trançada em glauca oliva, / das fitas surge a graça. Com os ornamentos próprios dos vates.

468-9. ASSIM QUE OS AGROS UMENTES LUZINDO / COM O SOL E A ARGENTE GEADA O NASCENTE AMAINOU: é com o surgir da Aurora que Anfiarau e Melampo dirigem-se ao Afesante para a ornitoman-
cia, momento em que os pássaros surgem no céu limpo da manhã.

470. O ECLIDA: Anfiarau, o filho de Ecleu – sobre sua genealogia, cf. Quadro 3, p. 442.

471-4. JOVE EXCELSO! QUE ÉS ... LATENTES / SABEMOS: primeira das três partes da súplica de Anfiarau (cf. 3.460-98n), em que o vate evoca Jove e o nomeia como o remetente dos sinais. Sentindo: “Ó Jove excelso, pois que sabemos ser tu quem provê às prestes asas o desígnio, quem enche as aves com o fado e quem entrega, aos céus, presságios e causas latentes”. A afirmação de que Jove é quem provê os desígnios aos céus pode gerar confusão, uma vez que tantos as Moiras (ou Parcas – cf. 1.111n) são apontadas como a personificação do destino (dos fados) dos homens, como Apolo é comumente visto como o deus dos presságios, especialmente pela fama de seus oráculos. Embora as Moiras sejam as grandes responsáveis pelo destino dos homens, há certa harmonia entre elas e a inteligência de Zeus – que, por ser o pai dos deuses, é também superior às Moiras.

Homero ressalta essa harmonia em dois momentos na *Ilíada*: primeiro, quando Agamêmnon tenta se desculpar ante os seus companheiros (*Il.* 19.86-7): ἐγὼ δ' οὐκ αἰτιός εἰμι, / ἀλλὰ Ζεὺς καὶ Μοῖρα καὶ ἡεροφοῖτις Ἐρινύς (“Não sou culpado, / mas Zeus, a Moira e a negronoctâmbula Erínia” – trad. Haroldo de Campos); depois, em uma fala de Hera a Aquiles (*Il.* 19.409-10): οὐδέ τοι ἡμεῖς / αἴτιοι, ἀλλὰ θεός τε μέγας καὶ Μοῖρα κραταιή (“Não nos culpes. Inculpa um deus maior e a Moira.” – trad. Haroldo de Campos). Em ambos os casos, Zeus e as Moiras estão em concordância, pois que a eles pode ser atribuída a responsabilidade de um mesmo acontecimento. Na *Teogonia*, por sua vez, Hesíodo elenca dois conjuntos de Moiras: as primeiras, pré-olimpianas, são filhas da Noite (*Th.* 216-21); as segundas, olímpianas, são filhas de Zeus e Têmis, a Lei (*Th.* 904-6). De acordo com Bouché-Leclercq (1879a, p. 18), está por trás dessa dupla paternidade das Moiras um dupla concepção de destino: o primeiro, aplicável ao mundo pré-olímpiano; o segundo, ao mundo ordenado e regido por Zeus. Da mesma forma, então, as Moiras, senhoras do Destino, estariam subordinadas à vontade de Zeus.

Estácio leva em conta essa subordinação em dois momentos, especialmente: um, antes do primeiro concílio dos deuses (1.197-302), quando alega que os Fados seguem os **santos verbos** de Júpiter (1.213); o outro (2.101), quando diz que a sombra de Laio parece expressar,

quando segue as ordens de Jove a ele transmitidas por Mercúrio, as **vozes dos Fados** (cf. 2.101n). No que diz respeito à relação entre Apolo e os presságios, este é apenas o porta-voz de Júpiter: sua palavra e seu profeta, segundo Bouché-Leclercq (1879b, p. 4). Sobre essa relação, diz Apolo nas *Eumênides*, de Ésquilo (616-8): οὐπώποτ' εἶπον μαντικοῖσιν ἐν θρόνοις, / οὐκ ἄνδρός, οὐ γυναικός, οὐ πόλεως πέρι, / ὃ μὴ κελεύσαι Ζεὺς Ὀλυμπίων πατήρ (“de modo algum falei, no trono oracular, / nem sobre homens, ou mulheres ou cidades, / o que Zeus, pai do Olimpo, não tenha ordenado”).

Lucano (5.86-96) também questionou de quem eram os oráculos revelados em Delfos: *quis latet hic superum? quod numen ab aethere pressum / dignatur caecas inclusum habitare cauernas? / quis terram caeli patitur deus, omnia cursus / aeterni secreta tenens mundoque futuri / conscius, ac populis sese proferre paratus / contactumque ferens hominis, magnusque potensque, / siue canit fatum seu, quod iubet ille canendo, / fit fatum? forsan, terris inserta regendis / aere libratum uacuo quae sustinet orbem, / totius pars magna Iouis Cirrhaea per antraexit / et aetherio trahitur conexa Tonanti* (“Qual nume ali se esconde? Quem, do céu expulso, / se digna em foscas furnas habitar recluso? / Que celícola atura o chão, tendo os arcanos / da eternidade todos e o mundo futuro / sabendo, e se dispõe a revelar-se aos povos, / e a conviver com homens, sendo grande e forte, / seja dizendo os fados, seja transformando / em fados os ditos seus? Talvez do Tótum-Júpiter / fosse a parte que reina no fundo das terras, / – sustendo o mundo equilibrado no ar vazio – / vinda de Cirra e unida ao celeste Tonante” – trad. Brunno Vieira).

474-88. NEM QUE CIRRA ... EXPÕEM AS VERAS: segunda parte da súplica de Anfiarau, em que o vate argumenta pela primazia das revelações feitas pelas aves sobre as outras formas de manifestação da vontade divina, evocando, aqui, diferentes santuários, aos quais compara os céus, onde as aves expressam os fados.

474. NEM QUE CIRRA À GRUTA ENVIASSE O DEUS: com **Cirra** refere-se ao oráculo de Delfos (cf. 3.455n; 1.62-3n); com **gruta**, à caverna onde ficava o oráculo de Apolo – o **deus**.

475. MAIS PRECISA: refere-se à **gruta** (3.474); é **mais precisa** porque a resposta não depende da interpretação de um vate, como é o caso com o voo de aves ou com a leitura de entranhas, em que a simples observação já gera o vaticínio. **NOS BOSQUES MOLOSSOS:** os bosques Molossos, isto é, da Molóssia, são a região em que se encontra a cidade de Dodona, no Épiro. Dodona, por sua vez, é onde se encontra o mais antigo templo de Júpiter (cf. 3.106n).

475-6. AS CÁONES / FRONDES: (LACTÂNCIO) “É dizer ‘os carvalhos de Épiro’, nos quais diziam estarem sentadas as pombas que revelavam o futuro [cf. 3.106n]. Como em Virgílio (G. 2.16):

atque habitae Grais oracula quercus [“e, oráculos da Grécia, os robles corpulentos” – trad. Antônio Feliciano de Castilho].”

476. POR TI: uma vez que o templo de Dodona é dedicado a Jove (cf. 3.106n), é pelo deus supremo, então, o destinatário da súplica, que ele soa.

476-7. E INDA QUE, ÁRIDO, ÁMON / TE INVEJE: (LACTÂNCIO) “Como em Juvenal (6.553-5): *quidquid / dixerit astrologus, credent a fonte relatum / Hammonis* [“o que quer que / o astrólogo disser, creirão dado da fonte / de Ámon”]. Baco, quando voltava da Índia pelo deserto, se deteve em uma parte extrema da Líbia com o exército oprimido pela sede e, diz-se, rogou a Jove para que ele provasse ser o seu pai. Da areia, então, subitamente surgiu um carneiro, por cuja condução Baco encontrou água. Pediu então a Jove para que transferisse o carneiro para o céu. E, naquele lugar em que a água fluía, construiu um templo, o qual se diz de Jove Ámon. Um simulacro seu, acrescido de chifres de carneiro, foi confeccionado. Esse templo, um tempo depois, foi dito ser um oráculo.” **ÁRIDO:** por ter-se a história (*supra*) passado no deserto Líbio.

477. E AS SORTES LÍCIAS CONTENDER SEMELHEM: sentido: “e as sortes da Lícia pareçam disputar [com as tuas].” Refere-se ao templo de Apolo em Pátaros, uma cidade da Lícia. As **sortes** são as predições, que eram feitas, ali, em forma de adivinhas (Amar-Lemaire, *ad loc.*).

478. O TOURO DO NILO: (LACTÂNCIO) “É dizer Ápis, o touro lunado de Ísis, que, aos Egípcios, com um movimento do seu corpo e alguns sinais, predizia o futuro; é nascido de Mênfis.”

478-9. EM HONRA IGUAL AO PAI, / BRANCO: (GRIMAL) “Filho de um herói originário de Delfos denominado Esmicro [...], que se estabelecera e casara em Mileto. Antes do seu nascimento, a mãe tivera uma visão em que lhe parecia ter visto o Sol entrar-lhe pela própria boca, passar através de todo o seu corpo e sair-lhe pelo ventre. Os adivinhos interpretaram isso como um presságio favorável. O filho que deu à luz foi chamado Branco, em referência a “brônquio”, porque foi pelos brônquios que sua mãe tinha sentido o Sol descer dentro dela. Um dia em que guardava os rebanhos na montanha, o jovem, que era muito belo, foi amado por Apolo. Erigiu um altar a Apolo Amical e, inspirado pelo deus, que lhe concedeu o dom da adivinhação, fundou um oráculo em Didime, a sul de Mileto. Este oráculo foi considerado até à época histórica quase como equivalente ao de Delfos.”

479-80. OU QUEM OS RURAIS AFINS À ONDEANTE PISA / ESCUTAM NAS LICÁONES SOMBRAS – PÃ NOTURNO: Pã é o deus dos pastores e dos rebanhos. Sua aparência é a de um sátiro: tronco, membros

superiores e cabeça de homem – ornada, porém, por um par de chifres – e membros inferiores de bode. É provavelmente oriundo da Arcádia, o que explica as **Licáones sombras** às quais se refere o poeta. O adjetivo “licáone”, aqui, diz respeito ao bosque que, de acordo com Pausânias (8.28.5), cerca um templo de Pã localizado no monte Liceu, na Arcádia, onde Licáon fundou a cidade de Licosura (cf. 1.273-4n). É, pois, do nome do fundador da cidade que Estácio deriva o adjetivo – e não da cidade de Licaônia, na Ásia Menor.

Com **os rurais afins à ondeante Pisa**, o poeta reporta os agricultores (os **rurais**) dos entornos do Liceu: embora o monte não esteja junto à cidade de **Pisa**, na Élida (cf. 1.274n), Estácio diz que os agricultores que ali viviam eram vizinhos (**afins**) desta cidade. Juno, no canto primeiro (1.273-5), refere-se indiretamente, e em sequência, tanto ao monte Liceu como à cidade de Pisa, tornando próximas na poesia cidades não contíguas geograficamente. O adjetivo **ondeante** é, provavelmente, uma referência ao Rio Alfeu, que corre junto a Pisa. (LACTÂNCIO) “Pã, junto a Pisa, costumava faltar os agricultores com seu consentimento, e a fazer profecias que, pelo deus, se completavam. Disse: ‘nem aquele pode igualar-se a ti, ó Júpiter, que na sombra noturna ouve Pã’, isto é: como se, por meio desse consentimento, falasse aos homens.”

481. DICTEU: do monte Dicte, em Creta. (AMAR-LEMAIRE) “Diz-se que Júpiter é Dicteu, do monte e caverna Dicte, em Creta, onde se diz ter sido criado. Virgílio (G. 4.152): *Dictaeo caeli Regem pauere sub antro* [“sob o antro Dicteu nutriu o Rei do céu”].”

482. PATENTE: refere-se a Júpiter. É dizer “de onde tu, manifesto, mandas...”. **PASMA:** “isto, que se dirá, causa admiração”.

483-8: O CRIADOR DA AULA ... EXPÕEM AS VERAS: Anfiarau apresenta, aqui, três motivos para que os pássaros sejam mais adequados à exposição do fado divino, todos eles fundamentados na ação divina (*ad loc.*). Tanto Virgílio como Lucano, conforme aponta Elaine Fantham (2011, p. 615), já questionaram a origem dos presságios, servindo então de modelos para Estácio: Lucano se perguntando sobre a origem da inspiração no oráculo de Delfos (*Luc.* 5.86-95 *apud* 3.471-4n), e o mantuano especulando a inspiração das comunidades de abelhas (G. 4.149-52; 219-27): *nunc age, naturas apibus quas Iuppiter ipse / addidit, expediam, pro qua mercede canoros / Curetum sonitus crepitantiaque aera secutae / Dictaeo caeli regem pauere sub antro [...] his quidam signis atque haec exempla secuti / esse apibus partem diuinæ mentis et haustus / aetherios dixere; deum namque ire per omnes / terrasque tractusque maris caelumque profundum. / hinc pecudes, armenta, uiros, genus omne ferarum, / quemque sibi tenues nascentem arcessere uitas; / scilicet huc*

reddi deinde ac resoluta referri / omnia nec morti esse locum, sed uiua uolare / sideris in numerum atque alto succedere caelo (“Ora, o engenho exporei com que as abelhas / o sumo rei prendou, que, ao tom canoro / de adufes crepitantes dos Curetes, / sob a Dicteia lapa o alimentaram [...] Por isto e exemplos tais, alguns pensaram / ter a abelha porção do etéreo espírito; / que, Deus em terra e em mar e em céus difuso, / homens e armentos, quanto enfim respira, / dele ao nascer aura vital houveram, / nele se funde e se resolve tudo; / que nada morre, só varia a forma, / vivo cada princípio aos astros voa.” – trad. Odorico Mendes).

Fantham (2010, p. 616, n23) também compara a passagem com as visões e a reação de Cícero em seu *Sobre a divinação* (Div. 1.120; 2.80): *eademque efficit in auibus diuina mens, ut tum huc, tum illuc uolent alites, tum in hac, tum in illa parte se occultent, tum a dextra, tum a sinistra parte canant oscines* [...] *quae est igitur natura, quae uolucris huc et illuc passim uagantis efficiat ut significant aliquid et tum uetent agere, tum iubeant aut cantu aut uolatu? Cur autem aliis a laeua, aliis a dextra datum est auibus ut ratum auspicium facere possint?* (“e, nas aves, a mesma mente divina fez com que ora para cá, ora para lá voem as áleas, e ora nessa, ora naquela parte se ocultem, e ora do destro, ora do sinistro lado cantem as óscines [...] qual é, então, a natureza, que, aqui e acolá, em toda parte, dos alados vagantes, faz com que signifiquem alguma coisa e ora vetem o agir, ora ordenem ou pelo canto ou pelo voo? Por que, ainda, a algumas aves seja dado que a partir da esquerda e, a outras, que a partir da direita possam estabelecer um auspício determinado?”).

483. HONRA TAL: a de carregar as mensagens de Júpiter. **O CRIADOR DA AULA SÚPERA:** Elaine Fantham relaciona o referente do sintagma, um criador primeiro que agiu a partir do Caos (2011, p. 616, n. 25), a dois trechos de Ovídio que se referem à formação a partir do Caos: (Met. 1.21): *hanc deus et melior litem natura diremit* (“deus ou douta natura esta luta sanou” – trad. Raimundo Carvalho); e (Met. 1.75-81): *terra feras cepit, uolucres agitabilis aer. / sanctius his animal mentisque capacius altae / deerat adhuc et quod dominari in cetera posset: / natus homo est, siue hunc diuino semine fecit / ille opifex rerum, mundi melioris origo, / siue recens tellus seductaque nuper ab alto / aethere cognati retinebat semina caeli* (“às feras coube a terra, o ágil ar às aves. / Um animal mais nobre e mais inteligente, / que dominasse os outros, ainda faltava. / Nasceu o homem, ou fê-lo com sêmen divino / o autor de tudo, origem de um mundo melhor, / ou a terra recém-separada do alto / éter retinha o sêmen do céu, seu irmão” – trad. Raimundo Carvalho).

Para Lactânio (*ad loc.*), esse criador seria o “fundador superno do orbe”, responsável por

dar forma ao Caos – muito semelhante ao deus, ou à douda natureza, a que se refere Ovídio (*Met.* 1.21, *supra*). É também como referência a um deus primeiro, e inominado, que Amar-Lemaire (*ad loc.*) lê o sintagma. Barthius (*ad loc.*), por suas vez, prefere seguir antigos escólios os quais entendiam, aí, uma referência a Júpiter e aos céus, o seu súpero palácio. Contra Barthius, porém, impõe-se o fato de que, já em 3.488, Júpiter seja remetido como o **sumo autor de terra e deuses** (em latim, *summe sator terraeque deumque*), e não como **criador** (em latim, *conditor*). As duas palavras (*auctor* e *conditor*), embora possam ser superficialmente consideradas sinônimas, apresentam uma diferença significativa no que tange a seus traços semânticos: segundo o OLD, *auctor* – de *augeo*, “fazer crescer, aumentar; produzir; encher, carregar” – possui um traço de *autoridade* em seus principais usos: “2. uma pessoa com um título para tomar uma atitude ou uma decisão, uma autoridade; (*especialm.*) uma pessoa que tem poder para cumprir uma promessa. b. quem (ou aquele que) dá autoridade (para fazer algo, etc.); alguém que atesta ou garante a verdade de (uma declaração). c. um fiador [...] 3. [...] aquele que aprova, sanciona ou autoriza. b. quem sancionar ou autorizar as ações de outro em sua qualidade de tutor; uma testemunha de consentimento (para um casamento) [...] 4. uma pessoa que tem peso ou autoridade. b. um líder ou representante, porta-voz principal. c. um representante, agente. d. (*especialm.*) aquele que estabelece um precedente (para algo), um exemplo; um padrão ou modelo (de alguma virtude), um modelo.” Por sua vez, *conditor* – de *condo*, “pôr junto, reunir; construir, fundar; instituir, criar” – possui um traço de *originalidade*: “1. o construtor original, fundador (de uma cidade, um templo, etc.) [...] 2. o originador (de uma prática ou instituição, também de um produto); o criador (do mundo). b. (como título honorífico) aquele que sustenta ou preserva [...] 3. alguém que grava por escrito, autor [...] 4. um organizador” – grifo meu.

Se, então, em alguma medida, ambos os termos são sinônimos, também possuem traços distintivos que, nesse contexto, são bastante relevantes: o **autor** (*auctor*) **da terra e dos deuses** (3.488) é aquele que tem a autoridade sobre os homens e os celícolas, para além de ser aquele que os criou; o **criador** (*conditor*) **da aula súpera**, porém, é o seu construtor original, o seu originador. A partir do exposto, defende-se que a referência feita por Estácio não é a Júpiter, mas ao deus primevo, ou à douda natureza, que deram forma ao Caos primordial. Pese a isso, ainda, o fato de *conditor* ser utilizado, na *Tebaida*, somente três vezes (3.483; 5.712; 10.788), e nunca em referência a Júpiter, contra as dezoito vezes em que Estácio emprega *auctor*, sendo algumas delas justamente para referir-se a Jove (e.g., 1.224; 10.800).

484. TECENDO O EFUSO CAOS EM NOVOS GÉRMENS: eis a ação do **criador da aula súpera** (cf. 3.483n). Sentido: “organizando, em novas sementes, o caos disperso”. De acordo com Lesueur (*ad loc.*), aos **novos gérmens** (em latim, *noua semina*) correspondem os *σπερματιχοί λόγοι* (*spermatikhói lógoi*) dos estoicos. (AMAR-LEMAIRE) “*caos*: assim os antigos chamavam a rude e desordenada confusão de todas as coisas, na qual sempre acreditaram, a partir da qual, dispersa, um deus arranjou todas as coisas e as dispôs na ordem que lhes era devida, colocando cada elemento em seu lugar, aos homens dotando de suas qualidades próprias. *em novos gérmens*: isto é, em novas formas, ou coisas.”

485-6. OU DISTINTAS, COM CORPOS DE ORTO TAL OS NOSSOS / MUDADOS, AO CÉU SOBEM: se a primeira das possibilidades elencadas por Anfiarau envolve uma escolha do originador da aula súpera (cf. 3.483n), que deu às aves sua forma desde a sua origem (cf. 3.484n), esta, a segunda delas, aventa que as aves, **distintas** dos humanos, **ao céu sobem** porque os seus corpos, tal os nossos quando de sua origem (**de orto**), foram transformados. A característica original que embasa a primeira alternativa dá lugar, então, a uma característica adquirida por meio de um processo de metamorfose.

486-7. MAIS PURO O POLO, / LONGE O NEFAS, E O RARO QUE ANDEM SOBRE A TERRA: o terceiro dos motivos é construído não a partir de uma característica morfológica dos pássaros (cf. 3.483n; 3.484n; 3.485-6n), mas a partir do local onde vivem (**o polo** – *i.e.*, o céu) e de seu comportamento (**o raro que andem sobre a terra**). Aqui, o poeta questiona se os céus, por serem mais puros do que a terra uma vez que estão distantes dos nefas dos homens, são então mais dignos das palavras numinosas. O **raro que andem sobre a terra** é, na verdade, um complemento desse motivo: ainda que as aves andem também sobre a terra, o que poderia contaminá-las com o nefas humano, é pouco frequente esse andar, a ponto de não contaminá-las.

488-96. SUMO AUTOR DE TERRA ... FIRME OCULTA COM AS AVES: última parte da súplica de Anfiarau (cf. 3.460-98n), em que o vate anuncia o seu pedido a Júpiter – aquilo que pretende descobrir por meio do voo dos pássaros: **os primórdios** (3.489) e o **vindouro esforço** (3.490) da guerra contra Tebas (nomeada por ele como **guerra Argólida**).

488. SUMO AUTOR DE TERRA E DEUSES Júpiter. Sobre o passo, cf. 3.483n.

489-90. DA GUERRA ARGÓLIDA OS PRIMÓRDIOS / ... E O VINDOURO ESFORÇO: refere-se à guerra contra Tebas, ora dita **Argólida** porque se interessa o vate em saber os fados dos argivos – embora, os sabendo, saberá também os dos tebanos.

491. PARCAS: sobre as Parcas, cf. 1.111n.

492. COM LANÇA LÉRNEA: de Lerna – ou seja, de Argos. Cf. 1.359n. **AS PORTAS EQUIÔNIDAS:** é dizer “as portas de Tebas” – sobre Equíon e o uso do seu nome por Estácio, cf. 1.169n.

493-4. À SETRA TROA; ENTÃO, NOS ASTROS / SOEM EM LÍNGUA ARCANA OS BONS SILVOS DAS AVES: os sinais de concordância (com a condição apresentada em 3.492) propostos por Anfiarau: o primeiro (**à setra troa**) é presságio enviado diretamente por Júpiter, sem intermediários. O segundo, mensagem codificada na **língua arcana** dos pássaros. Como em Virgílio, quando, pedindo Anquises a Júpiter que confirme o prodígio que se passou com Iulo, diz o narrador que, para comprová-lo, Júpiter troveja à esquerda (A. 2.679-84; 689-94): *talía uociferans gemitu tectum omne replebat, / cum subitum dictuque oritur mirabile monstrum. / namque manus inter maestorumque ora parentum / ecce levis summo de uertice uisus Iuli / fundere lumen apex, tactuque innoxia mollis / lambere flamma comas et circum tempora pasci [...]* “Iuppiter omnipotens, precibus si flecteris ullis, / aspice nos, hoc tantum, et si pietate meremur, / da deinde auxilium, pater, atque haec omina firma.” / *Vix ea fatus erat senior, subitoque fragore / intonuit laeuum, et de caelo lapsa per umbras / stella facem ducens multa cum luce cucurrit* (“Quando estrugia o teto em ais desfeita, / ó prodígio estupendo! estando Iulo / de aflitos pais entre ésculos e abraços, / ígnea sutil auréola esplandente / lhe coroa a cabeça, e em mole tato / às fontes se apascenta e lambe as comas / a inócua flama [...] “Júpiter sumo, se te abrandam preces, / atende ao menos; se à piedade és grato, / auxilia-nos, padre, o agouro assela.” / Com súbito fragor, mal finda Anquises, / toa à esquerda, e nas sombras deslizando / pelo céu alva estrela acende a cauda” – trad. Odorico Mendes).

(LACTÂNCIO) “Isto é, com bom presságio, confirmes os auspícios, pois que é um ótimo sinal aos que predizem se troveja da parte esquerda do céu. Como Virgílio (A. 9.630-1): *caeli genitor de parte serena / intonuit laeuum* [“o genitor, da parte serena do céu, / troveja à esquerda”]. E tudo o poeta expõe como se fosse perito em fazer augúrios. Da destra parte, porém, é ser contrário; da esquerda, é bom. Virgílio (Ecl. 9.15): *ante sinistra caua monuisse ab ilice cornix* [“e se do cavo azinho, à sestra, avisa a gralha”].”

495-6. SE OPÕE-TE, ENTRAVES TECE AQUI E À DESTRA, AO DIA / FIRME OCULTA COM AS AVES: como os de concordância (cf. 3.493-4n), são dois os sinais de discordância que Anfiarau pede a Júpiter: caso o deus se oponha à intenção dos argivos, que teça **entraives** em Argos (**aqui**), obstando a partida dos exércitos, e **à destra** oculte o dia com os pássaros – ou seja, que encha com eles o céu claro. Embora Lactâncio (cf. *supra* 3.493-4n) alegue ser fixa a relação entre a parte do céu

em que os sinais se manifestam e o seu sentido – se negativo ou positivo –, a afirmação de Cícero em *Sobre a divinação* (*Div.* 2.80 – cf. 3.483-8n: *cur autem aliis a laeua, aliis a dextra datum est auibus ut ratum auspicium facere possint?* – “Por que, ainda, a algumas aves seja dado que a partir da esquerda e, a outras, que a partir da direita possam estabelecer um auspício determinado?”) parece relativizar a rigidez dessa correspondência. Sobre os aspectos do voo das aves observados na ornitomania, cf. Bouché-Leclercq, 1879a, p. 127-145.

497-8. JUNTA, IGNOTOS, VÁRIOS / NUMES: Estácio faz com que Anfiarau, ao final de sua súplica a Júpiter, convoque a seu favor, além do deus supremo, várias divindades desconhecidas. Amar-Lemaire (*ad loc.*) aventua a possibilidade de Estácio referir-se, aqui, aos deuses indígenes, as divindades indígenas romanas, e evoca um trecho da *Aquileida* (1.135-40) em que o poeta se refere a “ignotos deuses” durante uma fala de Tétis a Quíron: *hos abolere metus magici iubet ordine sacri / Carpathius uates puerumque sub axe peracto / secretis lustrare fretis, ubi litora summa / Oceani et genitor tepet inlabentibus astris / Pontus. ibi ignotis horrenda piacula diuis / donaue—sed longum cuncta enumerare uetorque* (“a obstar, com magos ritos, o medo me ordena / Carpátio vate e, ao jovem, sob o carro emérito / no arcano mar expiar, onde as extremas costas / do Oceano e, pai, se aquecem co' os astros cadentes / o Ponto. A ignotos deuses, lá, horrendos piáculos / e mimos – mas é longo arrolar, e me vetam”). É de se perceber, pois, que o contexto se repete na fala de Tétis: em ambos os casos, os deuses desconhecidos estão envolvidos em rituais sagrados. Frente ao exposto, então, o mais provável é que a leitura de Amar-Lemaire seja correta.

498. DO IMENSO UNIVERSO A CALIGEM: a névoa (**caligem**) do imenso universo é, pois, aquilo que não se mostra aos homens, e que ele poderia enxergar por meio do voo das aves.

499-551. DEPOIS QUE, REPARTIDO O CÉU ... O ÓDIO OUVIDO AOS DEUSES: segunda parte da ornitomania realizada por Anfiarau e Melampo, momento em que os vates contemplam o céu e interpretam os sinais observados: na primeira seção, Melampo admira-se dos sinais observados e interpela Anfiarau (3.499-515); na segunda, Anfiarau apresenta sua leitura para os eventos incríveis que se desenrolam diante de seus olhos (3.516-51).

499. REPARTIDO O CÉU CONFORME OS RITOS: (AMAR-LEMAIRE) “Os áugures costumavam dividir ou distribuir o céu em quatro partes principais, e as designavam com o lítuo (um bastão sem nós e adunco), e a elas davam estes nomes: para a primeira parte, à qual estavam direcionados, *anterior*; *posterior*, à de trás; e, então, *destra* e *sinistra*.”

501. O ADIVINHO AMITÁONIDE: Melampo, o filho de Amitáon, que acompanha Anfiarau nestas

divinações (cf. 3.453n; cf. Quadro 3, p. 442).

502. DO CÉU QUE ESPIRA ... SOB O EXCELSO EXTREMO: conforme apontam Lactâncio e Amar-Lemaire (*ad loc.*), refere-se Melampo à parte do céu de onde sopram os ventos. Lactâncio também conjectura que se pode tratar das estrelas – de onde elas surgem, então, uma vez que a observação dos pássaros foi feita durante o dia (cf. 3.468-9).

504. CINGINDO O POLO NUM MOVER-SE LÍQUIDO: é dizer “fluído”, “tranquilo” – sem que as asas se movimentem demasiado, portanto, ou que a direção mude constantemente.

505. PLANA, OU VOANDO MANSA APLAUDE ALGUM PRESSÁGIO: há discordância entre os editores quanto ao verbo (**aplaude**): Lactâncio, Amar-Lemaire, Mueller e Lesueur registram *planxerit*; Klotz e Bailey, *clanxerit*; Barthius e Hall, *plauserit*. A sonoridade do verso, em que a recorrência de /p/ parece emular o bater das asas dos pássaros (*pendeat aut fugiens placabile plauserit omen*), faz preferidas as leituras *planxerit* ou *plauserit*; este último, de *plaudo* (“bater um contra o outro; aplaudir”), parece mais adequado para referir-se ao bater de asas dos pássaros em comparação a *planxerit*, de *plango* (“bater em; bater no peito em sinal de lamento”). O próprio Estácio utiliza *plaudo* em outros momentos da *Tebaida*: 4.785 (*Curetas trepidos; illi certantia plaudunt / orgia* – “os Curetes inquietos, que em disputa aplaudem / sons órgios”) e 7.134 (*ter concussit equos, clipeum ter pectore plausit* – “tri-fere seus corcéis, tri-pulsa ao peito o clipeo”). Melampo pergunta, com isso, se Anfiarau acaso vê algum pássaro dando um presságio qualquer com o bater de suas asas.

506. DA TRÍPODE O ATRO IRMÃO: refere-se ao corvo, a ave de Apolo – por isso, então, **da trípode o atro irmão** (sobre a trípode, cf. 1.509n). Lactâncio (*ad loc.*) atribui o corvo como a ave de Apolo por causa da história de Corônis: após ter engravidado Corônis, relação da qual nasceria Esculápio – depois Asclépio, o deus da medicina (cf. 3.398n) –, Apolo designou a guarda de sua amada a um corvo. Corônis, porém, apaixonou-se por um mortal, com o qual traiu o deus. O corvo, decidido a avisar seu senhor, contou a história ao deus, que, tomado de raiva, fulminou Corônis com uma de suas flechas e, então, transformou em negras as néveas plumas do corvo. Ovídio (*Met.* 2.534ss) conta a história sobre a mudança de cores dos corvos.

506. DO RAI O ARAUTO ARDENTE: “o ardoroso mensageiro dos raios de Júpiter”: a águia, ave consagrada ao deus supremo.

507. DE ATENA A ÁLEA ADUNCA: a coruja, a ave de Atena. O adjetivo **adunca** pode referir-se tanto às suas garras quanto ao seu bico, curvado na porção terminal.

508-9. MAS ABUTRES COM ALTAS / RAPINAS: o abutre é considerado uma ave de mau agouro. Donde Lucano (*Luc.* 7.437-8): *uolturis ut primum laeue fundata uolatu / Romulus infami conpleuit moenia luco* (“quando, primeiro, em sestro voo de abutre erguidos, / no infame bosque, Rômulo aos muros concluiu”). As **altas / rapinas** referem-se às rapinagens celestes das aves – as realizadas no céu, portanto, durante o voo.

509. OS FALCÕES: outra das aves de rapina, mensageiras do infortúnio. Ovídio refere-se à caça das pombas por falcões (*Met.* 5.605-6): *ut fugere accipitrem penna trepidante columbae, / ut solet accipiter trepidas urguere columbas* (“como fogem do açor pombas de asas trépidas, / como persegue o açor as trepidantes pombas” – trad. Raimundo Carvalho). (BARTHIUS) “As aves rapaces trazem maus agouros, de modo que demonstram indícios de que os deuses querem dissuadi-los da guerra.” **NO EM CIMA:** “nas alturas” – ou seja, “nos céus”.

510. MONSTROS VOAM: em latim, *monstra uolant*. O substantivo *monstrum*, utilizado no plural por Estácio, possui uma ambiguidade relevante para o contexto, pois que tanto pode significar “monstro” como “prodígio” – ou, ainda, “coisa funesta, desgraça”. Assim o define o *OLD*: “1. uma coisa ou um evento sobrenatural considerado como um presságio, um portento, um prodígio, um sinal [...] 2. uma coisa, ou um evento, etc., terrível ou monstruoso [...] 3. uma monstruosidade, um monstro, uma criatura monstruosa ou horrível, monstruosidade, monstro [...] 4. uma pessoa de extrema perversidade, um monstro [...] 5. um ato monstruoso, um horror, uma atrocidade [...]”. Em português, essa ambiguidade é bastante velada, pois que o termo é empregado mais para referir-se a pessoas ou seres de caráter sobrenatural e disforme e/ou de extrema perversidade, do que a eventos ou coisas de aspecto funesto. Ainda assim, seu emprego nesta tradução, por destacar a ferocidade dos pássaros que voam aos olhos dos vates, compõem, junto com o contexto – a observação do voo dos pássaros com vistas à percepção da vontade dos deuses por eles manifestada –, uma imagem semelhante à do texto latino: se são ferozes os pássaros que ali voam, se são monstros, serão monstruosas e feroces as mensagens que transmitirão aos homens.

511. GEME NOTURNA ESTRIGE: as estriges, aves noturnas aparentadas às corujas e bubos (cf. 3.511-2n), são descritas por Ovídio (*Fast.* 6.131-40): *sunt auidae uolucres, non quae Phineia mensis / guttura fraudabant, sed genus inde trahunt: / grande caput, stantes oculi, rostra apta rapinis; / canities pennis, unguibus hamus inest; / nocte uolant puerosque petunt nutricis egentes, / et uitiant cunis corpora rapta suis; / carpere dicuntur lactentia uiscera rostris, / et plenum poto sanguine guttur habent. / est illis strigibus nomen; sed nominis huius / causa quod horrenda stridere nocte solent*

(“há ávidas aves – não aquelas que sujavam / a mesa de Fineu, mas de seu gênero: / olhos fixos, cabeça imensa, bico adunco, / plumagem cinza e, em vez de unhas, ganchos; / voam de noite, pegam crianças não cuidadas / e, tiradas dos berços, dilaceram-nas; / co' o bico arrancam dos lactentes as entranhas; / têm, do sangue bebido, a goela cheia. / Chamam-se *estriges*: é o motivo de seu nome / o horrível *estrídor* que à noite fazem” – trad. Márcio Meirelles).

Seu sangue, ou suas penas, costumam figurar entre os elementos que compõem os filtros amorosos na poesia erótica romana (*Prop.* 3.6.29; 4.5.17; *Hor. Epod.* 5.20). Em Sêneca, destacam-se dois momentos em que as estriges são referidas: em *Hércules Furioso*, diz-se que compõem a paisagem em torno do Cocito (cf. 1.90n), um dos rios dos Infernos (*Her. F.* 686-8): *palus inertis foeda Cocyti iacet; / hic uultur, illic luctifer bubo gemit / omenque triste resonat infaustae strigis* (“o imundo brejo jaz do inerte Cocito; / aqui o abutre e, ali, o lutuoso bubo gemem / e o triste presságio ressoa da infausta estrige”); em *Medeia*, diz-se que compõem um de seus feitiços (*Med.* 731-4): *Mortifera carpit gramina ac serpentium / saniem exprimit miscetque et obscenas aues / maestique cor bubonis et raucae strigis / exsecta uiuae uiscera* (“Mortíferas, toma as ervas e, das serpentes, / a sânie espreme e junta aves infaustas, / do triste bubo o coração e, de rouca estrige / viva, as vísceras arrancadas”).

511-2. CANTA O BUBO OS FÚNEBRES / DANOS: (LACTÂNCIO) “Quando Ceres descobriu que sua filha fora sequestrada por Dite, conseguiu, por meio de pedidos de Jove, que ela fosse devolvida, mas só se não tivesse provado nada nos infernos. Quando, então, ela por lá esteve para que a filha seguisse a mãe, Ascálafo, que estava nos infernos, disse a Prosérpina que provasse três grãos de um fruto escarlata do pomar de Dite. Indignada, Ceres transformou Ascálafo em um bubo [...] Virgílio (*A.* 4.462-3): *solaque culminibus ferali carmine bubo / saepe queri et longas in fletum ducere uoces* [“carpir das grimpas solitário bufo, / carne feral em flébil tom piando” – trad. Odorico Mendes].”

513. TIMBREU: Apolo – cf. 1.643n.

513-5. COM UNHAS CURVAS ... ROMPEM PEITOS PLÚMEOS: descreve Melampo a cena que ambos os vates veem nos céus: os monstros que por lá voam (3.510), rasgam os rostos das outras aves (3.514), perturbam os ventos (**Zéfiros**) com suas asas, as quais soam como fossem lamentos (3.514-5) e rompem, de outras aves, os peitos (3.515). Na sequência (3.516-51), é a partir das cenas descritas por Melampo, somadas a outras, que Anfiarau interpretará as mensagens divinas.

516-51. AUGÚRIOS, PAI, DO VÁRIO ... O ÓDIO OUVIDO AOS DEUSES: a resposta de Anfiarau é composta

pela interpretação dos prodígios vistos nos céus, a partir dos quais ambos os vates preveem funestos infortúnios não só para os exércitos argivos como também, especificamente, para cada um dos sete generais que os comandarão (cf. 3.539-47 *ad loc.*). São, pois, os sinais vistos neste momento que induzem Melampo e Anfiarau a trancarem-se em suas casas sem reportarem a Adrasto e aos outros os presságios observados (cf. 3.566-75 e comentários *ad loc.*).

516. PAI: diz a Melampo não porque é seu pai, mas por ser mais velho. **DO VÁRIO FEBO:** por conta da ambiguidade inerente aos oráculos de Apolo.

517-21. JÁ QUANDO, EM PRIMA ... CISMAS NÃO FOI MOPSO: Anfiarau se refere à expedição dos argonautas (cf. 2.281n; 3;352-3n). Não consta, seja na *Argonáutica* de Apolônio de Rodes, seja nos *Cantos Argonáuticos* de Valério Flaco, que Anfiarau figure entre os tripulantes do barco. Lesueur (*ad loc.*) chama a atenção para o fato de que, no quinto canto, Anfiarau não reconhecerá Hipsípíle, nem será mencionado durante o relato dos eventos ocorridos em Lemno, por onde passaram os argonautas (cf. 5.335-444 e comentários *ad loc.*). Colocar-se entre os companheiros de Jasão, então, soa estranho, embora o motivo seja óbvio: demonstrar que seus serviços como vate são reconhecidos e, no episódio dos argonautas, mais valorizados pelo chefe da Argo (cf. 3.518n) do que os prestados por Mopso – adivinho filho de Âmpix e Clóris. Embora não conste entre os heróis listados por esses poetas, Pseudo-Apolodoro (*Apollod.* 1.9.16-17) enumera Anfiarau como um dos argonautas.

518. O PINHO TESSÁLIO: a Argo, nau construída por Argo para que Jasão, seguido de cinquenta outros homens, fosse em busca do velocino de ouro (cf. 2.281n; 3;352-3n). **ENTRE OS REIS SEMIDEUSES:** são, costumeiramente, cinquenta os companheiros de Jasão, cujos nomes podem ser encontrados nos catálogos de Apolônio de Rodes (*A.R.* 1.23-228), Valério Flaco (*V. Fl.* 1.352ss), Higino (*Fab.* 14), Diodoro Sículo (*D.S.* 4.41) e o já citado Pseudo-Apolodoro (*Apollod.* 1.9.16-17).

520-1. DO QUE EU, DITO O PÓSTERO, / POR JASÃO MAIS OUVIDO EM CISMAS NÃO FOI MOPSO: sentido: “dito o porvir, Mopso não foi mais ouvido por Jasão durante as suas cismas do que eu”.

522. MAS, ANTES, MEDOS QUAIS NÃO OBSERVEI: embora alegue ter participado da viagem dos argonautas, Anfiarau diz não ter presenciado, em nenhuma outra oportunidade (**antes**), prodígios como os que agora se abrem diante de seus olhos.

523. TRAMAM, POIS, COISAS MAIORES: maiores, então, do que os episódios relacionados, por exemplo, à viagem dos argonautas em busca do velocino de ouro (cf. 3.517-21). Assim, Anfia-

rau desenha a guerra dos sete generais com traços ainda mais amplos, aumentando sua relevância.

524. NA CLARA PLAGA: na região sem nuvens, onde está aberto o céu.

526. OU BÓREAS DO ESTRIMÔNIO ARCTURO OS EXPULSOU: primeiro motivo imaginado por Anfiarau para que os cisnes (3.525) estivessem sobrevoando o Afesante: por terem sido expulsos pelo frio das terras ao norte – para o segundo, cf. 3.527n. **Bóreas** é o vento do norte (cf. 1.160n); sobre **Arcturo**, cf. 1.18n. Diz **Estrimônio** em referência ao Estrímon, um rio da Trácia – ao norte, portanto. Como em Virgílio (A. 10.264-6): *tela manu iaciunt, quales sub nubibus atris / Strymoniae dant signa grues atque aethera tranant / cum sonitu fugiuntque notos clamore secundo* (“dardos disparam aos centos, tal como entre nuvens espessas / groux do Estrimônio com grande algazarra, ao sinal do comando / o éter ruidosos repartem, fugindo de Noto violento” – trad. Carlos Alberto Nunes).

527. OU DO TRANQUILO NILO O FARTO OBSÉQUIO OS TROUXE: segundo motivo para a presença dos cisnes: o **farto obséquio** (a “farta gentileza” – em latim, *fecunda ... clementia*) do Nilo os induziu à migração. Se for esse o motivo, então, rumavam para o Egito em busca da abundância de alimentos proporcionada pelo Nilo.

532. DAS GUERREIRAS DO EXCELSO JOVE, ALTIVA ESQUADRA: refere-se às águias, as aves de Jove (cf. 3.506-7n) – por isso diz **altiva esquadra**.

533. REIS INÁCIOS: os reis argivos, que são sete como as aves (3.531): Adrasto, Polinices, Tideu, Anfiarau, Partenopeu, Capaneu e Hipomedonte. Sobre o uso de **Inácios**, cf. 1.619n.

534-5. COBREM DO NÍVEO GRUPO A RODA E, CURVOS, ABREM / A NOVA CEIFA OS BICOS, COM HIRTAS GARRAS INSTAM: descreve o embate entre os cisnes, que voavam em círculo sobre o Afesante (3.529 – **num giro**), e as águias, que tomam a frente para atacar: envolvem o círculo formado por aqueles e, com os bicos abertos, exibem as garras. Na imagem, então, conforme a interpretação de Anfiarau, os chefes argivos (3.533) se posicionam, ameaçadores, diante dos tebanos, envoltos em suas muralhas (cf. 3.3.528-30).

537. EM PLUMAS, ESCORRENDO O DIA: (LACTÂNCIO) “Porque as plumas arrancadas durante o encontro, mistas ao sangue, caem pelo ar. Como Virgílio (A. 11.724): *tunc cruor et uulsae labuntur ab aethere pennae* [“então, o cruor e as penas puxadas deslizam pelo céu”].”

537-8. ATROZ, QUAL IRA / DE JOVE SESTRO EMPURRA À MORTE AS VENCEDORAS?: a julgar pela afirmação de Anfiarau, o embate visto nos céus resultou na derrota dos cisnes, cujo sangue **inex-**

perto (por não serem aves experientes na caça de outros animais – 3.536) se espalhou com os ventos (3.536). Os pássaros vencedores, então, são as águias. O que o vate observa na sequência, porém, só se pode explicar por alguma **ira** selvagem de um Júpiter contrário ao resultado (**sestro**, portanto – 3.538): ainda que vitoriosas, as águias são levadas à morte. No trecho que se segue (3.539-47), Anfiarau verá o destino de cada um dos sete generais argivos – incluindo o seu próprio, portanto.

539-40. ESTA, O CIMO BUSCANDO, ARDEU EM FACHO SÚBITO / E O BRIO CALMOU: a primeira das mortes pressagiadas por Anfiarau é a de Capaneu (cf. 1.45n). No final do canto décimo (10.827-939), Capaneu, após lograr subir nos muros de Tebas com o intuito de incendiar a cidade, desafia os deuses, prepotente, e é fulminado por um raio de Júpiter (*Theb.* 10.840-4; 899-906; 921-39): *ardua mox toruo metitur culmina uisu, / innumerosque gradus gemina latus arbore clausos / aerium sibi portat iter, longeque timendus / multifidam quercum flagranti lumine uibrat; / arma rubent una clipeoque incenditur ignis. [...]* ‘nullane pro trepidis,’ clamabat, ‘numina Thebis / statis? ubi infandae segnes telluris alumni, / Bacchus et Alcides? piget instigare minores: / tu potius uenias (quis enim concurrere nobis / dignior?); en cineres Semelaeaque busta tenentur! / nunc age, nunc totis in me conitere flammis, / Iuppiter! an pauidas tonitru turbare puellas / fortior et soceri turres excindere Cadmi?’ [...] *coeperat Ogygiae supra fastigia turris / arcanum mugire polus caelumque tenebris / auferri: tenet ille tamen, quas non uidet, arces, / fulguraque attritis quotiens micuere procellis, / ‘his’ ait ‘in Thebas, his iam decet ignibus uti, / hinc renouare faces lassamque accendere quercum.’ / talia dicentem toto Ioue fulmen adactum / corripuit: primae fugere in nubila cristae, / et clipei niger umbo cadit, iamque omnia lucent / membra uiri. cedunt acies, et terror utrimque, / quo ruat, ardenti feriat quas corpore turmas. / [intra se stridere facem galeamque comasque / quaerit, et urentem thoraca repellere dextra / conatus ferri cinerem sub pectore tractat.] / stat tamen, extremumque in sidera uersus anhelat, / pectoraque inuisis obicit fumantia muris; / nec caderet, sed membra uirum terrena relinquunt, / exuiturque animus; paulum si tardius artus / cessissent, potuit fulmen sperare secundum* (“árduas, então, com turvo olhar, mede as muralhas: / degraus sem conta em fronde ocultos dos dois lados, / a trilha ao céu o leva e, à distância temível, / roble multífido com a luz das flamas vibra; / coram as armas, queima o clipeo com o fogo [...] ‘Nume nenhum’, clamava, ‘por Tebas tremente / vem? Onde as crias torpes desta terra infanda, / Baco e Alcides? Avilta os menores instar: / melhor que venhas tu, de concorrer conosco / mais digno; as cinzas tenho de Sêmele, e a tumba! / Ora, vem, ora, e em mim as flamas todas lança, / Júpiter! P’ra assombrar com o trovão moças tímidas / és melhor, e arruinar do sócio Cadmo as torres? [...] Começou sobre os cimos das torres Ogíguas / arcano troar o polo e o céu a se encobrir / com

a treva: ele retém, os quais não vê, os fortes / e, qual os lumes brilham com atrito das nuvens, / ‘estes’, diz, ‘estes fogos cabe que use em Tebas, / p’ra as tochas renovar e arder o lasso roble.’ / Falava e um raio, enviado por Jove em seu todo, / tolheu: primeiro a plúmea cristada às nuvens sobe, / do negro clípeo a bossa cai e, inteiros, luzem / do homem os membros. Cessam tropas, medo em ambas: / onde cairá, com o corpo ardente, que hostes fere. / Que, em si, a face, a gálea e os cabelos zumbem / sente e, em brasa, com a destra puxar a couraça / tentando, empurra as cinzas do ferro em seu peito. / Mas continua e o verso extremo aos céus anseia, / e o peito fúmeo impele contra o odiado muro; / não cai, mas deixam o homem seus membros terrenos, / e liberta-se a alma; um pouco mais seu corpo / durasse, e um outro raio esperar poderia”). Com **buscando o cimo**, então, refere-se o vate à escalada de Capaneu nos muros de Tebas; o **facho súbito** que acalmou seu **brio** diz respeito ao raio de Jove que fulminou seu corpo, interrompendo suas ofensas.

539. ARDEU COM FACHO SÚBITO: em latim, *subita face solis inarsit* (“com súbita chama do sol ardeu”). Em Bailey, ao contrário das outras edições consultadas (Lactâncio, Amar-Lemaire, Barthius, Klotz, Lesueur e Hall), foi imprimida, no passo, a variante *solus* em vez de *solis*. A tradução que acompanha o texto latino, porém, considera o termo como se fosse *solis* (“has all at once taken fire from the sun’s torch”), motivo pelo qual acreditou-se que *solus* trata-se, na verdade, de um erro de revisão – pelo que se escolheu, então, *solis*. Mueller (*ad loc.*), inclusive, aponta a semelhança com um trecho de Virgílio (A. 8.622-3): *qualis cum caerulea nubes / solis inardescit radiis* (“qual quando nuvem cerúlea / se acende com os raios do sol”).

540-1. ÀQUELA, QUE OS RASTROS BUSCOU / DE AVES GRANDES, RENDESTES, VÓS, AS TENRAS ASAS: sentido: “vós enfraqueceste as jovens asas daquela que seguiu os rastros de aves maiores”. Partenopeu (cf. 1.45n; 4.246ss). Atormentada por sonhos em que previra a morte de seu filho, jovem ainda – donde, pois, **tenras asas** –, Atalanta decide pedir a ajuda de Diana para o menino (9.602-36). Impotentes ante ao Fado, porém, como alertou Apolo (9.637-69), os deuses nada podem fazer para evitar sua morte. Contudo, condoída por seu protegido, Diana garante-lhe uma aristeia (9.670-682) – donde se diz ter buscado **o rastro ... / de aves grandes**, pois que, então, Hipomedonte, Anfiarau e Tideu já tiveram seus momentos de glória na luta. Como resultado da ajuda, Partenopeu está irrefreável em sua performance bélica, ao que Marte – é ao deus beligerante, a Júpiter e aos Fados que se dirige a fala de Anfiarau (**rendestes, vós**) –, a pedidos de Vênus, escolhe Drias para dar fim ao jovem atalântide (9.821-40). Da morte do menino, eis um trecho (9.841-58; 63-76): *at pater Ogygias Mauors circumspicit alas / horrendum-*

que Dryanta mouet, cui sanguinis auctor / turbidus Orion, comitesque odisse Dianae / (inde furit) patrium. hic turbatos arripit ense / Arcadas exarmatque ducem; cedit agmine longo / Cyllenes populus Tegeesque habitator opacae / Aepytiique duces Telphusiacaque phalanges. / ipsum autem et lassa fudit prosternere dextra, / nec seruat uires: etenim huc iam fessus et illuc / mutabat turmas; urgent praesagia mille / funeris, et nigrae praecedunt nubila mortis. / iamque miser raros comites uerumque uidebat / Dorcea, iam uires paulatim abscedere sensit, / sentit et exhaustas umero leuiore pharetras; / iam minus atque minus fert ira, puerque uidetur / et sibi, cum torua clipei metuendus obarsit / luce Dryas: tremor ora repens ac uiscera torsit / Arcados [...] arma tamen, frustra superos Triuiamque precatus, / molitur pallens et surdos expedit arcus. / iamque instat telis dextramque obliquus in ulnam / cornua contingit mucrone et pectora neruo, / cum ducis Aonii magno cita turbine cuspis / fertur in aduersum neruique obliqua sonori / uincla secat: pereunt ictus, manibusque remissis / uana supinato ceciderunt spicula cornu. / tunc miser et frenos turbatus et arma remisit, / uulneris impatiens umeri quod tegmine dextri / intrarat facilemque cutem; subit altera cuspis / cornipedisque fugam succiso poplite sistit. / tum cedit ipse Dryas (mirum!) nec uulneris umquam / conscius: olim auctor teli causaeque patebant (“O pai Mavórcio, então, espia as filas Ógiges / e agita o horrendo Drias: de seu sangue é autor / Órion sevo, e por sócios de Diana seu ódio, / donde a fúria, é paterno. A ferro, os pasmos Árcades / rompe e, ao chefe, desarma; caem, em longa série, / Cilênio povo e as gentes da sombria Tégea, / e os chefes de Épito e as falanges de Telfusa. / Mas o outro [Partenopeu] crê que, lassa, a destra ele [Drias] prosterna, / que as forças não mantêm: cansado, aqui e ali / muda as turmas; pressionam [a Partenopeu], pois, presságios mil, / funestos, da atra morte as sombras o antecedem. / Já, triste, a raros sócios via, e ao verdadeiro / Dorceu, e as forças já partindo aos poucos sente, / e findas sente, no ombro mais leve, as aljavas; / menos e menos ‘guenta as armas, lembra aos olhos / seus um piá, quando brilha, com a atra luz do clípeo, / Drias temível: treme a boca e as tripas viram / do Árcade [...] armas, rogando em vão aos súperos e à Trívia, / maneja, branco, e os arcos seus, mudos, prepara. / Já ergue a flecha e, firme em ambos os seus braços, / com a ponta aos cornos toca e, ao peito, com o cordão, / quando, do chefe Aônio, girando, a ágil lança / direto vem e, oblíqua, do cordão sonoro / corta os nós: morre o tiro e, das mãos suspendidas, / as flechas vãs, com o chifre reclinado, caem. / Triste e agitado, as rédeas e as armas relaxa, / com a chaga inquieto que à couraça do ombro destro / entrara, e à tenra pele; sobe uma outra flecha / e ao joelho do cornípede abre, e a fuga impede. / E o próprio Drias cai – dúvida! – de chaga alguma / cômescio: um dia, da lança, o autor e a causa surgem”).

542. ESTA, AO RIVAL PEGADA TOMBOU: a morte mais importante do poema é a que recebe menos

ênfase de Anfiarau, talvez por ser a mais certa: refere-se, aqui, a Polinices, que morre agarrado a seu irmão, também moribundo, Etéocles. Da luta entre ambos, eis o momento derradeiro (11.552-73): *sic pugnant miseri; restabat lassa nefando / uita duci summusque cruor, poterantque parumper / stare gradus; sed sponte ruit fraudemque supremam / in media iam morte parat. clamore Cithaeron / erigitur, fraterque ratus uicisse leuauit / ad caelum palmas: 'bene habet! non inrita uoui, / cerno graues oculos atque ora natantia leto. / huc aliquis propere sceptrum atque insigne comarum, / dum uidet.' haec dicens gressus admouit et arma, / ceu templis decus et patriae laturus ouanti, / arma etiam spoliare cupit; nondum ille peractis / manibus ultrices animam seruabat in iras. / utque superstantem prouumque in pectora sensit, / erigit occulte ferrum uitaeque labantis / reliquias tenues odio suppleuit, et ensem / iam laetus fati fraterno in corde reliquit. / ille autem: 'uiuisne an adhuc manet ira superstes, / perfide, nec sedes umquam meriture quietas? / huc mecum ad manes! illic quoque pacta reposcam, / si modo Agenorei stat Cnosia iudicis urna, / qua reges punire datur.' nec plura locutus / concidit et totis fratrem grauis obruit armis* ("pobres, pois, lutam; lassa, restava ao nefando / chefe a vida, e um cruor final, hábeis ao passo / manter por pouco; cai, porém, e a fraude extrema / em meio à morte apresta. Com o brado, o Citéron / se ergue, e o irmão, convencido da vitória, eleva / aos céus as mãos: 'bem feito! Em vão, eu não votei: / vejo olhos graves, lábios nadando na morte. / Ora, alguém, anda!, o cetro e, das comas, a insígnia, / pois que inda vê.' Falando, os passos move, e as armas, / qual honra ao templo e à pátria ovante então levasse, / e armas por prenda quer também; inda um não pleno / mane, a alma ele conserva por iras ultrizes. / Quando por cima e prono o sentiu em seu peito, / ergueu, à oculta, o ferro e, da vida escapando / tênues juntou com ódio os resíduos, e a espada, / feliz com a morte, ao peito fraterno empurrou. / O outro, então: 'Estás vivo, ou a ira subsiste, / traidor, das calmas sedes nunca um benemérito? / Aos manes, pois, comigo! Os pactos, lá, demandando, / se há a urna, do juiz Agenóríde, Cnóssia, / com a qual se julgam reis.' E sem que mais falasse, / cai e, ao mano, com o peso de suas armas, cobre").

542-3. A OUTRA, EM FUGA / VOLVEU LARGANDO OS FADOS DA ESQUADRA CONSÓCIA: Adrasto é quem ocupa o meio da lista de Anfiarau, sendo o único dos Sete que não morre durante a batalha. Já ao fim das lutas, atendendo a um pedido de Polinices (11.155-92) e por meio da intervenção da Fúria, Adrasto deixa as planícies tebanas e ruma em direção a Argos, **largando os fados da esquadra consócia**, portanto (11.193-204): *ibant in lacrimas, ueluti cum uere reuerso / Bistoniae tepuere niues, summittitur ingens / Haemus et angustos Rhodope descendit in amnes. / coeperat et leni senior mulcere furem / adloquio: scidit orsa nouo terrore cruenta / Eumenis, aliipedemque citum fataliaque arma / protinus, Inachii uultus expressa Pherecli, / obtulit ac fidas exclusit*

casside uoces. / ac super haec: 'abrumpe moras, celeremus! et illum / aduentare ferunt portis.' sic omnia uicit, / correptumque iniecit equo; uolat aequore aperto / pallidus instantemque deae circumspicit umbram (“Iam em pranto, qual, voltando a primavera, / se aquece a neve Bístone, ingente submete-se / o Hêmon, e desce o Ródope em angustos rios. / Rompe o ancião a acalmar o furioso com leve / palra: fende as palavras com horror outro a cruenta / Erínia e, o lesto alípede e as armas fatais, / logo, expressa nas formas do Inácio Ferécles, / entrega e, com o elmo, as vozes confidentes corta. / Sobre isso: ‘Cessa o atraso, apressemo-nos!, que ele / já se ache-ga aos portões.’ A tudo, assim, venceu, / e o retido ao corcel lançou; voa no aberto, / branco, e da deusa a sombra instante circunvê”).

544. PRESA AO NIMBO UMA FINDA: Hipomedonte (cf. 1.44n) morre durante uma cheia proposital do rio Ismeno (cf. 1.39n), que se avoluma para vingar o assassinato de seu neto Creneu (9.404-45). Diz, pois, **Presa ao nimbo** para evocar a ideia de tempestades, as quais sempre tornam mais caudalosos os rios – embora, naquela ocasião, o Ismeno tenha se volumado também por outros meios (9.446-54): *sponte furentibus undis / signa dedit: mittit gelidus montana Cithaeron / auxilia antiquasque niues et pabula brumae / ire iubet; frater tacitas Asopos eunti / conciliat uires et hiulcis flumina uenis / suggerit. ipse cauae scrutatur uiscera terrae / stagnaque torpentesque lacus pigrasque paludes / excutit, atque auidos tollens ad sidera uultus / umentes nebulas exhaurit et aera siccant* – “por si próprio, às fúrias ondas / deu sinal: frio, enviou o Citéron montuoso / auxílio, e as priscas neves, e do inverno os pábulos / que marchem manda; o irmão Asopo, fluindo, as tácitas / forças agrega e, veias abertas, torrentes / fornece. E ele, buscando à cava terra as vísceras, / águas, lagos ociosos e hesitantes pântanos / sacode e, os olhos ávidos erguendo aos astros, / bebe as nuvens, aquosas, aos céus esgotando”). Note-se que se tenha dito **Presa** (em latim, *glomeratus*), pois que Hipomedonte não morre afogado, mas perece dentro do rio por causa de ferimentos causados pelos inimigos que o atacaram a partir das margens, sem dar-lhe chances de escapar. Em certo momento, o leito do Ismeno se avoluma a tal ponto que Juno, ouvindo a prece de Hipomedonte (9.506-10 *infra*), pede a Júpiter que permita a seu protegido uma morte mais digna do que o afogamento (9.510-9). Atendendo ao pedido da esposa, o rei dos deuses faz com que o Ismeno diminua seu fluxo e, assim, Hipomedonte morre durante o ataque dos adversários (9.481-91; 504-10; 22-32): *atque illi sese deus obtulit ultro / turbidus imbre genas et nube natantis harenae, / nec saeuit dictis, trunca sed pectora quercu / ter quater oppositi, quantum ira deusque ualebat, / impulit adsurgens: tandem uestigia flexit / excussumque manu tegimen, conuersaque lente / terga refert. instant undae sequiturque labantem / amnis ouans; nec non saxis et grandine ferri / desuper infestant Tyrii geminoque*

repellunt / aggere. quid faciat bellis obsessus et undis? nec fuga iam misero, nec magnae copia mortis
 [...] *iamque umeros, iam colla ducis sinuosa uorago / circumit: hic demum uictus suprema fateri / ex-*
clamat: 'fluuione (pudet!), Mars inclute, merges / hanc animam, segnesque lacus et stagna subibo /
ceu pecoris custos, subiti torrentis iniquis / interceptus aquis? adeone occumbere ferro / non merui?'
 [...] *illius exangues umeri et perfossa patescunt / pectora: ceu uentis alte cum elata resedit / tempes-*
tas, surgunt scopuli quaesitae nautis / terra, et ab infestis descendunt aequora saxis. / quid ripas
tenuisse iuuat? premit undique nimbo / telorum Phoenissa cohors, nec tegmina membris / ulla, om-
nisque patet leto; tunc uulnera manant, / quique sub amne diu stupuit cruor, aere nudo / soluitur et
tenuis uenarum laxat hiatus, / incertique labant undarum e frigore gressus. / procumbit (“e o deus
 surgiu, por si, diante dele [Hipomedonte], / tenso, pluviosa a face e com arenosas nuvens; /
 com o dito não se zanga mas, com um roble, ao peito / três, quatro golpes dá com o quanto
 ira e deus valem, / e urge, crescendo: ao fim, o homem torna seus passos / e, ao longe impul-
 so o escudo, devagar tornando / as costas, volta. As ondas instam, fluindo segue / o ovante o
 rio. Com pedra e saraivas de ferro / de cima os Tírios vexam e o afastam das gêmeas / mar-
 gens. O que fará, por guerra obstado, e águas? / Nem fuga do infortúnio ou chance da alta
 glória. [...] E os ombros, já, do chefe, e o colo com ondeante vórtex / circunda: então, venci-
 do, os supremos admite, / e exclama: ‘Num rio, Marte ilustre, – ó pejo! – imerges / esta
 alma? Ir-me devo em lagos e águas lentas, / como, da grei, o guarda em brusco fluxo de ínyi-
 as / ondas tomado? Acaso, então, morrer de ferro / não mereço?’ [...] Saem os ombros exan-
 gues e o transposto peito: / qual quando, ao alto erguida pelos ventos, calma / a chuva e as
 pedras surgem, e a terra aguardada / pelos nautas, das nóxias rochas fluindo as águas. / Que
 ajuda as ripas davam? Preme, com um nimbo / de hastes, Fenícia coorte – os membros sem
 nenhum / escudo, se abre inteiro à morte; as chagas manam, / há muito sob o rio, o espesso
 cruor nos ares / se solve e as tênues fendas das veias expande. / Ele sucumbe...”).

544-5. DE AVE VIVA NUTRE-SE / OUTRA, MORRENDO: é dizer “uma outra águia, enquanto morre, se alimenta de uma ave viva”. Ao final do canto oitavo (8.716-27), Tideu é atingido fatalmente por Melanipo, a quem ele imediatamente fere de morte em resposta. Antes de morrer, porém, o herói demanda que lhe tragam a cabeça de Melanipo, e Tisífone, não satisfeita com que o herói apenas observasse a cabeça semimorta de seu inimigo, faz com que ele a coma (8.716-27; 736-41; 751-61): *ecce secat Zephyros ingentem fraxinus iram / fortunamque ferens; teli non eminet auctor: / Astacides Melanippus erat, nec prodidit ipse / et uellet latuisse manum, sed gaudia turmae / monstrabant trepidum; nam flexus in ilia Tydeus / summissum latus et clipei laxauerat orbem. / clamorem Aonii miscent gemitumque Pelasgi, / obiectantque manus indignantemque tuen-*

tur. / ille per oppositos longe rimatus amarum / Astaciden, totis animae se cogit in ictum / reliquiis
telumque iacit quod proximus Hoplaus / prae buerat: perit expressus conamine sanguis [...] 'Inachi-
dae: non ossa precor referantur ut Argos / Aetolumue larem; nec enim mihi cura supremi / funeris:
odi artus fragilemque hunc corporis usum, / desertorem animi. caput, o caput, o mihi si quis / appor-
tet, Melanippe, tuum! nam uolueris aruis, / fido equidem, nec me uirtus suprema fefellit [...] rigitur
Tydeus uultuque occurrit et amens / laetitiaque iraque, ut singultantia uidit / ora trahique oculos se-
sequae agnouit in illo, / imperat abscisum porgi, laeuaque receptum / spectat atrox hostile caput, glis-
citque tepentis / lumina torua uidens et adhuc dubitantia figi. / infelix contentus erat: plus exigit ul-
trix / Tisiphone; iamque inflexo Tritonia patre / uenerat et misero decus inmortale ferebat, / atque il-
lum effracti perfusum tabe cerebri / aspicit et uiuo scelerantem sanguine fauces ("Eis corta os Zéfi-
ros um dardo, a ira ingente / trazendo e a sorte; o autor da lança não se eleva: / foi Melani-
po, o Astácide, que não mostrou / e o queria esconder, mas os gáudios das turmas / trépido
o expunham; flexo, pois, Tideu, ao meio, / curvo p'ra o lado, o clipeo orbicular soltara. /
Mesclam brado os Aônios e, pranto os Pelasgos, / confiando a ele as mãos e, indignado, o
guardando. / Ele, ao longe entre opoentes buscando ao amargo / Astácide, juntou p1ra um
golpe os restos da alma, / todos, e a haste lançou, a qual Hopleu, ao lado, / estendeu: finda o
sangue, restrito com o esforço. [...] 'Não peço, Inácios, levem meus ossos p'ra Argos, / p'ra o
lar Etólio, ou zelos, pois, dos meus supremos / ritos: odeio os membros, do corpo o uso frágil
/ e o ir-se da alma. O crânio, o crânio, a mim, se alguém / trouxesse, ó Melanipo, teu! Pois no
agro volves, / creio e sei, nem me falha a suprema virtude...' [...] Ergue-se Tideu, volta-se à
cabeça e, insano, / com ira e gozo, vendo os suspirantes lábios / e os olhos, sevos, neles a si
reconhece; / manda que, incisa, a tragam e, à sestra a tomando, / observa, atroz, o crânio
hostil e exulta ao, mornos, / os torvos olhos ver, da rijeza inda incertos. / Contentou-se o in-
feliz: mais, vingadora, exige / Tisífone; a Tritônia, ao pai tendo inclinado, / viera, a glória
imortal ao mísero trazendo; / e em vurmo do rompido cérebro submerso / o vê e, em sangue
fresco, as fauces maculando").

545. O SANGUE TINGE A NUVEM CAVA: refere-se ao sangue espargido pela cena recém-descrita, envolvendo Melanipo e Tideu (cf. 3.544-5n).

546. POR QUE CHORAS? ... ADMIRÁVEL MELAMPO: Anfiarau revela que, àquela altura da observação, Melampo chorava, talvez por prever que aquela última água, **que cai** (cf. 3.546-7n), refere-se a Anfiarau, seu descendente.

546-7. AQUELA ... / QUE CAI EU SEI: enfim, Anfiarau se reconhece na última água que vê, que

está caindo. No final do canto sétimo, após sua aristeia (7.709-70), ele é engolido pela terra depois que ela se abre para a sua entrada (7.794-803; 816-23): *iamque recessurae paulatim horrescere terrae / summaque terga quati grauiorque efferuere puluis / coeperat; inferno mugit iam murmure campus. / bella putant trepidi bellique hunc esse fragorem / hortanturque gradus; alius tremor arma uirosque / mirantesque inclinat equos; iam frondea nutant / culmina, iam muri, ripisque Ismenos apertis / effugit; exciderunt irae, nutantia figunt / tela solo, dubiasque uagi nituntur in hastas / comminus inque uicem uiso pallore recedunt [...]* *ecce alte praeceps humus ore profundo / dissilit, inque uicem timuerunt sidera et umbrae. / illum ingens haurit specus et transire parentes / mergit equos; non arma manu, non frena remisit: / sicut erat, rectos defert in Tartara currus, / respexitque cadens caelum, campumque coire / ingemuit, donec leuior distantia rursus / miscuit arua tremor lucemque exclusit Auerno* (“Ora, a tremer, aos poucos se fendendo, as terras, / e a oscilar, sumo, o campo e, a ferver, grave, a poeira / começam; muge o campo com infernal murmúrio. / Guerra pensam, pasmados, da guerra esse estrondo: / e urgem os passos; outro abalo às armas e homens / dobra, e os corcéis atônitos. Frôn-deos, já pendem / cumes, muros, das margens vazadas o Ismeno / foge; as iras sumiram, de lance, ao chão, fixam / as armas, firmam-se nas dúbias hastes, vagos, / e face a face, um do outro visto o palor, partem [...] eis, em alto abismo, o chão qual boca profunda / se fende e, contra, temem os astros e as sombras. / A furna, ingente, o engole e, p’ra transpô-la prestes, / sorve os corcéis; das mãos, nem arma ou rédeas solta: / direto, como estava, desce o carro ao Tártaro, / e olha, caindo, o céu e ao campo, ao se encontrar, / geme, até que, mais leve, de novo, aos distantes / agros junta um tremor, e a luz exclui do Averno”).

549-51. TURBA A INVASÃO DO ÁLEO ... TER O ÓDIO OUVIDO AOS DEUSES: depois de visto o futuro dos argivos na batalha (3.548), Melampo e Anfiarau se sentem perturbados. Por isso, diz o narrador que os agitará: **a invasão do áleo / consílio** – ou seja, terem os vates se colocado diante das cenas observadas no céu; **a um céu vetante a elevação da mente** – ou seja, terem-se disposto a observar um **céu** que se opõe às intenções argivas; e **ter o ódio ouvido aos deuses** – ou seja, terem-se apercebido do ódio que os deuses sentem pelos seus, figurado na morte das aves.

551-65. DONDE, PELO GLOBO ... VOTOS SEM MODÉSTIA: os episódios envolvendo a ornitomancia e a revelação dos resultados aos chefes argivos são aqui separados por uma digressão sobre a natureza humana e sua ânsia pela descoberta do porvir. Inserido aqui, o excursus afasta o leitor da ação, suspendendo por um momento o fio narrativo da cena. Seu vínculo com os

acontecimentos presenciados por Anfiarau e Melampo é quase tangencial, uma vez que, embora mantenha-se o tema da divinação, o assunto é outro, pois que se detém mais na natureza humana do que nos métodos de profecia. É, pois, justamente sobre esse seu aspecto que recai a leitura que Vessey (1973, p. 156) faz do passo. Para o crítico, Estácio não está preocupado em legislar sobre a divinação, mas sobre o caráter do homem: “A divinação, sustenta Estácio, é um aspecto da miserável depravação da humanidade, pois que é empregada para fins maldosos. Ele não questiona sua eficácia ou realidade; ele unicamente acentua que ela é indesejável, uma vez que é um estímulo para ações criminosas”. Contudo, a leitura de Vessey, especialmente naquilo que parece desprezar de crítica à divinação em si, deve ser relativizada tendo-se em vista uma alusão importantíssima presente em 3.563, onde o poeta se refere ao **saber nefasto** (*scire nefas*), para os homens, em que se constitui a ciência do futuro (cf. 3.563n). Ainda assim, é forçoso que se diga, a digressão apresentada pelo poeta tem, mesmo, muito mais ênfase sobre a depravada natureza humana e sua relação direta com os usos nocivos da divinação, do que de crítica à divinação em si.

552-3. PELO FADO O NÓXIO / AMOR: ou seja, o prejudicial (**nóxio**) desejo de conhecer o futuro.

555. QUAL O PRIMO DIA E QUANDO O TÉRMINO: é dizer, “qual o dia do nascimento e qual o da morte”. Como defende Amar-Lemaire (*ad loc.*), porém, com **primo dia** Estácio, muito provavelmente, não quis referir-se à data do nascimento, mas às coordenadas astrológicas, pois que “[...] é vasto o interesse na disposição do céu sob a qual nascemos: por causa disso, alguns têm uma vida misérrima, e outros, felicíssima; alguns têm grandes perdas e, outros, glórias”. Como o contexto é, pois, o das adivinhações, esta é a leitura mais provável do trecho.

556. FÉRREA CLOTO: é dizer “a inabalável Cloto”. Das Moiras (1.111n), Cloto é aquela responsável por tecer o fio da vida – do grego *Κλωθώ* (*klōthō*), “a fiandeira”.

557-9. ENTÃO, FIBRAS, DE AVES ... E O NEFAS DA TESSÁLIA: o poeta enumera diferentes artes divinatorias praticadas na antiguidade: com **fibras**, designa as entranhas dos animais, cuja leitura era chamada de haruspicismo; com **de aves a fala na nuvens**, refere-se tanto ao voo como ao canto dos pássaros, interpretados na ornitomania; com **da lua a exata estrada** e o **alternar-se dos astros**, fala da astrologia, arte pela qual se analisa a posição e o percurso dos astros celestes; por fim, o **nefas da Tessália** refere-se à necromancia, ou seja, à consulta dos mortos por meio de magia (cf. 3.133-68n).

560. GENTE ORIUNDA DAS ROCHAS E ROBLES: como Homero (*Od.* 19.163): *οὐ γὰρ ἀπὸ δρυός ἐσσι παλαιφάτου οὐδ' ἀπὸ πέτρης* (“tu não das penhas, / não do robre nascestes fabuloso” – trad.

Odorico Mendes). A frase remonta ao Mito das Cinco Raças conforme apresentado por Hesíodo (Op. 106-201), em que o poeta fala sobre a terceira raça de homens – a conhecida idade de bronze –, que foi criada por Zeus (Op.143-9): Ζεὺς δὲ πατὴρ τρίτον ἄλλο γένος μερόπων ἀνθρώπων / χάλκειον ποίησ', οὐκ ἀργυρέῳ οὐδὲν ὁμοῖον, / ἐκ μελιᾶν, δεινόν τε καὶ ὄβριμον, οἷσιν Ἄρης / ἔργ' ἔμελε στονόεντα καὶ ὕβριες· οὐδέ τι σῖτον / ἥσθιον, ἀλλ' ἀδάμαντος ἔχον κρατερόφρονα θυμόν· / ἄπλαστοι· μεγάλη δὲ βίη καὶ χεῖρες ἄαπτοι / ἐξ ὤμων ἐπέφυκον ἐπὶ στιβαροῖσι μέλεσσιν (“E Zeus pai uma outra raça de humanos de fala articulada, a terceira, / de bronze fez, em nada igual à de prata, / mas nascida de freixos, terrível e vigorosa; / eles se ocupavam dos funestos trabalhos de Ares e de violências, e trigo não / comiam, mas tinham um coração impetuoso, de aço. / Eram toscos; grande força física e braços invencíveis / cresciam de seus ombros sobre um corpo robusto” – trad. Alessandro R. de Moura). Freixos, como rochas, são símbolos de antiguidade e força, de resistência; disso, provavelmente, veio a duplicidade levantada por Homero (*supra*, “penhas ... robre ...”) e Estácio (**rochas e robles**). Virgílio também alude ao mito (A. 8.315): *gensque uirum truncis et duro robore nata* (“tribo de homens de troncos nata e duro roble”).

561. TAIS SENSOS NÃO USOU: em latim, *mentibus his usae*. Há dissensões na crítica quanto ao trecho: Bailey imprime *artibus his usae*; Hall, *mentibus haec ausae*; Amar-Lemaire e Barthius, *mentibus hoc ausae*; e Mueller, Lesueur e Klotz, a quem ora seguiu-se, *mentibus his usae*. Para Bailey (2000, p. 465), *mentibus*, em referência aos métodos de divinação anteriormente citados, é uma palavra errada, sendo *artibus* a correta. Para Heather White (2007, p. 332), porém, a alteração feita por Bailey pode ser vista como desnecessária, pois que, com *mens*, conforme define Forcellini, Estácio parece referir-se a um “modo de sentir e de pensar” (*ratio sentiendi et cogitandi*) que não era utilizado pelos povos antigos – que não se constituía, portanto, como uma questão, uma preocupação sua. Por esse motivo, optou-se aqui pela tradução **sensos**, pelo que se refere à faculdade de julgar, pensar e sentir dos homens.

561-2. O AMOR: DOMAR COM A MÃO / SOLO E SELVA: o único desejo que os povos antigos (cf. 3.560n) sentiam, então, era o de sujeitar, por meio de seu trabalho (**com a mão**), o solo e as florestas, para que pudessem deles extrair seu sustento.

563. SABER NEFASTO AOS HOMENS: em latim, *scire nefas homini*. A construção remete centralmente ao verso de Horácio (Carm. 1.11.1: *tu ne quaesieris, scire nefas, quem mihi, quem tibi* – “tu não busques, saber nefasto, o que a mim, o que a ti”), em que a *persona* poética alerta uma taberneira para que não procure descobrir o futuro, uma vez que isso se trata de um saber nefas-

to. Mas remete também a textos de outros autores, como: Ovídio (*Fast.* 3.323-5), onde se refere a *persona* a um ritual vetado aos homens: *quid agant, quae carmina dicant, / quaque trahant superis sedibus arte Iouem / scire nefas homini* (“o que fazem, quais carmes dizem, / por que arte trazem da alta sede Jove: / saber nefasto ao homem”); Lucano (1.126-7), em que o narrador se refere a César e Pompeu Magno: *quis iustius induit arma / scire nefas* (“quem lutou na lei, sabê-lo é nefas” – trad. Brunno Vieira); e o próprio Estácio (4.514-6), quando Tirésias fala às deusas infernais durante um ritual de necromancia: *scimus enim et quidquid dici noscique timetis / et turbare Hecaten (ni te, Thymbraee, uererer) / es triplicis mundi summum, quem scire nefastum* (**Eu sei o que temeis que seja expresso ou noto / e agitar – nem a ti, Timbreu, temerei – Hécate / e o mor do mundo triplo, a quem saber é nefas**). É predominante, então, o contexto sacro e ritualístico, com exceção de Lucano. A maior semelhança, porém, é mesmo com o verso de Horácio, pois que, em ambos, a afirmação refere-se ao saber do futuro.

564-5. ENTÃO, FEBRE E IRAS, / ENTÃO CRIMES E EMBUSTES, VOTOS SEM MODÉSTIA: é por causa de consequências tais que, nessa digressão, o narrador assume uma postura, pode-se dizer, contrária às artes divinatórias: por causa da natureza degradada do homem (cf. 3.551-65n), a presciência torna-se uma arma para manifestações sombrias da alma mortal.

566-97. DE PRONTO, AO ROSTO ... AGUARDA, FENDIDA, O REGRESSO: a narrativa volta aos vates, centrando-se principalmente em Anfiarau, e descreve sua reação após a leitura feita sobre o Afesante. Recolhido em sua casa, com Melampo retirado nos campos, Anfiarau se recusa a revelar os prodígios vistos nos céus aos chefes argivos (3.566-75). Enquanto isso, porém, se aquece no peito dos homens o desejo pela guerra e as tropas começam a se preparar, depois do que se dirigem a Argos (3.575-97). É a quarta parte em que se divide o episódio da ornitomania, e precede a última cena, em que Capaneu enfrenta Anfiarau por causa do silêncio do profeta (3.598-677).

566-8. DE PRONTO, AO ROSTO ... VOLTA DO MONTE ODIOSO: o narrador detém-se sobre Anfiarau e começa por descrever-lhe a reação após ver o fim dos sete generais argivos (cf. 3.539-51 e comentários *ad loc.*). É interessante notar que sua primeira reação é desfazer-se de suas insígnias ritualísticas (as **fitas**, os **festões** e as **folhas** – sobre isso, cf. 2.96n; 2.98n; 2.100n), o que o torna um **ministro sem honras**. Pode-se comparar sua reação tanto à de Laio que, no canto segundo, após dar a Etéocles o recado enviado por Júpiter, se desvencilha dos ornamentos sacerdotais e, por isso, se mostra o avô do tirano (cf. 2.120-3 e comentários *ad loc.*), como à de Tideu, que, após deixar o passo tebano frustrado com a postura de Etéocles, arranca o

ramo de oliveira que o marcava como um mensageiro e retorna, guerreiro, para Argos (cf. 2.478-9 e comentários *ad loc.*). Ministro sem as suas honras, é como se Anfiarau também renunciasse à obrigação de contar aos chefes sobre os sinais observados.

566. DANADOS: ou seja, “condenados”. Diz por causa da natureza infausta dos sinais vislumbados no céu por meio do voo das aves.

568. DO MONTE ODIOSO: por terem sido infaustos os presságios nele observados, chama “odioso” ao Afesante (cf. 3.461n).

568-9. E A GUERRA JÁ, DE TROMPAS / NA MÃO, A AUSENTE TEBAS SOB SEU PEITO ESTRONDA: (AMAR-LEMAIRE) “Anfiarau, como era um vate, já sentia, no presente, as coisas que são futuras; ou, arruinado pelo terror, pensava consigo que Tebas já se preparava para a guerra.”

573. CURA E PUDOR, MELAMPO: mantém-se, então, no campo, longe da cidade, por dois motivos: o **pudor** por aquilo que, junto de Anfiarau, presenciou; e a **cura**, uma referência, aqui, às suas artes medicinais. (LACTÂNCIO) “Era, pois, áugure e médico.” (AMAR-LEMAIRE) “cura: a arte médica; pois Melampo também era médico.” Barthius (*ad loc.*), por sua vez, lê **cura** não como uma referência às artes médicas de Melampo, mas a uma preocupação que o impedia de regressar à cidade, tendo em vista os presságios observados.

575. DO TONANTE AS SUPREMAS / ORDENS FREMEM: de Júpiter. Fala das ordens dadas a Marte, para que o deus acendesse o desejo pela guerra junto aos homens (cf. 3.239-52n).

578. FESTOS: os homens, felizes com a guerra – deixando pra trás suas casas, as esposas e os filhos (**natos** – 3.579).

580. TAMANHO AOS TENSOS FOI O DEUS: tão grande Marte se colocou entre os homens, então, ou com tamanho ímpeto, que, felizes, eles deixavam suas casas com intenções de guerra (cf. 3.578n).

580-91. ARMAS DE PÁTRIOS ... BOI O CLÍPEO HÁ PEJO: como em Lucano (1.239-43): *rupta quies populi, stratisque excita iuuentus / deripuit sacris adfixa penatibus arma / quae pax longa dabat: nuda iam crate fluentis / inuadunt clipeos curuataque cuspide pila / et scabros nigrae morsu robiginis enses* (“quebrada a paz, a mocidade se levanta / e toma os armamentos postos junto aos Lares / que o armistício permitira: buscam gastos / escudos mal forrados, pilos já sem ponta, / e os gládios de ferrugem negra corroídos” – trad. Brunno Vieira).

581. OS CARROS FIXOS NOS SACRÁRIOS SÚPEROS: a descrição se assemelha à de quando a sombra de

Laio se assomou aos portões do palácio tebano e viu seus jugos pendurados nas colunas (**Quando às celsas colunas seus arreios presos** – 2.67). (AMAR-LEMAIRE) “Refere-se aos carros dos inimigos, aos quais era costume prender nos templos dos deuses, tal como as armas dos inimigos, erguidas, suspendiam das abóbadas [donde, então, **sacrários súperos**].”

583. POR DESCUIDO PRESOS: emperrados dentro de suas bainhas, em cujo couro o metal se prendeu pela falta de cuidados durante um longo tempo sem uso.

583-4. À ATROZ CHAGA / RESTAURAM: em latim, *in sauea recurant / uulnera*. Algumas edições antigas, como Amar-Lemaire e Barthius, trazem *recuruant* (“recurvam”) ao invés de *recurant* (“curar, medicar, restaurar”). Para Amar-Lemaire (*ad loc.*), a passagem indica que os gládios eram recurvados, como a cimitarras da Cítia. Barthius (*ad loc.*), apesar de manter a solução, questiona os motivos pelos quais os gládios precisariam ser recurvados, se, assim sendo, já eram, antes, curvados. Nesta tradução, a maioria das edições foi seguida, e se manteve *recuro*, pois que o trecho trata justamente da reparação das armas esquecidas.

586. COM ESCAMAS DE CÁLIBE: refere-se a um povo do Ponto, habitante de uma região conhecida pelas minas de ferro. É dizer, pois, “a escama de ferro” – espécie de malha tramada com o metal oriundo de Cálibe. A imagem está presente em vários outros autores, como Virgílio (A. 8.420-1): *striduntque cauernis / stricturae Chalybum* (“nos antros estrondam / dos Cálibes as massas”); e (G. 1.58): *at Chalybes nudi ferrum* (“e dos Cálibes nus o ferro”); Propércio (1.16.30): *sit licet et ferro durior et chalybe* (“seja, embora, mais duro que o ferro Cálibe”); e Lucano (4.223-4): *non chalybem gentes penitus fugiente metallo / eruerent* (“nem, no imo, em fugidia mina a gente ao Cálibe / extrai”).

587-8. GORTÍNIOS / CORNOS: ou seja, os arcos Gortínios, feitos de chifre. (AMAR-LEMAIRE) “Cre-tense, da cidade de Gortina na ilha de Creta, a qual é atravessada pelo rio Leneu, um local onde eram feitos ótimos arcos. Porque então eram os cretenses peritíssimos nas flechas.” (LACTÂNCIO) “Cretenses. Como em Lucano (6.214-5): *manu Gortynis harundo / tenditur in Scaeu-am* [“com a mão, a Gortínia cana / contra Ceva é tendida”].”

590. NEM DE ÀS SACRAS MADEIRAS CORTAR FORTES HASTES: (LACTÂNCIO) “Isto é: não os envergonhava que, dos sacros bosques, hastes fossem escolhidas para lança. Como Virgílio (A. 12.770): *sed stirpem Teucris nullo discrimine sacrum* (“sem descrime / a árvore santa os Frígios extirparam” – trad. Odorico Mendes).”

591. NEM DE FORRAR COM VELHO BOI O CLÍPEO HÁ PEJO: ou seja, também não se envergonham (cf.

3.590n) de forrar seus escudos com um couro já envelhecido.

592. GANHAM ARGOS, E ÀS PORTAS DO REI TRISTE: armados, os homens entram em Argos e se colocam diante das portas de Adrasto, **o rei triste**.

594. TAL DO TIRRENO SAL O PRANTO: é dizer “tal do Tirreno mar o pranto”. É o termo com que se compara o brado dos que chegam em Argos (3.593). (BARTHIUS) “Dito de maneira admirável. Porque, estando o som do mar bem próximo às suas orelhas, escuta-se um magno e vasto, um longo e profundo som, ao qual nada é mais apto de ser comparado do que tais gemidos.”

594-7. OU QUANDO INTENTA ... FENDIDA, O REGRESSO: a imagem, que evoca Encélado, um dos gigantes filhos da Terra e do Céu, precede a entrada de Capaneu na narrativa. Segundo Helen Lovatt (2005, p. 128-39), a figura de Capaneu é fundamental na recuperação da imagética da Gigantomaquia que Estácio realiza, trazendo elementos do famoso embate entre os gigantes e os olímpianos para caracterizar alguns de seus personagens – Hipomedonte e Capaneu –, especialmente no tocante ao desafio aos deuses e suas consequências fatais. Em se tratando de Capaneu, a afronta que faz aos deuses quando da tomada das muralhas de Tebas (cf. 10.899-906 – *supra* 3.539-40n) não é deixada impune, e ele cai fulminado por um raio de Zeus – tal como Virgílio diz que Encélado morreu (cf. 3.594-5n). Sempre acompanhado de descrições que ressaltam seu gigantismo (cf. 4.165-8; 4.173-7; 10.827-939 – *supra* 3.539-40n), sua primeira aparição no poema é antecedida por uma menção a Encélado e às consequências colossais de seus movimentos.

594-5. OU QUANDO INTENTA / MUDAR O LADO ENCÉLADO: durante a Gigantomaquia, Atena esmagou Encélado ao atirar, sobre ele, a Sicília (Apollod. 1.6.2). Estácio recupera, aqui, a descrição de Virgílio (A. 3.578-82): *fama est Enceladi semustum fulmine corpus / urgeri mole hac, ingentemque insuper Aetnam / impositam ruptis flammam expirare caminis, / et fessum quotiens mutet latus, intremere omnem / murmure Trinacriam et caelum subtexere fumo* (“De um raio chamuscado, é voz que pesa / sobre Encélado a mole do Etna ingente, / que das rotas fornalhas fogo expira; / e, se de um lado por cansaço muda, / do rebramar toda a Trinácia treme / tudo em fumo se enubla” – trad. Odorico Mendes).

595-6. O ÍGNEO, SOBRE A GRUTA, / MONTE TRONA: ou seja, “sobre a gruta, o ígneo monte trona”. Refere-se ao Etna, que retumba sobre a gruta em que laboram os Ciclopes (cf. 1.458n).

596-7. PELORO SUAS ONDAS / MODERA: promontório da Sicília, voltado para o mar Tirreno. Ou seja, o Peloro ameniza as ondas do Tirreno, agitadas pelo mover-se de Encélado (cf. 3.595n).

597. E A TERRA AGUARDA, FENDIDA, O REGRESSO: refere-se à Sicília, que, por causa dos tremores causados pelo mover-se de Encélado, acredita estar novamente se unindo ao continente.

598-677. E, NISSO, CAPANEU ... RUSGAS FINDOU DE AMBOS: o episódio da ornitomancia termina após uma longa discussão entre Capaneu, que, ameaçador, vai em busca de Anfiarau seguido pelas tropas argivas, e o vate, escondido em sua casa. Para Vessey (1973, p. 157), Capaneu age, nesse momento, como o verdadeiro instrumento do Fado que vai levar a cabo as ordens de Júpiter dadas a Marte (cf. 3.239-52n): é por seu ímpeto e seu furor que os argivos se incendiarão, de fato, para a guerra. Além disso (1973, p. 158), Capaneu também se apresenta como o exato oposto de Anfiarau, uma vez que se mostra violento e incontrolável, bem como arrogante perante aos deuses. Para o autor, o embate entre os dois é um confronto entre o estoicismo de Anfiarau e o epicurismo de Capaneu, que prega a irrelevância dos homens para os deuses, se é que estes existem (3.659-60). Para Pramit Chaudhuri (2014, p. 260; 266), as visões de mundo de Anfiarau e Capaneu também são extremas: “Há, então, algo escrupulosamente consistente sobre a visão de mundo de Anfiarau, assim como sobre a de Capaneu: cada um acredita em uma concepção extrema da vontade humana, seja em sua máxima independência com relação aos deuses, seja em sua máxima sujeição a eles” (2014, p. 266).

598-605. E, NISSO, CAPANEU ... ENTRE OS IRMÃOS ETNEUS: para Vessey (1973, p. 157), Estácio realiza, aqui, uma exposição magistral do personagem, destacando: seu amor pela guerra (o **amor Mavórcio** que o chama, 3.598-9) e seu peito irritado pela longa paz (3.599-600) – uma imagem como sendo a continuação da outra; sua impiedade para com os deuses, a quem ofende a **salvo** (3.602); sua impaciência com o igual (cf. 3.602-3n); a sua excessividade com relação à vida quando excitado pela ira (3.603); e sua semelhança com os Centauros e os Ciclopes (cf. 3.604n e 3.605n, respectivamente). Há, ainda, informações sobre sua origem nobre (3.600-1 *apud* 1.45n) e sua fama guerreira, donde diz que ultrapassou, com as próprias mãos, os feitos dos avós (3.601-2). A economia poética de Estácio, o seu dizer e revelar muito por meio de poucas imagens, é bem representada no passo. Para Vessey (1973, p. 157): “Seu [de Capaneu] amor primitivo e insaciável pela guerra não deixa tempo para a paz ou para os deuses. Ele é, de forma talentosa, vinculado a um Centauro por seu barbarismo, e a um Ciclope por sua força e impiedade (3.604-5)”.

599-600. A LONGA PAZ O EXASPERADO / PEITO INCHANDO: seja porque há muito tempo não lutava, seja porque os doze dias durante os quais esperava a resposta de Anfiarau pareciam-lhe mui-

to tempo por causa do seu amor pela guerra.

602. DOS DEUSES SALVO CONTEMPTOR: em latim, *diu tuto superum contemptor*. Estácio antecipa, aqui, o comportamento de Capaneu durante sua discussão com Anfiarau, mas também a injúria final do herói, a qual, porém, não passará a salvo de punição (cf. 3.539-40n): é um desprezador dos deuses. Sua relação com o Mezêncio Virgiliano – (A. 7.648): *contemptor diuum* (“desprezador dos deuses” – trad. Carlos Alberto Nunes) – é destacada por Pramit Chadhuri (2014, p. 260), embora, para o crítico, Mezêncio apenas se oponha aos pios troianos, enquanto Capaneu deseja combater os próprios deuses (cf. 10.899-906 – *supra* 3.539-40n).

602-3. INQUIETO / COM O IGUAL: em latim, *aequi impatiens*. A mesma construção é utilizada por Tácito (Ann. 6.25) em relação a Agripina: *sed Agrippina aequi impatiens, dominandi auida, uirilibus curis feminarum uitia exuerat* (“mas Agripina, impaciente com a equidade e ávida por dominar, com as preocupações viris os vícios das mulheres tinha despido”). O sentido com que Estácio a utiliza aqui, porém, soa um pouco diferente, uma vez que *aequis* parece referir-se mais à mesmice, à igualdade e à tranquilidade do que à justiça e à equidade: até o momento, ao menos, o poeta não se referiu a Capaneu como alguém injusto, e nem o fará na sequência. Seu amor pela guerra, porém, o motivo pelo qual seu peito se exaspera com a **longa paz** (cf. 3.599n) – ou seja, a sua impaciência com a ausência do conflito –, já foram ressaltados.

603. CASO O EXCITE A IRA, LARGO DE ALMA: (LACTÂNCIO) “Como Horácio (Carm. 1.12.37-8): *animaeque magnae / prodigum Paulum superante Poeno* [“a imensa alma / com que Paulo aos púnicos combatia” – trad. Guilherme Flores]. Porque, se estivesse irado, poderia abandonar a vida com extrema facilidade. Como em Virgílio (A. 9.205): *est hic, est animus lucis contemptor* [“há, aqui, há um peito que à luz desdenha”].”

604. COMO UM QUE HABITA AS SELVAS OPACAS DO FÓLOE: um monte da Arcádia, em cujas selvas, acreditava-se, habitavam os Centauros. A comparação com os Centauros é feita, de acordo com Vessey (cf. 3.598-605n), tendo-se em vista a sua brutalidade.

605. E COM IGUALDADE SURGE ENTRE OS IRMÃOS ETNEUS: refere-se, aqui, aos Ciclopes, habitantes do Etna. Para Vessey (cf. 3.598-605n), essa comparação se fundamenta nas semelhanças de força e impiedade.

606-7. ÀS PORTAS ... / ANFIARAU, TUAS: andam por Argos os homens exortados por Marte, e do palácio de Adrasto (3.592-3) dirige-se Capaneu à portas da casa de Anfiarau, onde o vate se escondera logo após a ornitomancia (3.566-75).

607-18. DONDE A IGNÁVIA TANTA ... O PODER / VOU TESTAR: a primeira fala de Capaneu diante da casa de Anfiarau é importantíssima como um desenvolvimento da caracterização feita por Estácio no início da cena (cf. 3.598-605n), com um foco especial sobre a impiedade do personagem. Suas primeiras declarações, que acabam por incitar as tropas que o circundam (3.618-9), estão fundamentadas em afirmações que visam a desqualificar a autoridade das profecias e dos profetas, questionando seja a identidade de Apolo (3.611-5) e a importância dos deuses durante a batalha (3.615-6), seja o valor de Anfiarau e de sua especialidade mântica (3.616-8). Para Pramit Chaudhuri (2014, p. 256-7), por exemplo, há aqui uma ampliação da impiedade do personagem em relação à presente em Ésquilo (*Th.* 427-9): θεοῦ τε γὰρ θέλοντος ἐκπέρσειν πόλιν / καὶ μὴ θέλοντός φησιν, οὐδὲ τὴν Διὸς / † ἔριν πέδοι σκήψασαν ἐμποδὼν σχεθεῖν (“Fala que vai saquear, querendo deus / ou não, a cidade, mesmo que a cólera / de Zeus se abata sobre ele” – trad. Marcus Mota), em que Capaneu demonstra não se importar com a vontade de Zeus, mas em momento algum enuncia claramente sua dúvida quanto aos poderes do deus supremo e de quaisquer outros numes. Ressaltar sua postura sarcástica ante aos numes e à divinação (3.611-5; 3.616-8) é, pois, uma forma de assinalar não somente sua impiedade ou uma teologia específica, mas principalmente de criar expectativas quanto à postura do herói e seu final, uma vez que o desdém aos deuses e às profecias se caracteriza como um *topos* da poesia épica.

607. IGNÁVIA: é assim, pois, que Capaneu classifica a atitude de Anfiarau, uma *ignauia*: é pela inação, entendida aqui como uma covardia, que o herói vai atacar duramente o vate. Vessey (1973, p. 158) ressalta traços de histeria na fala de Capaneu, pensando, ao certo, nos exauros que a caracterizam.

609. DE UM SÓ CIVIL – AH PEJO! – NOS PLEBEUS UMBRAIS: sentido: “nos plebeus umbrais de um único civil – que vergonha!”. Ressalta que são plebeus os umbrais em relação aos régios, onde é mais digno que estejam os guerreiros.

611-5. NEM QUE O PRÓPRIO ... MISTÉRIOS MOSTRA: o desdém com relação a Apolo (cf. 3.602n; 3.607-18n) é marcado pelo questionamento de sua identidade: quem quer que seja este a quem a Fama e os fracos (em latim, *timidis* – “covardes”) chamam de Apolo. Não só sua identidade, porém, é alvo de Capaneu, mas também seu oráculo, chamado pelo herói de **antro insano**. Além disso, quando questiona aqui a identidade daquele que exclama **encerrado no abismo** (3.613), ecoa, de certa forma, as possibilidades anteriormente elencadas quanto à origem da natureza ominosa dos pássaros (cf. 3.483-8n), especialmente em relação às divagações do

narrador lucaniano sobre a origem dos oráculos délficos (Luc. 5.86-95 *apud* 3.471-4n).

611. SOB CIMO CIRREU: é dizer “sob o cume da Cirra” – Delfos, ao pé do monte Parnaso, onde está o mais famoso oráculo de Apolo (cf. 1.118n).

613-5. EXCLAME NO ANTRO INSANO ... OS HORRENDOS / MISTÉRIOS: como em Virgílio (A. 6.98-100): *talibus ex adyto dictis Cumaea Sibylla / horrendas canit ambages antroque remugit, / obscuris uera inuoluens* (“com tais palavras, do ádito a Sibila de Cumas / cantou horrendos mistérios e, do antro, exclamou, / com trevas envolvendo as verdades”).

615-6. O FERRO E A VIRTUDE SÃO NUMES / QUE TRAGO: o espírito belicoso de Capaneu (cf. 3.598-600) se sobrepõe à sua crença nos e ao temor aos deuses. Como em Virgílio (A. 10.773-4, uma fala de Mezêncio – cf. 3.602n): *dextra mihi deus et telum, quod missile libro, / nunc adsint!* (“a destra, eis o meu deus, e o dardo, o qual eu vibro, / ora chegam!”); e Apolônio (A. R. 1.466-71, em que o guerreiro Ida se pronuncia): *ἴστω νῦν δόρυ θοῦρον, ὅτῳ περιώσιον ἄλλων / κῦδος ἐνὶ πολέμοισιν αἰέρομαι, οὐδέ μ' ὀφέλλει / Ζεὺς τόσον ὀσσάτιόν περ ἐμὸν δόρυ, μή νύ τι πῆμα / λοίγιον ἔσσεσθαι μηδ' ἀκράαντον ἄεθλον / Ἴδεω γ' ἐσπομένοιο, καὶ εἰ θεὸς ἀντιόψτο· / τοῖόν μ' Ἀρήνηθεν ἀοσητῆρα κομίζεις* (“Sabe por minha árdua lança, co’ a qual glória / excelsa obtive em lutas – nem Zeus me ampliou / como o fez esta lança – que nenhum sofrer / será fatal, nem incompleta qualquer prova / se Idas te segue, mesmo que se oponha um deus. / E é tal o companheiro que trazes de Arene” – trad. Vinicius Barth).

616-8. POIS QUE O VATE ... O PODER / VOU TESTAR: Prami Chaudhuri (2014, p. 264) aponta, especialmente a partir da forma verbal *experiar* (**vou testar**), a semelhança entre a postura de Capaneu e a de Licáon, em Ovídio, disposto a verificar a identidade divina de Júpiter (*Met.* 1.222-3): *experiar deus hic discrimine aperto / an sit mortalis: nec erit dubitabile uerum* (“vou testar, por distinto traço, se ele é deus, / ou se é mortal: será, sem dúvida, a verdade”). Novamente aqui, a personalidade de Capaneu é reforçada por sua postura ímpia.

619. A ACAIA TROPA: a tropa dos argivos, aglomerada em torno de Capaneu, formada pelas turbas de nobres e de vulgares (cf. 3.606).

619-20. AO FIM, PRORROMPE CONSTRANGIDO / O ECLIDA: refere-se a Anfiarau, filho de Ecleu (cf. Quadro 3, p. 442), que é coagido (**constrangido**) a deixar sua casa.

620-47. UM OUTRO AGITO DE ... FECHANDO A BOCA O VATE: a resposta de Anfiarau a Capaneu, como era de se esperar, é construída a partir de valores opostos aos do ímpio herói. Na primeira parte de sua réplica (3.620-4), o áugure revela o motivo pelo qual saiu de sua casa: perturba-

do por **um outro agito de angústia** (cf. 2.620n), e não por **brado infrene de ímpio jovem** ou por medo das coisas que lhe foram ditas (3.622). Na sequência, apresenta o motivo pelo qual não teme as ameaças feitas: seu dia final destina-se a outro fado, que não pertence às armas dos homens (3.623-4) – é dizer, pois, que não morrerá por mãos humanas. Ainda nesse trecho, Anfiarau atribui a Capaneu a insanidade que este atribuíra ao oráculo apolíneo (cf. 3.613): **embora o insano ameace** (3.622). Na sequência (3.625-8), destaca seu papel social e sagrado como vate, assegurando o cumprimento de sua missão como núncio dos deuses; nos últimos dois versos do passo, por fim, destaca novamente a insanidade de Capaneu ao chamá-lo **vesano** (3.627 – “louco, demente”), e também a sua impiedade, por ser o único para o qual Apolo se cala.

Anfiarau faz, então, uma série de perguntas retóricas (3.629-40) as quais, antecedendo a revelação dos presságios e já adiantando o seu aspecto sinistro – que também pode ser pressuposto ao dizer, de si próprio, **infausto** (3.627) –, acabam por ressaltar o quão absurda é a partida dos argivos para a guerra contra os tebanos. Dentre as questões feitas, destaca-se a que atribui aos golpes das Fúrias a ânsia de partir para a batalha (3.630-1), uma vez que Megera será elencada dentro os augúrios observados (3.641). Em apenas três versos (3.640-2), Anfiarau resume os sinais dados pelas aves: uma **enorme queda** (cf. 3.640n), **de homens e deuses [...] o horror** (cf. 3.641n), **Megera alegre** (cf. 3.641n) e Láquesis **haurindo gerações com roca podre** (cf. 3.642n). Após expô-los, procede o vate a uma tentativa de demover as tropas da ideia de marchar rumo a Tebas (3.643-5), seguida pelo reconhecimento da inviolabilidade da sorte (3.646-7). Em vinte e oito versos, Anfiarau revela os motivos de seus doze dias de silêncio – o tumulto de preocupações que o agitava (3.620); e, embora reconheça a inflexibilidade dos fados, a situação em que faz a declaração não é propícia para desencorajar a turba que se inflama para a batalha: encurralado em sua própria casa por uma multidão em polvorosa e desmoralizado por um guerreiro abertamente ímpio, dificilmente Anfiarau poderia convencer alguém do contrário.

620. UM OUTRO AGITO DE ANGÚSTIA ME TURBA: é dizer-se agitado por outras angústias, que não provocadas pela atual situação; refere-se aos presságios interpretados durante a ornitoscopia, os quais previram a morte de seis dos sete generais argivos, bem como o retorno, derrotado, de Adrasto (cf. 3.499-551 e comentários *ad loc.*).

621. POR BRADO INFRENE DE ÍMPIO JOVEM: refere-se às duras palavras que Capaneu dirigiu a ele e aos deuses, em especial a Apolo – cf. 3.607-18 e comentários *ad loc.*).

622. EMBORA O INSANO AMEACE: refere-se a Capaneu.

623-4. A OUTRO FADO DESTINA-SE / MEU DIA EXTREMO, ÀS ARMAS DOS HOMENS VEDADO: Anfiarau viu seu próprio destino durante a ornitomancia: descera ao mundo dos mortos por uma fenda que se abrirá na terra, inviolado por mãos humanas – sobre sua morte, cf. 3.546-7n.

627. INFAUSTO EU MOSTRO: com **infausto**, Anfiarau refere-se a si mesmo: seja por ter visto a queda dos chefes argivos em Tebas, seja por ser obrigado, por Febo e pelo amor a seus concidadãos (cf. 3.625-6), a revelar-lhes um destino funesto.

627-8. É NEFAS TE AVISAR PRIMEIRO, / VESANO; A TI, SOMENTE, O NOSSO APOLO OMITE-SE dirige-se Anfiarau diretamente a Capaneu. Deixa claro, porém, que falará a todos (**a vós** – 3.626), e não a Capaneu – seria, pois, um **nefas** falar-lhe primeiro. Diz, ainda, que Apolo se omite em relação ao herói, mas, se pretende dizer que o deus nada revelou sobre ele, mente, pois que a ave fulminada por um raio vaticinava a morte do **contemptor** dos deuses (3.602) – sobre sua morte, cf. 3.539-40. Pode dizer, porém, e é mais provável que assim seja, que o deus não se preocupa com Capaneu (em latim, diz *tacet*, que se traduz literalmente por “calar-se”), sendo mais importante, então, que os presságios sejam apresentados aos outros, e não a ele.

632. FUGIS DE AGOUROS?: isto é, acaso algum agouro infausto faz com que vocês fujam de casa, ainda que para uma batalha fadada ao fracasso?

633. SECRETOS CUMES: trata por **secretos** o lugar em que se postaram, ele e Melampo, para observar os pássaros. **DO MONTE PERSEIDE:** o Afesante – sobre a referência a Perseu, cf. 3.461n.

634. COM ANDAR DÚBIO: ou seja, “hesitante”, pois que os presságios já haviam sido desfavoráveis durante o haruspicismo que precedeu a ornitomancia (cf. 3.456-8n). **IRROMPER O DIVINO CONSELHO:** isto é, “tomar parte no consílio dos deuses” – pois que, por meio dos pássaros, foram informados da decisão divina.

635-7. NÃO SABER PODIA O FIM ... QUAIS AS GÊNESES, / E AS MINHAS: sentido: “Eu poderia ficar sem saber qual o destino das tropas, qual o dia final, qual a gênese do fado de cada um e qual a do meu, mas vós me instastes aos secretos cumes do monte Perseide”.

637. DO SONDADO MUNDO VEJO ENIGMAS: é dizer, com isso, que testemunhou os mistérios do mundo que foi consultado – o céu, onde as aves mostraram-lhe os segredos dos destinos dos chefes argivos.

638. TIMBREU: Apolo – sobre o uso do gentílico, cf. 1.643n.

638-40. E A UM ROGO / MEU ... PÓSTERO / QUE EU SUPORTEI: nunca, então, a um pedido (**um rogo**) feito por Anfiarau, foram tão selvagens os **sinais do póstero** que surgiram em resposta.

640. DE ENORME QUEDA VI PRESSÁGIOS: refere-se, aqui, aos destinos dos sete generais argivos em relação à invasão de Tebas (cf. 3.539-47 e comentários *ad loc.*).

641. DE HOMENS E DEUSES VI O HORROR: em latim, *uidi hominum diuumque metus*. De acordo com Barthius (*ad loc.*), coisas “que nem os homens, nem os deuses deveriam cometer: crueldade extraordinária, fratricídio, consumo de carne humana, obrigações funerárias vetadas, etc.”. Barthius, como Amar-Lemaire, leem no passo *nefas* em vez de *metus*, como o fazem os outros editores consultados (Lactâncio, Mueller, Klotz, Lesueur, Bailey e Hall). Não há motivos, porém, conforme se crê, para que Anfiarau, de postura sempre submissa aos deuses, qualifique como nefas os atos conduzidos ou permitidos por eles. A imagem do horror, por sua vez, parece mais condizente com o passo. **MEGERA ALEGRE:** embora seja Tisífone a Fúria que age diretamente na *Tebaida* (cf. 1.59n), Anfiarau relata, aqui, sua relação com os presságios por ele sondados: alegra-se a Fúria ao saber do nefasto futuro das tropas. (BARTHIUS) “Os nossos escoliastas notaram corretamente que Anfiarau viu mais do que o poeta anteriormente descreveu. Nada destes presságios é anteriormente mencionado.”

642. HAURINDO GERAÇÕES COM ROCA PODRE, LÁQUESIS: Láquesis é a Moira (cf. 1.111n) responsável por cortar o fio da vida (cf. 2.249n). Por isso, diz que haure (“esvazia, esgota”) gerações com uma **roca podre** – visto que, nela, consomem-se os fios das vidas dos guerreiros.

643-4. EIS, O DEUS OBSTA AOS FURENTES, / EIS, O DEUS!: a anáfora de “deus”, um expediente do qual o poeta já lançou mão (cf. 3.348-64n), revela aqui a excitação de Anfiarau, causada pela ânsia em fazer os argivos desistirem da guerra. O apelo ao respeito pelos deuses e ao favorecimento do inimigo (cf. 3.644-5) são os últimos argumentos do quais se utiliza em sua réplica a Capaneu.

644-5. DE VENCIDO SANGUE É BELO, Ó MÍSEROS, / A AÔNIA E DO ATROZ CADMO ASSIM FARTAR POUSIOS?: sentido: “por que fartar de sangue vencido, ó míseros, a Aônia e os pousios do atroz Cadmo?”. Em seu último argumento, Anfiarau apela para aquele que entende como o último motivo pelo qual, a despeito dos presságios, os argivos marchariam para Tebas: satisfazer com seu sangue a Aônia e os campos de Cadmo, terras que repousam sem sementeira – sobre as quais, encharcada com o sangue dos Espartos, ergueu-se Tebas. **AÔNIA:** Beócia (cf. 1.33n).

647. VAMOS: Anfiarau desiste de sua empreitada, fadada ao fracasso desde o início, pois que

contrária aos fados, e assume o seu fim: mesmo sabendo que vai morrer durante a incursão, não se furta a cumprir seu destino. Ao contrário de Capaneu e dos outros argivos, os quais agem a despeito dos deuses, é como se Anfiarau agisse em respeito a eles, aceitando a sua condição submissa. Confronte-se a isso, porém, 4.187-213n.

648-69. E OUTRA VEZ CAPANEU ... A SE ENRAIVAR NA TROPA: a tréplica de Capaneu fundamenta-se em novos questionamentos quanto a sanidade dos vates e especificamente de Anfiarau (3.651-5; 3.660-6), em ameaças e em maldições (3.3.648-51; 3.655-7). Há, contudo, dois momentos que merecem destaque: no primeiro (3.657-9), Capaneu contesta tanto o envolvimento dos deuses nas ações humanas, como também a eficácia dos métodos de divinação na comunicação com os divinos: **Pobres súperos, se há zelo aos cantos / e humanas preces.** É a partir desse trecho que críticos como Vessey (1973, p. 158) vão buscar, no jovem e ímpio herói, uma teologia de base epicurista. Lactâncio (*ad loc.*), por exemplo, compara a passagem a um trecho de Lucrécio, em que o poeta fala sobre a natureza divina e a sua relação com os mortais e as questões humanas (*Lucr.* 2.646-8; 651): *omnis enim per se diuom natura necessest / inmortalis aeuo summa cum pace fruatur / semota ab nostris rebus seiunctaque longe [...] nec bene promeritis capitur neque tangitur ira* (“pois toda a natureza divina, por si, necessariamente / frui a idade imortal com suma paz / afastada de nossas questões e separada por muito [...] nem bem é, pelos méritos tocada, nem tangida pela ira”).

No segundo trecho a ser destacado, ao final de sua fala (3.668-9) Capaneu assume para si a influência sobre as tropas no campo de batalha, colocando-se acima dos áugures e, indiretamente, dos deuses: **por lá, sou eu o haríolo, e meus todos os prestes / a se enraivar na tropa.** Elaine Fantham (2011, p. 620) resume a postura de Capaneu a partir deste passo: “Capaneu não tem novos argumentos, exceto blasfemar contra o fado, colocando a força de vontade humana no lugar da divina: na batalha, ele será o profeta (*illic augur ego*) que garante a vitória”. É, pois, novamente a impiedade e a blasfêmia que dominam a fala de Capaneu.

648. TUA FÚRIA: a insanidade volta a ser tema das acusações entre os personagens (cf. 3.612-5n; 3.620-47n). Aqui, Capaneu se utiliza do comum estado de transe em que os áugures entram no momento de suas predições para acusar Anfiarau de loucura.

649. SOMENTE A TI: se Anfiarau havia isolado Capaneu ao dizer que, somente com relação a ele, Apolo se calava (cf. 3.628), ora é Capaneu quem isola Anfiarau e seus augúrios, dizendo-lhe que prediga o mal anteriormente revelado somente a ele próprio. **OS ANOS GUARDE VÁCUOS:** vazios, sem qualquer honra ou acontecimento digno de nota. É dizer “inúteis”, um voto de

vida vazia.

650-1. QUE EM TORNO ÀS TUAS FRONTES JAMAIS O TIRRENO / CANTO VÁ: deseja que Anfiarau se abstenha da guerra, pois que o **Tirreno canto** refere-se ao som das trompas, instrumentos que anunciam o começo da batalha e que, de acordo com Amar-Lemaire (*ad loc.*), foram inventadas, as de bronze, pelos tirrenos – é dizer “etruscos”.

652-5. POR CERTO, P’RA QUE AS ... ARMAS / DO PACTO ROTO?: o motivo aventado por Capaneu para que Anfiarau dê apenas os presságios funestos da guerra recupera a primeira das questões por ele enumeradas em sua fala anterior, a **ignávia** (cf. 3.607n): para continuar fruindo suas aves, seus filhos, sua casa e seu ócio, tenta dissuadir as tropas da vingança das injúrias sofridas por Tideu e da injustiça cometida contra Polinices.

654-5. O PEITO TRANSPASSADO E AS ARMAS / DO PACTO ROTO: refere-se às injúrias sofridas por Tideu durante sua viagem para Tebas (**o peito transpassado**), bem como à emboscada por ele sofrida, que rompeu o pacto de sacralidade com relação aos mensageiros (**as armas / do pacto roto**), e ao próprio pacto firmado com Polinices sobre a alternância do cetro tebano, também rompido.

655-7. AOS GRAIOS, SE AS FERÖZES ... PAZ TEUS FESTÖES: para **Graios**, que se refere aos argivos, cf. 3.339n; para **Sídones** (var. “sidônios”), que se refere aos tebanos, cf. 1.5n. A proposta sarcástica de Capaneu envolve a emboscada preparada por Etéocles para Tideu quando este, enviado como núncio para Tebas, de lá voltava com a negativa do pedido feito em nome de Polinices (cf. 2.482-743 e comentários *ad loc.*). Sentido: “se aos argivos tu negas a guerra, vá então, como um mensageiro, para Tebas, pois que certamente os teus adornos de vate te manterão a salvo”.

661-9: NO ORBE, PRIMEIRO O MEDO ... A SE ENRAIVAR NA TROPA: mais do que contestar a importância dos áugures durante a batalha, Capaneu a desautoriza por completo: projetando a situação em que ambos se encontrem no campo de batalha (**mas, quando ... armas eu ansiar**), o herói adverte o profeta para que ele não se coloque em seu caminho nem revele, da guerra, a data (**não tomes ... a data dê**), pois que, lá, ele próprio é o áugure, e aqueles prestes a se enfurecerem em meio aos batalhões estão com ele (**por lá sou ... se enraivar na tropa**): é uma substituição do poder divino e da influência do profeta (**longes de ti ... a insânia fiquem**) pela crença nos poderes do homem – cf., sobre isso, 3.648-69n.

661. SALVO: isto é, antes da guerra.

662. A PRIMOS TOQUES: durante os primeiros toques da trompa anunciando a iminência do combate.

663. O HOSTIL ISMENO E DIRCE COM AS GÁLEAS BEBERMOS: a imagem pressupõe a chegada a Tebas, por onde corre o Ismeno (cf. 1.39n) e jorra Dirce (cf. 1.38n). O ato de beber-lhes as águas com a gálea indica o motivo bélico da marcha, pois que se trata de componente básico da armadura de um guerreiro.

665. COM ÁLEA VISTA E VEIAS: ou seja, por meio da ornitomancia e do haruspicismo, respectivamente (cf. 2.349n; 2.523n; 3.456-8n).

666-7. LONGE DE TI QUE AS ÍNFULAS / TÃO MOLES E DO HORRÍVEL FEBO A INSÂNIA FIQUEM: no momento do combate (3.661), então, que distantes de ti se mantenham os adornos (**as ínfulas tão moles**) e os costumes dos vates (**do horrível Febo a insânia**). Como se dissesse que, no momento da batalha, de pouco adiantam os poderes do profeta. Espera, então, que Anfiarau aja como guerreiro, e não como discípulo de Apolo.

667. DO HORRÍVEL FEBO A INSÂNIA: a insânia profética de Apolo volta a ser tema das críticas de Capaneu (cf. 3.612-5n).

668. HARÍOLO: “áugure, adivinho” – cf. 3.648-69n. **MEUS;** para indicar que são submissos a ele.

669-77. TROA INGENTE O ESTRONDO ... RUSGAS FINDOU DE AMBOS: depois de referir-se à agitação que as palavras de Capaneu causaram nas tropas (3.669-70), o narrador descreve o anoitecer e o consequente arrefecimento dos ânimos por meio de um símile (cf. 3.671-7n).

671-7. TAL LESTO FLUME ... FINDOU DE AMBOS: símile de rio. Logo após Anfiarau aceitar seu fado, desistindo da tentativa de demover os argivos da guerra (cf. 3.647n), e de as tropas agitarem-se com as palavras de Capaneu (cf. 3.669-70), Estácio introduz uma imagem que representa a fúria e o ímpeto de um exército determinado à guerra. McNelis (2006, p. 79) e Vessey (1973, p. 158-9), ambos com base em Snijder (1968), destacam a relevância que os símiles de rio possuem em contextos bélicos, encenando exatamente o ímpeto e a violência, mas também, como é o caso em Estácio, a inevitabilidade da guerra e a superação de obstáculos necessária para o seu início. Nessa leitura, a turba que fremente (3.669-70) assemelha-se ao **lesto flume**, que corre impelido e avolumado por **sopros / vernais** e pelos **montes ... despidos** da neve (3.671-2). Estes, por sua vez, semelham Capaneu e sua invectiva contra Anfiarau: como o vento e a neve derretida aumentam, do rio, a violência, as fortes palavras do herói exortam os homens à guerra. Correndo, o rio só se detém ao encontrar, **num alto / cimo**, novas mar-

gens que o refreiem: de acordo com Smolenaars (*ad* 7.749), as imagens que retratam ou apresentam o fim de um movimento relacionam-se com a narrativa de Estácio por ilustrarem diretamente o encerramento das batalhas. Sendo assim, uma das possibilidades seria interpretar o **alto / cimo** que refreia o **lesto flume** tanto de um modo geral, ou seja, com relação aos fados que fazem cessar a fúria dos generais argivos, como, e consequentemente, de modo particular, pensando no final que se abaterá sobre cada um deles.

Ao fim do episódio, então, o símile resume não só a disputa entre Capaneu e Anfiarau, mas também as previsões feitas pelo vate. Snijder (*ad loc.*) destaca os possíveis modelos de Estácio: em Homero (*Il.* 4.452-5): *ὥς δ' ὅτε χεῖμαρροι ποταμοὶ κατ' ὄρεσφι ῥέοντες / ἐς μισγάγκειαν συμβάλλετον ὄβριμον ὕδωρ / κρουνῶν ἐκ μεγάλων κοίλης ἔντοσθε χαράδρης, / τῶν δέ τε τηλόσε δοῦπον ἐν οὔρεσιν ἔκλυε ποιμήν* (“Como / quando o degelo desiberna os rios e, do alto, / duas torrentes saltam das montanhas, indo / rebojar simultâneas num promíscuo vale, / cavo, que atroa o ímpeto das águas, trom / que o pastor, muito ao longe, escuta; assim o embate / – clamor e estupor – de ambas as facções” – trad. Haroldo de Campos); e (*Il.* 5.87-92): *ἡ ἐμετὰ Τρώεσσιν ὀμιλέοι ἦ μετ' Ἀχαιοῖς. / θῦνε γὰρ ἄμ πεδίον ποταμῷ πλήθοντι εἰκῶς / χειμάρρῳ, ὅς τ' ὦκα ῥέων ἐκέδασσε γεφύρας· / τὸν δ' οὔτ' ἄρ τε γέφυραι ἐεργμέναι ἰσχανόωσιν, / οὔτ' ἄρα ἔρκεα ἴσχει ἀλώων ἐριθηλέων / ἐλθόντ' ἐξαπίνης ὅτ' ἐπιβρίση Διὸς ὄμβρος· / πολλὰ δ' ὑπ' αὐτοῦ ἔργα κατήριπε κάλ' αἰζηῶν* (“Furioso corre o plaino / como rio grosso e delgado que as barreiras / arrasta, não detido por diques ou valos / à volta dos vergéis, quando extravaza e rompe / na estação própria às chuvas de Zeus, arruinando / a excelente lavoura dos jovens” – trad. Haroldo de Campos).

Em Virgílio (*A.* 2.304-8): *in segetem ueluti cum flamma furentibus Austris / incidit, aut rapidus montano flumine torrens / sternit agros, sternit sata laeta boumque labores / praecipitisque trahit siluas; stupet inscius alto / accipiens sonitum saxi de uertice pastor* (“Tal, se a queima / soprando o bravo sul cai na seara; / tal, se grossa torrente despenhada / campos devasta e ledas sementeiras, / prostra o labor dos bois, alui as selvas / de romania, lá do sáxeo cume / pasma não o pastor que o ruído escuta” – trad. Odorico Mendes). Há, também, a digressão sobre o Rubicão, feita por Lucano, a qual, de certa forma, ilustra a chegada do próprio César, seguido por seus exércitos, a Roma (*Luc.* 1.212-9): *fonte cadit modico paruisque inpellitur undis / puniceus Rubicon, cum feruida conduit aestas, / perque imas serpit ualles et Gallica certus / limes ab Ausoniis disternit arua colonis. / tum uires praebebat hiemps atque auxerat undas / tertia iam grauidi pluuiialis Cynthia cornu / et madidis Euri resolutae flatibus Alpes* (“De tibia fonte cai, e por um

tênue curso / o rubro Rubicão corre em fervente estio, / e serpeia por fundos vales, separando / o Ausônio território dos campos Gauleses. / Por ora, o inverno lhe acrescia força e fluxo, / com as de Cíntia-Lua três cheias chuvosas / e com bafejos de Euro a degelar os Alpes” – trad. Brunno Vieira).

673-4. BARREIRAS / FRUSTRAS: é dizer “frustradas”, pois que não conseguem detê-lo.

675-6. NUM ALTO / CIMO, MENOR QUE MAGNA SERRA ENCONTRA MARGENS: o rio, que é menor do que a magna serra que lhe impõe novas margens, refreando-o – sobre a cena, cf. 3.671-7n.

677. INSERTA, A NOITE: em latim, *nox interfusa*. Barthius (*ad loc.*) destaca a precisão do adjetivo *interfusus* (“derramado, entornado entre” – DLP): “Dito de modo elegantíssimo. Em meio às palavras interpõe-se. Desejavam, pois, sem obstáculo ou intervenção dizer mais um ao outro. Assim, em Virgílio (A. 6.439), *Styx interfusa* [“inserta, a Estige”]; *interfusa nitentis / uites aequora Clycladas* [“infusas, das brilhantes / Cíclades, evita as águas”], em Horácio (*Carm.* 1.14.19-20).” Para Vessey (1973, p. 159), a chegada da noite também simboliza o triunfo de Tebas sobre Argos, pois que arrefece o brio dos homens.

678-710. NÃO MAIS ARGIA OS AIS ... TORNO, QUEM SABE, A ROGAR: com a caída da noite, o canto se encerra com uma conversa entre Argia, a esposa de Polinices, e Adrasto. Ao contrário de sua manifestação anterior (2.334-52), porém, em que tenta convencer Polinices a não ir para Tebas reclamar seu trono, aqui Argia busca, junto a seu pai, justamente o contrário: é a guerra o seu pedido. Sem mais suportar **os ais do esposo** (3.678), levada pela **angústia que vela** (3.690), a jovem não pode mais desejar o contrário, embora saiba dos riscos da batalha (3.706-7). Reassumindo, porém, a postura de uma esposa prestes a ver partir seu marido para a batalha, Argia termina seu pedido dando a entender que, apesar de saber inevitável o confronto, pode tornar a rogar o contrário a seu pai (3.707-10).

679. COM A DOR SÓCIA NO ÂNIMO: refere-se à dor de seu marido (por isso **sócia**), com a qual não pode deixar de se sensibilizar.

680-1. DESFEITA COM AS MECHAS RASGADAS, / E À FACE IMPRESSO O CHORO: o aspecto de Argia está muito próximo ao das mulheres enlutadas, que destroem seus cabelos e roupas, chorando e batendo no próprio peito – sobre isso, cf. 3.125-6n.

682-3. AO SEIO, O SEU PEQUENO / TESSANDRO ... CONDUZ: primeira menção ao filho de Argia e Polinices – Higino (*Fab.* 71) registra, em vez de *Thessandrus*, o mais comum *Thersander*. Mais tarde – dez anos após a batalha dos Sete Generais, segundo Pseudo-Apolodoro (3.7.2) –, Tessan-

dro esteve em meio aos Epígonos (“os nascidos depois” – cf. 2.305n; Hyg. *Fab.* 71), filhos dos sete generais, os quais lograram conquistar Tebas. Segundo Pausânias (9.5.14-5), Tessandro morreu durante a Guerra de Troia, pelas mãos de Télefo, filho de Hércules – este episódio, contudo, não foi descrito por Homero. Virgílio (A. 2.261), por sua vez, o coloca entre os gregos escondidos no cavalo de Troia.

683-5. JÁ NOITE EXTREMA ... QUE AOS OCEANOS FOGEM: os versos não descrevem somente Arcturo, a estrela que demora a se por (Vir. *G.* 1.246: *Arctos Oceani metuentes aequore tingui* – “Arcturo, que teme ser mergulhado nas águas do Oceano”), mas também a própria Argia, insone. Sobre Arcturo, cf. 1.18n.

684. ANTE O ORTO NOVO: Vessey (1973, p. 160) lê aqui uma referência ao início do canto quarto, em que Adrasto se decide pela guerra dando vez, assim, a um dia novo não só do ponto de vista temporal. **COM O SUBSISTENTE CARRO:** refere-se à constelação de Ursa-Maior, também chamada de Carreta, que ainda brilha nos céus acompanhada por Arcto (cf. 3.685n).

685. ARCTO: em latim, *Arctos*. Designa tanto a Ursa-Maior como a Ursa-Menor, mas, nesse caso, como defende Jane Joyce (ESTÁCIO, 2008, *ad loc.*), designa a Ursa-Menor, já que a Ursa-Maior foi chamada de **Carro** no verso imediatamente anterior.

689. DOS DEUSES CHAMO AS JUGAIS JURAS: os juramentos matrimoniais. (AMAR-LEMAIRE) “Juravam, pois, por elas, que eram santas para as esposas; nenhuma outra jura mais sagrada poderia ser feita pelas mulheres do que pelas leis matrimônias.”

690. E A TI, PAI: pediam, também (cf. 3.689n), por aquilo que mais gostavam. **A ANGÚSTIA QUE VELA:** (BARTHIUS) “As preocupações me arrancam o Sono: nunca aproveito em paz nem a noite, nem o dia; mas sou atormentada por uma vigília intempestiva.” **E NÃO ELE:** refere-se a Polinices; ou seja, “é a angústia vigilante que me envia até você, não meu marido”.

691. NO HÍMEN: o Himeneu, deus que conduz o cortejo nupcial. De acordo com Grimal (*ad Himeneu*), parece ter sido, em sua origem, a personificação dos cantos do himeneu.

691-2. LEVANTOU O SESTRO / FACHO JUNO: Juno presidia aos casamentos. Os fachos eram conduzidos diante da marcha matrimonial (cf. 2.359n).

693. NEM SE FOR MEU DE UMA TIGRE O TERROR: sobre o uso de “tigre” como substantivo feminino, cf. 2.128n. Sentido: “nem se for minha a crueldade de uma tigresa”. (LACTÂNCIO) “O afeto da amante é totalmente expresso conforme Virgílio. Dido, para reprovar a dureza do coração de Eneias, diz (A. 4.366-7): *sed duris genuit te cautibus horrens / Caucasus Hyrcanaeque admorunt*

ubera tigres [“em duras rochas, pois, gerou-te o horrendo / Cáucaso e deram-te as Hircanas tigras leite”].”

697. A SORTE BAIXA: a sorte humilhante de Polinices, exilado da própria terra. **A UM FILHO:** (LACTÂNCIO) “Refere-se a Tessandro, que sofreria a desonra da vergonha se fosse dito filho de um exilado. Como em Virgílio (A. 10.849-52): *heu, nunc misero mihi demum / exitium infelix, nunc alte uulnus adactum! / idem ego, nate, tuum maculaui crimine nomen, / pulsus ob inuidiam solio sceptrisque paternis* [“A minha agora se me agrava e sangra, / ai! dói-me agora o mísero desterro! / Manchei teu nome, Lauso, eu por meus crimes / e ódios expulso do paterno sólio” – trad. Odorico Mendes].”

698-9. ONDE O PRIMO / REFÚGIO E AS DESTRAS JUNTAS EM PENHOR DO NUME?: refere-se Argia ao acolhimento de Polinices e Tideu quando estes chegaram ao palácio. É dizer que, se o acolheu quando por lá chegou, se apertou-lhe a destra com o testemunho divino, então deve continuar de seu lado e ajudá-lo em sua empreitada.

700. DERAM-NO, É CERTO, OS FADOS E APOLO O PREDISSE: fala de Polinices e do oráculo de Apolo, que previu, a Adrasto, a chegada de seus genros (cf. 1.395-7).

701-3. POIS NÃO ROUBEI DE ... HONREI, E OS JUÍZOS: (LACTÂNCIO) “Isto é, não foi por causa de um amor fortuito e culpável que escolhi Polinices, mas, para que me casasse com um exilado, obedeci tuas ordens e, para que amasse o marido, obedeci teus juízos.”

703. DE UM LESO: de alguém que foi lesado – refere-se a Polinices.

704. IGNORAS, PAI QUERIDO, IGNORAS: mais uma vez, o poeta lança mão da anáfora, indicando com isso a profunda emoção que revestia as palavras de Argia a seu pai – sobre o recuso, cf. 3.348-64n.

707. P’RA TEMER E SOFRER: pedindo, pois, para que o pai ajude seu marido a conseguir a guerra que tanto deseja, certamente Argia temerá e sofrerá enquanto estiverem longe os seus.

709. E A FACE ORNARDES DE OURO SEVO: o ouro das gáleas, que é dito **sevo** porque recobre as armas que serão usadas na guerra.

711-21. E O PAI, COLHENDO OS BEIJOS ... GRANDES ZELOS OS DISPERSAM: o canto se encerra com a resposta de Adrasto e o anúncio do amanhecer. A calma com que Adrasto fala contrasta fortemente com o assunto da conversa e com a afirmação de que a guerra ocorrerá – outra mostra de sua sabedoria e capacidade de governo (cf. 3.348n; 3.386-8n).

718-9. CONFORTA O ESPOSO ... HONRAS DISPOMOS: encomenda Adrasto que Argia conforte Polinices pela demora em declarar-se a guerra. Que **os custos não sejam ... duros**, visto que é justa a demora: ao tardarem, mais planejam; mais planejando, mais glórias podem alcançar. (LACTÂNCIO) “Não penses que é um prejuízo a útil demora, pois que ela própria é efeito de uma lenta guerra. Como Lucano (*poet.* 11.1): *saepe mora melior* [“muitas vezes, a demora é melhor” ou “muitas vezes, é melhor por causa da demora”].”